THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

N.º 67 — Janeiro 1911

SERÕES

Museu d'Arte. — GHIRLANDAIO (1449-1494) Escola italiana. — Joanna Tornabuoni

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - C. GLORIA, 6

LIVRARIA FERREIRA — Rua Aurea, 138 — LISBOA

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/seroesrevistamen12unse

SERÕES

SERÕES

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME XII

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132 — RUA AUREA — 138

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1911

NOTA: O brinde do anno de 1910 sorteado pela loteria do Natal, coube á senha n.° **4281,** em poder do sr. Costa Santos, Zambezia (Africa oriental).

Proprietaria e editora : Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

EDUARDO DE NORONHA
(Frontispicio) 2

GARRETT
(4 illustrações e 2 vinhetas) por FIDELINO DE FIGUEIREDO 3

A NORA E A SOGRA
(7 illustrações e 1 vinheta) por WENCESLAU DE MORAES 18

O REALISMO NA MUSICA
(9 illustrações) . . . . . .

A ESTRELLA DOS MAGOS E A SCIENCIA
(1 illustração e 2 vinhetas) 28

PENSAMENTOS DE TOLSTOI
(4 illustrações) 31

COMO SE EDUCAM OS AMERICANOS
(8 illustrações) por ALFREDO DE MESQUITA 36

A CULTURA DAS ARVORES ANANS NO JAPÃO
(19 illustrações e 1 vinheta) 43

TRANSFORMAÇÃO DAS FLORES E DOS FRUTOS EM METAL
(4 illustrações e 1 vinheta) 50

EM BUSCA DO IDEAL *(Versos)* por ODUVALDO VIANNA 53

UMA INTERESSANTE DESCOBERTA
(4 illustrações e 2 vinhetas) 54

O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA
(2 vinhetas) por CARNEIRO DE MOURA 57

APOS A RETIRADA DOS PARCEIROS *(illustração)* 60

RESENHA PORTUGUEZA
(8 illustrações e 1 vinheta) 61

THEATROS
(2 vinhetas) 66

PELO MUNDO FORA
(9 illustrações e 1 vinheta) 69

CHRONICA DA MODA
(7 illustrações e 1 vinheta) 76

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o compradôr indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões

Historia
Sciencia
Romance
Arte
Actualidades
etc.

Magazine Mensal Illustrado

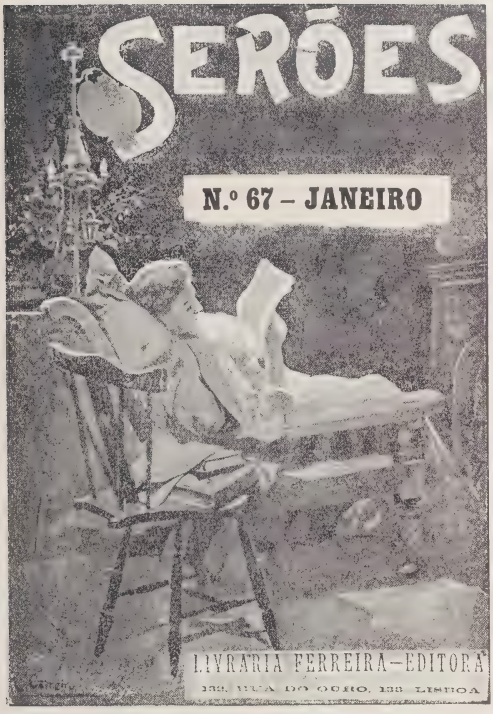
Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres
e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.


SERÕES
N.º 67 – JANEIRO
LIVRARIA FERREIRA–EDITORA
115, RUA DO OURO, 115 LISBOA

Eduardo de Noronha

Os **SERÕES** *cumprem hoje o devêr de prestar a sua homenagem ao illustre escritôr que durante dois annos esteve dirigindo a nossa Revista. Se todos admiram o escritôr, todos que o conhecem admiram o homem, — pois é igualada pela generosidade do seu espirito a maravilhosa fecundidade da sua penna.*

Garrett

A vida. — O homem, seu caracter moral e esthetico. — A sua evolução artistica, explicada por aquelle.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu no Porto, em 4 de fevereiro de 1799, duma honesta familia da burguezia conservadora, em uma casa da rua do Calvario, hoje assignalada por uma lapide commemorativa:

CASA ONDE NASCEU
AOS 4 DE FEVEREIRO DE 1799
JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO DE ALMEIDA
GARRETT

MANDOU GRAVAR EM RECORDAÇÃO
DO GRANDE POETA
A CAMARA MUNICIPAL D'ESTA CIDADE
EM 1864

Seu pae foi Bernardo da Silva, sua mãe Anna Augusta de Almeida Leitão. Em 1804 a familia passou a habitar a quinta do Castello, na margem sul do Douro, onde decorreu a infancia do poeta até 1811, anno em que todos partiram para a Ilha Terceira, patria de outros parentes, entre elles os Garrett, dos quaes o escriptor tomou o appellido por que havia de tornar-se conhecido. Fôra este exodo determinado pela ultima invasão francêsa, a do commando de Massena.

Mais tarde este exilio tornou-se ainda mais opportuno pela explosão do liberalismo e das consequentes guerras civis, no decurso das quaes os tios do poeta, espiritos litteraria e politicamente classicos, forcejaram por o educar nas suas convicções politicas, nas suas crenças religiosas e no seu gosto litterario. Se em 1816 a partida para o continente não salvasse Garrett dessa suggestão suffocante, por certo que o seu espirito orientar-se-hia por outra via, inteiramente opposta; seria, em litteratura, um arcade retardatario, em politica absolutista, e profissionalmente optaria pelo sacerdocio, onde tinha, pela protecção dos tios ecclesiasticos as maiores garantias de exito. Já então Garrett demonstrava uma vivacidade que o indispunha contra essa influencia absorvedora, e muitos annos depois reproduzia reminiscencias duma delicadeza tão subtil que faz estranhar que essas recordações se não apagassem, se não diluissem em meio das pesantes suggestões duma educação antiga: «Eu passei os primeiros annos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castello, que era de meu pae, e a grande

quinta do Sardão que era, e ainda é, da familia de meu avô materno, José Bento Leitão; ambas são no sul do Douro, ambas perto do Porto, mas tam isoladas e fóra do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que alli viviamos, e que ficou sendo sempre para mim o typo da vida feliz, da unica vida natural n'este mundo. — Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda choro de saudades apesar do muito que me ralhava ás vezes, era a chronista mór da familia, em particular da capella e da quinta do Sardão, que ella julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escurial. Contava-me ella entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que tambem n'aquellas coisas «se mentia muito»; que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha apparecido embrulhado num lençol passeando á meia noite em cima dos arcos que trazem a agua para a quinta: o que era inteiramente falso porque «ella estava certa que, se o sr. José Bento podésse vir a este mundo, não se ia embora, sem apparecer á sua Rosa de Lima. — E arrazavam-se-lhe os olhos de agua, ao dizer isto, luzia-lhe na bocca um sorriso de confiança, que ainda agora me faz impressão, quando me lembra. A verdadeira poesia é esta, é a que sae d'estas suas fontes primeiras e genuinas...» Uma outra creada, Brigida, da quinta do Castello, adormecia-o á toada dos romances populares, como a *Nau Cathrineta;* e da epoca da Ilha Terceira, como documento da sua viveza, existem, alêm dos fragmentos epicos, as *Odes Anacreonticas*, inspiradas pelo primeiro impulso da puberdade.

Manifestada com energia a sua incompatibilidade com a vida ecclesiastica, decidiu-se pelo direito, em que se formou bacharel no anno de 1821.

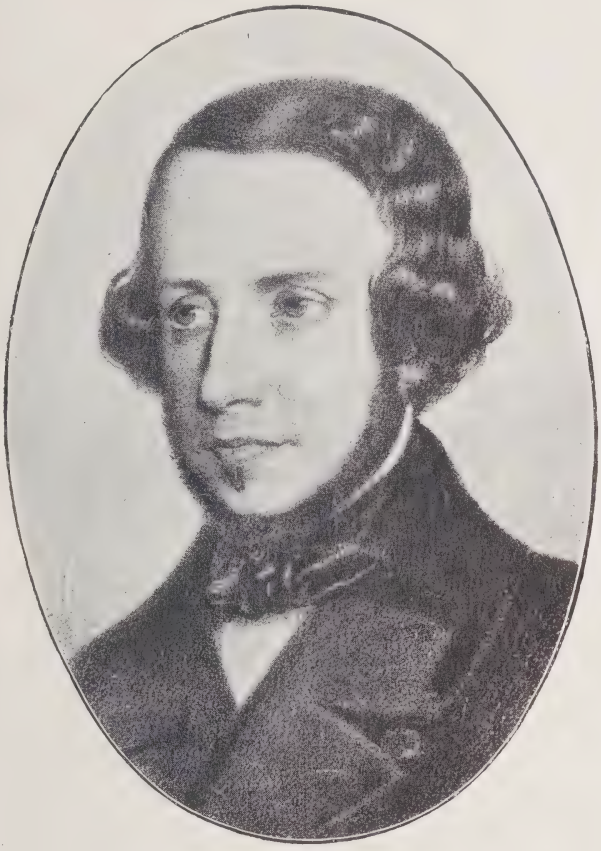
Apesar da apathia geral, a mocidade de Coimbra agitava-se, discutia, lia Voltaire e representava mesmo as suas tragedias; afoitava-se até a alguns ensaios tragicos. Garrett lançou-se na voragem, sentiu-lhe os enthusiasmos e contribuiu com as suas tragedias, primeiras tentativas dramaticas, depois abandonadas. A revolução do Porto, pela sua significação e por brotar da sua terra natal — onde agora mais o prendia um devaneio amoroso, que animou muitas das poesias da *Lyrica de João Minimo* — desvairou-o. Essa enthusiastica adhesão expandiu-a nas odes inflammadas, que fizéram o delirio da mocidade que passeava pelo Mondego os seus arroubos. Isso lhe trouxe indisposições familiares, e sobre todas foi-lhe particularmente sensivel a indifferença desdenhosa de seu tio, D. Frei Alexandre da Sacra Familia. O *Retrato de Venus*, de 1821, considerado obsceno pela censura, e maculado de racionalismo, importou-lhe um processo litterario, de que se defendeu com successo.

Após umas curtas ferias na Terceira, estabeleceu residencia em Lisboa, onde teve a nomeação de official de secretaria do ministerio do reino, e onde casou em 1823 com D. Luiza Midosi. Alguns annos depois separaram-se os dois esposos, tornando-se como estranhos um ao outro.

Depois do golpe de estado de 1822, por que D. João VI supprimiu a Constituição, entrou-se num regimen de perseguições, e Garrett, que começava a ser conhecido, refugiou-se em Inglaterra. Calcula-se o effeito deste forçoso exilio aos 23 annos, deixando a esposa. No seu *Diario de Viagem* ha bastante dessa vibração emocionante da partida. Regressando a Lisboa antes da solução dos acontecimentos, foi preso e expulso.

No exilio leu e estudou, sob o estimulo da conveniencia duma familia inglêsa de Egbaston, no condado de Warwick. Lançado das tumultuosas convulsões da patria, que eram a crise dum regimen e uma crise moral, pôde gozar a contemplação da felicidade que dá a austéra união do «home», fundamentado sobre principios e amizades. Percorreu a Inglaterra do sul, viu as velhas ruinas evocadoras da edade média, glorificadas de tradição e de lenda, aureoladas por esse prestigio rehabilitador que avultava na Europa do norte, communicou-se á espontaneidade da litteratura ingenua do povo, conheceu o poder do contacto entre o artista e o povo, contacto, symbiose intima que fizéram a gloria de Shakespeare, que fariam a gloria de Dickens. E no espirito, trabalhado de tantas revelações, orientado obscuramente ainda pelas correntes novas do sentimento e da esthese, accordaram as reminiscencias da arte popular portuguêsa, e da separação, da antinomia quasi, entre o

publico de Portugal e os seus artistas, sentiu os arteficios frios duma litteratura de erudição e academias. Então as tradições inglêsas eram objecto duma devota attenção. Grupavam-se collecções, mais pela curiosidade esthetica, que pelo interesse scientifico, que foi sua consequencia. Longe de Portugal, a saudade idealisava-lhe a patria, uma patria pequena que quasi se sumia, desorganisando-se convulsamente, em meio do firme caminhar das grandes nações. O intuito nacionalista do romantismo fê-lo comprehender a significação moral de dois poemas nacionaes, que foram *D. Branca* e *Camões*. O exilio foi uma conversão. Voltou a Portugal, trazendo para a litteratura portuguêsa o novo gosto romantico e gestando em espirito o interesse pelas tradições nacionaes, que posteriormente o levou a collecciná-las.



ALMEIDA GARRETT

Lançou-se na politica, de que soffreu todas as consequencias, calumnias, perseguições, vexames. Lançou-se no jornalismo, prejudicando a gravidade do espirito, e viu os seus jornaes suspensos, as redacções dissolvidas. Na imprensa e na politica passou os annos de 1826 e 1827. Quando D. Miguel foi jurado rei absoluto e se encetou uma quadra de forcas e caceteiros, reemigrou para Inglaterra, onde recomeçou o trabalho litterario na tranquillidade calma do isolamento. A *Adozinda*, de então, foi o primeiro testemunho do seu culto pelas tradições populares. Na legitima apprehensão do que se tornaria D. Maria II, sujeita á influencia dissolvente do tio, procurou influir na sua instituição com as cartas que formaram o *Tratado de Educação*. Estas e outras pequenas obras, publicadas no exilio, alli circulavam principalmente, porque o interesse artistico quasi se obliterára no reino, por entre as incertezas de uma situação de destemperado arbitrio pessoal, e porque os emigrados eram em tão grande numero — e um verdadeiro escol intellectual — que por si podiam constituir publico.

Todavia a circulação era difficil, e as edições ora se faziam com dinheiro emprestado ou com prévia certeza de subscripções que cobrissem a despeza, não fossem ainda aggravar a dolorosa situação, em que Garrett se encontrava, só com o parco subsidio de emigrado politico. Muitas vezes teve de recorrer á bolsa de Gomes Monteiro, negociante e bibliographo, e, num dos exilios, a um emprego modesto numa casa commercial.

Em 1831, reuniu-se em Angra ao exercito constitucional. Desde então até á solução do antagonismo dos dois partidos, a sua

actividade divide-se. Como soldado desembarca no Mindello e toma parte no cêrco do Porto. Como cooperador na legislação reformadora, elabóra para Mousinho da Silveira a lei da abolição das forcas e das contribuições a particulares, da extincção dos dizimos, da divisão da auctoridade fiscal, administrativa e judiciaria, o parecer sobre o codigo administrativo, presta collaboração no codigo de processo judiciario e nas leis criminaes. Em 1832 foi a Inglaterra numa embaixada de que era secretario, e qne D. Pedro enviava ás potencias a pedir appoio para a sua causa. Dissolvida essa embaixada, Garrett viu-se abandonado em Londres, donde passou a Paris, e dalli para Portugal, no anno seguinte.

A politica portuguêsa era um digladiar-se de dois partidos; os cartistas ou liberaes contemporisadores, que discrecionariamente optaram pela carta constitucional de D. Pedro IV, e que para com os miguelistas propunham uma politica de attracção; e os revolucionarios que pretendiam a convocação das côrtes constituintes, para solverem a questão, como representantes da soberania nacional. Garrett era por estes. Para ser afastado, recebeu, no anno de 1836, a nomeação de encarregado de negocios na Belgica, e que foi esse o intuito da nomeação prova-o o desdem com que o deixaram debater-se nas maióres difficuldades de dinheiro numa capital estrangeira, transferindo-o depois para Copenhague, e logo o demittindo antes da posse.

Pela revolução de setembro de 1836, o partido de Passos Manuel, rasgadamente liberal, entrou no poder, e Garrett pôde experimentar uma vida mais desafogada de retaliações pessoaes. Da amizade com os dictadores se valeu para a realisação do seu plano, que o trabalhava desde 1834 — anno em que o nome e a obra de Gil Vicente relembraram — a reanimação do theatro nacional. Fez crear a Inspecção dos Theatros destinada a regularisar e a estimular a vida artistica, e a Escola de Declamação, preparatoria de actores. A censura official passou do poder civil para um jury de peritos do Conservatorio, creado por seu alvitre em 1836, cujas memorias impressas testificam abundantemente as idéas litterarias dessa cooperação. Provido no cargo de Inspector dos Theatros, exerceu-o gratuitamente até á brusca exoneração imposta em 1838. Ainda por sua iniciativa e diligencia fundou-se e construiu-se, em 1836, o Theatro de D. Maria II. Acompanhando todos estes esforços materiaes, da realisação esthetica do seu plano, fez representar em 1842 *Um auto de Gil Vicente,* o primeiro drama historico nacional, que juntava á opportunidade da revivescencia do theatro, o interesse da commemoração do seu fundadôr, cuja estatua coroou a fachada do novo edificio. Desde então, desprezando as intermittencias incongruentes da politica, Garrett occupou uma situação prestigiosa. Chegára á maturidade plena, O *Frei Luiz de Sousa* e as *Viagens na minha terra,* confirmaram a sua consagração. Interpretou-se a sua acção litteraria reformadora. Tornando-se echo de essa verdade, Herculano proclamou-a, annunciando a primeira edição integral das suas obras. «Nas obras do sr. Garrett, como poeta, ha além do merito extraordinario, que as distingue, uma circumstancia que lhes dá o primeiro logar na litteratura portugueza do seculo XIX, e vem a ser — que ellas começam o periodo da transição entre a velha Escola chamada *classica*, e a da Escola, que denominam *romantica* e que nós chamamos ideal, nacional e verdadeira.»

Começou a ser traduzido. Este triumpho moral e material tornou-se um ascendente, apesar das vaias politicas. Em 1851 entrou nas discussões parlamentares sobre a convenção da Propriedade Litteraria, e, sendo chamado para o ministerio dos estrangeiros, foi demittido cinco mêses depois, muito summariamente e sem explicações. Todavia, em meio de tantas e tão desencontradas situações, Garrett soube embréchar a vida litteraria com a da politica e entre os ardôres da lucta e o desanimo das decepções, collecionava o *Romanceiro* e lançava as *Folhas Cahidas.*

Precocemente envelhecido de cansaço, morreu na noite de 9 de dezembro de 1854, com 55 annos incompletos, acompanhado da filha unica, na casa da rua Saraiva de Carvalho, que hoje é assignalada pela legenda:

NO DIA 9 DE DEZEMBRO DE 1854
FALLECEU N'ESTA CASA O POETA PORTUGUEZ
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

E por baixo:

FOI ESTA LAPIDE FEITA NAS OFFICINAS DE
SERGIO AUGUSTO DE BARROS
E ASSENTE NA DITA CASA
NO DIA 25 DE JULHO DE 1865 — AO MEIO DIA

As exequias realisaram-se a 12 na igreja de Santa Izabel. No funeral, para o cemiterio occidental, alguns amigos transportaram o caixão, dispensando o côche real. Não houve discursos academicos, nem officiaes; só Silva Tullio disse algumas palavras de compungido adeus e Rebello da Silva orou um improviso eloquente de sinceridade; o poeta Luiz Augusto Palmeirim recitou uma poesia de Mendes Leal e um representante das classes artisticas expressou a sua admiração pelo escriptor finado. No terreiro externo ao cemiterio, a tropa deu as descargas de homenagem ao ex-ministro de estado. Foi tudo.

Em 10 de novembro de 1868 inaugurou-no theatro de D. Maria II — sem discursos, nem representação official — o seu busto, obra de J. Anastacio Rosa. E em 3 de maio de 1903 foram as suas cinzas trasladadas, com honras nacionaes, para os Jeronymos.

Physicamente, é assim retratado por Gomes de Amorim: «Era de estatura regular ou antes mais alto do que baixo; tinha agradavel presença, ar distincto e composto, a fronte alta e saliente, o nariz e a bocca, apesar de grandes, não desharmonisavam as feições do rosto, que era comprido. Os olhos, entre garços e verde-mar, grandes, crystallinos, limpidos e um brilho ao mesmo tempo esplendido e sereno! Estes e os labios delgados, onde parecia, quando conversava, pairar de continuo o sorriso de fina e delicada ironia, davam-lhe pronunciada expressão de soberania, que a inveja e a ignorancia traduziam por orgulho. Tinha côr pallida morena, usava suiça muito curta, e pequenina pera ou mosca: a côr preta da barba e a meia pallidez do rosto realçavam-lhe certo ar de melancholia sympathica.»

Moralmente, é o mais representativo dos romanticos portuguêses. Os homens, que viveram longos annos na convivencia, familiar os livresca, dum passado todo regrado de composturas e conveniencias, que a desolação fatalista sempre antepõe ao presente, quando um dia se lançaram na voragem dos cataclysmos sociaes reformadores e essa comparticipação se elaborou em conclusão moral, adquiriram, no maior numero de exemplos, uma duplicidade de caracter que torna incoherente a sua conducta e a deixa inexplicada se não recorrermos ás continuas erupções do fundo moral primario.

Todos somos avidos de emoções, mas ha naturezas, em que a busca continua e insaciada da emoção é um fim na vida e lhes dá uma concepção á parte; são aquellas, para as quaes cada acto vale como objecto de gozo, e que em toda a sua conducta procuram, pela variedade, evitar o enfraquecimento da emoção que a repetição necessariamente produz. Sem esse effeito da repetição sobre as emoções, a vida seria inesgotavel manancial de belleza. Apercebem-se desse efleito os que incessantemente procuram a variedade. Quando S. Kierkegaard procurou traçar os limites entre a vida esthetica e a vida moral, partiu da consideração de esse effeito. Toda a vida tende accommodar-se ao meio, e a accommodação significa uma economia de esforço, um menor dispendio de energia, e portanto uma mais facil actividade. E' pois um ganho, geralmente considerado; é, ao contrario, uma perda, no ponto de vista do sentimento. O numero de esperiencias possiveis é necessariamente limitado, forma um circulo, diz M. Höffding, de sorte que em breve se repetirão, e com a repetição, as emoções vivas attenuar-se-hão. Ora quem tiver da vida uma concepção esthetica e a ella conformar a sua conducta, olhará todos os actos como simples objectos de gozo, portanto, evitará a repetição, ao contrario dos que procuram uma conducta moral, que desejarão justatamente essa repetição, como meio de facilidades sempre crescentes. Vê-se já como é opposta a conducta do estheta e a do moralista; este, no exercicio duma profissão, procurará aquella a que mais facilmente o seu caracter se póde adaptar, e desejará, pelo effeito da repetição quotidiana, attenuar o esforço a dispender, economisar energia, facilitar a tarefa, libertando quanto possivel a maior porção de *eu*; ao invés, o estheta buscará a novidade emotiva, a variedade incessante, fonte de surprezas, porque não tem um fim superior a guiá-lo, mas só persegue fins accidentaes. No amor, o mo-

ralista procurará constituir uma solida familia, fundamentada sobre uma communhão completa quanto possivel, o que só consegue pela identidade dos caracteres e pelo trato diario, pela repetição; o estheta borboleteará por mil amores ligeiros, sem alcance moral.

Mas o estheta, evitando a repetição, abstrahe dum caracter dos sentimentos, porque, pela novidade, busca a violencia, e de embate em embate, vae passando, sem se ater na profundidade dos sentimentos. Quando um sentimento tem um conteúdo rico de elementos, este não se desdobra á primeira recepção na consciencia, não lhe sentimos logo a complexidade abundante, mas só por effeito da repetição, que assim se torna, contra o que julgam os que na vida só anceiam emoção, primacial factor do prazer. Sentimos os hymnos e as canções, porque nos produzem uma emoção nova e que contrasta com o estado anterior da consciencia, mas em breve a repetição nos embotará a sensibilidade para elles; inversamente a repetição das audições de Wagner e das leituras de Anthero não faz mais do que assegurar-nos a differenciação do seu abundante conteúdo.

Ora Garrett foi dos homens mais avidos de emoção da nossa litteratura, um estheta pela conducta, e por isso um sensual ligeiro e voluvel nos amores, um superficial no pensamento e na arte, tudo assentando sobre um fundo herdado, de attitudes calculadas, de compostura, de conveniencia, de decôro, de *classicismo*. Não foi uma dessas grandiosas figuras, cuja pureza, cuja coherencia são um motivo na vida, e cuja admiração é para os outros um bem. Só o ingenuo e gratissimo Gomes de Amorim o deificou á idolatria. Foi todavia uma individualidade caracteristica, representativa, e a gloria coroou-o, chamando para elle a natural curiosidade de se conhecer o involucro mortal donde irradiou alguma coisa menos mortal.

Documentemos dois dos traços mais caracteristicos da sua personalidade: a sentimentalidade impulsiva e a vaidade. A primeira lançou-o em mil amores contradictorios, rastejantes uns, por snobismo outros, por supposta realidade muitos. Não comprehendeu esse justo sentimento egualitario de respeito pela mulher, que a eleva de odalisca ou guardiã do lar — os dois pólos actuaes da sua vida — a companheira de todas as situações, ou mesmo, quando a si se baste, a um mundo moral completo e livre. A educação domestica e religiosa, toda de timidez e feminilidade, que fez ministrar a sua filha, bem o mostra. Amava as mulheres, como fonte superior de emoções e prazeres. A aureola litteraria e o exito amoroso obrigavam-no a uma exteriorisação adequada, que elle já naturalmente possuia. Usava cabelleira postiça para disfarçar a cicatriz duma ferida que lhe produzira a queda dum cavallo. O toucador era quasi um laboratorio de complicados apparelhos, que fizeram o espanto de Herculano, quando elle, para passar algum tempo na Ajuda, se fez preceder dum enorme estojo recheado. Quando ministro dos estrangeiros, travou correspondencia com muitos consules sobre as modas das cidades em que eram representantes, sobre perfumes e particularidades da vida elegante, e converteu um official da sua secretaria em seu alfayate.

Muitos mysterios occultava na sua vida, mas nenhum com tão obstinado recato, como o da edade, que encurtava em muitos annos; aos cincoenta e três, dizia vagamente que tinha quarenta e tantos. Levava os seus disvelos ao ponto de fumar, segurando nos cigarros por uma pinça de metal, para não queimar os dedos. A sua vaidade, tornando-se em desejo de sempre apparecer em primeiro plano, foi causa de muitas circunstancias da sua vida. Tomaram um tal caracter de puerilidade e fraqueza que foram glosadas em anecdotas celebres. Para a sua vaidade contribuiu tambem a adulação, porque, a par da horda de inimigos que o chasqueavam irreverentemente, havia serventuarios que o exageravam; já no tempo de Coimbra, num pequeno circulo de amigos, era cognominado o *divino*. Procurou sempre ser deputado, e em 1840, quando foi nomeado chronista-mór do reino — cargo em que só fez uma leitura publica introductiva — logo desejou que esse cargo fosse honrado, tendo inherente alguma categoria, e foi *serviço da real casa*.

O seu impulsionismo irregular patenteia-se nas cartas intimas, por vezes começadas jocosamente e fechadas gravemente, ou com um *post-scriptum* que de certo modo contradiz o texto anterior. Em grande parte da sua correspondencia particular, após des-

culpas de desleixo, só fala de si e dos seus livros. Prodigalisava-lhes cuidados meticulosos. Elle mesmo redigia os annuncios das obras recem-apparecidas e aos jornalistas fornecia todos os apontamentos que lhes facilitassem a sua tarefa de analyse e de elogio. Eram seus os prologos attribuidos aos editores, em que a vaidade se expande até ao enfatuamento, como no muito ridiculisado prologo da 2.ª edição das *Viagens na minha terra*.

4

Os cinco sentidos.

ver

São bellas — bem o sei, essas estrellas;
Mil côres — divinaes teem essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti... a ti!

ouvir

Divina — ai, sim será a voz que affina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa;
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a mellodia;
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti... a ti!

FAC-SIMILE DAS DUAS PRIMEIRAS ESTROFES DOS CINCO SENTIDOS
(*Memorias biographicas* por Gomes d'Amorim, tomo III)

A liturgia das salas acatava-a com respeito, como materia de religião dogmatica, e nas cartas á filha fixava-lhe os tratamentos de etiqueta, com a insistencia de quem

põe nisso particular empenho e importancia. Tinha em muito as suas veneras, que o sinete reproduzia integralmente, e, quando foi agraciado com o grande officialato da Legião de Honra, protestou por julgar merecer a Grã-Cruz. Zurziu os barões e foi visconde.

Foi sempre benevolo para os que se acolhiam ao prestigio do seu nome; de Gomes de Amorim foi intimo e proveitoso amigo. Porém, se o ferissem, guardava profundo resentimento que escoava, pouco a pouco, por ironias pungentes, em que era fecundo. Na intimidade, dizem os que assim o conheceram, essa ironia tornava-se um attractivo da conversa e a sua vaidade quasi se apagava na singeleza com que se abandonava, cedendo ao mesmo impulsionismo dos sentimentaes. Para elles o arrependimento e o remorso são expiação bastante do mal.

Foi com este substratum psychico, uma verdadeira vocação litteraria e um talento rapido e prompto, porém com a superficialidade quasi sempre inherente á facilidade, que elle soffreu os embates da vida. A quasi contínua idealisação artistica foi um refugio que o poupou do naufragio moral, em que fatalmente sossobraria, se mais forte fosse a acção erosiva da politica. No fim da vida ia tomando o caracter gabarola e impudico que a senilidade produz aos sensuaes esgotados. Contava aventuras da mocidade e grupava, com uma ironia em que se percebe vaidade, os nomes das amantes que mais o impressionaram, da forma que consta dum apontamento intimo:

«Os sete peccados mortaes.

Podia ser o titulo de um volume curioso, em que se contassem meus 7 principaes namoros:

1 — *Soberba* — Izabel H.
2 — *Avareza* — Thomazia.
3 — *Luxuria* — Bauhia.
4 — *Ira* — L.ª R.ª
5 — *Gulla* — Rosa Robinson.
6 — *Inveja* — Julia R.ª
7 — *Preguiça* — Lady Pagt.»

Uma vez chegou a vangloriar-se de poder, ao mesmo tempo, «aguentar seis namoros.»

A morte poupou-o a um ridiculo triste, aliás, diria ainda como aquelle Rodolpho, canalhamente immortal, de *Flaubert:*

«On dit qu'elle avait été ma maîtresse. Pff! Dans ce temps-lá toutes les jolies femmes on me faisait la grâce de me les attribuer. C'était le beau temps tout de même. Ah! Il est loin. Prenez vous quelque chose?»

Nos tempos mais repousados dos ultimos annos, no tempo aureo do *Frei Luiz de Sousa,* das *Viagens* e das *Folhas Cahidas,* Garrett chegou a estabelecer uma distribuição de horas. Levantava-se ás 6 horas e trabalhava até ás 9, hora em que almoçava frugalmente. Em seguida trabalhava, se não sahia a alguns dos seus cargos, e jantava ainda frugalmente ás 5, dormindo depois um momento.

Escrevia em cadernos de grande formato, onde collecionava os originaes primeiros. Depois fazia uma primeira revisão, em que emendava muito, e copiava uma ou mais vezes, consoante a redacção era ou não definitiva; em cada copia introduzia novas emendas. Emendava mais na prosa do que no verso, menos no fim da vida que anteriormente. O original primeiro era tanto mais proximo da redacção definitiva, quanto maior a facilidade com que brotára. Frequentemente marcava com algarismos a variante de rima. Concebia facilmente e redigia com rapidez. O *Frei Luiz de Sousa* foi a sua obra mais meditada, mas escripta com a mesma prompta facilidade.

Taes fôram os traços primaciaes duma vida, que se manteve correcta e isenta, perante as sancções da corrente moral, e dum homem que foi dos que mais têm procurado e soffrido este «inferno de amar».

E' evidente que o caracter, que acabámos de esboçar nas feições, que mais estaveis se mantivéram durante as variações da vida, teria de imprimir á obra artistica um cunho particular, qualidades ou anomalias, cuja consideração facilita a sua interpretação. Procurando fixar as epocas que mais notorias se salientam na sua evolução artistica, o criterio não póde deixar de ser o seguinte: estabelecer essas epocas como periodos longos sem variantes de vulto, mas decorrendo entre variações maximas. E então achar-se-ha, que, além das duas extremas que marcam os limites da vida, apparecimento e desapparecimento, ha, no caso de Garrett, duas principaes, a estada no estrangeiro, determinada pelas circumstancias politicas, a maturidade artistica, consequencia

da propria evolução biologica. Serão pois três as epocas da sua evolução artistica: a epoca que termina com os exilios, ou phase pre-romantica; a phase romantica, propriamente dita, e a da plena maturidade.

São documentos da primeira epoca os fragmentos, *O Retrato de Venus, Lyrica de João Minimo, Fabulas e contos, Odes anacreonticas,* 1.º livro das *Flores sem fructo* e as *Tragedias.* Os seus primeiros ensaios épicos, de que restam fragmentos, no plano classico, com proposição e invocação, são litteraria de Garrett, nessa phase, é um arcadismo retardatario, com todas as consequencias da artificialisação, que delle soffrera o classicismo: imitar as litteraturas classicas por intermedio da imitação francêsa. Caracterisemos essa phase. Tem-se pretendido attribuir ao *Retrato de Venus* uma intenção de symbolismo. Sendo Venus, para o auctor, personalisação da mulher e do amor, a que viriam os realistas da vida quotidiana, como os flamengos, e os pintores de batalhas, como Vernet e Le Gros? Ainda

CASA DE JOANNINHA, DO VALLE DE SANTAREM
(A' direita, a janella da *Menina dos rouxinoes*

frios, da frieza da arte que se não sentiu, nem viveu. A corrente romantica não era prevista em Portugal, seria o proprio Garrett quem a havia introduzir, uma vez que as viagens lhe revelassem a nova esthese. Ainda hoje não é possivel dizer-se até que ponto teriam preparado a atmosphera, influindo sobre o gosto, as traducções de obras europeas, nem mesmo explicar o caso particularissimo de um auctor do seculo XVIII, o padre Theodoro de Almeida, apresentar caracteres simultaneamente, dum classico e dum romantico. De sorte que a actividade

mais: numa obra symbolica tem de manter-se a harmonia e a homogeneidade esthetica, toda a composição da obra deve exprimir symbolismo; e desta forma, não teria cabida a intensão, demasiado real e estranha ao espirito do symbolismo, dos nomes dos pintores, caracterisados individualmente, e maculando a obra, cuja forma devia ser abstracta. Estas incongruencias, a existencia dum canto consagrado aos pintores portuguêses e o bosquejo historico que segue o poema, me conduzem á convicção de que o poema teve só um intuito didactico, que a torna acade-

mica e anodina. Só os vinte annos lhe communicaram de onde em onde alguma vida, com a ardencia sensual da edade, ainda despertada pela lembrança dum modelo vivo e presente, que fez adequar o poema a uma lisonjaria amorosa. (V. os ultimos versos.)

Nas outras lyricas ainda deste primeiro estadio, patenteia-se á evidencia o elmanismo, rythmico sim, mas frio, com as alternadas repetições empolantes. A admiração de Bocage e Filinto, os tios da Ilha Terceira, tinham despoticamente assenhoreado o seu estro nascente. Chegou mesmo a adoptar um nome arcadico, Junio Duriense. Por isso, elle versejava sem espontaneidade, só correctamente, suppondo que as formas poeticas eram só um capricho do artista, que o sentimento mentiroso de uma vida de restrictas e banaes emoções poderia animar a poesia. Foi este constrangimento que fez abortar o arcadismo. E Garrett era então só um arcade retardatario. Conhecia a natureza só através dos adjectivos sonoros de Bocage e Filinto, uma natureza de Driades e Naiades, bosques umbrosos e fontes frias, convencionada segundo um scenario fixo. Separado do grande movimento de rehabilitação da natureza que entrava na arte, jorrante e impetuoso, versificou nesse primeiro periodo monotonos epicedios, odes e lyricas mediocres, de que só destacam as nove pequeninas *Odes anacreonticas,* ligeiras e faceis.

Com a vocação litteraria brotára logo o instincto dramatico, que naturalmente seguiu o caminho arcadico, num tempo em que sobre elle pesava a educação e a convivencia dos tios na ilha, e o isolamento mental de Coimbra, uma pequena e esquecida cidade de provincia, onde a Universidade se tornára reducto do passado. Este primeiro aspecto classico estende-se até 1822, anno do primeiro exilio. Sob essas influencias e a da leitura dos tragicos da decadencia, escreveu *Xerxes, Lucrecia, Merope, Sophonisba, Atala* e *Catão.* Só *Merope* e *Catão* chegaram até nós. *Merope* tem por acção — não póde bem dizer-se o quê — talvez as angustias pungentes duma mãe, que, durante cinco actos, lastima a ausencia dum filho e as incertezas que tem sobre a sua vida, preciosa por ser a unica reliquia escapa á matança do tyranno Polyphonte. Mas esta matança que mobil teve, que precedentes? Porque foi Merope poupada? Pretendê-la-hia o tyranno para esposa? E' o que parece inferir-se, mas a proposta de Polyphonte, nesse sentido, é tão inesperada, tão pouco preparada, que a acção dilue-se e perde-se o fio, sem se saber se caminha para um desfecho de abnegação, como o casamento de *Merope,* para garantir a vida de seu filho, Egistho, se para a vingança na pessoa do tyranno. Conjugam-se os dois, o primeiro como intenção, o segundo como realidade, que torna impossivel o sacrificio. Parece uma satisfação á consciencia puritana dos dezoito annos, o castigo do tyranno e a reintegração da desthronada dynastia, o que é mais melodramatico do que tragico. As personagens não têm vigor, são meros instrumentos dum esboço primeiramente delineado que as leva aonde a necessidade do enredo as conduz e não aonde as deviam conduzir as proprias disposições naturaes. Frizo isto para mostrar como a *Merope* é uma representativa amostra da decadencia do genero; o que justamente distingue a comedia e a tragedia é, segundo a formula de Brunetière, que na primeira a acção se passa de fóra para dentro, emquanto na segunda, se passa de dentro para fóra, isto é, determina-se pelos caracteres das personagens Ora esta noção perdera-se já no tempo de Garrett. Os lances profundos e dramaticos não têm vigor de expressão, e a coloração grega é minima. Da composição da tragedia, a regra que ainda era acatada era a das unidades, e Garrett manteve-as, segundo o usado processo do seculo XVIII; a de lugar, porque os cinco actos decorrem todos junto do tumulo de Cresphonte; a de tempo, porque as personagens entram e sahem, acotovellam-se na movimentação maxima possivel em vinte e quatro horas; a de acção existiu no espirito do auctor, mas compondo, diluiu-a, sem a complicar de outras acções, deve observar-se.

Mas não era só na composição que o theatro tragico agonisava, a sua decadencia mostrava-se tambem no seu espirito, tornava-se philosophico e social, quando, pela origem, elle fôra essencialmente psychologico. Para subsistir, ia condescendendo com o publico, recorrendo ao exotismo estravagante ou á doutrinação, como fizéra Voltaire. Foi tambem o que Garrett fez, quando em 1821 compôs *Catão,* sob a influencia enthusiastica da revolução de 1820. Nessa tragedia ha já uma palpitação nervosa, que

faz sentir a identidade da acção com o momento politico; a austeridade de Catão vencido exprime a anciedade dos vintistas ante o regresso de D. João II. A acção, passando-se numa sociedade virocentrica, a romana, e num curto momento da sua historia, decorre sem uma personagem feminina. Póde ser explicado. Porém, onde a fraqueza esthetica mais se evidencia, é no proprio decurso da acção, que se arrasta lentamente por cinco actos extensos — Garrett reconheceu-o — e affastando-se successivamente esparso, que tem a vantajosa consequencia de preparar essa aureola moral, em que o vemos surgir no ultimo acto, presidindo á sessão do senado. Estavam esgotados os antecedentes explicativos necessarios, seguia-se logicamente a tomada da cidade e a morte de Catão, mas as regras impunham os cinco actos, e elle teve de encher o terceiro, evidenciando a preoccupação moralista dos romanos naquella crise social e descrevendo a defeza da cidade; o quarto com um episodio estranho á acção principal, a morte de

CASA DE JOANNINHA, DO VALLE DE SANTAREM, VISTA DA ESTRADA

o desenlace sempre previsto; a morte de Catão. Queria o poeta exalçar a liberdade, a santa aspiração que póde mesmo realisar-se na morte, como libertação da tyrannia, e para ambiente moral cumpria desenhar a preoccupação assustadiça dos animos. Fez ambas as coisas, mas por uma fórma que ellas resultaram pequena acção para cinco actos. No primeiro põe a acção e descreve os traços differenciaes dos caracteres. Catão não figura, mas as outras personagens tanto nos falam delle, que póde dizer-se que o desenham, embora por um processo Porcio. Finalmente, Catão afigura-se ao espectador muito pouco distincto das restantes personagens e portanto parece, com taes antecedentes, injustificada a sua posição de destaque. O proprio Garrett o reconheceu.

Das idéas criticas do poeta, durante esse primeiro estadio da sua evolução artistica, é um documento o *Bosquejo da Historia da Poesia e da Lingua Portuguêsa*. Considerando a litteratura portuguêsa independentemente das correntes estrangeiras e da solidariedade geral, seccionou-a segundo o seu criterio pessoal, rythmicamente, pelas altas

e baixas, não sem certa justeza de vista. Na sua epoca, é que não soube reconhecer a simples fallencia do arcadismo e a consequente hesitação até á reforma romantica, de que elle foi portador. Da edade média só conheceu as falsificações de Alcobaça, ainda então não exautoradas pela critica philologica. Mas viu como o classicismo tinha já implicito o germen da propria decadencia, a servil imitação. E, sequentemente, o seu *Bosquejo,* é uma serie de notas pessoaes sobre os escriptores que lhe iam lembrando, na sua desprovida solidão. Falando de Bocage usa duma independencia, que tornou as paginas a elle consagradas as mais justas do *Bosquejo.*

De todas as naturezas e de todos os meios, que Garrett penetrou, foi a natureza baça de Inglaterra e foi o modo ser nacional inglês que mais o impressionaram e que elle mais fundamente sentiu. A relvagem placida e triste, na sua monotonia plangente, sob um céu sempre toldado, as ruinas povoadas de duendes pela phantasia popular, a integridade austera e sem alarde da familia inglesa, pragmatica, conservadora, mas affavel, tocaram-no fundamente. O seu sentimento impetuoso de meridional, creado ao sol descoberto pelos campos alegres, chocou-se fortemente, e esse choque dir-se-hia ter-lhe dado o sentimento muito intimo, quasi inapercebido, da inferioridade dum povo, modorrento á luz forte, só em crispações sensuaes. Por isso toda a vida, em pleno borboletear sentimental, elle evocou sempre como um remorso pungente a recordação do interior inglês. Dessa estada no estrangeiro, trouxe Garrett a convicção das novas idéas litterarias do romantismo, reflexo que eram da geral transformação psychologica e social que se operava. Mas Garrett conheceu principalmente o aspecto litterario, menosprezou mesmo o aspecto philosophico e conheceu menos o aspecto historico, que predominou em Herculano. Foi tambem o Romantismo a ultima época de individualidades, pujantes na propria diversidade, cuidadas no cultivo do *eu,* porêm mais no lado sentimental. Regressando a Portugal, as proprias qualidades de Garrett haviam soffrido uma hypertrophia e elle punha-as ao serviço da acclimatação de alguns dos caracteres do romantismo, que foram principalmente: predominio da forma sobre o fundo, queda das regras do theatro, adopção de outros modelos, transformação dos estylos, alargamento dos motivos, regresso á tradição nacional e communicação com o povo, confusão dos generos, morte da epopêa historica, nascimento do drama historico, transformação e grande desenvolvimento do lyrismo.

Começou servindo esse novo ideal pela publicação de *Camões,* em verso branco e em estancias sem numero de versos fixo, o que já era revolucionario. A acção é cheia de incoherencias e inverosimilhanças — não falo de erros historicos — que marcam a fraqueza de concepção que sempre entibiou a obra de Garrett. Que ingenuidade seria suppor Camões ainda no impulsivo enthusiasmo da paixão aos quarenta e seis annos, se não fosse a total incapacidade de os romanticos se impersonalisarem! O encontro e a amizade com o conde, supposto pae de Nathercia, são dessas impossibilidades na vida quotidiana, tão claras que nem póde esquecê-las um romantico. Artisticamente todavia é evidente o progresso. Aproveita as situações, como na scena da chegada, que é um quadro completo, no primeiro plano a acção, no fundo a casaria da cidade, tudo descripto só com as vagas tintas de vagos sentimentos, salientando-se mais o effeito sentimental da paizagem do que a propria paizagem. A exaltação sentimental, a sinceridade do culto de Camões, a identidade de situações e o prestigio da lenda amorosa do épico deram ao poema nervo, palpitação, força de lyrismo, mais violento porêm do que profundo. Brotou da alma, idealisou emoções sentidas. Mas a incapacidade de realisar as grandes situações é evidente. O apparecimento do espectro de D. Manoel pedia o genio dum Eschylo, dum Shakespeare; Garrett fez uma descripção apathica e sem o menor poder de lyrismo. Como não era um pensador, mas um observador sensorial, não embutiu na sua obra, nem particularmente no poema, nenhuma concepção universal ou da vida; mas da sua elegia ergue-se um scenario proprio, tristonho, crepuscular, que revivesce sempre a cada leitura. O Canto V pretendeu talvez ser um substratum symbolico das canções camoneanas. E' forçoso confessar que se approximou do psychismo de Camões quanto era possivel sem minucias estylometricas,

nem identidade de forma. Tem o caracter autobiographico de revista de todas as vicissitudes, sempre attenuadas por um grande sonho amoroso; não tem porêm aquelle idealismo platonico que colloca o amor de Camões tão alto que é difficil relacionar essa quasi abstracção philosophica a emoções reaes, nem tem o elemento petrarchista. O grande erro foi fazer da leitura dos *Luziadas,* extensa parte da acção, sem poder extrahir-lhe novos recursos artisticos, fazendo sómente uma repetição, menos que uma paraphrase. Em *D. Branca* a mesma fraqueza de concepção. Chamou-se primeiramente tambem *A conquista do Algarve,* o que parece evidenciar o dualismo da acção ou que os amores de D. Branca eram só pretexto, o primeiro plano do vasto quadro da conquista do Algarve. Mas não lhe corresponde a estructura do poema. Só na segunda parte se fala da conquista, e desta apenas os aspectos concernentes aos amores de D. Branca. Garrett não salientou o facto predominante, e assim o poema tornou-se uma paraphrase da tradição dos amores duma princêsa longinqua. Os assaltos, os combates, os raptos e as evocações de feitiçaria são pedestal demasiado incongruente com a fraqueza e a passividade duma princêsa resignada. A nota bellica e a nota mystica não fôram feridas na intenção superior de caracterisar espiritualmente a edade média, são contiguidades fortuitas da tradição.

SCENA DO «FREI LUIZ DE SOUSA»: — *Ninguem!*
(Quadro de Lupi)

O aspecto fundamental da actividade litteraria de Garrett foi o theatro historico, que encetou durante a segunda época da sua evolução litteraria. Quatro peças marcam os estadios da realisação desse plano, que era afinal a comprehensão muito clara do romantismo, cujos caracteres foram apontados: *Um Auto de Gil Vicente,* 1838; *D. Filippa de Vilhena,* 1840; *O Alfageme de Santarem,* 1841; e o *Frei Luiz de Sousa,* de 1843, que marca já o acumen da sua productividade artistica. No *Auto do Gil Vicente* quiz reproduzir a época esplendorosa do principio do seculo XVI, o tempo de D. Manuel, quando andava no espirito de todos o orgulho da empreza da India, frizando num primeiro plano o antagonismo das indoles litterarias de Gil Vicente e Bernardim. A primeira parte — a época — não foi conseguida; a segunda fê-la, porque sobre Gil Vicente corria uma opinião falsa que possibilisava o antepô-lo, com desfavor, a um lyrico. Não conseguiu significar o alcance politico e social da época de D. Manuel; pretendeu reconstruí-la nas conversas banaes de algumas scenas, sem a participação de nenhuma grande figura das guerras e das emprezas maritimas, na figura dum rei bonacheirão, na silhueta tenue de Garcia de Rezende, alguns estrangeiros e o nome de Pedro Nunes. E' pouco. Sente-se um ar de calma caseira e futil que não era daquelle tempo de emprezas de exito dubio, de complicações internacionaes e de incertezas pelas armadas. O povo, acabrunhado, sceptico de tantas emoções nem, através do popular Gil Vicente, figura. Tem, pois, de se pôr de lado a intenção do auctor para considerar a peça só como uma intriga amorosa, enquadrada na côrte, com a côr temporal da representação do auto e das ligeiras referencias a sentimentos e a preoccupações da época. Na comedia, *Filippa de Vilhena,* Garrett quiz reproduzir um episodio da agitação de 1640, «um áparte d'esse grande drama». A scena nodal é a abnegação de Filippa armando os proprios filhos para a lucta. Não ha en-

sejo de discutir as mais fraquezas de composição da peça, apenas disfarçadas pela complicada acção, aliás ver-se-hia nella uma das obras menos reflectidas do auctor, que até a appropriou a um intuito de lisonjaria á familia real, que assistia. No *Alfageme de Santarem*, embréchando a reconstrucção da época e a acção, a peça diluiu-se em pequenas ephemerides de importancia desegual no decorrer da acção, e digo isto porque o auctor dramatico, na divisão em actos, deve procurar estabelecer as gradações naturaes da acção, por um processo de observação objectiva.

São desta época as cartas, que intitulou *Tratado de Educação*, a que me refiro, porque fornecem dados, que juntos com as inferencias das obras, appoiam a conclusão a extrahir. Disse elle: «O fim geral da educação é fazer um membro util e feliz da sociedade», definição em que abrange os dois aspectos: individual e social. Porém, na defensão da sua these pôs sentimentos e idéas já no seu tempo censuraveis. Não propugnava pela democratisação, pela generalisação da educação, dando-se ao individuo o maximo desenvolvimento que pode comportar, mas defendia a idéa de que a educação se devia diversificar por classes, em graus differentes, num alargamento progressivo, como uma parabola, até ao infinito. O ponto de partida era a cabana proletaria, o infinito o throno. Junto do throno pára todo o criticismo do Garrett: «Este *infinito* porém não é o mathematico, é o infinito social, o throno...»

Pelo seguimento mostra acceitar, pedagogicamente, um regimen de castas fechadas e abstrahe de todo o progresso, aperfeiçoamento e remodelação social. No romance *O Arco de Sant'Anna*, a mesma fraqueza de concepção e composição, só havendo que evidenciar a verdade com que descreve as multidões.

Na ultima phase da sua vida litteraria, lançou o *Frei Luiz de Sousa*, as *Viagens* e as *Folhas Cahidas*, as suas mais bellas obras; a primeira abre uma excepção no seu methodo de trabalho, foi mais meditada; a segunda e a terceira são o requinte maximo da propria indole. As primeiras peças de Garrett passavam-se todas estranhas aos dramas intimos da familia, que são o campo preferido pelo theatro moderno e nordico; no *Frei Luiz de Sousa*, é justamente um caso de familia a acção e tambem o mais caracteristico da vida domestica do seculo XVI, época da acção. Emquanto nos dramas, a acção é que impulsiona as personagens, neste é a propria situação dos personagens que determina o caminho da acção. Mas o proprio Garrett confessou que fôra a sua obra mais meditada. Isso deu ao drama — que não tragedia — aquella composição admiravel, em que nada falta e nada sobra, e o embréchado da época e da acção é tão intimo, que o incendio, episodio da época, é elemento integrante da acção porque determina a mudança para o outro palacio, onde se dará o desfecho; o sebastianismo de Telmo é tambem integrante parte da acção. E como as personagens têm certa independencia, que totalmente falta nos dramas restantes, mostram tambem algum vigor nalgumas qualidades predominantes, a independencia altiva e patriotica de Manuel de Sousa, a feminilidade de Magdalena, a precocidade de Maria. Não falo de psychologia, ella não existe no theatro romantico, todo subjectivo e lyrico, por isso mesmo que era a condemnação do theatro classico, todo objectivo e psychologico. Usam dum dizer confuso os criticos, quando affirmam que Garrett creou a tragedia moderna; como a creou elle, sem psychologia? Deveriam dizer que *Frei Luiz de Sousa* tem resistido ás variantes do gosto, porque tem um caracter que lhe dá um logar áparte entre o theatro romantico, e é esse caracter o conservar alguns dos traços do theatro classico, a saber: prologo diffuso pelas falas primeiras do primeiro acto, uma das formas de prologo, segundo a classificação classica; unidade de acção, aspecto predominantemente moral desta, unidade de logar e de tempo. E é romantico pela côr temporal da época e pela falta de psychologia; os classicos nunca comprehenderam que a propria historia pudesse ser objecto de theatro, como reconstituição e não como quadro. M. Jules Marsan, na *Revue d'Histoire Littéraire*, mostrou como essa idéa só logrou exito no romantismo. Tal é, pois, a conclusão moderna; o que subsistiu do theatro romantico não é uma antecipação, é uma perduração do classismo, como o provaram Brandes e Brunetière.

Nas *Viagens*, obra sem unidade, incon-

gruente na variedade, de estylo facil e divagações a proposito, Garrett attingiu summa belleza. E' que as *Viagens* são a expansão natural do seu caracter, facilidade, superficialidade, variedade e sentimentalidade; são um correr da penna, em que a sua physionomia moral e intellectual deixou o mais vivo documento. As descripções bellas, como a disputa dos campinos e varinos, e a merenda de Joanninha e da avó, são só plasticas, pictoricas, porque a observação de Garrett era principalmente sensorial. A edade só lhe deu scepticismo, nunca profundeza.

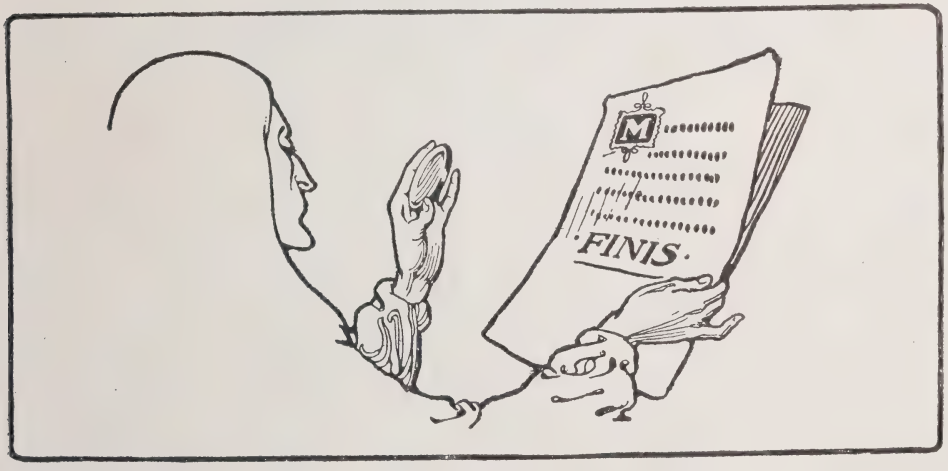
E' bella e verdadeira a carta final, em que justamente retrata o seu borboletear amoroso, com uma frescura e sequencia de linguagem, uma espontaneidade, um tal poder de descripções evocadoras, que lhe dão uma feição de sinceridade, que em nenhuma obra de Garrett se repete.

Tambem nas *Folhas Cahidas,* lyrismo sensual, apenas espiritualisado pela allegoria vaga, pela imagem, attingiu uma expressão de belleza admiravel num quasi sexagenario. Mas, por triste compensação, cêdo o seu espirito manifestou velhice, e ainda nos legou documentos dessa prematura decadencia, em *Helena*, obra futil e, só por esse significado, com interesse. Vê-se então que elle desconhecia a feição do proprio talento, pois pensava em fazer historia. Porém, sentiu, bem vivamente, o romantismo; se não conseguiu a restauração, antes, a creação do theatro nacional, foi por lhe faltar a continuidade da tradição litteraria e do gosto do publico, e acima de tudo, porque as proprias feições do espirito o impediam de qualquer obra, que exigisse persistencia, observação e estudo profundo. O intuito nacionalista do romantismo, ninguem o sentiu melhor, mas na sua realisação, sem a impetuosidade romantica, pôs sempre uma frieza, uma tal falta de sinceridade — a probidade na arte — que mais fazia as obras, do que as escrevia. A natureza externa, — o céo, o mar, a luz, a vegetação, a côr —, sempre andou longe da sua obra, e quando figura é como subsidio, para favorecer o effeito pretendido, portanto sem independencia pictorica. Era isso uma recordação da sua educação arcadica.

Taes são os caracteres duma vida, dum caracter e duma obra bem representativas na moderna litteratura portuguêsa.

Lisboa — Dezembro de 1910.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.



A nora e a sogra

Relance da familia japoneza

No momento solemne de ter de julgar um criminoso, certo magistrado europeu, esquecido de alguns artigos do codigo em vigor, voltava-se para um seu collega e perguntava-lhe baixinho qual é a pena maxima que cabe a um bigamo. O collega, que certamente era casado, deu em troco: — «Aturar duas sogras.» — E presumo que o magistrado absolveu o criminoso.

Com effeito, a sogra, mesmo no singular, parece ser e ter sido, em toda a parte e em todo o tempo, um dos maiores flagellos da triste humanidade. Sob este ponto de vista, o seu papel social é indiscutivelmente meritorio, tendendo a nivelar, pelo soffrimento, os homens de todas as raças e de todos os paizes. As linhas que seguem pretendem ser, dentro dos limites das investigações a que por habito me dou, como que um reflector de luz, que venha pôr em evidencia, no campo da vida familial, o vulto corcovado da velha rabujenta, impertinente, despotica, cruel, que é a sogra no Japão, como é em qualquer sitio. Aqui, porem, atura-a, em regra, a esposa; o esposo furta-se de ordinario aos seus caprichos.

CERIMONIA DO CASAMENTO

Casa a *musumé*, aos quinze annos, aos dezoito annos, aos vinte annos, ou coisa parecida. O casamento, mais ou menos regular, é a regra; poucas sendo as japonezas que ficam, como se diz em portuguez..., para tias.

A mulher japoneza, entrando no lar domestico, não é a noiva pimpona das nossas sociedades do Occidente, a qual, sob

o seu diadema de flores de larangeira — frescas ou artificiaes —, enceta uma existencia de triumphos, vem ter a sua casa, vem mandar, vem dirigir, empunhando galhardamente o sceptro de soberana, embora o seu modestissimo dominio se limite a tanto, ou menos, como dois quartos, mais a sala e a cosinha. A mulher japoneza não vem ter coisa alguma e não vem mandar em nada. Escrava, na infancia, de seus paes, de seus irmãos, transita apenas de poiso para poiso, para vir ser escrava do marido e da familia do marido, occupando entre todos o infimo logar.

primeiro dever do japonez é respeitar seus paes e seus avós, em quanto vivos, e prestar-lhes culto, em altares, após a morte; e, como este culto nunca cessa, cumpre-lhe ter filhos, que perpetuem, em sacerdocio hereditario, as praticas devotas. Para isto casa, e só para isto; conhecendo, muitas vezes, a noiva, só no dia do noivado; em todo o caso, sendo ella escolhida pelos paes e por elles arranjado o casamento, sem que o noivo tenha de preoccupar-se com o assumpto.

A esposa entra no lar para obedecer á vontade do marido e dos parentes d'elle,

A MAÇAGEM

O principio fundamental da familia japoneza é a prole...

A proposito: — e qual é o principio fundamental da familia do Occidente? — Não ha (não levo em conta o prestigio de um dote, ou de um titulo, ou da cifra de um salario, etc.). Nos casos mais honestos, e felizmente mais communs, a familia, na nossa raça branca, é a consequencia fortuita, eventual, de um sentimento impulsivo: — o amor, a sympathia —.

Bem. Como eu ia dizendo — foi o leitor que interrompeu?... — o principio fundamental da familia japoneza é a prole. O particularmente da sogra, que é quem em especial se incumbe de guial-a na vida e nos deveres caseiros, aconselhando-a, admoestando-a, corrigindo-a: — Prestar obediencia á sogra e servil-a com respeito, — fica por esta maneira definido, pouco mais ou menos, o inteiro programma nupcial de uma mulher.

Os tempos modificam os costumes, claramente. Nos grandes centros e no seio das familias abastadas, o modernismo vem abrandando estes rigores; porem na vida dos humildes, e sobretudo nas aldeias, longe de influencias estranhas, ainda o lar offerece as mesmas caracteristicas que apontei.

A linguagem, sempre digna de consulta escrupulosa, quando tenhâmos de estudar os sentimentos e os costumes nacionaes, é elo-

PREPARANDO O JANTAR

quentissima n'este caso. O termo equivalente a — esposa — quasi que não existe na lingua japoneza; o seu synonymo é de ordinario — *yomé* (nora). — Não se dirá — escolher esposa para o filho; — diz-se — escolher nora para o filho. — Não se dirá — que um homem tomou esposa; — mas sim — que tomou nora. — Não se dirá — que uma menina vae casar; — mas sim — que vae ser nora. — Em torno do facto social, que é o matrimonio, ficam na sombra, esquecidas, como vêmos, as contingencias meramente secundarias (reparem os leitores, reparem as leitoras: — *meramente secundarias!...* —) das relações de esposo e esposa; para apenas persistir uma noção — a nora, — invocando outra logo — a sogra, — e ambas suggerindo ao pensamento a serie de relações de servidão que a nora deve á sogra e os vexames que supporta. No casamento japonez, em uma palavra, não ha esposa; ha nora.

Ainda a linguagem, nos seus travessos aphorismos, nos vem esclarecer bastante, sobre os mysterios do lar, n'este Nippon. Diz o povo: — «*aki nasubi yomé ni kuwasu ná*» (a beringela do outomno não se dá á nora). — Expliquêmos: a beringela, abundantissima no Japão durante o estio, e baratissima, é alimento vulgar do povo, em seus repastos; mas no outomno rarêa, tornando-se um artigo caro, um acepipe, de que todos acaso provarão, menos a nora, á qual se não offerece.

A mãe do dono da casa, isto é, a sogra, é quem geralmente preside á refeição, cabendo-lhe o encargo de dividir os quinhões, de distribuil-os; á nora, evidentemente, pertence o infimo quinhão. Diz então o povo: — «*kochi no atama yomé ni kawasé*» (offerece-se á nora a cabeça do *kochi*). — E accrescenta logo: — «*shútomé shirazu no mi gá atta*» (e ella regalou-se com os pedacitos de febra de que a sogra não deu fé). —

PENTEADO DE SOLTEIRA

Expliquêmos ainda, mesmo porque o exemplo é instructivo: *kochi* é um peixe do Japão, do genero (mettâmos grego e latinorio) *pla-*

ticephalus; succulento, apetecivel, mas de cabeça chata, composta só de escamas e de espinhas. Todos comem da carne, excepto a nora, a quem a sogra serve a cabeça do peixe por quinhão. No entretanto, cerca dos olhos e de cada lado da cabeça, occulto por uma placa ossuda, existe um minusculo pedacito de alva febra; a nora conhece, por experiencias repetidas, esta particularidade anatomica do *kochi;* apressando-se em devorar essa tal febra, antes que a sogra a veja e lh'a cobice...

Citarei um ultimo aphorismo: — «*yomé mo shûtomé to naru*» (tambem a nora será sogra). — Donde se deprehende que a esposa, isto é, a nora, encontra na existencia uma unica compensação ao seu martyrio: é ser sogra tambem, por seu turno, quando seus filhos se casarem...

Ora, as gravuras que acompanham este artigo traduzem, em flagrante, a inteira epopéa domestica da japoneza em nupcias,

PENTEADO DE CASADA

da sua vida obscura de serva, farta de humilhações e sacrificios.

Eil-a, primeiramente, em atavios de casamento, recentemente entrada em casa, praticando a cerimonia de estylo, a qual consiste em levar aos labios, tres vezes, a taça

TROVOADA DOMESTICA

com *saké*, o vinho indigena. Suppõe-se o noivo cerca, dando-se a identicas libações, e em torno os convidados.

Vêmos depois a nora com o penteado que distingue a casada da solteira.

Seguidamente, a nora apresenta-se amuada a um canto. E' a primeira trovoada domestica, primeira, para depois se succederem outras muitas; é a primeira manifestação do mau humor da sogra, que rabuja, que resinga, acarinhando o gato familial ao mesmo tempo.

Agora é a faina da maçagem. Comprehende-se que os rheumatismos derreiem a velhota. E'-lhe então doce consolo o estirar-se, á noite, sobre as colchas, lendo, fumando; em quanto que a nora lhe vae esfregando e premendo as carnes flaccidas, ao longo das costas, do trazeiro, das pernas e dos pés, durante horas sem fim.

Vemos a nora ajoelhada, preparando o jantar. A velha vigia-a, resmunga-lhe azedumes,

tocando-lhe nos hombros com o cachimbo. Convem saber que o cachimbo japonez, com que homens e mulheres se diliciam, compõe-se, n'uma das suas formas mais vulgares, de um longo tubo de bambu, com o boccal e o pequeno forno de latão; em semelhantes condições, é cachimbo e verdasca ao mesmo tempo, se as circunstancias reclamam este duplo serviço.

Por ultimo apparece o menino. A velha rejubila e é forçada a concluir que a nora, dias derradeiros á chamma vivida d'aquella existencia que começa...

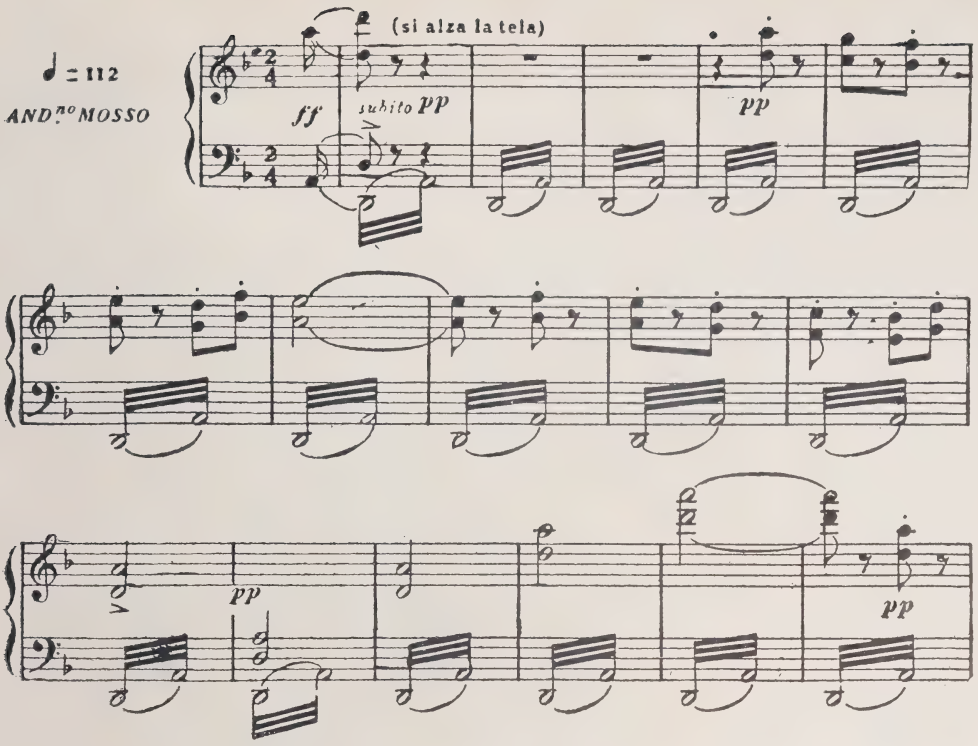
Quanto á nora, quanto á mulher no seu largo periodo de esposa, convem talvez que a gente se não dê á tarefa de felicital-a ou de carpil-a. Digâmos que desempenha o seu papel, conforme a sociedade, onde vive, lhe requer. Isto basta. Ella, por si, não se lamenta; a abelha neutra e a formiga operaria tambem se não lamentam, que nos conste. Disciplinada, durante longos seculos, a uma

APPARECE O MENINO

no fim de contas, algum prestimo tem. A velha acaricia o monozito, o idolo, que vem perpetuar o nome da familia; embala-o, adormece-o com cantigas, gasta os cobres em guloseimas e bonecos. Em serodios transportes de ternura, aperta-o contra o peito, quizera amamental-o... mas recusam-se a tanto os seios resequidos. Paciencia; a nora servirá de biberon e lavará as fraldas; mas ella, a sogra, não prescinde de nenhum dos seus direitos, cuidará do menino, trocará com elle mil afagos, aquecendo os seus pobres existencia inteira de dedicações e sacrificios, a hereditariedade, a educação e o exemplo concorrem para que considere natural e harmonico o seu mister no lar. Longe de ser taciturna, ou vingativa, ou brusca de maneiras, em protesto das condições em que se encontra, a japoneza é, pelo contrario, o sorriso em pessoa, a duçura, a cortezia; emfim, uma epecie de anjo do paraiso do Buddha, descido a este mundo — perdão: a este Japão —, para espargir a paz, a alegria, a felicidade, preparando-o a altos destinos!...

Kobe.

WENCESLAU DE MORAES.



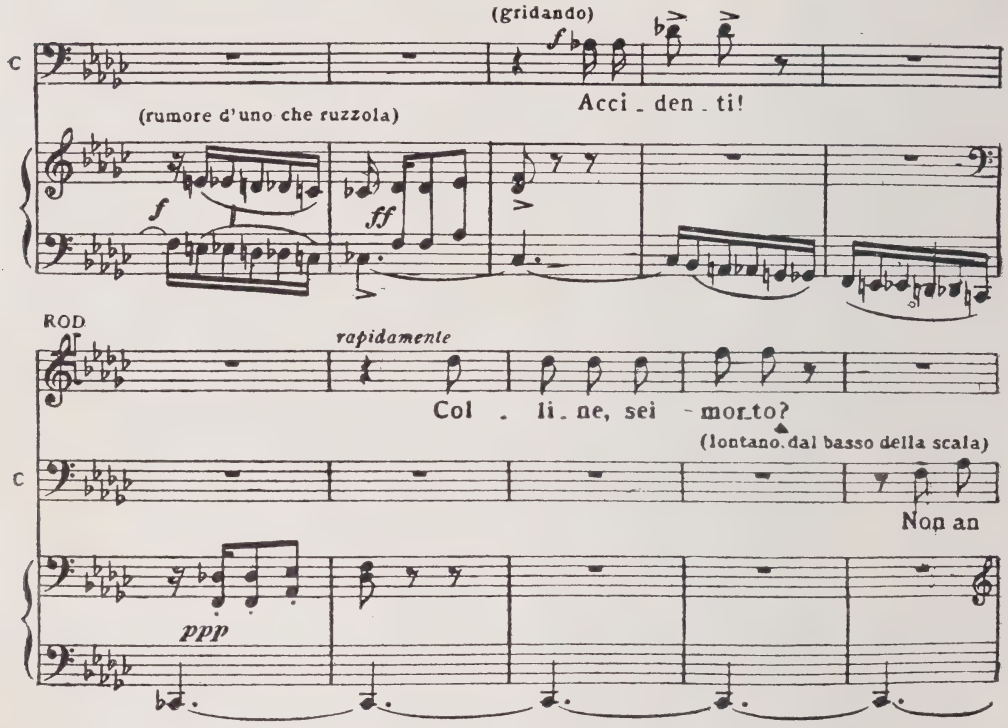
NO TERCEIRO ACTO DA «BOHEME» DE PUCCINI: O FRIO

O Realismo na Musica

A arte do compositôr pode fazer com que a orchestra exprima o movimento do drama tão vividamente como a acção no palco.

É sabido que Shakespeare não só escrevia as suas peças, mas era tambem proprietario e director do *Globe Theater*, onde ainda se encarregava de representar um ou dois dos principaes papeis. A difficuldade da sua tarefa era comtudo materialmente alliviada pelo arranjo rudimentar do palco nessa época. Um banco de madeira e um letreiro bastavam para figurar o Forum romano, um gibão e os calções do tempo de Isabel tinham de sêr convertidos pela imaginação do espectadôr na toga purpurea de Cesar. A imaginação do publico era o verdadeiro machinis-

ta. As peças antigas de Racine eram representadas com os fatos Luis XIV. Para encontrar cousa similhante hoje, podereis transportar-vos á China, a Macau por exemplo: não que o scenario não seja rico, mas a côr do fato da personagem dir-vos-ha se se trata de um vivo ou de um fantasma, e o



NO PRIMEIRO ACTO DA «BOHEME»: A DESCIDA

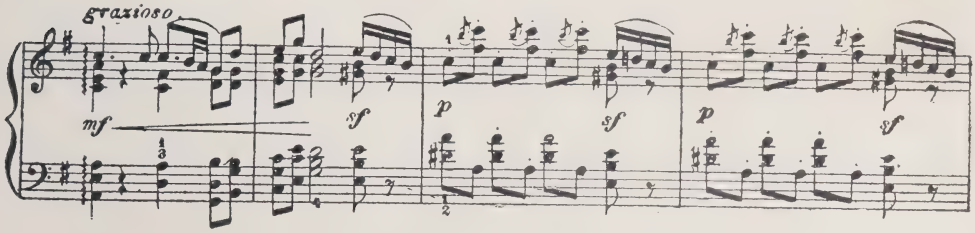
que traz na mão certo panno com uma roda pintada quer-vos significar que vem de carro.

As exigencias foram augmentando, e o romantismo trouxe a preoccupação da *côr local* e do rigôr historico. Hoje a toga de Cesar tem de sêr panejada segundo as indicações de um archeólogo, de maneira que cada prega seja conforme ao uso do anno 41 A-C.

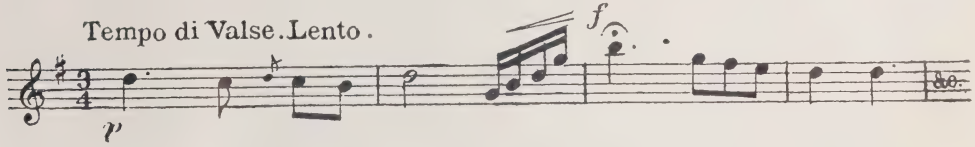
Podemos dizêr que a musica na opera seguiu uma evolução similhante. O effeito da acção no palco é ampliado pela sua constante reflexão na musica. Por exemplo, representa-se uma scena de neve. Com a ajuda do cinematographo e de uma máchina especial, a scena é representada com tanta verdade que o espectadôr positivamente treme com frio na sua cadeira de velludo. Mas não é só isso. Para que não haja duvida, os instrumentos da orchestra proclamam o mais emphaticamente possivel que está frio, um frio dos demonios, e a illusão é completa.

Supponhamos a abertura do 3.º acto da *Bohême*, composição que gosa da maior simpatia. A scena passa-se numa das portas de Paris, e os vendedôres esperam fóra da barreira o momento de poderem entrar.

E' uma manhan de pleno inverno, e a neve cáe quando se levanta o panno. Simultaneamente a orchestra inteira faz ouvir duas fortes notas *staccato* immediatamente seguidas d'uma frase gemente que muitos criticos concordam em achar o compasso mais frio de toda a literatura musical. Os dois *staccati* abrindo o compasso são como a exclamação: «Apre! que está frio!», e depois a orchestra prosegue a demonstrar o facto na progressão harmonica technicamente conhecida por «quintas descendentes».



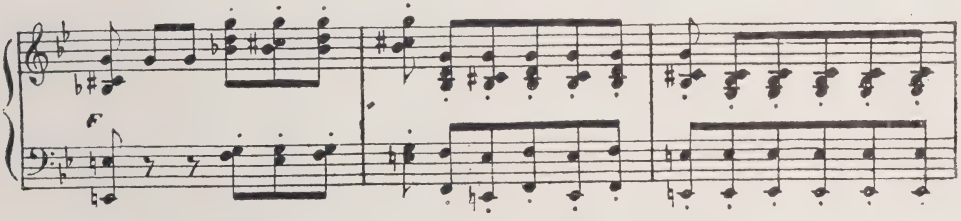
A «TROIKA», POR TSCHAIKOWSKY



A DOR DE DENTES NA «PRINCEZA DE TREBIZONDA», POR OFFENBACH

Um interessante exemplo de illustração musical occorre no 1.º acto da mesma opera, quando três das personagens descem ás apalpadellas a escada do *atelier* situado nas aguas-furtadas. Tropeçam e praguejam na escuridão, mas conseguem finalmente chegar á rua sem mal de maior. A difficultosa descida é habilmente suggerida pela orchestração, e uma ultima nota profunda indica a chegada a salvamento.

Puccini, comtudo, é nisto apenas successôr de Wagner. Antes do advento de Wagner, a grande opera era sómente o meio de ostentar a voz humana nos seus maiores effeitos. A musica tinha pouca ou nenhuma relação com o texto, e os mesmos trillos e garganteios serviam para exprimir tanto as exclamações de alegria como as demonstrações da mais profunda mágua.



A RISADA MEFISTOFELICA NO «FAUSTO», DE GOUNOD

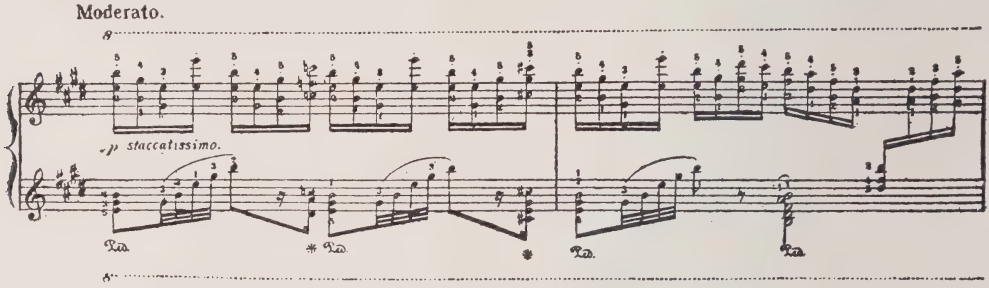
Wagner revolucionou o sistema, tornando a musica não só apropriada ao libretto, mas ainda um meio de transmittir a acção do drama ao auditôr sem a ajuda do libretto. Um esplendido exemplo d'isto é a parte da Walkyria conhecida como a *Cavalgada*.

Nesta composição, Wagner reproduziu com maravilhosa fidelidade o re-

O grande Richard detestava o compositor de operetta e satyrizou-o impiedosamente num pamphleto.

Apparentemente Offenbach não lhe quiz mal por isso, porque adoptou a theoria de Wagner sobre o *leit-motif* em mais do que uma das suas operettas.

A *Princeza de Trebizonda* na operetta do mesmo nome, por exemplo,



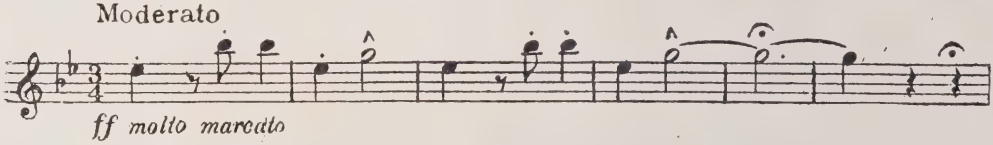
AS LINGUAS DE FOGO NA «WALKYRIA», DE WAGNER

linchar dos cavallos, o bater dos ferros e o gallopar impetuoso dos cavalleiros.

O thema de cavallos em movimento parece ter tentado muitos compositores. Tschaikowsky propoz-se escrever uma composição para piano com a

soffre d'uma forte dôr de dentes e a orchestra di-lo com aguda energia, do modo mais convincente.

Camillo Saint-Saëns na sua admiravel *Danse Macabre* diligenceia descrever um esqueleto dançando sobre o sepulcro.



NA «DANSE MACABRE», DE SAINT-SAENS: O CANTAR DO GALLO

Troika e o seu *motif*. A *Troika* é um vehiculo russo ao qual estão atrelados tres cavallos numa só mão. O do meio vai a trote, os outros dois seguros aos lados gallopam. O notavel rythmo criado por este sistema está perfeitamente reproduzido, não sendo comtudo facil executa-lo no piano.

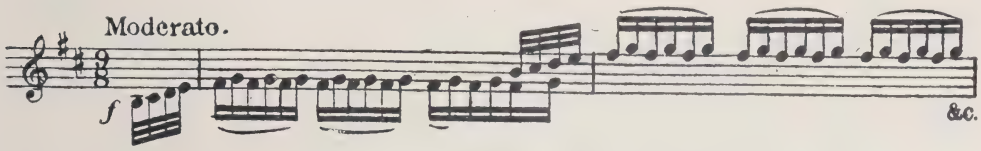
De Wagner e Tschaikowsky a Offenbach vai grande distancia.

São usados xylophonos para indicar o bater dos ossos contra a pedra tumular.

O esqueleto só póde ficar até ao romper do dia, e logo que o gallo cante tem de voltar para a sepultura. A lapide cahe com um baque secco. Tudo isto é perfeitamente figurado pela orchestra.

Impressionar o auditôr é sem duvida o primeiro dever da musica de

opera. O exito completo conseguir-se-ia quando se provocasse o riso e as lagrimas. Não é comtudo muitas vezes que a orchestra desperta só por si o



NA «WALKYRIA», DE WAGNER: O RELINCHAR DOS CAVALLOS

riso, como acontece no 3.º acto do *Fausto* de Gounod. Mephistopheles ali dirige á Margarida uma serenada comica entremeada com riso, que na orchestra echôa de um modo verdadeiramente mephistophelico.

A faina de um navio debaixo d'um temporal deu thema á fertil imaginação de Rimsky-Korsacoff, o eminente compositor russo, na sua *suite* de Scherherade.

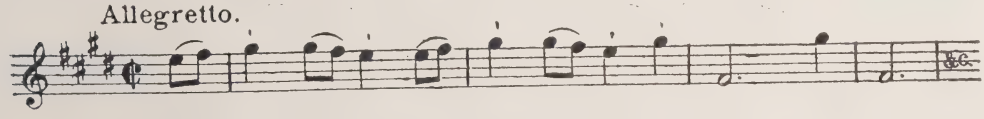
A orchestra acompanha o marinheiro Sinbad numa das suas perigosas derrotas, e o rugido da tempestade indicado pela musica é tremendo. Quando por fim o navio é arremessado á destruição, num rufar de tambores e timbales, todos os musicos, desde o primeiro violino aos ferrinhos, ficam banhados de suor, — e o regente partilha da sorte do navio. E' um verdadeiro naufrago.

Weber tentou reproduzir o movimento das vagas na sua *ouverture* do *Oberon*, mas comparada com o oceano de Rimsky-Korsakoff esta descripção maritima é uma azenha.

O vibrar das linguas de fogo inspirou a Wagner o *Encantamento do Fogo* da *Walkyria*, e, se no piano pouco se distingue, na orchestra Wagner conseguiu uma versão muito realista do seu assumpto.

São estes uns pequenos exemplos nos quaes compositores eminentes conseguiram fazer a orchestra rir, chorar, relinchar, gallopar, assoprar com frio e calor, e até soffrer com dôres de dentes.

Estava reservado a Mendelssohn fazer a sua orchestra zurrar como um burro. E' o que succede no *Sonho de uma noite de verão*. A phrase representa Bully Bottom, cuja cabeça foi mudada em de burro pelo divertido Puck.



NO «SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO», DE MENDELSSOHN: O ZURRAR DE UM BURRO

Não podemos senão conjecturar se os compositores do futuro se servirão dos automoveis e da telegraphia sem fios para fazerem *leit-motifs*...

A estrella dos Magos e a Sciencia

Os modernos christãos, preferindo considera-la como um fenomeno astronomico natural, procuram a sua identificação scientifica. Varias hipoteses.

STANDO quasi a terminar o reinado de Herodes chegaram os Magos a Jerusalem, e perguntaram: «Onde está o recemnascido rei dos Judeus? porque vimos a sua estrella no Oriente, e vimos adora-lo.»

Herodes perturbado e receioso, consultou os sacerdotes e escribas do povo; e chamando secretamente os Magos «soube d'elles com exactidão o tempo da estrella que lhes appareceu; e mandando-os para Belem, disse: Ide, e informae-vos bem do menino; e quando o achardes, avisai-me, para que eu tambem indo o adore».

«E tendo elles ouvido o rei, partiram, e eis que a estrella que tinham visto no Oriente, ia diante d'elles... E vendo elles a estrella alegraram-se com muito grande alegria.»

E' esta a historia da estrella de Belem, no 2.° cap. de S. Matheus.

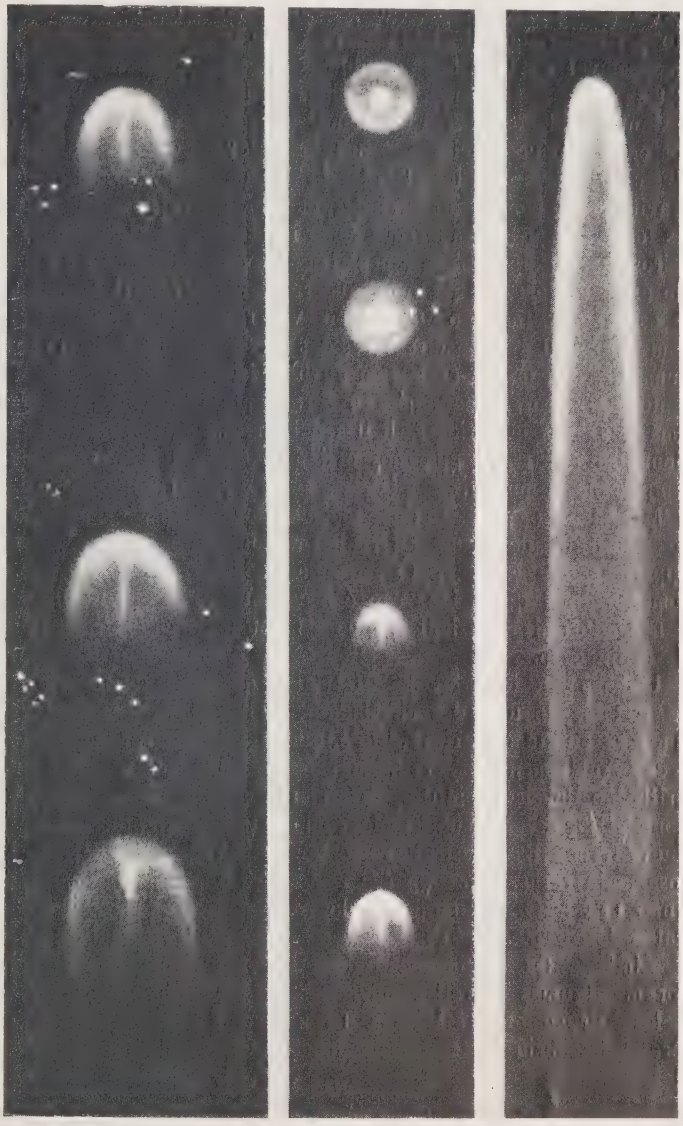
A crença geral, transmittida de seculo em seculo, foi desde os primeiros tempos christãos a de considerar a estrella dos Magos como uma luz milagrosa semelhante á columna de fogo que guiou no deserto os filhos de Israel, segundo o *Velho Testamento*. Os mais modernos christãos, seguindo as tendencias do tempo, preferem considera-la como um fenomeno natural, e basear o texto de S. Matheus numa explicação scientifica.

Que gente eram pois esses sabios — os Magos de que fala o Evangelho? Vinham do Oriente; e o Oriente, para os homens da época, eram a Chaldea, a Persia e o deserto Arabico. Ahi a observação das estrellas era, nuns povos um preceito religioso, noutros um rito mistico, transmittido pela tradicção. Assim nasceu a astrologia, germen da astronomia de hoje. Os Magos pois, segundo exegetas do *Novo Testamento*, seriam astrologos, membros do sacerdocio estranho cujo officio era velar o ceu, e crentes na influencia dos astros sobre o destino dos povos e dos reis. Nesse caso a apparição da estrella de Belem teria sido realmente um fenómeno astronomico, — e um fenómeno extraordinario, para assim causar admiração a esses experimentados observadores. Será pois necessario procurar algum aconteci-

mento celeste sufficientemente estranho para justificar a viagem da Chaldea ou Persia até Belem.

A chegada dos Magos a Jerusalem precedeu poucas semanas a morte do rei Herodes. Quando este inquiriu da epoca do apparecimento da estrella, a resposta foi tal que o levou a fazer matar as crianças de 2 annos para baixo. Provavelmente pois os Magos viram a estrella pela primeira vez 2 annos antes da sua chegada a Jerusalem. Herodes morreu no anno 4 A. C.: portanto a estrella de Belem appareceu cêrca do anno 6 A. C. E' pois nesta epoca que devemos procurar um acontecimento celeste notavel, se com elle quizermos identificar a estrella do Evangelho.

O grande Kepler chamou a attenção para o fenómeno estellar que precedeu o nascimento de Christo. Affirmou que deveria têr havido uma conjuncção de Jupiter e Saturno por esses tempos, fazendo mesmo alguns calculos para provar o seu asserto. Até 1826 a idea de Kepler não foi seriamente considerada pelos astronomos. Nesse anno o professôr Ideler, de Berlim, calculou as posições de Jupiter e Saturno, e provou que estavam em conjuncção no anno 7 A. C. Os seus calculos mostraram que em epoca alguma coincidiram a formar uma unica estrella, mas que os separava um arco igual ao diametro apparente da lua. Nessa conformidade Ideler pouco avisadamente suppôs que os astrologos orientaes tivessem visto os dois planetas como uma só estrella, por estarem extraordinariamente próximos. Ideler comtudo abandonou a sua teoria quando Encke, em 1831, repetindo os calculos, demonstrou que a distancia apparente de Jupiter a Saturno, na sua maior proximidade no anno 7 A. C., era superior ao diametro da lua.



A HIPOTESE DE A ESTRELLA DOS MAGOS TER SIDO UM COMETA É MAIS ACCEITAVEL QUE A DA JUNCÇÃO DE DOIS PLANETAS

Por causa d'estas e outras objecções a qualquer teoria considerando a estrella de Belem como a juncção apparente de dois

planetas, o professôr Proctor, recentemente fallecido, procurou outro fenómeno celeste, e finalmente concluiu que os Magos teriam sido provavelmente guiados por um comêta. Muito ha que dizêr a favôr d'esta supposição.

Os cometas são hoje descobertos na proporção de 2 ou 3 cada anno. Nem todos são particularmente brilhantes; mas não é inconcebivel que nos tempos biblicos os comêtas pudessem apparecer occasionalmente bastante esplendidos para infundir terror aos corações supersticiosos. Antes de Halley têr mostrado a applicabilidade da lei da gravitação ao comêta do seu nome, os comêtas foram sempre considerados como mensageiros divinos, agouros, e especialmente como annunciadores de peste ou guerra. Para os espiritos poeticos do Oriente que veneravam as estrellas como directôres das acções humanas, os comêtas eram sem duvida visitantes terrificos. Um comêta é certamente uma das mais misteriosas, bellas e impressionantes apparições que nos é dado contemplar neste mundo.

Mas não se pode affirmar com certeza se a estrella de Belem foi realmente uma apparição d'essa ordem. O astronomo pode sómente dizer que a idea não é insustentavel, sendo mais verosimil do que a hipótese da conjuncção.

Ultimamente foi proposta a teoria de que se tratasse de uma das chamadas estrellas «novas» ou «temporarias», isto é, que apparecem subitamente no ceu, augmentam de brilho, e depois diminuem, desapparecendo completamente, ou subsistindo como astros muito fracos. Essas estrellas não são espantosamente raras. Dez appareceram entre o anno 134 A. C. e o fim do seculo XV. Desde então descobriram-se 16.

Ainda antes da invenção do telescopio foram algumas estrellas novas estudadas pelos astronomos. Assim, em 1572 Tycho Brahe descobriu na Cassiopeia uma «nova» tão extraordinariamente bella que a descreveu longamente, e com tal rigôr nos deu a sua posição, que se pode dirigir um telescopio para o sitio exacto em que foi vista; mas já se não vê lá o orbe que elle descreveu. Desconfia-se comtudo que uma estrella de 10.ª grandeza situada não longe da posição indicada por Tycho pode sêr a «nova» por elle indicada.

Antes da época de Tycho deram-se fenómenos semelhantes na Cassiopeia; por isso occorreu a ideia de que talvez a estrella de Tycho fôsse um corpo celeste visivel em épocas separadas por periodos de 3 seculos.

Alguns pensaram que a estrella de Belem fôsse ella, em alguma das suas anteriores apparições, mas não ha razão alguma para pensar que a estrella de Tycho apparecesse antes de 1572. Conclue-se que não podia ter sido ella a estrella de Belem, do facto de sêr a Cassiopeia uma constellação septentrional, e que portanto os Magos não teriam visto diante de si no caminho de Jerusalem para Belem.

Se a estrella de Belem foi realmente uma nova que subitamente appareceu no ceu e depressa venceu em brilho todas as outras estrellas, certamente attraíu a attenção dos astrologos orientaes. O acontecimento era tão extraordinario que não podia sêr emparelhado com os fenómenos regularmente observados e mesmo predictos pelos sacerdotes. Numa época em que a sciencia estava ainda impregnada de misticismo, era naturalissimo que se ligasse uma especial significação a um apparecimento tão subito, particularmente num momento em que os judeus anciavam pelo nascimento de um rei que os libertasse do jugo romano, e cuja vinda tinha sido misteriosamenta annunciada nas palavras profeticas de Balaam: «Velo-ei, mas não agora; contempla-lo-ei, mas não de perto. Levantar-se-á uma estrella de Jacob.»

OS FUNERAES DE TOLSTOI

A multidão defronte da casa de Tolstoi, em Iasnaia-Poliana

Pensamentos de Tolstoi

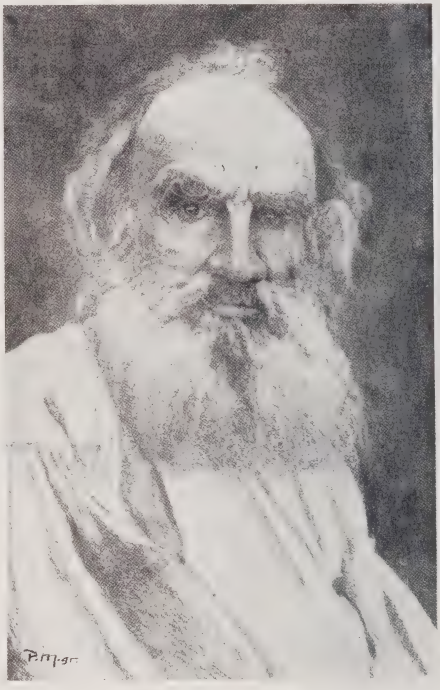
O grande escritôr e reformadôr russo ultimamente fallecido nascera em Iasnaia-Poliana em 1828. Elle proprio dividiu a sua vida, na *Autobiografia*, em quatro periodos: «O esplendido, — especialmente se o comparar ao que veio depois, — o innocente, alegre, poetico periodo da meninice, até aos 14 annos; após, o segundo, vinte terriveis annos de dissolução, de serviço, de ambição, de vaidade; depois o terceiro periodo de desoito annos, desde o meu casamento até ao meu nascimento espiritual, periodo que, do ponto de vista mundano, se poderia chamar moral, pois que durante esses dezoito annos vivi uma vida regular de familia, moderada, honesta, não me entregando a quaesquer vicios condemnados pela opinião publica; periodo porém cujo interesse era todo limitado aos cuidados egoistas da familia, ao augmento da fortuna, ao alcance da gloria literaria, ao goso de toda a qualidade de satisfações; finalmente veio o quarto periodo, em que vivo ha vinte annos, e no qual espero morrêr.»

Durante a guerra da Crimea, onde serviu com distincção no segundo periodo da sua vida, escreveu uma vez no seu diário:

«Uma conversa sobre a divindade e a fé suggeriu-me uma grande e estupenda idea a cuja realização me sinto capaz de dedicar a vida. E' a idea da fundação de uma nova religião, correspondente ao estado actual da humanidade: — a religião de Jesus, mas purificada do dogma e do misticismo, uma re-

ligião prática, não promettendo felicidade futura, mas dando felicidade sobre a terra. Sinto que esta idea só pode ser realizada por gerações conscientes, olhando para ella como um fim. Uma geração passará a idea á seguinte, e um dia o enthusiasmo ou a razão hão de dar-lhe realidade. Procedêr com o fim deliberado da união religiosa da humanidade, eis o principio conductôr que eu espero se hade impôr ao meu enthusiasmo.»

Como muito bem observa Birukoff, o compilador das memorias e documentos relativos á vida de Tolstoi, um homem que escreveu isto, e o pôs em pratica 50 annos depois, não estava adequadamente no seu logar de artilheiro.



Foi no terceiro periodo que Tolstoi escreveu *Guerra e Paz* e *Anna Karenine*. Segundo as *Recordações* de seu sogro, Tolstoi nessa época era alegre, montava a cavallo, caçava.

No meio d'essa vida calma apaixonou-se pelas teorias de Schopenhauer. Parecia ir tudo á maravilha «mas eu sentia, diz Tolstoi, que não estava completamente bem e que esse estado não podia durar muito tempo». Por 1874 approximou-se a crise decisiva; em 1883 conheceu dois camponêses que preconizavam a salvação do mundo pelo trabalho manual e individual. Após uma terrivel crise moral (1879-82) abandonou finalmente o mundo, renunciou os seus bens, metteu-se a agricultar a terra, a trabalhar manualmente, não deixando comtudo de escrevêr. São d'este ultimo periodo, entre outras obras, *Os Evangelhos*, a *Resurreição*, *Que é a arte*, e o drama *Poder das Trevas*, que Zacconi representou já ha annos em Lisbôa.

Tolstoi nunca fez uma exposição systematica das suas ideas.

Os nossos leitôres acharão talvez interesse a um pequeno ramalhete de pensamentos, respigados nas obras do grande apóstolo.

Pensamentos de Tolstoi

«Não resistas ao mau», tal é a base do ensino de Jesus.

Não resistas ao mau, quer dizêr: nunca resistas, não empregues violencia, não commettas acto algum contrário ao amôr.

Como o fogo não extingue o fogo, o mal não póde extinguir o mal.

A paz entre os homens é o maior bem na terra ao alcance de todos.

Só a vida commum de todos é a verdadeira vida, e não a vida de cada homem em particular. Todos devem trabalhar pela vida d'outrem.

O devêr que se impõe a um homem de tomar parte na lucta contra a naturêza para assegurar a sua vida e a d'outrem será sempre o primeiro, o mais indubitavel dos seus devêres: e é o primeiro de todos, porque nada é mais necessario ao homem do que a sua vida.

Toda a tentativa de dar um sentido á vida que não fôr baseada sobre a renuncia ao egoismo, que não tivér por fim servir os homens, é uma chimera que rebenta e se desfaz ao primeiro contacto com a razão.

Em vêz de nos incommodarmos tanto em organizar os prazêres, o conforto, os processos medicos e hygienicos que devem curar

os homens dos seus males espirituaes e corporaes, deveriamos fazêr uma unica cousa: cumprir a lei da vida, fazêr o que é o proprio não só do homem mas do animal; restituir, sob a fórma de trabalho muscular, a energia recebida sob a fórma de alimento, ou para falar a linguagem commum: ganha o teu pão, não comas sem trabalhar, ou trabalha conforme comeres.

A existencia, não a existencia justa que dá a felicidade á humanidade, mas a que os homens organizaram para sua propria perda, é uma chimera, a chimera mais bravia, mais horrivel, um verdadeiro delirio de loucura, de que basta sairmos uma vêz para nunca mais voltar.

O unico templo verdadeiramente sagrado é o mundo dos homens unidos pelo amôr.

Uma condição indubitavel da felicidade é o trabalho; primeiro o trabalho que livremente se escolheu e de que se gosta, depois o trabalho fisico que dá o appetite e o somno tranquillo.

O homem não póde deixar de soffrer desde que toda a sua vida seja de antemão regulada por leis a que deve obedecêr sob ameaça de castigo, apesar de não acreditar na sua legitimidade e na sua justiça, muitas vêzes mesmo tendo perfeita consciencia da sua crueldade e do seu carácter artificial.

A feição caracteristica do homem civilizado é obedecêr ao que é considerado pela maioria das pessôas como iníquo, isto é, contrário á consciencia.

A educação é a tendencia de um individuo a tornar outro individuo tal qual elle proprio é.

Toda a vida historica da humanidade consiste numa passagem gradual da concepção pessoal e animal da vida á concepção social, e d'esta á concepção divina.

Consome-se cada um a querêr adquirir o que lhe é inutil, mas que a opinião e a doutrina do mundo exigem, fazendo-o sentir-se infeliz pela privação. Apenas obtido esse objecto, é preciso outro, e depois outro, e outro, e assim dura sem fim esse trabalho de Sisypho, que destroe a vida dos homens.

Para que a nossa ordem social, contrária á consciencia dos homens, désse logar a uma ordem que lhe fosse conforme, seria preciso que a velha opinião publica, já caduca, fosse substi-

tuida por uma opinião nova e cheia de vida. Ora, para isso seria preciso que os homens que teem consciencia das novas exigencias da vida as exprimissem claramente.

Como succede sentirem-se os homens suffocados sobre a bella terra, sob o infinito dos ceus estrellados? Como podem conservar sentimentos de odio e de vingança, a furia de destruição contra o seu semelhante? Tudo que de mau referve no coração do homem deveria dissipar-se na intimidade com a naturêza, — essa expressão absoluta do bello e do bom.

Não tive sempre as ideas religiosas que professo actualmente. Ha cinco annos (1) veio-me a fé, a crença na doutrina de Jesus, e toda a minha vida se modificou completamente.

A significação da doutrina de Jesus é simples e bem clara; mas os commentarios da sua doutrina baseados no desejo de sanccionar o mal existente obscureceram-na tanto, que são precisos esforços enormes para a descobrir.

Se um homem admitte o direito de resistir pela violencia ao que elle considera o mal, qualquer outro homem terá igualmente direito de resistir pela violência ao que este outro considera como mal.

Não sómente nada ha de commum entre as Igrejas e o Christianismo, excepto o nome, mas os seus principios são absolutamente oppostos e hostis.

Uma das primeiras condições da felicidade é uma existencia que não destrua a união do homem com a naturêza, isto é, com o ceu, o sol, o ar puro, a terra coberta de plantas e povoada de animaes.

Encontra-se na fisiologia, na psicologia, na biologia, na sociologia, uma pobreza d'espirito assombrosa, uma pretenção injustificada de resolvêr questões em que não são competentes. Só d'ellas resulta o collocarem o pensadôr em contradicção perpetua com os outros pensadôres, e muitas vezes comsigo mesmo.

A theoria é o que o homem sabe; a pratica, o que elle faz.

Se se quiser dar uma definição exacta da arte, é preciso considera-la, não como um meio de prazêr, mas como uma das condições da vida humana.

A obra d'arte consiste em tornar comprehensivel e accessivel o que sob a forma da tese poderia sêr incomprehensivel e inaccessivel. A quem recebe uma impressão verdadeiramente artistica parece-lhe sempre que já vira a coisa antes, mas que fôra incapaz de a exprimir.

A arte, para sêr arte, deve antes de tudo sêr intelligivel.

A felicidade, é vivêr com a naturêza, vê-la, sentila, falar-lhe.

Todo o pensamento é ao mesmo tempo exacto e falso; falso porque é limitado pela nossa impossibilidade de abarcar toda a verdade, exacto porque exprime uma das faces do pensamento humano.

O fim da arte é a união fraternal dos homens.

Pretende-se que a realidade, é o que existe; ou por outra, que só o que existe é real. Succede precisamente o contrario. A realidade, a que nós conhecemos verdadeiramente, é o que nunca existiu.

A instrucção e a educação são duas noções distinctas.

Os chamados grandes homens da accão são simplesmente os rótulos da historia: dão

(1) Em 1879, na edade de 51 annos.

os seus nomes aos acontecimentos, sem mesmo têrem, como os rótulos, a menor ligação com o facto em si.

Mães, sois vós que tendes nas vossas mãos a salvação do mundo!

O unico bem consiste em amar sempre os homens, e em lhes abandonar tudo que se tem.

Nunca a mesma verdade é considerada sob o mesmo aspecto por duas pessôas.

A piedade é sempre o mesmo sentimento, tenhamo-la por um homem ou por uma môsca.

Não é a violencia, mas o bem que supprime o mal.

Ao que te diz uma má palavra, não respondas: o proprio se envergonhará d'ella.

Fala-se muito do provincialismo das pequenas cidades; mas não ha peior provincialismo que o da grande sociedade.

Em materia de sentimento a falta de logica é a melhor prova de sinceridade.

O casamento, tal como existe hoje, é a mais odiosa de todas as mentiras, a forma suprema do egoismo.

São as mulheres que fazem a opinião publica. E as mulheres são muito fortes, sobretudo no nosso tempo.

A marcha da humanidade para o bem é feita, não pelos tirannos, mas pelos martires.

Em todas as circumstancias da vida, o essencial não é sabêr o que é bom e necessario, mas saber qual é, entre as coisas bôas e necessarias, a primeira em importancia, a segunda, a terceira, etc.

Dirigia-me uma vêz para a porta Borovitzky (em Moscou); debaixo d'ella estava um velho mendigo côxo. Tirei a bolsa para lhe dar esmola. Nesse instante vi saír do Kremlin um joven granadeiro, de face córada, ar marcial, vestido do capote regulamentar de pelle de carneiro, fornecido pelo Estado. O mendigo, mal o viu, levantou-se atemorizado e pôs-se a corrêr a pé coxinho para o jardim Alexandre. O granadeiro, após uma inutil tentativa de o agarrar, parou, vociferando contra o maltrapilho que se collocára sob a porta em contrário do regulamento. Esperei o granadeiro. Quando chegou a mim, perguntei-lhe se sabia lêr.

— Sim, porquê?

— Lêste o Evangelho?

— Sim.

— E lembras-te d'estas palavras: «E quem der de comer aos esfaimados...» Citei-lhe a passagem. Lembrava-se d'ella e ouviu-me até ao fim. Percebi que se atrapalhava. De repente, animou-se o seu olhar intelligente, olhou-me sobre o hombro, como quem se afasta:

— E o regulamento militar, conhece-lo tu?

Respondi que não.

— Então não tens nada a dizer, retorquiu com um movimento de cabeça victorioso, dirigindo-se arrogantemente para o seu posto.

Foi o unico homem que na minha vida encontrei tendo resolvido com uma logica inflexivel o eterno problema que se ergue ante mim no meio do nosso estado social, e que se ergue diante de todo o homem que se diz christão. O problema do granadeiro — o Evangelho ou o regulamento militar, a lei divina ou a lei humana —, levanta-se em face da humanidade, hoje como no tempo de Samuel.

A PROMISCUIDADE DOS SEXOS NAS ESCOLAS

Como se educam os americanos

O primeiro cuidado dos instituidores de uma escola na America do Norte todo é tornarem-na simpathica áquelles que hão-de vir a frequentá-la. E tanto este primeiro cuidado lhes absorve as attenções, e tão disveladas são essas attenções, que o resultado é sempre o que se teve em mira.

Antes de tudo, antes de mais nada, procura-se um bom logar, quer-se uma excellente atmosfera, requer-se uma formosa paisagem: a Northwestern University espelha-se nas aguas do lago Michigan; a Cornell University repousa na doce tranquillidade campesina da Ithaca, que tanto lembra a Suissa; a de Berkeley, abrigada entre verdejantes colinas, domina todo o inegualavel panorama da bahia de São Francisco, com o seu Monte Tamalpaïs e a sua Cancella de Oiro; a Academia Militar, onde se ministra o ensino superior da arte da guerra, isola-se na paz idilica de Westpoint, sob os frondosos arvoredos que ensombram aquella margem do Hudson.

Escolhido o logar onde ha de estabelecer-se a escola, passa-se a construir o edificio onde a escola ha de funccionar. E a construcção, com este designio, faz-se desde a primeira pedra; nunca um velho predio serviu á instalação de uma nova escola. Vem o architecto, vem o higienista, vem o pedagogista e discutem, todos juntos, todos convictos da necessidade de se entenderem entre si, e cada qual na melhor intenção de acertar. A escola tem de resultar, e invariavelmente resulta, do commum acôrdo dos três. Demandam elles então grandes espaços, abundancias de ar, catadupas de luz; e as aulas, as salas de estudo, os gimnasios, as bibliotecas, os laboratorios, os gabinetes de demonstração, os museus, as officinas repartem-se por vastas divisões, recebem toda a necessaria claridade, dispõem de toda a ventilação que lhes convenha.

Erguido o edificio, trata-se de recheá-lo. Despediu-se o architecto, chama-se o fabricante de mobilia. O higienista e o pedagogista não arredam pé. O fabricante de mobilia vem entender-se com elles, discutir com

elles, pôr-se de acôrdo com elles. O que elles dissérem de sua razão terá de harmonisar-se com aquillo que o outro soubér do seu officio, para se poder chegar ao que se tem em vista e que nunca se perde de vista: a mais perfeita pratica da idéa que se considere a mais perfeita. A' escolha do mobiliario escolar liga-se uma attenção de todos os dias, e parece que em cada dia se descobre alguma coisa que o modifica para melhor. As anomalias da visão, as deformidades da columna vertebral, assignaladas por intensas percentagens na população infantil das nossas escolas da Europa, reduzem-se para a America na razão directa do aperfeiçoamento das suas mesas e dos seus bancos de aula. Um carpinteiro entra no dominio das sciencias medicas e ajuda-as a resolverem um dos seus mais difficeis problemas. Póde acontecer, acontece, ter elle apenas descoberto que uma simples cravelha, uma modestissima cravelha, uma cravelha de que ninguem se lembrava, desviada d'um certo furo e mudada para um furo mais acima ou para um furo mais abaixo, permittirá que um rapaz, ou uma rapariga de muito alta estatura, em vez de ser obrigada a dobrar as pernas, a ficar com os joelhos á bôca e a vergar as costas para se ageitar á altura do banco e da carteira que lhe destinaram na sua aula, fique sentada muito á sua vontade, com a perna bem posta, o joelho naturalmente dobrado, a costa direita. Uma cravelha é nada, ou quasi nada. Mas se elle não tivesse dado a mobilidade que deu ao assento do banco e ao tampo da carteira, por meio da sua cravelha, a rapariga viria a tornar-se marréca e o rapaz pitósga, ou a rapariga pitósga e o rapaz marréco.

UMA TOILETTE DE GYMNASTA

Depois do mobiliario, o revestimento das paredes, o abastecer dos armarios, vitrinas e estantes; a acquisição das colleções destinadas ao ensino da geografia, da historia, das sciencias fisicas, das sciencias chimicas, das sciencias naturaes, da arte; a escolha dos aparelhos e das machinas que hão-de servir ás demonstrações da mecanica; a dotação dos laboratorios que hão-de servir ás demonstrações da chimica... E tudo isto se obtem á custa de muitas centenas de dollares, de muitos milhares de dollares, gastos com prodigalidade; e tudo é do bom, tudo do melhor, tudo do optimo. Os mappas em relevo, os quadros graficos, os modelos do desenho, da pintura e da esculptura; os passaros, os insectos e outros bicharôcos que hão-de animar as lições da zoologia; as plantas, as flores, os fructos, que hão-de excitar a curiosidade do que se passa nos dominios do reino vegetal; as pedras, os pedaços de rocha, as amostras de minerios que hão-de dar vida ao estudo dos corpos inorganicos; os objectos, aparelhos, coisas que hão-de evidenciar, explicar, tornar palpaveis as verdades da cinematica, da estatica, da dinamica, os principios da hidrostatica, da hidrodinamica e da capillaridade; os fenomenos da acustica e da optica; as theorias do calor, do magnetismo, da electricidade; os pequenos machinismos, postos em movimento deante dos olhos que hão-de mais tarde attentar nos machinismos grandes; as retortas, os balões, os alambiques, os ma-

trazes, que hão-de dar o conhecimento exacto das leis que regulam as combinações e decomposições da chimica — tudo isso foi manipulado, arranjado, combinado, posto nos seus logares, disposto por sua ordem, obedecendo em rigor ao intuito de tornar a lição das coisas e dos factos o mais efficaz possivel, pelos meios os mais inductivos, mais elucidativos, e mais recreativos.

Provida a escola de todo este material, tendo-se acabado de cuidar d'aquillo que se julgou imprescindivel para a efficacia do ensino e facilidade do estudo, passa-se á procura dos meios de amenisar fisiologicamente — se assim me deixam dizer — a estada do alumno dentro da sua escola. Chega a vez aos exercicios da gimnastica, aos jogos, aos bicicletas fixas e pranchas, halteres de todos os pesos, bolas de todos os tamanhos, cachamorras de todos os feitios — todo um laboratorio de febra e de denodo.

Quando se tem percorrido as aulas de qualquer d'esses institutos, academias ou universidades, e se entra em um d'esses gimnasios, não se sabe ao certo o que é que a pedagogia americana pretende desenvolver mais nos rapazes e nas raparigas do seu paiz: se os cerebros, se os cachaços e os hombros; se o gosto pelas fainas intellectuaes, se a paixão pela athletica.

Se do ramo dos estudos universitarios saltamos para o ramo do ensino technologico, não tenhamos pejo de ficar boquiabertos. No funccionamento dos ateliers onde se desdo-

O FOOT BALL

desportos. E ahi temos os gimnasios, os campos para o *tennis*, para o *hockey*, para o *foot ball*, para o *base ball*, e as piscinas para a natação e para as lições de remar.

Os gimnasios! Mas que gimnasios! O chão recoberto de um linoleum muito espesso, quasi elastico, do mais suave piso, que só por si já convida ao pulo e á corrida; no ar, e em todos os sentidos, os trapezios, as escadas de corda, as cordas, as argolas; de um lado os trampolins e as barras fixas; do outro, os aparelhos destinados ao exercicio especial dos diversos musculos: para os longitudinaes, para os lateraes, para os dorsaes, para os do pescoço, para os do abdomen, para os das pernas e para os dos braços; em toda a volta das immensas salas, as galerias para as corridas; e por toda a parte bra a mecanica aplicada, todas as theorias, todos os calculos, todas as demonstrações se explicam, se provam, se confirmam pela presença de machinas em movimento, machinas que vêm de toda a parte do mundo onde alguem as inventou, machinas que são sempre as ultimas machinas, a ultima novidade, a ultima palavra. Quer-se resolver um problema de resistencia de materiaes? Vêm operarios, indica-se-lhes a construcção de uma abobada da parte de fóra da aula, pespega-se-lhes em cima um aparelho de pressão de duzentas toneladas, e aguardam-se os acontecimentos, de que ha-de resultar a lição. Quer-se realisar uma certa experiencia de economia de vapor? Faz-se a caldeira que ha-de servir para essa experiencia. Pretende-se ver um verdadeiro freio Westin-

ghouse a fazer o seu dever? Venha o freio Westinghouse! Mas para que tudo isto se faça é necessario que corra um rio de dinheiro. Pois bem: o millionario benemerito, o millionario amigo da sciencia, o millionario patriota puxa os cordões á bolsa, abre a comporta, e o rio de dinheiro irrompe em cachões...

. Se em vez de um engenheiro de machinas se deseja formar um engenheiro de minas, ou um engenheiro de pontes e calçadas; ou se em vez de um engenheiro se quer um chimico, um architecto, um geologo, um medico, um pintor, um esculptor, um dentista, um musico, um professor, um official da marinha ou um official do exercito, um guarda-livros, um pedicuro, um decorador, um telegrafista, um cozinheiro, um actor — a escola que terá de ser frequentada pelo rapaz ou rapariga que se destine a qualquer d'essas profissões, artes, officios e misteres será sempre uma escola de feição acentuadamente pratica, utilitaria, realista. Ver para compreender — eis o lemma. Theorias só por si são para elles litteratura. Todas as abstracções se querem verificadas por palpaveis realidades. Algarismos sobre papel, algarismos sem mais nada, são pura metafisica. Coisas que se vejam, coisas que se tóquem, coisas que vivam, coisas que sejam meios e que tenham fins — é isso o que se quer, porque é isso o que se precisa.

TYPO DE ESTUDANTE AMERICANO

Diga-se, muito embora, que não é este o ensino que conduz as intelligencias á supremacia creadora, á afinação de faculdades que predispõem para o invento. Quantos factos o refutam no que diz respeito á America! Mas ninguem dirá não ser este o ensino soberano no campo das aplicações.

Nas escolas da America, o ensino da moral não é uma coisa méramente theorica. Quasi se póde dizer que não se gasta tempo com o ensino theorico da moral. O influxo moral vem da propria pratica das obrigações escolares, implicita no proprio funccionamento do mecanismo escolar.

A todo o professorado incumbe sempre um papel educativo; não ha um corpo educativo especial, independente do corpo docente, para superintender nos alumnos fóra da faina intellectual. Assim se fixa um regimen de liberdade, de desenvolvimento espontaneo da moralidade nas creanças, cujos resultados optimos cada dia se affirmam, depois, no decorrer da vida. Os professores limitam-se a fornecer aos alumnos, pela instrução, um methodo de independencia intellectual, sem lhes incutir crenças determinadas, sem sujeitar as idéas moraes a um crédo, sem exposição dogmatica de doutrinas e sistemas de moral, a não ser, claro está, com o espirito scientifico, quando se chega ao ensino da filosofia. Aproveita-se o mais que é possivel a influencia resultante da corrente de simpatia que deve existir entre o professor e os discipulos. A palavra, o procedimento, o caracter d'aquelle que ensina exercem uma acção constante sobre o espirito d'aquelle que aprende. O primeiro effeito d'esta influencia traduz-se no prazer com que todo o alumno corre para a sua aula.

Uma parte muito avultada do professorado é constituida por mulheres. Tem-se a

opinião de que as mulheres, na educação das creanças, succedem ás mães mais naturalmente que os homens, sabem melhor cultivar o sentimento nos corações pequeninos. Quem poderá defender uma opposta opinião? Faz-se da mestra uma intermediaria entre a mãe e o professor e alarga-se a sua acção maternal tanto quanto o consente a sua capacidade pedagogica. Rapazes de quinze annos, dezeseis annos, dezesete annos vam ainda á mestra — e vam *ainda* á mestra, porque essa mestra *já* póde ensinar-lhes materia que entra nos programas do ensino secundario. Diz se na Europa que o ensino dos rapazes deve ser, antes de tudo, viril, uma vez que tende a formar caracteres; e, onde isto se crê, o ensino pela mulher não sóbe além das classes primarias e infantís. Na America, pensa-se exactamente o mesmo, mas faz-se exactamente o contrario. Comparados os resultados da pratica, o que se apura? Apura-se que a percentagem dos efeminados na população das escolas da Europa attinge cifras intensamente lamentaveis, e que é aterrador o numero dos falhos de caracter que sáem d'essas mesmas escolas; ao passo que dos casos perigosos de efeminismo nas escolas masculinas da America ninguem dá fé, e o caracter com que os alumnos d'essas escolas se apresentam e entram na vida social é modelar de integridade, de rijeza, de tesura.

UM NOTAVEL HALF-BACK

A promiscuidade dos sexos, desde o *kindergarten,* ou jardim da infancia, até á *high school,* ou escola superior, virilisa o chamado sexo fragil e desbasta as arestas do chamado sexo forte. A coeducação traz, desde logo, o sentimento exacto da dignidade dos sexos; em seguida, estabelece entre elles relações de affecto, que começam pelas inclinações ingenuas da infancia, se continuam no desabrochar das simpathias mais intensas que traz a adolescencia, e finalmente se definem como norma de sociabilidade no mutuo respeito das idades adultas.

Muito me tenho divertido eu agora, depois de estar na America, á custa d'aquelles que pretendem fazer passar por coisa séria o movimento feminista na Europa! Querem que a mulher tenha todos os direitos e todas as garantias; querem que ella seja, verdadeiramente, na sociedade como na natureza, a companheira do homem; dizem-na escrava e offerecem-lhe a alforria. Mas esquecem o melhor, ou ignoram o melhor, ou não fazem caso do melhor — que é o saberem amá-la, e aprenderem a amá-la. Reformem os codigos em beneficio d'ella, legislem para ella as maximas regalias, façam-na participar por metade em todos os lucros da vida material — e perguntem-lhe se assim fica contente. Dirá que não. Ella só se mostrará contente quando se souber verdadeiramente amada. A mulher americana sabe-se verdadeiramente amada porque foi ella mesma que ensinou o homem a amá-la, nas idades em que o amôr, como qualquer materia de programa escolar, se aprende melhor e nunca mais esquece, hombro com hombro nos mesmos bancos de aula, aos pares e aos grupos nas horas de recreio... O feminismo só deixará de ser, nos paizes em que o é, um disparate ou uma mistificação, quando não mais interceptar na educação dos rapazes o convivio das raparigas. Como evitar as contingencias perigosas que até agora têm servido de razão para combater a promiscuidade além das escolas de primeira infancia? Levando-os a correr o perigo d'essas contingencias, sob a vigilancia bem rigorosa, mas bem dissimulada, de uma habil policia que promtamente acuda aos possiveis desmandos dos temperamentos.

Porque o caso é este: nós, na Europa,

não vencemos o receio de juntar nas escolas rapazes de quinze annos com raparigas de quinze annos, porque todos nós passámos por aquellas mesmas idades, e sabemos o que teriamos feito se os nossos paes não houvessem pensado a nosso respeito o mesmo que nós pensamos a respeito dos nossos filhos. Ha até um proverbio que compara os perigos da promiscuidade aos do lume perto da estopa. E como não vencemos tal receio, não tentamos a experiencia. Os americanos fizeram-na, e com tão bom resultado, que nella basearam a idealisação de um curso de amôr inherente a todos os outros cursos professados nas suas escolas — um curso que não tem aulas, nem mestres, nem programas, mas em que todos os rapazes e todas as raparigas, sem darem por isso, se matriculam, se aplicam, e de que tiram optimos proveitos.

UMA ESCOLA DE RAPARIGAS
APRENDENDO A DESCER DE UM CARRO A ANDAR

Sente-se o menos que é possivel do regimen disciplinar. Nas aulas e nas salas de estudo, os estudantes estão sempre á sua vontade, entram e sáem quando querem, não pedindo licenças, nem apresentando desculpas. Cada qual tem sua mesa, sua cadeira, seus petrechos proprios. O internato penitenciario, o internato-condemnação, onde os paes encarceram os filhos sob o pretexto de não poderem exercer directamente sobre elles uma conveniente acção repressiva, não existe.

Emquanto dura a frequencia das escolas primarias e das escolas de grammatica, *grammar schools* — os pequenotes e as pequenotas sáem todas as manhãs de suas casas para as aulas, e das aulas voltam todas as tardes para suas casas. Sempre sós, sempre sobre si. Depois, quando chega o momento de passar á escola superior, á academia, ao instituto, á universidade, dizem adeus á familia, e vam viver ao redor das suas novas aulas. E é então ahi que o estado ou o millionario benemerito lhes têm preparado, disposto, arranjado um novo meio domestico, organisado uma outra nova vida de familia.

Se o estabelecimento de ensino é só destinado a raparigas, como o Smith College, nem por isso ellas são privadas do convivio dos rapazes. Se é destinado a rapazes, como a Military Academy, nem por isso elles são privados do convivio das raparigas. Naquelles onde se dá a coeducação dos dois sexos, as ramarias altas das arvores do mesmo parque repartem a mesma fresca sombra pela janella de Paulo e pela varanda de Virginia.

Nuns e noutros, nem dormitorios, nem camaratas, nem coisa que se pareça com as aglomerações do internato europeu. Quando o estudante, ou a estudante, não dispõe de bastante dinheiro para poder ter o seu quarto de dormir, o seu quarto de banho e o seu gabinete de trabalho só para si, junta-se esse estudante com outro estudante, ou essa estudante com outra estudante, e occupam em commum o quarto de cama, o quarto de banho e o gabinete de trabalho. Assim se lhes conserva, longe da casa que tiveram de deixar, o espirito do *home*. Debaixo de arvoredos, orlados de canteiros de flôres, abraçados por trepadeiras, cheios de luz, de frescura e de perfume, são por si só idilios estes albergues de alegre juventude. Elles e ellas os recheiam e decoram á sua fantasia, levando para lá os seus moveis, os seus quadros, os seus *bibelots*, tudo quanto possa proporcionar-lhes o bem-estar, o conforto, o contentamento que só verdadeiramente se tem quando se entra na tóca que é a nossa tóca, quando se está no ninho que é o nosso ninho. O *causy corner*, o recanto da paz intima, improvisam-no de dois *fauteuils*, um biombo e alguns almofadões. Sobre rumas de livros pousam florei-

ras; e quando mais não seja que uma mão cheia de *sweet-peas,* que são flôres de ervilha, nessas floreiras sempre ha-de haver flôres.

Dos encantos tranquillos do *home,* a vida ao redor das aulas desdobra-se, por horas vagas, no agitado convivio do club. Os clubs escolares são muitos, e de muito diversas indoles. Ha os clubs de debates, destinados a estimular a paixão do discutir; ha os clubs do sport, que promovem os *matchs* em que tanto se encarniçam universidades contra universidades; ha os clubs de declamação, com theatro proprio onde os socios representam; ha os clubs de imprensa, que publicam jornaes e revistas; ha os clubs de musica, que organisam concertos. Cada club tem sua installação propria, e todos elles suas bibliothecas, suas salas de jogos, suas salas de recepção. A's recepções dos clubs de raparigas vam os rapazes; ás dos clubs de rapazes vam as raparigas. Dança-se, joga-se, recita-se, faz-se gimnastica, faz-se musica, namora-se. Namora-se. Pois então? Mas namora-se ás claras, namora-se sem subterfugio, namora-se á vista de todos. O namoro, nestas condições, torna-se um exercicio escolar de ordem moral tão proveitoso como reconhecidamente o é o *foot ball* na ordem fisica. Promove a affabilidade, amabilisa o trato, incita ao galanteio, conduz a uma tão fraternal aproximação dos sexos, que assim, nesses francos recontros, toda a idéa pecaminosa se esfuma, se desvanece...

UM PEQUENO JOGADOR DE FOOT BALL

UM VASTO CAMPO DE JOGOS

No regimen da alimentação, fornecida ás populações escolares pelos vastos restaurantes que lhes são privativos, instilla-se o preceito da sobriedade, previne-se o estorvo que todo o excesso das funções digestivas póde trazer á justa cadencia das funções mentaes. A lista das refeições reune tudo quanto póde dar uma salutar base alimenticia sem pezar no estomago: ovos, aves, vegetaes, féculas. E tudo isto servido sob as mais ligeiras fórmas culinarias: os caldos, os purés, as papas, as omelettes, os assados, as saladas, as compotas, as tortas, os pudings. Nem vinho, nem cerveja: só leite, chá e agua. E muitissima fructa!

Finalmente, a democratisação da escola americana garante a democratisação da sociedade americana. Não ha lição de moral mais bella do que essa que dimana do convivio affectuoso das aulas onde se alinham, hombro a hombro, os filhos dos millionarios com os filhos dos cavadores. Não ha onde buscar uma tão commovente exemplificação do ideal egualitario como a que nos offerecem esses rapazes e essas raparigas com largos bens de fortuna, attraindo ao seu trato intimo esses outros rapazes e essas outras raparigas das mais pobres classes, acompanhando e fraternisando com elles e com ellas, consentindo, aplaudindo que nos intervalos das aulas procurem as mais humildes occupações — como o servir á mesa nos restaurantes, fazer recados, fazer barbas, lavar, engommar e dar passagens em roupa — pedindo-lhes mesmo esses pequenos serviços a troco de remunerações com que, sem os vexar, os ajudam a tirar os seus cursos!

ALFREDO DE MESQUITA.

A cultura das arvores anans no Japão

Um dos mais notaveis caracteristicos do povo japonês é o seu amôr das coisas pequenas. Não que lhe falte o dom de apreciar o que é grande e imponente; mas o certo é que tem uma natural propensão para o mimôso e minusculo. As pequeninas coisas parecem fascina-lo; e a pequenêz tornou-se a seus olhos como um padrão de merito artistico.

Esta tendencia é sobretudo visivel na horticultura japonêsa. Para os nossos espiritos de occidentaes, o jardim ideal consiste numa vasta extensão com relva, lagos e longas avenidas. Mas o japonês planeia um jardim, perfeito em todos os detalhes, cuja area total é menor que a de uma nossa mêsa de jantar. Realizado, esse plano não produz uma simples floreira, — uma coisa de momento, feita para durar apenas alguns dias estivaes, — mas uma obra d'arte cuidadosamente executada, um goso de todos os dias, um entretenimento para sempre. Sob o meticuloso cuidado do seu proprietario, hade crescêr e prosperar por um tempo indefinido, e passar como herança de uma geração para outra.

Larício de 45 annos. Quatro arvores plantadas juntas e com os ramos entrelaçados.

Foi sem duvida este amôr dos jardins microscopicos que levou á pratica japonêsa de criar e cultivar arvores anans. Sem duvida que é facílimo para qualquer jardineiro enfezar uma arvore pelo simples processo de a cortar,

ou de a deixar minguar á falta de sustento. Mas d'esse processo unicamente resulta uma feia disformidade,

Larício de 85 annos (£0$000 réis)

— o que é um caso diversíssimo do das arvores anans japonêsas. Estas apresentam nos troncos e ramos todos os signaes de uma nodosa senectude, — e as raizes apparecem sobre a terra

Uma fáia de 56 centimetros, plantada em 1817, anno em que foi executado Gomes Freire.

em curvas tortuosas. São, de facto, verdadeiras miniaturas vivas das arvores florestaes.

A arte de produzir arvores anans é muito antiga. Não ficou tradicção da sua origem; mas o segredo foi passando de paes a filhos em algumas fa-

Romanzeira de 87 annos de idade

milias, e é guardado com escrupulosa cautela. Nos arredores de Tokio os artistas da arvore formaram uma colonia de vinte ou trinta casas, e d'esse centro o trabalho irradia para todas as partes do mundo.

Conifera plantada em 1782, e do valor de 55$000 réis

Nos remotos tempos as arvores eram muito exportadas para a China, afim de sèrem usadas na decoração das casas e jardins. Hoje o apreço dos

Celestiaes por esses mimosos trabalhos de arte parece têr declinado. Na nossa colonia de Macau podem vêr-se alguns exemplares ordinarios mas curiosos, pelas ruas do bairro china, e especialmente nas casas de *fantan*. E' facil encontrar tangerineiras-anans,

Abeto de pouco mais de um palmo de altura, plantado em 1841, anno em que foi escrito o *Alfageme de Santarem*.

Thuia de 300 annos de idade e do valor de 470$000 réis

sustentando nos troncos miniaturaes tangerinas do tamanho ordinario. De resto, ha ali, em épocas determinadas, exposições de horticultura curiosissimas.

Apesar de o apreço dos Chinêses têr diminuido, a pequena colonia de

Larício de 45 annos de idade

Tokio continua florescendo, porque ultimamente tem tido que satisfazer as

Junipro de 35 centimetros e 120 annos de idade

encommendas crescentes da civilização occidental.

Pode dizêr-se que a qualidade essencial ao exito d'esta especial cultura é a paciencia, — uma infinita paciencia, lastrada por um fundo de calma

resignação desconhecida aos occidentaes. Cincoenta annos são o menor periodo necessario para conseguir um exemplar realmente bom e capaz de sêr vendido, e uma vida inteira não é bastante para conseguir as obras primas da arte. O artista simplesmente faz o principio: os filhos, talvez mesmo os netos, recolhem o premio dos seus trabalhos.

As arvores-anans são obtidas por semente, ou, nos casos em que tal não

Arvore anan avaliada em 45$000 réis

é praticavel, por estacas cuidadosamente escolhidas. Quando a plantasinha começa a crescêr, é tratada com incessante desvêlo, e desde o começo da sua vida as suas tendencias naturaes são subjugadas pela vontade do artista. Cada rebento, cada folha desde que apparece, torna-se objecto da mais attenta observação. Ser-lhe-á permittido crescêr, e neste caso em que direcção? Não será melhor cor-

Bôrdo de 40 centimetros d'altura e 46 annos de idade

ta-la de vêz, e favorecêr o crescimento por outro lado? Dezenas de problemas semelhantes occupam o pensamento do mestre japonês, e da sua correcta solução depende o valôr final da arvore: porque, para sêr perfeita, a anan tem de possuir forma e equilibrio identicos aos dos melhores modêlos em tamanho natural.

Carvalho plantado em 1844, anno em que foi escrito o *Frei Luis de Sousa*

O artista tem a seu dispôr uns poucos de seculos de experiencia hereditária. A isto accresce-lhe a qualidade

que Buffon identificou com o genio: a infinita aptidão para a paciencia. Corta e póda o seu exemplar, ás vêzes sem

Arvore de 45 centimetros d'altura e 50 annos de idade

dó, mas sempre com immenso cuidado e applicação. Por vêzes com vime ou arame traz uma hastezinha rebelde para a posição competente; depois, passados dois ou três annos, quando a direcção da haste está perfeitamente determinada, as ataduras são cortadas. De tempos a tempos a arvore é transvasada com todo o mimo, e nes-

Bôrdo «fôlha d'hera» plantado em 1854, anno em que morreu Garrett

sas occasiões as raizes são sujeitas a minucioso exame. Por seu turno recebem ellas tanta attenção como os ramos. Soffrem ablação as massas filamentosas desnecessarias, as raizes principaes são libertas e auxiliadas, e o todo cautelosamente acamado em terra nova.

Tudo é feito, na realidade, de modo a concentrar a vida da arvore no menor espaço possivel. E, finalmente, após annos de ininterrupto trabalho, começa ella a correspondêr ao plano do seu directôr. Perde a tendencia a lançar e expandir rebentos vigorosos; as folhas

Thuia de 300 annos, e do valôr de 470$000 réis

tornam-se pequeninas e proporcionadas aos ramos. Rende-se, por assim dizêr, na sua lucta pela liberdade, e torna-se perfeitamente dócil.

Além das arvores florestaes, como carvalhos, ulmeiros, faias, muitas outras qualidades são submettidas a este processo: na realidade, quasi todas as arvores indigenas do Japão, como mui-

tas especies importadas, são assim apresentadas em miniatura. Alguns dos

Camelia anan (30$000 réis)

mais encantadôres exemplos são as pequeninas arvores de fruto, — cerejeiras, ameixieiras, macieiras, — que, quando em plena florescencia, dão a mais bella decoração de mêsa que é possivel imaginar.

Ha um encanto irresistivel e particular nestas arvores. Olhando-se para ellas pela primeira vez oscillamos entre o riso e a attenção recolhida. São tão ridiculamente pequeninas e insignificantes! E comtudo viviam e floresciam quando os nossos bisavós eram crianças de peito!

Para muita gente tem não sei quê de desagradavel, — para não dizêr bruxedo, — este tratamento. Mas ha que distinguir. Considerando-as simplesmente como arvores, as anans são a perfeita figuração do desnatural. Mas para a alma japonêsa são menos arvores do que pinturas. Ninguem reprova uma pintura de paisagem por têr as montanhas de três dedos de altura: montes e rios são representados em miniatura, e semelhantemente succede com as arvores anans. Assim pensa o japonês.

Os compradôres nos estabelecimentos de venda são prevenidos de que os seus especimes podem, em caso de necessidade, ser enviados «ao hospital», por uma pequena mensalidade; e esta precaução é muito necessária, visto que a existencia de um exemplar de valôr que por qualquer motivo adoecesse, pode muitas vezes sêr salva por um pequeno tratamento feito a tempo por algum especialista.

O preço dos exemplares depende da sua idade, tamanho e forma. Um pequenino carvalho, de apenas 86 primaveras, pode obtêr-se por uns sessenta mil réis; os mais novos, de uns 40 annos, apenas custam algumas libras; um bôrdo plantado em fins do

Rodocarpus okina (115$000 réis)

seculo XVII seria bem comprado por cêrca de 140$000 réis.

Mas estes preços são insignificantes comparados com as sommas que teem sido dadas por alguns de extraordinaria idade e grande perfeição. Assim

Bordos casados, de 40 annos aproximadamente. Duas arvores entrelaçadas, e avaliadas em 55$000 réis.

um especime de 300 annos e perfeitissimo foi pago por quinhentos mil réis.

Poucos europeus achariam que valesse a pena gastar tanto dinheiro com uma planta que muitos julgariam grutesca; mas é que não pensamos no tempo e trabalho que um tal mimo representa. No Japão, onde esta arte é muito apreciada, os que desejam possuir um bom exemplar pagam o preço pedido sem hesitação.

Emfim, algumas arvores-anans parecem aves ou outros animaes, e são geralmente obtidas pela combinação de três ou mais individuos plantados no mesmo vaso. Um metodo bastante seguido é escolher algumas bôas hastes numa arvore de tamanho natural; depois a base de cada uma é desnudada e rodeada de uma massa de terra coberta depois com musgo, e o todo finalmente ligado com arame ou vime. O musgo e a terra são conservados humidos, e decorrido um periodo de três mêzes a dois annos (conforme a qualidade da arvore), a haste começa a deitar raizes para a terra que a rodeia. Em todo este tempo tem sido dada a maior attenção ao desenvolvimento da haste acima da desnudação, de maneira que quando ella, agora com raizes, é cortada da arvore-mãe, já se encontra numa época avançada do tratamento. Três ou quatro d'estas hastes, emfim arvores independentes, são plantadas juntas num vaso pouco fundo cheio de bôa terra, e continua-se então num trabalho de educação combinada. Assim o tempo para a obtenção de uma bôa arvore-fantasia é bastante diminuido; comtudo, ainda teem que decorrêr uns trinta a quarenta annos antes que a arvore possa sêr considerada perfeita.

Uma especie de arvore anan muito popular no Oriente é a chamada «arvore casada». Produz-se pelo entrelaçamento de duas pequenas arvores, de tal forma que apesar de crescerem independentemente, conservam os troncos inseparaveis.

Thuia de meio metro d'altura e mais de 200 annos de idade

Transformação das flôres e dos frutos em metal

Os alchimistas procuram ainda a pedra filosofal; ainda se pensa e trabalha para a transmutação dos metaes, e para a reproducção artificial das forças da Natureza que produzem os diamantes, rubis e outras joias cristalinas. Emquanto uma pleiada de estudiosos se tem concentrado nestes campos de actividade fascinadôres, outro scientista consagrou a energia do seu espirito a uma nova direcção, e conseguiu alguma cousa que pelo menos hade suscitar a admiração das damas.

Trata-se do meio de converter flores e frutos, e mesmo os orgãos animaes, em metal; o feiticeiro que fez esta descoberta é o professor Luis G. Delamothe, um eminente sabio electro-metalurgista americano. Tendo dedicado 25 annos de esforços á procura da «metalização» das plantas e animaes, sómente agora conseguiu um exito completo, após milhares de insuccessos desesperadôres.

CACTO
CONVERTIDO EM PIMENTEIRA

Deve calcular-se que se não trata simplesmente de um processso de galvanoplastia, quer dizer, de depositar sobre a superficie de uma petala, de um cravo, de uma môsca, etc., uma fina camada de metal: applicação que não seria uma arte nova. Já em 1875 foram expostos em Birmingham trabalhos nesse genero. Apresentou-se uma rosa completamente dourada, que era um especime do trabalho galvanoplastico extraordinariamente admiravel, por a delicadeza extrema das petalas o tornarem difficilimo. Outro exemplar muito curioso foi o de uma ran que soffrêra o mesmo tratamento, mostrando reproduzidas com fidelidade as côres de cada veia, e parecendo á primeira vista um trabalho d'esmalte magnifico. Para imitar a variedade natural de coloridos foi empregada uma longa diversidade de metaes. Mas nessa data a sciencia electro-metalurgica estava ainda na infancia. A operação exigia cautelas benedictinas, era extremamente dispendiosa e de exito precário. Portanto a tentativa ficou simplesmente como um *tour de force* curioso, sem futuro por não sêr pratica, não podendo sêr acceita como o inicio de um novo ramo das artes decorativas, dada a sua grande carestia.

Idea completamente original

O professôr Delamothe levou as suas pesquizas para direcção diversa. Não tentou esse caminho, já que os objectos assim tratados estavam condemnados a curta duração. Effectivamente, a materia organica debaixo de uma pellicula metalica só estava segura emquanto fôsse preservada das influencias corruptoras da atmosfera. Logo que a cobertura protectôra se partisse, o interiôr desfar-se-ia em poeira, como as mumias destituidas de seus envólucros. Esforçou-se pois em obtêr a conversão da materia organica em materia de caracter inorganico, por outras palavras, em conseguir transmudar plantas e animaes em solido metal, sem lhes modificar em cousa alguma a fórma e a côr. De facto, se olhardes para um cacho de uvas reduzido a estado metallico por este processo, direis com certeza que são verdadeiros frutos. Só depois de tocado se percebe o metal. As nervuras das folhas, a côr, o aveludado do fruto são os exactos naturaes, e tão admiravelmente obtidos que a desconfiança é impossivel.

UM CACHO DE UVAS PRETAS CONVERTIDAS EM METAL, COM TODAS AS CORES NATURAES

Um processo secreto

Como hade suppôr-se, quando um homem dedicou 25 annos de estudo aturado á effeituação de uma descoberta como esta, não está disposto a revelar ao mundo o seu segredo, antes procura obter uma recompensa individual dos seus esforços.

Consequentemente o professor Delamothe fundou um pequeno estabelecimento, sendo o trabalho metalizador feito á porta fechada por elle proprio ajudado por umas vinte pessôas escolhidas. Se o fabrico é impenetravel, o inventôr revelou porém as linhas muito geraes do seu metodo. A operação é toda executada por meios electricos. Após o primeiro grau de conversão o metal apresenta a côr e a apparencia do

cobre, mas muito mais leve e duas vezes mais duro. Deve dizêr-se que a solidez e a dureza d'estes artigos metallizados são um dos seus caracteristicos, de modo que podem sêr manejados sem receio. Conseguida assim a transmutação metalica, segue-se a coloração, que se realiza variando a força da corrente electrica em conjuncção com certas operações chimicas.

GERANIO ENCRISTADO
APPLICADO COMO BROCHE

As novas joias

Na «Chamber of Art Company» de Santa Rosa, na cidade californiana d'este nome, onde o professor Delamothe estabeleceu a sua curiosa industria, podem vêr-se, como um obsequio especial do inventor, varios artigos nos differentes graus de conversão. Eis por exemplo um pé de gallinha (destinado a ornar um prego de chapeu *Chantecler)* cuja carne foi metalizada. Apresenta um tom sujo, nesse grau anterior á coloração final. Além das uvas, de que já falámos, admiram-se tambem lindas rosas, uma grande môsca, etc., tudo transformado pelo feiticeiro tratamento.

O processo tem sido encaminhado de maneira a conseguir um duplo objectivo. Luthero Burbank, o extraordinario metamorfoseador das plantas, cujos trabalhos no desenvolvimento de novos frutos são tão conhecidos (1), é todos os annos inundado com encommendas de especimes da sua arte. Estas, comtudo, são de pouco valôr real, porque a decomposição sobrevem rapida, especialmente se o fruto é passado pelas mãos. Para poder satisfazer os pedidos do publico apreciadôr, alguns dos seus mais extraordinarios frutos são agora metalizados, de maneira que é assegurada a sua absoluta permanencia, e podem até sêr convertidos em objectos de uso vario. Por exemplo, o cacto sem espinhos foi transformado pela operação do professor Delamothe em saleiro, pimenteiro e assucareiro. Posto na mesa, passa perfeitamente pelo novo producto horticula natural, até que se notem os orificios na parte superiôr.

Nova fase da decoração

Semelhantemente, as folhas da sua «Heuchera Cristata» ou gerânio encristado, que Burbank produziu do gracioso gerânio bra-

PÉ DE GALLINHA METALLIZADO PARA SERVIR NUM PREGO DE CHAPEU A' «CHANTECLER»

vo, foram utilizadas para broches e alfinetes de gravata, conservando todo o brilhantismo original de colorido, e constituindo

(1) Vidè *Serões* de abril de 1910.

um attrahente artigo de joalharia e adorno pessoal.

Nada ha de natureza organica que não possa sêr metallizado por este processo, e os objectos d'arte produzidos assim criaram uma especie de mania no mundo feminino da America norte-occidental. As rosas metalizadas, e os infimos representantes do mundo animal são agora usados para adorno de cabello; e os frutos e as flôres servem para fins variadissimos, taes como molduras, quebra-luzes, etc. Sem duvida pois o invento abriu uma nova era da decoração, e tem um encanto especial indubitavel.

Em busca do Ideal

Singrando rudemente a vastidão do oceano,
Bojando soltas no ar as retezadas velas,
Em busca d'outro ceu e d'um thesoiro arcano,
Vagarosas, lá vão, as leves caravelas!

Eis que a vaga levanta e o vento sopra ufano,
Estruge assustadora a tempestade, e ellas
Luctando heroicamente emmergem-se no oceano,
Bojando rotas no ar as desgrenhadas velas.

Assim meu coração partiu cheio de sonhos
Em busca do Ideal, emmergindo ás hediondas
Lufadas do Infortunio—aos vendavaes medonhos—

E vive hoje a vagar no roxo mar das maguas,
Como a inditosa náu, tragada pelas ondas
Na vastidão profunda e intermina das aguas.

S. Paulo.

ODUVALDO VIANNA.

Uma interessante descoberta

A cinematografia da digestão — Importantes resultados praticos

O novo apparelho para obter fotografias moveis do trabalho da digestão no estomago e nos intestinos é uma combinação do apparelho dos raios X e do cinematógrafo, com alguns novos dispositivos. O dr. Kaestle e o professôr Rieder, de Munich, associaram-se com o professôr Rosenthal nesta especie de estudos, chamando ao seu processo *bioroentgenografia*. A machina dá uma pintura exacta do processo da digestão, da rapidêz com que as differentes substancias são digeridas, e assignala sem erro possivel qualquer caso anormal. Será de grande prestimo para todas as pessôas que soffrem de incommodos digestivos.

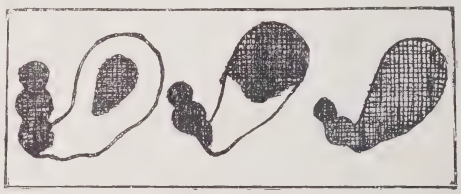


DIAGRAMA MOSTRANDO COMO OS GAZES CONSERVAM O ALIMENTO SEPARADO DAS PAREDES DO ESTOMAGO, FAZENDO PARAR A DIGESTÃO.

Ha três annos, o professôr Rosenthal conseguiu pela primeira vêz tirar fotografias Roentgen durante uma fracção de segundo, dando assim a base para o processo da fotografia cinematográfica dos orgãos internos activos do corpo humano. A serie cinematográfica não seria satisfatoriamente obtida emquanto não fosse súbita e nitidamente tomada cada uma das fotografias das fases do movimento.

O segundo problema a resolvêr era o de mudar as chapas suavemente e com a rapidêz necessaria. Era preciso que cada chapa se conservasse perfeitamente immovel no momento exacto da fotografia, mas se movesse com a maior velocidade antes e depois. O principal obstaculo era o tamanho e peso das chapas.

O outro requisito para conseguir uma perfeita serię de fotografias Roentgen era a perfeita nitidez de cada fotografia, resultado que só podia obtêr-se com um apparelho Roentgen excepcionalmente bom. Tambem esta condição foi alcançada, após a obtenção das anteriôres, — e assim se realizou finalmente a arte da *bioroentgenografia*.

Depois de serem fotografadas varias series de acções mais simples, como por exem-

plo a dos musculos e articulações, e o movêr do coração e do diafragma ao respirar, etc., foi dada attenção especial ao estomago, cujo processo durante a digestão é ainda pouco conhecido.

O estomago, como todos sabem, é uma especie de saco cuja parte inferiôr se revira para cima do lado direito. Esta parte que se dirige para cima, chamada antro do pyloro, julgou-se até agora sêr uma especie de bomba aspirante que, contrahindo-se, jorrava o conteúdo do estomago para os intestinos.

IMAGEM RAIOS X MOSTRANDO QUE EMQUANTO SATISFEITO O GATO DIGERE RAPIDAMENTE, E QUE IRRITANDO-SE A DIGESTAO CESSA

Esta teoria foi destruida pelas *bioroentgenografias*, que mostraram não havêr a supposta individualidade do antro do pyloro, mas sim que este é uma porção não-individualizada do todo que vae gradualmente diminuindo de tamanho durante cada movimento completo do estomago, chamado perístole, o qual dura 22 segundos no homem, finalizando neste tempo a formação, para dar logar a uma outra.

De cerca do centro do estomago parte uma onda bem definida que se propaga para o orificio inferiôr, causando assim continuadamente novas formações successivas. O movimento do estomago durante a digestão não é pois causado por contracção e expansão de um antro localizado, como em tempo se suppôs: as paredes do estomago ondulam continuamente, constituindo uma machina misturadôra ideal.

As *bioroentgenografias* do estomago mostram ainda que durante cada perístole, — isto é, por cada 22 segundos no organismo humano, — só uma parte muito pequena do conteúdo do antro é expellida para os intestinos. A grande maioria do alimento fica no estomago e é batida repetidas vêzes, de maneira que para esvasiar o estomago são precisas centenas e milhares de ondulações das paredes.

O apparelho temnos dado já importantissimas lições.

Fôram primeiro tiradas fotografias cinematográficas de um estomago saudável. O individuo examinado havia ingerido alimento impenetravel aos raios Roentgen, de fórma que o conteúdo do estomago era facilmente visto na chapa fotografica. Para obtêr uma figura da acção digestiva não modificada pelo movimento secundario produzido pela respiração, pediu-se á pessôa para suspendêr a respiração emquanto o estomago era rapidamente fotografado em 12 chapas com um apparelho Roentgen especial. Fôram assim impressas 12 chapas em 22 segundos. A serie completa fornece um estudo extremamente interessante, refutando por completo todas as teorias anteriormente formuladas.

Para comparar, escolheu-se para a experiencia seguinte um estomago doente. Differentes medicos se haviam declarado incapazes de obtêr qualquer allivio para o paciente. As chapas Roentgen mostraram que as ondulações agora cessavam abruptamente perto do orificio inferiôr, demonstrando havêr qualquer obstaculo. Em combinação com exames previos, foi possivel por meio da *bioroentgenografia* diagnosticar um cancro.

Um leigo póde não attingir toda a importancia de um diagnostico antecipado do cancro no estomago. Só se a doença fôr diagnosticada a tempo se póde salvar o doente. Este exemplo é sufficiente para mostrar o enorme valôr d'esta invenção.

Os mesmos sabios fizeram observações de grande interesse applicando o apparelho a animaes: cães, gatos, rans, gallinhas, ratos, coelhos e porquinhos da India.

As mais interessantes fôram as observações em gatos e cães, porque estes animaes estão muito mais altos na escala zoologica que os outros animaes experimentados.

Tornou-se evidentemente que qualquer cousa que perturbasse o bem-estar do animal retardava a digestão, e se elle se enfurecia, cessava completamente.

A mais curiosa descoberta foi que o systema digestivo da ran quando completamente separado do corpo, continuava ainda a digerir o alimento por duas horas e quarenta minutos. Isto mostra que quanto mais simples é o sistema nervoso do animal, menor é a repercussão das perturbações nervosas nas funcções digestivas. Por este facto podemos calcular quão intima devê sêr a connexão entre o sistema nervoso e a digestão no organismo do homem.

Demonstrou-se tambem que o bom sabôr do alimento produzia immediatamente uma secreção de succo gastrico no individuo. Os experimentadôres fizeram uma abertura na faringe do cão para que o alimento se esca-

DIAGRAMAS DO ESTOMAGO DE UM GATO ENTRE AS 11 HORAS (A. M.) E AS 6 HORAS (P. M.) OBTIDOS PELOS RAIOS X

passe por ali antes de chegar ao estomago; e, dando-se-lhe comida muito saborosa, o succo foi segregado, apezar de essa comida não chegar ao estomago.

Os estudo bioroentgenograficos seguintes fôram feitos sobre o coração humano. Tendo o professôr Rosenthal e os seus collegas conseguido obtêr roentgenografías do coração numa fracção pequenissima de segundo, só lhes resta vencêr a dificuldade da mudança de chapas sufficientemente rápida. Chegaram já a substituir quatro chapas por segundo; mas para tirar roentgenografías do coração é preciso um maior numero. Julgam têr levado o apparelho a pontos de o conseguirem breve.

O casamento nos diversos povos e perante a historia

(Conclusão)

XXXII

A educação da aristrocracia no seculo XVIII foi detestavel.

A mulher não tinha infancia; a sua primeira educação consistia em fazer da creança uma pequena grande dama, maneirosa e de graças artificiaes.

Antes que soubesse lêr, a pequenina nobre era ensinada a fazer reverencias. Apertada n'um *corset* de baleia, entregava-se a um professor de dança. Quando a mandavam ás Tuileries recommendavam-lhe que não saltasse, que não corresse, que mantivesse um ar grave.

Se ia a um baile infantil, punham-lhe cabelleira postiça, com grinaldas de flôres, e prohibiam-lhe que se despenteasse e que se descompuzesse. Muito cedo ia para o convento, onde, como dizem os Goncourt, lhe era dada uma educação meio mundana, meio ascetica, uma educação que ia desde o catecismo até a lição de reverencias.

Nos conventos, amontoavam-se esposas divorciadas, amantes de principes, viuvas mais ou menos inconsolaveis, e toda essa população dava ao convento um ar hypocrita e mundano, tão deleterio para as jovens educandas.

Nos claustros repercutiam-se os échos mundanos de Versailles e de Paris.

N'este seculo, a mulher não tinha mãe como não tinha infancia. A mãe estava bastante occupada no mundanismo para o querer e poder ser. Via o filho ao nascer e no dia em que voltava de casa da ama; depois, durante os poucos annos que a sua filhinha passava na casa paterna, ficava sob os cuidados da mestra, n'um andar á parte, d'onde descia para vêr a mãe ás onze horas, cinco minutos cada dia. No convento poucas vezes era vista pela mãe; via-a no locutorio, entre uma visita ao *Salon* e um passeio ao *boulevard*, ou então quando lhe vinha annunciar que lhe tinha destinado um marido e que era preciso começar o enxoval.

XXXIII

Casavam as filhas das cortezãs francezas ao sahir do convento, sem para isso serem consultadas. Tambem a noiva não pensava em contrariar os paes. O receio de voltar

para o convento fazia-a transigir com a vontade d'elles. Não conhecia o noivo? Que importa? Afinal casava para entrar no mundo, para os bailes, para os passeios, para a opera, para a comedia. Que lhe importava a ella que o marido fôsse feio, ou estupido, ou máu, se era rico, se tinha brilhantes para offerecer?

Os paes como os esposos pouco se importavam que taes uniões fôssem casamentos modelos. Mal educada, a mulher franceza cedo se pervertia pelos exemplos do mundo que a rodeavam. O homem tambem não valia mais que a mulher. Cedia, quando noivo, por algumas semanas ás graças ingenuas da sua joven esposa, mas breve vinha o aborrecimento porque a achava reservada ou amante e ambas as cousas o aborreciam.

Uma noite desabrida, em que entrava em casa muito tarde, ao amanhecer, confessava á mulher chorosa os seus vicios e o seu desprêzo por ella. A infeliz esposa ia pedir consolações a sua mãe que, porque o não tinha sabido ser, tambem a não sabia consolar, e apenas dizia á filha desgraçada que tudo eram miserias. Mandava-a para o marido. Este aconselhava-a a que se distrahisse, que arranjasse relações, que visse o mundo, que vivesse emfim como todas as mulheres da sua edade. Era o melhor meio de lhe agradar, explicava o marido. Assim repellida do caminho da virtude, assim arrastada para o mal, a mulher procurava com effeito distracções; lançava-se no turbilhão do mundo e em todas as loucuras do seculo. Aturdia-se com o prazer, enchia o vácuo do coração por uma vida febril em que não tinha tempo de pensar na sua desgraça.

XXXIV

As distracções do dia eram ociosas e banaes. Levantava-se a aristocrata ás onze horas; até então não era dia. Depois eram destinadas duas horas ao *toilette,* ao penteado, a um beijo aos filhos, a uma caricia ao tótó e ao bichano, ao almoço seguido de conversação com os gentis-homens e com os litteratos, com o capellão e com o medico. Até á hora do jantar dava um passeio pelo Bosque de Bolonha. Acabado o jantar, os cavallos estavam atrelados; a grande dama dava mil voltas, fazia mil visitas e atravessava trez vezes Paris, passando no Palais Royal, no Chagrin de Turquie e n'outros logares da moda. Entrava em vinte casas, onde se demorava o tempo d'um cumprimento e d'uma maledicencia; visitava as curiosidades do dia, entrava n'uma *patisserie,* dava um passeio a pé pelas Tuileries. Depois, se não tinha opera, comedia, theatro de sociedade, ou baile, nem estava convidada para algum jantar, acabava o dia por uma ceia no Port-à-l'anglais.

Chegava emfim a hora de dormir, a unica em que se encontrava só, em que podia medir a inanidade dos seus prazeres, o vácuo da sua triste vida. Era uma hora de desalento, hora triste, que ella desejaria nunca passar. Esta existencia desregrada que cada vez separava mais a mulher do marido, que mostrava a esta mil exemplos degradantes, que lhe ensinava as doutrinas d'uma moral facil, terminava por tornar miseravel a mulher. E na sua desgraça o coração não entrava para nada, porque o amor não pode existir na galantaria se não existe no casamento.

XXXV

No seculo XVIII o amor chamava-se desejo, a paixão libertinagem. Quando diziam a uma mulher: amo-a, isto significava — desejo-a. O amor era o conctacto de duas epidermes, a troca de duas phantasias. Na classe média, porém, a mulher fôra o exemplo de sublimes virtudes domesticas, a fiel guarda da honra conjugal. Nos casamentos dos magistrados, dos medicos, dos negociantes, dos advogados, dos professores, o marido era o senhor, conservava a sua auctoridade em quanto o gentil-homem compremettia a sua honra e entregava a sua mulher (1).

Tambem a educação da classe média era differente. A mãe vivia com as filhas, e só as deixava por dois ou tres annos quando era preciso terminar a educação n'algum convento que não tinha o fausto dos conventos das filhas dos nobres.

Os casamentos burguezes faziam-se por escolha das noivas; não eram os paes que

(1) *La femme au* XVIII *siècle,* par MM. Goncourt.

escolhiam os noivos de suas filhas, eram estas que consultavam os paes sobre o valor da escolha do seu coração, feita nas pequenas reuniões da vizinhança, nos bailes, ou nos passeios do bairro.

Mas ao terminar o seculo XVIII, a vaidade, a ostentação, a dissipação e a loucura do tempo, affectaram tambem a burguezia. A burgueza tambem fazia tres *toilettes* ao dia, trazia diamantes, arruinava e deshonrava o marido. Como as nobres, dava jantares e recepções; tinha leito separado, e, para ser livre, mandava as filhas para o convento. No fim do seculo não era facil distinguir a burgueza da nobre. Duas monstruosidades moraes.

Havia burguezas que iam á missa seguidas de um lacaio portador do devocionario em marroquim. Eram as mulheres dos negociantes do bairro.

XXXVI

Vae decorrido um seculo, e muitos hão de vêr na descripção que fizemos dos costumes francezes do seculo passado a imagem flagrante dos costumes portuguezes do nosso tempo.

Deixemos á critica intima de cada um a visão triste da nossa decadencia. Porque a sociedade portugueza vae atrazada de um seculo. Repete-se hoje o que já nenhum povo faz.

Mas critiquemos.

A mulher franceza, antes do reconhecimento da egualdade civil, já enfermava da devassidão de costumes que hoje tanto abalam a familia. Não foi, pois, a emancipação civil da mulher, o seu poder egual ao do pae para com os filhos, não foi essa liberdade domestica que a tornou menos moralisada. Não, e até se se attender aos factores novos da influencia dos plutocratas ou ricos industriaes na viciação das mulheres pobres, se terá como verdade que a emancipação civil da mulher a fez mais honesta, porque a tornou mais responsavel pela liberdade.

Tambem se não dirá que, da permissão para a mulher de poder usar da liberdade industrial, d'essa permissão veiu a decadencia dos costumes femininos, do pudor e do brio. Não, que até, se não foram os brutalissimos defeitos do industrialismo contemporaneo, defeitos que se hão de ir attenuando, se elles não foram, a mulher poderia ganhar facilmente a vida pelo trabalho, depois de devidamente illustrada, e não haveria tanta miseria pelas viellas, accusada pela existencia de mulheres ignorantes e indolentes, e de argentarios privilegiados e devassos.

Os arabes, negando a liberdade civil e industrial á mulher, sob o pretexto de que as suas funcções só podem ser caseiras, tornaram-na immoral e inconsciente, sem pundonor e escrava.

Está provado pela Historia que a auctoridade material tende a desapparecer na proporção que a illustração de cada um vae erigindo no fôro intimo, pela liberdade e pelos impulsos moraes, o poder tão efficaz e tão humano da consciencia moral.

XXXVII

Emquanto a humanidade não foi illustrada obedeceu aos estimulos sensiveis ou á força bruta, o que é o mesmo. Foi a phase do patriarchado e do cesarismo. Depois, pela menor ignorancia, crearam-se os governos chamados constitucionaes, d'um poder mais formalista que deu logar ao poder da consciencia moral, e hoje cada vez mais se tende a restringir o poder material e repressivo do Estado, ao passo que o individuo, pela illustração, pelo conhecimento dos seus interesses, dos seus deveres e das suas obrigações vae cumprindo livremente, sem coacção physica, as suas funcções sociaes. E' que ha um só caminho para a felicidade — é o do cumprimento dos nossos deveres. E, para sermos felizes, não deve ser necessario que a isso outrem nos obrigue

O interesse do individuo é o interesse da collectividade, de que o individuo é como que átomo e de que a familia é molécula.

A melhor, a unica solução dos problemas sociaes, como — organisação da familia, funcções sociaes da mulher, divorcio, polygamia e outros, — não é a que os philosophos encontram por um processo idealista. Não ha situações absolutamente boas; o que hoje é bom, será máu ámanhã. O que se deve fazer, dentro da esphera reflectida da acção humana, é promover a educação integral de todos os individuos, qualquer que

seja o sexo, porque o homem, animal social, só é um elemento vital perfeito pelo conhecimento das leis da vida. Aperfeiçoado o individuo, isto é. educado moral e intellectualmente, o resto é a obra das forças da natureza que foram facilitadas no bom caminho pela illustração humana.

Livre e educada a mulher, ella tenderá para o seu legitimo e moral destino social (1).

Mas, qualquer que esse destino seja não ha de a mulher enervar-se ociosa, ha de trabalhar, porque o trabalho é lei commum; não ha de ser escrava, porque a liberdade da acção intelligente é o impulso normal das sociedades.

Negar a liberdade á mulher, o mesmo é que entregal-a aos seus instinctos de perfidia. Todo o individuo fraco lucta perfidamente. Tal é a explicação na historia d'esse quadro miseravel da mulher hypocrita e impudica.

(1) O padre Luiz Coloma, n'um celebre romance de costumes da actual nobreza matritense, *Pequeñeces*, descreve a aristocráta de Madrid como uma barregã ociosa, ignorante, cinica, futil, maledicente, sem amor para com o marido e filhos, e, lastimando-a, escreve: — «Acaso es más digna de lastima la pobre labriega, la infeliz criada de servicio que el abandono precipita en un lodazal de escaleras abajo y salva la caridad en una casa de refugio que la encopetada señorita, la rica heredera que un abandono distinto, sólo en la forma, precipita del mismo modo en otro lodazal de salones adentro?»

CARNEIRO DE MOURA.

Após a retirada dos parceiros

A bandeira

Por ahi fóra vae uma enorme celeuma.

E ouve-se apenas: Azul... Branco... Encarnado... Verde...

EXPOSIÇÃO DE BANDEIRAS
NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA

Destrincemos os campos:

Azul e branco a um lado... Encarnado e verde a outro...

De que se trata, porém?

D'uma cousa que parecia ser muito simples, e que afinal se tornou n'uma questão complexa: a bandeira do paiz.

Deve ser azul e branca ou verde e encarnada?

Continuarem as côres d'outr'ora, ou aquellas que os revoltosos arvoraram?

O governo nomeou uma commissão para resolver o assumpto, e esta opinou pelas novas côres.

Apresentado o seu parecer em conselho de ministros, parece que alguns não concordaram, mas ante a opinião do sr. Theophilo Braga, e expostos motivos muito especiaes, resolveu-se que fosse aquella a bandeira até as Constituintes resolverem.

Antes de proseguir notarei que a divergencia existe apenas nas côres e não nos emblemas.

Mas Guerra Junqueiro vem a publico com a sua bandeira, expõe-a na Sociedade de Geographia, accorrem alli milhares de pessoas que firmam o seu nome concordando com o plano do auctor da *Morte de D. João;* em seu auxilio o dr. Cunha e Costa pronuncía na Camara Municipal um vehemente e persuasivo discurso que faz sensação; Bulhão Pato, da sua thebaida em Caparica, pede para que não alterem a bandeira que os seus 80 annos tantas vezes contemplaram, e manifesta-se uma divisão, pede-se um plebiscito, acontece mesmo que em Buenos-Ayres emquanto no mar, no *Adamastor,* fluctua

A COMMISSÃO

a bandeira encarnada e verde, em terra, na legação, ondula a azul e branca!

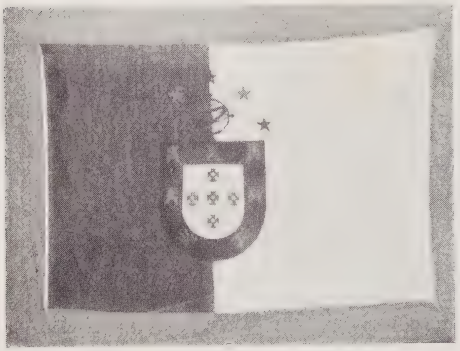
Como estão vendo foi um escolho que se

levantou, e bem melhor sería, agora que tanto se precisa trabalhar, que não se perdesse o tempo com o que poderia adiar-se para momento mais opportuno, como,

A BANDEIRA OFFICIAL

por exemplo, a reunião das côrtes, substituindo apenas, é claro, os emblemas reaes, e tratando-se do assumpto quando as paixões estivessem mais adormecidas.

E', bem sei, um defeito da raça latina, preoccupando-se, por vezes, com futilidades, em vez d'encarar os grandes problemas, discuti-los com serenidade e aproveitar o que



PROJECTO GUERRA JUNQUEIRO

de util se póde tirar d'um debate conscienciosо.

Como não sou politico, — e mesmo o facto em si não interessa em nada os meus leitores, — não me pronunciarei, sentindo apenas que nem todos comprehendam o alcance d'esta pequenina lucta... e que sempre assim se classifique é o meu desejo.

Póde a bandeira, quando estamos no nosso paiz, vendo-a arvorada por ahi, não nos dar a sensação nitida do que ella representa, mas vão ao estranjeiro, e ante esse *farrapo* como lhe chamou Jaurès, ou o *trapo que não tem nenhuma significação* — palavras de Pataud, o cidadão francez promotor das *grèves* — ao verem-n'a tremular, ao deparar-se-lhes n'um d'esses acasos na Africa, diante do respeito do preto, do selvagem, a mão levada por uma força superior obrigalos-ha a tirarem o chapéo, os olhos sentir-se-hão inundados, e, n'um segundo, a patria, a familia, tudo quanto ha de bom, n'um frouxo de commoção, perpassará n'um galopar animatographico.

GUERRA JUNQUEIRO

E essa visão deve-se ao *trapo*, a um *farrapo*, e branco ou azul, encarnado ou verde, o que se pede é que symbolise uma patria altiva e bem administrada!

1.º de Dezembro

O governo provisorio do paiz marcou essa data como um dos raros feriados que concede durante o anno, denominando-o *Festa da patria*.

N'esse dia fez-se a apresentação da nova

NO CRUZADOR «ALMIRANTE REIS»
O ministro do Interior discursando

bandeira e um cortejo vindo da Camara Municipal seguiu para o monumento aos Restauradores, no começo da avenida da Li-

berdade, sendo alli collocada por entre estridentes salvas de palmas.

No Tejo effectuou-se outra cerimonia, a mudança do nome do cruzador *D. Carlos* para o de *Almirante Reis*, falando os srs. ministros da Marinha e do Interior.

Nas provincias tambem se celebrou a festa da bandeira, embora perdesse muito do seu brilhantismo devido ao tempo que tem feito.

O temporal

O lindo azul do céo de Portugal...

Sabem, porventura, onde elle paira?

Estamos ha mais de vinte dias sob o dominio do temporal, o que tem dado logar a desabamentos, inundações, faiscas electricas, cheias, a uma chuva ora violenta, outras vezes persistente, miudinha, já açoutando-nos o rosto com o seu tanto de furiosa, e que está causando enormes prejuizos, tendo acarretado mortes, e dando um tom de tristeza ás cousas, aos homens, a tudo...

Defronte da minha casa, no jardim d'um palacete onde morou uma individualidade da marinha, havia uma formosa arvore que me costumara a ver havia vinte annos.

Muito alta, elegante, era um encanto na primavera a vestir-se de folhagem com enorme rapidez, e não com menos tristeza a via despir-se lentamente das folhas, que se desprendiam anemicas, dominadas pela ictericia, espalhando-se por terra, constituindo um tapete que dia a dia mudava de côr, tornando-se por fim indefinivel.

Uma noite d'estas, quando eu lia uma peça detestavel, e talvez por essa qualidade é que está causando um grande successo em Vienna, e o vento me empurrava furiosamente as janellas como que querendo entrar por alli dentro, louco, desvairado, perdido, principiei escutando o que lá fóra se passava.

Na rua nem o menor ruido, não se ouvia o rodar d'um trem...

Só o vento como um desesperado continuava com o seu chicotear constante, não inspirando piedade, mas como que incutindo terror.

De subito um enorme estrondo, dos que não se explicam bem, mas que confrangem, fendeu o espaço. E ante um grito pungente — porque lhe não hei-de chamar assim? — tudo em volta se acalmou, estabeleceu-se um enorme silencio, — as treguas concedidas n'um campo de batalha.

Na manhã seguinte, ao sahir, comprehendi o grito da vespera.

O vendaval na sua desenfreada loucura cevara-se na pobre arvore que dias antes se balouçava tranquillamente, e alli jazia agora por terra, servindo de ponte d'equilibrio aos rapazes do sitio.

Tão altiva hontem, agora tão humilhada!...

. . . . . .

Mas se em terra o temporal causa pavor o que direi no mar!

Barcos desmantelados, a onda levando os tripulantes que ora veem á superficie para de seguida serem afundados, na margem mulheres chorando, a rezarem, a pedirem um milagre, a prometterem á Senhora da Bonança, e dias depois o vagalhão converte-se n'um lento espreguiçar que vae morrer na areia, o tom escuro passa a um verde-esmeraldino, nada denota que o gigante enorme que tanto pavor infundiu, é esse humilde rasteiro que vem d'além envolto n'uma tenue cabelleira branca.

E é assim que volvo a perguntar ante este acercar tão melancholico do inverno:

— Sabem, porventura, onde paira o lindo azul do céo de Portugal?

As «grèves»

O governo que actualmente dirige os destinos do paiz promulgou um decreto sobre a *grève*, e, desde logo um grande numero de classes apresentaram as suas reclamações, allegando os operarios os seus direitos, expondo os patrões os motivos que os levavam a não ceder.

Evidentemente nem tudo são exigencias intempestivas, e citarei a das costureiras, candidatas da tuberculose, esfalfadas por um trabalho violento, mal alimentadas, umas pobres creaturinhas que todos nós, os que sabemos o valor do dia, encontramos por essas manhãs, transidas de frio, macillentas, d'olheiras cavas, mal enroupadas, e que aos noctivagos, cerca das nove, se lhes deparam seguindo sempre com o mesmo passo, para se albergarem em casas miseraveis no extremo da cidade, cada vez mais pallidas, o cansaço mais em evidencia, e amanhã... depois... a continuarem a mesma vida,

até ao dia em que em plena mocidade a terra lhes abre os braços n'uma convulsão... quem sabe se de dôr!

E tanto a *grisette* portugueza como a *arpète* não teem essa alegria louca que todos lhes veem em Paris, onde tambem se trabalha onde tambem se sabe rir... podendo-se e exigir apenas que os dentes sejam alvos!

O caso foi que os empregados dos electricos declararam-se em *grève*, e entre outras classes de não menos importancia para o movimento da capital, o pessoal do gaz e da agua tentou dar semelhante passo.

BRITO CAMACHO

O actual ministro do Fomento, sr. Brito Camacho, que substituiu o sr. dr. Antonio Luiz Gomes, inspirando-se na lei Briand, promulgou immediatamente um decreto sobre a regulamentação do direito ás *grèves*, estabelecendo prisão correccional e multas a todos os que tentarem formar, manter ou impedir as colligações operarias ou patronaes, para os que perturbarem a ordem publica ou desrespeitarem os regulamentos policiaes, e não podendo a cessação de trabalho estabelecer-se senão prevenindo com doze dias d'antecipação quando prive o publico de luz, d'agua ou dos generos de primeira necessidade, e com oito se se trata da suspensão do funccionamento ferro-viario ou d'outros serviços de transporte.

Escusado será dizer que a agitação fermenta, e o thermometro applicado ao doente, indica uma temperatura elevada.

Duque de Palmella

Era uma physionomia interessantissima a d'Antonio de Sampaio Pina e Brederode que partiu d'esta vida cheio d'amargura ao cahir da tarde de 24 de novembro, contando 76 annos.

A sua linha fidalga nunca se desmentiu, nunca recorreu a artificios de caridade para pôr em foco o seu illustre nome, e tendo usufruido grandes honrarias viu-se, pelas suas ultimas disposições, que podia pelo illustre official de marinha ter passado o sarampo da vaidade, mas que o *pulvis est* afinal readquirira o seu predominio e assim o par do reino ordenou que o seu funeral fosse modestissimo, — o commandante da guarda real dos archeiros não quiz que nem ás pessoas mais intimas se participasse a hora do funeral, — o protector de tantos pediu que não lhe pozessem corôas nem flôres, — quando todas as de Lisboa collocadas no seu feretro não seriam de mais!

Que desprendimento pelas cousas mundanas!

Que exemplo a tomar n'estas nobres despreoccupações!

Ao ver o duque de Palmella passar por essas ruas na sua magnifica carruagem, puxada por bellos alasões, com as suas lindas suissas que tão insinuantes lhe tornavam o rosto, ao apear-se á porta de qualquer estabelecimento, correctamente vestido, de chapéo alto d'aba direita, com o seu passo miudo, quantos o invejaram, como suppozeram que ia alli um homem feliz!

E' porque ignoram a lenda, que peço licença para deixar aqui.

Um monarcha sentindo-se muito desgraçado, mandou chamar o feiticeiro da sua côrte, perguntando-lhe a maneira d'acalmar os seus cuidados.

Interrogou aquelle os astros, fez-se um sacrificio, e após longa cogitação:

— Rei, se queres ser venturoso, vae por esse mundo fóra, indaga onde ha um homem feliz, e quando se te deparar pede-lhe a camisa, veste-a e verás terminados os teus males.

DUQUE DE PALMELLA

Obedeceu o soberano, e eil-o n'uma longa peregrinação, interrogando uns, perguntando a outros, mas o resultado era desesperador, porque uns queixavam-se-lhe de doenças, de privações, aquelles de más colheitas, de impostos...

Já desanimado, dispunha-se a retroceder, quando ao atravessar um campo, ouviu uma voz sonora cantando alegremente.

Invadiu-o a esperança e chegando-se ao ganhão:

— A modo que estás contente?

— Pois se o trabalho não me falta, senhor...

— E's então feliz?

— A mais não poder.

— Pois bem, terás tudo quanto quizeres, dinheiro, titulos, empregos, em troca d'um nada: dares-me a camisa que trazes vestida.

Mas o camponio, deitando para traz o barrete e limpando o suor da testa com a mão, soltou uma risada dizendo:

— Oh! meu senhor! mas camisa é cousa que eu nunca tive!

Não é a riqueza, não, que constitue a ventura, essa febre do ouro, esse amachucar de notas, de nada vale, porque sempre vi os mais opulentos serem afinal os mais infelizes.

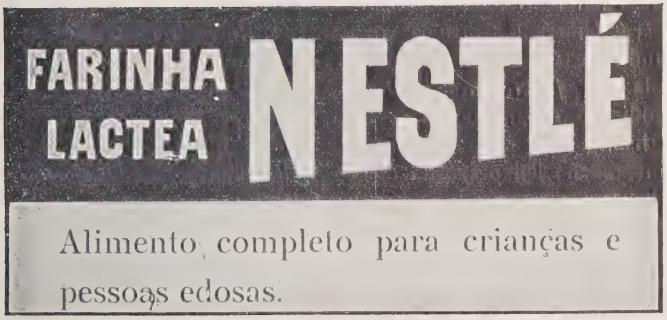
Que importa o dinheiro se um dia a morte veiu e tirou do lado do duque a sua companheira, a *Mãe dos Pobres;* que valor tem o vil metal se a pouco e pouco a luz se vae extinguindo dos nossos olhos, se os pontos negros dia a dia se avolumam, se por fim vem a cegueira, a treva eterna, principiada muito antes da podridão do corpo, como aconteceu áquelle que estou commemorando?

As casas d'asylo tiveram n'elle um dos seus melhores protectores, as pessoas a quem pagava a renda da casa eram centenas, e tudo feito sem alarde, na sombra, não esquecendo o preceito evangelico:

— *Que a tua mão esquerda desconheça o que faz a direita.*

Registo com enorme sentimento a morte d'um homem que póde servir d'exemplo.

PORTUGAL DA SILVA.



S. Carlos

A empreza d'este theatro, não tendo feito um deposito de 38 contos como se diz que o contracto exigia — embora o concessionario allegue que só era exigivel para a epocha lyrica — viu-se obrigada a requerer fallencia, e o governo pediu ao sr. visconde S. Luiz Braga para se encarregar da gerencia, que elle acceitou, levando a bom cargo o seu commettimento.

A concorrencia, porém, foi limitada.

Nas operas que se exhibiram, citarei o *Fausto,* excellentemente cantada, e que apresentou uma novidade: uma *Margarida* robustissima, quando nós estamos costumados a ver a personagem symbolisada por uma creatura ideal, muito loura e pallida, como escreveu Antonio Feijó.

Mas se essa deformidade — permittam que o escreva assim — não é attrahente, como compensação a sr.ª Classens tem uma voz bonita, e sobre tudo bastante arte. O tenor Regis serve-se da *voz falsa,* o que nunca foi do agrado publico, e o barytono Ghasne pareceu-me um bom cantor e um mau artista e achei a inversa no baixo Lashin.

Seguiu-se a *Carmen,* e, como sabem, esta opera do mallogrado Bizet é uma das que o nosso publico mais estima, e mais uma vez foi applaudido um brilhante quadro, sim, mas que não dá a menor idéa do viver hespanhol.

Nutridas palmas coroaram o excellente trabalho de Maria de l'Isle e do tenor Léon David, que estudaram com muito amor e afinco os seus papeis.

Ainda se deu a oratoria *Marie Madeleine,* sendo o successo limitado.

Registarei que na companhia vinha um artista de valor, o maestro Flon, que mostrou bem saber a maneira de dirigir uma orchestra, e a deficiencia dos côros foi bastante sensivel.

E agora... portas cerradas até quando?

Almeida Garrett

A peça de grande espectaculo *Noventa e tres,* de Victor Hugo e Paul Maurice, traducção do dr. Augusto de Castro, é um trabalho conscienciosissimo, e onde o nosso festejado dramaturgo mostrou mais uma vez as suas altas qualidades de theatro.

O *Noventa e tres* foi agora modificado, de doze quadros passou a nove, e a scenographia pertence a Augusto Pina.

Representou-se em tempo na Rua dos Condes e nos Recreios, traduzido por Salvador Marques e Fernando Leal, ambos já fallecidos.

E' um genero novo no antigo Theatro de D. Maria II, e o caso é que se Gil Vicente lá do alto estremeceu, a curiosidade, sobre tudo, tem levado alli concorrencia.

A' enscenação muito cuidada d'Augusto de Mello deve-se tambem uma parte do

exito, e no desempenho citarei Joaquim Costa, Luiz Pinto, Carlos Santos, Ignacio, Raposo, e as artistas buscaram defender-se na medida dos seus papeis.

Republica

Um original — e agradeço o exemplar que me enviou o auctor — do sr. Vasco de Mendonça Alves, que pela quarta vez se apresenta no theatro, intitulado a *Promessa*.

Dois actos magnificos: o 2.º e o 4.º, este, em extremo humano, com um desfecho perfeitamente verdadeiro, o outro muito bem movimentado, sendo apenas para sentir que a scena final do 2.º acto, em perfeito contraste da alegria á dôr, seja adivinhada por um pequeno fio que o auctor deixou a descoberto no 1.º, evitando-se que o espectador attento soffra a impressão que d'outra fórma lhe sería transmittida.

A peça do sr. Vasco de Mendonça repousa n'uma triste desillusão: os caracteres alli definidos são todos estribados n'uma enorme bondade, não ha nenhum refalsado, e se levam a amar a humanidade, a pena é que o real esteja em perfeita contradicção.

O sr. Vasco de Mendonça tem todas as qualidades de dramaturgo: sobrio, preparando os effeitos, dialogando muito bem, escolhendo o assumpto com superior criterio.

E vê-se que cada vez mais se vae firmando, escrevendo com toda a segurança, e dos poucos que apparecem, com elle é que se póde contar.

N'esta peça estreiou-se Brazão, que é o consummado artista de sempre, e Adelina Abranches deu-me a nota dolorida d'essa creatura toda amor e soffrimento.

N'este theatro funcciona durante seis espectaculos uma companhia franceza que se estreiou com a *Vierge Folle* de Henry Bataille, uma peça de alto folego dramatico, um profundo estudo, e onde se apresenta o soffrimento pungente d'uma mulher, — já traçado nas *Paixões passageiras*, de Capus, — e sobre tudo o 3.º acto póde ser considerado como uma verdadeira obra prima.

O publico, por mais voltas que dê não comprehendo, não se mostrou muito enthusiasmado, o que me assombra, porque elle deve convencer-se que o inverosimil a mór parte das vezes é, no final de contas, o inverosimil.

E se mais não fosse bastava o desempenho admiravel por parte de Blanche Dufrène, que supplanta a creadora no Gymnase, Bertha Bady, e Monna Delza e Calmettes que fazem os mesmos papeis que em Paris — *Diane de Charance* e o *Duque*.

O *Aiglon*, em verso, do famoso auctor do *Cyrano de Bergerac* não agradou, embora o desempenho seja digno de registo.

Gymnasio

Na festa de Telmo Larcher subiu á scena a *Seraphina*, de Victorien Sardou, escripta na sua primeira maneira, e se em vez de cinco actos passasse a quatro, entendo que a peça ganharia mais.

E' um magnifico estudo feito com aquelle cuidado que tanto caracterisou esse dramaturgo, de que alguns sorriem hoje, com uma inepcia que não os abona muito.

Na interpretação houve conscienciosos trabalhos e, sem favor, citarei o de Lucinda Simões, a impeccavel; o do excellente *diseur* Christiano de Sousa; o do elegante Telmo Larcher, muito bem coadjuvado pelo grande comico Cardoso, Judith, que está sendo uma excellente artista, e Albertina d'Oliveira, uma que promette muito na carreira a que se dedicou.

Agora se querem ver uma peça sem pornographia, se querem rir como uns loucos, vão ouvir o *Rato Azul*, uma comedia allemã cheia de situações, movimentada, que prende a attenção do espectador e que promette longo cartaz, o sonho — tantas vezes desfeito! — de todas as emprezas.

Allie-se que o desempenho é homogeneo e assim Christiano, Judith, Machado e Cardoso deram um enorme relevo aos seus papeis.

Apollo

O *Fado* tem conseguido chamar gente a este theatro, porque se trata da alma nacional traduzida no que ella tem de mais tristonho: um trinado de guitarra.

A peça dos srs. João Bastos e Bento Mantua, ouve-se com muito agrado e a musica de Filippe Duarte, o distinctissimo maestro,

é applaudida com todo o enthusiasmo, e tanto mais que o publico não desconhece que n'esse homem se encerra tanto valor como modestia.

Avenida

E' uma linda peça, chegando a interessar mesmo os que estão *blasés* em theatro, o *Amor de Principes*, uma operetta que tem uma musica, se não muito inspirada, o que denota, porém, é uma enorme originalidade.

E mesmo por isso não se tornará muito popular, nem será trauteada por essas ruas, nem ouvida a cada momento nos pianos.

A enscenação do 2.º acto é de perfeita novidade, fazendo um magnifico effeito, e a peça foi vestida luxuosamente o que é sempre agradavel á vista.

A alma do *Amor de Principes* é Cremilda d'Oliveira, que grangeou innumeras sympathias no Brasil e que se repercutiram cá, e que com a sua figura *mignonne* e a sua carinha azougada dá um grande relevo ao papel.

Rua dos Condes

Foi sempre opinião minha que um theatro genuinamente popular é de futuro certo.

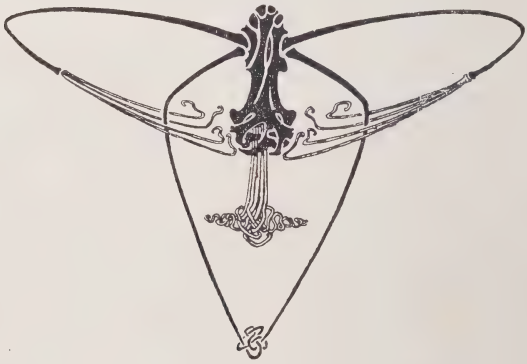
O drama, com todos os seus *matadores*, a recompensa da virtude e a punição do criminoso, tem sempre acceitação e é uma maneira d'encaminhar para o bem.

A empreza Alves da Silva vae seguindo com exito essa carreira, e além dos dramas de propaganda — o que não é do meu agrado, porque o theatro não é tribuna de *meeting* — explora proveitosamente *O Grande Industrial*, *O Conde de Monte Christo*, etc.

Coliseo dos Recreios

E como o publico tanto gosta de lucta, alli tem o Coliseo com os seus hercules japonezes que todas as noites são ora ruidosamente acclamados, já estrepitosamente pateados, segundo a lealdade ou a má fé como procedem.

PORTUGAL DA SILVA.



NEURASTHENICOS, *fatigados — por excessos de trabalhos — mentaes —* **DEBILITADOS**, *por esforços phisicos e musculares, curam-se com a*

Somatose

em pó ou liquida (dôce ou secca)

Vende-se nas pharmacias e drogarias

Curiosidades do tempo

O desenvolvimento da Social-Democracia

Em 18 mêses, os Social Democratas allemães ganharam 8 logares no Reichstag, em eleições occasionaes para preenchêr vagas. Ha um anno tinham nas legislaturas dos differentes estados allemães um total de 140 membros; hoje teem 186. Não houve eleição durante o anno em que o augmento da sua votação não fosse consideravel.

O DESENVOLVIMENTO DA SOCIAL-DEMOCRACIA:— Approxima-se o dia em que o proletariado allemão tocará no violão imperial.

(Wahre Jacob.)

Bebel, o chefe Social-Democrata, sempre se oppôs a allianças; continua nesta attitude, mas a tendencia do tempo afasta-se da sua politica de simples protesto e de opposição academica. O seu partido desenvolve-se de tal forma, que vê sêr-lhe possivel conseguir grande parte das suas aspirações se acceitar o auxilio de um outro partido que lhe seja parcialmente simpático. Será difficil impedil-o de acceitar esse auxilio e de entrar numa época de realização.

Bebel tem razão de temêr que o entrar na realização pratica de certas reformas signifique, por parte dos Social-Democratas, o abandono dos seus ideaes irrealizaveis. Quando os homens entram no trabalho prático são levados a perdêr de vista os sonhos impraticaveis. Poucos socialistas foram mais radicaes que Clémenceau e Briand nos seus dias de juventude irresponsavel: mas veio com a responsabilidade a moderação. Os males politicos e sociaes que na Allemanha esperam reforma são porém muitos, e os Sociaes-Democratas aproveitariam talvez mal o tempo recusando-se a cooperar com outros grupos reformistas.

O suffragio feminino em Inglaterra

O *bill* apresentado actualmente por Thakleton sobre esta grave questão propõe inscrevêr como eleitor no local por ella habitada toda a mulher que pague um aluguer de 10 libras. A mulher casada nestas condições poderá sêr eleitora, comtanto que o marido o não seja pelas mesmas razões. Este *bill* passou em primeira leitura no parlamento com uma maioria de 110 votos. Segundo disse o ministro Churchill, comprehende-se que se seja pro ou contra o voto das mulheres, mas não que se tire, como pela lei apresentada, o voto ás mães e ás esposas, que são a melhor porção do mundo feminino.

JOHN BULL E A RUSSIA DIANTE DO BOLO PERSA:
— *Será tempo de repartir?*

A absorpção da Coréa

A inevitavel absorpção da Coréa pelo Japão definiu-se claramente. O antigo reino desapparece do mappa como estado autonomo, e o proprio nome lhe é mudado. Dez milhões de Coreanos com os seus 218 mil kilometros quadrados são agora simplesmente uma parte do Japão. Acaba assim uma civilização independente que principiou mais de 1:000 annos antes de Christo.

Ha uns 15 annos a Coréa era um protectorado da China, incapaz de tomar parte na lucta que se approximava.

Em 1894 a Russia e o Japão vigiavam-se através da Coréa, que a China conservava com pouca segurança. Veio depois a guerra chino-japonêsa, depois da qual a China renunciou aos seus direitos, admittindo a independencia da Coréa. O Japão tomou o papel de seu preceptor. Era o primeiro passo, visto ciumentamente pela Russia. Em fevereiro de 904 foi assignado um tratado em Seul entre o Japão e a Coréa, permittindo áquelle o uso do territorio coreano para fins militares, em troca de uma garantia de independencia. O 2.º acto da comedia foi a guerra russo-japonêsa: a Russia foi eliminada como pretendente, como o fôra a China 10 annos antes. Tratava-se agora de digerir. Em 905, fiscalização dos negocios extrangeiros; em 907, partilha do governo, e todos os actos administrativos sujeitos á approvação do residente geral japonês; em 909, posse da administração da Justiça; finalmente, agorá, annexação formal.

Os preparativos d'esta annexação levaram pois nada menos de quinze annos, custaram duas guerras e vieram a sobrecarregar o povo japonês com uma divida enormíssima. Apesar de tudo, os japonezes acham que valeram a pena os trabalhos, as guerras e a sobrecarga da divida. E' que o Japão tem uma população excedendo 48 milhões de almas, apertada n'uma superficie de 475 mil kilometros quadrados (densidade 116 por kilometro quadrado), superficie em grande parte montanhosa e improductiva, e agora, com a annexação da Corea, apossaram-se de uma area de 218 mil kilometros quadrados, productivos na maioria.

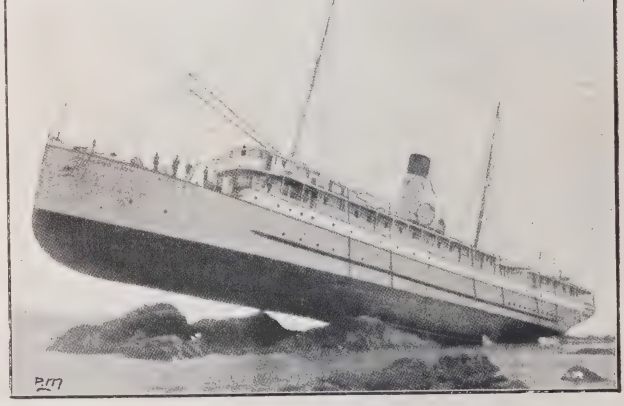
A Coréa possue, pelo que diz respeito a plantas uteis, o arroz, no sul, o trigo, o milho, a batata.

As principaes industrias são a do cobre e do bronze, muito antigas no paiz.

Naufragio curiôso

A nossa gravura mostra uma posição curiosissima de um navio encalhado. Trata-se do vapôr inglês *Princess Mary*, que encalhou ha pouco na ilha Sentinella, numa viagem para Alaska. O navio embicou por volta das duas horas da madrugada, em preiamar, e a gravura mostra a sua posição depois de a maré têr baixado. Não houve perdas de vidas. O encalhe deu-se com calma e noite limpa, a uns cento e tantos metros do farol.

Navio *inglês*, calma, noite clara, em cima do farol: calculamos os commentarios do leitôr...

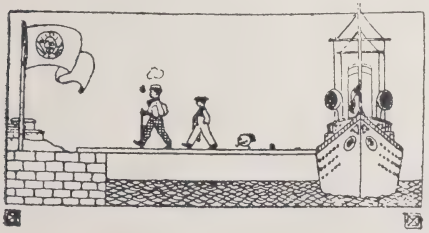


NAUFRAGIO CURIOSO: — Posição quando a maré baixou

Emigração

A Italia continua a mantêr o primeiro logar entre os povos emigrantes, mesmo acima da Inglaterra. Seguem-se a esta, respectivamente, a Austria, a Hespanha, a Russia, nós e a Allemanha.

A emigração effectua-se sobretudo para a America. Em 1909 emigraram para os Estados-Unidos 1.334:000; para os paises sul-americanos, 329.338. Para a America do Sul os principaes emigrantes são respectivamente a Italia, a Hespanha e nós.



Emigração para a America do Sul.— Italia, Hespanha e Portugal

Jornalismo animado

A omnipresença da machina fotografica está criando um espelho animado e completo da vida. O fotografo vae de tal maneira assaltando os acontecimentos, que ameaça eliminar o reporter da lucta pela existencia. Ha mais porém: vae agora iniciar-se uma nova fase do jornalismo, pela imagem directa e animada dos acontecimentos. Pathé frères, os fabricantes de cinematografos, estabeleceram um serviço diario de noticias em fotografia móvel. A empreza, chamada a *Gazeta animada*, é uma organização completa de noticias, com um editôr, sr. Steer, que abandonou os velhos metodos pelo novo jornalismo, espalhando pelo mundo um núcleo de 5.000 «foto-correspondentes». D'esta organização resulta uma fita que é enviada a uma serie de palcos cinematograficos, e está já sendo vista noite e dia por mais de 2 milhões de pessôas.

Certamente a nova idea será recebida com a melhor acceitação e em breve posta em pratica por todo esse mundo fóra. Em vêz do actual directôr, encommendando pelo telegrafo tantas palavras sobre a greve, o concurso de aviação, o assassinio, etc.,—teremos o director arte-nova, fazendo encomendas d'esta especie: envie-me 450 metros d'aviação; 300 de greve; 00 de recepção; 150 de assassinio!

Emigração. — Principaes correntes emigradôras europeias: Italia, Inglaterra, Austria, Hespanha, Russia, Portugal e Allemanha

(Revista del Touring.)

L'Union familiale

M. Paul Acker, escrevendo na *Revista dos Dois Mundos* sobre as obras sociaes das mulheres francêsas, fala na *Union familiale*, de Mademoiselle Gahéry, cujos metodos parecem sêr especialmente praticos e applicáveis. Mademoiselle Gahéry veio da Normandia para Paris em 1887, e, horrorizada pelas acções dos anarchistas, anceiava fazêr alguma cousa para evitar o progresso d'esses males,—convencida porém de que nada se poderia obtêr a não sêr trabalhando entre o povo e vivendo a vida do povo—o qual a principio se mostrou desconfiado, imaginando-a trabalhar com qualquer fim politico ou religioso.

Pareceu a Mad. Gahéry que o primeiro objectivo deveria sêr a educação das raparigas, fazendo d'ellas bôas esposas, bôas mães,—pois considerava a vida de familia como a base de toda a sociedade bem ordenada.

Em 1894 começou por enviar uma circular ás familias convidando-as a mandarem-lhe as raparigas de 6 para 10 annos para as ensinar a cosêr. Em poucos dias appareceram 22; em 1896 já tinha 150; e, finalmente, passou a 300.

Mad. Gahéry toma as crianças de 2 e meio a 6 e meio annos, cujos paes estão em trabalho. Ha primeiro uma escola de pequeninas onde ellas se preparam a recebêr mais tarde o ensino da escóla primária. São ensinadas pelo método Froebel a lêr no que veem em redór de si, antes de aprenderem pelos livros, e a desenhar antes de escrevêr. Quando attingem 10 annos dão-se-lhes quatro ou cinco das bébézinhas para tratarem d'ellas e ensinarem-lhes os exercicios Froebel, começando tambem nessa idade a aprenderem alguma cousa do governo da casa: assim, de muito novas são dirigidas no sentido de se tornarem bôas esposas, bôas mães e bôas mestras, proseguindo o ensino com essa orientação. Ha tambem uma classe de cosinha popular para mães de familia. Um outro ramo da instituição é a *Oeuvre des Trousseaux*, a que as crianças podem sêr admittidas directamente se souberem coser.

O ensino não é gratuito. Por cada criança os paes pagam 10 centesimos por dia. As lições de gimnástica custam 25, e outras differentes classes especiaes teem preços variáveis.

Vida na Sciencia e na Industria

As causas da Appendicite

O Dr. inglês W. Coats escreveu recentemente sobre as causas da appendicite. São ellas: 1.º a carne guardada até estar tenra; 2.º a caça demasiado demorada (a célebre «*perdiz de mão no nariz*»); 3.º carne e peixe de conserva; 4.º quasi todo o alimento animal em que tenha sido usado o acido bórico; 5.º muitos dos alimentos conservados pelo frio.

A carne e o peixe conservados em latas foram introduzidos cerca de 1850, generalizando-se o seu uso por 1860 a 70. Alguns annos mais tarde foi notado o incremento da appendicite; é muito possivel que tivesse começado alguns annos antes, porque o seu progresso foi muito vagarôso a principio. Mais tarde o acido borico e o resfriamento foram empregados para conservar os alimentos, notando-se desenvolvimento do numero de casos de appendicite. Com o uso das conservas vae augmentando a sua frequencia, até que hoje tomou as proporções de uma verdadeira praga, de que ninguem está livre.

O instituto do dr. Keeley — A cura do vicio da embriaguêz.

O *Instituto Keeley* é a mais popular das instituições americanas. Durante os vinte cinco annos da sua existencia, mais de tresentas mil pessôas ali se curaram do vicio da embriaguêz.

E' situado no Estado de New-York, em White-Plains, (pequena cidade de dez mil habitantes) e construido dentro de um parque bem verde, entre arvores: pequenas casas dispersas pelas ruas estreitas, traçadas na relva.

Jules Huret conta, na sua *America moderna*, em via da publicação, uma visita ao interessante estabelecimento. «A embriaguèz é uma doença, disse-lhe o dr. Boals. Um homem atacado d'essa doença pode tão pouco libertar-se d'ella como um atacado de febre tifoide. E' preciso curar d'elle, seguir um tratamento. Foi o dr. Keeley o primeiro a descobrir a doença, e elle tambem quem lhe descobriu o remedio. Toda a pessôa que por uma razão qualquer começa a beber acaba inevitavelmente no alcoolismo. E' um estado morbido do sistema nervoso. As cellulas nervosas passam a só exercêr as suas funcções sob a influencia do alcool. D'ahi a necessidade imperiosa e absoluta de espirituosos, que nunca tinha sido bem comprehendida».

Os remedios do dr. Keeley são secretos, fabricados no Illinois sob a direcção do proprio doutor, e d'ali enviados aos differentes *Keeley Instituts* estabelecidos nos Estados-Unidos.

— «Qual é o preço do tratamento?

— Cem dollars, fóra a hospedagem.

— E quanto tempo dura?

— Em geral quatro semanas para o alcoolismo, quatro a seis semanas para a morfina, o laudanum, e quatro semanas para o tabaco e a neurasthenia.

— Como se opera a cura? Por persuação?

— De forma alguma. O tratamento é puramente medicinal. Não prohibimos o alcool ao paciente. Nos primeiros dias dá-se-lhes moderadamente quando o pedem. Mas a cura realiza-se precisamente pela desapparição d'esse appetite.

— Mas em que consiste o tratamento?

— Em medicamentos que damos a bebêr e em injecções.

— Que especies de gente veem curar-se?

— De todas as classes. Curámos senadôres, *congressmen*, advogados, *clergymen*, ministros, soldados, homens de negocio, operarios...»

Se os remedios fazem mal aos dentes?

E' crença vulgar que o tomar drogas é causa commum do estrago dos dentes; e muitas vezes os maus dentes em gente nova e em crianças se attribuem ao facto de terem tomado grande quantidade de remedios. Dão apparencias de verdade a esta opinião o facto de certas drogas, como as ferruginosas, enegrecerem superficialmente os dentes, e ainda o de advir a carie vulgarmente depois de molestias tratadas com ministração de medicamentos. Entretanto a opinião de que os remedios estragam os dentes baseia-se, ao que parece, sobre muito fracos fundamentos. A experiencia mostrou, sim, que acidos muito fracos são capazes de destruir o esmalte; mas para produzir este effeito é necessaria uma applicação *continuada*. Os acidos nocivos produzem-se realmente na propria boca pela fermentação dos restos de alimentos feculentos que ficam nos intersticios dos dentes sem poderem sêr facilmente removidos. Os remedios ácidos são applicados com intermittencia e vão ao contacto com as superficies expostas dos dentes, constantemente lavadas pela saliva, na qual são dissolvidos.

Imprevisto tratamento do rheumatismo

O Dr. Maderly relata as suas experiencias com casos agudos de rheumatismo que resistiam a todos os métodos usuaes de tratamento, e foram alliviados com... a ferroada das abelhas. Em doentes já idosos principia com umas 6 ferroadas para as três primeiras applicações, e vai gradualmente augmentando até umas poucas de du-

zias. Devem deixar-se ficar os ferrões por alguns minutos.

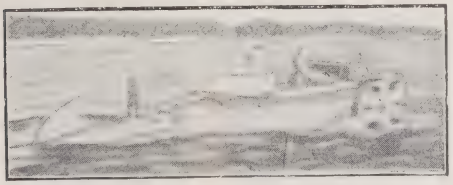
Conclue das suas experiencirs que este tratamento, se não dá uma cura completa, allivia porém em casos quasi desesperados.

Automovel anfibio do almirante Howel

Fizeram-se recentemente umas poucas de experiencias com um automovel anfibio, desenhado pelo almirante norte-americano Howel. E' idea do inventôr usa-lo como vehiculo de recreio, nas praias, onde póde sêr muito prestadia uma combinação de carro automovel e escaler automovel.

AUTOMOVEL ANFIBIO DO ALMIRANTE HOWELL

O ultimo modelo, chamado «Anfi 2.º», pode sêr empregado com mar grosso sem o menor perigo para os passageiros, cujo numero póde ir



AUTOMOVEL ANFIBIO. — O anfibio na agua

até seis. Tem 6 metros de comprimento, e 1m,80 de boca. A machina dá a velocidade de 12 milhas por hora em terra, e de 4 milhas n'agua.

Novo método cinematografico

O processo cinematografico conhecido consiste principalmente na decomposição do movimento por meio de vistas fotograficas successivas. Um allemão, professôr da Escola Militar de Berlim, descobriu um novo método cinematografico pela faisca electrica, com a vantagem de dar 5.000 vistas por segundo. O novo processo prestará grandes serviços nos estudos balísticos.

A mulher e a distincção das côres

Admitte-se geralmente que a mulher é melhor dotada que o homem para a distincção das côres. As leitoras manteem talvez essa opinião, e fazem acaso muito bem. As experiencias a que procedeu um sabio na America (o dr. Nochols) tendem comtudo a abalar essa crença geral: os homens seriam mais aptos a distinguir o vermelho, o amarello e o verde, e as mulheres a distinguir o azul. Mas eis que entra em campo uma dama, Miss Thompson: achou ella que os homens são mais sensiveis ao azul e amarello sobre fundo branco, e as mulheres ao vermelho e ao verde. Mas Miss Thompson conclue tambem a favôr dos homens pelo que respeita á aptidão para distinguir as côres.

Vinho velho de dois mil annos

No decorrèr das escavações no cemiterio gallo-romano de Saint-Seurin, em Bordeus, descobriu-se um enorme sarcófago do primeiro século da nossa era. Ao lado de um esquelêto estava um grande frasco de vidro de forma até hoje desconhecida nas Gallias. Continha residuos que foram analisados. Os vestigios certos de tanino que se encontraram convenceram o analista, directôr do laboratorio da Faculdade de Medicina de Bordeus, de que esse frasco contivera vinho, certamente de primeira ordem. A forma do frasco, segundo autoridades competentes, é a caracteristica da industria syria. De resto, houve outr'ora relações commerciaes aturadas entre a Syria, cujos vinhos eram afamados, e toda a região de Bordeus.

Movimento diurno da torre Eiffel

Foi mandado examinar se a torre Eiffel soffreu qualquer deslocação com as cheias do Sena. Verificou-se que a posição media da ponta do pararaios não soffreu variação desde as observações de 1869 e 1908; mas que essa ponta tem um movimento diurno, de 4 a 18 centimetros, cuja direcção varia com as estações, e produzido pelo calôr do sol. Era de E para O em maio e Agosto de 1869, de N para S em dezembro de 1908, e E para O em junho de 1910. Durante o inverno, o sol bate sómente na parte S da tôrre, emquanto no verão bate em todas as faces, produzindo um deslocamento numa direcção geral perpendicular ao meridiano e mais complicado que na primavera e no outomno.

Asimetrias da figura humana — A orelha

E' vulgar a observação das asimetrias e irregularidades das feições; a curvatura do nariz, a desigualdade na grandèza dos olhos, etc. O corpo humano não é perfeitamente simetrico. Não ha simetria num certo numero de orgãos internos que são unicos e collocados de um só lado do corpo. E' melhor seguida a simetria externa, mas só aproximadamente. Não ha cabeças nem caras simetricas. As grandes obras d'arte mostram-nos d'essas differenças para um e outro lado do côrpo. Assim, a Venus de Milo tem mais desenvolvida a face esquêrda: o ponto mais exteriôr da esquerda é 7 milimetros mais afastado do plano ideal de simetria que o ponto correspondente da direita; o nariz desvia-se tambem 7 milimetros para a es-

querda. O olho direito está mais baixo do que o esquerdo.

Uma estatistica curiosa mostra as differenças observadas nas dimensões das orelhas: são frequentes essas differenças, indo ás vezes até 5 milimetros. Nas medições sobre cem crianças de treze annos encontraram-se oitenta e nove com a orelha esquerda maior; uma só tinha maior a direita.

Em cem adultos de vinte e tres annos achou-se a differença ao invés: setenta e nove tinham maior a orelha direita, e seis sómente maior a esquerda. Com a idade parece diminuir a grandêza da asimetría.

Vida na arte e nas letras

A America importadôra de obras d'arte — Rembrandt na America

As importações de obras d'arte pela America continuam augmentando consideravelmente. Durante os ultimos cincoenta annos parece que Rembrandt foi especialmente escolhido. Ha no Novo-Mundo nada menos que oitenta e oito pinturas de Rembrandt, afóra os desenhos, — isto é, o dobro do que resta á Hollanda e uma vintena mais do que as existentes na Austria, Belgica, Hespanha, Dinamarca e Italia. Só dois paises possuem numero superior: a Inglaterra (165) e a Allemanha (120).

Os maiores mercados são Londres e Paris.

Os primeiros Rembrandts que appareceram na America foram *Danae e a chuva d'ouro* e o *Retrato d'homem*, o primeiro em 1854 e o segundo em 1866.

O esforço dos ricos americanos é tanto mais apreciavel quanto a maioria das obras são por elles dadas aos museus.

Os escritôres francêses e o teatro

Pode dizêr-se que em grande maioria os homens de letras da França condemnam o teatro actual d'aquelle pais na sua generalidade. E' o que mostrou uma inquirição recente. Além dos que lhe negam toda a influencia social, ha os que lh'a reconhecem, mas nefasta. Tambem a importancia e a influencia do actôr no meio moderno é condemnada por alguns (Verhaeren, Lemonnier).

Ibsen e os actores

E' curioso que Ibsen tivesse tido pelos actores e pela gente de teatro em geral, a maior antipatia. Assim o fez saber ultimamente um amigo do grande dramaturgo (J. Paulsen). Datava ao que parece essa antipatia do tempo em que Ibsen dirigiu o teatro de Christiania, a época mais triste e difficil da sua vida. O grande prégadôr e exaltadôr da personalidade declarava que o actôr lhe era odioso quasi, por o officio consistir em envergar constantemente a pelle de uma personagem differente. Esse motivo um tanto teorico seria o verdadeiro, ou antes as más recordações d'aquella época? Seja como fôr, quando encontrava um bom artista Ibsen esquecia as suas doutrinas, ou os seus preconceitos. Conta-se mesmo que certa vez a actriz dinamarqueza Betty Hennings o enthusiasmou a tal ponto que Ibsen se precipitou para ella dos bastidôres e a cobriu de beijos d'admiração.

A arte japonêsa apreciada por um inglês

Um escritôr inglês, tratando ha pouco da arte japonèsa, diz sêr difficil achar nella qualquer profundêza de pensamento. Não sómente tem pouco fundo emotivo, mas ainda pouquissimo interesse intellectual. E' essencialmente uma arte da linha; a côr é chata, sem relêvo. Concorda porém o autôr em questão que a menos condemnatoria de todas as accusações que se possam fazêr a uma arte, é esta de sêr uma arte da linha. Contenta-se com a linha, diz elle, porque é incapaz de exprimir quer a forma quer a côr fóra do campo decorativo; porque, em resumo, é tão falha de interesse intellectual como de fundo emocional. Atrofiada, prematuramente resequida, a arte japonèsa é-nos apresentada pelo critico como destituida quer das grandes qualidades da alma, quer das grandes qualidades do espirito.

Fogazzaro e o seu novo romance

O novo romance, de Fogazzaro, *Leila*, é um mixto de comedia e drama. Quando escreve um novo romance, Fogazzaro enceta a sua faina ás 5 da manhan e diz-se que continua até ás 10 da noite. Uma vez começado o trabalho, não descansa, anciôso pelo fim. O seu método é reunir breves notas de detalhe; depois determina o plano geral, que vae modificando com o adeantar da narrativa, principalmente no que respeita aos protagonistas. Raramente faz alterações nos caracteres secundários, porque esses são quasi sempre tirados da observação real, emquanto os caracteres principaes são sempre inventados. Fogazzaro revê, refunde, recopia largamente.

Vida nos campos

Uma nova machina valladôra

Foi inventada recentemente uma combinação da tracção pela gazolina e da machina valladôra, de construcção americana, provida de uma roda de cavar vallas de grande capacidade.

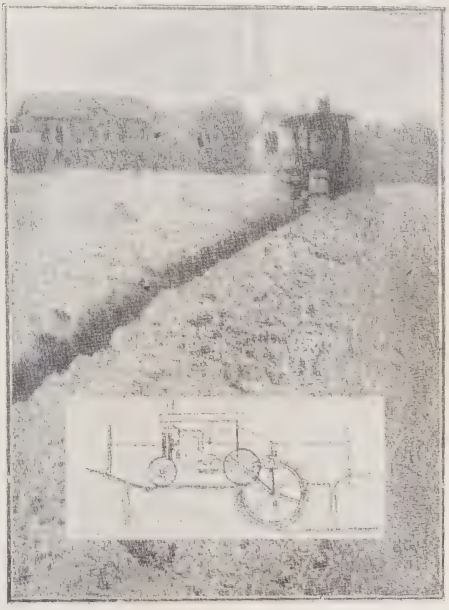
As gravuras mostram este engenho de tracção e excavação cavando um fôsso de 1m,85 de profundidade e 0m,60 de largura, em terra argilosa, á razão de 0m,90 por minuto.

A altura da roda cavadôra é de 2m,80, e a largura da machina 3m, com um comprimento total de 7m,30.

Como machina de tracção, o motôr dá-lhe uma velocidade, em estrada, de 5 kilometros e meio por hora, podendo desenvolvêr 40 cavallos, sendo preciso. Tirada a roda de cavar, fica uma perfeita machina de tracção, manobrada como as communs, e differente das melhores usuaes simplesmente em têr maior potencia, afim de podêr fazêr o trabalho da excavação.

Ha muitas vantagens em usar o motôr de gazolina especialmente adaptado á machina de tracção valladôra. Com effeito, a machina a vapôr pesa 270 a 360 kilos por cavallo-vapôr que fornece, emquanto o motôr de gazolina pesa 50 kilos por cavallo-vapôr. A gazolina é mais barata, occupa menos espaço, não gasta quando a machina está parada, e não exige o dispendio de conducção para o carvão e para a agua.

O apparelho cavará um fôsso de 1m,80 de profundidade e 0m,60 de largura, á razão de 54 metros de comprimento por hora, ou sejam 58 metros cubicos. Em 10 horas fará o trabalho



NOVA MACHINA VALLADORA

NOVA MACHINA VALLADORA

de quasi sessenta homens, produzindo uma valla perfeitamente regular.

A roda cavadôra é munida de desaseis navalhas de aço extremamente duro; quando ella gira, a machina move-se para diante, emquanto a roda de cavar, na parte do seu curso em que se eleva, corta de 12 a cerca de 25 millimetros de terreno.

Quando cada uma das desaseis navalhas talha o terreno, este sae para outras tantas aberturas correspondentes ás navalhas, e a terra que a roda cavadôra d'esta maneira vae extrahindo vem finalmente a sêr disposta em porções iguaes a cada lado da excavação.

Chronica da Moda

PODIA-SE escrevêr, caras leitoras, uma Philosophia historica da moda. A moda é um facto social como qualquer outro: d'ahi a possibilidade de a fazêr entrar nos caixilhos das doutrinas, estudar a influencia das raças, dos meios, dos momentos historicos. A' arabe não conveem os fatos da japonêsa; no quente Egypto não se usa o mesmo que na fria Noruega; e nos paizes europeus que a civilização vae uniformizando, o momento historico tem em si, muitas vezes, a chave da enigmatica moda, á primeira vista a cousa mais caprichosa, desregrada, inexplicavel d'este mundo. A guerra russo-japonêsa influenciou inquestionavelmente a moda feminina, trazendo para o occidente, com o echo das suas batalhas, as *mangas japonêsas*, os kimonos confortaveis, a faixa de grande laço que nos mostram as ultimas criações das grandes costureiras de Paris...

Pois bem. O arbitro da moda masculina, o maior admiradôr da mulher francêsa e de tudo que fôsse elegante, bello e magnifico, o fallecido Rei Eduardo VII, terá de alguma forma influido com o seu passamento saudoso na moda feminina, assim como em vida determinou a moda masculina? Cremos que sim. A admiração, a ternura, o sentimento britannico determinaram o preto e branco para demonstrar a mágoa pelo fallecimento do Peacemaker.

A francêsa, para realce da sua belleza, viu n'essas côres contrastes imprevistos, e, quem sabe?... — talvez uma homenagem á memoria do grande rei, amigo da França e seu *rafiné* admiradôr. Actualmente juntam-se montanhas de velludo negro a preciosas rendas de Veneza, de Bruges, de Milão, etc.; adherem, maravilhosamente sobrepostas, gazes pretas e brancas, e arminhos com raposas pretas, regalos, écharpes, casacos, vestídos, tudo emfim é preto e branco. Eis, minhas senhôras, o supremo chic — o *dernier cri!*

Toilettes

Juntamente com o *tailleur* fantasia que vae estendendo cada vez mais o seu ambito, o vestido de uma só peça, acompanhado de um grande *manteau* de pelle, velludo ou panno, está sendo muito usado para as reuniões da tarde e visitas. Confeccionam-se de tecidos leves, de lan, seda, ou veludo. O custo da materia prima é insignificante comparado com a despeza dos accessorios. Tres metros, de resto, bastam para completar o amalgama de rendas, *broderies*, pelles e *écharpes* que compoem uma *toilette* moderna. São tecidos preferidos a sarja fina e lisa, o cheviote, e a cachemira de lan sobretudo, a grande novidade da estação. Combinam-se com ella tanto o liso como o xadresinho, e os escossezes escuros. O azul marinho, já muito visto, começa a ceder o logar ao verde, tom este mais quente, mais proprio para destacar na côr baça de um ceu de inverno. Continua a usar-se, sem de resto se apresentarem grandes transformações sensacionaes neste ponto, a combinação de tunicas e *panneaux* debruados. As tunicas apresentam-se mais simples e lisas,

afastando-se do pannejamento grego de muitas pregas fluctuantes.

Os vestidos *tailleur*, de velludo, são este anno grande moda, sendo de muita distincção os de veludo preto, de feitio muito simples, e apenas guarnecidos na gola e nos canhões por bôas rendas ou um pouco de pelle. Nos vestidos de *toilette*, a forma japonêsa é cada vez mais predominante; de resto, os vestidos são de tal forma lisos e justos, que a belleza e o bom gosto de uma *toilette* consistem apenas no primôr do corte, no tecido e na côr.

Os grandes casacos de velludo preto, abotoados abaixo da cintura por dois botões de passementerie, vêem-se tanto para de dia como para sahida de theatro. Para vestidos *troteurs* estão sempre em moda os tecidos de sarja e de cheviote, e para esses vestidos a exigencia está apenas no impeccavel do corte, pois devem ser sempre sobrios de enfeites, e apenas levando um rebuço de seda de cordão no tom da fazenda, e grandes botões do mesmo tecido.

Para taes vestidos usam-se os casacos curtos, que são mais praticos e elegantes. As saias, sempre bastante curtas, o que é de uma

N.º 1

N.º 2

N.º 3

grande commodidade e faz convergir a attração e o valôr da *toilette* para o primôr do calçado.

Os recentes figurinos trazem-nos lindas bluzas de velludo que se poderão usar com saias de panno da mesma côr, — e tendo esta uma grande barra do mesmo velludo, far-se-ha uma *toilette* simples e elegante.

As nossas gravuras representam:

N.º 1 — Vestido de panno azul pavão. O corpo, de fórma japonêsa, guarnecido de galão fantasia, forma um plastron de veludo á frente. Do mesmo veludo é todo o panno da frente na saia, tendo esta uma barra de panno a atravessar. As mangas acabam por uns canhões de veludo, e umas applicações de passementerie da qual é guarnecido tambem o corpo. O peitilho desta *toilette* poderá fazer-se de tulle creme em preguinhas, acabando por uns entremeios de guipure,

N.º 2 — Elegantissima *toilette* de recepção de côr *taupe;* bluse de gaze *mousseline* do mesmo tom, toda pregueada, sobre uma *guimpe* de renda avivada de setim *cerise*. Na manga um canhão de renda, rematado por uma guarnição de pelle. A saia, de *panno* do mesmo tom, com *double-jupe* em bico, apparecendo á frente um motivo de *broderie*.

Uma bonita guarnição da mesma *broderie* liga a saia ao corpo.

N.º 3 — Esta *toilette* dá um bello resultado quando copiada como indica o figurino. De tecido *molleton* castanho dourado, é guarnecida no corpo e nas mangas por soutache da mesma côr e largo galão multicolôr. O peitilho feito de tulle e entremeios cremes, tendo em volta um viez de veludo castanho. Na saia grande barra de veludo, aos lados, acabando nos pannos da frente e detrás por grandes botões do mesmo veludo.

Vestidos de soirée

Com os primeiros dias nebulosos e frios, nos jantares, bailes e theatros se reune a sociedade elegante que nas praias e thermas veraneava. O vestido de noute, necessario a estas circumstancias, é tanto mais significativo quanto marca uma epoca nova, e annuncia o gôsto e a tendencia da estação.

Convem notar, no entanto, que as transformações se operam lentamente, e os primeiros modelos pouca novidade offerecem, pois que a ultima criação da moda não apparece senão com os primeiros dias do anno. Os tecidos muito leves, as gazes, as musselinas vaporosas, de tons pallidos, produzem um dôce effeito quando misturados de finas rendas, podendo ter, quer no corpo quer na saia, um laço de veludo mais carregado que venha pronunciar a côr da *toilette*.

Os tecidos metalicos, de ouro, de prata, os tulles bordados a contas, a lantejoilas são de um effeito deslumbrante.

Para attenuar o seu brilho e a sua demasiada riquêza cobrem-se de grandes túnicas de gaze. O mesmo se pode fazêr a vestidos de seda já usados, dando-lhes assim uma renovação que os põe na ultima fase da moda actual.

Para complemento de uma *toilette de soirée* mencionaremos, em volta da cabeça, as largas fitas de setim *liberty* de côr condicente com a do vestido, ou ainda os galões *vieil or* ou *vieil argent*.

Regalos e «écharpes»

Os grandes regalos, de pelle de zibelina e de raposa, estão sendo o complemento de uma *toilette* elegante de inverno. Nunca a moda nos foi tão favoravel nem tão economica n'este ponto, pelo possivel aproveitamento de antigas estolas, que, guarnecidas de entremeios de *guipure*, de tiras de veludo, se prestam á confecção de um bonito regalo. Alguns são feitos da propria fazenda do vestido, constituindo esta a parte do centro e applicando-se-lhe dos lados duas tiras de pelle. De grandes dimensões todos elles, variam na fórma, sendo uns chatos, outros sobre o comprido, e alguns completamente quadrados.

As *écharpes* continuam a estar na moda; as de tulle, de gaze, bordadas a prata, a ouro, lantejoilas e missangas, são de um lindo effeito para uma *toitette* de noute, devendo a côr condizer com a do vestido. Como ultima novidade, vêem-se as largas *écharpes* de musselina, de uma só côr, sempre em tons muito palidos, orladas de grandes franjas, um primôr de bom gosto; outras, de setim preto, forradas de branco,

são as mais usadas para *toilete* de passeio ou visitas. A nossa gravura n.º 4 representa um d'esses modelos, feito de velludo musselina, preto, acabando as pontas por grandes borlas de *passementerie*.

N.º 4

Chapeus

Os chapeus são quasi todos de forma *cloche*, começando a sêr abandonado o feitio Luis XV. A maior parte tem uma pequena queda na frente, sendo a aba maior atrás. Quanto ao tamanho, continuam a usar-se bastante grandes para maior *toilette*, e para mais ligeira os toques de aba pequena e copa bastante alta, sendo esta formada com o veludo franzido ás pregas, e em volta um simples galão.

As plumas, como sempre, formam a maior belleza de um chapeu. Uma grande pluma *pleureuse* atravessando a copa é o sufficiente para guarnecer um chapeu, dando-lhe, com a simplicidade, verdadeira riqueza e elegancia. Os chapeus pretos, de flamão ou de velludo, com as plumas da côr do vestido, são a ultima novidade.

Apresentamos ás nossas leitôras tres modelos, em gravura:

1.º — Lindo chapeu de velludo preto,

N.º 1

tendo como unico enfeite uma rica pluma *pleureuse* verde ervilha.

2.º — Elegantissimo chapeu de flamão

N.º 2

gris-fer, guarnecido com duas grandes rosas de velludo *mauve* em dois tons, e folhagem verde.

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, augmentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE.**

3.º — Chapeu para ligeiro, muito bonito e pratico, confeccionado de velludo preto,

N.º 3

tendo a copa alta, formada de velludo franzido, e á frente grande fivella de aço.

De palestra

Opiniões sobre a «toilette» das mulheres

Qual deveria ser a *toilette* feminina que mais acceitação tivesse na opinião dos homens? Eis um problema certamente interessante, e para que já foram dadas, por personalidades conspicuas do mundo actual, algumas indicações curiosas. E ahi temos, em primeiro logar, o proprio chefe do catholicismo, o papa Pio X, a entrar na discussão, recommendando a todos os bispos da Igreja Catholica que publicassem cartas pastoraes reprovando certas tendencias da moda actual. A estas cartas accresceram em alguns paises as condemnações sacerdotaes nos pulpitos, anathematizando a maneira escandalosa como as mulheres se apresentavam em publico.

Ao lado d'estas condemnações seria mais prestavel que os juizes das modas actuaes apresentassem os modelos que deveriam substituir os que os figurinos nos apresentam. Roosevelt, o ex-presidente dos Estados Unidos que tanto tem prendido a attenção mundial, dizia recentemente:

«Eu opino por uma saia curta para toda a mulher que tem uma vida activa de trabalho. Não me agradaria ver cousa que se aproximasse do trajo masculino. A mulher deve vestir saia, mas mais curta do que até aqui se tem usado.»

Outros homens de notabilidade se têm manifestado no assumpto, apresentando opiniões de diversas especies. Marcel Prevost, por exemplo, indica d'esta forma a opinião de varios homens sobre o assumpto: «Um homem admira uma mulher na sua *toilette* de baile, póde acha-la encantadora num trajo de visita, mas, creiam, quando tenta evocar a sua imagem ao espirito, em nove casos sôbre dez, vê-a com o seu vestido *tailleur*. Porquê? Não o sei precisamente. Ha qualquer cousa de franco e aberto, arranjado e pratico no vestido *tailleur*, que agrada a um homem.

Portanto, jovens senhôras, se quereis que os homens pensem bem de vós, escolhei com cuidado o vosso vestido *tailleur*.»

Deve notar-se que Prevost é um francês falando do *tailleur* de uma verdadeira parisiense, e que esta evita tudo quanto lembre a figura masculina no seu *tailleur*. Ha mil detalhes que tornam a sua concepção desse trajo distinctamente feminina. E é essa a justa concepção: o vestido de uma mulher deve-lhe sêr tão proprio como os seus olhos o são da sua constituição fisica, emanar da pessôa e sêr d'ella uma parte. A côr deve harmonisar-se com a coloração da pelle, e as linhas devem seguir as do corpo.

O homem aprecia unicamente a harmonia do conjuncto. O custo, a confecção, as guarnições passam-lhe despercebidos, e nada são para elle. Por isso a mulher que procura a linha e a simplicidade, suscita a admiração do homem, que detesta o trajo presumido como detesta a mulher presumida.

A mulher examina no vestido d'uma outra, o tecido, a côr, o feitio, a novidade da sua *toilette*. O homem é menos minucioso e apenas admira o conjuncto.

E os artistas? Esses, que mais competencia têm, pois passam horas da sua existencia pensando na maneira de tornar a mulher mais bella, recusam tomar a questão da *toilette* feminina a serio. Um pintôr celebre disse: Recuso criticar qualquer moda pois a minha opinião é esta: vista-se de qualquer forma, seja qualquer o estilo e feitio da sua *toilette*, a mulher é sempre encantadôra!

NOVIDADE LITTERARIA:

Anthero de Figueiredo

Doida de Amor

(Novella)

Livraria Ferreira — Editôra

132, RUA AUREA, 138 — LISBOA

CASTELLO DE MOURA

Afamadas aguas mineromedicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — **Medalhas de Ouro,** Madrid 1907, Porto 1904 — **Medalha de Prata,** S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, te qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas. nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura
Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Blenol – Lindacutis – Dermol
Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908
Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

SERÕES
N. 68 – FEVEREIRO 1911

MUSEU D'ARTE – GAINSBOURO[illegible] (1727-1788) Escola inglêsa. — Miss Robinson

Proprietaria e editora : Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

MISS ROBINSON
(Frontispicio) 82

A EVOLUÇÃO DA VALSA
(33 illustrações) por ADRIANO MERÊA 83

A SIMPLICIDADE DOS REIS DE ITALIA
(3 illustrações e 1 vinheta) por ALEN-KAR 97

OS CARANGUEJOS DE DAN-NO-URA
(5 illustrações e 1 vinheta) por WENCESLAU DE MORAES 101

O PASTOR DA SERRA DA ESTRELLA
(6 illustrações e 1 vinheta) por PADRE ALVARES D'ALMEIDA 106

FÉ ANTIGA
(2 illustrações e 2 vinhetas) por HIPPOLITO RAPOSO 113

OS NOVOS SOCIOS BRAZILEIROS DA NOSSA ACADEMIA
(6 illustrações) por JOSÉ ANTONIO DE FREITAS 120

CHRONICA AGRICOLA
(5 illustrações e 1 vinheta) 127

HISTORIAS ROMANTICAS DA IMPERATRIZ EUGENIA
(1 vinheta) 131

O DEFEITO *(Soneto)* por THOMAZ D'EÇA LEAL 132

A ARANHA
(4 illustrações e 1 vinheta) 133

RESENHA PORTUGUEZA
(8 illustrações e 1 vinheta) por PORTUGAL DA SILVA 137

THEATROS
(5 illustrações e 1 vinheta) por PORTUGAL DA SILVA 143

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA
(4 illustrações e 2 vinhetas) 69

PELO MUNDO FORA
(12 illustrações e 1 vinheta) 147

CHRONICA DA MODA
(6 illustrações e 1 vinheta) 158

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas; brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o compradôr indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões

Historia
Sciencia
Romance
Arte
Actualidades
etc.

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres
e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

N.º 68

FEVEREIRO 1911

MUSEU D'ARTE. — GAINSBOUROUGH (1727-1788) Escola inglêsa. — Miss Robinson

A evolução da valsa

TUDO leva á crer que, dentro em pouco, uma das sociedades internacionaes de arte será consagrada aos interesses da choreographia. Ha dois annos celebrou-se em Berlim um congresso de professores de dança, e para assistir a um outro, realisado ha alguns mezes em Paris, não faltaram delegados especiaes da Inglaterra, Russia, Italia, Austria, Suissa, Grecia e Estados Unidos da America. Como varios dos congressistas apresentassem os modelos *dernier cri* das creações choreographicas, o *yankee,* para não deixar n'outras mãos a balda da excentricidade, advogou, como propicia á arte que representava, a instituição d'uma nova escola americana, destinada ao estudo dos gestos nos animaes...

Não estamos habilitados a referir se tal ratice gesticulatoria conseguiu reunir muitos proselytos. Houve, porém, um ponto em que todos os interessados concordaram, e esse vem a ser — que mau grado os esforços dos Noverre actuaes, a dança definha a olhos vistos. Com effeito, a sua decadencia é manifesta. Se por um lado, o talento authentico de Isadora Duncan se empenha em lhe restituir o prestigio d'outras éras; por outro, a dança em commum, que tanto favoreceu a sociabilidade no seculo ultimo, para resistir agora a uma queda quasi inevitavel, teve que pactuar com o maxixe e o *cake-walk,* consentindo que a valsa no seu volteio elegante, alterne com tão grosseiros exotismos.

Ao que chegou a valsa, decretada pelo bom tom nos salões do Directorio, e que veiu a ser a alma e a vida dos bailes sumptuosos da aristocracia do segundo imperio! Ella, que no reducto da sua extrema distincção, resistiu, impavida, ás apostrophes de Byron e de Hugo, encontra-se agora humilhada ao lado de momices dançantes, emquanto a douta gravidade d'alguns esthetas lhe deprecia a musica, considerando-a um genero inferior.

Inferior em quê? Em dispensar complicações technicas, alheia a escolas e ideias dou-

trinarias? Em se mover dentro de restricta esphera, fiel á divisão ternaria, sem a liberdade e a variedade rythmica de outras fórmas musicaes?

Certamente, a valsa não dá o arrepio do sublime, não excita n'um espirito educado a admiração profunda que elle experimenta perante uma construcção sonora de concepção e proporções grandiosas; no emtanto, conta entre outras caracteristicas a finura e a airosidade, bem mais que o preciso para que só o mau gosto enjeite os seus encantos. Assim julgaram Mozart, Beethoven, Weber, Schubert, Chopin, todos elles auctores de valsas. Beethoven não só legou porção d'ellas, como até para thema d'umas das suas *variações* mais notaveis, escolheu uma valsa de Diabelli; e em Schumann, o musico do anceio e da amargura, tantas são as valsas a esmaltar a sua Obra, que até no seu famoso *Concerto* em *lá menor* se encontra uma valsa brilhante fechando a composição. Um genero de musica com tão insignes cultores, merece, indiscutivelmente, as honras d'um historico, comquanto cada um, segundo o seu arbitrio, lhe marque o ponto que entender no horisonte da arte.

UMA FIGURA DA «VOLTA»

A valsa, em allemão *Walzer*, de *wälzen*, litteralmente rolar, a valsa, diziamos, é desde longos annos a dança predilecta na Allemanha, e ainda não ha muito tempo a julgavam originaria d'esta nacionalidade. Hoje, de pesquiza em pesquiza, chegou-se á conclusão, com assentimento unanime, de que a valsa tem tantos seculos, quantos nos separam do tempo de Luiz XII de França. Segundo alguns eruditos e uma erudita nossa conhecida: a cravista Wanda Landowska, foi de lá que ella veiu, d'essa Provença abençoada, onde ainda em pleno feudalismo, do lyrismo amoroso do povo brotara o gosto de trovar, acompanhando o que já existia de dançar. Porque convém recordar que durante a estagnação d'espirito que foi a Edade Media, apezar da opressão do regimen, do obscurantismo das superstições tenebrosas, apezar de todos os soffrimentos moraes, nunca se deixou de dançar. Dançava-se e cantava-se. Era ao som de canções toscas, informes, sem rythmo nem symetria, que o povo dançava as rondas de que ainda ha vestigios na infantil dança de roda; e como isso ainda não bastasse para alliviar os animos d'um ambiente de martyrio, imaginaram-se as procissões em que a dança entrando a principio como attributo do rito religioso, depois degenerou na licença e na orgia grosseira de uma época brutal de costumes. Não foi pequena a quota de Portugal para essas danças ambulatorias em que em nome d'intuitos purificativos, se comettia toda a casta d'impudor á custa das sombras nocturnas. D'este modo, o clero que a principio se mostrou favoravel á dança, teve depois que prohibil-a. Mas como em se tratando d'interdicções officiaes a complacencia tem sido de todos os tempos, nem todos os bispos commungaram nas mesmas ideias condemnatorias; e assim succedeu que ao passo que n'algumas dioceses ella se conservara interdicta, n'outras era exercicio a que o povo se entregava tão confiadamente, como diversos bispos e abbades n'um baile historico, por occasião do concilio de Trento, onde, a despeito da purpura e dos achaques, dois cardeaes mostraram as dançarinas prendas.

Até aos alvôres da Renascença, a dança era, em geral, passeada. Davam-se as mãos

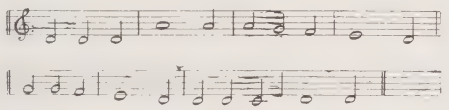
e, formado o circulo, os pares caminhavam ao som das coplas, cada uma d'ellas seguida de um ritornello. Chamava-se a isto uma *Branda*, e havia-as em quantidade, modificando-se no movimento e no caracter consoante o gosto e o capricho da região. Pode-se dizer que cada provincia possuia a sua branda. Na côrte predominava a *Pavana* altiva e desdenhosa, seguida mais tarde da *Galharda*, variedade dançante tambem chamada *Romanesca*, e de caracter alegre e decidido. Depois, outras danças transitam da vida rustica para o meio palaciano até chegar a vez da forma ancestral da valsa — a *Volta*, que vindo do torrão provençal para a côrte, a meio do seculo XVI n'ella medrou e brilhou a ponto de se dançar com alvoroço.

Para informações sobre as danças d'esse tempo, nada como a *Orchésographie*, de Jean Tabourot, mestre de capella de Henrique III e conego de Langres, motivo por que, muito naturalmente, o auctor do referido livro n'elle se rebuçou no pseudonymo de Thoinot-Arbeau. Salvar as apparencias nunca ficou mal a ninguem, e muito menos aos conegos. Ao que nos diz Tabourot, a *Volta* era uma dança pulada, mas, como a valsa, em movimento giratorio; a certa altura, o par dava cinco passos para a direita, outros cinco para a esquerda e, cumprido este preceito, a dança entrava na sua phase mais picante, aquella em que o cavalheiro, collocado á direita da sua dama, lhe rodeia a cinta com o braço esquerdo, a ampara na parte concava do espartilho e encostando a á perna esquerda em que a dama parece sentar-se, levanta-a quanto pode n'uma serie de movimentos rapidos, emquanto a voltista com uma das mãos se lhe segura ao pescoço e com a outra impede que as saias se levantem, o que não era facil evitar mau grado os cuidados das damas. Eis o que, choreographicamente, a *volta* vinha a ser segundo a informação da *Orchésographie*, depois de assás resumida na technica e despojada das liberdades explanatorias; porque o tal conego de Langres, para descripções de costumes, era um pavor de realismo! Brantôme ao pé d'elle, era a candura em pessoa...

Com a predilecção que havia n'essa época pelos exercicios physicos, devido ao que a cada passo as espadas se cruzavam, ora pelas theologias da côrte celeste, ora pelas damas da côrte terrestre, surgida uma dança tão exigente de musculos e dextreza, como propicia a consentimentos nos floreios do galanteio, imagine-se com que furor se dançou e que fartos subsidios daria a *Volta* para a chronica mundana d'então! Para que nada lhe faltasse, teve até por musa tutelar essa princeza Margot, de cuja esbelteza a Historia pasma, e cujas graças de voltista unica n'uma festa em que ella personificava a caridade, Ronsard cantou assim:

Comme une femme elle ne marchait pas
Mais en roulant divinement le pas
D'un pied glissant coulait à la cadence.
Le Roy, dançant la Volte provençalle
Faisoit sauter la Charité, sa sœur:
Elle, suivant d'une grande douceur
A bonds légers voloit parmy la salle.
De marbre exquis taillé par artifice
Sa jambe estoit, ses pieds estoient petis
Tels qu'on les feint à la belle Thetis,
Súr fondement d'un si bel edifice.

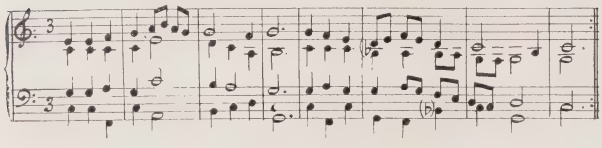
A musica da *volta* proveiu da canção popular, como em geral a das outras danças até o seculo XVI. Era de movimento vivo, contextura singella e no compasso de 3 por 2. Na *Orchèsographie* encontra-se d'essa musica o seguinte specimen:



A VOLTA PROVENÇAL

Com o afastamento de Margarida de Valois da côrte de seu irmão Carlos IX, a *Volta* emigrou para a Allemanha, onde é de crêr que entrasse deixando na fronteira o notorio descomedimento. Cumpre aqui notar que pertencendo uma grande parte da musica instrumental nos seculos XVII e XVIII ao genero dançante, nas *Suites* e *Partite* de J. S. Bach, nas obras de Haendel e d'outros compositores allemães que enriqueceram a litteratura do cravo, já nada se encontra a attestar a existencia da *Volta* na Allemanha; ao passo que abundam outras danças d'ella coevas, como a *Allemande*, a *Bourrée*, a *Sarabanda* e ainda outras. A propria *Galharda*, com tão grande affinidade com a

Volta, e na qual alguns dizem esta se ter fundido, se pudemos conhecer com que musica se dançava, devemol-o a composições



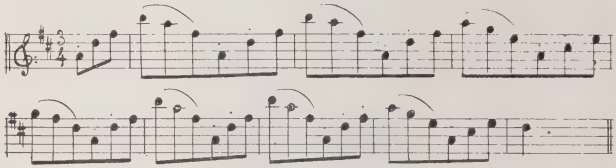
GALHARDA DE CLAUDE GERVAISE

dos francezes Guèdron e Claude Gervaise e dos inglezes William Byrde e Orland Gibbons.

O fragmento d'uma *galharda*, de Claude Gervaise (compositor e violista do seculo XVI) aqui apresentado em reducção pianistica, tomámol-o da publicação de Henry Expert — *Les maîtres musiciens de la renaissance française: Danceries*, 1er volume. E' complemento da *Pavana* sobre a canção: *Mamye est tant honneste et saige*. Está esta *galharda* escripta para quartetto com a indicação de *superius, tenor, contratenor* e *bassus* nas suas respectivas partes, á maneira da musical vocal da época.

Apezar da ausencia da *Volta* e da *Galharda* na musica allemã, desde a segunda metade do seculo XVII, é na Allemanha que, depois, a meio do seculo XVIII, vamos encontrar no *Laendler* novos traços evolutivos da valsa. Como a *Volta* medieva, o *Laendler* dançava-se movendo-se os pares independentes e no mesmo sentido circular. A musica subordinava-se tambem ao rythmo ternario, 3 por 4 ou 3 por 8. Sob a designação de *Laendler* existem muitas valsas minusculas de compositores antigos e modernos, Raff um d'elles, se bem que nem sempre encontremos n'ellas observada a fórma typica da melodia em colcheias, succedendo-se vagarosamente e em movimento continuo.

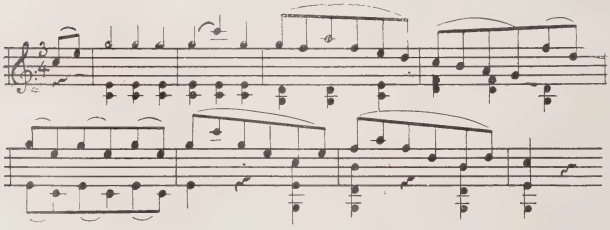
Um bom exemplo do *Laendler* figura-se-nos o bailado do *Freischütz*, que pelo seu caracter popular, tão bem quadra com o



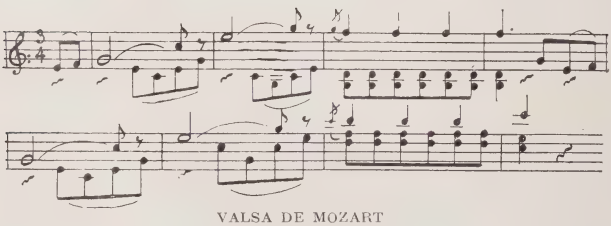
LAENDLER DO 1.º ACTO DO «FREISCHUTZ»

1.º acto da celebre opera de Weber.

Com excepção da *ronda infantil* não se conhece dança de maior recato. Simples, discretamente affectuosa, toda ella a respirar compostura e graça pudica, eil-a em breve propagada a toda a Allemanha do Sul e á Bohemia e á Styria, tornando-se nos casaes e nas granjas o entretenimento favorito da mocidade. Quando, descida a noite, o luar convida á confidencia, quantos corações se entreabriram por aquelles prados fóra, quantos noivaram de pulsar ao rythmo do *Laendler*, suave como o aroma do feno e o fio d'agua na fonte!



TRIO



VALSA DE MOZART

Após o *Laendler* vem um outro genero de valsa rustica, já menos singella, menos curta tambem, pois que traz comsigo o *trio* e a *coda*. São as valsas conhecidas por *Deutsche Tänze*, ou *Teutsche*. Mozart escreveu mais de cincoenta, das quaes apresentamos uma com o respectivo *trio*.

E tambem Beethoven as compôz, como se

vê na que se encontra logo no começo da pagina seguinte.

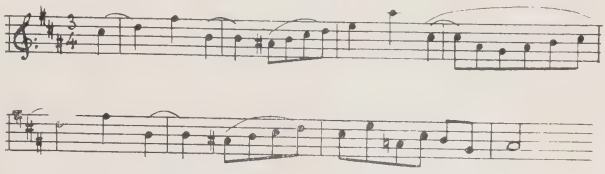
Em Hummel, a valsa distingue-se apenas pelo comprimento. Tinha nove numeros a que elle compoz em 1808 para a inauguração do Salão Apollo em Vienna.

Enfin Schubert vint... e ao influxo do seu genio forma-se a valsa moderna, tanto outra na elegancia, na frescura, no typo dançante em que a melodia corre fluente, mas contornando-se de graciosidade. Toda a espontaneidade do engenho creador de Schubert, toda a alegria sã e descuidosa da sua juventude bohemia sentem-se, palpitam, n'essas valsas na maioria compostas d'improviso nas reuniões intimas que elle frequentava e de que era a alma com a sua roda d'amigos, uns musicos, outros poetas, companheiros inseparaveis já na esturdia, nas tertulias do café, já n'essas excursões ao campo, onde a alma de Schubert simples e affectuosa, se dilatava e se nutria d'inspiração ao contacto e na contemplação da sua dilecta Natureza.

FRANZ SCHUBERT

Quem percorrer as valsas, *Laendler* e *Deutsche Tänze* de Schubert, desde as duas primeiras collecções (*Original Tänze*, op. 9) até ás *Letzte Walzer* op. 127, encontrará n'estas obras, escriptas entre 1817 e 1827, certo numero de effeitos, cuja adopção n'outras valsas dezenas d'annos depois, poderosamente concorreu para afamal-as.

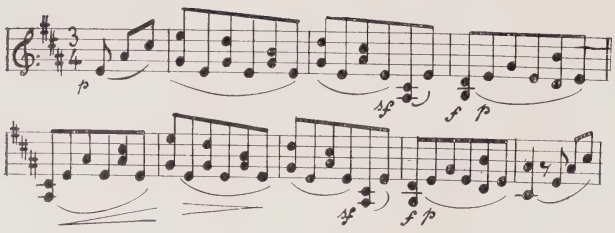
O effeito do syncopado, que tanto anima a valsa do *Fausto*, eis onde Gounod parece tel-o respigado:



VALSA DE SCHUBERT

Se para oppôr ao ar buliçoso d'esta valsa buscarmos outra d'expressão fundamente sentida, nenhuma como a que tambem apresentamos do mesmo auctor, tão intima de suavidade, e por muito tempo attribuida a Beethoven. Intitularam-na os francezes *Désir*, á falta da nossa palavra saudade para traduzir *Sehnsucht*.

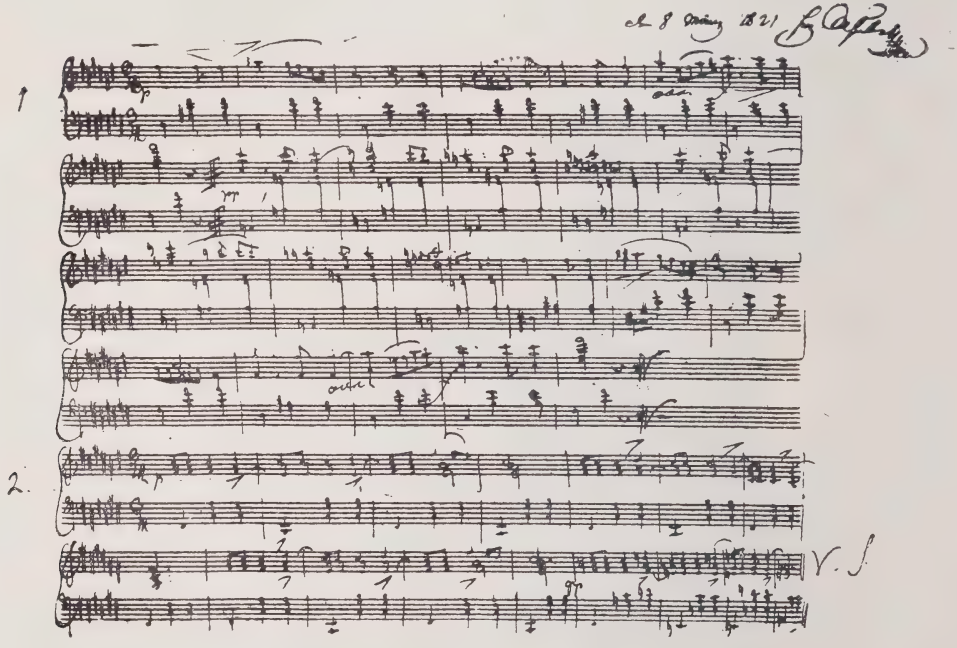
Determinadamente dançante, a valsa de Schubert, á parte a *introducção* e a *coda*, obedece na fórma á construcção rythmica regular. Poucos exemplos se encontram em contrario; um ou outro, como o da valsa em *fá*, 10.ª da collecção op. 127 não passa de méro capricho de momento, sem que Schubert pretendesse amplificar e enriquecer a fórma da valsa, de maneira a erguel-a da superficie terrena da musica de baile ás altas regiões da musica instrumental, como Weber, tambem auctor de valsas para dançar, o havia feito em 1819 no famoso



VALSA DE BEETHOVEN

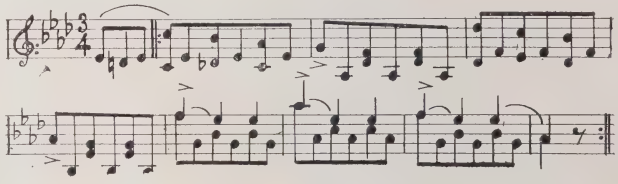
rondó brilhante, denominado *Convite á valsa*.

A citação d'esta obra, por muitos titulos notavel, relaciona-se com um ponto importante no assumpto que se tem aqui versado, aquelle em que a valsa, bifurcando, segue rumos oppostos, se não quanto á base rythmica, pelo menos, quanto a intuitos expressivos. Uma limita-se a ser dançada; outra, pretendendo que a escutem, integra-se no typo da valsa de salão, subdividida depois em infinitas qualificações. De brilhante, emplumada, opulenta de côr e de melodia varia, frondosa d'effeitos, rica de contrastes, e profundamente suggestiva, quasi representativa! na introducção, — a valsa perfeitamente pianistica, creada por Weber na obra supracitada, torna-se emotiva e aristocratica em Chopin, agreste de melancholia em Stephen Heller; inflamma-se, faisca de virtuosismo em Liszt; em Schulhoff e Lysberg não vae além d'apparatosa; em F. Thomé limita-se a uma boniteza elegante; em Saint-Saëns mostra-se fantasista e humoristica; em Rubinstein deslumbra de fulgôr e de viveza caprichosa; em Brahms é d'um frescor adoravel nas suas proporções delicadas; e em Widor, escassa d'idéas, interessa pela habilidade technica, temperada na fi-



[*Berlins Kgl. Bibliothek*]

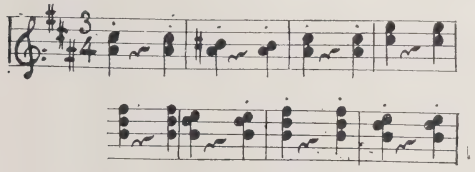
AUTOGRAPHO DE SCHUBERT



LE DÉSIR

nura e no bom gosto d'um artista requintado.

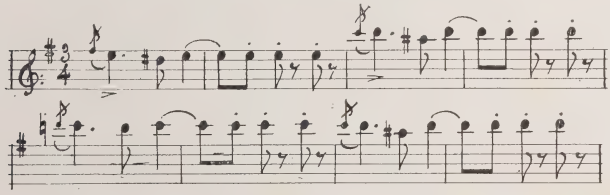
Claro que isto é simplesmente tratar de relance a valsa pianistica, citando-lhe apenas os principaes cultores e os traços geralmente caracteristicos. Mais, muito mais,



DAS LEBEN EIN TANZ

ella merecia, e de boamente lhe consagravamos attenção condigna, se não fôra o receio de tornar demasiado extenso este estudo. Ficará para melhor opportunidade, como poderá tambem ficar a valsa no poema symphonico, no bailado e na opera, desde que n'ella appareceu no 2.º acto de *La Cosa Rara* de Martin y Soler, em 1785, na Opera de Vienna, até á scena do luar de Werther, onde Massenet utilisou com tacto de mestre a forma do *Laendler* no aspecto rythmico e na feição campestre.

Agora, o que sobretudo importa é a valsa para dançar. Retomemos, pois, o fio da sua evolução, abandonado em Schubert, occupando-nos de Johann Strauss, Joseph Lanner e Labitzky, trindade coeva e notavel de auctores de valsas escriptas segundo o padrão de Schubert. Todos elles directores de pequenas orchestras de baile, facil lhes foi, por esse meio directo, conquistar para



PESTHER-WALZER

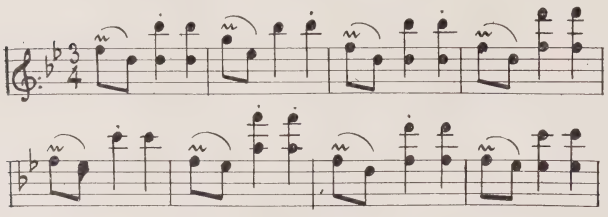
as suas obras a popularidade que as de Schubert não fruiram em vida do immortal compositor.

Foi a época de *Das Leben ein Tanz*, de Strauss; de *Pesther-Walzer*, de Lanner; de *Elisabeth*, de Labitzky; e de outras valsas de larga popularidade que fizeram as delicias da juventude de Vienna de 1830 a 1850. Depois, outro compositor surgiu, a quem estava reservado dar a forma definitiva á valsa viennense, conservando-lhe sempre, a par de outras qualidades caracteristicas, a força irresistivel do rythmo. Esse cultor extraordinario da valsa, gloria da musica choreographica, como Offenbach da operetta, foi Johann Strauss, filho. Dir-se-hia que Strauss e os seus competidores, satisfeitos com a valsa apenas plastica, lhe haviam dito: *habeas corpus*. Strauss, filho, infinitamente mais artista, parece terlhe segredado: *habeas animam*, e aquecendo o intuito á chamma azulada do seu estro, creou o typo supremo da valsa por muitos imitada sem que ninguem a excedesse.

CARICATURA DE J. STRAUSS POR OCCASIÃO DO SEU JUBILEU

N'umas impressões de viagem recentes,

Blasco Ibañez refere, na sua prosa quente e nervosa, que a Valsa de Strauss é o brazão musical de Vienna. Effectivamente, aqui

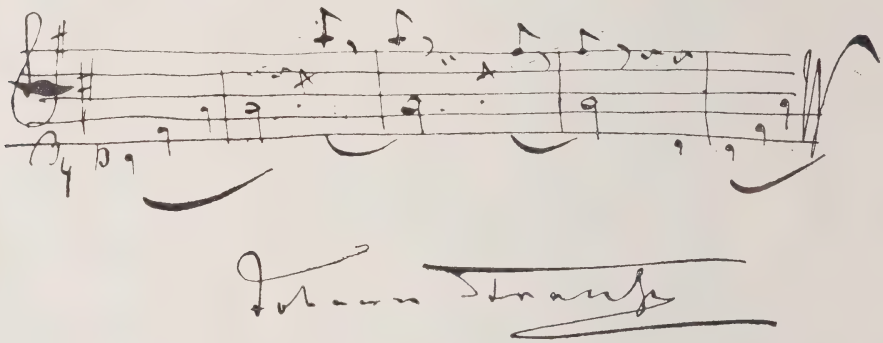


ELISABETH

ha a admirar um producto de arte em que o genio do auctor e o genio d'uma raça se fundiram de tanto se aproximar; d'ahi resultou para a valsa uma exuberancia e uma exaltação de vida, onde circula a flux o espirito d'uma capital que nenhuma outra eguala nas frivolidades do luxo, na animação estonteante, nas exterioridades e seducções da garridice. Escuta-se de Strauss uma das valsas mais typicas, e por uma associação d'impressões que suggere, alguma cousa nos diz do feitio plastico e moral da viennense, do seu pendor amoroso, mais á flor que do vivo d'alma; parece-nos até vêr emergir das irizadas volutas da valsa a figura inconfundivel da elegante de Vienna, orgulhosa das suas fórmas flexuosas e do ouro fulvo do seu cabello farto.

Convem até não esquecer que a melodia de Strauss exerceu um certo influxo entre compositores allemães dos mais grados. No poema symphonico: *Zaratustra,* d'um outro Strauss, o auctor da *Salomé,* varios themas se encontram inspirados em valsas de Johann Strauss, e ha tres annos, quando em S. Carlos se executou essa discutida partitura, não faltaram ouvidos experimentados apontando essa influencia pelo menos n'um dos desenhos mais repetidos da opera.

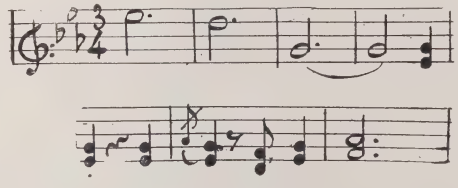
Aqui em Lisboa, apezar de bastante martellada no teclado dos pianos, a valsa de Strauss apenas uma vez deu occasião a que se experimentasse a sua impressão deliciosamente extranha, quando esteve no theatro hoje Nacional, uma *troupe* hungara com uma orchestra de cordas, em cuja sonoridade se mesclava o timbre crystallino d'um psalterio. Sem exaggero, foi uma revelação! Sob a acção gal-



LE BEAU DANUBE BLEU

Autographo de J. Strauss, filho

vanica d'uma execução riquissima de effeitos dynamicos e agogicos, a valsa, n'uma indescriptivel exaltação de fantasia e de capricho, tinha ora suavidades de caricia,

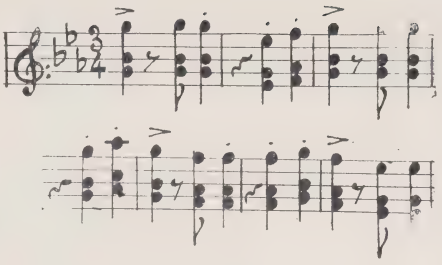


GROSS WIEN

ora sacudimentos de sobresalto.

Estiveram os hungaros aqui haverá duas duzias de annos, apresentando-se poucas ve-

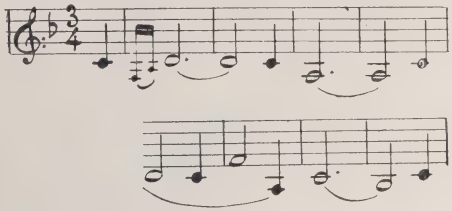
zes; tão poucas que muitos apreciadores de musica deixaram de ouvil-os. Um d'elles, homem de gosto e distincto amador musical, estava n'essa occasião em larga digressão pelo estrangeiro. A' volta, perguntando-lhe nós que escutara de novo na patria de Mozart e de Schubert, respondeu-nos que a sensação mais inedita de todas as que por lá experimentara, déra-lh'a o por elle tanta vez trauteado *Beau Danube bleu!* E curioso é que essa revelação da valsa de Strauss não a tivera elle d'uma orchestra numerosa, das que é costume tocarem nos grandes casinos mundanos, onde a luz electrica vaporisa a sua desmaiada claridade sobre requintes de elegancia e fulgôres de pedrarias. Tal sensação tão impressiva em musica de baile, recebêra-a d'um bando de zingaros de tez bronzeada e semi-rotos, tocando ao impulso do seu temperamento vibratil no recanto d'um parque, á hora macia em que o sol ao deixar-nos, tamisando-se pelas arvores, gera nos animos esse estado d'anceio indefinido em que a aza do devaneio nos transporta aos intermundios do mysterio.



LE TORRENT

JOHANN STRAUSS, PAE

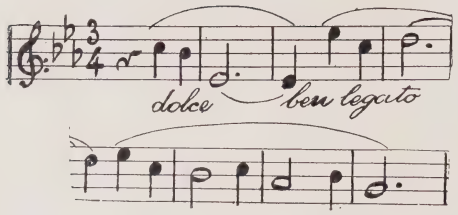
Ultimamente, a valsa de Strauss, se não se desnacionalisara, perdera bastante de caracter sob a influencia da *Valsa-Boston,* d'ahi trazida para Vienna e Paris, com longa escala por Londres. Strauss fazendo reverter a valsa ao seu antigo movimento lento, dera-lhe com a gravidade de certo ar distincto, taes atavios de forma, taes artificios technicos, que para que nada faltasse á sua pretensão modernista, até na valsa que melhor marca este desvio de forma: a *Kaiser Walzer,* o emprego do *Leitmotif* é uma das caracteristicas. Foi uma transfiguração da valsa viennense, e uma decepção para os que a admiravam na vivacidade melodica, na flexibilidade rythmica, apta para os varios contrastes que lhe excitavam o instincto livre, todo estouvamento e franqueza. Como estamos longe do auctor do *Blaue Donau,* de de *Wein, Weib und Gesang,* de *Künstler-Leben,* de *Wiener Blut* e de tantissimas valsas que deram a Strauss reputação universal!



LA VAGUE

Comparando, por exemplo, as duas primeiras e ainda outras valsas famosas, com a *Gross Wien,* uma das notaveis, pertencente ao fim da carreira de Strauss, que differença entre o comedimento d'esta e o estremecimento de vida das outras!

Embora a musica de baile, mórmente a valsa, fôsse a que cimentasse a fama de Strauss, tambem elle compoz varias operettas, instrumentadas com gosto e dextreza, mas nas quaes, como em Suppé e Millöcker, os rythmos, quasi sempre dançantes, privam



LES CENT VIERGES

a musica das condições necessarias ás partituras destinadas á scena.

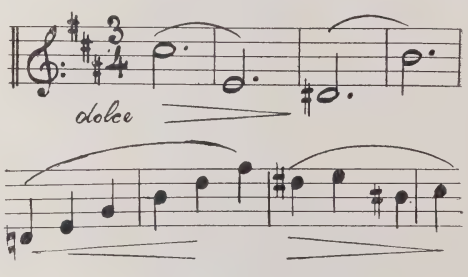
Indubitavelmente, Johann Strauss, filho, merece contar-se entre os melodistas mais ferteis do seculo passado. Wagner e... Offenbach, os dois pólos do genio na scena lyrica, tinham-no em particular estima; e de Brahms, seu admirador e seu intimo, corre como certo que dando uma vez a sua quota para um album de autographos, n'elle escreveu os primeiros compassos do *Beau Danube bleu*, commentando em baixo: *Leider, nicht von mir!* (Infelizmente, não é meu).

JOSEPH LANNER

E Paris? esse Paris dançante de Luiz Filippe e da segunda Republica, o Paris da *polka*, da *mazurka*, da *schottish*, da *redowa* e que aberto a toda a casta d'exotismo choreographico, a toda a deformação absurda, inventou a absurda valsa a dois tempos?... Esse Paris do Murger, que chamava á valsa *passo de carga do amor;* de Gavarni, cujo lapis *descreveu* o valsista romantico, fatal, de attitude atenorada e ganforina impenetravel; essa capital da França e do espirito, com que valsa dançava então? Com a tumultuosa *Indiana*, de Marcaillou e *Le Torrent*, do mesmo auctor, da qual estampamos o começo, as mais d'accordo com a extravagancia que tornou a valsa dançada a dois tempos, de que Alfred de Musset foi enthusiasta, uma especie de *Course à l'abyme!*

Do bailado-pantomina d'essa época, gloria da Taglioni, Carlota Grisi e Fanny Cerrito, algumas valsas, principalmente as de Adam, subiram do tablado á scena politica e mundana dos grandes bailes officiaes sem, no emtanto, lograrem o exito reservado alguns annos depois á valsa de Métra, incontestavelmente o mais notavel entre os auctores francezes de musica de dança. Todavia, ao contrario do que se deu em Vienna d'Austria com a valsa de Strauss, a valsa de Métra está longe de poder-se considerar a insignia musical do povo parisiense. Afóra certa elegancia, nenhuma outra qualidade do espirito gaulez. E essa mesma elegancia é pesada e sempre obtida pelos mesmos effeitos d'uma ondulação de movimento, feita de curvas largas mas molles e pobres de contorno, sempre o mesmo em todas as valsas. De maneira que sem se poder negar a Métra a individualidade, qualidade rara em musicos de baile, a sua valsa tem o seu tanto de *pommade* embora com perfume fino, o que quer que seja de oleoso e flacido. Uma das mais conhecidas: *La Vague*.

Outra, completamente outra, a valsa de



LA FILLE DE MADAME ANGOT

Lecocq, surgida por entre as travessuras da operetta. Essa é que é genuinamente pari-

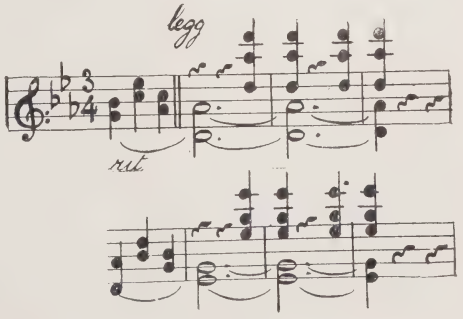
JOHANN STRAUSS, FILHO

siense no espirito ligeiro e scintillante, no desembaraço e franqueza de movimento com que é lançada, como, por exemplo, a das *Cent Vierges*, que, ainda assim, não vale a da *Angot*, a perola das valsas francezas. Leitor, entre outras lacunas de que ha-de padecer este estudo, uma existe que nos apressamos a accusar: Se nos perguntassem com que valsas se dançava em Paris durante o Directorio:

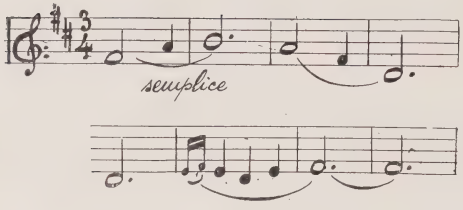
Lorsqu'au bruit des canons dansait la République,

confessamos, a pesar nosso, não saber que responder. Mas qualquer que fosse o auctor, se a musica possuia o cunho mundano d'esse periodo em que o arrebicado Trénis pontificava nos salões, n'ella se devem ter antecipado as seducções irresistiveis da valsa da *Angot*, em tudo e por tudo perfeita como assimilação do estylo d'essa epoca. Ha no desdobramento da sua linha melodica, deliciosamente contornada, tal abandono e garridice, tanta finura e graça insinuante nas suas sinuosidades caprichosas, que outra não podia ser a valsa n'esse periodo como nenhum escravisado pela moda, que sem escrupulos revivêra a antiguidade nas tunicas á Céres e á Flora das vaporosas *merveilleuses*.

Se com a referencia especial d'estas duas valsas, invadimos os dominios da operetta, é porque as marca um relevo e uma individualidade ausentes na musica de baile de muito compositor fecundo. Gungl, Joseph Strauss, Fahrbach e outros auctores, cuja enumeração seria longa, fôram méros imitadores de Joahnn Strauss. Emile Waldteufel, o auctor de tantas valsas afamadas, ora se inspira em Strauss, como se póde observar nas *Fleurs*, ora segue o seu compatriota Métra na tepida molleza da tão vulgarisada *Très jolie*.



LES FLEURS



TRES JOLIE

Um musico viennense que actualmente explora com gosto e fortuna a *Valsa-Boston* no seu languido arrastamento, é Rodolph Berger. A *Amoureuse* e *Loin du pays,* principalmente, justificam os creditos do auctor.

Em Italia, a valsa é quasi artigo d'exclusiva importação. As caducas valsas de Arditi, escutadas á Patti em todas as latitudes e algumas outras de Mattei e Becucci, teem sido pouco para o consumo choreographico do paiz.

JOHANN STRAUSS DIRIGINDO A SUA ORCHESTRA NUM JARDIM PUBLICO DE VIENNA

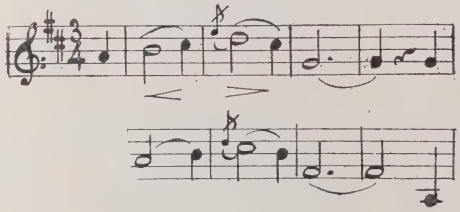
Por cá, haverá cincoenta ou sessenta annos, não faltou voga á importada valsa de Godfrey, *Les gardes de la reine.*

Gemiam-na os pianos ao cahir da tarde, quando a luz já não dava para bordar escarcellas a missanga, ou alvos coelhos a lã, que depois de encaixilhados, eram decoração favorita das salas burguezas de então. N'essa época, uma outra especie de valsa apreciada, era a valsa de retalhos melodicos de varias operas. As vinte miniaturas da capa de *Hommage á Verdi,* por Emilio Lami, representando scenas de operas verdianas, revelam com sufficiencia a indole da composição.

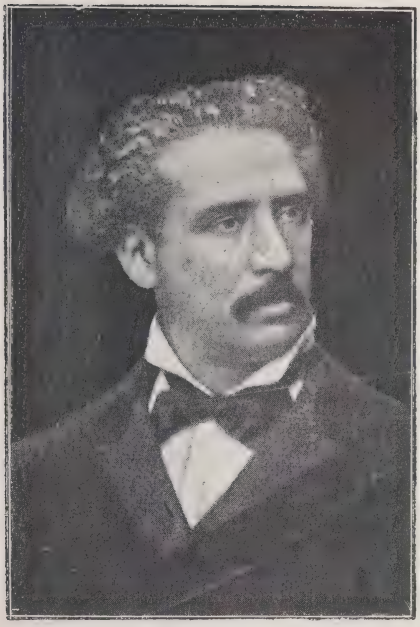
Em fins do ultimo seculo, andaram na berra em Lisboa as valsas de Fabião Figueira, que, embora se não recommendassem pela originalidade, eram sobremodo dançantes, denunciando no auctor, a par de pronunciada tendencia para o genero, uma certa elegancia amavel, grangeadora de numerosas sympathias.

Entre nós, valsa com jus a um logar de destaque em estudo como este, só conhecemos — *Ella!* de Cyriaco de Cardoso, uma composição que deu brado em Lisboa e no Porto, cêrca de 1866. Constituem-na uma *introducção* e uma *coda,* dentro das quaes existem quatro numeros de valsa. Tres d'elles, sensivelmente moldados nas fórmas dominantes da época, não conteem maior attracção que os notabilise; apenas á primeira das tres valsas é applicavel o epitheto de bonita. Mas no 4.º numero ha uma parte, a que reproduzimos, por varios titulos digna de assignalar-se.

Em primeiro logar, é de originalidade notavel. Ha 45 annos, a sobreposição de figurações rythmicas differentes, cuja combinação se obtem por meio da alteração de valores, embora muito anteriormente se empregasse, não era costume adoptar-se na musica de baile. Por consequencia, tental-o já representa um arrojo de factura indicador d'um espirito não vulgar.



LES GARDES DE LA REINE



OLIVIER MÉTRA

Mas tentar esse caprichoso parallelismo rithmyco n'um movimento de valsa, conseguindo assim obter um periodo musical tão completo e tão feliz d'inspiração, é o que se póde considerar uma *trouvaille*. Depois, escutando-se este pedaço de valsa, só um temperamento de gelo poderá deixar de vibrar com o fremito de paixão que o atravessa. Ha n'elle na vehemencia do anceio, bem expresso no insistente desenho musical, como que a sêde de amor levada ao supplicio na loucura d'um desejo impossivel. Quem escreveu uma pagina tão curiosa de factura e tão sentida de expressão foi, incontestavelmente, um musico de talento. Em Portugal tem sido pouco avultado o numero de compositores em que elle brilhasse; mas Cyriaco de Cardoso, no seu feitio de bohemio um tanto sentimental, foi um d'elles, embora em vida muitos lhe não reconhecessem os meritos, uns por inveja, outros por tolice teimosa.

Nada conhecemos mais, entre nós, para registo especial. Consolemo-nos, entretanto, com que a Hespanha, nação muito superior á nossa no ponto de vista musical, pouco poderá apresentar de valia na especialidade. Valsa bonita escripta em Hespanha, apenas uma nos lembra: a do *Chateau-Margaux,* de Caballero, e essa mesma pautada n'um genero de valsa muito francez a que pertencem, *Valse des blondes,* de Louis Ganne, *Sourire d'Avril,* de Dépret, *Valse bleue,* de Margy, e tantas outras, sorridentes, evaporadas, vivendo muito d'aquelle artificio peculiar na figurinha coquette e fragil em que Cheret e Ferdinand Bach synthetisaram com subtilidade a parisiense dos nossos dias.

A valsa *Chaloupée,* digna creação de *apaches* pelas suas contorsões e seus bruscos sacudimentos, citamol-a apenas a titulo de curiosidade.

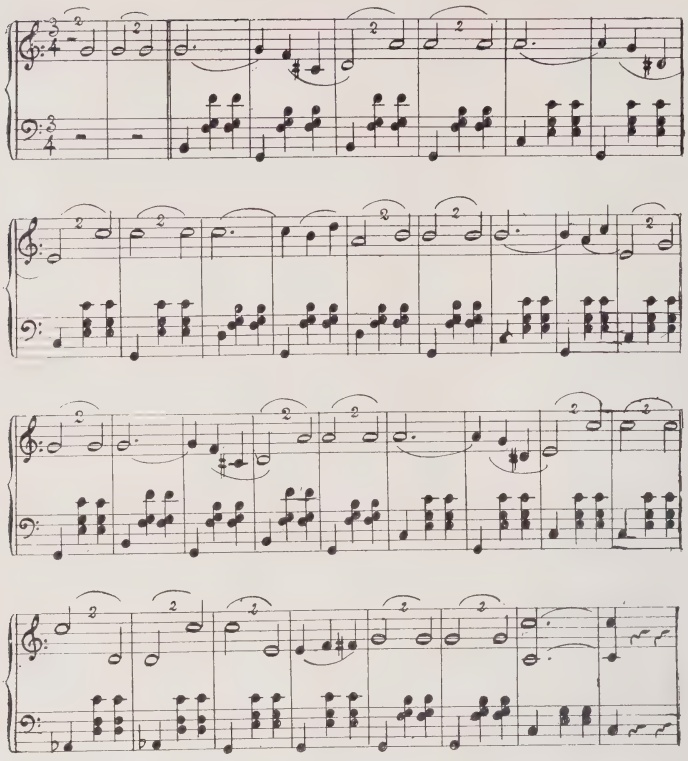
Recentemente, duas valsas teem alcançado suffragios numerosos. Pertence uma d'ellas á *Viuva Alegre,* de Franz Lehar.

A outra, quasi inutil será dizer que é — *Quand l'amour meurt...*, de Octave Crémieux.

Toda a gente conhece este deliquio em *ternario,* com os collapsos das *suspensões* e afrouxamentos continuos de andamento a suggerirem lascivas melancholias.

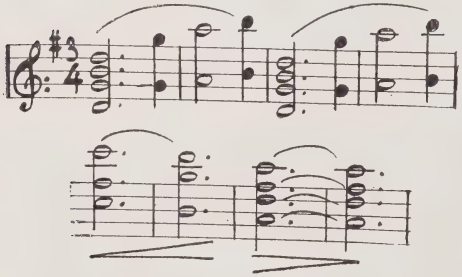
A primeira, plena de seiva e de frescura na liberdade do rythmo e na palpitação de vida, é a valsa para a juventude, a valsa que alenta communicando alegria, convidando a amar e cantar, como uma antiga

EMILE WALDTEUFEL



ELLA!

valsa de Strauss, assim denominada. A outra, no seu langor de morphina, dá a im-

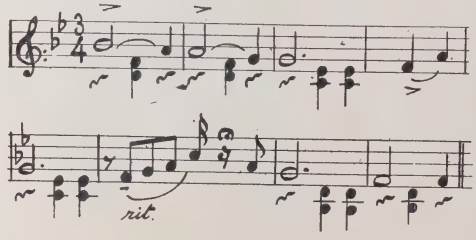


A VIUVA ALEGRE

pressão da caricia, mas da caricia felina, da caricia perfida, emergindo da volupia por entre as ardencias do desejo...

Se reunissemos estas duas valsas, alternando-lhes os varios numeros de que se compõem, obteriamos a Valsa em todo o seu complexo, sem que lhe faltasse uma só modalidade expressiva. N'essa arbitraria combinação, encontrariam os apologistas e detractores da Valsa com que largamente justificar os seus assertos.

A Valsa é benefica e ao mesmo tempo perigosa; é extase e anceio, oppressão e desafogo, tortura e delicia, calma e vertigem. Geraram-na a virtude e o peccado por instantes congraçados, razão por que resultou assim: contradictoria e voluvel, tal como conviria para ser entre as fórmas dançantes o rito mais proprio do culto prestado á mulher. Se a Valsa, creada para a edade descuidosa em que o sangue escalda nas arterias, se rehabilita hoje nos palcos, do menosprezo soffrido nas salas, é porque assim o querem os novos, que estirados entre a indifferença e a insipidez, sem coração que lateje, sem espirito que se inflamme, um dia hão de partir para a viagem sem bilhete de volta, na pateta illusão de que viveram — deixando passar em claro a mocidade.



QUAND L'AMOUR MEURT...

ADRIANO MERÊA.

O PALACIO DE RACONIGI

A simplicidade dos reis de Italia

Vida burgueza de Victor Manoel III e da rainha Helena — Suas predilecções — Cosinheira de si mesma

Que se passou na famosa visita do tsar da Russia a Victor Manuel III, em Raconigi? As chancellarias não o disseram ainda, nem a esta revista litteraria interessa muito sabel-o. Foi escolhido aquelle sitio por motivos de defeza pessoal ou porque Victor Manuel III evita o mais possivel o apparato protocolar? E' provavel que na conjunctura pesasse esta ultima razão. Quem sabe quanta simplicidade se revela na vida familiar de Victor Manuel III, não estranhará que a visita se fizesse conforme os sentimentos do rei italiano. De facto, já vae longe o tempo em que as almas ingenuas comprehendiam os reis, como ainda hoje se pintam nas cartas de jogar — de manto, corôa, sceptro e fartas barbas. Agora — com excepção do *Kaiser* — envergam trajes como os de qualquer burguez — chapeu de côco, fraque ou simples rabona, não esquecendo as luvas de mil ou mil e duzentos. Só o *Kaiser* é que não larga o uniforme militar, salvo quando caça, e ainda assim, o fato de caçador obedece a certo figurino, com arremedos de uniforme.

Pelo contrario, Victor Manuel faz diversas excursões campestres, á paizana; quasi que aborrece as recepções espaventosas ou de gala. Para elle, a vida da familia, a simplicidade, o ávontade caseiros, são as coisas que mais convém ao seu temperamento; o fausto convencional, a imponencia dos uniformes, as curvaturas dos aulicos enfadam-no; o formalismo da etiqueta, secca-o.

Dado que no encontro de Raconigi se trataram assumptos de politica internacional, não haja duvida de que tudo foi dito e com-

binado *inter pocula*, como quem gisa uma partida de caça; e que, para mais, presidiu ás conversações a graça e a doçura da rainha Helena, essa formosa montenegrina que adora, tanto como o marido, a vida simples, burgueza, das boas mães de familia.

Ambos sabem que em Roma poucos gabam o desdem régio pelas festas pomposas, pelos bailes que durante semanas constituem a preoccupação dos chronistas e o assumpto das conversações em todas as salas. Que importa! rei e rainha têm gostos e preferencias analogas; rei e rainha são concordes em evitar as fadigas de exhibições espectaculosas; para ambos, a tranquillidade do seu lar é um prazer positivo, solido, que offusca todos os outros. Como bons burguezes, esse prazer exige não ser devassado por estranhos. Com effeito, rei e rainha, fóra das occasiões e exigencias protocolares, tomam as suas refeições a sós, cara-a-cara. Nem camaristas, nem ajudantes, nem damas de serviço: marido e mulher, na sua torrezinha de amor, livres de olhares maliciosos e indiscretos, podendo dar largas aos seus affectos, ás suas idéas, aos seus sentimentos. Orgulho? Não: apenas o gôso de um direito — o direito de ser marido sem entraves, o de traduzir pela palavra o que se pensa ou sente, certissimo de que lá fóra se não commentará o que o rei disse, ou a rainha disse, entre o assado e a sobremesa.

ENTRADA DO PALACIO DE RACONIGI

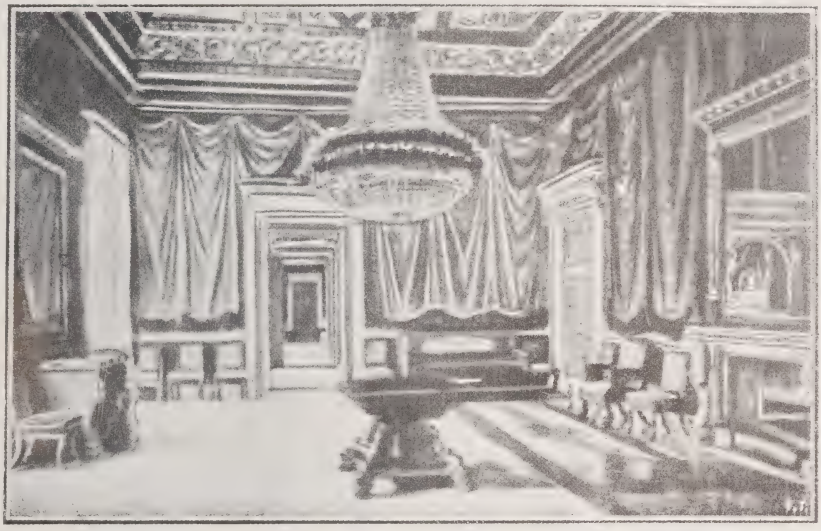
*

O rei Victor Manuel III teve a coragem, pouco habitual nos monarchas, de reduzir o trem de sua casa até ás proporções que, dada a posição de um reinante, se devem considerar modestissimas. Como bom burguez, adora os passeios ao campo, onde jámais se aborrece. Uma bella manhan, marido e mulher sentam-se n'um automovel, em que a creadagem previamente accommodou a refeição dos regios passeantes, e eil-os ahi vão, campina fóra, contentes como collegiaes em ferias, um tanto ao acaso. O ceu italiano sorri na sua eterna graça de rival da Hellade; as paizagens succedem-se na macieza da sua atmosphera propicia ao sonho: rei e rainha respiram a grandes haustos, sentem-se felizes. A andadura do automovel afrouxa, á medida que se approxima a hora da sua refeição; provavelmente, os regios estomagos já sentiram quaesquer rebates de apetite. Além, sitio delicioso! está uma chan, a offerecer um suave tapete de verdura que o bom Deus estendeu sobre a terra fecunda; acolá, solemne, acolhedor, posto que um tanto hieratico, apruma-se um pinheiro secular, descendente, talvez, dos que ha mais de dois mil annos presencearam coisas espantosas, quando Roma expansiva e absorvente, «regia os povos». Que sombra favonia esse robusto pinheiro concede á paisagem! Não poderia ser ali? Pois seja!

Parou o automovel: rei e rainha apêam; a toalha estendida no chão cobre-se de vitualhas simples. Se Victor Manuel tem de cór os melhores versos dos grandes poetas cujo vinco ainda é sensivel na litteratura de hoje, imaginará que vem fazer-lhe companhia no repasto, as mais graciosas divindades da phantasia greco-romana. Até o grande Pan fará ouvir ao longe a sua frauta, bem apreciada das faceis nymphas. Um verso de Ovidio, a proposito, fará talvez sorrir a rainha Helena; e um de Horacio e outros de Virgilio: parecerá a ambos que a paisagem

vibra em unisono com os frascarios poetas da civilisação pagan. Não é verdade que esses momentos, em que marido e mulher falam sem testemunhas e dão todas as largas á sua imaginação, valem mais, muitissimo mais que os formalismos da côrte, os sorrisos compostos de cortezãos e cortezans, as falas humildes dos que, amanhan, serão talvez os primeiros a morder a mão que lhes foi cornucopia de favores, distincções e honrarias?

Estão radiantes os dois excursionistas. E que apetitosa refeição! Pudera: foi talvez manipulada pela propria rainha. Não se admirem: por que é de saber que durante a sua residencia em Monte Christo, mais de uma vez, a formosa montenegrina que hoje se senta no throno de Italia, se não dispensa de cozinhar o piteu da sua predilecção. E' que ella foi educada modestamente, sob os principios austeros da côrte do Montenegro, no culto das occupações que constituem apanagio principal da mulher que ámanhan será esposa e mãe. A sua educação foi tão rígida que só lhe permittiam, como passatempo, o exercicio da arte. Com effeito, a rainha Helena desenha, pinta a oleo e adora a musica, sendo, senão uma pianista notavel, pelo menos uma amadora de sensibilidade fina, e é essa fina sensibilidade que preside á sua execução brilhante.



UM SALÃO DO PALACIO DE RACONIGI

*

Quando o protocolo o exige ou aconselha, as portas do Quirinal abrem-se, de par em par, ás grandes personagens do mundo official, e até mesmo a outras que, em côrtes de etiqueta mais impertigada, ficariam excluidas de pizar as alfombras régias. Os dois bailes annuaes do alcáçar italiano não attingem o requinte, a distincção, a elegancia que os meticulosos exigiriam, por contraste com a fama de recepções supinamente faustosas e que passaram quasi aos dominios da lenda. Os convites para aquelles dois bailes são lançados com mais longanimidade que escrupulo, em obediencia aos chamados direitos adquiridos ou ás tradições de jerarchia. Victor Manuel III, desdenhoso das etiquetas bronzeas, gosta de se rodear de gente moça, de pares novos. As mulheres são dâmas da côrte, os maridos são gentishomens do rei. No palacio do Quirinal, um Petronio, chronista de elegancias aristocraticas, poderá notar o conde e condessa Guicciardini, o marquez e a marqueza Calabrini, o conde e condessa Luca Bruschi, o conde e condessa Trinitá. Ao lado das damas da côrte — que devem fazer dois mezes de serviço, por anno, recebendo a titulo de indemnisação a quantia de quatro mil liras — notará as damas de palacio. Aquellas são escolhidas entre toda a nobreza italiana; estas, recrutadas nas principaes cidades da Italia, só devem serviço na terra de suas residencias, quando os reis,

é claro, por lá passarem. Não têm, portanto, a obrigação de habitar Roma, nem o seu numero é fixo. As damas romanas da côrte não assistem senão ás grandes ceremonias, ás festas de gala e pertencem ás mais nobres familias da Italia; por exemplo, a princeza de Teano, irradiante de belleza e mocidade, nora da duqueza de Terranova; a princeza Strozi; a condessa Rasponi; a princeza Borghese del Vivaro e a princeza Colonna di Sonnino, mulher do ex-sindico de Roma. A côrte de Roma, a côrte de hoje, não se preoccupa muito com o exclusivismo peculiar á *vieille roche;* antes se compraz em ter por figurantes, nas grandes recepções festivas, um grupo de senhoras notadas pela sua belleza.

Não era assim a côrte antiga, a qual se escravisava ás subtilezas de protocolo e á fama dos grandes nomes da heraldica. Côrte e aristocracia andavam, á compita, a vêr qual exhibia mais pompa e luxo nas suas festas. Já Stendhal nos fala laudatoriamente dos bailes principescos dados pelo banqueiro Torlonia, o que prova como em Italia se não perdeu a tradição dos Medicis, grandes senhores e principes, a par de aristocratas da banca, do dinheiro, do *dio del oro*. Quando o rei Humberto festejou as suas bodas de prata, o principe Affonso Doria offereceu ao imperador Guilherme II, no seu palacio do Corso, um serão que ficou notavel nos fastos da pompa romana. Tão fóra do commum foi o luxo da festa em honra do *Kaiser* que este, encantado, levou o requinte do agradecimento aos pontos de dizer ao principe, seu hospedeiro, que jamais lhe poderia pagar, no seu palacio de Berlim, com uma festa d'essa guisa. O *Kaiser*, que não desadora as phrases campanudas, foi provavelmente sincero no cumprimento endereçado ao Doria, mas talvez que no intimo pensasse que a nobreza italiana ainda sabe pôr uma nota delicada de arte na sumptuosidade das suas festas, o que nem a todos é dado fazê-lo, por maior que seja o poder do dinheiro.

Victor Manuel III é que não se dá a martelar muito na imaginação para deitar a barra adeante no fausto dos grandes senhores italianos; dir-se-ia até que, abrindo de par em par os seus salões, não desgosta que por elles passe um sôpro de quasi democracia. Frescura, mocidade — eis os titulos que mais lhes aprazem. Comtudo, fóra d'essas recepções marcadas pela etiqueta, o que Victor Manuel e a rainha Helena mais prezam é o encanto, as doçuras familiares, o riso dos filhos, as graças d'essas criancinhas correndo pelo parque, ou percorrendo-o ás cavallitas em nedios burricoques, dando largas á phantasia sempre esperta, exhuberante dos cinco aos dez annos. Porque a verdade é que tudo massa cá n'este mundo, excepto a ventura de um lar domestico, onde uma esposa adivinha e applaude os pensamentos do marido; onde cada dia que passa sobre as cabecinhas gentis dos filhos traz novas sensações, novas peripecias e dá logar a observações, a ditos ineditos que rebentam das imaginações infantis, com uma espontaneidade que assombra e constituiria uma litteratura surprehendente de alcance psychologico e pittoresco, se os pais, quer sejam reis, burguezes ou simples artifices, se dessem ao trabalho de notar, dia a dia, hora a hora, momento a momento, o que sai da cabeça de uma criança, imprevistamente, a proposito do mais insignificante episodio das suas brincadeiras ou das suas pelrices.

Sentem-se dest'arte felizes os reis de Italia? Tudo auctorisa a crêr que sim; e ninguem é mais apto para confessar a sua felicidade, que a propria pessoa a dizer da sua ventura, suppondo que é sincera, que não pretende illudir-se a si e illudir os outros...

ALEN-KAR.

Os caranguejos de Dan-no-Ura

No nosso seculo XII inicia a idade media japoneza e o estabelecimento no paiz do feudalismo militar; constituindo um dos capitulos mais nervosamente agitados, se não o capitulo mais nervosamente agitado, mais sanguinariamente irrequieto, mais delirantemente atrevido, da inteira historia do Japão; ainda esmaltado pelos brilhos coruscantes da lenda maravilhosa, a qual nunca devé ser posta de parte, antes convem relembral-a a cada instante, quando queirâmos relancear, em todo o seu relevo, a intensissima originalidade da alma d'este povo.

Duas familias de alto prestigio, de descendencia imperial, os Taira ou Heiké, e os Minamoto ou Genji, dirigem os grupos militares, intrigam na côrte, dispõem dos soberanos, disputam-se primazias, abrazam-se em odios reciprocos; até que, irremediavelmente incompativeis, uma esmaga a outra, elimina-a, supprime-a do scenario. O drama guerreiro do Nippon reside particularmente nas aventuras dos Taira e Minamoto; ainda hoje largamente invocadas pelo povo, offerecendo mil e mil motivos ao theatro, á arte, á litteratura.

Os Minamoto são os representantes heroicos de Hachiman, o deus da guerra; notaveis, desde remotas éras, pelas suas innumeras proezas.

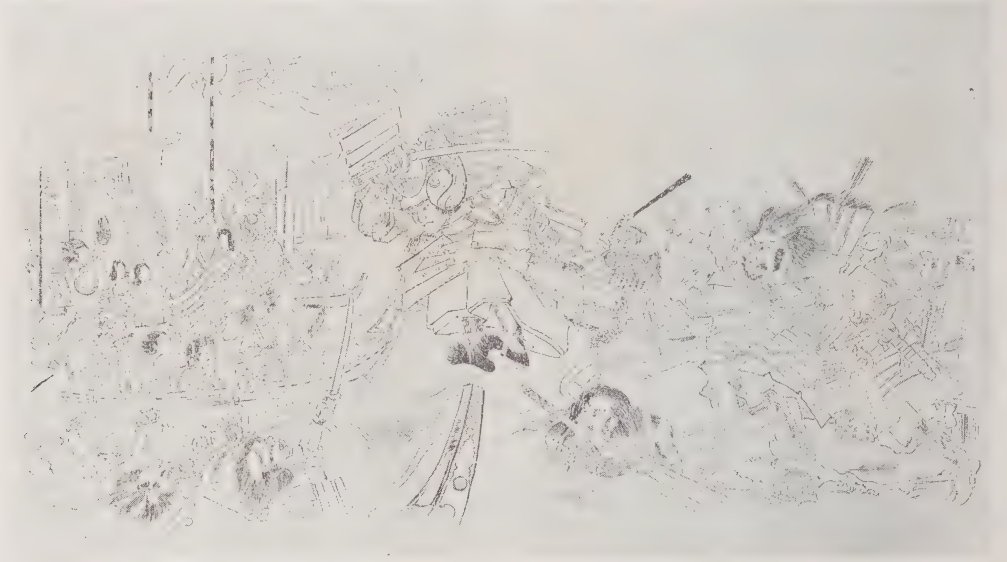
Os Taira distinguem-se desde logo pelo seu immenso orgulho. Um Taira, Masakado, é o grande rebelde da historia japoneza, o unico que reclama para si a corôa dos Mikados, declarando-se independente; isto em 939. Alguns nobres fieis reprimem a revolta.

Masakado, pela sua insolita ousadia, compromette por algum tempo a importancia dos Taira, que são forçados a ceder aos Minamoto as provincias centraes, sendo empurrados para oeste. No começo do seculo XII, um Taira, Tadamori, consegue ganhar de novo as boas graças da côrte de Kyôto. A Tadamori, como chefe da familia, succede seu filho Kiyomori, homem cruel, ambicioso sem limites, que logra tornar-se, pelo seu genio, um dos primeiros vultos que registra a velha historia do Japão. Em 1156, Kiyomori julga opportuno vir habitar a côrte; põe no throno um soberano de sua sympathia, exilando ou assassinando todos os chefes Minamoto. Kiyomori dá depois ao Mikado uma sua filha em casamento, nascendo um menino, que foi Antoku, da união. Não tarda que o soberano se veja forçado a abdicar: e é então Antoku, com tres annos, que investe as insignias imperiaes. Kiyomori morre em 1181, com sessenta e quatro annos de idade, n'um palacio sumptuoso que mandára construir para si em Tukuhara, onde hoje é Kobe; o seu ultimo desejo, expresso aos filhos que o rodeiam, é que sobre o seu tumulo deponham a cabeça de Yoritomo, o chefe principal dos Minamoto,

confessando-se arrependido por lhe haver poupado a vida.

Em 1182, Yoshinaga, um Minamoto, bate os Taira e apodera-se de Kyôto. Yoshitsuné, que é um irmão natural de Yoritomo, continua a campanha por ordem d'este, incendiando o palacio de Kiyomori, perseguindo os fugitivos até Shimonoseki; e é alli, junto á pittoresca bahia de Dan-no-Ura, que se trava a mais terrivel batalha — batalha de exterminio, — de todas que as guerras civis do imperio commemoram.

A batalha é terrestre e é maritima; ou antes, é uma mistura de guerreiros, de cador Antoku, e com elle sua avó, viuva de Kiyomori, e a imperatriz sua mãe, filha d'aquella, e toda a côrte feminina. Quando a viuva de Kiyomori conhece que a sua causa está perdida, toma nos braços o soberano, acarinha-o e lança-se com elle no oceano. Das outras damas, umas corajosamente seguem-lhe o exemplo; outras, as timoratas, são varridas á força para o mar. Todos os Taira acabam esmagados, ou afogados, n'uma tremenda confusão; aproveitando comtudo os ultimos momentos de agonia para morderem com os dentes e para arranharem com as unhas os inimigos que



UM EPISODIO DA BATALHA DE DAN-NO-URA
(De uma gravura antiga)

valleiros — Taira e Minamoto, — que invadem as praias proximas; e é um cardume de barcos, aos centos, aos milhares, coalhando o mar; e são os longos estandartes brancos, com o bambu heraldico dos Minamoto, e os longos estandartes rubros, com a borboleta heraldica dos Taira, que fluctuam, que se agitam; e são as lanças que brilham, e os sabres que reluzem, e as flechas que vôam, e uma carnificina sem igual, que se traduz em gritos, em urros, e no sangue ás golfadas que tinge as areias e as aguas...

Vencem os Minamoto. N'um dos barcos dos Taira, encontra-se o pequenino imperalhes passam ao alcance. O ultimo Taira, que logra vêr-se illeso no meio da carnagem, abraça-se com a ancora de um dos barcos e mergulha no abysmo.

Assim morreram os Taira. *Morreram*, não; que o odio que os animava contra os Minamoto era tamanho, que a raiva de se vêrem supplantados era tal, que até a paz da morte lhes seria defesa. Erram perpetuamente os seus espiritos por sobre a bahia de Dan-no-Ura, ora carpindo, ora berrando, ora espumando em colera. Por longos tempos a seguir, os habitantes do logar, ao approximarem-se da praia, ouviram distincta-

mente os seus queixumes, ou viram fluctuar, pela noite escura, lumes estranhos, que eram os lumes de seus olhos esgazeados; e não raros barcos se afundaram por alli, victimas dos desmandos d'aquellas almas em revolta. Depois, erigiu-se cerca um templo em memoria dos Taira, e um cemiterio hypothetico, adjuncto, onde se collocaram lapides e se gravaram os nomes dos chefes mais famosos, procedendo-se a officios funebres em regra; o que acalmou um tanto as iras dos espiritos.

CARANGUEJO DE DAN-NO-URA
(Fotografia)

Hoje, mais de sete seculos decorridos sobre o drama, os principaes vestigios que subsistem d'aquelles guerreiros vencidos e afogados são os *Heiké-gani*, uns caranguejos particulares á costa de Dan-no-Ura, nos quaes se encarnam — affirma o povo — as almas dos Taira que n'aquelle sitio pereceram. A affirmação não é gratuita. Basta a gente relancear o reverso de um d'aquelles extraordinarios caranguejos, para que se fique em pasmo, em sobresalto, perante esta assombrosa circunstancia: — na casca do animal, destaca-se em relevo um rosto humano, estranho, muito estranho, rude, arrogante, feroz, como era o rosto do *samurai* dos velhos tempos; para mais, medonhamente contrahido n'uma estupenda carantonha, onde se patenteiam esboçadas, embora mui por alto, as simultaneas caracteristicas da agonia, do desespero, do rancor irresignado e irresignavel, da maldição eterna, proferida contra os destinos implacaveis.

CARANGUEJO DE DAN-NO-URA
(Desenho)

Sim. Aquelle

rosto, impresso na casca de todos os caranguejos de Dan-no-Ura, e só n'elles, só pode suggerir a explicação a que alludi. A tradição memorada é discutivel; a tradição cantada é discutivel; a tradição escripta é discutivel; mas perante a evidencia, perante a tradição gravada, quasi ideographica, perante semelhante rosto humano — com o seu nariz abatatado, com os seus olhos já meio-cerrados, com a sua grande bocca crispando-se em esgares, com as suas fundas rugas traduzindo os diversos sentimentos, — a descrença parece incompativel. Sim, os Taira afogados encarnaram-se n'aquelles caranguejos; creio-o. Em todo o caso, e mesmo para o loiro do Occidente mais embebido em scepticismo, os caranguejos de Dan-no-Ura offerecem um exemplo frisantissimo d'isto, ainda mal conhecido e mal denominado, a que chamarei a *Alma-das-coisas*, tão palpitante no mundo asiatico, particularmente no Japão; e que é o que emana da paizagem, da arvore, do bicho, do rochedo, e ainda da boceta, do vaso, da ventarda, do *kimono*, accusando-lhes qualidades, intenções proprias, de ordinario impregnadas de graça, de ironia, de sarcasmo; *Alma-das-coisas* que, por si só, cava um abysmo impenetravel entre a familia occidental e a familia extremo-oriental.

TUMULO DE KIYOMORI, EM HIOGO

Eu fallo, compulsando documentos. Ha pouco tempo, um amigo, que retirava de Kobe para Macau, comprou em Shimonoseki alguns caranguejos de Dan-no-Ura, mandando-m'os para cá pelo correio. Aqui os tenho enfileirados, sobre a secretaria, em frente dos meus olhos. Como eu embasbaco ao contemplal-os! Que revelações psychologicas me offerecem!...

Desejei fornecer a estranhos o ensejo de sentirem o que eu sinto, no caso que apontei. Como porém fazel-o? Lembrei-me da photographia, e mandei photographar um caranguejo. Aqui apresento o retrato aos curiosos; mas, mercê da chateza d'esta arte ignobil — se arte é, — aqui tendes todo o rigor nas dimensões, toda a minucia nos detalhes, mas falta muito de parecença, de dom de suggestão, comparado o retrato ao original.

Pensei após recorrer a um artista do pincel; detive-me porém ante o ridiculo que o caso poderia merecer. E vae então, tiro-me dos meus cuidados, empunho eu proprio o pincel com mão tremente, falta-me o dom artistico, mas sobra-me a vontade...

e eis o esboço que posso offerecer-vos, deixando muito a desejar, mas talvez preferivel ao *cliché*.

Quanto aos meus caranguejos, continuam fazendo-me companhia. E quero ser sincero até ao fim: — enterneço-me, quasi até ás lagrimas, quando os vejo; trato-os com toda a deferencia que se deve a almas penadas, a authenticos exemplares dos espiritos dos Taira.

Pobres Taira!... A sua immensa colera absolve-os dos seus immensos crimes!...

Kobe.

WENCESLAU DE MORAES.

O pastor da Serra da Estrella

(CONCLUSÃO)

Além do amor pelo cigarro, o pastor tem ainda outro, mas este forte e puro, lavado nos ares da serra: o amor da mulher.

Nos fins de junho, quando a estiagem principia a queimar os pastos da serra, os pastores procuram os arredores das aldeias situadas nas faldas, onde os gados encontram, viçosas, a herva milhã, a folhagem dos milhos, as ramarias dos batataes serodios e a relva nascida nos restolhos do ultimo pão ceifado.

E' nesta quadra do anno em que a natureza fecundada se encontra já despida das flores virginaes, que o pastor escolhe a sua noiva, de manhã ou de tarde, á hora das *Ave-Marias,* quando as moças voltam de deitar as presas cheirando alegremente aos aromas fortes dos renovos, mostrando abaixo da saia curta as pernas brancas, levemente afogueadas da reacção produzida pela agua da rega.

Idyllios não ha.

O rustico da Beira, geralmente, não namora a moça — «fala-lhe». Physicamente é um animal bravio, moralmente é um espirito sadio e simples.

O feitiço da volupia raro lhe tolda a razão pratica.

Uma moça pode ser linda e honesta, mas se fôr doente, para o effeito do casamento, não lhe merece mais attenção que uma ovelha eivada...

«Rapariga trabalhadeira, que deite mão a tudo», que saiba tractar dos filhos e dos borregos — eis a mulher para a vida.

Depois do encontro, vae «falar» ao pae da noiva.

Se lha recusa, facilmente se resigna, e até no mesmo dia acontece ir falar a outra. Succede, porem, algumas vezes, serem os paes os casamenteiros dos filhos, sem estes o saberem.

Duas hortas visinhas, um gado de meias, quaesquer outras conveniencias materiaes determinam um casamento.

Os filhos geralmente acceitam.

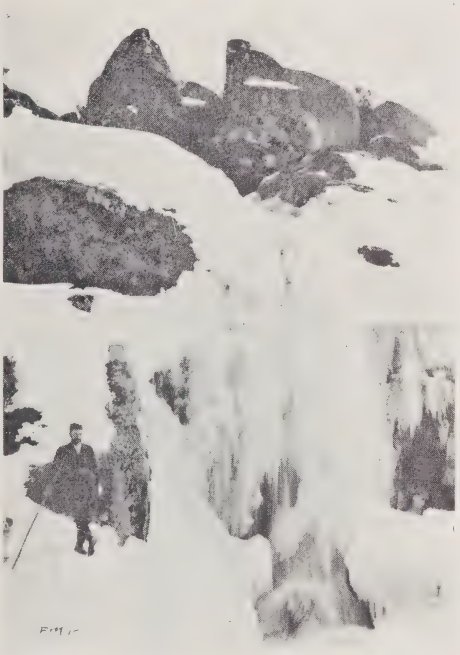
Um dia, reunem-se os parentes em casa

da noiva para se fazerem os pregões que o senhor abbade ha-de ler na Igreja Parochial, depois de tocada a vez do meio.

Se o noivo é da mesma terra da noiva, esta pequena festa de esponsaes mal transpira do intimo recato do lar; caso contrario, o noivo tem de pagar um beberete aos patricios da noiva, como brinde e multa de lhes roubar uma moça da terra.

A transgressão deste costume tem originado dissabores, e não raras vezes tragedias sangrentas.

Apregoados os futuros esposos, em seguida á missa conventual, dá-se aos rapazes solteiros um curto banquete acompanhado de danças que, embora um pouco differentes, fazem recordar o *Salto* e a *Ezpata Danza* dos seus avoengos. Estes dançavam o *Salto* bailando em semicirculo formado por cajados dispostos na terra; os pastores de hoje fecham o circulo reunindo os cajados no centro.



CASCATA GELADA DO RIO ALVA, NO INVERNO

A *Ezpata Danza*, bailado triste e lento, dançado pelos avós de lança na mão, parece reviver nas danças morosas que hoje executam de cajados na mão, como hastes de lanças sem ferro. A maior innovação neste genero choreographico, está na admissão de mulheres, de braços arqueados, imitando na fricção dos dedos o estralejar das castanholas andaluzas.

Assim, comendo, bebendo e dançando ao ar livre, se festeja a primeira das tres proclamações.

No dia seguinte a noiva começa trabalhando nas prendas consagradas, devidas ao noivo: um lenço de mãos bordado a linha de côr, um par de peúgas, umas ceroulas e duas camisas com os peitilhos bordados a linha branca.

Ai da noiva que não soubesse talhar e fazer uma camisa!

A moça que ignora a confecção destas peças pode mandar fazer mortalha de solteira e guarda-la no fundo do arcaz, até que a morte venha busca-la, velhinha, secca e virgem para a alcova do tumulo.

De uma rapariga assim, dizem os moços «que não tem mãos».

A mãe quere a filha amparada? Uma moça quere noivos ás duzias?

Aprenda a talhar, a sachar, a semeiar, a regar. Em seguida aprenda a fiar e a tecer. Emquanto não urde uma teia, a serrana não é uma mulher. Por isso um tear, para ella, é um sonho tam caricioso como o do piano para a burguezinha que principia a afidalgar-se.

Aprender piano!... Aprender a tecer!...

Saber tecer é encher de harmonias o trabalho com que se ganha a vida. Os pentes do tear gemendo saudades dos cannaviaes donde vieram quando os pés da tecedeira os calcam pelas peanhas, o som ruidoso produzido ao bater o fio no panno tenso como a pelle de um tambor sonoro, o cantar da lançadeira ruflando como a aza de uma ave presa a voar de mão a mão, os gestos rapidos e graciosos da moça garganteando canções alegres, compassadas pelo ondular dos seios livres no chambre largo de panno, todas estas harmonias rusticas e vigorosas, parecem saltar-lhe dos dedos correndo sobre mil fios de linho como sobre mil teclas de marfim.

A tecedeira, como a burguezinha, fala com o noivo junto do seu piano.

O noivo olha-a impaciente, «aguarda o seu falar», mais confiado na fraqueza de um fio que se parta do que na *fraqueza* da

moça que se distraia. E' n'um intervallo da palestra, emquanto se ata um fio partido, que muitas vezes se atam os laços de um noivado.

Os teares começam a fechar-se quando os primeiros calores de abril começam a abrir as flores das cerejeiras e os passarinhos voltam da emigração. Se á vinda do cuco a teia não está fiada, um passarito travesso chamado *Patachim*, vae escarnecer as moças, piando-lhes do beiral do telhado: «*Patachim, Patachim, fui pró mar, vim do mar, achei as teias por fiar! Preguiçosas, mandrionas!*»

Segundo as avósinhas interpretes, muito entendidas na linguagem das aves, é isto o que diz a avesita no seu piar alegre e metallico.

A fiagem da teia antes do regresso do cuco é tam importante e decisiva na vida de uma moça, que num caso de doença as companheiras concluem-lha, não vá o maldito *Patachim* denuncia-la ao noivo...

E' desta teia por ella semeáda, fiada, urdida e tecida, que a noiva talha e faz a camisa para o noivo.

Qual é a princeza que offerece ao noivo uma prenda assim?

Esta camisa acorda momentaneamente um calido sensualismo cujas chammas se espraiam e destemperam, suavisando-se, na recordação das veigas semeadas de linho fresco.

Aquelle linho da camisa foi semeado pela sua mão, quando um sol do meio dia lhe empastava os cabellos suádos nas faces madúras, como cerejas vermelhas quentes do sol.

PASTOR

Crescido o linho, para o não maguar, quando entrava na leira, subia a saia já curta acima dos joelhos, atava-a em volta da cinta com o lenço enrolado em forma de corda, e assim ia deslisando, com mimo e cautela, pelas feveras tenras, encaminhando a rega, as pernas núas, abertas, que o viço do linho alto afogava na verdura fresca.

O linho assim foi crescendo, amadurando, sob o carinho dos seus olhos quentes, por entre os murmurios das regas e das cantigas de amor. Foi tambem ella quem o levou enfeixado ao rio, desfibrando-o depois no poial granitico, fiando-o, urdindo-o e tecendo-o.

A camisa não tem um fio que ella não molhasse nos labios, não tem uma fibra que lhe não deslisasse nas mãos. Enxugava o fio humido de o passar na bocca no calor dos seios e arrancava-lhe as arestas com as pontas dos dentes alvos.

Esta camisa que faria espumar um satyro e delirar um poeta, sómente desperta no pastor um *ah!* de sereno conforto, ao vesti-la no busto de uma virilidade rustica e casta.

A epocha que precede o casamento é cheia de trabalhos afanosos, pesados. A fidalga e a burguezinha de nervos romanticos passam a mocidade estiradas sobre uma cadeira fôfa, sorvendo antecipadamente na taça da phantasia sobreexcitada o mel de uma lua distante... Depois de exgotada a saúde nos delirios da phantasia, a volupia destas mulheres repousa cançada, enfraquecida, como um pouco de champagne no fundo de uma garrafa aberta...

Os noivos da serra, como as aves castas, previdentes, só tem um pensamento: fazer o ninho. Para isso trabalham afadigadamente, noite e dia, até á hora de entrarem na Igreja.

Quando esta hora se approxima, cumpre-se uma cerimonia interessantissima, já obliterada em alguns povoados.

O noivo acompanhado de todos os parentes e amigos, vae bater docemente á porta fechada do pae da noiva.

— Quem está? perguntam de dentro.

— Gente de paz.

— Que deseja?

— Honra, mulher, formusura e fazenda.

— Entre que tudo encontrará.

Abre-se então a porta, e a noiva com todos os parentes e convidados reunem-se ao *acompanhamento* do noivo, seguindo todos para a Igreja. Não raro a noiva apparece ainda salpicada das linhas do trabalho, trazendo no cabello pequenos flocos de linho.

Estes flocos sàm as suas flores de laranjeira, rosas mais lindas e auspiciosas que as grinaldas artificiaes de laranja almiscaradas no *atelier* da florista.

A flor da laranja symbolisa a docura de uma lua que passa... O floco do linho representa o vigor do trabalho fecundo, o calor de um ninho que se renova.

Um bello talento moderno, descobrindo uma correlação psycologica entre as altitudes da serra e as eminencias do espirito, recommendava os ares das montanhas ás almas degeneradas e corrompidas. Dizia elle: «assim como do alto da montanha os valles e os cerros parecem pequenos, assim as cobiças das grandezas e as intransigentes paixões mundanas d'ali parecem mesquinhas.» Aos corações escaldados na volupia dos prostibulos, ás almas sequiosas de natureza pura, pode receitar-se: «Vám á serra, porque na serrá criam-se as idealisações altissimas, como sàm altas as suas rocas, gosam-se os sentimentos puros e as sensações puras, como sàm puras as aguas que lá se bebem e os ares que lá se sorvem.»

Apesar da corrupção transmittida pelas cidades e villas, nos povoados visinhos da

REBANHO E PASTORES

serra vae-se ainda conservando o amor natural. Se «o amor é como o vento», o vento constante da montanha faz ao coração o que faz aos pulmões: dilata-o, abrindo-lhe capacidade para maior somma de affectos.

Um grosseiro episurista sobreexcitado com ostras e champagne pode amaldiçoar o *gelo* de um tal amor; o homem normal bemdirá a ablução da neve que vivifica, produzindo uma reacção saúdavel, e maldirá a volupia abrasada que esterilisa o espirito e amortece o corpo.

Mas o amor dos serranos não é frio como as geleiras dos *Cantaros:* gosa a temperatura amena dos lençoes de linho alvo. Fresco como o lençol de linho casto, guardado na arca... Quente como o lençol de linho n'um leito de nupcias, perfumado de alfazema e cravos...

Amor que principia por uma acção de graças ao Creador, e termina por um canto em honra de natureza... Amor de um só Deus e de uma só mulher!

GUIAS

O poeta christão que visitasse algumas aldeias da serra encontraria, para assumpto do seu poema de amor, um costume adoravel.

Nestas aldeias ha só um pudor, uma só castidade, embora a theologia e a sociedade considerem estas virtudes mais melindrosas na mulher. Quando succede o caso excepcional de nascer um filho a um par amoroso cuja união não fosse abençoada pelo abbade, n'um caso de traição, o rapaz sabe já que nem a moça mais pobre o acceitará para marido, e se elle, obstinado em violar o principio da dignidade, procurar mulher em terra alheia, difficilmente a mãe a receberá como nóra e todas as mulheres da aldeia lhe voltarám as costas.

O sentimento do pudor é tám vivo nestes camponios que mesmo os rapazes violadores do sexto preceito se julgam manchados.

E' o principio da monogamia evangelica em toda a sua nobreza egualitaria e delicada.

Embebidos destas doutrinas puritanas, os noivos da serra realisam os seus casamentos, isentos de anciedade e ciume, pedindo a Deus na mesma oração que lhes dê muitos filhos e muitos... borregos.

A sua viagem de nupcias é feita á Senhora do Desterro, muitas vezes passado um anno de casados, já com um filho nos braços. Neste dia vestem-se os melhores atavios.

A romaria é uma festa religiosa onde as lithurgias dos varios cultos, mais ou menos adulterados e confundidos, se celebram em homenagem á Mãe do Ceu.

Sob o ponto de vista religioso, o pastor é tambem um documento precioso para o estudo dos cultos em Portugal. Naturalista e animista durante os tempos proto-historicos, recebeu pelos tempos fora o influxo de todos os cultos, dos quaes conserva traços mais ou menos fundos.

Cantando uma *Avé-Maria,* lembra um christão antigo de fé vivissima. Cantando a *Canção á Estrellinha do Norte,* recorda um celtibero saùdando a Estrella da Manhã — a *Estrella de luz duvidosa.*

Em materia religiosa, o pastor parece ter seguido este principio: «Para gloria de Deus quanto mais melhor.»

Assim acontece andar o pastor como um pagão passeando os gados enfeitados em volta do templo, emquanto a mulher deita de costas no altar o filho de mama, para que a Virgem o faça bom e robusto.

Apesar de o Christianismo ter dominado nelle todos os cultos, o Pastor faz de Deus uma ideia imperfeita, dando-lhe um logar muito secundario nos seus votos e orações.

A Virgem resume para elle todo o poder, toda a graça e toda a gloria do ceu. Christo, com quanto seja Deus, é comtudo um filho... Raros sàm os votos dirigidos a Deus.

E' a Virgem que lhe cura a mulher, os filhos e o gado; que lhe dá chuva na estiagem e calor na invernia; que lhe guarda as ovelhas do lobo e alma de Satanaz; que lhe ha-de mandar á serra, na hora da morte, dois anjos faiscantes de luz para levarem a sua alma á presença de Deus.

Por tudo isto o Pastor ama a Senhora do Desterro com todos os encantos, superstições e exageros de uma paixão honesta.

No seu coração rustico creou-lhe um amor que tem a rudeza da montanha e a impetuosidade indomavel das torrentes que cahem da serra.

Quando a Virgem lhe mostra uma nova ermida alvejante, um novo rochedo caiado, não ha abysmo que possa contê-lo, seja qual for a distancia a que o chame, haja embora mil obstaculos para se lá chegar. As neves sàm planicies mimosas, as ventanias correntes que o levam, os ramos da cordilheira braços que o attrahem, alliviando-lhe o cansaço da romagem.

REBANHO ATRAVESSANDO A RIBEIRA DA CANIÇA

A's vezes é uma capellinha milagrosamente suspensa sobre o negrume de um abysmo! Para se lá ir resar uma Avé-Maria e levar um punhado de rosas, é preciso arriscar a vida, mas não ha velho nem creança que tenha medo de lá ir.

Adorando com todo o ardor da sua alma rude, o pastor da Estrella confunde a Imagem da Virgem com a imagem da mãe, e possuindo a ingenuidade do *Jongleur de Notre-Dame*, offerece-lhe o *coração*, o *cajado* e o *pifaro*.

No alto desabrigado da serra não ha ou-

tra casa que não seja a da Virgem, nem outra imagem de mulher que não seja a della. Talvez por isto o pastor tudo lhe pede e tudo lhe conta: sonhos e agruras, esperanças e desanimos. A sua alma recatada vê nella uma mãe que o não descobre e tudo pode dar-lhe.

Muito em segredo, tudo ruborisado da confidencia, vae pedir-lhe de joelhos que lhe guarde e abonance o olhar negro da moça linda, sadia e trabalhadeira, que elle traz de ha muito no sentido.

Quando se approxima o tempo da creação dos rebanhos, é tambem na capellinha, sobre os degraus do altarsinho granitico, que elle vae pedir o bom successo das crias novas. E' ali que elle vae chorar inconsolavel a morte do cão amigo.

E' no suppedaneo que elle desabafa as suas queixas contra os lobos da serra que lhe ensanguentaram, alta noite, as cancellas do redil.

A' Virgem tudo se diz, á Virgem tudo elle pede.

Por tudo isto, o pastor dá-lhe o *coração*.

Mas tambem que alguem a offenda... Então ninguem o contem. E' por isso que o affecto rude do pastor teima em lhe offertar o *cajado*.

E nas madrugadas serenas de abril, sobre o dorso azulado da Serra da Estrella, donde se avista metade de Portugal, elle ergue, no seu *pifaro* de freixo, um hymno á Virgem, mais religioso e solemne que uma *Avé-Maria* de Perosi echoando nas magnificencias da Capella Sixtina!...

Quando á noite os sinos das ermidas diffundem nos ventos a doçura das *Avé-Marias*, ungindo-os de paz e harmonia, o pastor recolhe-se a dormir na anfractuosidade da rocha, e immerso n'um sonho mystico, vê a Senhora do Desterro sentada na aba da serra enorme, como a mãe sentada a beira do berço, a embalar a montanha que já foi berço, lar e tumulo de seus avós...

Guarda, 1910.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

FÉ ANTIGA

Por vinte e quatro de junho, entre a Estrella e o Tejo, espigam já os trigaes e o centeio esguio, todo maduro, tomba de manhã á noite, no aço curvo da foice.

O sol, de escaldar nas voltas do solsticio, acerejou de repente as searas, secando no meio dellas em tres dias, as gotas de sangue das papoilas.

Vai a terra restituindo com dobrado proveito quanto lhe lançaram mêses antes em semente e cuidados.

A vida canta em orgias de seiva, ha vigor nos campos e esperança nos lares, ás orlas das varzeas, os parreiraes enlaçados audazmente pelos amieiros, alargam os braços carregados de cachos verdes e nas latadas que correm através das terras baixas, as gavinhas espiraladas recurvam-se anciosamente á procura dos estios.

Por cima, a norte, cortando o azul, a linha acutangula da serrania onde tremeluzem á noite, por entre carvalhaes, as fogueiras dos pastores nas malhadas que até parecem sinaes de agoiro á timidez dos viandantes.

Nos bardos, pacificamente, dormem os gados, sob a caricia do vento e cães rafeiros, em furia de rasgar as fauces, respondem ao proprio echo, uivando aos lobos que a fome ás vezes obriga a descer em alcateia para a raiz da montanha, a assaltar as rezes novas.

Estrellas mal brilham do alto, dissolvidas na prata liquida das noites enluaradas e nos restolhos anda a redemoinhar uma poeira fina, reluzindo incertamente ás lufadas da ribeira, pela extensão desegual dos alqueives.

Passa nos ares o cheiro a feno, cortado de fresco nos alagadiços onde abrem por toda a estação o seu sorriso branco, milhões de corollas de malmequeres.

Suspiram de longe os sapos nos algares e só as arvores parecem ouvir, de pensativas — as aldeias dormindo da fadiga dos dias longos, naquella solemne paz, tam boa que até seria doce morrer nella.

Quem sobe a um penhasco, vê erguidos em frente dos casebres, os rolheiros de molhadas, esperando o tempo das eiras em que hão-de levantar-se depois, encimados da cruz, altos cones de palha — emquanto passam cada manhã as regadías, levando a frescura á novidade dos milharaes que começam de florir para a fecundação.

— Bons dias! — grita uma voz da sombra do caminho.

E do alto da roda alcatruzada vem caindo a saudação dum homem quasi nu, tirando agua por horas sem termo, no meio dum escachoar confuso.

— Olá, bons dias, tio Gaspar!

— Muita agua, hein?

— Nunca se chega a ver o fundo ao poço, louvado seja Dees! Dá volta á varzea toda e mal se sente minguar! — accrescentou elle, ao alongar a vista pela verdura aquosa do milho por onde o sol já andava brincando.

— Grande milharal! Como elle não vi outro este anno! Basta para te encher a arca de pão.

— Se cumprir bem... —tornou-lhe o camponês, saltando na areia.

— Ora, não ha de cumprir! Neste sitio! Boa terra e agua quanta queira!

— Bem o preciso eu... a familia cresce...

— E' verdade, lá tens outro pequeno, — mais um: é no que medram os pobres, em filhos!

— Mas este parece-me que não chega a vestir calças de vara, coitadito! — lastimou o pae.

— Então porquê?

— Vamos *passa-lo* á noite: só se S. João lhe valer...

— Ah! elle é isso? Pois então mal está o pequeno: morre ou fica defeituoso para toda a vida. Já não tenho fé nessas bruxarias.

— Lá vamos experimentar, pouco custa.

— Não ha medicos nem boticas para esse mal e os santos, desde que a esmola é pouca, revoltam-se contra ella e não querem saber de desgraças.

— Sempre é bom acreditar: a gente quando se vê nestas afflicções, com um filho perdido... Eu ia até ao cabo do mundo para lhe dar remedio: é cá uma magua que que nem posso dormir!

— Ora, adeus, adeus! O que mais ha são filhos. Não te bastam os que já tens?

— São os que Nosso Senhor nos quer dar. Elle que os manda...

— Sim, sim, depois enchem-se de familia e o braço dum homem não chega para tudo. Filhos, quantos menos, melhor.

— Não os tem, tio Gaspar, não os tem, senão falaria doutro modo. Cada filho que nasce é uma alegria nova que entra pela casa adentro. Aqui ha annos, ouvi eu num sermão que os filhos são pedaços da alma e que um pae é para cem filhos. E não ha coisa mais certa.

— Ora, ora! que ideias!

— O amor pelo primeiro parece não poder ser maior e quando vem o segundo, ha outro tanto amor para lhe querer. Tenho visto tomar o ceu com as mãos, quando ha muita familia e pouco que lhe dar, mas nunca vi pae nem mãe nas nossas serras que quizesse por vontade deixar ir para sempre algum dos filhos. Pobrezinhos, sim, vestidos da lã das nossas ovelhas e comendo leite, quando o ha — todos os querem ao pé de si para lhes dizerem adeus, á hora da morte.

— Miseria e mais miseria, é que por aí se vê: em casa do meu compadre Catraia, uma brôa esfatiada já não chega para dar a roda toda. Os jornaes, pequenos, e graças quando os ha, quem o não ganha não o póde gastar: só roubando!

— Oh! lá isso!

— Pois não, mas era o que os ricos mereciam. Quando andei na linha, ouvia dizer aos assentadores que tudo devia ser dos pobres que trabalham e que ainda havia de vir o tempo de cada qual ter onde pôr uma horta. Ainda tu tens esta fazenda, mas o trabalho que é preciso para daqui tirares algum lucro! Não ha nada melhor do que chegar á praça com dinheiro e comprar, á escolha, como na Borda d'Agua!

— Mas só esta alegria de ver crescer as coisas! As figueiras, já eu as plantei todas, aquellas latadas, enxertos novos, teem uvas que é um louvar a Deus!

Quer vossemecê um bocado de pão? — perguntou elle levantando a jaqueta da relva molhada.

— Bem hajas. Vou-me lá tambem até ao Casal. Até logo.

E de sacho ao hombro, tomou pela quelha ensilvada donde se erguiam confusamente azas de borboletas, voando ao sol nascente, coado pelos ramos das moitas — emquanto João Roque considerava o volume inquieto da agua na presa, tasquinhando um pedaço de centeio com azeitonas.

* * *

O S. João é o tempo dos cravos vermelhos nos alegretes e nos canteiros da terra feliz das hortas onde se abrem cada manhã, num sorriso triumphal, as custodias de oiro dos girasoes.

A's tardes, vagueiam pelos caminhos enramados, pares de namoro, noivando, quasi tontos de cio, e parece que a gente nova arde no affecto sensual que humedece as pupillas dos rapazes e faz morder os peitos das moças, em febres de desejo.

O fumo dos rosmaninho e alecrim das fogueiras invade as moradias, levando a saude sob a benção do santo que o povo festeja no ciclo da fecundidade, ultrajando o velho Propheta, erradio á borda dos lagos sírios, comendo raizes e mel silvestre, casto e místico, a negar a Vida!

Em seu louvor, erguem-se mastros a cada esquina, á roda dos quaes vai dançando a mocidade, estonteada de perfumes fortes que excitam a audacias de amor, salvam-se fogueiras com galhardia, emquanto sacodem os ares morteiros infernaes.

Ao sol poente, cordeiros a balar nas solidões verdes do mato, como deuses pagãos penando saudades, junto ás veredas dos bosques antigos.

Por este tempo florescem os muros sobre que se inclinam pesadamente as ameixieiras que entram de arroxear, afogadas na verdura farta dos castanheiros subindo ás encostas ou assombreando os valles em troncos musguentos — velhos patriarchas que viram morrer tres gerações de vegetaes.

A flôr do castanheiro cheira a mel e com ella se entretecem as capellas brancas de que vão coroados os anjos e as virgens que morrem nas tristes serranias, pelo tempo da floração.

Arvore santa na frescura das fontes, rica de sombra, alimento na castanha, abrigo e defeza na morada rustica, berço e tumba, lenha para a lareira na eternidade dos invernos que tudo deixam fluido, diluindo as fórmas das coisas nos nimbos cinzentos da madrugada.

Na crista dos pinheiros, sobre os renovos escamosos, as rolas turturulhando, recolhem nas azas macias, os esplendores moribundos do sol, ao tempo que das ramagens se erguem vozes soltas que parecem vir da mesma terra e um lamento perpetuo do peso da vida.

E quando as moças se juntam para a faina das sachas, em dias eternos, abrazados de sol, vae a fila dos saiotes subindo e descendo as leiras da planicie onde as canções ondulam como o trigo...

*
* *

Longo meio anno anciaram por esta noite Maria Luiza e João Roque.

Aquelle filho, tam bello e forte ao nascer, de um choro prolongado no berço, ficara quebrado que era uma dôr de alma.

A avó, ao vê-lo assim, limpava grossas lagrimas ás pontas do lenço, mas instruida na experiencia do mundo e no habito de confiar á fé o bom exito das coisas, encolheu os hombros para concluir num desengano:

— Tem de se passar, acabou!

Aquillo era um defeito, mas já muitos se tinham visto sarar. S. João havia de acudir-lhe, não fôsse o pequeno morrer.

Mas ao saír naquella manhã, logo a velha pensou tristemente que de fevereiro a junho ainda o neto tinha de soffrer tanto que maior milagre lhe parecia viver até á noite das fogueiras do que alcançar nella, pela graça do Santo, a saude e a cura.

De melhor aviso seria procurar já os officios da Marçagôa, mulher de virtude acreditada e que ao proprio vigario levava a melhor em rezas e esconjuras do demo.

A má lingua do povo affirmava que ella herdara da mãe os novellos da bruxaria e o segredo de descobrir e conservar as hervas boas.

Mães que por ella passavam, escondiam-lhe do mau olhado os filhitos maleitosos e a miudagem da rua fazia-lhe figas nas costas, quando a viam passar gemendo e coxeando, curvada sobre uma canna — não fôsse a velhaca dar-lhes quebranto.

Assim conseguia a Marçagôa o respeitoso temor dos terreanos de Montalvo e dos casaleiros da serra, pela redondeza de quatro leguas velhas.

Havia exemplos da sua virtude em creaturas e gado e quando alguem mais temerario ou descrente, lhe chamava intrujona, logo outros, na taberna ou nas pedras do adro, acudiam a defendê-la, citado casos.

Aconteceu até que o filho do Matheus *das pelles*, quando veiu de licença, caíra com quartãs teimosas e todos á uma, na fonte e a caminho das vindimas, attribuiam a malaria a vingança da Marçagôa, por lhe ter chamado bruxa com desdem.

Acreditavam muitos que ella vivia entre Deus e o Demonio, pactuando com ambos, para lhes harmonizar os poderes de que dispunha, como era melhor a serviço dum e outro.

Para toda a gente de Montalvo, era principal dever, antes da missa e das coisas divinas, propiciar a Marçagôa e evitar-lhe as más inclinações.

Homens timidos que madrugavam mêses seguidos para as regas, juravam entre cruzes e pragas, te-la visto voar em forma de sombra, *por cima de toda a folha.*

Taes razões decidiram a sogra do João Roque a procurar a bruxa no seu casebre entre pissarras, mal telhado e terreo, já a

FOI ENTRANDO VAGAROSAMENTE

caminho do cemiterio donde não viriam inquietá-la almas penadas de parentes defunctos.

Resguardava-lhe a cama um pequeno taboado, á direita, onde um Santo Antonio se defumava detrás do vidro, perto, um gato arqueava o lombo mosqueado para assustar com piruetas alguns frangos recentemente trazidos, ainda presos do arco da cesta, pipilando de estranheza.

Na parede, estacas com molhadas de hervas, pucaros de barro para os cozimentos e outras coisas de cuja applicação só ella tinha o segredo.

A Marçagôa era muito velha — raras pessoas se lembravam já em Montalvo, de uns ciganos a deixarem abandonada no campo. Nem ella sabia bem donde viera quando ali appareceu um dia de manhã, a esmolar pelas portas,

Com os annos foi crescendo na desconfiança da gente que pasmava de vê-la á noite contar as estrellas e deitar pedrinhas de adivinhação, junto dos palheiros onde lhe davam dormida.

Pedia a mão ás creanças para lhes ler a sina, escutavam-lhe palavras que ninguem intendia e para todos fôra sempre um sêr nefando, pessoa de outro sangue...

A sogra do João Roque foi entrando vagarosamente e viu a um canto do lar escuro a cabeça da bruxa apertada num lenço branco e caída na tripeça das esconjuras.

— Esteja com Deus, senhora Rosaria.

— Deus a guarde, tia Felicia — gemeu a bruxa.

— Está melhorzinha?

— Como Deus é servido... já agora, só a cova!

— Longe o agoiro, credo! Olha lá, ou! Tam cedo se quer partir então? E quem nos havia de livrar do demo as creaturas?

— Cuide cada qual de cumprir a vontade do Senhor e só delle pode alcançar...

— Ora! mas nem sempre a gente é ouvida.

— ... tudo, porque a sua bondade é infinita.

— Pois sim, mas...

— Tia Felicia, olhe não desconfie do Senhor, é a fé que nos salva.

— E pela fé de Christo quero viver até á morte! Foi assim que me creou sempre minha mãe, na gloria viva!

— Sem a fé, o mundo é um cego engano, a vida, uma floresta onde o sol

forte quebradura! Parece já uma pessôa de sacramento, coitadinho!

— Quem no havia de dizer? Ora veja lá! O pae e a mãe, tam de saude, ambos dois...

IA ABRINDO O TRONCO LISO DE UM CARVALHO

nunca é visto e os males e molestias do corpo e da alma podem ser a perdição de muitos.

— E quando elles se trazem logo quasi do ventre da mãe, como foi o meu neto?

— Então o seu neto...?

— Lá ficou quebrado, pois então! E que

Mas Nosso Senhor pode ainda dar-lhe remedio: já se teem visto exemplos.

— Com a vontade e a virtude da senhora Rosaria... eu vinha...

— Eu? Ai! mas eu sou uma pobre creatura como as outras, aos olhos do Senhor...

— . . . que até já trouxe estas envoltas e ligaduras — para o que fôsse necessario.

— Mas. . .

— Ponha-lhe uns preceitos, sim, senhora Rosaria? Ande, ponha, que ninguem é capaz de me salvar o neto daquella mácula. Dizem que livra de soldado, mas eu antes o quero são e sem reixa.

— Vossemecê, tia Felicia, tambem podia... até... Ora eu. . .

— Ponha-lhe os preceitos e Nosso Senhor lhe porá a mão e a virtude: ponha-lhos que não ha-de perder nada — insinuou a velha, recuando para a porta.

— Mulher de Barzabú, que eu não peço ao Senhor por pagas! — rosnou a bruxa, mostrando o branco dos olhos.

— Pois então, até logo — tornou-lhe Felicia sem ouvir.

Depois de se benzer, a Marçagôa lançou na ala azulada das achas um fasciculo de hervas que foi misturando, humedecidas de agua de orvalho que tinha num frasco e defumou as envoltas e o cueiro que Felicia poisara na tripeça. Enrolados, ainda quentes, deixou-os ficar até virem por elles.

Semanas seguidas repetiram-se os defumadoiros, em segredo, mas a avó ia conhecendo que a virtude da bruxa era vã e chegou a tornar-se-lhe convicção a suspeita de que a Marçagôa só fazia por delongar a cura para aumentar os lucros.

Raivosa do logro, começou a contar o caso á vizinhança e numa tarde em que se cruzaram na rua, insultou-a bravamente e quasi lhe bateu, a conselho do padre Custodio, seu confessor, que chamava ás *artes* da Marçagôa, *maleficios diabolicos.*

Resignadamente e com maior fé, tornou velha a decidir:

— Tem de se passar, acabou!

* * *

Na tarde do Santo, quando o sol dobrara os pinheiros e as sombras resuscitavam lentamente, um serrador ajoelhado entre as moitas do Brejo, ia abrindo o tronco liso dum carvalho novo, no receoso cuidado de não molestar a arvore a cuja vida outra vida dali a horas seria confiada.

Lascas de cortiça apertadas nas extremidades da fenda, deixavam abertura a bastar para caber livremente o corpo do pequeno.

Pelas onze, tudo vai a caminho: a noticia cêdo espalhada, interessava todo o povo que a tal gente só tinha motivos de bem querer.

Um bando chalreador alastra pelo campo onde crepita o estalido vitreo dos restolhos, em direcção á moita, e sobre o muro, junto ao portão, fica de vigia o João Roque para lhes gritar o aviso da meia-noite.

Esmorecem agora sons perdidos de adufes e violas, passando ao longe, cantigas em côro, vozes claras correndo para as fontes, ao abandono já as fogueiras apagadas onde o lume vermelho vive em brazas, recolhido na molleza da cinza.

A' volta do carvalho aquietou-se a gente para escutar as horas: dum lado o *João*, do outro a *Maria*, creanças tenras que a ceremonia exige, vindas a convite de Maria Luiza e que duas velhotas astutas vão instruindo nas palavras e nos gestos para concluirem tudo com ligeireza e a tempo.

O silencio alarga-se, longe, uma cantiga solta desfaz-se em echo, no ar humido e tranquillo. Morrem as symphonias dos bichos da terra, nos relvados guturejam as vozes frescas das rãs e ao redor de uma lanterna que allumia o carvalho, tantas dezenas de vidas só escutam... e no sobresalto cuidam estar ouvindo horas constantemente.

Uns minutos mais de suspensão: bateu a primeira e logo o João Roque gritou do muro uma ordem prolongada.

— Agora! Já! — echoaram muitas vozes.

Tremeram os pequenos da responsabilidade do acto, pasmados no meio daquelle circulo de gente, amosendada no restolho e começaram logo:

— Em louvor de S. João: Maria!

— João!

— Toma lá este menino quebrado e dá cá um são!

— João!

— Maria!

— Toma lá este menino quebrado e dá cá um são!

— Maria!

— João!

— Toma lá este menino quebrado e dá cá um são!

— Já tinham dado as horas todas, quando acabaram — disse alguem da roda.

— Mentira! mentira! — acudiram velhas iradas. Nem os cachopinhos o podiam fazer mais depressa! Olha agora!...

— Ainda deu uma badalada depois — asseverou um homem.

— E é verdade, é verdade!

— Verão a virtude que ha-de ter — ouviu-se por entre dentes.

— Cale-se, sua lambisgoia!

— O que ella queria, era que lhe convidassem a filha.

— Pois, não fôste! Já tem mais maldade que uma pessoa velha — justificava a Felicia. Até a gente se envergonha do que agora se vê: criação como dantes!

Ella veiu mandada pela Marçagôa, é espiona.

— Deixá-la ser; eu não havia de ficar com o neto assim, por toda a vida. Ella não lhe fazia nada, a impostora!

— E o que S. João não fizer, não no fazem pessôas do mundo — assentiu uma velha, adeantando-se com as camandulas pendentes do braço magro.

— Decerto! Decerto! — apoiaram todos.

Emquanto se rumorejam ditos e remoques em torno, dois homens fortes vão ligando com as fitas do fato da creança o tronco aberto, para que o carvalho *solde*, defendido dos calores.

Desordenadamente vai tudo em rustilhada para os lados do portão e de pé, ante a pequena arvore entrapada com as roupas do filho que se afasta aos vagidos, João Roque fica-se olhando a sombra e a rama — não começasse ella logo a secar e a morrer-lhe no mesmo instante a esperança da vida e da saude do pequeno.

Passam dias, todos os olhos se fixam amorosamente na arvore sagrada e boas novas iam chegando a casa de João Roque.

Cada domingo, pelo estio adeante, a pedido da mãe, pessôa entendida certificava para lhe tranquillizar o alvoroço que a arvore mal perdera o frescor, e decorrido um anno sem passar por ella, conforme o rito, Maria Luiza pôde ir, logo de manhã, com o filho são, beijar o tronco verde que dera ao seu lar triste a consolação e o allivio, com a prova do valor duma fé antiga.

HIPPOLYTO RAPOSO.

Do livro — *Boa Gente* (inedito).

Os novos socios brazileiros da nossa Academia

Os SERÕES prestam a sua homenagem aos illustres brazileiros ultimamente propostos para a nossa Academia, inserindo um artigo do brilhante escritôr sr. José Antonio de Freitas, que no «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, se referira já a essa justissima consagração.

Em sessão da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa fôram apresentadas, como titulos de candidaturas a socios correspondentes estrangeiros, as obras dos meus eminentes compatriotas srs.: Sylvio Romero, barão do Rio Branco e Ruy Barbosa. (Foi esta a ordem das apresentações.)

Faz-se mister accrescentar que nenhum d'elles sollicitou aquella honrosa distincção. Foi a Academia, que, desejosa de os inscrever na lista dos seus socios, onde se arrolam os mais gloriosos nomes de todo o mundo, pediu-lhes que enviassem os trabalhos, que houvessem publicado, para assim dar cumprimento ás disposições regulamentares. Vieram as obras, apresentaram-se as propostas, que em breve serão approvadas, e seguir-se-ha logo depois a eleição.

A minha vida cheia de trabalho não deixa que eu frequente com assiduidade a Academia. Tenho pena, porque lá conversa-se bem, e... não se diz mal. Porém vamos. Sabendo o que se ia passar, fui á sessão, a que me refiro, e tive a enorme satisfação de ouvir que, se não fôsse contrario á lettra dos estatutos, n'aquella mesma noite ficariam eleitos, por acclamação, os tres altos representantes da mentalidade brasileira. E tenho a certeza de que, não só elles, mas todos os nossos patricios exultarão com a amavel idéa da Academia; porque, se é certo que d'ella não emana tudo o que é bello, bom e sabio, tambem é certo que tudo o que se faz de sabio, bom e bello, todos os progressos do espirito humano encontram ali a sua atmosphera natural, todos teem a sua repercursão e o seu echo nas salas do velho Convento de Jesus, onde, em compensação, não penetra qualquer outro ruido exterior.

Ha muito quem diga que a Academia é um adorno superfluo, uma instituição que de nada serve e nada faz. Mas para demonstrar que o seu trabalho é uma realidade, basta observar que entre os academicos encontram-se homens de provada competencia na pratica dos negocios, homens

levantados a posições eminentes em todos os partidos, jurisconsultos de primeira plana, adeptos da sciencia pura, philosophos, historiadores, poetas, romancistas, dramaturgos, que os utilitarios podem considerar objectos de luxo, mas que são os auctores de quasi todos os trabalhos, aqui tirados a lume, e que tão poderosamente importam não só á vida intellectual, mas á boa fama do paiz. E depois... como todas aquellas competencias são bastante variadas para excluirem a monotonia, e bastante confins para que nenhuma se desinterésse dos trabalhos, que preoccupam as outras; como todas se esforçam no descobrimento da verdade, as dissidencias de opiniões não perturbam a harmonia entre os academicos. Latino Coelho conversava uma noite inteira com El-Rei D. Luiz, Teixeira de Queiroz abraça fraternalmente Antonio Candido.

* * *

Felicito com a maior sinceridade os que já se pódem chamar novos academicos, cujas qualidades fortes e preciosas não se faz mister ennumerar.

Todos conhecem e apreciam no sr. Sylvio Romero o escriptor, que tem marcado um subido logar na historia da litteratura do ultimo quartel do seculo XIX, e principios do seculo XX. Admiram todos a extensão e vigor do seu espirito, a variedade e solidez dos seus conhecimentos, a segurança e independencia dos seus juizos, a alliança, emfim, da cultura mais vasta e da mais livre intelligencia. E, no tocante ao seu methodo, o que se póde dizer que não seja um elogio? E' que, effectivamente, o sr. Sylvio Romero conta como um erudito, generaliza como um philosopho, escreve como um artista.

O sr. barão do Rio Branco é um brazileiro em toda a força, todo o poder d'esta gloriosa palavra. Brazileiro por nascimento, brazileiro por temperamento, brazileiro por gosto, brazileiro sobretudo pela alma, o que faz com que a sua enorme popularidade seja do melhor quilate. E fallo assim, porque, em geral, a popularidade é uma necessidade de engrossamento, que repugna ás nações sinceras. O homem popular torna-se uma especie de comediante, que tem de forçar a voz, o gesto, o pensamento, tem de erigir uma caricatura de si mesmo para sensibilizar o publico. Ora, a popularidade do sr. barão do Rio Branco provém de elle ser o mais brazileiro que um estadista brazileiro póde ser.

Justamente coroado de honra e gloria, em seguida á questão das Missões e da Guyana Franceza, a sua figura prestigiosa impunha-se para as altas funcções de ministro das relações exteriores. Começou a exercel-as em circumstancias difficeis, que ninguem ignora, e que não tenho espaço para recordar. Era uma obra que exigia os maximos cuidados, uma obra semeada de attritos e de perigos; mas a actividade, a intelligencia, a franqueza e a lealdade do

sr. barão do Rio Branco levaram a bom termo a espinhosa tarefa.

A sua lealdade e a sua franqueza, disse eu, e repito. No longo periodo, em que tem desempenhado o cargo de ministro do exterior, o sr. barão do Rio Branco tem sido um modelo de diplomata moderno. Não usa de reticencias e de phrases ambiguas para dissimular; não pretende enganar os outros á força de parecer lhano e desartificioso. Por baixo da sua simplicidade de trabalhador e do seu dom de sympathia está um caracter: tem o sentimento manifesto de uma politica firme e recta, e de seu pae recebeu como herança um tom de auctoridade e lealdade, que dão um credito muito pessoal ás suas palavras. Por isso, quando o barão do Rio Branco affirma as intenções pacificas do Brazil, quando elle diz que o Brazil só trabalha pela paz, para a paz e para os fructos da paz, não ha invejas, não ha intrigas, que consigam fazer duvidar de que uma acção invencivel orienta as almas brazileiras n'aquelle sentido, e de que a consciencia popular deseja exclamar um dia como os egypcios, quando chegavam ao Amenthis: «Nunca fiz chorar pessoa alguma!»

Gonçalves Cruz

No dia em que o sr. barão do Rio Branco assumiu a direcção da politica externa, o povo brazileiro disse-lhe, em voz unanime: «Confio em ti, e no ardor do teu patriotismo. Continúa a servir o Brazil, como até hoje, e o teu nome será abençoado.»

O barão escutou sempre aquella voz, e por isso, quando resolver descançar, poderá retirar-se, como dizia Platão, sob uma bella esperança, deixando o salutar exemplo de um homem que ama apaixonadamente o seu paiz, um homem que trabalhou muito, pensou muito e, no exercicio do seu cargo, mostrou sempre o respeito inquieto da verdade, a vontade nobre de ser verdadeiro.

Vamos ao terceiro candidato, o sr. Ruy Barbosa, uma das principaes glorias do Brazil.

Jurisconsulto eminente, dispondo dos recursos mais completos — clareza e methodo, sciencia juridica, vigor urgente de raciocinio, imaginação habil em descobrir o argumento, e em apresental-o á mesma luz em que o comprehende —; dispondo, como orador, de uma facilidade de palavra sem rival, e de uma intelligencia maravilhosamente prompta para tudo apprehender e as-

similar; possuindo, como escriptor, todas as luzes do estylo, *lumina dicendi*, o sr. Ruy Barbosa tem crenças profundas e inabalaveis. Acredita em Deus, no Direito, na Verdade e na Belleza, e aproveita todas as occasiões de as defender e exaltar, fazendo-o sempre com um brilho e um talento que honram a sua patria.

Haja vista do que se passou na conferencia de Haya que para nós brazileiros foi um triumpho assignalado. N'aquelle parlamento intergovernamental, constituido pelo escol dos jurisconsultos, diplomatas, politicos, militares, sabios de todo o mundo, os mais claros entendimentos offuscaram-se com o esplendor do talento de Ruy Barbosa, grande a todas as luzes, a quem a *Review of Reviews* julgou de sua obrigação consagrar um numero especial. Registo com a maior satisfação o tributo de Stead nas paginas da sua celebre revista; e não me digam que manifestações d'este genero não passam de palavras vãs, como as que se trocam nas salas, e servem muitas vezes para mascarar ciumes e odios inveterados. Pelo contrario. Não ha coisa mais elevada e mais bella, do que a homenagem prestada ao pensador de uma raça pelos filhos de outra raça. São esses os raros momentos, em que o espirito humano, amante das alturas, inimigo do horizonte, ergue altivo o seu vôo acima das barreiras, que levantam as differenças de linguas e temperamentos.

* * *

A chronica já vae longa; mas eu preciso de fallar ainda de tres outros brazileiros, que tambem fôram propostos socios da Academia por lembrança d'esta — os srs. drs. Oswaldo Gonçalves Cruz proposto na primeira classe, Alberto d'Oliveira e Tobias Monteiro propostos na segunda.

O dr. Oswaldo Cruz, póde-se classificar, sem favor, como um dos soberanos da sciencia, um dos grandes bemfeitores da humanidade. Os seus trabalhos theoricos enriqueceram, com effeito, o patrimonio scientifico; os seus trabalhos praticos salvaram já a vida de milhares de seres humanos, e salvarão a de muitos milhões, se houvermos de juntar os beneficios futuros áquelles que já produziram. O saneamento do Rio de Janeiro é obra muito mais solida do que a pedra de todos os monumentos.

No prefacio das suas *Premières Méditations* escreveu Lamartine: «Nasci impressionavel e sensivel: estas duas qualidades são os dois principaes elementos de toda a poe-

sia.» Pois impressionavel e sensivel é tambem o dr. Alberto d'Oliveira, um dos poetas lyricos melhor dotados da sua geração e do seu paiz.

Pouca gente conhece em Portugal a obra d'este encantador poeta; mas a Academia, concedendo-lhe a honra de o eleger, por certo concorrerá para que sejam aqui devidamente apreciadas as *Meridionaes*, o *Livro de Emma*, o *Leque*, as *Flôres da Serra*, e tantas outras composições, em que algumas ideias eternas se exprimem sob o veo diaphano das metaphoras e allegorias, e em que uma technica perfeita corre parelhas com o brilho das imagens, o dom do rythmo, e a faculdade tão preciosa e tão rara de encontrar symbolos de uma clareza e belleza flagrantissimas.

Tobias Monteiro

A apresentação da candidatura de Tobias Monteiro é uma alegria e uma honra para o *Jornal do Commercio*, onde o seu talento e o seu caracter são apreciados desde longos annos.

E' claro que lhe não vou cantar aqui as alleluias, porque a sua modestia me não perdoaria uma ladainha de cumprimentos.

O que, porém, não posso deixar de recordar é que elle tem lido e viajado bastante, e que as suas leituras e viagens deram-lhe uma excellente philosophia. Admira e ama o Bello sob todas as formas, fala levemente de coisas graves, ou gravemente de coisas leves, adubando-as sempre com a philosophia, a que alludo.

E depois... que linda maneira de escrever! Quando nos conta as impressões da sua viagem á Europa, em companhia do sr. Campos Salles; quando nos apresenta, nas *Cartas sem titulo*, o estudo do meio politico brazileiro, sem azedume nem pedantismo; quandor etrata as principaes physionomias da côrte portugueza, em 1897; ou quando nos pinta as margens poeticas do Ypiranga, tapizadas de flôres, com que se ennastra o «véo de noiva», o estylo de Tobias Monteiro corre umas vezes limpido e claro como a agua das fontes, outras vezes cheio de allusões, de poesia breve, de imagens frescas e novas, mas sempre elegante, saboroso, individual. E a par d'elle notam-se os elementos essenciaes da robusta originalidade de Tobias Monteiro: fidelidade escrupulosa de observação e de testemunhas; sinceridade de evocação, que consegue reanimar o passado desaparecido; flexibilidade e fertilidade de um espirito aberto a todas as curiosidades e proprio para todos os estudos; franqueza e independencia absoluta dos juizos e das reflexões.

José Antonio de Freitas.

CHRONICA AGRICOLA

O Alemtejo, celleiro de Portugal

E' do Alemtejo que provém a maior parte do trigo que annualmente abastece o mercado interno português.

A producção é, sem duvida, bem diminuta para as necessidades do consumo nacional: mas que abundantissimas colheitas se poderiam obter na vasta provincia do sul, se ella se achasse sulcada de canaes de irrigação, arroteiada por inteiro com o auxilio de poderosas machinas, colonisada por uma densa população trabalhadora!

Das provincias portuguêsas, nenhuma talvez como o Alemtejo tem a individualisá-la tantos caracteres typicos, definidamente seus. Não ha, na paysagem alemtejana, o colorido suave, a brandura de tons, a variedade de relevo que, tantas vezes, nos prados, nas campinas, nos valles, nas escarpas das provincias do norte, nos dão uma sensação grata de bem estar e quietação. Na luminosidade intensa que nos cerca no Alemtejo, na monotonia desolada das charnecas cobertas de piorno, de estevão, de giestaes, na extensão das cearas rijamente queimadas pelo sol, na amplidão grandiosa dos sobraes e azinhaes, nas massas abundantes de olivêdo, ha o quer que seja que indica a necessidade aspera d'uma lucta continua, recomeçada cada dia, do homem contra a natureza. Não é esta a gleba *que o arado mais acaricia do que rasga,* é o solo secco, rijo e ingrato muitas vezes, que é preciso mobilisar rudemente, revolver com vigor.

Por isso, só uma raça robusta e energica, de hombros musculosos e vontade firme, se

póde desenvolver e retemperar neste meio violento, só proprio para fortes.

Mas se a população é solida e laboriosa, é, em compensação, reduzidissima, e os processos e instrumentos de trabalho são, as mais das vezes, deficientes e imperfeitos. Ha, é verdade, algumas dezenas de lavradores, intelligentes, illustrados, que pódem dispôr de avultados capitaes de exploração, que não hesitam em se apetrechar com o material agricola mais aperfeiçoado, e tratam, sem cessar, de entregar á cultura novos terrenos de charneca. E' realmente agradavel para quem se interessa pela agricultura patria, vêr, nalguns *montes* alemtejanos, d'uma construcção tão caracteristica, tão genuinamente portuguêsa e meridional, a locomovel, a debulhadora, a grande surribadora, o escolhedor de sementes do ultimo modelo.

O arado de azinho ou de oliveira e o pesadissimo rojão, são ainda d'um emprego muito frequente em todo o Alemtejo. As duas photographias que publicamos acima, tiradas na celebre herdade da *Sempre Noiva,* dão bem ideia da imperfeição d'esses primitivos instrumentos de amanho do solo.

Ao passo que a debulha *a pé de gado* ou a trilho consegue apurar n'um dia de trabalho uns escassos dois a quatro moios de trigo debulhado, as poderosas e perfeitissimas debulhadoras modernas preparam no mesmo espaço de tempo quinze a vinte moios de cereal. E' curioso comparar o trabalho sereno, virgiliano da *cobra* d'eguas, e o labôr intenso, de caracter accentuadamente industrial, d'uma eira moderna.

Mas estas excepções são bem poucas, e de fórma alguma nos pódem illudir. A grande maioria dos agricultores alemtejanos,

aliás operarios agricolas d'uma dextreza manual só excedida talvez no nosso pais pela dos trabalhadores do Ribatejo, tem uma alfaia rural verdadeiramente primitiva, que, a par dos inconvenientes directos que acarreta, traz ainda como consequencia collocá-los n'uma dependencia mais estricta das irregularidades do nosso clima, que, na realidade, sob o ponto de vista da sua influencia na agricultura, está bem longe de ser, ao sul do Tejo sobretudo, a maravilha que, não sabemos porquê, a cada passo se ouve apregoar.

De resto, o incremento que teem tomado as arroteias de charnecas nestes ultimos annos, constitue um symptoma fracamente animador: esse desenvolvimento cultural, que bem podemos considerar ficticio, é, indubitavelmente, devido apenas á protecção talvez exagerada que faculta aos proprietarios a lei dos cereaes.

Ora, como ha tempos disse n'uma notabilissima conferencia um agronomo que é uma das primeiras capacidades scientificas do nosso paiz, a lei sobre os cereaes póde afoitamente ser comparada a um remedio violentissimo, um d'esses alcaloides energicos que num dado momento se ministram a um doente cuja vida está em perigo imminente, mas cuja applicação não deve ser continuada, sob pena de causar no organismo estragos irreparaveis.

Ora a lei dos cereaes conserva-se em vigor ha annos já; calcule-se como se achará debilitado o organismo agrario nacional e que formidavel choque elle não soffrerá, quando o privarem da enorme protecção á custa da qual exclusivamente consegue sustentar-se.

São outros os methodos, outras as medidas a tomar para que o Alemtejo venha a ser para Portugal o que os estados do Centro e Oeste são para a União Americana: o celleiro abundante que forneça á população do pais a base essencial da alimentação, o cereal panificavel.

As debulhadoras modernas, engenhos complicados e admiravelmente organisados, as locomoveis, de tantas e tão uteis applicações n'uma exploração rural bem conduzida, são machinas caras e que por isso parecem estar só ao alcance dos grandes proprietarios, possuidores de bastos capitaes. Mas a associação vem facultar aos lavradores pequenos os meios de se utilisarem da alfaia agricola mais moderna e valiosa. Os syndicatos da debulha, por exemplo, comprando as machinas necessarias ao trabalho da eira e pondo-as á disposição dos seus socios, mediante o pagamento d'uma reduzidissima taxa, realisam essa obra tão necessaria da generalisação do uso dos grandes mechanismos agricolas.

Um vasto systema de irrigação, cortando o Alemtejo com longos e bem distribuidos canaes, supprindo a falta ou irregularidade das chuvas — a colonisação intensa, attrahindo aos vastos terrenos do sul alguns milhares d'esses braços que todos os annos partem do Douro, Minho e Beira em tão grande quantidade, para enriquecer com o seu esforço e as suas faculdades productivas as republicas da America do Sul — a organisação do credito agricola, collocando os lavradores em condições de introduzir melhoramen-

A creação de gado, em grande escala, encontraria nas planicies alemtejanas, depois de estabelecida a irrigação, um amplo e bem apropriado campo de expansão. Na presente photographia vê-se uma manada de gado bovino, cujo aspecto é bem de molde a incitar emprehendimentos de exploração pecuaria na vasta provincia do sul.

escala de porcos, de bois, de cavallos e muares, viria a constituir-se um importantissimo factor de enriquecimento.

Os exemplos dos americanos do norte, dos italianos, e de tantos outros, tornando feracissimas regiões incultas e agrestes á força de trabalho industrioso e fecundo, são bem de molde a animar, e a fazer prevêr d'um modo seguro o pleno exito dos processos que indicámos, aliás bem conhecidos e de reputação solidamente firmada por diversos e repetidos successos.

Mas nunca é inutil, crêmos nós, o esforço que tende a interessar a opinião publica nos problemas capitaes da economia nacional. E estamos fundamente convencidos de que num pais onde a grande maioria da população vive na dependencia da agricultura, a coordenação de todas as actividades, a comprehensão clara do caminho a seguir, o trabalho de cada um e de todos bem orientado, dariam, como consequencia suprema — *a prosperidade de Portugal.*

R. F. Mayer.

tos nas suas herdades, ao abrigo da usura — uma larga propaganda do cooperativismo, unico meio que lhes permittiria utilisar-se da alfaia agricola mais moderna e aperfeiçoada, empregar adubos bem preparados e comprados por um preço justo, etc. — esses, e outros semelhantes, seriam os processos a pôr em execução. Assim o Alemtejo, hoje tão abandonado da cultura em tantos pontos, se converteria numa região fertilissima, como se diz que o foi no tempo dos arabes, produzindo copiosamente cereaes das melhores variedades, cortiça capaz de affrontar a concorrencia hespanhola e a argelina, hoje já tão ameaçadora, azeites finos e pouco acidos, vinhos de bons typos, azeitonas de conserva saborosas e gradas, inclusivamente fructas, cuja cultura e exportação se poderiam desenvolver tão facilmente em algumas zonas privilegiadas.

Com a expansão da actividade cultural, coincidiria, é claro, o augmento e melhoria dos gados, indispensavel complemento de toda a exploração agricola. E d'este modo, com a creação em grande

Os carros conduzem da eira para as proximidades do *monte* a palha que ha de constituir as enormes *almeaaras*. A vasta planura das cearas ceifadas, fortemente illuminadas pelo sol, a enorme area por onde se espraia a cultura do trigo, são bem caracteristicas da paysagem alemtejana, na zona onde a provincia tem sido activamente arroteiada.

Historias romanticas da imperatriz Eugenia

TRIUMPHOS, tragedia e lagrimas, eis a vida da exilada Imperatriz, que vive em Inglaterra ha uns trinta e oito annos.

Quando, ainda creança, uma mulher bruxa, phophetisou que ella seria na vida, intimamente associada com as violetas, o emblema dos Bonapartes, esta prophecia foi tristemente confirmada quando casou com Napoleão III em 1853 na edade de vinte e sete annos. Foi a grande belleza de Mademoiselle Eugenia de Montijo, que sobretudo attrahiu a attenção do Imperador. Dois annos antes do seu casamento, Engenia tinha estado uma temporada em Paris com sua mãe, e em todos os divertimentos dados nas Tuileries, causou furor a sua distincção, elegancia e belleza.

Marechaes galanteadores, generaes e altos dignitarios da côrte, a enchiam de cumprimentos, emquanto a admiração de Napoleão augmentou ainda mais, com a ousada bravura e graciosidade que ella mostrou nas magnificas caçadas organisadas em Fontainebleau e Compiègne.

Conta-se até um gracioso incidente succedido n'uma d'essas caçadas. N'uma linda manhã de outomno, o Imperador passeava no parque acompanhado pelos seus convidados, entre os quaes se contavam Eugenia e sua mãe. A juvenil condessa chamou a attenção para uma folha de trevo, tão coberta de pingos de orvalho que brilhava como uma joia de diamantes. Quando terminaram o passeio, o Imperador deu ordem immediatamente a um dos seus ajudantes para partir para Paris. No dia seguinte o ajudante voltou, com uma rica joia representando uma folha de trevo, lindamente imitada em diamantes, e n'essa tarde n'um jogo de prendas que se organisou, Mademoiselle de Montijo recebeu a folha de trevo em prenda de jogo.

Este presente tão apreciado n'esse tempo foi considerado mais tarde pela Imperatriz como um talisman.

A joia foi posta de parte quando ella enviuvou, mas no dia em que o filho, o Principe Imperial, partiu para a guerra, a mãe tornou a pol-a; mas ainda d'essa vez o trevo de diamantes trouxe tragedia á sua vida. O Principe morreu na guerra, e n'essa occasião a Imperatriz pegou na joia e mandou-a a uma sua amiga intima, com as seguintes palavras: «Usa-a sempre em nossa memoria.»

A Imperatriz, na epocha de seu casamento, diz miss Jane Stoddart no seu livro intitulado «Vida da Imperatriz Eugenia», era a mulher mais linda do seu tempo. Era de altura mediana, de figura delgada e graciosa, com a tez conhecida em França por *bloude ardente*. Os olhos azues escuros eram assombreados por espessas pestanas, o cabello dourado cahia em canudos na testa baixa e branca. As sobrancelhas bem marcadas em linha curva, davam um caracteristico á linda physionomia. O nariz era levemente arqueado, as faces e queixo delicadamente modeladas, e os labios curvos exprimiam delicadeza e sympathia.

A Imperatriz era tão corajosa e boa como bella. De facto, em todas as circumstancias

desgraçadas da sua vida sempre deu provas de grande coragem.

N'uma occasião que esteve em Biarritz, ouviu dizer que a filhinha d'uma sua amiga estava gravemente doente com diphteria, e não só lhe mandou logo o seu medico, como visitou amiudadas vezes a creança moribunda.

Quando o cholera devastou a França no verão de 1866, Eugenia, com uma heroica coragem, resolveu visitar os doentes no hospital de Amiens. Nunca, durante o seu reinado de dezesete annos, como Imperatriz consorte, ella esteve mais perto do coração dos francezes como quando visitando os doentes dirigia a palavra a cada um d'elles com todo o carinho e caridade.

Desde os primeiros annos do seu reinado que a Imperatriz Eugenia foi considerada como a mais elegante de França. Gostava apaixonadamente de vestidos luxuosos, assim como a maioria das mulheres formosas; e contam que quando Eugenia fugiu para Inglaterra, o seu guarda-roupa foi avaliado em 4.000:000 francos. Um dos seus habitos dispendiosos, era calçar uma unica vez cada par de sapatos.

Presentemente a Imperatriz Eugenia passa a maior parte do anno, n'uma casa no campo: alli tem uma vida socegada, empregando o seu tempo a escrever as suas Memorias, as quaes serão traduzidas para Inglez e Allemão.

Esta morada campestre da Imperatriz Eugenia está recheiada de reliquias interessantissimas. Ha um quarto chamado o do estudo do Principe, cheio de recordações do Principe Imperial, incluindo a sua espada, os seus livros, o seu uniforme, e o carrinho que lhe serviu em creança. Os numerosos retratos de familia que decoram as paredes das salas de recepção, são tambem muito interessantes e curiosos.

O defeito

Não és incomparavel na belleza,
Nem da fórma possues o dom perfeito
Que extasia, e nos faz inflar o peito
N'um commovido applauso á Natureza.

Mas tens um «quê», na lúbrica lindeza,
Que, sendo para as outras um defeito,
Em ti produz um gracioso effeito
Que mais exalta a tua gentileza...

É a tal feição innata, mysteriosa,
Que sobreleva a feia á mais formosa,
É o «quê» da sympathia, inexplicado,

Que prende, e attrae, e o amor mais nos aviva...
Pois o teu «quê», mulher, que me captiva,
É esse narizito... arrebitado!...

Thomaz d'Eça Leal.

A aranha

Tenta-se a defesa das aranhas

Porque detestam as aranhas?

D'accôrdo que algumas são feias,— muito feias mesmo. Mas porque condemna-las a todas por isso? O mesmo seria detestar a humanidade porque os aborigenes da Australia e os Hottentotes da Africa não são positivamente o ideal da belleza grega.

Porque nem todas as aranhas são feias. E' curióso, quasi diria lamentavel, — bom será lembra-lo! — que as mais feias são exactamente as que encontramos nas nossas casas e nas immediações. No campo acham-se algumas tão bellamente coloridas como uma borboleta. Se lhes fôsse dado argumentar, poderiam rebater-nos com a affirmação, (tão acceitavel como todas as outras) de que á fealdade das nossas casas se deve o serem ellas frequentadas pelas menos notaveis da sua especie.

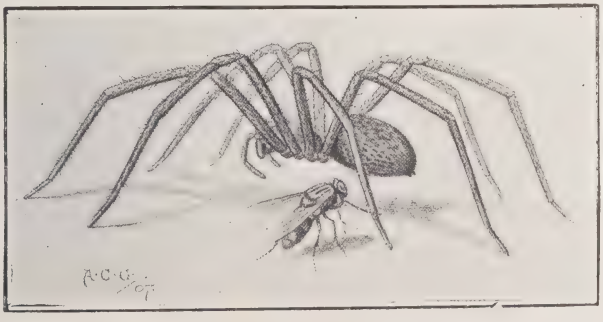
Tambem as atacam pela crueldade. Mais séria accusação, sem duvida, — mas que só é admissivel na bocca da variedade humana dos vegetarianos, na progressiva Europa, ou na dos dôces budhistas no Oriente remoto. E ainda a aranha só mata para vivêr, nunca, como nós, para satisfazêr a vaidade; e matando, — não sejamos de todo ingratos, — é um agente natural para nós benefico.

Tanto assim, que um jardineiro aranhicida mostra sêr o homem menos sabedôr do seu officio. Se estudarmos conscienciosamente os habitantes dos nossos jardins, concluiremos que a aranha é dos pouquissimos que, sem fazer mal algum a nenhuma planta, consomem um grande numero de insectos destruidôres, só desejando que os deixem em paz. Tal não succede com as vespas, passaros e formigas, que sem duvida destróem insectos, mas são por outras formas nocivas num jardim.

Como ellas se guardam

Dir-se-á que se não vê ahi razão para as guardar, e as sustentar em casa como um entretém ou como um mimo. Como conserva-las, como alimenta-las? Que fazêr-lhes?

Antes de tudo, saibamos que não é possivel guardar muitas especies de aranhas. Algumas, por exemplo, devido á forma da teia, não gostam do captiveiro, e são melhor estudadas fóra de casa; como porém raras vezes mudam de poiso, muito interessantes e divertidos incidentes podem recompensar uma observação um



A ARANHA PARECE NÃO SER CAPAZ DE LOCALIZAR A SITUAÇÃO DA MOSCA PELA VISTA

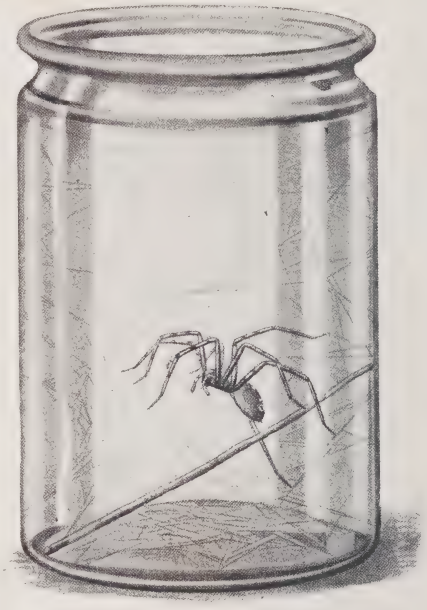
poucochinho attenta e paciente. As saltadoras, tambem, pela sua compleição vagabunda, sentem-se mal encarceradas, e não é em caso algum atilado o estudar os costumes de uma criatura sob condições muito diversas das que lhe são naturaes.

Por esta razão é que talvez a aranha femea caseira se presta mais que qualquer a sêr guardada, — pois o seu habito geral é conservar-se no mesmo sitio toda a vida. O marido da bôa dama em questão, comtudo, não tem o mesmo genio sedentario, — e de facto é esse longipede cavalheiro que tantas vezes assusta as bôas almas pela sua intempestiva e alarmante apparição no quarto de cama, ou na sala, pelo outomno.

Espantosas na verdade são as descripções geralmente feitas quanto á enormidade de algumas pobres victimas da ignorancia e do preconceito. Por um lado da ignorancia, pois a «aranha monstruosa», se nella houvessem reparado antes de a matar, ter-lhe-iam achado um bem pequenino corpo, comparado com as dilatadas pernas do desgraçado bicho; e por outro do preconceito, porque vindo com amorosas inclinações, estava em absoluto innocente de todos os maus intentos que lhe attribuiam, e que a vida lhe custaram.

A repugnancia instinctiva pela aranha desapparecerá promptamente se pela primavera apanharem uma aranha-femea já crescida e a metterem, á falta de melhor, num bocal ou pote de vidro para dôce. Terá provavelmente de sêr attraida de dentro de algum buraco, num canto escuro, — o que não é muito custoso de conseguir. Se a teia fôr cuidadosamente tocada com uma hastezinha d'herva ou cousa semelhante, succederá quasi sempre o animal corrêr a agarra-la, e então, com a ajuda de uma colhér, facilmente se conseguirá fazê-lo entrar para dentro do frasco.

Uma vez no pote não sairá, porque as patas são de tal maneira que não podem trepar por uma superficie lisa, e porisso não se faz mister tapar o bocal. Deitando-se-lhe para dentro uma haste, breve a vereis começar a construir no fundo do pote um fiosinho, e d'esse fio, para os lados e de lés a lés, tecerá por todo o interiôr. E então, ainda que cheguem os fios até aos bordos, e ainda que atravessem a abertura, mesmo assim não será necessario tapar, porque a aranha não tentará sair.



SE SE DEITAR DENTRO DO FRASCO UMA HASTEZINHA DE MADEIRA, A ARANHA COMEÇARA' A CONSTRUIR NO FUNDO UM BELLO CORREDOR.

E na verdade, porque havía de fazê-lo? Se fôr com regularidade sustentada, gosará de uma vida a que não estava habituada em condições naturaes, porque uma aranha muito positivamente não sabe se arranjará pão para o dia seguinte, pois tem muitas vezes que esperar dias até que possa quebrar o jejum. O encerramento tambem lhe não será estranho ou aborrecido, porque em suas condições naturaes ella habita um pequenino espaço, e sempre o mesmo.

Um argumento a favôr do processo é o de sêr um divertimento barato, facil de obter, e muito interessante para crianças, — principalmente para as que não teem meios de arranjar brinquedos, — dado o seu bem conhecido e observado empenho em guardar qualquer cousa *viva*. Effectivamente, ha aranhas em toda parte, e um potesinho de vidro facilmente se arranja. Depois, o sustento nada custa, pois o alimento pulula, principalmente nas casas pobres.

O casulo

Podem com effeito imaginar-se os enthusiasmos de um rapazinho pelas acções, gestos e costumes da sua excentrica companheira.

Por meados de maio vê-la-á começar a fazêr um tecido branco de neve; sobre este, com infinita paciencia, construirá um casulo, dentro do qual porá os ovos, — operação toda ella interessantissima. Prompto o casulo, haverá uma grande mudança nas suas maneiras. Em vez de devanear fantasiosamente pela teia, como até aqui, ficará perto do casulo, e construirá outros com intervallos de uma semana, até que uns cinco ou seis estejam promptos.

A' medida que os acaba adopta um estranho uso, pois que assim como os indios da America costumavam dependurar em redôr das cabanas o coiro cabeludo das suas victimas, assim a aranha reunirá as cabeças, pernas e asas das môscas que matou, e as atará sobre os casulos para os escondêr o mais possivel. Sacratissimos são para ella estes casulos, porque mesmo para comêr os não larga, mas trará cada nova mosca para junto d'elles.

QUANDO A ARANHA CASEIRA APANHA UMA MOSCA, TRATA-A COMO UM GATO A UM RATO, ATÉ ACABAR SUA REFEIÇÃO

Dentro de duas ou três semanas os ovos nos casulos abrem, e surgem uns cincoenta aranhiços recem-nascidos. Nascem já *aranhas,* e não passam matamorfoses como os insectos. A' medida que crescem a pelle torna-se muito estreita e antes de serem adultos mudam de fatiota varias vêzes. Esta operação é sempre tediosa e acanaveadôra, e por algum tempo o bichinho fica completamente exhausto.

Offerece comtudo as suas compensações, pois se antes de mudar de pelle acontece que, ou resultado de uma lucta ou de qualquer accidente, o aranhiço tenha perdido uma perna, não é isso grave transtorno, porque ao sêr substituida a velha pelle, apparece uma perninha nova no logar da perdida.

Com vista aos senhôres doutôres da cirurgia.

O futuro da filharada

Interessante caso, sem duvida; mas que succede a toda essa bicharia?

Não é facil dizê-lo. Por alguns dias vivem com a mãe numa harmonia apparentemente completa. Mas um bello dia nota-se que desappareceram todos, e o seu destino não é facil adivinha-lo. Alguns, talvez, ter-se-iam escapado a procurar futuro em mais largos horisontes. Muitos outros serviriam de alimento aos mais fortes da familia. — Porque, — lamentavel caso! — a aranha é o mais sanguinario cannibal da Natureza.

O sustento da mãe aranha

Esta triste observação suscita um problema grave: como se sustenta a aranha mãe?

De maneira facil, e, como sempre, o processo mais simples é o melhor.

Deploravelmente, não come cousa que não seja viva, excepto em circunstancias de extraordinaria raridade.

Uma vêz por dia, — o que é bem sufficiente — pega-se no pote e procura-se uma môsca em posição conveniente. Approximando com cuidado, emborca-se o pote sobre ella, Se a operação fôr realizada com vagar bastante para evitar qualquer movimento do ar, a victima não só raramente escapará, mas até voará para dentro do frasco. Um pedaço de cartão collocado sobre o bocal por alguns minutos facilitará o resto á aranha.

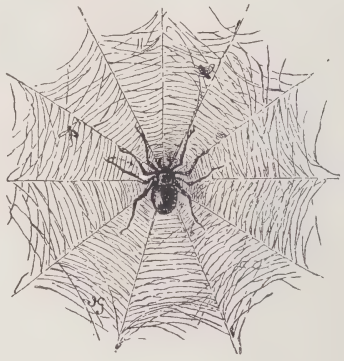
Chegou o momento de uma observação attenta, porque muito surprehendentes e interessantes factos se vão passar.

A primeira cousa que surprehenderá é que — ao invés do que pratica a aranha de campo — a nossa não enredará a mosca, mas agarrando-a na bôcca, a tratará como um gato a um rato, conservando-a nessa posição até acabar o repasto.

O arranjo da casa

Será então notado que, se se trata de uma senhôra arranjada, levará os restos para um cantinho da teia, d'onde os virá buscar mais tarde para cobrir os casulos.

Se porém fôr desmazellada, deixará a cabeça, as pernas e as asas espalhadas na teia até sêrem precisas. Outros factos ainda hão de attrair a attenção. Por exemplo, a aranha representada na figura não foi das mais espertas, porque, construindo a teia, se esqueceu de deixar saida para o bocal afim de podêr ir buscar o alimento, sendo porisso necessario cortar fios com uma tesoura para ella sair da prisão em que a si propria se encerrára.



FORMANDO A TEIA

Individualidade das aranhas. A questão da vida

Uma das mais curiosas partes d'estes pequenos estudos é o conhecimento das grandes differenças que se encontram entre individuos da mesma especie, e muitas são as surprezas que esperam quem tem a paciencia de as procurar.

Uma d'ellas é que a môsca, em vez de como geralmente se julga mostrar medo da aranha, procede como se fosse exactamente pelo contrário na realidade; e é assim que se a aranha dorme ou não tem fome, a mosca muitas vezes andará passeando socegadamente em volta da teia, em redor do frasco, ou até mesmo passará entre as patas da aranha ou pelo seu corpo. D'ali a interrogação natural: pode a môsca vêr a aranha? Parece que a observação cuidadosa nos leva á conclusão de que a não vê.

Se apparentemente a mosca não pode vêr a sua inimiga, breve nos parecerá evidente que a aranha é egualmente incapaz de localizar a posição da sua victima pela vista, porque a menos de uma pollegada de distancia não tentará apanha-la se a môsca se conservar immóvel. Porém o menor movimento d'esta fará vibrar os fios da teia, dando assim á aranha um perfeito conhecimento da sua posição, com os seus fataes resultados.

Esta limitação da vista dá-se em todas as especies que constroem teias, as quaes tudo leva a crêr que provavelmente em caso algum vêem para fóra do alcance das suas patas. Este facto, explicado ás crianças, tirar-lhes-ia o medo ás aranhas, que evidentemente não podem têr intuitos aggressivos contra quem não vêem.

A incapacidade de verem para além de uma curtissima distancia é mais uma razão para que as guardemos. Todos os animaes alteram os seus habitos quando captivos, e especialmente quando observados. O facto de as circunstancias do captiveiro da aranha se assemelharem tanto aos da sua vida em liberdade, e o de ella não suspeitar que está sendo vigiada, levam-na a procedêr inteiramente como sob as condições naturaes, dando-nos assim uma perfeita revelação da sua vida ordinaria e quotidiana.

E' provavelmente para muitos uma surprêsa o sabêr que ás aranhas guardadas se deve dar, não só de comêr, mas tambem de bebêr. Podem jejuar por grandes periodos sem mal apparente; mas não podem sobrevivêr a longas privações de humidade. E' muito facil comtudo satisfazê-las neste ponto, porque, se de dois em dois dias borrifarmos a teia, a aranha rapidamente subirá por um fio, e farejando a gôtta bemvinda, depressa a irá bebêr, com uma graciosa attitude ajoelhada.

E no inverno? Conclusão

Como esta espécie vive dois ou três annos, surge naturalmente o problema de como a sustentar no inverno, época em que se não encontra o seu natural alimento. Não se apoquentem porisso: se lhe fornecerem agua viverá — como quando livre, — durante mêzes sem tomar alimento.

Muitos outros casos curiosissimos poderiamos apontar; desistimos porém, afim de deixar ao leitôr a possibilidade do imprevisto, caso se resolva a fazêr a experiencia.

Duas palavras

Talvez fosse desnecessario escreve-lo, mas a um só que seja preciso esclarecer vale a pena umas breves linhas.

N'esta rapida passagem pelos acontecimentos do mez notar-se-ha que ha assumptos em que eu não toco, e o motivo torna-se facil comprehender desde que esta publicação é, e deve ser, alheia a tudo quanto mais ou menos se imbue na politica.

Apontar um facto, analysa-lo á fria razão, escalpellisa lo, afim d'ahi deduzir os respectivos corollarios desapaixonados, eis a que se limita o meu papel, que cousa alguma conseguirá afastar-me, e, sobre tudo, desde que se entrou na edade em que apenas se obedece á reflexão que é despida de enthusiasmos.

Sempre as «grèves»

Na minha chronica de janeiro referi-me a este assumpto e á maneira como o sr. ministro do Fomento legislou, prohibindo que um certo numero d'industrias, que affectam a vida social, podessem declarar-se em *grève* sem prevenir com uns dias d'antecedencia as auctoridades.

Mas como não se modifica o regimen d'um paiz sem um certo abalo, mais ou menos pronunciado, d'ahi o surgirem de repente tres *grèves:*

A dos caixeiros, a dos ferro-viarios e a dos gazomistas.

Pretendem os primeiros que os estabelecimentos abram ás 8 da manhã e cerrem as suas portas ás 8 da noite.

Não me pronunciarei sobre a exigencia, embora deseje consignar que essa medida tomada em absoluto é sempre um erro, porque se ha lojas que n'essas doze horas teem margem sufficiente para desenvolver o seu negocio, a outras não acontecerá o mesmo sendo assim, em obediencia á lei, enormemente affectadas nos seus interesses.

O caso foi que devido a não ter apparecido a lei sobre o descanso semanal regulamentando as horas de trabalho, no dia 10 como estava promettida, os estabelecimentos fecharam quasi na sua totalidade, e os caixeiros protestaram indo reunir-se no Atheneu pronunciando vehementes discursos.

No meio da sessão appareceu o sr. ministro do Interior, dr. Antonio José d'Almeida, que declarou pedira a sua demissão, visto que difficuldades momentaneas tinham obstado a que elle se desobrigasse da palavra dada.

Então a assembléa, como impellida por uma mola, declarou que mais facil sería ceder nas suas exigencias do que consentir que elle desse semelhante passo.

E a manifestação foi de tal ordem, a que se juntaram outras classes, que s. ex.ª decidiu não se demittir.

A dos ferro-viarios resolveu-se mais laboriosamente.

Quatro dias o paiz teve interrompida a sua circulação na linha ferrea, e embora a companhia fizesse algumas concessões, os *grèvistas* exigiam tudo quanto tinham pedido.

Esta irreductibilidade mostrava-se cada vez mais segura, e tanto mais que os edificios da companhia estavam occupados por

elles, assim como nas suas mãos tinham as linhas telegraphicas e telephonicas que communicam com as estações, quando, a outro esforço empregado pela administração, os *grèvistas* cederam e no domingo 15 concluiu a paralysação dos serviços.

Como se deprehende estava produzindo grandes transtornos commerciaes, mas ha ainda uma causa a juntar, embora pareça pueril: é o tom de tristeza que o campo toma quando a dias succedendo-se dias, as aldeias, as villas, os logarejos não são atravessadas por aquelles monstros de ferro chamados locomotivas, levando na cauda, n'uma correria louca, *fourgons,* carruagens, homens, millionarios ou mendigos, miseraveis e almas puras, gente que planeia, que intriga, que ama, que é enganada, e tudo aquillo que mal apparece aos olhos segue como n'uma fuga sobre uns *rails* muito luzidios para desapparecer além.

E aos que vivem n'esses desertos, afastados dos centros, para lhes quebrar aquella monotonia que se traduz no silvo da locomotiva que para elles tem melodias que nós desconhecemos, que acompanham com a vista o fumo que a pouco e pouco se esvae, — e assim passa o tempo — mesmo essa distracção lhes era furtada! Como havia direito a lastima-los!

E' ver, quando em comboio, aquelles rostos intraduziveis, acompanhando com a vista a marcha da locomotiva, velhas ainda persignando-se, e o rapazio, espicaçado, pegando em pedras e arremessando-as sobre a *machina infernal.*

E... apesar de tudo é um companheiro alegre, mas que elles jamais comprehenderão, quantas vezes enchendo-o de maldições, como acontece na vida em que duas almas gemeas nunca são capazes de se encontrarem.

Grave tambem foi a dos gazomistas, e se a cidade esteve illuminada, embora de principio deficientemente, deve-se á dedicação dos bombeiros municipaes que mais uma vez deram mostras do seu enorme civismo.

No Lactario de Lisboa

Commemorando o decimo anniversario da sua fundação, a utilissima instituição Protectora da Primeira Infancia realisou a sua festa, deixando uma excellente impressão em todos que alli estiveram.

Sans tambour ni trompette, vivendo apenas do altruismo, tem proseguido na sua santa missão, sempre espalhando o bem com uma persistencia, uma bondade, que só algum coração empedernido deixará de reconhecer.

Nos discursos que se pronunciaram, o sr. governador civil, Eusebio Leão, prometteu acabar dentro em pouco com a vadiagem infantil em Lisboa, o que será uma medida de grande alcance.

De seguida procedeu-se á distribuição de dez premios ás mães que mostraram durante o anno que melhor tratavam os filhos, vendo-se que pelo aleitamento mixto uma das creanças pesava onze kilos, e outra, pelo artificial, cerca de dez.

A ARVORE DO NATAL E OS PREMIOS

Ouvindo o relatorio vê-se bem quanta somma de dedicação, quanta bondade, quanta tristeza tem a direcção, devido á carencia de recursos, por não attender todos os pedidos para se ser contemplado na distribuição do leite.

AS CREANÇAS PREMIADAS

Fazem-se alli verdadeiros milagres, como se se pretendesse justificar o dos peixes e dos pães do Evangelho...

E para tornar mais sympathica a instituição, ás creanças foram offerecidos brinquedos na arvore do Natal, e que tanto me recordou a festa que eu promovi durante quatro annos para dar brindes aos pequenitos desprotegidos da sorte, tudo auxiliado pela caridade publica.

O general Moraes d'Almeida

Uma homenagem das mais sympathicas que occorreu no mez findo foi a que varios alumnos do sr. Moraes d'Almeida, com varios collegas no professorado, quizeram prestar a quem ha cincoenta annos exerce o magisterio com uma proficiencia, uma disciplina e uma rectidão que nunca se conseguiu desvirtuar.

D'aspecto severo, quem não o conhecesse poderia ficar intimidado, como me aconteceu as duas vezes em que fui seu alumno, mas pareceu-me bem — embora a psychologia n'essa occasião quasi me fosse desconhecida, — que aquella rudeza era como que a mascara que afivelava para occultar a bondade que n'elle residia.

E mais tarde vi, e outros mais intimos affirmaram-me, que não me enganara na minha supposição intuitiva.

Deliberou-se que na aula de physica da Eschola Polytechnica lhe sería offerecido um banquete.

Calculam-se as sensações soffridas!

Os que ahi estavam, homens feitos, tinham-se sentado n'aquelles bancos, ouvido as lições de Moraes d'Almeida, continuando na vida com maior ou menor resultado, e annos após, viam alli festejar o venerando professor. Ao levantar-se para agradecer os brindes que frouxo de commoção! que silencio se estabeleceu, todos os corações palpitaram em unisono!

E quando elle, esquivando-se, allegava que se tinha dito alli muito exaggero a seu respeito ao exalçarem-n'o, e accrescentou: «Ha algo, porém, de verdade, é que tenho bom coração, esse deu-m'o Deus», uma ruidosa salva de palmas coroaram essas palavras, pronunciadas com tanta sinceridade, que um actor invejaria ou um auctor em cata de triumphos tanto desejaria.

Festa quente, enthusiastica e sincera, é uma brilhante pagina que o general Moraes d'Almeida inscreverá na sua gloriosa vida.

Lyceu Passos Manuel

Lisboa conta actualmente mais um magnifico estabelecimento publico, cujas obras

O NOVO LYCEU PASSOS MANUEL
CONSTRUIDO NA CERCA DE JESUS

se iniciaram ha mais de quinze annos, estando mesmo por muito tempo paralysadas.

A ENTREGA DO LYCEU PASSOS MANUEL AO NOVO REITOR, SR. ALBERTO FERREIRA VIDAL

Refiro-me ao Lyceu Passos Manuel, situado onde era a cerca do convento de Jesus.

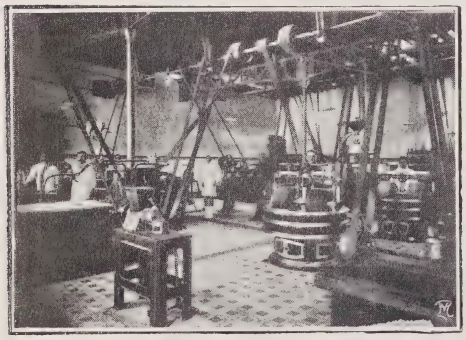
Occupa 3:000 metros quadrados, as aulas são em numero de 30, e o gymnasio, a bibliotheca, obedecem em tudo ás condições da moderna hygiene.

E assim a cidade possue já dois excellentes edificios n'este genero, e ninguem dirá que o dinheiro alli dispendido se deve considerar como mal empregado.

A industria nacional

Na Avenida das Côrtes existe ha annos uma fabrica de chocolate, *bonbons,* etc., dos srs. Iniguez & C.ª, e que, começando modestamente foi, a pouco e pouco, desenvolvendo-se, chegando afinal ao maximo gráo de prosperidade.

Inauguraram-se agora alli umas novas installações onde se vêem os machinismos mais aperfeiçoados, e os proprietarios convidaram o sr. ministro do Fomento, auctoridades e mais pessoas que se interessam pelo progredimento nacional a visitar a fabrica.



A NOVA INSTALLAÇÃO

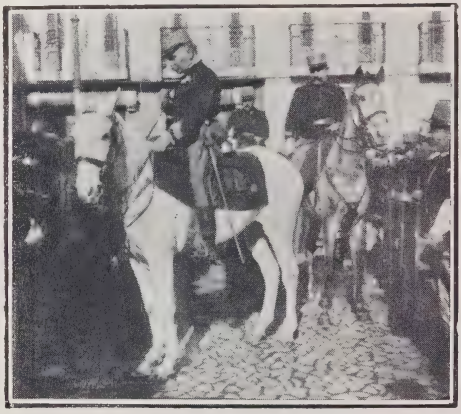
Assim as batedeiras, as machinas para fazer blocos de chocolate, a destinada a extrahir o ar foi tudo examinado com muita attenção, e alguns dos presentes que teem estado no estranjeiro asseguram que lá fóra não ha melhor.

Excellente a impressão recebida.

O pessoal a postos em plena laboração, as operarias com as suas touquinhas e os seus aventaes brancos, tudo aquillo respirava aceio, notando-se um aspecto de conforto bem visivel, transmittindo a todos uma impressão agradabilissima que se traduziu em muitas felicitações aos srs. Iniguez & C.ª, que bem mostram o muito que desejam acompanhar o movimento progressivo.

Tropa para a Madeira

Teve uma affectuosa despedida o batalhão de caçadores 6, que, reforçado com outros contingentes, partiu no dia 7 no *Peninsular* para o Funchal.



O TENENTE-CORONEL CORDEIRO, COMMANDANTE DAS FORÇAS

Sahindo do quartel d'engenharia foi formar na praça do Municipio, onde o povo lhe fez uma enthusiastica manifestação.

Na Alfandega, onde embarcaram, deram-se scenas commoventes.

O despedir das familias, o acenar dos lenços a bordo n'um constante augmento, as lagrimas derramadas, o receio de não se voltar, as noites intranquillas e os dias não descansados, desassocego e intranquillidade que levam a ataques fundissimos de neurasthenia, o ar sombrio, a tristeza que pesa em volta, são tudo factores para darem uma nota impressionista.

E comtudo aquella gente, escrava do dever, em serviço da nação, lá foi, e se, por vezes deixou transparecer a saudade que a dominava, nem um só sentiu enfraquecer o animo ante a ordem recebida.

E eis o seu maior elogio.

Sousa Viterbo

No dia em que completava 63 annos, fallecia este notavel jornalista, erudito, archeologo, poeta de raça, após uma vida toda trabalho,— um nobre exemplo que elle lega.

Formando-se em medicina, todo o seu desvelo foi para a litteratura, e assim o seu *Anjo do pudor* é impeccavel, e como director do *Jornal da Manhã*, do Porto, os numeros litterarios que appareciam á segunda-feira são os mais perfeitos do nosso jornalismo, porque tudo lhe passava pela vista e era escolhido por elle com o mais minucioso escrupulo.

Substituiu Eduardo Coelho como redactor politico no *Diario de Noticias*, e os seus artigos conheciam-se logo pela observação, pelas conclusões logicas, pelo seu estylo tão portuguez e tão comprehensivel, pela maneira como manejava as questões do dia, sem um doesto, sem ferir adversarios, discutindo com a serenidade que era peculiar ao seu caracter.

A pouco e pouco, porém, ia-o invadindo uma enorme tristeza: na sua frente, primeiro uns diminutos circulos, dansavam vertiginosamente, cahiam, e como se fossem de *caoutchouc* erguiam-se de novo, depois, com o tempo, tornaram-se maiores, tinham como que uns filamentos, e o pobre medico conheceu que era a cegueira que alli vinha, obstando-lhe aos seus trabalhos d'investigação benedictina.

Mas a seu lado surgiu uma d'essas creaturas divinaes que tomou a seu cargo secretaria-lo, com uma dedicação, uma coragem, uma resignação, sem desfallecer um instante, toda amor, e quem havia de ser senão a filha estremecida, a sr.ª D. Sophia de Sousa Viterbo?

Como esses olhos tantas vezes se deviam ter arrazado de lagrimas, como aquelle coração soffreria no transe doloroso porque seu pae estava passando, como o seu coração se enterneceria ante tamanha desventura!

O PRIMEIRO TURNO

Assim, acompanhando-o toda a vida, quiz tambem, obedecendo apenas a um sentimento tão piedoso quanto lindo, segui-lo na ultima viagem, e na longa fila de carruagens, no encalço do feretro, lá ia ella como pela estrada do Calvario, chorando, e res-

pondendo, quem sabe? áquelles que para a consolarem lhe diziam que não se affligisse tanto, visto que não havia remedio:

— Pois é por isso mesmo que eu chóro!

A parada cyclista

Tambem a União Velocipedica Portugueza quiz ir cumprimentar o governo e a Camara Municipal, e com esse intuito organisou uma parada cyclista, concorrendo para ella magnificos elementos e os mais devotados organisadores do *sport* em Portugal.

Vindos da Rotunda foram enfileirar-se no Terreiro do Paço onde cumpriram a sua missão, e nos discursos que se trocaram demonstrou-se que com exercicios d'esta ordem é que se prepara uma raça forte e productiva, devendo-se começar pela educação physica.

UM CYCLISTA REBOCANDO UMA CREANÇA N'UM CARRINHO

PORTUGAL DA SILVA.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

Almeida Garrett

O sr. Hygino Mendonça, se a memoria me é feliz, é auctor d'um drama denominado *Amor de Mãe*, que se representou ha annos no antigo D. Amelia.

Para o hoje theatro Nacional Almeida Garrett enviou o mesmo senhor uma peça em 3 actos intitulada *Pena Ultima*, onde se debate um problema curioso, com o seu tanto de novidade, embora a solução seja o recurso de que hoje em dia se serve a mór parte dos dramaturgos, — a suppressão da personagem.

HYGINO MENDONÇA

Quando incommóda, mata-se; quando não se sabe bem por onde concluir, um tiro, uma punhalada, o veneno, cahe o panno, e eis tudo concluido.

E assim como os assumptos, mais ou menos confeccionados, com molho mais ou menos appetitoso, são afinal meia duzia, tambem, digam o que quizerem, tudo se traduz n'esse desenlace violento, inevitavel e fatal.

Sería talvez melhor deixar a resolução do problema ao espectador, segundo o seu temperamento, a sua propensão, o seu criterio, onde se podem estabelecer accentuadas divergencias.

Como o sr. Hygino Mendonça é um escriptor muito illustrado, conhecendo bem theatro, como demonstrou quando critico na *Tarde*, evidentemente maneja com habilidade o caso, e, escrevendo em magnifico portuguez deve ter tido uma consolação: ver que os interpretes não lhe estropiaram a linguagem.

No desempenho citarei Palmyra Torres, uma artista de muito futuro, e a que mais estuda entre nós o feitio dos papeis que lhe confiam, porque é intelligentissima, e dá vida e relevo ao que por vezes é bastante deforme.

Tambem não devem ser esquecidos Ignacio, que apresentou os tons necessarios á figura do juiz, assim como Joaquim Costa, Mello e Mendonça de Carvalho.

O defeito da *Pena Ultima* está apenas em ser... um original portuguez, por mais doloroso que se me torne escreve-lo, desejo consigna-lo aqui.

Republica

Continuando a minha chronica anterior no respeitante á companhia franceza que funccionou n'este theatro, principiarei pela *Vierge Folle*, d'Henry Bataille, o auctor de

tres obras primas, *Poliche*, que nunca poderá ser representada em portuguez, porque não temos artista para a interpetrar, *Maman Colibri* e *Femme nue*.

La Vierge é uma obra pathetica, mascula, e seguindo uma norma estabelecida agora um tanto em theatro: raparigas apaixonando-se por homens de mais de quarenta annos.

E' um lindo artigo de psychologia a escrever, e que ha-de tentar muitos, tenho a certeza.

Como drama d'amor é palpitante, demonstrando que esse sentimento vence tudo, transpõe obstaculos, resiste ao maior embaraço para se traduzir no beijo da paixão... convertido em breve espaço no crispamento da dôr.

Bataille prega alli o amor livre, mas como poeta, e dotado d'uma extrema sensibilidade, exalta-se com o seu caracter impulsivo e eis o motivo porque a ousadia reina sempre em todo o seu theatro.

Eu gostei, o publico ouviu a peça friamente.

Seguiu-se o *Aiglon*, de Rostand, que tendo por intuito exalçar as glorias francezas, sendo na primitiva o protogonista, o *Duque de Reichstad*, confiado a Sara Bernhardt, encerra pouco interesse para nós.

E eis-me defrontando com a *Rampe*, de Rotschild, scenas de theatro, cheias d'originalidade, e sobre tudo o segundo e o terceiro actos são magnificos, com um desenlace d'auctor de raça.

E aquelles que, como eu, frequentam palcos, tendo forçosamente d'ouvir confidencias, queixumes, desalentos, sentiram uma enorme impressão escutando esta peça, que é como que um brado d'alerta:

— Não gritem para ahi dizendo que teem genio, não sonhem com os applausos, não creiam que o caminho do proscenio é como o soalho de nossas casas, alli é tudo cheio de alçapões, de ciladas, d'artificios...

Fujam, rapazes e raparigas, ainda cheios d'illusões n'esse sentido, da rampa que os attrahe como a borboleta para a luz, é o conselho que lhes dá figuradamente Henri de Rothschild.

Passarei por *Mademoiselle Josette, ma femme*, que o nosso publico conhece, e de que são auctores Gavault e Charvay, os do *Filho Milagroso*, — uma das obras primas da comedia moderna e que ha dois annos se representou com grande successo no Gymnasio. O desempenho por parte de Cormon e Calmette foi interessantissimo.

Pertence á collaboração de Maurice Donnay e Lucien Descaves, *Les oiseaux de passage*, peça com tendencias anarchistas, e onde as ultimas duas scenas, d'uma enorme sobriedade, são d'uma grandeza extraordinaria e com um dialogo soberbo.

O Rubicon, d'Edouard Bourdet, é peça cheia d'audacia, não perigosa para o publico, mas o caso é sabe-la manejar. E' claro que, em uma prevenção, trasladada para a nossa lingua, provavelmente o publico protestaria. Assim...

E por ultimo representou-se a *Dama das Camelias, demodée*, como por ahi diz a critica actual, esquecendo que ella, embora com 60 annos, ainda consegue encher um theatro, o que não acontecerá a 95 % do reportorio actual.

VISCONDE S. LUIZ BRAGA

Notavel o trabalho — e depois de ter sido visto de tantas maneiras é para se registar — de Blanche Dufrêne, que é uma grande artista.

Depara-se-me outra vez a companhia portugueza com o *Encontro*, de Pierre Berton, um dos auctores da *Zázá*.

E' excellentemente feita, tendo principio, meio e fim, onde a acção é conduzida com muito tacto, embora não sejam as personagens d'um enorme interesse. Não nos fazem odiar a humanidade, mas tambem não nos obrigam a ama-la, porque, se não encontrei um ideal, notei abundancia de lyrismo, que afinal, como o romantismo, não ha direito a desprezar em theatro.

Angela Pinto, que é uma figura prima-

cial, em *Camilla de Lançay*, deu mostras mais uma vez da sua enorme applicação, quando quer, e Chaby, um artista primoroso, tem uma creação no *Canuche*.

Para reapparição de Ferreira da Silva, um artista que é illustrado e que vê theatro, foi escolhida a peça de Louis Bernière, *Papillon*, cujo interesse sobe d'acto para acto, cheia de *verve* satyrica e d'um excellente humor.

Comprehendeu excellentemente o seu papel sendo muito applaudido. Sarmento, n'uma rabula, póde ser citado de seguida sem favor. E enumerarei ainda Brazão, Adelina Abranches e Gil.

Inserindo o retrato do visconde S. Luiz Braga, é uma homenagem que presto a quem tantos serviços tem prestado ao theatro, trazendo a Portugal, tanto em reportorio como em artistas, tudo quanto lá fóra ha de notavel.

Trindade

Amores de Principe é a operetta actualmente em scena n'este theatro, e a que já me referi quando representada na Avenida.

Estreiou-se alli Palmyra Bastos, a conceituadissima artista, que tanto na comedia como no canto é sempre uma grande actriz. O seu enorme talento, evidenciando-se cada vez mais, fez com que o publico a acolhesse n'um enthusiasmo louco, porque ella tem sido o seu idolo, e d'esses que nunca se quebram.

Muito intelligente, estudiosa, fina, venceu e collocou-se em primeira plana, e de tal maneira, que, sem discrepancia, acharam que era alli o seu logar.

Na *Nathalia* o seu trabalho é colossal.

E' uma princeza que vemos, não se esquecendo nunca do seu titulo, nem mesmo quando occulta sob os trajes d'uma creada ou d'uma *cocotte*, e o relevo que deu ao 2.º acto, todo aquelle phrenesi de commoção, traduziu-o com o seu prodigioso talento chegando — e foram muitos — os olhos dos espectadores a arrazarem-se d'agua, tal o sentimento que soube traduzir.

Magnifico trabalho! e que grande artista conta o nosso theatro!

Deixarei aqui os nomes de Gomes, correcto em *Puffet*, Leitão que me agradou, Correia que dá um tom alegre ao papel, e Medina de Sousa.

Digna de registo a enscenação d'Affonso Taveira.

Gymnasio

Em festa artistica d'Augusto Machado subiu á scena a comedia em 3 actos de Paul Gavault e Georges Berr, *Ir a Roma...*, que os auctores denominaram *Moins-Cinq*, e a que Arthur d'Azevedo, no Brasil, deu o titulo de *Quasi...*

JOÃO BASTOS

Não me compete falar da peça por motivos que aos leitores não escaparão, mas dir-lhes-hei apenas que tem sido representada em França durante quatro epochas sempre com exito.

BENTO FARIA

O desempenho é muito harmonico sobresahindo Cardoso, Alegrim, Telmo Larcher, Cesar de Lima, Albertina, Ambrosina, Laura Hirsch, etc.

Tambem n'este theatro está em scena um episodio *O Valente Balbino*, dos srs. João Bastos e Bento Faria, que deram vinte minutos de graça a um pequeno acto cheio de situações accentuadamente comicas.

Avenida

Das ultimas operettas allemãs que teem sido representadas entre nós não é o *Conde de Luxemburgo* a melhor, e mesmo a musica,

embora com trechos inspiradissimos, resente-se, porque depois do successo da *Viuva Alegre* espera-se sempre muito mais do seu auctor Franz Lehar.

Mas como o scenario e o guarda-roupa é brilhante, escuta-se o *Conde de Luxemburgo* com agrado e mesmo com applauso.

Seguiram-se outras operettas allemãs: a *Bella cançonetista* e a *Divorciada*, que o publico tambem não matisou com grande enthusiasmo.

Pois a musica é bonita, mas os espectadores hoje estão exigindo tambem que os poemas não sejam tão eivados de monotonia.

Apollo

Quiz a empreza d'este theatro prestar preito a Filippe Duarte, o maestro tão cheio de modestia quanto abundante de valor, e que dirige com tanta proficiencia a orchestra d'aquelle theatro.

FILIPPE DUARTE

O illustre compositor que ainda ultimamente no *Fado* mostrou a sua altissima inspiração, teve uma noite toda enthusiasmo, e o publico bem lhe demonstrou o affecto que lhe consagra.

Na festa da tarde, Antonio Pinheiro que é um actor muito intelligente e estudioso, fez uma conferencia sobre operettas, n'um estylo elegante, trabalho que deve ser publicado, porque é interessantissimo.

E Pinheiro teve uma boa coragem discorrendo sobre varias peças populares, não esquecendo o *Brasileiro Pancracio*, que tantos malsinaram e que fui eu só a defender na imprensa, embora não me assustasse a solidão.

Quanto á operetta *El-Rei Banaboia 35*, representada dias depois, o desastre foi de tal ordem, que não concluiu o espectaculo.

Rua dos Condes

Nunca me seduziram as peças politicas, embora firmadas por Sardou, convicção cada vez mais assente, e a do sr. Mario Monteiro, intitulada *5 de outubro*, não conseguiu persuadir-me que andava errado pensando assim.

Mal aproveitando os acontecimentos da epocha apparece-nos alli tudo n'uma *pêle-mêle*, sem ligação, e unicamente com o fim de disputar applausos que não teem echo.

O que ha a lamentar é o tempo que se perdeu.

Chiado Terrasse

E', no genero, um dos melhores estabelecimentos onde as fitas se succedem n'uma enorme variedade, e que tem sempre uma grande concorrencia.

Desde os grandes *films* d'arte, as comicas, peças theatraes, tudo alli se vê nitidamente, apresentando as novidades mais recentes.

PORTUGAL DA SILVA.

DEBILITADOS *por* **EXCESSOS** de forças physicas e musculares, pessoas excessivamente **NERVOSAS**, *curam-se completamente com a* **Somatose** *em pó ou liquida (dôce ou secca)* Vende-se nas pharmacias e drogarias

Noticia bibliographica

Como se sabe, Sousa Martins escreveu sobre Antero um estudo célebre onde pretendeu provar que o pessimismo, as preoccupações moraes e metafisicas, a arte do poeta, provieram inteiramente da degenerescencia hereditaria, da exhaustão dos nervos. No seu livro recente — **A Arte e a Medicina: Antero de Quental e Sousa Martins,** mostra-nos Jaime Cortesão a fragilidade de toda essa construcção simplista, architectada com presumidos factos não averiguados, com noções obscuras e fugidias, com generalizações estupefactivas de rapidez e audácia, tudo tratado com uma ligeirêza, uma falta de logica e de precisão difficeis de excedêr. O assumpto é do maior alcance: além de tratar de individualidades tão eminentes, duas circumstancias mais o notabilizam: a de Sousa Martins têr alargado a sua idéa a pontos de a tornar uma teoria geral pathologica do genio, e a de lhe pertencêr a prioridade sobre Nordau na exposição da doutrina. Jaime Cortesão tomou agora o problema tanto na generalidade como no caso especial de Antero, e combatendo o autôr da *Nosografia* com os factos averiguados, com a erudição e com a lógica, como profissional sabedôr que é, esboça a psicologia de Antero pela *visão interiôr* da sua obra, (verdadeira critica final para que todas as outras devem convergir) com a intuição do psicologo, do artista e do poeta. Todas essas qualidades são necessarias para falar do *genio que era um santo*, e todos ellas brilhantemente mostra Cortesão no seu livro.

JAIME CORTESÃO

Desta obra á **Doida de Amôr,** de Antero de Figueiredo, saltamos da critica e da poesia para um drama intimo de paixão. Eis uma trintena de cartas de uma mulher apaixonada: uma mulher que é uma romântica, e uma romântica que sendo uma *literata* não só escreve com o sentimento pungente de uma mulher apaixonada, mas tambem com a arte de um escritôr de officio. A heroina delira e disserta, dialoga, descreve, e o seu caso é ao mesmo tempo geral e particularissimo, commovedôr e curiôso, interessante e trágico. Educada em França, após o suicidio da mãe, engolfou-se, como Madame Bovary, na estonteadôra fornalha da literatura passional. Ha um progresso, porém, de Madame Bovary a Gabriella: e é o que resulta da differença dos tempos, da distancia que vae de Walter Scott a d'An-

nunzio, de Lamartine a Baudelaire. Mais requintada, esta atmosfera produz agora uma educação não só sentimental, mas *artistica*. Um dia apparece um lindo tipo de homem, prompto, fogoso e atrevido na sua maneira de se apresentar ás bellas, alto e moreno, de grandes bigodes pretos e de rasgados olhos negros. Eis, sem duvida, o marido ideal. Depois... a desillusão, o abandono, e o apparecimento por fim da verdadeira alma *artistica*, requintada, subtil, superiôr, vogando melancolicamente nas melancolias de Chopin... E as consequencias d'essa maneira de sêr, são esse drama attrahente e fundo, essas cartas empolgantes que formam o bello livro de Antero de Figueiredo.

Ha uma certa analogia entre os quadros escritos de Alfredo Mesquita e os quadros pintados de Malhôa. Ambos fortes, ambos seguros, ambos saudaveis, ambos observam encantadamente as scenas pitorescas da nossa terra. Da leitura dos **Alfacinhas** sai uma pessôa maravilhada, de coração largo, sentindo leve a existencia, crente no bom humôr e generosidade com que foi feito o *Cosmos*, na instantaneidade fugidia, na insignificancia final dos periodos maus, difficeis ou trabalhosos da vida. Quem não tem olhos capazes de verem directamente as coisas sente-se embasbacado, satisfeito de si e de tudo, quando as logra vêr reflectidas nos olhos de um companheiro excepcionalmente bem dotado. Alfredo Mesquita tem todas as qualidades para attraír, retêr, encantar, dispôr bem a gente; todo o grande espectaculo real se esvaece diante da seducção d'essa comedia concentrada, viva, colorida; vemos pela primeira vêz, tão nitido, documentado e novo, aquillo que toda a vida nos passou diante. Ha aqui uma visão extraordinariamente clara, segura, minuciosa, firme e san; e um bom humôr, uma galhardia, um *entrain*, uma agilidade de maneiras que se communica ao nosso espirito. As qualidades da sua observação são as qualidades do seu estilo, de um ritmo perfeito, da cadencia mais apropriada, do declive mais suave para quem passeia naquellas páginas. Vistes a vida lisboeta? Não vistes ainda; ides vê-la agora, alegremente, ciceroneado por quem a viu em todas as minucias e com a maior acuïdade. O escritôr olha para o passado; e, como era natural, como era lógico, vê com saudade tudo que havia de pitoresco, local, caracteristico, apagar-se sob a tintura uniformizadôra do *progresso*. Ai das interessantes cousas do passado! Paciencia; ao menos revivem pela arte: ahi tendes o omnibus antigo e as suas aventuras, a feira e o seu teatro, o baile campestre, a repartição, a criada, o andadôr das almas, a capelista, o saloio e a filarmonica. Do proprio livro de Alfredo Mesquita se pode dizêr que, além de muitas outras, tem todas as qualidades da melhor das filarmonicas, da mais perfeita, da mais artistica, da que mais arrasta o apreciadôr a segui-la pelo caminho. — e que «é *incrivel* (como elle diz das nossas) pelo que ha ahi de obediencia ao alamiré, de sentimento do compasso, de afinação e variado repertorio».

ALFREDO DE MESQUITA

E a proposito de filarmonicas, conhecem os leitôres aquella historia do filarmonico completamente surdo que tocava de ouvido? Da **Critica Literária em Portugal**, de Fidelino de Figueiredo sae como conclusão que um elemento entre nós tem a historia literária sistematicamente esquecido: esse elemento é a propria literatura, são as obras literárias. Perfeitamente surda a toda a obra literária, a historia critica nem por isso deixaria de tocar perfeitamente bem, e de ouvido, o seu complicado instrumento.

Toda a religião tem porém os seus herejes; e Fidelino de Figueiredo é um hereje do sistema, como brilhantemente o provou no artigo sobre Garrett que os *Serões* de janeiro publicaram. Este segundo volume da sua *Biblioteca de estudos historicos nacionaes* é um trabalho digno da maior attenção, — e do maior applauso, — e do maior estimulo.

O ponto de partida da organização da *Biblioteca* pareceu-nos perfeitamente justo: orientação e sistematização da vida na-

cional pelo prescrutar da nação sobre si mesma, pelo conhecimento do proprio caracter, do proprio organismo, dos elementos vitaes que em nós temos e d'aquelles que o estudo provar que nos faltam. O conhecimento historico fornecerá essa ossatura sobre que devem assentar os liames moraes, a centralização das energias, o plano de trabalho, a unificação dos esforços, o ideal commum.

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Se a idéa primeira nos parece muito justa, a realização do plano annuncia-se desde já um pouco dispersiva. Compreende-se a inclusão do presente estudo sobre a critica literária portuguêsa, e ainda mais o exame da literatura em geral, dada a influencia social das obras literárias; mas o proximo volume annunciado, — *A critica literária como sciencia* — que poderá sêr valiosissimo em si mesmo, surje como um accidente desenvolvido de mais na *Biblioteca,* visto que parecendo uma introducção metodologica ao estudo da literatura, o autôr o fará seguir de um trabalho nitidamente sociologico e historico: *A época da Renascença em Portugal,* que tratará, não da literatura, mas da *sociedade* portuguêsa da época. A literatura pois, no plano do autôr, está sem sabêr o papel que lhe compete: se o de instrumento e objecto fundamental de investigação (como em Taine, *Literatura inglêsa)* se o de simples elemento accidental e subsidiario. Não se distingue, realmente, sequencia logica nas varias partes.

Dizemos isto para prevenir o sr. Figueiredo e esclarecêr os seus intuitos. Leremos os seus livros cada um como um todo em si; e com o maior apreço, ainda que elles fujam completamente ao plano da *Biblioteca,* desde o momento que sejam tão bons como a *Critica literária em Portugal.*

Nesta obra mostra o autôr que é capaz de vêr com nitidêz, método, ligação e perfeita intelligencia, — coisas já de si bem raras: sob todos esses pontos de vista o prefacio e o ultimo capitulo são particularmente admiraveis. Mas por todo o livro o escritôr arrancou fôgo das suas pedras, mostrando uma attenção sempre viva e sempre aguda.

Com muita pena não escrevemos, (dada a indole da nossa revista) um longo artigo sobre o seu trabalho: — porque superiormente o merece. Sirvam estas poucas linhas para lhe significar o interesse, a attenção, e a admiração com que o lemos, — e para lhe agradecêr o ter-nos proporcionado, no decurso de um mês, duas leituras do valôr do artigo sobre Garrett e do livro sobre a *Critica literária em Portugal.*

No campo puramente scientifico dá-nos o sr. Ramos da Costa umas claras e metodicas **Noções geraes de Oceanografia,** trabalho de indole vulgarizadôra e pratica, escrito com o grande sabêr, a solidez, a competencia que todos os profissionaes se habituaram a admirar na sua serie de publicações, já bem longa, sobre as sciencias relativas á navegação, hidrografia, astronomia, oceanografia.

RAMOS DA COSTA

Das revistas e publicações periodicas destacaremos a **Limia** e a **Aguia,** pelo requinte artistico e pela superiôr collaboração.

Curiosidades do tempo

As relações anglo-germanicas

Qual é a causa da desconfiança constante entre a Inglaterra e a Allemanha?

Ou, por outra, quem são os principaes responsaveis d'esse estado dos espiritos?

D'ambos os lados teem deligenciado os homens mais eminentes apagar de vez essa latente animosidade; o imperador em mais de uma occasião procurou accentuar a expressão do seu apreço pelos inglêses e pelas instituições inglêsas. A imprensa de mais nome e consideração nos dois paizes esforçou-se nos ultimos annos por destruir quaesquer malentendidos. Os resultados não correspondem porêm á insistencia e ao valor d'estas tentativas. Attribue-se a culpa principalmente aos politicos, que se servem como arma de discussão da supremacia naval da Allemanha e dos seus métodos de expansão commercial.

Um inventôr ao chanceler:
— *Um cadeado melhór que o de Bulow para O impedir de falar.*
(Fischiatho.)

A policia prussiana:
— *Ha algum ainda que peça protecção?!*
(Wahre Jacob.)

Do lado da Allemanha nota-se muito mais geral cuidado e boa diplomacia no sentido de se manterem as mais amigaveis relações. O chanceller Herr von Bethmann Hollveg disse no Reichstag que «quanto ás negociações com a

Inglaterra e as negociações sobre a limitação dos armamentos navaes, tinha a accentuar o facto de que o governo britanico repetidamente exprimira a idéa de que o fixar por accordo a força naval tenderia apreciavelmente a tranquilizar as relações internacionaes. Já a Inglaterra emitira essa opinião na conferencia da Haya, e desde essa época várias vezes tornou a levantar a questão, sem comtudo apresentar propostas que nos dessem aso a uma acceitação ou recusa definitiva. Concordamos com a Gran-Bretanha no desejo de evitar rivalidades com respeito aos armamentos; mas nos *pourparlers* (conduzidos num espirito de amizade mútua) que se deram de tempos a tempos, mantivemos sempre a idéa de que é uma aberta e franca discussão, seguida por um ajuste relativo aos interesses económicos e politicos de ambas as partes, o mais seguro meio de apartar desconfianças de qualquer especie com respeito á força comparativa das duas Potencias no mar ou em terra. A continuação de troca de vistas franca e voluntária em todas as questões relativas a este assumpto é em si mesma uma garantia de intenções amistosas de ambas as partes, e conduzirá lentamente mas seguramente á remoção da desconfiança que infelizmente se tem feito sentir,—não, por certo, da parte dos governos, mas na opinião publica dos dois paises».

O instituto feminino de direito pratico

A mulher está naturalmente em condições de inferioridade na lucta social pela vida. Em grande parte essa má situação vem da sua ignorancia dos direitos que a lei actualmente lhe outorga. E' no terreno juridico que essa ignorancia mais a prejudica, e por isso o *Instituto feminino de direito pratico*, de Paris, abriu este inverno uma serie de conferencias sobre o nascimento, a educação, o casamento, as heranças, os bens, etc., afim de instruir as mulheres sobre a extensão dos seus direitos.

A ideografia chinêsa

A annexação da Coréa, a que no numero anterior dos *Serões* nos referimos (p. 70) deu novo alento á reacção dos letrados japoneses contra a ideografia chinêsa. O conde Okuma é um dos chefes d'este movimento. Preconiza o emprego dos caracteres romanos e com muitos outros reclama o abandono da escrita simbolica. Os hieroglifos já não são da nossa epoca, dizem elle . Pode-se ser discipulo de Confucio, apreciar a literatura chinesa, sem se ficar para sempre condemnado á adopção servil da ideografia. Ha quem tema que esta mudança de sistema de escrita traga como consequencia uma modificação nas ideas; mas a ideografia não é condição indispensavel para a manutenção do espirito nacional. Romanizando a escrita, o Japão modernizar-se-á e tornará mais facil o estudo das principaes linguas europeias. De resto os proprios europeus que usavam uma escrita especial, como os Allemães, adoptam os caracteres communs aos Inglêses, Francêses, Italianos, etc. Os Russos por sua vez farão provavelmente o mesmo. Os Japonêses, que não hesitam diante de nenhum progressso, não tardarão muito a realizar este. (Do *Chin Bukuyô*.)

O imperador da Coréa gosará das mesmas prerogativas que o Micado. (Allusões á annexação da Coréa).

(Kladderadatsch.)

A transformação da China

Importantissimos acontecimentos se vão desenrolando na China. Em 1913 a China, a inabalavel, a immutavel, a antiquissima China dos mandarins e dos rabichos terá a sua Constituição, presenceará a reunião de duas Camaras parlamentares!

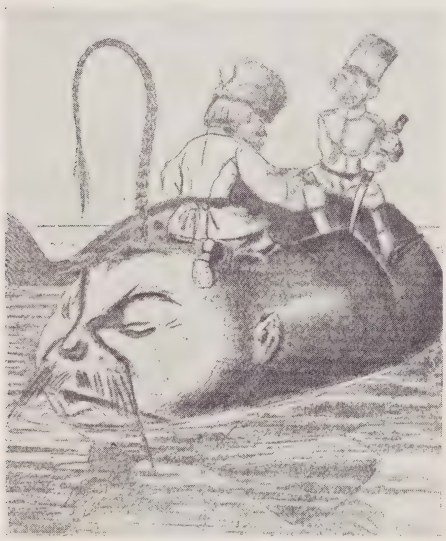
A iniciativa d'essa formidavel transformação partiu das provincias, onde em outubro de 1909 se reuniram as assembleas consultivas locaes. Os seus delegados vieram a Pequim e redigiram uma primeira súpplica ao trono, que foi apresentada, e rejeitada, em principios de 1910.

Rejeitada a supplica, os delegados não desanimaram, não se impacientaram, não barafustaram. «Apresentaremos segunda supplica»—decidiram placidamente.

E apresentaram. E foi tambem rejeitada. E então os delegados retiraram para as suas provincias, deixando em Pequim successores encarregados de apresentarem terceira supplica. E a essa, se tivesse a mesma sorte, seguir-se-ia quarta, e quinta, e sexta . . .

Nisto sobreveio a annexação da Coréa, que

alarmou os estudantes do Pet-chi-li e os chinezes das provincias mandchús, onde se teme a intervenção japoneza. Varios delegados do He-Long-Quiang e da provincia de Gerim chegaram á capital em outubro e entenderam-se com os estudantes. Os espiritos excitaram-se. Houve reuniões emocionantes em que os assistentes se cortaram os dedos em sinal de sacrificio. No dia seguinte a uma d'essas reuniões os delegados da Mandchuria e uma turbamulta com estudantada á frente invadem a Casa dos Representantes. Na maior exaltação, queriam alguns dar a estes o exemplo do sacrificio, mutilando-se a si mesmos, cortando os braços e as pernas. Uma parte da assemblea conseguiu desarmar os exaltados. O sangue man-



A Russia e o Japão preparam-se para esquartejar no Leviatão chinês.

(Kladderadatch.)

(N. da R.: Esses preparativos tiveram porém como consequencia o despertar o Leviatão. V. o nosso artigo.)

chou os papeis esparsos, inclusivamente a terceira supplica ao trono, já redigida.

Os Representantes decidiram-se então a ir ao palacio. O regente estava no palacio da Corte, inaccessivel sem sua ordem formal. Pois bem: elles, representantes, ficariam até que o Regente voltasse. Por fim o principe Su, ministro do interiôr e amigo dos progressistas, chegou propondo ir elle proprio levar a supplica ao palacio interdito e trazer a resposta. No dia seguinte de manhan soube-se que o principe vira o Regente, e que este decidira submetter a questão á Assemblea consultiva ou Senado.

Este reuniu. Foi lida a supplica ensanguentada. E, *sem que se pronunciasse um só discurso,* o presidente propôs á votação por sentados e levantados a seguinte pergunta: O Senado é da opinião que se dê ou se não se dê satisfação á súpplica apresentada? Quasi todos os membros se levantaram, approvando. Foi por toda a cidade um grito de entusiasmo. Os principes mandchus e mongoes, os altos funccionarios dos ministerios e os senadôres das provincias concordaram em favôr da Constituição e do Parlamento. E um édito imperial fixou para 1913 o estabelecimento das garantias contitucionaes, das eleições geraes, e a convocação do Senado e da Camara dos deputados. «Esta demora de 3 annos, diz o édito, motivada pelos preparativos necessarios, foi maduramente reflectida e definitivamente fixada para bem do Imperio, e não será reduzida. Compete agora aos funccionarios e ao povo o prepararem-se, cada um na sua esfera, a adaptarem-se á nova ordem de coisas. Contamos que os resultados favoraveis não tardarão a encher de alegria os manes do imperadôr Quang-Su e a satisfazêr o povo.»

Effectivamente, o imperadôr Quang-Su havia preparado um plano constitucional, que o actual soberano tem cumprido religiosamente desde a sua accessão ao trono.

A revolução, completamente pacifica e cheia de sensatez da parte de todos, faz, e com motivo, o orgulho dos chinêses. «E' aqui, diz a *Revue jaune*, que se mostra o alto grau de cultura das classes medias e superiôres da China. Esses letrados, esses notaveis, esses commerciantes, ás vezes apresentados como bárbaros, teem horrôr ao sangue. São capacissimos de se sacrificar pelo pais, certamente, mas o sacrificio de outrem arranca-lhes lágrimas.»

Este grande movimento chinês foi iniciado ha uns quinze annos pela tentativa reformadora do imperadôr Quang-Su e do seu collaboradôr Cam-Iu-Ué, que imaginaram tranformar o imperio em alguns mêses. Como sempre, essa tentativa de transformação radical e rápida não deu bom resultado.

O sistema adoptado agora para levar a nação á prática das liberdades modernas é verdadeiramente admirável de tino, de alta intelligencia, de espirito pratico, de perfeita comprehensão da marcha real evolutiva dos fenómenos sociaes. Quando se pretende apressar os acontecimentos, succede sempre que o organismo social resiste, e a queda é fatal. O governo chinês quer levar a nação pelo caminho de uma lenta preparação politica. Para exercitar o povo, cria provisoriamente assembleas puramente consultivas. A China, pais de estudantes e letrados, entra na escola da liberdade e da constituição.

Uma prescripção curiosa é a de têr a Assemblea simplesmente três meses de sessões por anno. Porquê? Porque muito tempo disponivel incita á preguiça, ás longas sessões malbaratadas, ás vans discussões formalistas. Os três mêses obrigarão a Assemblea a tratar praticamente, decidida e rectamente os negocios. «Nada de tempo perdido, diz com toda a

razão a *Revue jaune*, nada de discursos inuteis, nada de retórica vazia, nada de baixa politica, nada de palhaçadas ou de sessões tumultuosas. Quantas nações do Occidente deveriam adoptar os três mêses parlamentares! Ha muito bom-senso na China!» E ha.

Os jardins d'infancia em França

Procura-se introduzir em França, nas condições actuaes dos quadros universitarios d'aquelle pais, os *Kindergarten*, segundo o método de Froebel.

Referimo-nos no mês passado á *Union familiale* de M.lle Gahéry (p. 71), onde o sistema é

FROEBEL

adoptado. Na Allemanha, na Suissa, em Inglaterra, está elle largamente espalhado.

Entre nós as tentativas abortaram.

Na occasião do centenario de Froebel houve uma celebração no Palacio de Cristal por iniciativa da *Sociedade de Instrucção do Porto* e particularmente do seu secretario, o sr. Joaquim de Vasconcellos, e de sua esposa, a erudita escritora sr.ª D. Carolina Michaëlis, que em Berlim estudára a fundo a teoria e pratica do *Jardim da infancia*. Propôs-se então que fossem enviadas ao extrangeiro algumas senhoras de forte dedicação para estudarem o sistema. Lisboa celebrou tambem o centenario de Froebel. Em sessão camararia o vereador Teofilo Ferreira apresentou um projecto de construcção de um *chalet* para escola Froebel no jardim da Estrella. A escola inaugurou-se effectivamente em 21 de abril de 1882, mas a tentativa naufragou, como as outras.

O método é uma educação da criança fundada sobre a sua verdadeira naturêza e em conformidade com o seu fim: a educação fisica, intellectual e moral da criança pelo jogo. A palavra «jogo» comprehende aqui a gimnastica, as rodas, a jardinagem, o desenho, o canto, os exercicios de comparação, etc. Esta educação faz-se ao ar livre, no jardim, e não exige a immobilidade das crianças. Em França, como dissemos, a idea vae ganhando terreno; as applicações tentadas em Paris tiveram grande exito, e vão-se abrir cursos especiaes para formar professôres de *Kindergarten*.

A seita dos "Christian Scientists"

Morreu ha pouco Mrs. Baker Eddy, a fundadora da seita dos *Christian Scientists*. Foi uma das mais curiosas figuras do misticismo contemporaneo. A seita dos Scientistas reuniu perto de um milhão de adeptos e fundou 660 igrejas na America. Foi em 1875 que Mrs. Eddy publicou a sua primeira obra, de que chegaram a ser tirados 250.000 exemplares ao preço de cinco mil réis cada um. Em 1883 criou o *Jornal da sciencia christan*. Os scientistas christãos ensinam que o espirito é omnipotente, que a materia não é nada, que não existe erro, pecado, doença, fadiga, morte. A doença, segundo a doutrina, é puramente subjectiva, e bastam para a cura a fé e a oração. De resto, bastantes adeptos morreram victimas da sua crença, por se não terem valido da medicina, e varios processos por isso foram intentados aos scientistas. O centro da seita é em Boston, onde foi construida a catedral.

Vida na arte e nas letras

Uma obra unica

Foram offerecidos ha pouco ao Papa os dois primeiros volumes de uma obra unica, que custou perto de 200 contos a estabelecer. E' o começo da historia da Igreja Catolica nos Estados-Unidos. Mais de mil escritôres americanos collaboraram no texto, que é illustrado de magnificos desenhos. As encadernações, de grande belleza, custaram, por si sós, 5 contos.

As fontes de Tolstoi

Continuam a apparecer numerosos estudos sobre Tolstoi nas revistas estrangeiras. São muito interessantes os que se referem á evolução das suas ideas e ás grandes influencias que nelle actuaram, merecendo registro especial uma carta que ha cinco annos Tolstoi escreveu a M. Bernardo Bouvier, professor em Genebra e presidente da Sociedade Jean-Jacques-Rousseau. «Rousseau, diz ahi Tolstoi, foi meu mestre desde a idade de 15 annos. Rousseau e o Evangelho foram as duas grandes e beneficas influencias da minha vida.»

A casa de Balzac

A casa de Balzac, essa, fôra já transformada em museu e inaugurada em julho. Todas as recordações do grande romancista tinham sido reunidas na pequena casa da rua Raynouard onde durante muito tempo viveu e trabalhou o autor da *Comedia humana*.

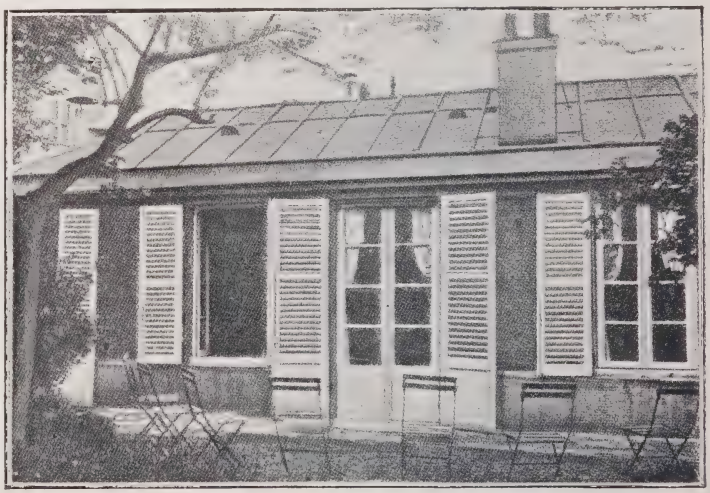
Infelizmente, a casa não pudéra ser comprada pelos amigos de Balzac; e como faltasse o dinheiro, o proprietario recorreu aos tribunaes. Foi concedido porém um praso de três mèses antes de se levar a effeito o despejo, o que deu tempo a apparecer o salvador da situação na pessoa do editor de uma nova edição das obras de Balzac, João Gillequin, que pagou as rendas em atraso. Para evitar a repetição da difficuldade, comprou ainda cinco mil bilhetes de socio da obra, que se propõe distribuir pelos primeiros cinco mil subscritores da nova edição.

Wagner e Bizet

Ha muito que os curiosos haviam notado uma analogia extraordinaria entre uma passagem de Bizet e o *leitmotiv* da morte de Isolda, em Wagner. O *Tristão e Isolda* é de 1865; ora, o tema principal, que se encontra no preludio, no segundo dueto e na frase da morte de Isolda, acha-se numa passagem da *Carmen*, de 1875 *(C'est moi qui l'ai tuée, Ah! Carmen, ma Carmen adorée!)* O mais curioso é que Niezsche um dia, para atacar Wagner, declarou trocar toda a obra de Wagner por essa passagem da *Carmen*, que é construida identicamente ao tema do compositor atacado. Resta a duvida se teria havido encontro casual entre os dois musicos, ou reminiscencia inconsciente em Bizet.

A casa de Sully Prudhomme

No dia 17 de dezembro proximo passado foi aberta a casa onde morou Sully Prudhomme, em Paris, aos seus amigos e admiradores. O grande poeta residia ahi só no inverno: chegado o verão partia para Chatenay com sua irman. O que feriu sobremaneira as attenções foi a extraordinaria simplicidade e modestia de todos os quartos, o reduzido da decoração, que se resumia a retratos pelas paredes. No gabinete de trabalho, sobre a mesa, algumas estatuetas de gesso, entre as quaes os bustos de Descartes e de Pascal. Os visitantes eram recebidos pelo poeta Augusto Dorchain e sua mulher, por Albert-Emile Sorel e Henry Gerbault.



A CASA DE BALZAC

Vida na Sciencia

O petroleo solidificado

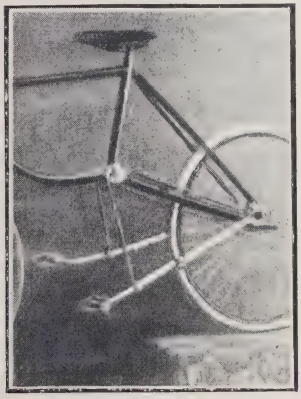
Ha já quem pretenda ter descoberto o petroleo solidificado. Trata-se de um romaico, Gogu Constantinescu. O petroleo ordinario fica pelo seu processo com a apparencia do sabão transparente. O petroleo solido pode ser accêso com um fosforo, mas não explude, e facilmente se apaga. Podem atirar-se pedaços ao fogo sem perigo.

Já perto de Londres se fizeram com perfeito exito algumas pequenas experiencias em automoveis. A principal vantagem do petroleo solido que Constantinescu proclama é o durar três vezes mais que o ordinario.

Aperfeiçoamento na bicicleta

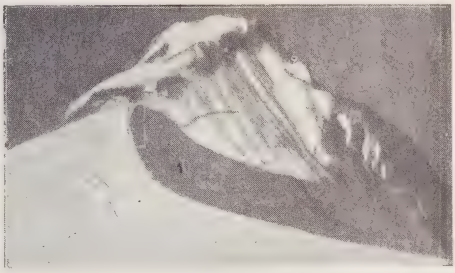
Um austriaco aperfeiçoou a bicicleta no sentido de poupar uma grande parte do esforço do ciclista. Dois longos braços e uma cadeia movem-se combinados com roldanas, de maneira que o ciclista não gira com os pés circularmente, mas só verticalmente, abaixo e acima, o que á muito menos fatigante que o sistema antigo. Por essa razão, e pela disposição especial dos braços, é assegurada uma economia de 50 por cento no esforço, ou um ganho de 50 por cento na velocidade. Estes calculos do inventor provaram exactos em experiencias práticas.

Os pés firmam-se em pedaes dispostos no extremo de dois longos braços, ou alavancas, como dissemos; uma cadeia simples liga os dois braços, passando em cima por duas roldanas e depois descendo até ao eixo da roda traseira. No cubo ha um dispositivo pelo qual primeiro um e depois o outro movimento dos pés fazem ambos rodar a roda para diante. O ciclista pode alterar o grau de transmissão á vontade, de grande para pequena velocidade, e mover as duas alavancas ou braços mais ou menos, até quanto o permitte o comprimento da cadeia.



O novo melhoramento da telefotografia

A telefotografia recebeu ha pouco um grande melhoramento. A telefotografia, como se sabe, é a arte de fotografar objectos a grande distancia, por meio de uma combinação do telescopio e da camara. O que geralmente se tinha usado para esse fim era uma teleobjectiva, addicionada a uma camara ordinaria. Este sistema satisfazia razoavelmente quando se tratasse de fotografar construcções, paisagens, etc.; porem não servia para tirar instantaneos, por sêr a teleobjectiva demasiado fraca, isto é, absorver muita luz nas varias lentes que a constituiam.



Na nova invenção faz-se uso de uma simples lente de grande distancia focal, e os raios luminosos são duas vezes reflectidos na camara por meio d'espelhos. Se tivessemos de applicar lentes d'essa especie a uma camara ordinaria, teriamos de a fazer enorme, e o seu peso seria tal que tornaria a camara impossivel de se deslocar. Com a nova disposição é possivel reduzir o tamanho da camara a menos de $^1/_3$ do que seria necessario d'outra maneira. D'esta forma uma camara de 40 centimetros basta para uma lente de $1^m,20$ de distancia focal.

As applicações de uma tal camara telefotografica são variadissimas e incluem todos os casos de camaras em que ordinariamente se não podem tomar instantaneos. A falta de luminosidade de teleobjectiva ordinaria não pode sêr contestada, desde que ella nos fornece uma ampliação da imagem ordinaria e não uma vista grande em si mesma, o que torna impo sivel o tirar instantaneos.

Com o novo invento obteem-se instantaneos perfeitos com extrema facilidade, sendo tal a

nitidez do negativo que é possivel uma ampliação até 10 diametros.

Agora um reporter pode seguir um alpinista em todos os seus mais perigosos passos, confortavelmente installado na varanda do hotel. Nas nossas duas illustrações, a primeira vista é a tirada com a camara ordinaria (a fotografia está na gravura reduzida a metade); a segunda representa a mesma vista tirada com a nova camara (reduzida na gravura de $^1/_4$).

Um official do exercito pode observar e registar posições e movimentos importantes; passa a sêr possivel fotografar um balão muito alto, reconhecendo-se os passageiros. O scientista fixará numa chapa sensivel os fenomenos fisicos visiveis no extremo horisonte, como as miragens, e os que não podemos observar de perto sem perigo, como erupções vulcanicas, objectos situados em altas montanhas, etc.

Com o novo invento tambem será possivel ao official de marinha conseguir a representa-

ção de navios muito distantes, tomar de longe bôas vistas da costa, fotografar um barco afastado cujos tripulantes sejam indistinguiveis a olho nu. Utilizando o apparelho com os seus espelhos e uma lente de curto foco, podem fazêr-se ampliações directas e obter-se microfotografias collocando o objecto a fotografar á distancia de 10 ou 20 centimetros da lente. Isto é de grande valor, por exemplo, para o scientista que quer explicar aos seus discipulos certas funcções da vida animal e vegetal, e que fica assim apto a tirar quantas provas desejar de uma chapa fotografica d'essa especie.

Grandioso trabalho de irrigação

Trata-se de um immenso sifão que levará agua da represa desviadora sob o leito do rio Colorado, da California para o Arizona.

Este sifão tem um diametro interior de $4^m,20$, devendo descer a uma profundidade de 45 metros. Um tunnel correrá 30^m abaixo do leito do rio, e o volume da agua que será assim conduzido por baixo do Colorado igualará o de um verdadeiro rio. A abertura do sifão do lado de California será 60 centimetros mais alta que do lado de Arizona, de maneira que a agua correrá com a velocidade de $2^m,4$ por segundo.

O problema da melhor illuminação artificial

Segundo o Dr. Fortin a solução do problema da illuminação ideal seria obter por sintese a luz natural por meios artificiaes. A luz natural é caracterizada pela sua riqueza em raios azues e pela luz diffusa. A luz solar é diffusa, mostrou-o Tyndall, pelas finas particulas suspensas na atmosfera. Se não fosse a existencia d'essas particulas o ceu apparecer-nos-ia provavelmente negro, e os objectos illuminados pelo sol apresentariam zonas alternadamente demasiado brilhantes e demasiado escuras. Tal mundo seria muito fatigante para os olhos obrigados a vêr objectos de brilho tão variado.

Além d'isso, como dissémos, a luz solar diverge da maioria das luzes artificiaes pela sua riqueza em raios azues de grande comprimento d'onda. O Dr. Fortin não concorda com aquelles que nos querem fazêr crêr que a luz azul nos é nociva: diz que toda a natureza contraria essa opinião. O ceu é azul, azul o mar; em parte alguma encontrareis grandes massas vermelhas. A luz solar contem raios ultra-violetas, mas os emittidos pelas luzes artificiaes são largamente interceptados pelos vidros que frequentemente protegem a luz. Fortin assegura mesmo ter trabalhado por longos periodos com a lampada de vapor de mercurio, sem o menor mal, e observa que os fotógrafos não podem trabalhar muito tempo com a luz vermelha. Conseguiu obter a luz ideal rodeando três lampadas d'incandescencia Edison com um tubo espiral de vapor de mercurio. Esta combinação é perfeitamente satisfatoria. Está fechada num globo que mistura a luz da lampada d'incandescencia, muito rica em raios vermelhos, com a do vapor de mercurio rica em raios azues. O resultado é uma quasi perfeita sintese da luz solar.

De resto, o *British Medical Journal* não concorda com a opinião de Fortin sobre a innocuidade da luz azul. Os que trabalham com a lampada de vapor de mercurio soffrem de graves ophtalmias electricas, a menos que protejam os olhos com vidros amarellos. A exposição excessiva á luz solar tem tambem influencia deleteria sobre os individuos louros que não são protegidos por uma pelle pigmentada contra acção dos raios ultra-violetas. Tanto assim que se affirma tenderem a desapparecer as familias louras nos tropicos. A luz do azeite é muito pobre em raios ultra-violetas, sendo porem a melhor para os estudiosos.

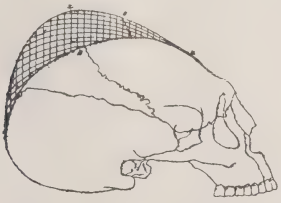
Um novo pitecantropo

Segundo o dr. Florentino Ameghino a descoberta do *Diprothomo plutensis* resolve com muita probabilidade a questão tão debatida da descendencia do homem. Combinada com outras recentemente feitas, principalmente a do crâneo do homem dos Pampas, esta descoberta esclareceria, segundo a opinião d'esse antropólogo, todo o

problema da arvore genealogica da especie humana. Para fazer uma idea da epoca geologica a que pertence o diprothomo, basta lembrar que foi encontrado a 32 metros sob os pampas, a mais de 1:000 kilometros da Cordilheira, e que desde essa epoca aos nossos dias

CRANEO DO DIPROTHOMO RESTAURADO

muitas faunas se succederam. A calote craneana do diprothomo é actualmente a mais antiga conhecida como provindo do craneo de um verdadeiro antepassado do homem. O craneo do diprothomo apresenta uma dolicocefalia notavel mas não extrema; visto de frente, o



COMPARAÇÃO DO CRANEO DO DIPROTHOMO COM O DO HOMEM DOS PAMPAS

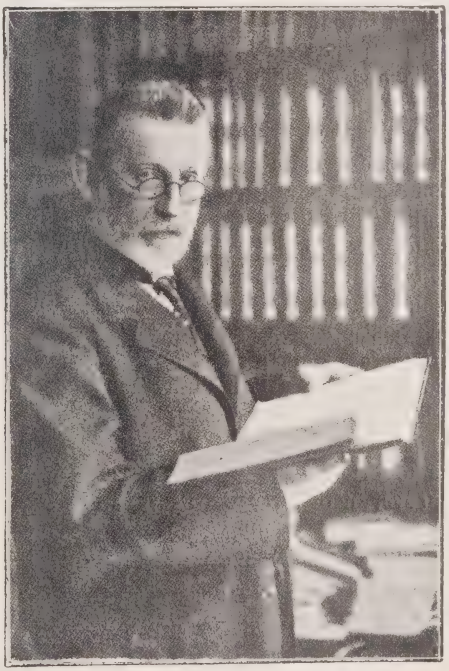
nariz é direito, as orbitas grandes como as dos negros do novo-mundo. Dentes octogonos, prognatismo accentuado. O craneo tem pouco desenvolvimento na região posterior.

O homem dos Pampas forma a transição do diprothomo ao homem propriamente dito.

O professor Paulo Ehrlich

Posto que fosse ha muito conhecido entre os medicos, o nome do professor Paulo Ehrlich só se espalhou pelo grande publico quando elle recebeu o premio Nobel para as pesquizas medicas, em 1908, e no anno seguinte foi concedido ao seu Instituto uma grossa pensão pelo Instituto Rockefeller de New-York. A mais larga celebridade alcançou-a porèm agora com a descoberta do especifico que parece ser o remedio positivo da sifilis. O medicamento chama-se dioxidiamido-arsenobenzol, mas como é o numero 606 de determinada serie, d'ahi lhe proveio o nome vulgar de «606».

E' curioso notar que as mais imaginarias teorias, longe de merecerem o desdem de tantos pseudo-sabios empiristas, até sob o ponto de vista estreitamente prático são um degrau de partida indispensavel, muitas vezes, ao avanço nos dominios da pura investigação; e estudando a sciencia na realidade viva do scientista vê-se bem que grande papel representa a imaginação nas resquizas experimentaes. Na chimica de hoje muitas teorias ha, sustentadas pelos que as propuzeram, sem conseguirem universal acceitação. Um sabio propõe a teoria e depois, assistido por cooperadores, trabalha por a espalhar e basear em dados experimentaes. Claro que da validade da teoria não depende a incontestabilidade dos factos em que o autor a baseia, nem a das innumeras descobertas accidentaes que faz nascer o estudo da idea principal. Estas observações applicam-se perfeitamente á obra de Ehrlich. Este reconhece bem o que deve á extraordinaria imaginação de que é dotado, e á qual chama «imaginação chimica». A sua grande originalidade reside principalmente no facto de não hesitar



O PROFESSOR PAULO EHRLICH

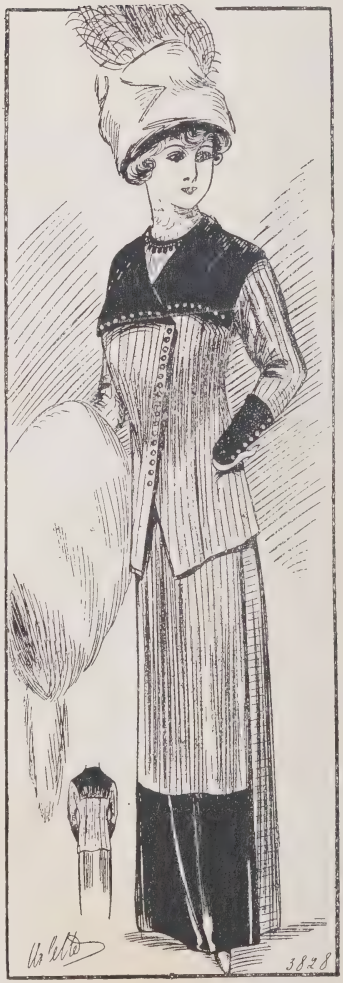
em desenvolver experimentalmente as mais fantasticas ideas; diz que nos seus exitos o acaso tem uma grande parte, e que nada deve ser considerado ridiculo ou imprestavel sem que se tenha provado que realmente assim é.

O nosso seculo xx, verá sem duvida, em questão de *toilettes,* as maiores fantasias que a caprichosa moda poderá inventar.

Dizem nos centros da moda que grandes novidades nos estão reservadas.

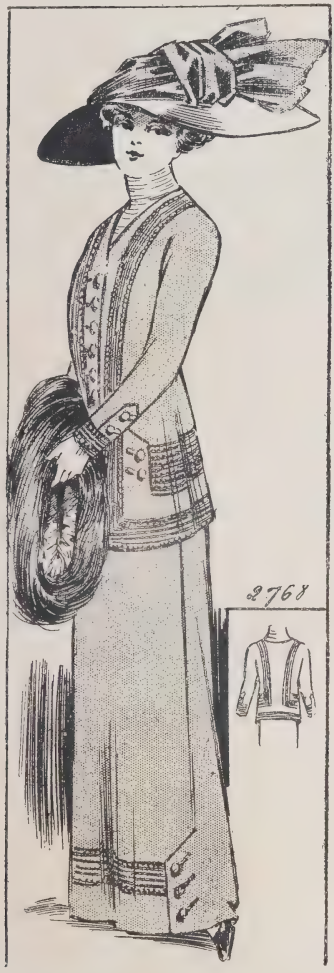
O Oriente parece ser a fonte inexgotavel onde os arbitros das elegancias se inspiram para as novas confecções, copiando, já as mangas largas, as faixas de grande laço, os kimonos, em summa, um pouco da *toilette* da mulher japoneza, já os atavios de tecidos recamados de pedrarias, as tunicas de genero puramente oriental. O proprio *entravé,* não teria tido a sua origem no vestuario de alguma *mousmé,* por tal forma cingida no seu kimono que é obrigada ao passo miudinho e leve?

Os estylos Imperio e Directorio continuam sempre em voga, com tendencia a persistir, pois que os tecidos molles hoje empregados, se prestam para essa forma, como tunicas cahindo direitas, sem pronunciar as formas do corpo, mas dando á mulher toda a linha de extrema elegancia. Os vestidos de noute, de tulle, setim ou crepe de china, *voilés* de gaze, continuam sendo a mais completa novidade.



As saias tendem a tornar-se um pouco mais largas, fugindo assim ao exaggero a que iam chegando, e á mais incommoda das fantasias. Os *tailleurs,* sempre indispensaveis para *toilette* de passeio, continuam a ter as saias bastante curtas, e os casacos de tal forma justos nas ancas, que parecem adherir á saia. Transparece cada vez mais a preoccupação de tudo subordinar á linha. Por isso se vêm menos detalhes, menos enfeites laboriosamente executados, e por isso tambem cresce a voga dos botões como adorno, e os largos galões da mesma côr da *toilette.* Em vez dos simples rebuços que até aqui mais se usavam, predominam os gran-

des cabeções e grandes virados, genero Directorio, e outros de gola á marinheira, descendo bastante nas costas, sendo estes os mais modernos. Para a proxima primavera teremos lindos modelos de *tailleurs* de setim; posto que já tivessemos visto alguns no principio deste inverno, consta-nos que voltarão com grande successo.



De resto, a sarja, o cheviote e o panno serão tecidos sempre empregados para *troteurs*.

O frio tem-nos incommodado por tal forma que as pelles e sobretudo os regalos tem sido a nota predominante deste inverno. N'um conjuncto de pelles, rendas, velludos e gazes, temos visto neste artigo, verdadeiros primôres, de tão variadas formas, e de umas proporções taes, que lembram almofadas onde consoladôramente se escondem niveas mãosinhas.

Os chapeus apresentam uma tal variedade de feitios e de enfeites, que não será difficil satisfazer todos os gostos.

Desde a mais simples toque apenas guarnecida com um *panache* preso por um *cabochon*, ao grande chapeu *flamon*, de ricas plumas, temos visto modelos de requintado gosto. As rendas de Veneza ou de Chantilly envoltas em pelle, tulle ou velludo são do mais bello effeito e como novidade nos chapeus de *toilette*. Toda a mulher deve esmerar o seu gosto na escolha de um chapeu. Dizem os verdadeiros entendedores, que, no bom gosto de um chapéo, e no apuro do calçado, está toda a linha e toda a arte de bem vestir. O chapeu deve estar em harmonia com o fisico, com as linhas do rosto, e deve-se procurar sempre a côr que vá bem ao tom da pelle. Se ás louras convem o branco, o azul e o verde, côres estas que requerem uma carnação rosada, as morenas poderão tirar partido nas côres vermelhas, amarelladas, que ficam maravilhosamente em uns cabellos pretos. Escolher de preferencia os tulles, as gazes e os chapeus pretos que se prestam a todas as carnações.

Os penteados

A moda nos penteados, comquanto se mantenha a mesma na linha geral, acaba de soffrer uma pequena modificação. A harmonia geral do penteado não variou, mas o facto tornou-se em todo o caso motivo de reparo, visto que indica o começo de uma tendencia que alvorece.

A arte do penteado representa na esthetica da mulher um papel preponderante. Não ha *toilette*, por mais distincta e elegante que seja, que possa compensar uma falta de bom gosto e de esmero no penteado.

A alegria de vêr as creanças sans, robustas, fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE.**

A «cuia» postiça que se collocava no alto da cabeça, passou completamente de moda, sendo substituida por grossos *boucles*, que dão sem duvida alguma á cabeça uma linha muito mais graciosa, fazendo lembrar os penteados que usavam as lindas mulheres da antiga Grecia. Dos simples penteados usados nos nossos dias, vamos saindo por evolução, e chegaremos aos grandes toucados das nossas avós. Os penteados de estilo estão em voga, como por exemplo o estilo Imperio, com tiras de galão atravessando a testa.

As parisienses estão procurando copiar os modelos de penteados das mais celebres mulheres de differentes épocas. Tal o penteado Récamier com «bouclettes» emoldurando o rosto, formando o monete tambem em *boucles*, como se penteava a linda mulher cuja formosura foi universalmente conhecida.

O penteado grego, muito em voga, é igualmente composto de bandós ondulados, e com o monete tambem formado de *boucles* saindo da nuca, guarnecido em volta com fios de perolas. N'esta ordem de idéas, mil fantasias são adoptadas. Os largos galões, as flores, as plumas, *aigrettes*, tudo são confecções usadas para theatros ou *soirée*. Para meninas bastante novas os *boucles* guarnecendo o rosto lembram as deliciosas figurinhas do seculo XVIII.

De todos os modelos que apresentamos ás nossas leitoras, a nenhum dariamos preferencia, sem conhecermos o perfil gentil de cada uma, pois que o essencial da arte e do bom gosto é cada um procurar o penteado mais adequado á sua fisionomia.

Receitas uteis

Eis aqui, queridas leitoras, uma excellente receita que interessa toda a mulher que procura os segredos da *toilette*. Tonifica, embranquece e limpa maravilhosamente a pelle, quando applicada com regularidade, e em pouco tempo obtereis uma pelle fina, branca e assetinada. Apoderae-vos d'um bom limão, bem maduro e sem defeito. Tirae-lhe a casca, n'uma pequena parte em que forneça uma circumferencia do tamanho de uma moeda de 10 réis. Fazei-lhe um buraco enchendo-o de assucar Candi, tornando a fecha-lo com a casca que se lhe tirou. Feita esta operação, assae o limão sobre cinzas quentes. Pela abertura já feita, podereis tirar-lhe o summo gota a gota, embeber n'elle um bocado de linho fino, ou um pouco de algodão hidrofilo, friccionando a cara, rapida mas fortemente. Fazei estas fricções de baixo para cima; cuidado não molestar a pelle.

CASTELLO DE MOURA

Afamadas aguas mineromedicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — **Medalhas de Ouro,** Madrid 1907, Porto 1904 — **Medalha de Prata,** S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

NOVIDADE LITTERARIA:

Anthero de Figueiredo

Doida de Amor

(Novella)

Livraria Ferreira — Editóra

132, RUA AUREA, 138 — **LISBOA**

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, té qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem a mão.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, feridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Blenol - Lindacutis - Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Igner os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

N.º 69
MARÇO 1911

SERÕES

MUSEU D'ARTE. — DÜRER (1471-1528) Escola alleman. — Retrato de homem

LIVRARIA FERREIRA, Editora Rua Áurea 100 a 106 Lisboa

Proprietaria e editora : Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

PAG.

RETRATO DE HOMEM
(Frontispicio) 162

SIENA, A SANGRENTA
(9 illustrações e 2 vinhetas) por JUSTINO MONTALVÃO 163

LUIZINHA
(2 illustrações e 1 vinheta) por CLARA DÁSI 178

PADEREWSKY — UMA LIÇÃO DE UM GRANDE MESTRE
(5 illustrações) 186

MYSTICISMO CHRISTÃO *(Soneto)* por EDUARDO METZNER 192

MADRUGADA DE SONHO
(5 illustrações e 2 vinhetas) por AYRES DE CARVALHO 193

UMA EXPERIENCIA MARITAL
(3 illustrações e 2 vinhetas) 199

HAMBURGO — HANNOVER — BERLIM
(6 illustrações e 1 vinheta) por DOM THOMAZ DE NORONHA 205

SOUSA VITERBO E A SUA OBRA POSTHUMA
(4 illustrações e 1 vinheta) por VICTOR RIBEIRO 210

FELIZES OS QUE MORREM *(Versos)* por SOUSA VITERBO 215

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA
(1 illustração e 1 vinheta) 216

SOBRE A QUESTÃO ORTOGRÁFICA
(1 illustração e 1 vinheta) 218

RESENHA PORTUGUEZA
(5 illustrações e 1 vinheta) por PORTUGAL DA SILVA 220

THEATROS
(3 illustrações e 2 vinhetas) por PORTUGAL DA SILVA 226

PELO MUNDO FÓRA
(12 illustrações e 1 vinheta) 230

CHRONICA DA MODA
(4 illustrações e 1 vinheta) 238

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o compradôr indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões

Historia
Sciencia
Romance
Arte
Actualidades
etc.

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres
e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

N.º 69

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

MARÇO 1911

MUSEU D'ARTE. — DÜRER (1471-1528) Escola alleman. — Retrato de homem

SIENA, a sangrenta

I

Siena ao crespusculo

CINGIDA por muralhas côr de sangue coalhado, com os telhados cobertos de neve da casaria de tijolo a despenhar-se em avalanche pela collina abrupta que o domo de marmore branco e negro coróa — assim me appareceu a gothica Siena, ao cair d'uma tarde roxa e triste d'inverno.

Cheguei á gare deserta, depois de atravessar durante tres horas a paysagem de olivaes cinzentos e vinhedos já resequidos, que desde Florença se desenrola, alternativamente fertil e agreste, até aos monticulos argilosos que a partir de Poggibonsi começaram a ascender em ondulações d'um castanho ruivo, salpicadas a espaços pela geada, como por um manto real d'arminhos que se tivesse esfarrapado nas ravinas.

Sob o ceu d'uma inalteravel limpidez azul, que contrastava estranhamente com a côr sangrenta das collinas e a desolação congelada da natureza, ruinas de conventos e castellos, vestidos d'heras, sob vôos de corvos crucitantes, davam um aspecto de romantismo feudal a esta parte da Toscana, onde a edade media foi mais rude e guerreira que no resto da Italia.

Para dominar o frio, que nos paizes meridionaes parece mais aspero que no norte, galguei a pé a via Garibaldi espiralando n'uma longa curva, da porta ameada de San Lorenzo ao topo d'um dos tres montes em que Siena se eleva. Pelas estreitas ruas tortuosas que enormes palacios sombreavam, e sobre cujas lages corriam velozmente caleches tiradas por cavallos enfeitados com uma pluma esguia, cheguei emfim á Via di Cittá. E ao lado da *Loggia dei Nobili,* pelo viccolo da Macta Salaia descendo sob a abobada escura, n'uma ladeira tão ingreme que sem os degraus seria impraticavel, avistei a Piazza del Campo que se arredonda ao fundo, d'um pittoresco imprevisto que olhos artistas nunca mais esquecem.

Concava, rosea, escavada ao centro como uma enorme concha marinha, a estranha praça que a lenda diz modelada pela capa d'um peregrino desconhecido que atravessára a cidade, lembra o vasto hemyciclo dos theatros antigos. Arcadas sombrias fazem-lhe roda. Altas casas ameadas acotovelam-se, com anneis de bronze e tocheiros de ferro forjado entre os balcões e sobre os porticos d'alpendre. Em frente, o *Palazzo Publico,* massiço e quadrado como uma fortaleza medieval, com a fachada de tijolo vermelho onde as quatro filas de ogivas divididas por columnetas finas de marmore recurvam a sua graça gothica, projecta nos ares

a gigantesca torre *del Mangia,* em cuja plataforma, dominando a cidade e as collinas, resoavam outr'ora os rebates, nas sedições.

A floresta nua das torres eriçava n'esse tempo a nobre Siena, como ainda hoje San Gemignano, que n'um relicario de pedra ruiva guarda intacta a architectura do seculo de Dante.

Um painel de Biccherna mostra como ellas coroavam com orgulho os palacios patricios, em 1527. De todas as que faziam cortejo á Mangia, como a uma rainha do espaço, só resta, sobre o Domo, o campanario.

Junto da base da torre, a capella erguida pelos sienezes para commemorar o termo d'uma d'essas epidemias que na edade média faziam mais victimas do que as guerras modernas, abriga sob o baldaquino esbelto os *frescos* de Sodoma, que o ar e a humidade deliram. Sobre uma columna de pedra, á direita do palacio publico, a loba heraldica de Siena assignala o orgulho da sua origem romana.

Sentei-me no rebordo de marmore da *Fonte Gaia,* tão linda, com os baixos relevos biblicos que Jacopo della Quercia esculpiu. E no silencio evocativo do crepusculo que começava a indecisar na sombra o scenario novellesco do *Campo* deserto, mais uma vez absorvi o fluido de sonho, que como um opio allucinante me exalta em todos os logares magnificados pela historia ou idealisados pela arte e pela lenda.

Tudo, n'esta velha praça, transporta invencivelmente o pensamento ás épocas decorativas, e facilita este subtil prazer de nos integrarmos no passado, de nos sentirmos, por momentos, reviver a existencia anterior, de que só certas almas conservam a remembrança consciente.

Na fluctuação das sombras que iam mysterisando a *piazza* archaica, a visão dos dias de esplendor avivava-se, tomava pouco a pouco relevo, vibrava de vida real. Revia, como se verdadeiramente os tivesse presenceado, os sumptuosos torneios do *Palio,* que então faziam a gloria da cidade heroica, e em que todo o povo, ainda hoje, em julho e agosto, cada anno, celebra a victoria de Montaperto, ganha nas margens do Arbia, contra os guelfos de Florença, pelos banidos gibelinos, alliados aos sienezes.

Em pannos de treva, entretanto, fóra a noite amortalhando, em torno da praça deserta, os mudos palacios d'outr'ora. E no grande silencio inerte, que mais morto ainda me parecia depois da evocação de tanta vida extincta, sómente a agua eterna, na bella Fonte Gaia, cantava aos écos attentos a sua cantilena de fáda...

II

Siena ao luar

A noite dramatisara Siena. Sobre a confusa arquitectura dos palacios que a penumbra acarvoava, os telhados cobertos de neve alvejavam espectralmente. Sob as arcadas gothicas, as sombras agrupavam-se, enygmaticas, em embuscada. Compacto, macisso, o *Palazzo Publico,* projectando no espaço o torreão gigantesco, dir-se-ía talhado n'um immenso bloco de treva petrificada.

Somnambula, no frio silencio, só a agua da Fonte Gaia cantava a sua ballada...

Por um dos ingremes *viccoli* abobadados, onde a chamma sangrenta do lampeão de ferro pestanejava deante d'um nicho, penetrei no labyrintho das ruas desertas, sem destino, á procura d'essa allucinante sensação de me perder n'uma cidade desconhecida, que é a ultima aventura romantica das viajens.

Nove horas apenas, e já todas as casas fechadas. Exceptuando o bocado da *via di citta,* em frente do Café Grecco, todo illuminado, a cidade inteira parecia amortalhada no silencio e na escuridão.

Nenhuma necropole pode exprimir melhor o sentimento da morte do que esta medieval Siena, á noite. As ruellas estranguladas, como galerias subterraneas, enrodilhando-se e encruzilhando-se com uma fantasia que desorienta; as altas casas ameadas como bastiões; as escadarias despenhando-se como cascatas congeladas; as mudas praças onde os passos ecoam lugubremente, dão-lhe o aspecto d'uma *cidade encantada.* Nem um vulto humano, nem um rumor de vida. De longe a longe, ao fundo d'uma ruella tortuosa, hiante como a guella d'um

antro, a chamma d'um candieiro, vacillando no seu halo arroxeado, faz a obscuridade mais enygmatica.

Para tornar a impressão de imprevisto ainda mais singular, o solo todo em declives bruscos, em curvas inesperadas, dir-se-ía convulsionado por um terramoto.

cia ladeiras de lages polidas, que os meus passos faziam resoar sob abobadas profundas, tão estreitas, que abrindo os braços tocava com ambas as mãos as muralhas de tijolo, viscosas de humidade... E de repente recuava, transido, contra o parapeito baixo d'uma esplanada, ante im-

SIENA E O DOMO VISTOS DE SAN DOMENICO

Sem saber onde iria ter, subia escadarias que desembocavam em largos solitarios, onde a neve estendia mortalhas brancas e enormes egrejas se erguiam com estatuas tragicas como apparições, gargulas, monstros, chymeras, toda uma fauna de pedra, diabolica e esphyngica, immobilisada nos ares, como n'um pesadelo... Depois, desprevistos barrancos de trevas, onde as fórmas confusas de casarias em derrocada, sob os telhados branquejantes, precipitando-se umas por cima das outras, sugeriam uma multidão atropelada n'uma fuga de panico, e que a morte bruscamente paralysara.

Ao acaso, ia indo... Na solidão absoluta, tinha a impressão deliciosamente inquietante

de ser o unico vivo, vagueando n'um burgo fantasma, subitamente restituido ás edades extinctas. Nenhuma nota discordante de vida moderna interrompia o sonho antigo em que a minha imaginação voluptuosamente se exaltava... Cidades mortas, como eu vos amo entre todas! Imobilisadas no passado, fóra da vida, na vossa solidão orgulhosa, no vosso taciturno desdem do presente, vós sois, ó velhas silenciosas, os conventos profanos em que podem procurar refugio aquelles a quem a vulgar realidade não satisfaz, porque nasceram com os instinctos e os cultos d'outros seculos d'arte e de belleza; aquelles que tudo tendo desejado possuir, tudo possuiram em vão, sem nunca saciar o desejo...

Ha quanto tempo vagueava atravez dos sonhos e das sombras? As horas caiam do alto das torres, perdiam-se dispersas nos ecos da cidade adormecida, sem que me lembrasse de as contar...

E desembocava d'uma longa abobada escavada na muralha, quando, ao erguer os olhos, soltei um grito de assombro, como se ante de mim, de subito, miraculosamente, Siena se tivesse transfigurado, toda nimbada de clarões de jaspe.

Entre nuvens de ballada, sobre o campanilho emergindo da immensa molle de marmore do Dômo, lá no alto, a lua surgira. E sob as suas fluidas ondas de claridade branca, todos os telhados cobertos de neve reluziam, irradiavam, como n'uma irreal visão polar. Sob a geada luminosa dos raios, o cahos da casaria apinhada emergia da escuridão. As torres, as cupulas, as ameias, destacavam em arestas brancas no ceu limpido como uma abobada de diamante. As cornijas, as chaminés, os balcões salientes, os recortes das ogivas, todos os detalhes e florões da architectura gotica dos palacios, dir-se-iam esculpidos em alabastro, no ar diafano. Recortadas de clarões azulados, as ruas tomavam uma nitidez prodigiosa d'agua-forte. Todos os cimos, batidos pelo luar, refulgiam, emquanto os planos inferiores rastejavam na obscuridade. Aqui e além, havia agrupamentos de fórmas singulares, cujas sombras a lua projectava sobre as pedras claras das praças silenciosas. Na bruma mysteriosa de certos recantos, brancuras vagas palpitavam, reflexos ondeantes pareciam agitar-se, vibrar de vida propria, como enxames voantes de fogos-fátuos. E sobre a cidade adormecida, no topo da collina mais alta, a cathedral maravilhosa, erigindo o campanario como um mastro, lembrava uma fantastica caravella de prata, uma colossal arca biblica fluctuando em pleno ceu, nas vaporosas ondas lacteas do luar...

Passava já da meia noite quando, n'uma das ruas innumeraveis em que ha tantas horas vagueava alheado, a taboleta d'um hotel me chamou á realidade. Acordei o creado estremunhado, que me guiou a um quarto. Antes de deitar-me, quiz contemplar ainda uma vez Siena ao luar. E debruçado no balcão de marmore pensava como seria delicioso ouvir, n'aquelle chymerico scenario d'opera, a voz d'um trovador romantico, quando de repente — oh maravilha! — as primeiras notas de uma aria vibraram no silencio purissimo da noite...

Mas logo fechei a janella, horrorisado. Era um phonographo...

O Progresso não prescinde dos seus direitos — mesmo em Siena.

III

Siena ao sol

Repicavam alegremente os sinos, na clara manhã de domingo, quando acordei no meu quarto ladrilhado de tijolos e todo caiado, como a cella d'um mosteiro.

Sob os raios de sol que derretiam a neve dos telhados, a vermelha Siena rebrilhava com a nitidez d'uma velha pintura envernisada de fresco. Na grande transparencia do ar frio e azul, as côres adquiriam maior relevo e os ruidos mais sonoridade. As ameias das casas, os balcões ogivaes, as cupulas, os campanarios, todos os contornos e arestas que o sol tocava, vibravam de tintas vivas, emquanto ao fundo as ruas estreitas jaziam ainda na penumbra.

Povoada pelos *coniadini* dos arredores, a cidade parecia por algumas horas, acordar do lethargo secular. Ao galope dos cavallos guisalhantes, pequenas carrosellas de duas

rodas altas, corriam rapidamente sobre as lages lisas.

Em frente das vitrines coloridas da via di Citta, sob as arcadas da loggia do Casino dos Nobres, á volta dos chafarizes ornados de estatuas da via Cavour, havia grupos alegres conversando, na ociosidade do dia de festa. Na Piazza del Campo, debaixo das arcadas, o sol fazia luzir os taboleiros de laranjas, que na Italia se chamam «portogalli».

No meio d'um circulo de gente immobilisada pela attenção religiosa que a musica desperta sempre n'este povo artista, um homem alto, trigueiro, e uma rapariga em cabello, de grandes olhos pretos, envolta no chale escarlate todo esfarrapado que lhe modelava o corpo esculptural com tão esbelta nobreza como se fosse um manto de rainha, cantavam ao som do violão que elle dedilhava com o gesto theatral d'um troveiro vagabundo.

As vozes, subindo no ar fino, tomavam uma pureza harmoniosa e voluptuosa, em que as imagens floridas d'uma canção popular, celebrando os dois motivos eternos da poesia italiana, *il amore e la giovinezza*, vibravam com o timbre incomparavel que faz a lingua dos siennezes famosa entre as da Toscana.

E ao rythmo da canção amorosa brilhavam mais languidos, nos rostos morenos, os olhos aveludados das *contadine*, a que os grandes chapeus de palha leve, emplumados de branco e gracilmente arqueados sobre os cabellos pretos, dão uma originalidade caracteristica.

UMA RUELLA DE ARCOS

Se não fossem os trajos contemporaneos, poderia imaginar-me, n'aquella praça antiga, entre as mais bellas creaturas lendarias que serviram de modelos aos pintores que fizeram a gloria da escola sieneza.

Tudo de resto, n'esta terra singular, facilita a delicia incomparavel de evocar, de *reviver*. Apezar das lojas de modas, das tabacarias, dos cafés instalados no rez-do-chão dos palacios ogivaes, o sentimento da existencia d'outr'ora persiste tão vivo como nos tempos em que Siena contava cem mil habitantes, sob o dominio de Pandolfo Petrucci, o Magnifico, que Machiavelo apresentou como o modelo dos tiranos.

Das cidades italianas, e a que conserva mais o aspecto medieval, a imagem exacta da architectura gothica italiana dos seculos XIII e XIV. Nas outras, são raras as casas modernas. Não me lembro de ter visto uma só, destacando com o seu ar insolente de modernismo, de tal modo a impressão de antiguidade alli é total. As da Renasceça, mes-

mo, são poucas. Veneza a oriental, Veneza a gothica, algumas ruas archaicas de Genova, Pisa a morta, certos recantos e praças de Florença, deram-me decerto emoções inolvidaveis — mas não com esta harmonia extraordinaria de conjuncto.

Cada cidade, em Italia, tem com effeito uma fisionomia differente das outras, um caracter particular, inconfundivel. Passar de uma para outra, é encontrar sempre novas surprezas, visões sempre imprevistas, sem nada que se pareça com o que se viu anteriormente. Nenhumas se assemelham, á semelhança d'essas monotonas «pequenas Paris» que pullulam em França, em imitações reduzidas de provincia, com os mesmos banaes *boulevards*, todos talhados pelo modelo dos da capital. Rivaes, hostis, orgulhosas do seu passado de rainhas autonomas, o que procuravam na sua era de gloria era differenciar-se, e o que procuram ainda hoje, apezar de decaidas, é manter o aspecto typico. A cada uma correspondiam não só costumes, leis, systemas politicos proprios, mas outra arte, outra industria. A architectura, a esculptura, a pintura, tinham as suas escolas altivamente differenciadas, com os respectivos nomes de cada qual das cidades em que floresciam, fieis á tradicção.

Durante a edade-média, a gibelina Siena odiou a guelfa Florença com um ciume de rival exaltado por todo o orgulho da sua aristocracia mais antiga. Dante censurava sobretudo aos sienezes a sua vaidade «maior ainda que a «vaidade franceza». Mas este sentimento tão condemnado pelos Catões enfaticos, pelos Tartufos de todos os tempos, é tanto para as mulheres como para os povos, o estimulo mais fecundo. Emquanto elle a animou, Siena progrediu, por querer sempre superar Florença, cobrindo-se de joias mais raras, para attestar o triunfo da sua força e da sua riqueza. Quando por fim caíu, como todas as outras, sob o dominio da real odiada, ferida no orgulho vital, não quiz mais levantar-se.

No seu insaciado rancor contra o destino, ficou para sempre inerte, com a cathedral por acabar — essa prodigiosa cathedral que devia ser a mais grandiosa, a mais colossal do mundo, e de cuja nave immensa só restam as tristes muralhas de tijolo, caindo em ruinas, sob o crucitar dos corvos. Desde o dia em que as suas portas se abriram ao invasor, um letargo a prostrou para sempre, como no conto da Bella do bosque dormente.

Sem a vida magica e ondeante dos irisados canaes em que se reflectem os de Veneza, os velhos palacios de Siena exalam uma nostalgia mais tragica, uma poesia de *never more* mais intensa ainda. Com seus nomes de lenda e de romance de cavallaria, que melancolica e profunda fascinação elles provocam á nossa reverie!

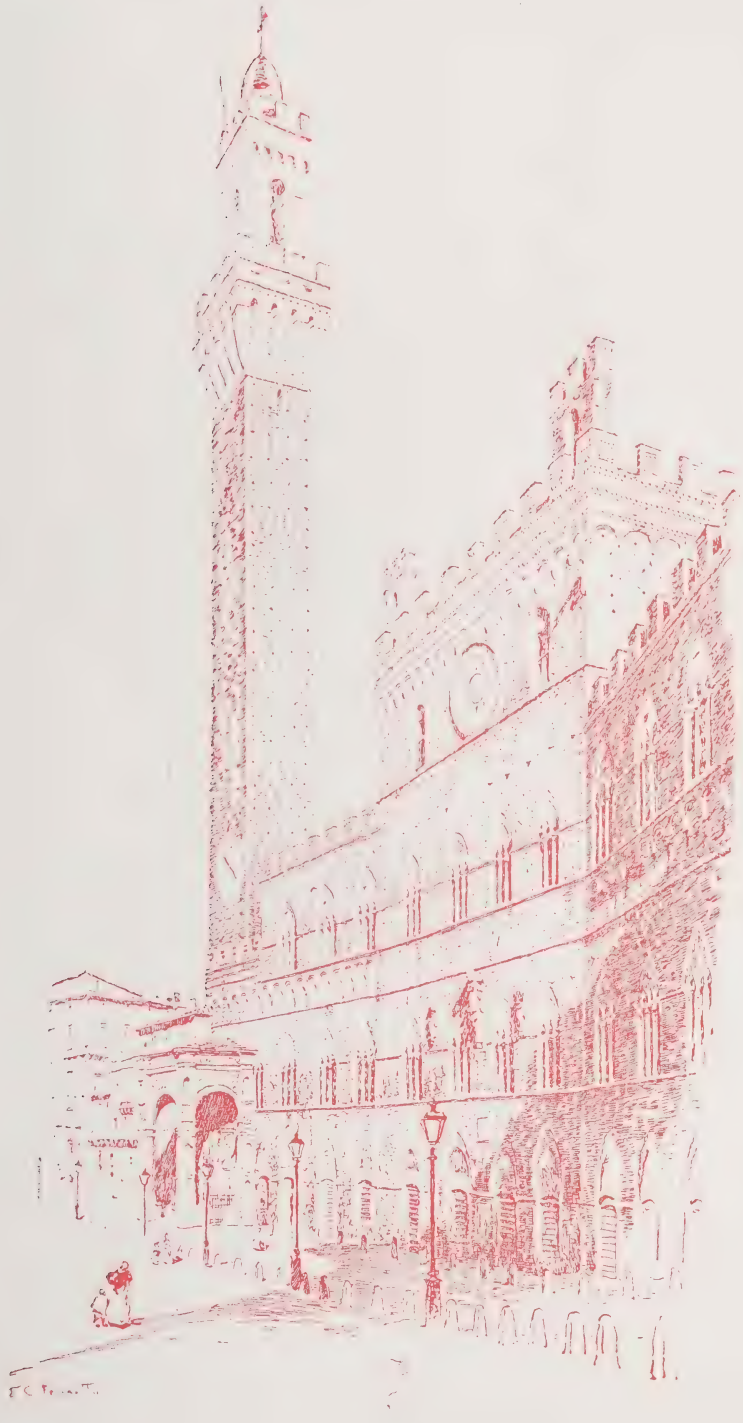
Um, sobretudo, aquelle que ainda hoje é çonhecido em Siena pelo nome «della Pia», não póde ver-se sem que um estremecimento nos agite até ás fibras mais intimas, ao relembrar a estranha historia da mysteriosa figura de mulher cuja sombra Dante vê surgir, no Purgatorio, dizendo-lhe:

— «Quando tiveres voltado ao mundo e te sentires repousado d'esta longa viajem, recorda-te de mim: eu sou a Pia. Siena me fez, a Marema me desfez. Elle o sabe, aquelle que no meu dedo metteu o annel nupcial.»

Entre as versões diversas dos commentadores da *Divina Comedia,* que tentaram decifrar o enygma d'estes versos, ha uma emocionante, contada por Bandello, o hispo d'Agen, auctor de tantas novellas libertinas pintando os costumes do seculo XVIe. Desenvolvida e dramatisada como eu a visiono, por um musico ou por um poeta de genio, esta lenda daria uma tragedia lyrica sublime de *mors-amor*.

Traido por sua mulher, que pertencia á familia de Tolomei, illustre em Siena, o marido, Nello della Pietra, encarcerou-a n'um castello isolado no meio do pantano da Marena.

Mas devorado pelo cancaro ardente d'uma paixão mais forte que o proprio sentimento da honra ultrajada, odiando-a sem a poder arrancar do coração, adorando-a sem a poder matar, não podendo viver com ella nem sem ella, enclausurou-se juntamente com a victima n'esse sepulcro vivo, á espera de que a atmosfera envenenada da solidão o vingasse. Dia a dia, noite a noite, respirando o ar mortal que o allucinava, ao fundo do castello solitario, nesse lugubre idylio d'horror e de pesadello, povoado pelos espectros verdes da febre, longe da vida,



PALAZZO COMMUNALE

fóra do mundo, elle a viu empallidecer, agonisar, mirrar-se, até se transfigurar n'um macabro esqueleto exangue e livido o seu corpo divino, até se mudar n'uma sinistra caveira macerada onde apenas os vitreos olhos ardiam — oh lindos olhos tão alegres outr'ora! — aquelle maravilhoso rosto que não podia esquecer; até ao dia em que, no inominavel espasmo d'um derradeiro beijo de delirio, de paixão e de sadismo, a *Marema* emfim «desfez», entre os seus braços crispados, aquella que tinha sido amada com o mais inexoravel dos amores humanos.

Toda a medieval Siena está n'esta lenda, com seu rude encanto de poesia tragica, a que se mistura não sei que acre travor de sangue, de amor e de morte...

IV

A cathedral mutilada

Colossal e inacabada, no cume mais alto, a cathedral é o symbolo do orgulho mutilado de Siena.

Vista de longe, sobranceira á casaria côr de sangue, lembra uma fortaleza cuja torre de vigia fosse o campanario de seis andares.

Da profunda praça de San Giovanni, humida e escura como uma cisterna, onde fui ter depois de subir a via dos Peregrinos, ao levantar os olhos, o seu côro enorme, lá no alto, deu-me o assombro de um estranho baluarte, apoiando a pesada molle de marmore sobre o baptisterio antigo, em cuja penumbra rebrilham as esculpturas quatrocentistas.

Galguei, ao canto da praça, a escadaria que sob um arco desemboca no solemne adro êrmo do Domo. E logo encontrei com delicia o espectaculo habitual das cidades toscanas — o magestoso e risonho conjunto dos monumentos civicos e religiosos, entre os quaes a vida ardente do povo refervia e tumultuava outr'ora, como no coração de pedra da cidade.

Na solidão e no silencio em que o eco dos meus passos fez esvoaçar azas espavoridas sobre os muros vermelhos da nave arruinada, as architecturas severas do Paço Real, do hospicio de Santa Maria della Scala e do Palacio archiepiscopal, formam uma moldura de rudeza e de sombra á cathedral rutilante.

Sobre o espaço azul, na luz limpida, a fachada deslumbra como uma enorme illuminura de missal.

Multicolorida de mosaicos, avivada de marmores brancos, negros e vermelhos, embutida de baixos-relevos, rendilhada de nichos, de corucheus, de pinaculos floridos, animada pelas figuras dos profetas e dos anjos, a magnificencia alegre, a riqueza prodiga que ostenta, excluem toda a ideia de taciturnidade ascetica.

A LOBA COM ROMULO E REMO, SOBRE UM CAPITEL, DIANTE DO PALACIO DA SENHORIA

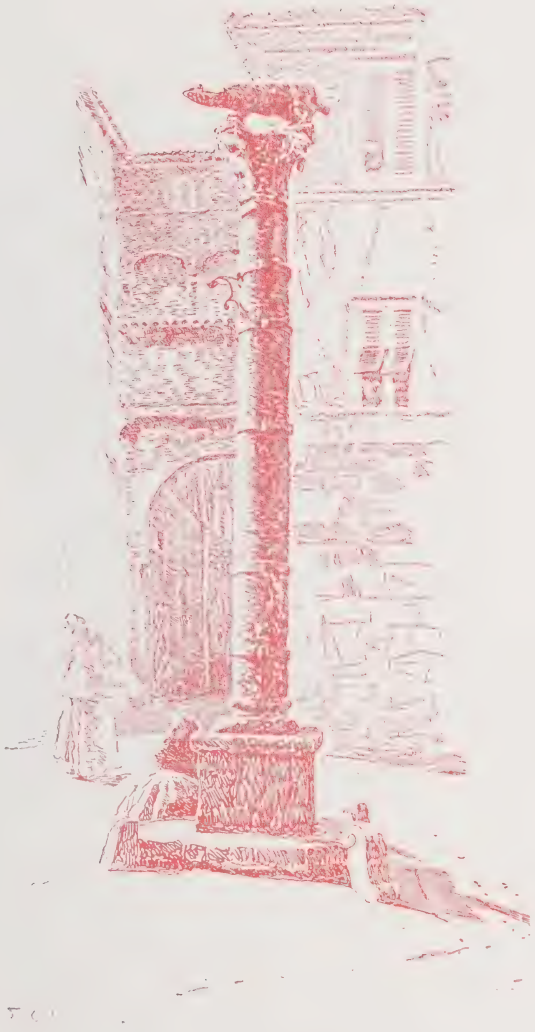
Como todas as da Italia, e sobretudo da Toscana, a sua architectura não é o gotico puro, mas uma harmoniosa miscelanea em que a graça esguia da ogival se allia á solidez esbelta do arco d'abobada romano.

Os esculptores geniaes e anonymos que durante cento e dez annos religiosamente a lapidaram como uma immensa joia, tinham de certo a mesma fé ingenua e profunda que fez erguer do chão, prodigiosos canticos de pedra, latejantes de todo o fervor mystico das multidões medievicas, as cathedraes do norte — mas illuminada por uma poesia mais espontanea e

sã, aquecida por um amor mais humanamente perfeito, porque glorifica, em vez da morte, a immortalidade da vida.

Durante as rudes eras feudaes, nas cidades toscanas, tão ensanguentadas continuamente pelas luctas intestinas dos partidos, mas onde o commercio accumulava riquezas e o instinto da magnificencia, do luxo e da belleza se desenvolvia livremente, a cathedral era o centro de actividade artistica, em que se reuniam as manifestações da intelligencia collectiva.

Todas as classes concorriam para que ella fosse mais bella, mais opulenta que as dos estados rivaes. Desde os senhores e os burguezes ricos que para a sua construcção doavam parte das fortunas, até aos obreiros pobres que contribuiam, sem salario, com o seu esforço constante, todos a amavam como symbolo triunfal da sua fé, e a veneravam como o brazão sagrado do orgulho da Republica. Todos os actos decisivos da existencia moral e politica alli se celebravam, nas horas de perigo, de lucto, ou de victoria. A cathedral era o coração palpitante da cidade inteira.



A LOBA DE SIENA

Devagar, encantando os olhos na riqueza da architectura harmoniosa, dei a volta á escadaria de marmore que lhe faz pedestal. E emquanto os meus passos echoavam no silencio d'aquelle logar outr'ora tão animado, ia relembrando com emoção o episodio historico que com tão eloquente simplicidade e poesia tocante conta, na sua prosa saborosamente arcaica, um chronista contemporaneo da batalha famosa de Montaperto.

Na vespera «da carnagem e do massacre que tingiram de vermelho o Arbia» como diz Dante, o syndico Buonaguida propoz ao povo que se desse a cidade e o seu territorio, com todos os corpos e bens, á Madona.

«E o sobredito Bounaguida, de cabeça descoberta e pés descalços, em camisa estreme, com a corda ao pescoço, fez tirar as chaves de todas as portas de Siena, e, levando-as nas mãos, com lagrimas e gemidos, se encaminhou para a cathedral, seguido por todo o povo, e entrando n'ella, clamou misericordia. Adiantou-se então o bispo, e todo o povo se pôz de joelhos. O bispo pegou na mão de Buonaguida, e ergueu-o do chão, depois abraçou-o e beijou-o, e todos os cidadãos

fizeram o mesmo, cheios de piedade e d'amor, esquecendo todas as injurias passadas, e Buonaguida deu-os todos á Virgem Maria.» confundiram-se com os da patria; um pregão annunciou a todas as rameiras que d'oravante lhes era vedado usarem o nome

RUA DE SIENA

No dia seguinte, que era o segundo do mez de setembro de 1260, para commemorar a victoria, Siena tornou-se officialmente a Cidade da Virgem; os altares da Madona de Maria. E, pelas ruellas ingremes que vão dar á cathedral, n'esse dia toda engalanada de mil lumes e florida, vibrando do hosana festivo dos carrilhões, as morenas sienezas,

rindo d'orgulho e d'alegria, erguiam os bambinos nos braços para que vissem, entre os despojos dos vencidos, o estandarte do lirio vermelho, arrastado pela poeira e pelo lixo, como um frangalho d'irrisão, atado á cauda d'um burro lazarento.

Da penumbra luminosa, ao passo que os olhos se habituam, resaem as altas columnas listradas de marmore branco e de basalto negro, os capiteis corinthios que as corôam, os bustos dos papas mitrados, esculpidos em terra cota sobre as arcarías, o azul estrel-

A CATEDRAL

Levanto o pezado reposteiro de couro que pende sobre o largo portal esculpido, e entro.

Filtrada pela rosacea que desabrocha ao alto como uma miraculosa rosa mystica, de petalas roxas, purpureas, doiradas, a luz palpitante do sol illumina, n'uma nevoa irreal, as trez naves profundas que se alongam até ao côro.

lado das cupulas, os paineis coloridos dos altares lateraes, — e ao fundo, sob a lua feerica d'outro vitral em que as tintas rutilam em irizamentos chymericos, o altar de bronze e prata, refulgindo sob o chammejar aerio dos lampadarios.

Filigranadas como de marfim, duas columnas gracilissimas sustentam sobre a

grande porta central a tribuna admiravel.

Os beniterios, em cujo marmore um dos discipulos melhores de Jacopo della Quercia esculpiu cachos d'uvas, flôres sylvestres, cupidos e nymphas nuas, evocam as taças onde os vinhos de Salerno espumavam nas festas alegres em que se brindavam os deuses.

Lentamente, avanço.

Os meus pés hesitam antes de calcar os *graffiti* de mosaico que cobrem todo o pavimento, como uma singular galeria de quadros em que os primeiros mestres da escola sieneza representaram, com prodigiosa phantasia e nobres attitudes, figuras e episodios do antigo Testamento e do antigo Paganismo.

Paro um momento deante da capella Chigi que, por traz da grade de ferro floreado, rebrilha na sombra com o mysterioso esplendor d'um thesouro secreto.

Mais adiante, comparo a nobreza hieratica e severa do San João de Donatello á graça contornada e amaneirada da Magdalena de Bernini. Para além do altar dos Piccolomini, onde Miguel Angelo deixou o o seu rastro de semi-deus, os frescos do Pinturicchio, por cima da porta da *Libreria* onde o seu genio se alliou ao de Rafael adolescente para crear tantas figuras de encanto, embriagam-me a retina com o ardor do seu colorido fulvo.

Mas onde sobretudo tenho vontade de me ajoelhar, é deante do pulpito de Nicolo Pizano, reliquia de marmore que para o meu culto vale as mais consagradas pela Egreja — pois marca a resurreição do ideal de belleza que, mesmo durante o pesadelo medieval, nunca deixou de palpitar no coração desta terra, que por tantas afinidades profundas eu reconheço a minha patria espiritual.

V

Fantasmas resplandecentes

Agradecendo a *mezza lira* com um sorriso que lhe illuminou a cabeça gothica e serafica como as de Duccio, o velho sachristão fechou a porta da *libreria* do Domo de Siena.

E, como se entrasse de repente n'outro mundo encantado, fiquei sósinho no meio da multidão silenciosa e resplandecente que parecia fitar-me, do fundo do passado.

Sem a voz enervante d'um cicerone que quebrasse o silencio evocador, nem a ironia d'um espelho que me mostrasse a triste fealdade do meu trajo contemporaneo, podia imaginar-me á vontade, na ficção deliciosamente pueril d'uma meia hora de isolamento, em convivencia com aquelles seres d'outr'ora, identicamente vestido, animado d'uma alma analoga, a conversar com elles sobre bellas coisas nobres e inuteis... Nobres e inuteis, como tudo o que é superior á vida — os contos de fadas, a arte, as utopias dos filosofos e os amores dos poetas.

Alheios ao tempo que em vão se escoou para elles, indifferentes aos tumultos e aos enthusiasmos das gerações que passaram, sem que o seu eco lhes chegasse aos ouvidos e lhes perturbasse o coração, elles tém nas attitudes altivas a serenidade perfeita dos que nasceram para brilhar nos combates e nos torneios, para viver e morrer em belleza.

A luz dourada que entrava pelas janellas altas, fazia rebrilhar os dourados do tecto e os mosaicos azues e amarellos do chão ladrilhado, ao meio do qual se erguem, adoravelmente nuas, e mutiladas como a sua irmã de Milo, as *tres Graças* de marmore que fôram as primeiras musas inspiradoras de Rafael, quando aos vinte annos aqui veio ajudar o Pinturichio, e que Pio IX, durante o seu pontificado, mandou expulsar do Domo como tres desavergonhadas.

Cobrindo inteiramente as paredes, como suntuosas tapeçarias, os dez *frescos* que representam a vida do Papa Pio II, esplendiam com tanta vida e colorido como quando Pinturichio os pintou, já velho e surdo, poucos annos antes de morrer de fome e dôr, abandonado pela mulher que depois de lhe roubar tudo quanto ganhara, fugiu com um amante.

A obra do pintor umbrio, que como a de Perugino, tantos snobs e velhas misses devotas de Ruskin dizem preferir a tudo quanto depois se pintou em Italia, não é certamente das que me dão a emoção total de belleza que sinto diante dos mestres do Renascimento.

PULPITO DE NICOLO PISANO

A composição é ainda parada, um pouco hieratica e sêca, e a expressão de certas figuras tem não sei que de beato, que me é antipatico. Mas, na sua ingenuidade, revela-se o encanto precoce d'essa fase intermedia

TRAJO SIENEZ

da arte e da vida, em que a graça um pouco acanhada da infancia vai transformar-se no vigor pleno da mocidade.

Como em visões vivas, sob o fluido vapor d'oiro que envolve as paisagens minuciosas e as architecturas irreaes, os cortejos parecem mover-se, na sua pompa heraldica, com todo um mundo de figuras desfilando em silencio.

Sobre os cavallos ajaezados, cobertos de xaireis flamejantes, os reis, os senhores e os prelados ostentam a riqueza dos trajes do seculo xv.

Com as gorras vermelhas sobre os cabellos annelados, em gibões cingidos ao tronco, outros, a pé, avançam á beira de rios em que vogam minusculas galeras. E que adoraveis de graça casta e serena, com as tranças de seda loura nimbando-lhes os rostos que emergem dos largos collares de renda encanudados, nos longos vestidos recamados de perolas, constellados de pedrarias, as damas que formam o sequito da infanta Leonor de Portugal!

Com que modestia tão portugueza elia espera o seu noivo, o bello imperador Frederico III de Allemanha, que na praça luminosa se adianta ao seu encontro, todo vestido d'oiro. Como ella baixa os olhos, sem coragem para fitar emfim o que vae ser o senhor da sua vida.

Vinda de tão longe, atravez dos mares cheios de perigos, d'esse remoto Reyno da saudade e da tristeza, onde a tua infancia foi embalada por tantas cantigas de fadas e de lendas da Mourama; crescida na sombra de uma côrte devota, entre o rumor das novenas das velhas aias; encolhida sempre no culto da morte e no temor da vida, pobre flôr de puberdade exilada n'uma cerca de convento; como te deviam parecer chymericos e terriveis estes paizes distantes de belleza, de amor e de peccado que perturbavam teus sonhos de pequena infanta nubil e silenciosa!

A tua vida tanto tempo contida como um lago, n'uma prisão de montes ermos, ia de repente precipitar-se na agitação d'um tumultuoso e largo rio, atravez do mundo.

Na hora derradeira da tua morte, com trinta e seis annos sómente, tão longe do teu paiz do fado e da saudade, terias emfim reconhecido a mentira do passado, e que só a alegria de ter vivido compensa o horror de morrer, oh meiga avó imperial de Carlos V, dominador do mundo?...

Nunca outra imagem me lembrou mais certa doce Portugueza que outr'ora amei, como tu submissa ao supersticioso terror da vida, oh linda Infanta resplandecente! Durante um momento, a sensação d'essa secreta similhança foi tão intensa, como se não fôsses a figura inerte d'um *fresco* pintado ha quatrocentos annos, mas uma creatura real, bem viva no meu passado. E as mesmas palavras que lia sobre teus labios mudos, eram as que decifrara já antes, uma manhã d'estio, nos do retrato de certa morta desconhecida, no cemiterio de Milão: «*Look my face! My name is might have been. I am also called too late, never more, Farwell.*»

De repente, o silencio da sala vasia tornou-se-me tão insuportavel, que foi com o alivio d'uma libertação que ouvi o ruido da chave na porta que se reabria.

E quando saí, seguido pelos longos olhares de toda a multidão silenciosa e resplandecente entre a qual vivera meia hora sósinho, a impressão que levava era a de que alguma coisa alli ficava de mim mesmo — essa parte do nosso ser, que tanto na vida ideal, como na real, nunca mais se recupera!...

JUSTINO DE MONTALVÃO.

Luizinha

Conheci-a ha um anno quando os prados eram floridos e nos trigaes verdejantes as papoulas purpureas, a molarinha com a sua gamma diatonica do branco rosado dos botões de murta, ao vermelho sangrento do rubi, os pampilhos doirados e as alleluias festivas, gritavam ao sol creador uma hossana! de côr exuberante.

— Que linda voz, tio João!

— Parece um rouxinol o diacho da rapariga. Até lhe chamam a Cantadeira. Bella moça! E onde ella chega não ha tristezas; enche ahi os campos e as festas de cantigas e risadas. Tambem é quem dá os dias santos cá nos sitios.

E o tio João, recomeçando a pregar viros nos cortiços destinados aos enxames novos, murmurava com um gesto approvativo, não isento de melancholia:

— Bella moça, sim senhora! Bella moça.

— Onde é que ellas andam, as mondadeiras?

— Além na baixura, da banda de lá do caminho. Mas não vale a pena lá ir.

Derrubou a aba do chapeu e considerando a altura do sol accrescentou:

— Está a cair o meio dia. Não tardam ahi p'ro jantar.

— Boas tardes! Boas tardes! — saudavam joviaes, dobrando a quina.

— Deus vos salve, raparigas.

Entravam no monte e sahiam quasi logo, sentando-se na rua n'um agrupamento pittoresco de rustica mas real poesia e migando sopas trigueiras nas malgas vidradas, repletas de saboroso almece.

Luizinha, n'uma garrulice de ave graciosa espanejando-se ao sol, foi sentar-se no muro que dá para a cêrca.

Muito linda, muito gracil e morena, vejo-a ainda como uma figura singularmente pictural, animando aquelle retalho de paysagem alemtejana. Que a bem da verdade talvez não seja tanto assim; e póde até muito bem sêr que o encanto promane menos da figura e da paysagem, do que do natural amor de quem aprecia cousas familiares, atravez de uma retina deseducada no divorcio prolongado de cousas mais bellas e desconhecidas. Póde muito bem sêr, póde. Mas o que é certo é que eu vejo-a ainda muito linda, muito gracil e morena, como uma figura singularmente pictural que animasse a tela rustica de um grande paysagista.

Foi ha um anno, e lembra-me tudo como se fôra presente. Aqui onde o caminho vira para o monte e o pisar é fôfo por via do *manturo* (1) de enchapotas, já meio consumido, dois palheiros de veio, obras primas da pericia alemtejana, desafiam com as suas coberturas bem impermeaveis, a mais desabrida invernia.

Entrando na rua, á direita o monte, de paredes brancas com poucas janellas «por causa dos ladrões», e nos telhados baixos, uma vegetação pujante de conchelos ou arroz dos telhados; á esquerda um muro de taipa esboroada que os musgos aveludavam

(1) Diz-se assim, ou por outra, o povo diz assim, no Alemtejo.

de ricos cambiantes verdes; mais para cima, um pouco fóra da linha marcada pela casa e mesmo defronte do esbeicelado da parede que as silvas galgam e enredam, ladeado de poiaes onde descançam os taboleiros emquanto se deita o pão, o forno, de bocca negra e guella pardacenta, como se lhe tardasse tragar toda a fartura promettedora da seára verde, da seára infinita, ondulante nos campos limpos, e nas arrotéas dos montados, aos tufos, como rôlos de gaze amarrotada. Acocoradas pela rua, o rancho da monda; o tio João, fazendo os seus cortiços; o Milharuca, um rapazote neto do tio João, assentado no portal da casa, ensaiando entre colherada e colherada, a moda nova, n'uma *flaita* de beiços; e n'uma esteira de luz, entre a casa e o forno, um peru passeando as suas fumaças impertinentes de janota ridiculo.

Luizinha, figura primacial do quadro, ouço-a ainda, muito linda, muito gracil e morena, assentada na parede da cêrca, o busto destacando vivamente do tronco alvejante de uma faina colossal, o chapeu de mondadeira caido ao longo da saia e repuxado para o queixo o lenço que trazia em rebuço, a colher a meio caminho da boca, o olhar cheio de risos e voz argentina:

— O' tio João, que tal de mel este anno?

— Algum, algum, graças a Deus. E do bom. Do melhor: de rosmaninho, alecrim e cardo narciso.

— Pró S. João ha-de dar-me uma canada, sim? D'aquelle mais loirinho, de enxame novo... p'rás argolas do mastro. Não dá?

— Nada. P'ra mostras não dou mel. Agora p'rá frasca da tua funcção, sim. Falla commigo.

— Que funcção? Tenho algum noivo?— gargalhou a gentilissima rapariga. — Sempre o tio João tem cousas... — e continuava a rir gostosamente, mostrando os dentes alvissimos no vermelho sadio da boca maliciosa num contraste mais frisante que coagulos brancos de almece, em malga vermelha de Beringel.

Que lindo que era de vêr a linda mondadeira saciada de uma tarde cheia de cantigas, de risos e adivinhas; narrações de comicas aventuras fradescas, historias de bruxas, contos de fadas, de principes e princezas encantadas!

Que linda! pousada a figura rolıça de pombinha amorosa na meia tinta da campina tranquilla; no rosto moreno o olhar ingenuo de uma ternura commovente; sacho no braço e á cabeça uma grande mólhada de ervas floridas, atirando ao sol moribundo, numa toada melancholica repleta de nostalgias do lar:

Sol divino põe-te, põe-te,
Lá por traz das azinheiras;
Deixa vir a triste noite
Que alegra as trabalhadeiras.

E já ao longe, a sumir-se na penumbra da tarde, o coro a repetir:

Deixa vir a triste noite
Que alegra as trabalhadeiras.

* * *

Andavam no ar, de envolta com um perfume fresco de ribeira, aromas de cravos e halitos quentes de inquietação.

Fechada a noite, tinha começado o baile. E, verdade seja, as primeiras cantigas fragantes de lyrismo, conseguiram reatar nos corações costumadas alegrias de noites de S. João.

A roda seguia sempre, braços entrelaçados e mãos dadas.

Quando voltavam ao *resquebre,* os pares meneavam-se frente a frente, estralejando castanholas por cima das cabeças. Abraçavam-se num volteio á direita e á esquerda e as raparigas seguiam mudando de par.

Dos balões á veneziana caiam claridades veladas que faziam mais mimosos, emergindo das sedas garridas dos lenços caidos no pescoço, os rostos das raparigas — «trigueiros do pó da eira», como diz a cantiga —, e mais escuras as tranças escuras na polychromia dos cravos e nos reflexos das pedras das travessas.

A Luiza entrou no baile e cantou:

O amôr é como as creanças:
Posto de longe, esmorece.
Eu gosto mais da saudade...
Quanto mais longe, mais cresce.

Por sobre as cabeças passou um sopro de tristeza.

E depois do *resquebre,* numa voz vibrante de commoção:

Se os passarinhos vendessem
As pennas que Deus lhes deu,
Tambem eu vendia as minhas;
Penas de mais tenho eu.

Volta de novo a inquietação. E' que na voz purissima da Luiza, ha vibrações estranhas que alarmam as sensibilidades femininas.

Já de tarde succedera o mesmo. Hasteada lá em cima, na *espera* toda florida de cravos, a bandeira com o S. João, e coroada esta com um grande mólho de fitas fluctuantes; suspensas dos tres arcos do *balão* de diametros graduaes, as pepias de especie, os peros e as ameixas, os rapazes arvoraram o mastro todo verde de folhagens e juncos.

Mettia uma vista, a grimpa flamante por sobre os outros mais pequenos — quatro — sem *espera* nem *balão* mas egualmente revestidos e ligados entre si por cordas de verdura. Presa a cada qual uma das quatro cordas caidas desde a *espera,* um pouco bambas como correntes de lustre de que os pingentes fossem balões venezianos, os rapazes, no gesto de quem orvalha com a mão, espalhavam no ar ondas de perfume, e no chão tapetes fartos de juncos e mentrastos.

Sobraçados adufes e pandêretas, as raparigas, para festejarem o mastro, puseram-se a andar em volta num passo solemne de cadencia quasi hieratica, entoando o S. João. Acompanhavam-se nas pandêretas e adufes.

Uma voz ergue-se e o côro secunda-a:

Esta rua cheira a cravos,
Cheira a cravos que rescende;
E' a capa do Baptista
Que á porta do ceu se estende.

Bisando os versos dois a dois, o acompanhamento mais nitido a frisar o estribilho

E ora viva! Ora viva!
Viva o Baptista! E viva!

vae cada qual perguntando-se: — Que terá hoje a Luiza? E' que ella que teve sempre no olhar ingenuo uma ternura commovente, não consegue apagar-lhe o brilho febril que o mina então. E toda a alegria doida da tarde não basta a mergulhar no segredo da sua alma, o desasocego que lhe sobe na voz.

— Que terá hoje a Luiza?! Com certeza que não é lá do Manoel Matheus ter estado ausente... que ella bem sabe: foi elle quem tomou de empreitada a seara do Valle de***. Verdade seja que os ceifeiros acabaram a empreitada antes do meio dia e até agora ainda ninguem o viu cá por cima, pelo Castello. Mas emfim, isso nem chega a sêr razão. Porque a fallar com franqueza, elles têm tido arrufos muita vez e nunca ninguem a viu assim.

Conjecturas!...

Mas a inquietação crescia sempre. A Luiza ria, cantava, mas não illudia ninguem. Tinha no aspecto e na voz um não sei quê de estranho... qualquer cousa de confrangedor, como o rir de um delirante de que a morte guardasse a cabeceira.

Ah! que se alguem podesse lêr a enorme desventura da sua alma de que um tenue vislumbre de esperança lhe não deixava medir ainda a cruel extensão!... Por isso ella não tinha socego; por isso ella cantava, ria, bailava; para disfarçar, para se aturdir, para esquecer. Ah! que se alguem soubesse como ella soffria! Que tortura! que suplicio, meu Deus! tentar recompor a mascara da felicidade com pedaços de ventura perdida, com desalentos de alma despedaçada.

A noite avançava sempre e a cada hora que passava, passavam celeres na aza do desespero, os ultimos atomos de esperança.

Cresciam os presentimentos tristes como os rolos pesados do fumo das fogueiras; os presa-

gios saturavam a sua crença supersticiosa de creatura simples, como o perfume da macella e do alecrim queimados saturava a atmosphera limpida da noite.

Uma coincidencia fortuita avolumou esses presentimentos tristes. Caiam, badaladas lentamente as dez, quando uma voz de mulher clama incitante e apressurada:

— Vá moços! vá moças! Façam brio que ahi vem um rancho de S. Luiz visitar o mastro! Alarguem essa roda!... Façam brio!

Quando os rapazes que vinham á frente, entraram na zona illuminada, vinha a Luiza a transpôr o portal da tia Eufrasia. Trazia na bocca uma bochecha d'agua com o poder d'augurio tirado da sua passagem pelas fogueiras de hervas aromaticas que n'uma parte da noite o povo queima em homenagem inconsciente á natureza, e de tres credos recitados atraz de tres portas successivas. Quando os seus olhos avistaram o Manoel, ella que esperava anciada que o primeiro nome de homem proferido em voz alta, fôsse esse nome adorado, ouviu a Maria Annica do Castello, para o filho que com outros retoiçava na junça:

— O' *Jerolmo!*... Ah! filho do diabo! esfatajando os trapinhos! Tu não ouves *Jerolmo?*... Deixa estar que eu já t'arranjo.

Foi como se ouvisse lêr a sua sentença de morte e foi realmente com a morte no coração que ella entrou apressadamente no baile, para saber a confirmação d'essa sentença cruel.

Eu não sei se já morreu,
Ou se ainda existirá,
Um amor que já foi meu;
Hoje, não sei de quem será.

E com a esperança suprema de fazer reviver aquelle amor de outros tempos, foi-lhe lembrando n'uma evocação commovida de toda a ventura passada, os juramentos de eterno amor, as palavras ternas, todo o tecido de ardis com que elle conseguira captival-a. E n'uma doce censura: Que até as flôres do campo choram o seu abandono, a sua solidão d'amor e que só elle parecia não sentir os rigores de uma separação de tantos dias, as saudades que ella mal podia represar no coração.

O Manoel, esse, nem abria bocca. Mas toda a sua attitude era profundamente desdenhosa. Chapeu á banda, no pescoço lenço de seda amarella atado á Messejana, grande cravo rubro, entalado na orelha esquerda; na bocca, de labios apertados, o cigarro pendente; cabeça alta, os olhos semicerrados, marcando os passos com ligeiras pancadinhas no solo.

Quando as evoluções do baile lh'o permittiam olhava demoradamente um grupo de moças sentadas na rua em cadeiras baixas. Ao principio, sempre os seus olhos encontravam attentos, uns olhos negros que o seguiam com amor. Mas ao depois, quando esses olhos começaram a desviar-se n'um movimento de amuo, o Manoel mudou de tactica. Num gesto de presumpção e desafio, desandou o chapeu para traz deixando a descoberto a melena preta, fortemente retinta, fitou os olhos que o enfeitiçavam e cantou-lhes:

Estás de fóra mas — não bailas?
— Qual é o teu superior?
Anda d'ahi, vem bailar
Que aqui anda o teu amor.

Surtiu effeito o convite.

Duas das raparigas depois de cochicharem qualquer cousa, levantaram-se, convidaram dois rapazes para par e entraram na roda mal o *resquebre* findava. E então o Manoel, alegremente:

Ora viva p'ra que viva
Quem agora aqui chegou;
Estava para me ir embora,
E agora já me não vou.

E a Luiza, n'uma voz que fazia pena:

Quero cantar, mas não posso,
Falta-me a respiração;
Falta-me a luz dos teus olhos
Amor do meu coração.

Entretanto o Manoel passava pares subrepticiamente e com este estratagema quando lhe veiu nova vez de cantar, viu-se ao lado da Alexandrina.

Lindos olhos tem meu par
Inda agora eu reparei;
Se reparasse mais cedo,
Não amava a quem amei.

E logo a seguir:

Se me amas, dá-m'o a ver,
Quero amar teu lindo rosto;
Tenho quem me queira bem
Mas só tu és de meu gosto.

A Alexandrina era realmente uma trigueira gentil, alta e magra, de grenha crespa e abundante: a cabeça sempre inclinada n'um geito dengue que lhe fazia os olhos de velludo.

Ajuntava a isto tudo o valioso predicado de vir um dia a partilhar com mais quatro ou cinco irmãos, uma cêrca com oliveiras, uma morada de casas e um bello arranjo caseiro: grandes saccas de empreita bem atochadas de trigo — o pae e os irmãos são seareiros —; nas arcas de castanho bem reluzentes de uso e de asseio, boas teias de linho; e muitos troixeis de casa; — sobretudo, uma rica taboa de arame.

Era com effeito uma rapariga gentil, a Alexandrina. Mas certa agora de sêr a preferida e com muita presumpção debaixo das suas falas e maneiras melifluas, não se conteve que não jogasse sua alfinetada ao pobre coração mortificado da rival:

Amigas todas nós somos
Da nossa conveniencia:
Apanhei-te o teu amor...
Amiga, tem paciencia.

E poz na physionomia e na voz uma tão descommedida expressão de vaidade satisfeita, de triumpho motejador, que escandalisou a assistencia.

A Luiza sentiu um repelão de colera e de ciume, e sem desmerecer da sua fama de cantadeira nunca desbancada, atirou-lhe esta com o maior despreso:

Se a morte fosse interesseira,
— Ai de nós o que seria?
O rico comprava a vida,
E o pobre é que jazia.

Sentiu-se bem ferido o Manoel; e tanto mais que a Alexandrina tirou-se do baile bruscamente. Sentia sobretudo — é que a Luiza era realmente estimada — sentia sobretudo uma pronunciada hostilidade ambiente que lhe espicaçava a vaidade de macho orgulhoso.

O' rosa nunca consintas
Que o cravo te ponha a mão;
Que uma rosa enxovalhada,
Já não tem acceitação.

Ah! a pobre Luiza! Fez-se mais alva... mais alva... que uma bretanha lavada. E tremia, a desgraçada creança, tremia como se o frio da morte a sacudisse. E antes isso, antes a morte do que a inaudita tortura de ouvir taes palavras, que lhe caiam como pingos de chumbo candente no coração ulcerado.

Antes isso, antes a morte, do que sentir na face a torpeza sem nome d'aquella bofetada sem mão. E depois, deante d'aquelle auditorio todo!... Nem só os da sua egualha... Todas as senhoras finas da terra, em cadeiras ao longo das paredes; e o doutor juiz; e o doutor delegado; e os rapazes da terra que andam nos estudos...

Minha rival venturosa
Tens a dita de vencer.
Eu vou-m'a deixar d'amores,
Que a paixão me faz morrer.

Não poude mais. Os ultimos dois versos despedaçaram-se-lhe na garganta. E fugiu como louca, afogando no lenço a rebeldia dos soluços.

— Ahi vem a *alvorada*, lá debaixo! Ahi vem a *alvorada!*

Desarmou-se o baile num prompto. Cada rapariga desabelhou para seu lado a procurar adufes e pandêretas nas casas da visinhança.

— Eh! Luiza, anda d'ahi mulher! Anda d'ahi!

— Ora sempre tu és muito parva.

— Não te apaixones, mulher! Deixa lá...

A Luiza continuava immovel, a cabeça escondida entre os braços; percebia-se que chorava pelo sacudir dos hombros.

E a ajudar as raparigas que insistiam carinhosamente, a tia Eufrasia com a sua philosophia commodista de velha para quem a vida já não guarda illusões:

— Então não querem lá ver!... Nem que te faltasse segunda vez tua mãe! Deixate lá d'isso, rapariga. E olha a grande cousa... *Percas* d'alguidar: quebra-se um, *pranta-se* outro no seu logar. — E cada vez mais persuasiva: — E olha que a mocidade é só uma, e foge... que tem sete pés.

E ella a soluçar baixinho:

— Que desgraça, que desgraça a minha!

— Anda d'ahi, Luiza. Anda d'ahi! — tornavam as raparigas sem a desamparar-em.

Como se uma resolução subita a impelisse, levantou-se de chofre limpando as lagrimas, e tomando o adufe, correu para a porta numa pressa tão grande que dir-se-ia tomá-la todo o receio de arrepender-se.

Ah! e como ella cantou n'aquella madrugada!... Todas as formosas letras que falam de desventura, de tristeza, de apartamento, de morte, de adeus á mocidade. Quando, os rouxinoes da Alameda, soltaram mais melodiosos accentos, mais doloridas endeixas, no silencio do campo adormecido? A sua voz subia, subia... tão alto... tão alto... tão pura no ar diaphano da madrugada, como um anceio de infinito. Que lembre, nunca o S. João teve um alvorecer tão bello. Nunca halito mais leve de madrugada, bafejou assim um azul de ceu de tão infinita doçura; nunca a excelsa fada soltou do regaço ethereo, mais brandas auras, mais subtis perfumes, cicíos mais suaves a acordar a natureza.

A multidão, depois de dar volta á villa, festejando as igrejas, enchia agora a rua da Cadeia. A' frente, os homens com dois clarinetes e dois instrumentos de pistons; seguidamente, as mulheres com adufes e pandêretas, fechando o cortejo as que já são mães e as que já são avós. Toda a velha guarda: — a Maria Alvina, a Candida, a Rita, a Gertrudes, a Carolina, a Adelaide Rosa, a Sodré... — todas as que cantam ainda «como estas moças d'agora não sabem cantar».

Os presos lá estavam, pobres d'elles, a cabeça e os braços enfiados pelas grades, como crucificados expiando destinos tragicos.

A Luiza então elevando na voz a bondade innata do seu coração compassivo:

Não desprezes quem está preso
Que é falta d'humanidade;
Que talvez ainda chegues
A perder a liberdade.

E o côro, um côro portentoso de trezenas ou quatrocentas vozes, afinado nas grandes vibrações da alma popular, parecia romper os ares, chegando aos ceus a clamar a sua piedade.

Quando a *alvorada* entrou no adro da Senhora d'Assumpção, vinha o sol a emergir esplendente das petalas perfumadas do seu banho de sybarita.

Depois foi uma debandada. Formavam-se grupos e ouvia-se clamar:

— Vamos á fructa! Vamo-nos lavar ás hortas!

E lá fôram; uns para aqui, outros para acolá, n'uma abalada chalreante de aves descuidosas.

Alli ao Paço, a Luiza quedou-se hesitante, o lenço entre as mãos, prompto a lançal-o á cabeça.

— Parecia a Senhora da Soledade quando vae entregar o santo sudario ao padre, no sermão da Paixão — diziam depois as raparigas.

N'um olhar, abraçou a villa e o horisonte vasto do poente. E outra vez resoluta, abalou calçada abaixo, a alcançar as outras, o lenço ao hombro, como uma aza ferida batendo o ar.

* * *

Lá em baixo na horta ia uma alegria doida. A agua borbotava scintillante em volta do boeiro. Depois, emquanto as gargalhas retiniam pelo espaço azul como percussões metalicas em timbre de cristal, deslisava em dobras ao longo das mestras com depressões minusculas, como covas miudas em mãos gracis de creança e cantando no lavor aos vegetaes enlanguescidos a canção fagueira da frescura matinal.

O sol já alto, tudo resumava uma nota alacre de bem estar: o pomar e o verde baço das leguminosas; nos alegretes, os cravos brancos, roxos, côr de sangue de boi, amarellos, mal-feridos; os mangericos, em tufos symetricos irrompendo ao alto, e em volta dos beloitos caiados; cercando o tanque, humildes e fragrantes, a malva-cheirosa, o cidrão, a mangerona, a erva cidreira; as grandes copas rescendentes das nogueiras; o verde tenro dos pepinos, boiando no tanque; nas margens do lavor, os girasoes e as dhalias, as canarias e os melindres; e até no alto da nora, na sombra amiga da latada, o telintar monotono do cho-

calho do machinho. Tudo, tudo resumava uma alegria e uma placidez bemditas.

De subito, gritos aterrados de creança, fazem parar os corações n'um sobresalto.

Ah! foi um ai. Um baque surdo no pego; os patos assustados, galgando as ribas; e nos grandes choupos hirtos, e nostalgicos sempre das alturas inaccessiveis, um debandar de passaros e um fremito da folhagem. Um corpo mergulha e fluctua; e debruçadas nas barreiras ha mascaras vivas de anciedade.

— Estará viva?

Trouxeram-na para fóra a custo. Valeu-lhe o pego ter pouca agua, em virtude da estiagem.

— Estará viva?...

Pousaram-na inanimada sobre uma manta e quatro homens, erguendo-a pelos cantos, caminharam apressados para a villa.

As mulheres verberavam acerbamente o «causador d'esta desgraça», affirmando convictas a presciencia que todas tiveram do facto.

A meia encosta já se divisavam, lá em cima no Castello, vultos prevenidos investigando os caminhos ladeirentos.

Quando chegaram já a triste noticia tinha feito o giro á villa; e foi um trabalho que teve o facultativo para desalojar o quarto em que a depuzeram ainda e sempre inanimada, das visinhas obsequiosas e dos prantos em altos gritos dos parentes mais chegados.

Quando o velho Francisco Estafeta, o pobre pae, veio a casa e soube, mas tudo — toda a incommensuravel desdita d'aquella filha, seu unico enlevo e seu unico affecto, teve uma colera terrivel. Toda a sua natureza de homem honrado irrompeu desvairada de dôr e de vergonha, em phrases crueis de maldição.

Fazia medo. Louco, apopletico, fuzilando ascuas pelos olhos sem vista, triturando ameaças nos punhos de athleta pacifico, cuspinhando, atropelando palavras de vingança.

Mas depois, quando após uma lucta porfiada de muitas horas a soube reanimada para a ver cair immediatamente num delirio exaustivo que a teve muitos dias ás portas da morte, todo o orgulho, todo o resentimento do seu coração ferido se desfizeram em lagrimas de perdão e em preces vehementes á Virgem Maria, Mãe santissima, para que lhe salvasse aquella filha, unico refugio do seu affecto de viuvo e pae.

Comtudo, o pobre velho andava acabrunhado e não podia impedir-se de dizer muitas vezes, abanando a cabeça com tristeza:

—Ai, tia Frasia, tia Frasia! para que um pae cria uma filha!... P'ra receber uma bofetada d'estas.

E a tia Eufrasia, uma velhinha magra e resequida, de uma incrivel resistencia ás dores e ao trabalho, de um caracter alegre e compassivo que a faz certa onde alguem soffra, que a faz desejada com o seu reportorio de casos comicos e os seus ditos engraçados de velha maliciosa, nos trabalhos do campo e nos soalheiros; e pelas noites calidas de verão nos grupos palrantes que tomam o fresco pelas portas; acudia logo:

— Deixe lá, homem. Pois que lhe ha-de você fazer!... Ninguem foge á sorte que Deus lhe deu. Quando ella caiu aos pés da mãe, foi logo para ser desgraçada.

— Lá isso é verdade, tia Frasia. Lá isso é verdade. Quem tem de morrer em palheiro, não lhe erra a porta.

E os dois velhos escondiam assim a bondade innata dos seus corações lavados, em phrases corriqueiras de uma philosophia fatalista.

* * *

Ah! Luizinha, Luizinha! que fizeste da tua mocidade florida?!

Vi-a hontem á tarde, assentada entre as portas d'aquella casinha branca, a ultima, lá em cima no Castello. Pendia-lhe dos hombros como um sudario da sua mocidade perdida uma primavera de um roxo desbotado de saudade do campo; a que outr'ora nas festas e romarias, punha nos seus hombros a nota encantadora dos maios nas beiras dos caminhos. Embalava nos braços uma creança, e a sua voz de cadencias dolentes, entoava numa cantilena triste aquelles sentidos versos da quadra popular:

Quem tem filhos pequeninos
Ha-de por força cantar;
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar.

E ficou-se quêda, o olhar perdido na tristeza do poente.

O verde das seáras desvanecia ; uma tinta ligeira azulava os montados e os relevos da serrania longinqua ; a espaços, perfumes inebriantes evolavam-se dos favaes em flôr. No poente, o sol deixara o poema dolorido da sua lenta agonia. Toda uma extensa gamma de roxo, do roxo maguado das flôres do campo, a que o povo liga sempre uma ideia de saudade, de desprezo, de paixão, de soffrimento, emfim, inflorava o horizonte.

A pobresinha, relia alli horas agonicas da sua vida e visionava amarguras do futuro.

Os braços afrouxaram a creança n'um abandono lasso, e dos olhos ingenuos e tristes, de uma tristeza commovente, uma lagrima desceu silenciosa.

— Porque choras, Luizinha?! Pois não sentes ahi no peito o bater suave do teu coração de mãe!...

— Ah! sim. Tens razão, pobre creança abandonada. Um filho e o desprezo da sociedade é demasiado fardo para uns braços frageis de mulher.

Ah! é demasiado peso!...

Oh! Luizinha, Luizinha! o que fizeste da tua mocidade florida!...

CLARA DÁSI.

Uma lição de um grande mestre

PADEREWSKY: quem não conhece este nome? A sua fama abraçou o universo; e como Simónide accrescentou uma corda á lira, póde dizêr-se que Paderewsky enriqueceu o piano de novos effeitos admiraveis. Grandes modificações soffreu, na verdade, a maneira de tocar piano nos nossos tempos, prestando-se o instrumento a uma liberdade de technica cada vêz maior, — liberdade que, começando com Czerny e progredindo com Liszt e Rubinstein, chegou ao apogeu com Paderewsky.

Magnetico, irresistivel, Paderewsky, entre os americanos, dá a idéa do maximo que na arte do pianista se pode attingir. Não admira pois que os seus dedos lhe dêem um rendimento de mais de noventa contos por anno, e que uma digressão artistica de cinco mêzes pela America produzisse um total de cento e trinta contos. Em muitas capitaes o enthusiasmo dos seus concertos é espantoso; nenhum outro pianista domina como elle o público.

Ignacio Paderewsky nasceu na Podolia em 1861. Aos dôze annos começou a tomar lições em Varzovia; após três annos de estudo no Conservatorio d'esta cidade foi nomeado seu professôr, e aos vinte e tres d'idade era professôr de composição no Conservatorio de Strasburgo. Em 1899 começou, depois de três annos de estudo em Vienna, a sua extraordinaria carreira de pianista. Desde então fez extensas excursões na America, Australia, Nova Zelandia, sempre com o mesmo espantoso exito, e visitou e tocou em todos os paizes da Europa.

Construiu para si duas vivendas: uma é o *Chateau* Riond-Bosson, em Morges, na margem norte do lago Leman, e a outra é a grande propriedade de Kosna, não longe de Tarnov, na Polonia.

Riond-Bosson é uma construcção de tijolo vermelho, meio *villa*, meio *castello*, quasi inteiramente coberta de trepadeiras e glicinias, que se espalham pelos balcões nos andares da construcção. Quem o não visitou

não pode avaliar o que seja esse asilo delicioso com que um artista se entrincheirou, qual uma barreira, contra as dolorosas realidades do mundo. O lago de Genebra, na sua maior amplidão, estende as aguas azues até umas bôas oito milhas do desmantelado castello de Morges.

O enorme salão abre para um campo de relva avelludado: e é ali uma profusão de pinturas, miniaturas, raridades de *bric-a-brac*, que reis e imperadôres escolheriam para os seus thesouros. Pelas janellas abertas gosa-se uma atmosfera de repouso indiscriptivel, e entra o chilrear dos passaros, a fragrância das rosas, o marulho das cascatas...

A' porta de Riond-Bosson faz a guarda um monstruoso S. Bernardo, como a querêr conservar o seu dono longe das preoccupações do universo exteriôr: comtudo, aprendeu a conhecêr o correio, que diariamente lhe vem trazer cartas, pedidos de autógrafos de todas as partes do mundo, desde Londres a Buenos-Ayres e de Nova-York a Sydney. A estas cartas Paderewsky responde sempre, porque faz preço aos seus autógrafos, afim de que o producto seja addicionado ao fundo destinado á erecção de uma estátua a Chopin em Varzóvia. Assim, fixa cinco francos para uma assignatura ordinária, dez francos para algumas notas de musica original, e vinte francos para um retrato com assignatura.

A todas as horas do dia e da noite Paderewsky toca piano. A sua apaixonada dedicação á sua arte é para elle a cousa mais sagrada.

«Nunca descuido o meu exercicio diario», confessa elle, «por muito difficil e fatigante que ás vêzes me seja. Tenho sempre os dêdos e as mãos perfeitamente azeitados; as mãos e os pulsos são diariamente sujeitos á maçagem. Dou-me muito bem com o processo de mergulhar as mãos em agua muito quente por algum tempo immediatamente antes de qualquer concerto. Talvez o piano me arrebate demais algumas vêzes. Tenho gasto noites inteiras com uma sonata de Beethoven. Um dia retirar-me-ei do trabalho dos concertos para me dedicar completamente á composição.»

PADEREWSKY

As nossas leitoras pianistas acharão especial interesse á seguinte

Exposição de Paderewsky sobre a melhor maneira de estudar piano

Condições fundamentaes

«O primeiro requisito para se podêr sêr um pianista realmente bom é o talento. Sem duvida, tendo bôa escola, qualquer pessôa de aptidões de trabalho e com applicação, póde

aprendêr a tocar: mas só com isso não tocará como um artista, não tocará artisticamente. Quasi todos teem talento para alguma cousa, e a difficuldade está em descobrir qual o talento com que se nasceu, depois em cultivá-lo com preserverança e desenvolvê-lo sistematicamente. Se o vosso talento não é o da musica, o melhor é procurar qual elle será. Assim poupareis dinheiro, e tempo (mais precioso ainda porque não póde sêr recuperado), dirigireis a vossa vida por melhor caminho e augmentar-lheeis a utilidade.

PADEREWSKY AO PIANO
Gravura mostrando a posição correcta

Porém não se deve confundir a falta de energia ou inclinação para o trabalho com a falta de talento. Muitos com talento são demasiado preguiçosos para conseguir alguma cousa. Esses taes nunca teriam exito em qualquer arte, seja qual fôr a sua aptidão. Para tal defeito não ha desculpa: todos pódem desenvolvêr energia.

A primeira qualidade para quem estuda piano é têr o dom musical innato, e, para o cultivar, a energia para o trabalho persistente. Depois vem a condição capital de um bom professôr; nisto a responsabilidade da escolha fica aos paes, cuja indifferença ou imprevidencia póde fazêr naufragar as melhores aptidões.

Para que se progrida no estudo do piano, é preciso um trabalho persistente, e que se observem as indicações metodicamente apresentadas pelo professôr, durante um determinado numero de horas todos os dias consagradas a esse exercicio. Este numero depende do futuro que o estudante tem em mira. Se pretende sêr um profissional, quatro horas por dia deve dedicar ao estudo; se quer tocar como simples amadôr, duas horas bastam. Em ambos os casos não deverá exercitar-se de cada vêz a seguir menos do que uma hora.

O erro mais geral, não só nas raparigas, mas mesmo em profissionaes, é o sentarem-se ao piano como passatempo em logar de trabalhar seriamente. Não ha instrumento que offereça tantas tentações para esses descaminhos como o piano. Em vêz de considerar o seu estudo como muito serio, tantos ha que cáem na pecha de o considerarem um divertimento, gastando as horas em saltitar ociosamente de umas peças para as outras. Este tempo malbaratado produz umas tinturas superficiaes e uma certa fluência defeituosa, de nenhum prestimo quando se queira entrar na verdadeira applicação.

As cousas que constituem a technica

No piano o factor fundamental é a technica, mas esta palavra *technica* inclue em si muita cousa: não só a dextreza, como muitos erradamente cuidam, mas tambem o *toucher*, a precisão rithmica e o uso do pedal.

Considero meu devêr insistir em que intendo que a verdadeira technica comprehende tudo isso. Ha bons artistas que teem sómente um ou dois dos factôres que indiquei. Pódem assim têr facilidade e um certo brilho, mas não o rithmo, e não o conhecimento do emprego dos pedaes.

Nesta classe seria facil achar muito bons artistas cujo dominio imperfeito de tudo aquillo que constitue a technica confirmaria o que acabo de dizêr. Ainda alguns teem essas condições, mas não a bôa qualidade

de som. A verdadeira technica não se perfaz com um ou mais dos seus factôres necessarios, mas deve comprehendêl-os a todos, — e cada um demanda o seu treno especial e o seu estudo: — dextreza, rithmo, correcto uso do pedal e som.

Falando pois do piano, do que primeiro se deve tratar é d'estes factôres da technica, e da maneira de os adquirir.

Como adquirir a dextreza nos dedos

O tempo a dedicar diariamente á agilidade dos dedos depende do grau de desenvolvimento technico em que está o estudante. Para os que teem os dedos já preparados é naturalmente necessario menos tempo, devendo reservar mais para o estudo das peças. Mas, seja qual fôr o estado de progresso que o estudante tenha attingido, é indispensavel uma hora diaria para este ramo da technica.

Primeiro, começar o estudo de cada dia pelos exercicios dos cinco dedos e as escalas. Tocal-as lentamente, muito *ligadas*, com um ataque profundo, dando particular attenção nas escalas á passagem do pollegar debaixo da mão e da mão sobre o pollegar. O real segredo do tocar as escalas com brilho e rapidez está nesta passagem prompta e segura do pollegar e da mão, e com ella muitas difficuldades se pódem evitar.

A posição da mão aqui é de grande importancia. Ao tocar a escala ascendente com a mão direita e a descendente com a esquerda, a parte da mão do lado do pollegar deve conservar-se sensivelmente mais alta do que a parte correspondente ao dedo minimo. Assim, levantando a parte interior da mão a seguir ao pollegar, e descaindo a parte exterior junto ao minimo, fica ao pollegar mais espaço para poder passar debaixo dos outros dedos sem difficuldade.

Na escala descendente com a mão direita e na ascendente com a esquerda, a posição da mão deve sêr invertida, isto é: conservá-la mais baixa do lado do pollegar, e mais alta para o lado do minimo. Cumprindo este preceito estar-se-á melhor preparado para a passagem dos dedos sobre o pollegar, e têr-se-á, como no caso da primeira posição mencionada, uma menor distancia a percorrêr para ferir a nota.

Estas posições da mão são de extrema importancia, não só para as escalas, mas tambem para adquirir fluencia nos arpejos, e nas passagens de todo o genero.

Os dedos grossos prestam-se mais ao "toucher"

Em muitos a qualidade do som é innata, e deriva de um senso espontâneo da belleza musical. Depende tambem em grande parte da estructura das mãos e dos dedos. As pessôas de dedos grossos teem menos difficuldade em adquirir um bom *toucher*. Outros terão de trabalhar muito debaixo de uma bôa direcção antes de aquirir o mesmo bello som. Neste caso é da maior importancia o praticar em passagens lentas, profundando cada nota e sem levantar muito os dedos. Ao mesmo tempo, deve ouvir-se bem cada som, fazendo por que o ouvido os distinga. A posição da mão nos exercicios depende da sua constituição, e requer portanto tratamento individual. Por exemplo, a mão forte com os dedos grossos deve manter-se direita com os nós dos dedos baixos, e a mão fraca com dedos longos deve conservar-se com as costas arqueadas e os nós levantados.

ENTRADA DE RIOND-BOSSON

E' um grande defeito, muito vulgar não sómente em amadôres mas ainda em profissionaes, o dobrar a primeira articulação do dedo, junto do sitio que fere a tecla. Essa posição do dedo, com a ponta prolongada, torna impossivel o adquirir um bom som.

Tanto os estudantes como os professôres devem dedicar especial attenção a este quebrar da falangêta: é difficuldade que tem de ficar resolvida logo de principio. Direi mais ainda: os que teem esse defeito devem abandonar o piano se se não sentirem com energia sufficiente para se corrigirem.

Um bom *legato* consegue-se de duas maneiras: pela cuidadosa dedilhação, e pelo uso do pedal. No primeiro caso a rápida e cuidadosa passagem do pollegar debaixo dos dedos é o verdadeiro factôr prático, devendo estudar-se sempre devagar, profundando a nota, e observando meticulosamente a ligação de uma nota á outra. No segundo caso, o objectivo será o uso judicioso do pedal.

O uso do pedal

Como aviso aos amadôres, direi que é um erro recear o uso do pedal quando se tocam escalas. Em escalas rápidas, o pedal póde sêr empregado com muita efficiencia para obter brilho e colorido, mas só sob certa regra: usá-lo nas notas menos importantes (isto é, na parte central das escalas) e nunca nas importantes ou finaes.

Por este meio se dará colorido ás notas rápidas e passageiras, e depois, alliviando o pedal, as notas finaes e importantes resultam com dobrado valôr, claras, firmes, efficazes.

Têr-se-ia de escrevêr um volume para dizêr tudo que a dizêr ha sobre o pedal, mas as duas seguintes observações são os principios fundamentaes do seu uso, e requerem uma applicação cuidadosissima. Levantar o pedal a cada mudança de harmonia; ao tocar as notas mais baixas do téclado deve-se ainda mudar mais frequentemente, por causa das vibrações lentas e da profundidade do som nesta parte do instrumento.

A maneira de conservar o pulso deve sêr individual, conforme as necessidades do discipulo, e indicada pelo professôr. Alguns tocam as oitavas rápidas e as passagens *staccati* collocando o pulso muito alto, ao passo que outros empregam o método exactamente contrário.

A facilidade em tocar oitavas não é questão de força, e bastantes artistas de pouca força conseguem-nas muito rápidas.

A posição ao piano

Uma das cousas mais importantes é o á vontade, a posição completamente natural, a absoluta ausencia de rigidêz. Antes de principiar o estudo da technica, o professôr deve cuidar da attitude natural do discipulo. Nunca será demasiada a attenção contra os movimentos e attitudes nervosas. Muitos profissionaes deveriam mesmo estudar diante de um espelho: o effeito da melhor execução é estragado pelas caretas e movimentos inquietos do côrpo.

Muitos teem a mania e o preconceito de fazêr sentimento por meio de frequentes *ritardandi* e longas pausas em notas simples. Chamarei a este ultra-sentimentalismo simplesmente desprezo do rithmo. O unico meio de evitar este mal é respeitar quanto possivel o rithmo e o andamento. Nada se ganha com essas affectações senão contrariar as idéas do compositôr.

Entra no mesmo capitulo o exagêro do *rubato*, tão deploravelmente frequente na interpretação de Chopin: ainda a mesma erronea pretenção de accrescentar sentimento e caracter. E ainda o mesmo remedio que já disse: respeitar severamente o rithmo e o andamento.

Tenho crença na disciplina. Emquanto um estudante recebe os conselhos de um professôr deve seguir á risca a sua direcção. Quem insiste na sua propria interpretação não deve têr professôr: e se é obedecido, quem perde é o prôprio discipulo. Um professôr, mesmo de pouca reputação, representa sempre um sistema, e é da maxima importancia que haja um sistema em qualquer especie de trabalho.

Recommendação de estudos technicos

Os estudos technicos que recommendo são opus 740 de Czerny, e *Gradus ad Parnassum* de Clementi, edição Tausig. Czerny é pura technica, Clementi extensivo e brilhante. Estes, juntos a quaesquer exercicios especiaes de dedos pelo professôr, graduados segundo as necessidades individuaes do discipulo, serão o sufficiente por um tempo consideravel, pelo que respeita aos estudos puramente technicos. A seguir, o *Clavecin bien tempéré* de Bach, indispen-

savel para graduar a independencia dos dedos e obter o som, e em tempo competente os estudos de Chopin.

Só tocando as escalas com forte accentuação e o mais devagar possivel, se adquire a precisão e independencia dos dedos. Primeiro tocar toda a escala accentuando as notas conforme o rithmo natural. Depois ir fazendo cair a accentuação sobre as notas fracas em vez das fortes, tocando a escala com accentuação nas segundas, a seguir nas terceiras, e depois nas quartas notas. Isto dá absoluto dominio nos dedos, e é o unico processo de o obtêr.

Algumas bôas composições para piano

O piano é tão rico em litteratura para estudo em cada grau de adiantamento, que seria necessário um livro inteiro para dar uma lista de todas as obras que se apresentam á selecção. Um catalogo parcial redundaria em desprezar um grande numero de trabalhos igualmente dignos de menção.

Limitar-me-ei a nomear alguns compositôres que, sendo vantajosos para o estudante no decurso do seu estudo, andam comtudo esquecidos. Antes de todos aconselharei Mozart porque, com o nosso moderno nervoso e excitação, torna-se difficil tocar com calma e simplicidade, — qualidades estas que são requeridas por Mozart.

Dos mais velhos compositôres abandonados um dos maiores é Mendelssohn, cujas *Romances sans paroles* são tão admiraveis para adquirir a qualidade do som cantante, e cujo estilo para piano é do melhor. Para o brilhantismo da technica aconselharia Weber.

Para pianistas adiantados recommendaria o tocar Moszkowsky entre os compositôres modernos. As suas composições, sob o ponto de vista pianistico e pedagogico são perfeitas, e é minha convicção de que difficilmente se poderá imaginar um mais perfeito *clavier satz* do que o que nos dá Moszkowsky.

CHATEAU DE RIOND-BOSSON

Mysticismo christão

Triloquio do Calvario

EXEGÈSE DO SYMBOLO

O Triloquio do Calvario é, talvez, a interpretação integral do Evangelho, cujas theorias philosophicas e moraes conflagram com os ideaes de todos os seculos. Christo, — esse delicioso utopista, — encarnou a Fé e a Esperança n'um Deus desconhecido que allia, dogmaticamente, a Bondade, que é o Perdão, á Justiça, que é o castigo inexoravel, a vingança, — polo opposto do Crime...

Apertado entre a Descrença, — o Mau Ladrão, — que zomba cynicamente, e a Duvida, — o Bom Ladrão, — que pergunta se o soffrimento póde santificar e remir, Christo, — o symbolo da Crença, — succumbe entre estas duas manifestações de Revolta.

O Mau Ladrão é o philosopho sarcasta, que atira ao acrosopho sygillo e ás cryptas mysteriosas, onde se velam todas as divindades, a irreverencia do descrente revoltado.

*O Bom Ladrão é o producto resignado da Dôr, que, duvidando da existencia dos deuses, espera comtudo a Ventura, **que existe, talvez**... para os crucificados da Vida no seio inviolavel da Morte, no repouso absoluto, quem sabe lá, no Nirvana budhista.*

Christo morre sem demolir a Descrença e sem desvanecer, d'uma fórma concreta, a Duvida.

V

Triloquio do Calvario

O Mau Ladrão abrindo os olhos baços
Para Christo fremente de revoltas:
«¿Se na verdade és Deus, porque teus braços
Dos braços d'essa cruz, Rabbi, não soltas?»

O Bom Ladrão n'um dulcido sorriso
Transido de remorso e de pavor:
«¿Poderá renascer no Paraizo
Quem fôr santificado pela Dôr?...»

E Christo erguendo a fronte para os ceus:
«Castellos da Vaidade ruem cerces,
«Os humildes serão no seio de Deus...

«E' digno de perdão só quem soffreu!...»
N'isto a Terra gemeu nos alicerces
Jesus fechou os olhos... e morreu...

Eduardo Metzner.

Madrugada de sonho

(Recordações da revolta de 31 de janeiro)

FAÇANHUDO republicano, meu pae avisara a familia de que dentro de poucos dias se daria qualquer coisa de muito grave em politica. Foi ao jantar que elle lançou estas palavras, as quaes fizeram effeito diverso em nós todos. Minha mãe, com o bom-senso sceptico das mulheres carregadas de filhos, limitou-se a encolher os hombros, affeita como estava a ouvir ao marido, havia muitos annos, prophecias tragicas sobre a marcha dos negocios publicos. Minhas irmãs, todas creanças, não comprehenderam. Eu, porém, já com 13 annos e leitor assiduo dos jornaes politicos, com a alma formada nos discursos incendiarios, se bem que apenas familiares, de meu pae, fiquei profundamente impressionado. Aquelle annuncio, que meu pae tivera por intermedio d'um compadre, correligionario, a quem chamavam na visinhança o *Orelhudo* por motivo de possuir umas orelhas enormes, lançou-me a imaginação n'um frenetico tropel. Eu queria saber tudo e para isso fiz numerosas perguntas a meu pae. Elle, porém, nada mais me disse e limitou-se a recitar, pela millesima vez, scenas inteiras da *Historia da Revolução Franceza*, versos enthuziastas de Victor Hugo, coisas romanticas formidaveis, para acabar pela *Marselheza*, que nos fazia cantar em francez e em côro.

No dia seguinte, quando lhe li o jornal — pois que elle o não podia fazer desde que envelhecera e cegara por completo — debalde procurei allusões á revolução que devia rebentar. Nada encontrei. Esta falta de novas, porém, mais me exaltava; e, assim, quando chegou a madrugada de 31 de janeiro, eu estava — pobre de mim! — preparado para affrontar todos os perigos pela Republica!

Que ideia fazia eu do que fôsse a Re-

publica? Nenhuma, é claro, como era proprio dos meus 13 annos de filho familia. Mas nem por isso andava menos enthuziasmado, tanto mais quanto meu pae me fazia almoçar, jantar e cear ideias republicanas.

Todavia, como ignorava o dia da revolução, na noite de 30 deitara-me tranquillo e somnolento, no meu pequeno quarto da nossa casa do Campo da Regeneração.

— Vem cá, vem cá! Vae á janella vêr! E' a revolução que anda na rua!

A palavra *revolução* fulgurou no meu espirito com uma luz tão viva, que comprehendi logo tudo. D'um pulo, saltei ao tapete, embrulhei-me rapido n'um casaco e corri á janella. Meu pae perguntava-me, do seu quarto, o que via. E eu percorria, com o olhar attento, o vasto campo, sem lobrigar coisa alguma. De repente, porém,

UM GRUPO DE REVOLUCIONARIOS

Meus paes recolheram-se tambem ao seu quarto, que era proximo do meu, e todo o predio e todo o local cahiu cedo no pesado silencio das ruas e praças pouco centraes.

Subito, alta noite, fui acordado por gritos violentos de meu pae. Na semi-consciencia do despertar, ouvi que elle chamava repetidas vezes por mim; e, como lhe perguntasse, d'entre os lençoes, o que havia, elle berrou-me de lá:

ouvi toques de cornetas atravessando o espaço e, em breve, varias patrulhas de cavallaria da guarda municipal galopavam furiosamente e iam tomar as embocaduras das ruas, nos angulos do Campo. Ao longe, militares formados pareciam vir da Lapa, ao rufo compassado d'um tambor; e um grupo de populares rodeava-os soltando vivas á Republica.

Eu ia dizendo para dentro o que via fóra; as palavras sahiam-me entrecortadas

por exclamações de enthuziasmo; e, n'um instante, não tive mão em mim e exclamei:

— Eu vou tambem á revolução, papá!

Meu pae erguera-se e passeiava na sala, em roupão; todos haviam acordado na casa, e minha mãe fazia esforços para readormecer o meu irmãosito mais novo. Eu corri ao meu quarto, vesti-me em poucos minutos e tornei junto de meu pae a agarrar-lhe nas mãos e pedir-lhe licença para sahir. Elle hesitou; deu alguns passos em direcção da janella, para vêr; mas deixou cahir os braços, desolado e profundamente triste ao reconhecer a sua cegueira. E, então, como eu o solicitava ardentemente, deixou-me sahir, apesar dos rogos afflictivos de minha mãe, que tinha medo que me matassem.

O TENENTE COELHO (á direita)

A's suas palavras apenas respondeu:

— Deixa-o ir. Um homem nunca deve faltar a estas coisas. E já que eu não posso...

Eu não esperava mais nada. Enverguei um capote de cabeção, puz na cabeça o meu melhor chapeu e fui buscar uma grossa e segura bengala de meu pae, exclamando:

— Sempre levo esta bengala do papá para o que der e vier!

E fugi pelas escadas abaixo, tiritando de frio, mas possuido do fogo revolucionario. Se a conhecesse então, diria decerto para commigo a famosa phrase de Turenne:

«— Tremes, carcassa? Tremerias muito mais se soubesses onde te levo.»

•

Quando, pouco depois das 9 horas da manhã, voltei a casa, era bem diversa a minha attitude. Sem chapeu e sem bengala, pallido, cosendo-me com as paredes, como que humilhado, não tive coragem para fallar: um chôro convulso me tomou, embargando-me a voz por largo tempo. E foi ainda entre as lagrimas e os soluços do desencanto que contei a meu pae ancioso, o que víra n'essa madrugada de sonho:

«—Quando sahi, uma patrulha de cavallaria da guarda municipal occupava a esquina da rua dos Martyres da Liberdade. Não deixava passar ninguem para o Campo da Regeneração, já cheio de revoltosos. No momento em que eu punha o pé na rua, um musico do 18 de infanteria tentava juntar-se aos seus camaradas. Mas a patrulha não lh'o permittiu e, após uma breve e violenta troca de palavras, um dos cavalleiros berrou para o musico:

«— Vá-se embora, homem, vá-se embora! Tenha juizo!»

O outro lá voltou para traz, e eu fui para o meio do Campo. Um troço de guardas fiscaes penetrava no vasto largo, ao som d'uma corneta. A cada momento mais tropas surgiam e dentro em pouco tempo o Campo da Regeneração encontrava-se inteiramente atulhado de povo e de militares, confraternisando nos vivas á Republica. Nas janellas dos predios appareciam timidamente vultos de mulheres em trajos de intimidade.

Sentados: HOMEM CHRISTO E JOÃO CHAGAS
Em pé: DURÃO, DR. PAES PINTO, FELIZARDO DE LIMA, AURELIO DOS REIS E SIMÃO ALMEIDA

E não sei como, a breve trecho, — rompia já a custo a claridade da manhã, — toda aquella multidão desandou pela rua do Almada abaixo, em meio de transportado delirio, marchando ao som victorioso das bandas militares. Era uma festa unica, a mais arrebatadora que eu vira em minha vida. Aqui e alli abriam-se janellas estrepitosamente, e os vivas á Republica, soltados de cima, encontravam sonoroso echo em todos os corações. E, por vezes, uma mulher, em simples camisa, surgia por detraz das vidraças, investigando do que seria e despertando, pela atarantação, a gargalhada.

Assim chegámos á Praça de D. Pedro, papá. As tropas estenderam-se a toda a roda, pelo marchapé adeante, desde os Congregados, pela Camara, até ao fundo dos Clerigos. E quando eu chegava, em meio da minha enorme alegria, junto da estatua, ouvi abrirem-se as janellas da Camara Municipal e uma voz fortissima, como um trovão, bradar, solemne e lentamente:

«— Está deposta a casa de Bragança!»

Mais alguns individuos fallaram e eu, como ouvisse apontar para os chefes da revolta, perguntei a um desconhecido:

«— Quem são? Quem são?»

O homem indicou-me trez officiaes que conferenciavam alli proximo, um capitão, um tenente e um alferes. Discutiam acalorada e precipitadamente, e eu approximei-me d'elles, para ficar a conhecel-os. Mas o tenente apresentava um olhar triste, reflectindo qualquer séria preoccupação. Em breve, os tres officiaes dirigiam-se para o portão da Camara e eu ia de grupo em grupo, animado, fazendo dansar a minha grossa bengala de junco da India. A uma ordem passada de bocca em bocca, os soldados foram-se aos capacetes e arrancaram com raiva a coróa, que pisavam aos pés.

Era uma manhã fria, um pouco brumosa; o sol a custo ia dominando a nevoa pardacenta que cobria o horisonte; e, assim, a claridade plena veiu tarde. Entretanto, muitos cafés abriam as portas, e varios populares distribuiam pela soldadesca maços de

cigarros. Um individuo de grandes barbas grisalhas, que tenho visto caricaturado com uma boina, um tal Anselmo de Moraes, distribuia, á esquina dos Congregados, maços de cigarros *Almirantes;* distribuia tambem genebra n'uma botija; e, em certo momento, um guarda-fiscal a cavallo, tirou-lhe a botija das mãos e largou a beber soffregamente.

... Assim se passaram algumas horas, papá. Mas a certa altura, as cornetas não faziam senão tocar, da Praça subia um grande borborinho. E, de repente, toda aquella multidão resolve subir a rua de Santo Antonio, ladeando os caçadores e todas as tropas. Não havia duvida: caminhava-se para a victoria. Era tal o impeto de toda aquella gente, enchendo como uma massa compacta a largura plena da rua, que nenhum de nós sentiu a encosta. A meu lado, a grandes passadas sonoras, seguia um homem alto, typo de pedreiro, com tamancos, que batiam em cadencia na calçada. Eu examinava-o de esguelha: levava uma figura perfeitamente radiosa, o olhar illuminado.

PHOTOGRAPHIA D'UMA ESTAMPA POPULAR PUBLICADA NO MOMENTO DA REVOLTA

De repente, quando eu já ia a mais de meio da rua, deu se qualquer coisa que não comprehendi. Vi apenas que todos, mas todos, se atiravam ao chão: n'um relance, olhei para baixo: militares e povo, povo e militares se atiravam de roldão para as pedras e apenas, n'uma nevoa de fumo, distingui vagamente o vulto d'um official brandindo a espada, entre os soldados que faziam fogo. Não pude vêr mais, porque um torvellinho humano me arrastou e só dei por mim quando me encontrei a subir, de gatas, as escadas d'um predio. Alguem batia furioso nas portas do primeiro andar, que não se abriam; e como não se abriam, todos subiram ao segundo, onde uma sala estava já aberta. Era uma pequena sala das trazeiras, completamente vasia, vendo-se apenas, a um canto, um par de botas velhas.

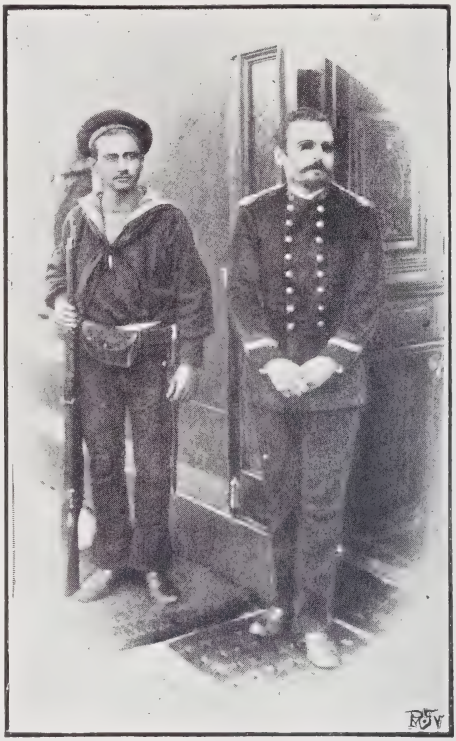
A sala encheu-se logo, bem como os corredores e as escadas. E, então, comprehendi que se travara a lucta entre as tropas revoltosas e as fieis. De momento a momento ouviam-se as descargas; e, muito tempo depois, vi surgir, subindo os degraus dois a dois, um sargento de infanteria, com uma espingarda fumegante nas mãos. Todos correram para elle; o sargento, porém, com um olhar duro e energico, fez abrir a sala da frente do segundo andar e entrou para lá, como um caçador furtivo que se occulta entre a folhagem; abriu uma janella e atirou. Eu approximei-me, secundado por outros populares. Mas logo vozes nos gritaram, medrosas:

«— Não vão para ahi, que pode vir alguma bala.»

Alguns de nós, porém, teimamos; e, assim, foi com horror que vimos cahir, do outro lado da rua, no portão dos Banhos, um homem, com a cabeça furada por uma bala. Foi como um trapo que se desprendesse de subito e fôsse amarfanhar-se no chão.

Entretanto, na sala das trazeiras, alguns populares procuravam sahir d'aquella ra-

toeira onde nos metteramos. Mas quem poderia tal? Depois de varios alvitres, alguem lembrou que passassemos todos para a varanda do primeiro andar, o que seria facil deixando-nos escorregar por uma corda presa á janella do segundo. Faltava, porém, a corda. Mas meia hora depois apparecia ella, graças á cumplicidade de um trolha que trabalhava no predio e que viera... para ganhar o dia. Prendel-a e passarmos todos foi obra d'um momento. O pedreiro que marchara a meu lado na rua, perdera um tamanco; e, como visse alli, a geito, o par de botas velhas, resolveu calçal-as. Depois, tendo-se aberto uma larga fenda no tecto do corredor dos camarotes do Theatro Principe Real, que passava logo por baixo da varanda, todos fugimos, facilmente, pela rua de Sá da Bandeira.



CAPITÃO LEITÃO (á direita)

Vim então, papá, pela Praça de D. Pedro; mas fugi a toda a pressa, pois ouvi dizer que os revoltosos estavam vencidos e que vae haver ahi uma matança horrivel!

. . . . . .

Sentado na sua cadeira de invalido, meu pae ouvira-me com muda anciedade, da qual só dava provas a precipitação com que se moviam nas orbitas, os seus olhos perdidos pelas cataractas. Elle tambem parecia sentir dentro de si o desfazer d'um grande sonho. E, como a minha mãe, contemplando-me, me visse sem o chapeu e a bengala, e me increpasse pelo que ella chamava «a minha loucura», meu pae attrahiu-me a si, affagou-me, e disse-lhe surdamente:

« — Deixa-o lá, Antonia. Deixa-o chorar! Faz bem chorar, na idade d'elle... e na minha!»

. . . E as duas grossas lagrimas que lhe cahiram dos olhos, ainda agora as sinto a escaldar-me as mãos vinte annos depois!

AYRES DE CARVALHO.

Uma experiencia marital

— Lá que tu queiras que te façam sempre a vontadinha não me admira; e eu tenho sido sempre o primeiro a satisfazer-t'a: mas deves concordar que uma pessôa afinal se cansa!

— ! !

— Ha dois annos que estamos casados e não tenho feito senão annuir aos teus caprichos. A' menor contrariedade desatas a chorar e ameaças deixar-me. Francamente, é prolongar a brincadeira. Estou prompto a concordar no que é razoavel; mas bem deves vêr, se pensares um pouco, que não pode isto continuar assim!

— Queres então dizêr que estás farto de mim, não é isso?

— Lá vem... Estamos arranjados! Tu bem sabes que não quero dizêr tal. Mas realmente, acho que podias sêr mais sensata. Já não és uma criança; és uma mulher de vinte e cinco annos, minha filha...

— ! !

— Não que eu não queira fazer tudo por ti, — que não tenha mesmo muito prazêr nisso. A tua felicidade importa-me mais que tudo no mundo. Mas fazêr o que valha a pena: não tolices, frioleiras. E fazê-las voluntariamente. Ninguem gosta de sêr constantemente forçado e obrigado a tudo... Pensas que seguir-te e contentar-te em todas as puerilidades é a melhor prova de affeição; e vaes constantemente inventando caprichos novos que em nada contribuem para a tua felicidade, e sómente satisfazem o teu prazêr de imperar constantemente e em tudo...

— Acabaste, não? Disseste todas as coisas brutaes e crueis que lá tinhas?

— Eu não disse nada brutal, qu'ideia! Não posso falar claramente, — e sensatamente, — que me não chames logo brutal. Queria que fosses um pouco mais razoavel, Julieta; e sobretudo que chegasses a comprehendêr que um homem não é para sêr levado por um cordelinho a fazêr habilidades como um tótó. Ninguem aguenta isso por muito tempo!

O resentimento de Julieta convulsionava agora numa raiva suffocante. Todo o pensamento lhe era impossivel. Só podia seguir a cega impulsão que nella esfusiava. Sem uma palavra levantou-se da mesa, e atravessando a turbamulta reunida pelas mesas do café, foi direita á porta extrema.

Uma fila de trens estacionava em linha. Saltou para um d'elles, e preremptoriamente: «Pelo Rocio abaixo, depressa!»

Arthur não pudéra sair logo: faltava-lhe pagar a conta. E ella, inclinando-se offegante, recommendou ao cocheiro que mettesse pela primeira travessa, para não podêr sêr facilmente seguida.

Dominava-a um pensamento unico: affligir o marido, dar-lhe uma estocada de effeito, estarrecê-lo numa impressão decisiva e dolorosa. Iria para um hotel onde se conservaria até de manhan. Elle endoideceria de inquietação e de anciedade. Em poucas horas faria tudo para renegar as palavras que a tinham levado a sair. Certamente... Oh! certamente... E quando voltasse — como elle seria humilde e penitente! Tomá-la-ia nos braços, pedir-lhe-ia que perdoasse, prometteria annuir a tudo, concordar sempre, contanto — que o não tornasse a deixar.

SEM UMA PALAVRA LEVANTOU-SE DA MESA

Vibrava-lhe lá dentro um orgulhozinho alegre, — de uma alegria altaneira e triunfante. O seu podêr sobre o marido! Sentia-o, contemplava-o agora em fantasia, — vendo nelle, não uma criatura que amava e de quem era amada, mas uma força arrogante que era preciso rebatêr e subjugar. Oh, sim, havia de o conquistar, como já tantas vêzes o conquistára!

— «Para onde então, minha senhôra?» perguntou-lhe o cocheiro.

Estremeceu. Para onde iria? Era necessario pensar rapidamente, encontrar um hotel onde nunca tivesse estado e onde não fôsse provavel que elle a procurasse. Indicou o primeiro que lhe lembrou nas circumstancias.

Quando o trem parou ficou perplexa. Não trazia bagagem, eram já nove da noite. E se lhe recusassem quarto?

Não houve difficuldade. Explicou ao empregado que as malas lhe tinham ficado demoradas no caminho e provavelmente viriam no comboio seguinte. Quando lhe apresentaram o livro dos hospedes, recuou como atemorizada. Não esperava o caso, era um contratempo. Afinal assignou o nome de uma antiga condiscipula.

O empregado deu a chave ao *chasseur* e convidou-a a segui-lo. Subiram pelo elevadôr. Seguiu-se um corredôr no fundo do qual o rapaz abriu uma porta. Accendeu as luzes, deu-lhe a chave, e retirou-se.

Julieta sentou-se na borda do leito, e percorreu com os olhos a secura desolada d'aquelle quarto. Sentiu a alma fria, resequida, turva. Havia meia hora jantava com o marido, — e agora ei-la só naquelle hotel desconhecido e estranho, registrada com nome falso. E se se sentisse mal durante a noite? Um sentimento de abandono, de desconsôlo, de melancolia, de dó de si mesma, se lhe alastrou pelo espirito. A isto a tinha elle obrigado pela sua crueldade! Para isto tinham casado: para a lançar de si uma noite, sósinha!

Num segundo — no cair rapidissimo de um segundo — passou-lhe pela ideia que talvez a não tivesse realmente elle... que talvez...

Mas o pensamento era vago, incerto, e um momento depois já ella estava novamente

compadecendo-se de si mesma. Ella não era forte, — elle sabia-o perfeitamente, — e apesar de tudo tinha-a forçado a isto. E ahi estava só, — ninguem para cuidar d'ella! — apesar de ter promettido amá-la e protegê-la sempre!

Uma pancada soou na porta. Ah! tinha-a encontrado! Deu um pulo de alegria, que lhe havia de parecêr illogico e misteriôso se tivesse occasião de o analizar. O primeiro impulso foi voar para o marido e atirar-se para os seus braços. Depois rapidamente sobrenadou a ideia de o conquistar, de o tornar penitente e humilde. Não, seria muito fria, muito amarga; recusar-se-ia a acompanhá-lo até que lhe rojasse as desculpas mais humildes...

Outra pancada. Compôs apressadamente o cabêllo. Pulava-lhe o coração.

Então abriu a porta.

Era a criada.

— Tem toalhas que cheguem, minha senhôra?

Accenou que sim.

— Está doentinha, minha senhôra? Veja lá, quer que lhe faça alguma cousa?...

Negou com a cabeça, murmurando que se sentia apenas um pouco cansada.

— Bem. Olhe: eu fico a pé. Se quiser, é só tocar a campainha.

Quando a criada desappareceu, atirou-se convulsivamente sobre a cama, a soluçar. Assim pois a deixava só; nada fazia para a encontrar: deixava-a toda uma noite, sósinha, num hotel desconhecido!

Olhou outra vez por todo o quarto, — um vulgar quarto d'hotel. A melancolia e o abandono retratavam-se naquella mesa de carvalho, com uma toalhazita a servir de panno, e sobre ella apenas a caixa dos fósforos. Na secretária assentavam, brancas e com a marca da casa, algumas folhas de papel. No canto o lavatorio, do mesmo carvalho polido, destacava-se sobre o papel vermelho escuro que forrava a parede. A bacia, o jarro e as saboneteiras eram atulhadamente decoradas de rosas verdes. Quatro toalhas pendiam do varão, e uma tapava o jarro. Na porta um cartão encaixilhado com o regulamento do hotel.

Para fugir á tristeza oppressôra do quarto affastou as cortinas da janella, puxou uma cadeira, e ficou-se a olhar para a rua.

Estava quasi deserta. Era já tarde. As luzinhas do gaz tremiam. Passou um trem. Um ou outro viandante surgia lento. A montra da tabacaria da esquina, e o estabelecimento de barbeiro, com a sua illuminação clara, salientavam-se na escuridão.

QUANDO LHE APRESENTARAM O LIVRO DOS HOSPEDES, RECUOU COMO ATEMORIZADA.

Nisto guinchou uma chave numa fechadura e abriu-se uma porta. Era no quarto visinho.

— Onde diabo estará este botão?

Isto resmungado por uma voz de homem, impaciente e grossa.

— Espera, que eu já encontro; está aqui ao pé da porta, — respondeu dôcemente uma voz de mulher.

Um momento após um traço de luz appareceu por debaixo da porta que dava para o quarto contíguo, e um rangêr de sofá ou cama indicou que o homem se estendêra a descansar.

— Manda vir um café bem quente, — e que venham depressa!

E logo a voz feminina, para o corredôr:

O MARIDO LIA SOCEGADAMENTE

— Olhe, faz favôr, póde mandar-me vir uma chavena de café?

— Disse-te que recommendasses que trouxessem depressa, — rosnou o da cama — que viessem depressa!

— Elles não tardam, veem já.

Um silencio seguiu esta frase conciliatoria e suave. E depois o stentôr:

— Porque demonio arrastaste assim aquelle terceiro acto?

— Porque ando estafada, Henrique, muito cansada, e doente metade dos dias. Porque me não deixas repousar uns tempos? Bem precisada ando eu!

— Lá vem a cantata! Sempre a lengalenga do descanso!

— Mas se tornei a desmaiar no ensaio d'esta manhan, Henrique. Outra vêz repetiu o doutôr que eu realmente preciso de repousar, ir para qualquer parte...

— Ora, o doutor Soares é um burro! Haviamos agora de interromper as representações no meio da época, quando estamos a fazêr tão bom dinheiro! Não faltava mais nada! E bem podes tomar conta numa coisa: já não és nenhuma menina, longe d'isso, e tens caido muito ultimamente. Por emquanto ainda gostam de te vêr, mas d'aqui a pouco... Vae aproveitando emquanto é tempo. Podes descansar quando o publico já não quizer saber de ti.

A unica resposta foram os soluços mal reprimidos da pobre criatura.

— Cá a temos... já tardava! Por amôr de Deus acaba com isso... Bem: vou lá abaixo bebêr qualquer coisa. Quando voltar, vê se tens acabado com a choradeira!

Echoaram passadas broncas, e estrondeou o abrir e fechar de uma porta.

Julieta encostou-se ao parapeito da janella, cobrindo a face com as mãos. Naquelle momento relampagueou-lhe como uma revelação o amôr, o carinho, a delicadêza do seu marido, — que elle todo o tempo lhe mostrára, e ella nunca soubera apreciar.

Fôra necessária a brutalidade do marido de outra mulher para comprehendêr a dedicação do d'ella. A lembrança do egoismo, da petulancia, dos caprichos em que tolamente gastára o seu espirito, estava-lhe queimando a alma. Não fôra bastante que em tudo que realmente lhe podia dar conforto e felicidade elle se anticipasse aos seus desejos; ainda quisera sentir bem o seu podêr, forçá-lo a annuir-lhe nas mais pequeninas coisas, tirar-lhe toda a independencia de pensamento e personalidade...

Levantou-se nervosamente e pôs-se a passear pelo quarto, em obediencia áquelle instincto que nos faz procurar em qualquer movimento o allivio das nossas angustias mentaes. Pela primeira vêz em toda a sua vida estava soffrendo o tormento da reprovação e do desprezo de si mesma. Seria já tarde para remediar? Teriam os seus futeis caprichos apagado nelle o amôr?

Pregou o chapeu com dedos trémulos. Era-lhe agora evidente que uma unica coisa restava fazêr: ir já para casa alliviá-lo da sua anciedade.

A' porta voltou-se para dar um ultimo olhar ao triste quarto. A mais amarga e mais salutar lição a tinha ali recebido. Fechou vagarosamente, e correu para o escritório.

— Manda-me vir um trem, sim? Recebi um telegramma a chamar-me, — e queria tambem pagar o quarto...

Só depois de estar na carruagem pensou no olhar admirado do gerente. Sem dúvida percebêra a mentira. Não poderia têr recebido o telegramma sem elle o sabêr. Paciencia. Agora o que importava era chegar a casa.

Elle não estava lá, certamente. Andaria a procurá-la, — mas havia de telefonar a cada instante a perguntar se já chegára. Tanto trabalho, tantas anciedades lhe fôra causar! Que loucura, que tolice aquella!

Quando o trem parou olhou apressadamente para as janellas e correu pelo vestibulo. O guarda-portão dormia na cadeira. Galgou a escada, satisfeita de ter escapado á curiosidade do homemzinho. A' porta parou. Abriu silenciosamente. Os passos foram-lhe amortecidos pelos tapetes. A porta do escritorio estava entreaberta: esgueirou-se cuidadosamente para dentro...

Recostado numa grande cadeira confortavel, diante do fogão, com o casaco de belbutina e os sapatos de casa, o marido lia socegadamente, e fumava.

Lia e fumava!

— Estás ahi, minha filha? Não te ouvi entrar. Fizeste bem em vir. Era tolice ficar toda a noite fóra. Senta-te, tens ali cadeira.

E puxou-lhe uma bôa cadeira para junto do fogão.

Ella sentiu-se completamente atordoada e desorientada. Ouviu-se a si própria dizendo mecanicamente:

— Não, obrigada... Estou... estou um pouco cansada... Vou-me deitar, parece-me que me vou deitar...

Arthur olhou socegadamente para o relogio:

— E' effectivamente mais tarde do que julgava; mas estou tão interessado por este artigo... Ainda o vou acabar antes de ir.

Trocaram as «boas-noites», e um momento depois Julieta estava no quarto, em pé, junto do *toilette*, descalçando vagarosamente as luvas. Puxou-as, dobrou-as, e dispô-las com muito cuidado e vagar sobre a mesa. Depois tirou o veu, arranjando-o com a mesma applicação inconsciente Todo o tempo ia dizendo muito monotonamente e baixinho: «Matei o seu amôr, desfiz tudo, matei... matei...»

Assim se conservou encostada ao *toilette*, — e agora afastava com toda a regularidade todos os pequenos objectos ali postos: frascos, escôvas, pentes, salvazinhas, tudo ficou numa fila muito recta. Depois reuniu-os em monte, e tornou a enfileirá-los...

— «Matei o seu amôr, matei o seu amôr!

Os acontecimentos da noite estavam como sumidos; parecia-lhe que annos se haviam passado desde a estada no hotel, quando ouvira as vozes no quarto contiguo; era tudo vago e longinquo. Uma ideia unica lhe occupava absolutamente o espirito: que tudo

se acabára, que matára o amôr do marido, que a sua lição viera muito tarde já.

Pouco a pouco começou discorrendo a memoria dos dias do noivado e do casamento. A cada dôce lembrança vinha-lhe uma repulsão instinctiva, como á imagem de um morto. E diligenciou, sem o conseguir, não pensar no futuro, no que havia de sêr, no que viria...

Por fim veio-lhe a consciencia do seu abatimento fisico: sentia doer-lhe o corpo. Apagou a luz e atirou-se vestida sobre a cama. Repugnava-lhe a minima acção intellectual ou fisica. E o ar frio da noite, entrando pela janella aberta, começava a regelá-la inteiramente. Deixou-se ficar, sem coragem de se mexêr.

Cortou a noite um apito distante no Tejo, o ulular de algum cão sumido...

Já na humidade da madrugada ouviu um batêr suave: a porta abriu-se, e ei-lo abraçado a ella.

— Ouve, Julieta; já não posso mais, ouve. Estive passeando ali toda a noite; não posso mais, — escuta. Não me conservei indifferente em tudo isto, percebeste? Mas quis parecê-lo; e quis parecê-lo para teu bem. Sabia onde estavas; o trem em que foste voltou para o café. Perguntei ao cocheiro e elle disse-me. Mandei para lá alguem de confiança para te seguir e velar por ti. Quando deixaste o hotel telefonou-me, calculando que virias para casa. Então preparei o scenário em que me viste: enverguei o casaco de casa, peguei numa revista e esperei por ti depois de preparar a attitude mais indifferente... Fi lo porque era o melhor. Se estivesses convencida de que eu te não seguiria, com certeza me não deixavas: pois não é isto? Não estás zangada, não é verdade?

— Não, não... Sinto que fizeste muito bem. Parece-me que finalmente estou curada!

(Adaptação do inglês.)

JUNGFERNSTIEG

Hamburgo — Hannover — Berlim

Uma cidade livre

A Allemanha tem tres cidades livres: Hamburgo, Bremen e Lübeck. Das tres, Hamburgo é não só a mais rica, populosa e importante pela sua industria e commercio, como pela sua belleza. Situada na foz do Elba, o seu porto de abrigo é sem duvida o mais frequentado do norte da Europa. O Elba não é como o Tejo, o luminoso espelho de um céo quasi sempre azul, mas em compensação as suas aguas pardas e poucas vezes tranquillas são atravessadas por toda a especie de embarcações em avultado numero. Pelos braços do rio, aproveitados em esplendidas docas, bem dragadas e profundas, vêem-se barcos da maior tonelagem encostados á terra; mas antes de se chegar propriamente ao porto, a paisagem que se desenrola nas duas margens tem aqui e acolá alguns logares que chamam a attenção do viajante. Blankenesse, um outeiro coberto de arvoredo, semeado de casas elegantes, é o ponto de vista mais interessante de toda a margem direita, aquella que os navios percorrem mais de perto. De Blankenesse para diante a vida do Elba começa a adensar-se e a uns quarenta minutos das docas tudo são já vapores de carreira para logares proximos, rebocadores, escaleres a ganzolina e um ou outro grande paquete que vae sahindo a caminho do mar.

Quem venha de Hamburgo a caminho de

Lisboa, verá o Tejo como um eden de claros tons, mas quando estenda a vista por sobre as suas aguas, logo, na vida remansosa de suas fragatas e catraios, na diminuta frequencia de barcos de grande lotação, lhe parecerá um rio de ecloga. Para romanticos, para artistas, para poetas. O seu aspecto de abandono não se casa com o tamanho da cidade a que dá accesso. Tem-se a impressão de que o vimos acordar d'um somno velho quando, chegando do norte, o subimos n'um transatlantico.

TRECHO DO PORTO

O rio que serve Hamburgo, ao contrario, tem, na triste escuridade das suas aguas, nas carregadas sombras do seu céo de chumbo, a febre d'uma navegação actual, progredida, toda vitalidade e riqueza.

Percorrido o extenso porto que nos leva ao coração da cidade, eis-me em terra, a contas com um policia que me entrega uma chapa de metal com um numero. E' o numero do carro que me ha de servir. Os cocheiros approximam-se, observam a chapa que eu conservo na mão, e um d'elles toma conta da minha pessoa e malas. Em dois minutos rodava para o *Kronprinz*, um dos hoteis que fica no centro da cidade, defronte do pequeno *Alster*, o lago interior.

RATHAUSMARKT

Ao chegar a uma janella do meu hotel pude exclamar com os meus botões: Hamburgo, forte cidade dos balcões floridos, sombria dona do teu duplo Alster, eis-me finalmente no seio de teus ricos homens! Nada que cheire a nobreza decrepita e empobrecida; nada que se pareça com manejos tredos de invalidos famintos. Confiança no proximo gerada em horas. Ninguem fecha o seu quarto nos hoteis; muitos nem as malas fecham. Tudo aberto, franco, como o sorriso claro das mulheres que passam. Isto assim não é uma cidade, é uma grande multidão, um milhão de almas lavadas, abluidas em cerveja — talvez! mas bem lavadas é certo. Por isso mesmo é abundante de grotesco esta gente sã e solida. A simplicidade tem estes inconvenientes: ha mulheres, semi-damas, de chapeus com fitas e *sogar* com plumas, que empurram carros pelas ruas fóra. Carros com fructa, com hortaliças, com leite... Os cães cooperam n'esta tracção arrebicada. Pobres cães! atrellados, elles lá vão debaixo dos vehiculos, alliviando os braços das suas companheiras.

Houve ha pouco um movimento associativo grave, para a reconquista de um direito: foram os creados dos cafés e dos restaurantes que se reuniram para exigir dos patrões o direito prescripto de usar bigode, conta-me ali mesmo, na janella, o director do hotel.

E que bigodes!... Bigodes á Kaiser, erectos e fartos, como as chammas de marmore ou de bronze, com que encimam as urnas funebres, onde se recolhem as cinzas dos cremados.

Mas a bella alma allemã, a honestidade burgueza, põe tons delicados n'estes aspectos comicos da vida hamburgueza. A gente ri, mas é um riso todo amorosidade o que as suas chapelatanas nos dispertam. Pro-

testamos contra o excesso capilar dos creados, mas os seus bigodes vão diminuindo á medida que o serviço se nos mostra mais prompto, solicito e desinteresseiro do que em França, Hespanha ou em Portugal.

Tracção canina, creados embigodados á Kaiser e o desplante, impudor quasi, com que as senhoras entram nas *toilettes,* ali á nossa vista, após a ingestão de tres ou quatro cervejas, para dentro em pouco lá voltarem se a libação continúa, — eis as primeiras torpezas com que Hamburgo me acena, por entre o adejar carnavalesco dos velhos chapéos, meios desplumados ou quasi desfloridos, verdadeiros jardins no outomno, miseros avestruzes captivos de zoologicos sem sol; mas documentos irrecusaveis de que esta gente não faz do janotismo idéa fixa, preponderante, absorvente, unica.

Não me demorei no hotel. Alguns minutos para me alojar. A minha primeira visita foi depois ao novo edificio dos correios, situado em frente do *Tiergarten*. Para isso atravessei a parte do *Iungfernstieg,* que fica em frente do café Ott, entre o *Hamburgerhof*, um grande hotel que já teve a sua época, e o *Alster Pavillon* Hoje o hotel *chic* é o *Esplanade*. Foi este que veiu agora tirar a primasia ao *Vierjahrszeiten* que, por seu turno, havia posto fóra da moda o velho *Hamburgerhof*.

O edificio dos correios é um monstro onde cabiam bem á vontade todas as repartições do Estado e suas dependencias, espalhadas em Lisboa por varios cantos, praças e ruas. Por maior que nos digam o movimento postal do grande emporio do norte, sempre nos parece que, em tal predio, muitas divisões estarão desoccupadas. Como disse, defronte está o *Tiergarten*.

E, depois, se fosse o unico; mas quê! passado o Alster interior logo topamos outro *postamt,* tambem admiravelmente installado, n'um palacio que fica perto da estação central dos caminhos de ferro. Esta, inaugurada ainda não ha muito pelo Kaiser, foi bem definida pelo soberano. Guilherme II teve a franqueza de declarar a um senador, que a *Hauptbahnhof* tinha tanto de feia como de grande. Era um monstro em todos os sentidos!

E de facto o viajante tinha mais a esperar do bom gosto dos hamburguezes felizes. Este bom gosto, porém, não falta. Onde a natureza lhe fez um aceno de formosura, ahi correram elles a completar-lhe o gesto. Refiro-me aos dois Alster.

JUNGFERNSTIEG MIT CAFEE OTT

Os dois lagos no centro da cidade, navegaveis em toda a extensão, atravessados por pontes, cortados por vapores pequenos que subsidiam a viação das ruas, povoados de botes varios de recreio, são um desvio natural das aguas do Elba, engenhosamente aproveitado. Os hamburguezes cavaram mais o seu fundo, dragaram-n'os em muitos pontos, estenderam as suas margens, circumdaram-n'os de terraços e embarcadouros. Em volta do Alster interior, está a parte mais bella e mais nova da cidade. Os melhores hoteis estão por ali, os restaurantes mais luxuosos e os cafés melhor frequentados; d'elle partem tambem as ruas principaes aonde o commercio attrae grande parte da população dos outros bairros distantes.

Da ponte que separa os Alster vê-se sobranceira, dominando o bairro central, a nova *Rathaus,* a casa da Camara.

A sua torre, genuino estylo germanico, termina por uma cupula agudissima, a que a agulha de ouro dá prolongamento, sem quasi se quebrar a linha d'aquelle angulo estreito e gracioso. A *Rathaus* por dentro está ricamente decorada e o seu mobiliario tem o tom solemne que convem áquella casa de governo.

O THEATRO DA COMEDIA

Ali se reune o conselho do governo da cidade; ali é recebido o Kaiser, sempre que os negocios do imperio o chamam a Hamburgo. Continuando a ala esquerda do palacio senatorial, encontra-se um edificio mais pesado e simples, em pedra quasi negra, talhada em forma rectangular. E' a bolsa, o palacio da bolsa, construido quando o municipio.

Hamburgo tem mais dois edificios publicos notaveis, e são elles os dois museus, com que o viajante depara, mal se deita a percorrer a cidade. Um de historia natural e outro de antiguidades locaes. Visitei ambos. Em dois dias de chuva; emquanto as escolas me não eram franqueadas, não havia entretenimento que mais naturalmente me estivesse indicado.

O museu zoologico é completo. O seu catalogo é um curso de zoologia descriptiva. Todo o edificio forma um unico salão, mas nem por isso deixam de estar scientificamente grupados todos os exemplares expostos. Arrumadas ás paredes ha galerias amplas, onde a exposição da fauna continúa minuciosa. Escadas leves e estreitas dão, a cada canto, accesso ás galerias, e algumas pontes estabelecem communicações.

UHLENHORSTES FAHRHAUS

O outro museu é mais interessante. Ambos são vizitados pela população escolar da cidade; e se no de historia natural a mocidade de Hamburgo aprende a conhecer a marcha da animalidade a caminho da nossa especie vencedora, no regional pode ella ver de onde veiu a sua Hamburgo de hoje, orgulhosa dos seus Alster, dos seus palacios colossaes, da sua industria triumphante e do seu porto, espelho de tanta navegação! Desde a cidade com uma só rua calçada, com traves toscas em logar de pontes, com a veiga circumdante a emergir do lodo dos pantanos, e as suas cabanas rodeando a antiga *Rathaus,* unico edificio então rebocado, teem os rapazes, como nós os viajantes, numerosos documentos para a historia da evolução e progresso da sociedade germanica, de ha muito em pleno goso do asseio e conforto de quasi todos, — e da opulencia de muitos.

Em Hamburgo ha tres logares escolhidos; tres estações da moda: o almoço no *Forter,* o passeio a Blankenesse; á volta o jantar no hotel do Park e, á noite, umas horas no *Deutsches Schauspielhaus,* o principal theatro da terra.

O *Forter* é o restaurante onde o *Kronprinz,* o futuro Kaiser, faz a sua primeira refeição, quando vem a Hamburgo.

E' caro mas é bom. Louça de Sévres authentica, pratas em estylo imperio, crystaes romanos, optimos criados e uma cosinha primorosa.

Quem pretender relacionar-se com a plu-

tocracia hamburgueza tem ali o logar onde o seu intento pode certamente cumprir-se. Lá vão os primeiros sybaritas da terra e lá se encontram tambem os viajantes mais illustres.

Automoveis electricos, que circulam por toda a cidade em forma de *landeaux,* ali estacionam tambem, esperando que aquella freguezia opulenta os utilise. Mas não desfecham tiros, nem perfumam as ruas e as praças como os nossos preclaros ganzolineiros de Lisboa. A tracção electrica tem esta vantagem: não estrondeia, nem féde, e, dentro das cidades, sou de opinião de que só com motor electrico se deveriam consentir os carros. E depois não é nada caro o seu aluguer. Pouco mais do que os *droschken,* nome soturno porque dão as typoias na Allemanha. O uso do taximetro é geral e as tabellas são respeitadas.

E' ao domingo que o *Forter* tem maior concorrencia. Escolhi pois um domingo, para fazer o chamado turno elegante entre os hamburguezes. O almoço foi animado; depois tomámos um d'esses *landeaux* e fomos para Blankenesse. Blankenesse, um pouco á maneira do nosso Mont'Estoril, verdejante e bosqueada, com arvores altas a encobrirem em parte os palacetes, está situada a meio caminho do porto que nos leva á foz do Elba. A agua salgada vae até ás raizes dos seus primeiros cedros.

Lá no alto, meio visivel, porque se estende tambem pela collina opposta, o primeiro hotel d'aquella estancia isolada. Por lá andei algumas horas e confesso que, se a sua situação e belleza não pode competir com o nosso Estoril, o asseio dos arruamentos, a lisura do seu piso, sem essas nuvens de poeira que por cá nos emporcalham, e a ordem que nos apparece em tudo, dão-nos de sobra para sympathisarmos com o logar. As flores que se debruçam por toda a parte, que descem até ás ruas e aos atalhos pelos muros dos jardins privados, teem um lustre admiravel. Repontam da folhagem verde, como se estivessem sempre a acabar de ser regadas.

Blankenesse fica a umas tres leguas de Hamburgo. O caminho para lá é interessante na diversidade dos seus aspectos. Passamos primeiro em S. Pauli. S. Pauli é o bairro maritimo. E' o que está adjacente ás docas. Mas não supponham por isso que seja um logar pouco seguro e menos elegante. Nada d'isso; é um logar de prazer. Os *bars,* os restaurantes, os theatros, os cafés concertos estão ali em grande dóse, bem adubados de carne humana.

A libertinagem, o homem do mar e o estrangeiro teem em S. Pauli, á noite, o seu logar de thronagem. Mas de dia, á hora em que por lá passámos, nada mais se vê senão que, na sua animada vida commercial, predominam o botequim e a *brauerei.*

(Continúa.)

DOM THOMAZ DE NORONHA.

Sousa Viterbo e a sua obra posthuma

A morte recente do dr. Sousa Viterbo, tão pranteada pelas lettras patrias como pela numerosa pleiade intellectual ou affectiva de admiradores e amigos, veio pôr em evidencia um dos mais notaveis exemplos de trabalho mental consciencioso e sincero.

Sousa Viterbo reunia a uma alma de poeta a forte cerebração do crítico, e a paciente e aturada investigação do erudito.

A sua obra litteraria, a principio revelada em volumes de poesia e de lyrismo, e na collaboração assidua nos jornaes e nas revistas, robusteceu-se pouco a pouco com fartos materiaes, colhidos nos archivos, formando as mais solidas bases para estudos de largo alcance historico e social.

Annos consecutivos, fraco e doente, Sousa Viterbo, naquelle trabalho extenuante de investigação e de copia de documentos antigos, que são a mina uberrima da reconstituição da historia, ia cavando a ruina da saude, que havia de transformar-lhe os ultimos annos da vida num martyrio atroz.

A obra que Sousa Viterbo publicou, em volumes e memorias successivas, principalmente nestes ultimos annos de trabalho, constitue, para o publico restricto que aprecia e estuda, a mais preciosa e systematica documentação dos diversos ramos da historia particular da patria portugueza, em especial da historia, ainda por fazer, das nossas artes, das nossas industrias e das profissões e mistéres das classes populares.

Noticias novas sobre architectos, pintores, esculptores, gravadores, ourives, armeiros, tapeceiros, jardineiros, navegadores, medicos, poetas, etc., davam-nos o esboço das phases primeiras das diversas sciencias, artes e industrias portuguezas. Ao mesmo tempo Sousa Viterbo, num encyclopedismo assombroso, manuseava conjunctamente a critica litteraria, a investigação bibliographica, a averiguação biographica e a historia litteraria propriamente dita.

Não é este o logar asado, nem o momento, para repetir o que em outros logares está dito com maior auctoridade e proficiencia, ou o que eu proprio disse e escrevi ácerca do valor inestimavel da obra publicada de Viterbo.

Ao eminente escriptor que tambem hon-

rou os *Serões* (1) com a sua collaboração litteraria, presta hoje esta revista o ultimo preito de homenagem, com a publicação do presente artigo, que significa tão sómente, uma nota sincera de saudade pelo litterato, que o era e como poucos, na mais larga significação da palavra, o dr. Sousa Viterbo, e de veneração pelo perpetuo monumento que elle a si erigiu, com os seus trabalhos perduraveis.

Aquellas innumeras memorias, e monographias dispersas pelos jornaes, boletins, revistas e volumes, esclarecem nitidamente milhares de problemas historicos, dos que mais interessam a vida nacional retrospectiva.

A obra vastissima publicada pelo erudito e criterioso investigador assombra os leitores; mas este assombro cresce de ponto quando attentamos nas condições de tristissima enfermidade, em que Sousa Viterbo as realizou.

Graves lesões do systema da espinal-medulla o amarraram á cadeira de paralytico, aggravando ainda esta lamentavel situação a mais atroz, completa e absoluta cegueira.

Então, quando o espirito, quando aquelle cerebro potentissimo funccionava cada vez com maior concentração das suas excepcionaes faculdades, e no seu férvido amor das lettras buscava no trabalho litterario o unico lenitivo para o horror dos seus padecimentos, Sousa Viterbo encontrou junto a si as dedicações feminís da esposa e da filha.

Estes casos da coadjuvação voluntaria e dedicada da mulher nas locubrações litterarias de notaveis escriptores manietados para o trabalho directo pela velhice, pela cegueira ou pela enfermidade, constituem as melhores e mais formosas tradições da historia do Feminismo.

Não recordarei, nesta despretenciosa nota de sentido registo, os casos classicos de Antigona e da formosa Deborah, a filha do cego poeta Milton, que escrevia sob o dictado do velho poeta inglez, os seus melhores versos.

DR. SOUSA VITERBO (1896)

(1) Os artigos do dr. Sousa Viterbo publicados na collecção dos *Serões* fôram: — em 1901 — *A capella de São João Baptista na egreja de S. Roque,* no n.º 4 (julho), e — *Frei Luiz de Sousa*, no n.º 6 (setembro); em 1902 — *Arte Indo-Portugueza — Fundidores de artilharia,* no n.º 9 (janeiro a fevereiro), e em 1903 — *Pias baptismaes portuguezas,* no n.º 18 (março a abril).

Lembra bem, comtudo, este exemplo classico, a devoção filial da sr.ª D. Sophia Viterbo, cuja collaboração assidua de muitos annos, como secretária de seu pae cego e enfermo, constituiu o espectaculo sublime, que commovia os mais duros corações dos amigos que o presencearam.

O quadro era na verdade emocionante. Aquelle pobre e mirrado corpo de Viterbo, de membros esqueleticos, estava amarrado á cadeira do martyrio; a sua forte mentalidade, essa porém, não manietada, dirigia e organizava com a mais elevada competencia os seus estudos e memorias, que se succediam e multiplicavam; e, ao lado delle, na mesa de trabalho, uma debil, intelligente e dedicada menina, no viço da mocidade, trocava os alegres e futeis entretenimentos habituaes de *menina e moça* pela cooperação porfiada, constante, extenuadora de todo o expediente de uma das mais intensas e operosas actividades litterarias que entre nós podemos registar.

D. SOPHIA CLEMENTINA DE SOUSA VITERBO
(1909)

Não ha muito, me recordo ter lido com interesse nos jornaes francezes a noticia sensibilisadôra de uma menina, que desprezando a sua propria doença, serviu de secretária do grande poeta Sully-Prudhomme, que a enfermidade tornára paralytico, dedicando-se assim com todo o ardor da sua mocidade á gloria do poeta.

Lamartine, pobre e triste, quasi abandonado quando viuvo, achou uma confidente dos seus ideaes, uma verdadeira collaboradora dos seus ultimos trabalhos litterarios, na sua sobrinha Valentina. Dotada de peregrina formosura, esta senhora sacrificou de boa vontade a juventude á admiração que professava pelo illustre ancião, e quiz ser a sua Antigona. Nas horas em que ao poeta desfallecia o animo, em que um veu de tristeza lhe entenebrecia o espirito, Valentina recorria a todos os mais piedosos artificios para lhe restituir a confiança em si proprio, buscando por todos os meios desviar-lhe dos labios a taça de amarguras.

A dedicação e os serviços que a senhora D. Sophia Viterbo prestou a seu pae e ás lettras patrias, tem sido já por mais de uma vez e pelas mais illustres corporações scientificas reconhecida e a elles prestada a devida homenagem publica.

Neste momento cumpre porém registar um facto que, reforçando excepcionalmente o valor deste notavel exemplo de dedicação feminil e filial, mais se impõe ao reconhecimento de todos.

Não cessou, com a morte do illustre escriptor, a apaixonada e já fervorosa dedicação cultual de sua filha. A collaboradora identificou-se com a obra de seu pae, abruptamente roubado pela morte á missão grandiosa que elle proprio se impuzera, na senda dos estudos historico-documentaes da vida portugueza.

Numerosos documentos, classificados e dispostos segundo determinados pontos de vista, formavam a base de muitos novos estudos, em preparação, e aguardavam o ensejo em que Sousa Viterbo pudesse dar-lhes a tão desejada publicidade.

A obra que fica inédita seria só por si mais que sufficiente para justificar o renome do seu auctor. O complemento de trabalhos monumentaes como o do *Diccionario dos Architectos,* das *Noticias de alguns pintores,* e das *Noticias sobre medicos portuguezes,* sobre musicos, sobre varias artes e officios inda não estudados, são vastos e preciosos materiaes, que ficariam perdidos, arremessados á voragem desoladora do papel inutil, se não houvesse na herdeira d'aquelle glorioso nome, a alta comprehensão de que não findára com a morte do escriptor a in-

telligente e dedicada missão, que tristes e agros destinos lhe haviam confiado.

A collaboradora, ainda em frente do ataúde, onde piedosamente fez tirar a mascara por experto artista ao fallecido e egregio homem de lettras, protestou ante os amigos lacrimosos que acompanhavam a lancinante scena, empenhar todos os seus esforços e diligencias na coordenação, revisão e publicação d'aquelles importantissimos estudos, fructos alguns delles infelizmente incompletos, do labor e da investigação de e conhece o dramaturgo, que lê com avidez o romancista e se deleita nas bellezas lyricas do poeta.

Por isso, deante do feretro o reporter de um dos principaes diarios da capital, tomando a nota necrologica, lançava esta pergunta, que enchia de indignação os amigos e admiradores presentes:

— E profissão? o que era o finado?

Não nos revoltemos tanto, porém, contra esta ignorancia barbara, que tem analogas em paizes mais adeantados e cultos.

DR. SOUSA VITERBO E SUA ESPOSA, D. SOPHIA VIRGINIA LEITE DE SOUSA VITERBO (1901)

tantos annos, feita por seu pae nos archivos nacionaes.

Esta perseverança, esta promessa de piedade filial, que já está sendo gloriosamente cumprida, e pelo qual o paiz lhe deve o merecido louvor, foi como que um protesto solemne contra a rude ignorancia, que no nosso paiz lavra, ácerca das suas mais prestimosas glorias litterarias. A obra de Sousa Viterbo foi essencialmente uma obra de erudito e para eruditos, e portanto menos accessivel ao grande publico, que applaude

Ha poucos annos li facto tão similhante, que não posso furtar-me ao ensejo de o repetir.

Acabava de morrer em Paris um dos vultos litterarios mais eminentes da França, o octogenario Barbey d'Aurevilly.

Tambem este velho litterato achára na extrema longevidade uma dedicação feminil, cheia da mais extraordinaria abnegação. Affeiçoou-se-lhe com a mais respeitosa paixão mademoiselle Louise Read, que conhecendo a obra de d'Aurevilly melhor que o proprio

auctor, lhe cercou os ultimos annos da vida dos mais estrenuos e delicados cuidados, buscando persuadir o ancião de que não vivia isolado e triste, ou desconhecido e esquecido, no meio da geração que succedêra á d'elle.

O culto de mademoiselle Read esforçou-se tambem por perpetuar além da morte a memoria do extincto, sempre com egual dedicação.

Pois, perante o corpo inanimado do glorioso homem de lettras, o medico, o proprio medico, ao passar-lhe o attestado, inquiria, como de costume.

— Que profissão tinha ?

A pergunta gelou de espanto e desconcertou os assistentes. Mademoiselle Read, no seu culto fanatico pelo morto, não respondeu e os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas.

Carlos Bluet, que no momento entrava na camara mortuaria, respondeu com voz indignada e ironica ao ignorante medico:

— *Era negociante de gloria!*

A dedicação, o culto, com que a filha de Sousa Viterbo, os amigos, os admiradores, as sociedades e corporações scientificas, litterarias e artisticas, que elle tanto honrou, e até mesmo o Governo Provisorio da Republica, se empenham em publicar em volumes a *obra posthuma* do illustre escriptor, respondem da maneira mais esmagadora, como a phrase ironica de Bluet, á pergunta ignára do reporter.

A obra posthuma confirmará, de modo irrefutavel, o direito que assiste á posteridade de classificar o grande investigador como um dos mais legitimos e indisputaveis — *fabricantes de gloria.*

Lisboa, 29 de janeiro de 1911 (30 dias após a morte de Sousa Viterbo).

VICTOR RIBEIRO.

MASCARA EM GESSO
(tirada ao cadaver de Sousa Viterbo)

De Sousa Viterbo

Na previsão da cegueira

Aos primeiros rebates da doença, e prevendo, como medico, o mal inevitavel que avançava, Sousa Viterbo escreveu a seguinte formosa poesia, que o grande amigo de Portugal, Prospero Peragallo, verteu na bella lingua italiana:

Felizes os que morrem

Felizes os que morrem! Não ha nada
Como descer á campa na alvorada
Dos sonhos juvenis!
O cadaver do moço pubescente
Vae envolvido em rosas do Oriente
E em beijos das huris.

Passa sorrindo a flórea primavera.
Feliz quem morre, como folha d'hera...
N'uma manhã d'abril!
Feliz quem dorme o derradeiro somno
Quando começa a gotejar o outono
No coração febril!

Felizes os que morrem saudando
Com piedoso olhar o doce bando
Das meigas illusões!
Felizes os que morrem triumphantes,
Ao retinir do côro das bacchantes,
Na arena das paixões!

Felizes os que morrem creancinhas,
E vão, como pennugem d'andorinhas,
N'um vôo d'harmonia!
Creanças!—divinal phosphorescencia—
Vós sois a via lactea da innocencia,
A estrada da poesia!

Felizes os que morrem á procura
Do seu éden d'amor e a noite escura
Dá-lhes a mancenilha!
Felizes os que morrem; sim, felizes,
Quando não têm no coração raizes
D'um coração de filha!

Lisboa, 5-1-1887.

Sousa Viterbo.

Versão italiana

É felice chi muor. Nulla piú bello
Quanto il morir da giovine, nell'alba
Dei sogni suoi fugaci.
La salma del garzone adolescente
Parte coperta di rose olezzanti
E di virginei baci.

Passa e sorride ognor la primavera...
É felice chi muor, qual foglia sparsa,
In un mattin d'aprile.
É felice chi dorme il sonno estremo.
Quando l'autunno versa a stille a stille
Fredd'onda in cuor febbrile.

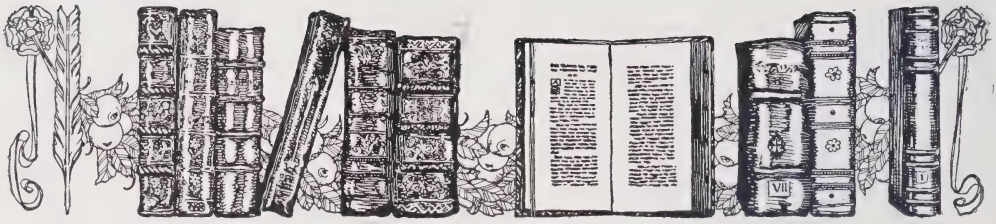
É felice chi muor, dando l'addio,
Con un pio sguardo alla svariata schiera
Delle care illusioni.
É felice chi muor avendo vinto,
Nel turbinio d'un coro di baccanti,
Ignobili passioni.

É felice chi muor, bambino appena,
E, qual piuma di rondine, fa il volo,
Un volo d'armonia.
Bimbi! sublime, celestial parvenza!
Siete la lattea via dell'innocenza,
Fonte di pöesia.

É felice chi muor, mentre va in cerca
Dell'éden suo di amor, e infine al buio
Trova la manseniglia.
É felice chi muor, si, venturato,
Quando nel cuore suo non v'han radici
D'un puro cuor di figlia.

Genova, 2-11-1903.

Prospero Peragallo.



Noticia bibliographica

Lêde as *Canções do Vento e do Sol*, de Affonso Lopes Vieira: a primeira impressão será talvez a de que esta poesia deve exprimir inteiramente, — e fundamentalmente —, a pessôa do poeta; de que será quasi necessário conhecê-lo, quasi imitar-lhe a voz, para lêr bem os seus versos. D'ahi, em parte, o seu encanto especial, e d'ahi tambem a estranhêza que num ou noutro ponto hão de causar ao primeiro leitôr menos attento. Não se faz mister porém sêr-se artista para logo percebêr a subtileza da evocação pelo som e pelo ritmo, tão felizmente conseguida. E ahi a pessôa desapparece, para o objecto se desenhar, por si e em si, não aos nossos olhos, que não é esse o caso, mas sim pelo ritmo, e pela propria imitação fonética. Eis o vento:

O vento é bom bailadôr,
baila, baila e assobia,
baila, baila e rodopia
e tudo baila em redor!

E diz ás altas ramadas:
— Bailae comigo, bailae!
E ellas sentem-se agarradas,
bailam no ar desgrenhadas,
bailam com elle assustadas,
já cansadas, suspirando,
e o vento as deixa, abalando,
— e lá vae!

Todos sentiram, certamente, o abanar, o redemoinhar cansado da estrofe, e a rajada no ultimo verso. E como ouvistes o vento, ouvireis agora o sino *(Auto das badaladas)*:

Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!...
Tombam, compassadas, tombam,
Lágrimas êrmas tombando,
Sobre as almas alarmadas
escutando...

Nas *Novenas*, com um badalar menos lúgubre está tambem o meio harmónico, tambem o caír musical da tarde:

Pelas tardinhas amenas
«Da Coimbra das finas neblinas»
Dos sinos caiam serenas
gotas de son:
dling — dlong...

Assim o livro é como um percorrêr de scenarios, a entrada successiva em scena de todas as vozes da naturêza. Repousastes á sombra de uma dôce arvore rumorosa, e sentistes passar, reunidas num feixe breve, um esboço de todas as horas, de todas as paisagens, de todas as harmonias, de todas as estações. Todas veem, aladas, se inclinam sobre vós e vos murmuram o seu estribilho caracteristico, como uma fada, como um silfo, como uma formosa e loura maníaca de sonho. Esse vento que corre veio

por países de fantasia, e arrancou mil flôres ao oceano interiôr do sentimento, como arrancou mil brumas esgarçadas e flutuantes aos mares azulinos que por lá longe, nas manhans sobrenaturaes e frescas, se arrendam todos de espumas brancas . .

Mais leve que a pluma
Que no ar ondeia,
Pela fina areia
Baila, aéria, a espuma.
E na dansa etérea
Que impalpavel ronda!
Bafo da materia,
Penugem da onda...

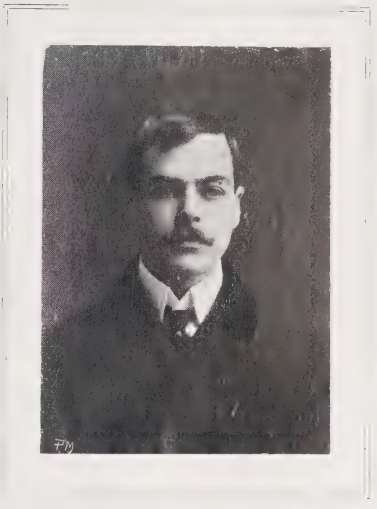
A idéa dos temporaes perde-se logo, passando como uma contemplação longinqua cuja precisão nos não confrange e nos não fere, apesar do requinte com que decorativamente se reproduz ao nosso ouvido. Lá vão as gaivotas voando e piando...

Lenços brancos do azul, dizendo adeus
ao vento e ao mar...

lá vão, serenas... E são ellas, quando
a tormenta de noite, atrôa e ronca e estala,
e o mar rasga com raiva o vendaval aos ais,
que, de noite velando, incarnam piando,
almas de «mestres» que no mar lutando
o mar sepulta na profunda vala!

Assim o vento nos vae esparzindo os seus dons, os vôos de harmonia que elle arranca ás coisas ou que as cousas lhe entregam, vibrando, alegres como um melro na primavera, ou pesadas como a neve dos invernos frigidos:

O' neve branca e sombria,
nocturnamente caindo,
soturnamente caindo,
taciturna,
noiva do áspero Norte
dama diáfana e forte,
immensa mortalha fria
aguas e terras cobrindo...



AFFONSO LOPES VIEIRA

Falam a terra, falam as fontes sêcas no tempo das sêdes anciosas em que os ramos exaustos se contorcem, falam a rôla e os pinhaes, o luar, os frutos e as estrêlas; e acima de tudo fala a caridade de irmão Genebro, para que nós ainda mais agradecidos fiquemos ao poeta, por essa expressão de bondade superiôr em que a naturêza, consciente de si, se diviniza e se alevanta, coroando a arte, dirigindo-se ao espirito na sua plenitude, e dando

Um pouquinho de Sol, durante a noite escura...

Sobre a questão ortográfica

LEVANTOU-SE na nova e bella revista literária *A Aguia* uma discussão curiosíssima sobre a ortografia. No seu primeiro numero declarava a revista que, a não havêr expressa indicação do autôr, se serviria da ortografia estabelecida pelo sr. Gonçalves Vianna. Esta decisão desagradou a Raul Proença, o claro prosadôr a que a *Aguia* deveu dois artigos sobre o inquerito: «A arte é social», inquerito que infelizmente não tem proseguido, não sabemos porquê. Raul Proença portanto protestou e no segundo numero a redacção mantinha a grafia de cada autôr. No quarto, porém, surgiram umas observações assignadas por A. A. Cortesão, lamentando o têr-se d'esta forma «arripiado caminho» contra a primeira decisão com que a revista apparecêra. Estava levantado mais uma vêz esse difficil problema, cuja resolução entre nós tanto se tem protelado.

O que torna a controversia de agora extraordinariamente interessante é a entrada explicita em scena de um novo ponto de vista que merece attenção: o «criterio estetico». E' nelle que inconscientemente se funda a resistencia de muita gente contra a reforma ortográfica. Acostumados os olhos a uma certa grafia, a lingua escrita apparece-nos outra, extravagante, exquisita, com a simples modificação das letras: o verso menos poetico, a prosa menos sentida e natural do que ortografada segundo os velhos hábitos. O soneto de Camões não é o mesmo soneto, a pagina de Herculano não é a mesma pagina, nem a oração de Vieira a oração que nós conheciamos. D'aqui se concluiria que a reforma deve sêr por graus, em duas ou três avançadas, — opinião que tem contra si, certamente, fortes argumentos irrefutaveis no ponto de vista da logica puramente grammatical.

Pode porém levar-se ainda o sentimento estetico a muitissimo maior requinte, considerar cada palavra como uma individualidade em si, como uma alma que tem o seu genio, os seus habitos, o seu temperamento, o seu carácter, a sua vida. «Les mots ont une âme, disse Maupassant algures. La plupart des lecteurs et même des écrivains ne leur demande qu'un sens.» Ora, desde que as palavras teem uma alma, pode havêr quem lhes exija uma fisionomia correspondente: tal é o ponto de vista de Teixeira de Pascoaes no seu artigo recente sobre *a fisionomia das palavras* (a *Aguia*, n.º 5). «As palavras são sêres; compõem-se, portanto, de duas partes, uma objectiva e outra subjectiva; e como taes as devemos considerar quanto á ortografia, porque ella implica com a sua *apparencia corporea*, e por conseguinte com a sua *beleza plastica;* e como entre o corpo e a alma existe uma relação de harmonia e intimidade, é claro que a ortografia, constituindo a parte *externa ou material* das palavras, implica egualmente com a sua *expressão interiôr e psychica.*»

Do seu principio conclue o poeta pela simplificação da forma gráfica das palavras cujo sentido é simples, definido ou concreto, e pela não simplificação das palavras que encerram um sentido profundo, abstracto e misteriôso.

As suas razões são certamente subtis e

curiosíssimas, e porisso pedimos licença para aqui transcrevêr algumas.

«Olhemos esta palavra escrita das duas maneiras — peccado e pecado: logo resalta aos olhos o *enigma* (1) *penal* que os *dois cc* revelam e que esta palavra, na verdade, contem, querendo traduzir o acto que ofende as misteriosas leis divinas. Nos *dois cc* existe, por assim dizêr, a propria *criminalidade* da palavra. Deve escrevêr-se, pelos mesmos motivos, *afflicto* e não *aflito*, *bocca* e não *boca*, *espectro* e não *espetro*, *occulto* e não *oculto*, etc.

«Quanto ao emprego do *y*, atendendo sempre ás regras expostas, deve desapparecêr de quasi todas as palavras portuguêsas, e introduzir-se novamente na palavra *lagryma* e derivados... A forma do *y* é lacrimal; estabelece, por conseguinte, a harmonia entre a sua expressão grafica ou plastica e a sua expressão psychologica; substituir-lhe o *y* pelo *i* é ofendêr as regras da estetica.»

«Na palavra *abysmo* é a forma do *y* que lhe dá profundidade, escuridão, misterio... Escrevê-la com *i latino* é fechar a bocca do abysmo, é transformá-lo numa superficie banal...»

TEIXEIRA DE PASCOAES

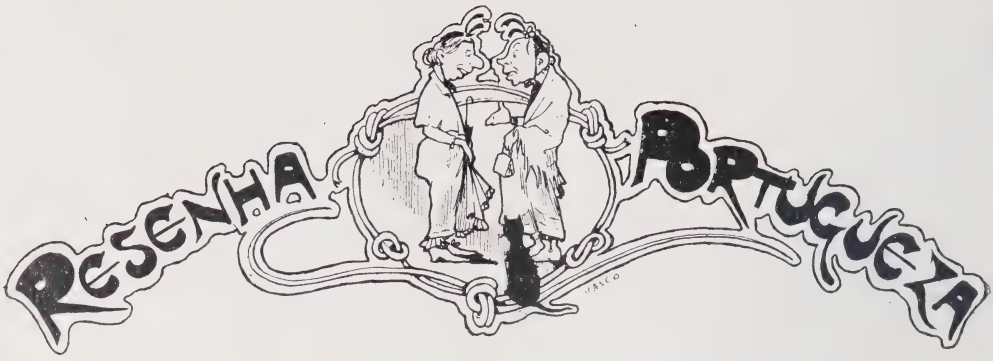
«Quanto ao *ph*, *th*, deve observar-se o mesmo... A palavra *Phantasma*, por exemplo, escrita com *F* perde todo o seu aspeto espectral e misteriôso; *Theologia*, escrita só com *T*, perde o seu signal de transcendencia divina...»

Muitos leitôres acharão que a ortografia, sendo para toda a gente, não pode submetêr-se a considerações tão requintadas e subtis. Para muitos a lingua não passa de uma notação algébrica, um mero sistema de sinaes. Se um geómetra porém substitue uma curva por uma equação, um pintôr cu um escultôr não farão o mesmo. Coisa identica succede com os artistas da palavra.

Além de «tão etéreas maravilhas», como lhes chamou, em tréplica, A. A. Cortesão, Teixeira de Pascoaes toca num ou noutro ponto as razões que são, essas, as da maioria dos mortaes. E' no fundo o mesmo sentimento, mas muito menos requintado, como quando diz sêr o *h* inicial uma lêtra de grande relêvo cujo desapparecimento brusco nos «causa grande extranhêza, desagradavel quasi sempre. E' porisso preferivel deixá-lo ir caindo, pela propria acção do tempo...»

E d'ahi os fundamentos de uma reforma gradual, difficilima de estabelecêr, e que teria contra si, no campo da pura lógica, — o defeito de sêr illógica.

(1) Pascoaes escreve *enigma*, como sempre se escreveu; poder-se-ia porem submetter ao illustre poeta uma applicação do seu criterio: não será mais enigmatico enygma?



O Hospicio dos Velhinhos

E' uma das instituições sympathicas que conheço e tanto mais que ella, que tantos serviços prestava, deu sempre um magnifico exemplo, visto que não pedia nada ao Estado, servindo-se apenas do auxilio particular.

Todos vimos palmilhando essas ruas as irmãsinhas dos pobres, quer d'inverno, sob rajadas de chuva, quer de verão, ás ardencias do calor, seguidas d'uma modesta carroça, recolhendo donativos, indo de porta em porta, aproveitando tudo porque de tudo se póde obter alguma cousa util.

Mesmo as pontas de charuto e de cigarros eram desinfectadas convenientemente e serviam depois para fumo aos albergados.

A BOA MAE DESPEDINDO-SE DAS VELHINHAS

E' crivel que não estivessem no edificio em vigor todas as prescripções hygienicas, mas o facto é que o actual sr. Ministro da Justiça, quando o visitou, recebeu uma impressão agradavel e não o occultou.

Assim, antes d'encarregar uma commissão de gerir e administrar o hospicio, tentou que as irmãs o continuassem dirigindo, impondo como unica condição, em respeito á lei, que abandonassem os trajes religiosos.

PARTE DA CERCA E VISTA QUE SE DISFRUCTA DO EDIFICIO

Mas, tambem em cumprimento ao voto feito, ellas não o podiam fazer, e d'ahi um conflicto sereno, partindo de Portugal cheias de resignação, sim, mas acompanhando-as uma saudade infinita.

As scenas commoventes que se deram na despedida, as lagrimas que se soltaram, os abraços transmittidos não serei eu que os relate aqui, deixando apenas essa nota que o leitor confeccionará a seu modo, segundo os seus sentimentos, as suas affeições, e vendo a velhice alquebrada, exhausta, falta de saude a afastar-se das que tinham apenas por principio o altruismo.

Nem flôres nem fructos

Os pensadores mostram-se assustados ante o grande numero de suicidios que ha um certo tempo vae alastrando por ahi. E como a missão dos sabios em todos os paizes é indagar quaes são as causas das epidemias sociaes, declaram que o hysterismo é o unico motor de tanto desalento, sobre tudo na mocidade, dando em resultado desmoronamentos, destruição da raça, das almas de guerreiro e do cerebro de philosophos. As mulheres, creanças ainda, matam-se por tedio, e os homens, em pleno vigor da vida, por desespero, buscam no suicidio o goso de todas as venturas.

Do Nietzsche, da sua philosophia, talvez um pouco cruel por excesso da masculinisação, fica muito pouco, se é que alguma cousa existe nas idéas ácerca da vida dos luctadores d'hoje dos dois sexos. O hysterismo é mais forte que todas as crenças, que todos os odios de raça.

A mocidade, generosa, fecunda como terra virgem e bemdita outr'ora, actualmente é mais arida e mais secca que a velhice.

E' muito mais improductiva que o ancião, e não floresce em acções d'abnegação, em feitos consoladores. Para a creança que ainda não é mulher, como para o rapaz que ainda não é homem, a vida condensa-se em tres ou quatro idéas, de ventura ou de desgraça, que receberam brincando. O egoismo encerrou-os nos carceres d'essas idéas e o seu unico alarde varonil é sorrir á morte e cahir-lhe nos braços sem remorso.

Na verdade que é bem negativo este formoso saber que não produz homens nem mulheres e permitte ainda que o aborrecimento, o desconsolo, mova os entes á maneira de *marionettes* e os arremesse sem protesto para um coval.

A incultura, a bella brutalidade d'outras epochas, com certeza não idealisaram tão poeticamente o suicidio nem o fizeram o resumo da vida. E' certo que então, se desconhecia o porque de muitas cousas e a razão de muitos factos. Mas em troca o homem sabía ser homem e a mulher mulher, e os desanimos rapidos não se convertiam em transcendentes problemas sociaes, d'esses que impõem a renuncia a tudo e prescindem do seu valor para resolver um problema da vida. A mocidade actualmente, pouco depois de nascer, tem os cabellos brancos e a alma gasta! E ao passar pelo mundo não deixa nenhum caudal fecundo d'experiencia. Como as plantas malditas, não floresce nem dá fructo.

Othello

A tragica sombra do mouro de Veneza vagueia errante pela vida, rugindo de dôr e de zelos.

Com o rosto pallido, o olhar ferino, o coração despedaçado, a razão perdida, move a compaixão de quem o vê.

Todos sentimos, todos podemos sentir a dôr d'Othello. E assim a paixão dos zelos perdurará eternamente emquanto no mundo houver homens e mulheres.

Tambem perpassa pela vida a triste sombra de Desdemona, muito branca, com os formosos olhos cheios de lagrimas, a trança abundante do seu cabello d'ouro solta pelos hombros, o pescoço de cysne estrangulado pelo mouro assassino...

Como não se ha-de sentir a maior lastima ante a visão d'esta doce creatura, innocente como os anjos, toda candura, sacrificada ao odio dos crimes n'uma má hora de loucura?

E lá vão pela vida, em eterna peregrinação, perseguindo-se como a sombra ao corpo, o iracundo Othello e a infeliz Desdemona.

O mundo marcha, mas o homem continúa vivendo á mercê das suas más paixões, e hoje, como hontem, julga-se com direito á vida da femea que ama, recordando, quem sabe, as palavras de S. João Chrysostomo: «A mulher é um inimigo da amizade, um castigo lamentavel, um mal necessario, uma tentação natural, uma calamidade que se deseja, um perigo domestico e um prejuizo detestavel.»

Assim horrorisou-me esse drama da rua Luiz de Camões.

O marido duvidava da fidelidade da mulher, e por fim arremessou-se sobre a sua companheira, depois de a maltratar.

Ella, assustada, tentou fugir, entretanto elle disparava-lhe um tiro, suicidando-se de seguida.

E, mal me inteirara d'esta desgraça, onde ha dois filhos menores, desdobro um jornal italiano e depara-se-me esta noticia de Bari.

Vito Fiorentino chegou a casa embriagado, e chamando a mulher:

— Reza, se queres, porque te vou matar!

A infeliz prorompeu em pranto.

— Mas que te fiz eu?

— Reza, reza...

E o miseravel lançou-se a ella principiando a arrancar-lhe pedaços de carne.

A lucta entre aquelle selvagem e a sua victima durou, diz o periodico, cerca d'uma hora.

Quando a auctoridade appareceu, a mulher era um monte de carne esquartejada.

Interrogado porque praticara o crime respondeu friamente:

— Eu estava um tanto bebedo... E *dizem* que me enganava!

.....

Ahi ficam, sangrando, esses dois tristes casos, que quiz deixar consignados.

E se essas duas mulheres eram innocentes?

Mas culpadas ou não, que direito tem o homem para se erguer ao mesmo tempo em juiz que condemna e em algoz que mata? Quem lh'o outorga para dispôr arbitrariamente da vida alheia?

Eduquemos a vontade para não viver á mercê das nossas paixões, civilisemo-nos por dentro, já que, consta, estamos algo civilisados por fóra.

Para não escrever o commentario que a folha italiana faz áquelle crime:

«E mandemos para a forca o primeiro Othello que se apresente em scena.»

As conferencias

Ora eis um novo genero que se acaba de pôr em moda, e tendo apparecido frouxamente, estiolou, para afinal principiar a rebentar ahi por todos os lados.

E' para lamentar, porque se o genero não é dos melhores, para ser exercido de uma maneira attrahente, precisam-se de requisitos que não é facil possuir.

Em primeiro logar não se comprehende a conferencia escripta.

Se não se tem as qualidades d'orador não se acceita o encargo que nos confiam, a não ser, mas o caso é rarissimo, que se leia d'uma fórma encantadora.

Depois requer-se figura, uma voz insinuante, carinhosa, que a pessoa desenvolva de si um certo *charme* que a auxilie na exposição, que dê entoações diversas, que nas suas palavras hajam gargalhadas que o publico solta como se fossem o echo do orador.

Ora como não se obedeceu ainda a essas qualidades essenciaes, antevejo d'aqui a *débâcle*... que não me apanhará a mim...

Lucinda Simões

E' com a maior alegria que traço as linhas referentes a esta artista, noticiando que vae ser nomeada professora no Conservatorio.

Ninguem mais direito tinha a alli estar do que ella, e assim o que acho, é ser pequena a porta do edificio para entrar uma figura tão magestosa.

LUCINDA SIMÕES

São mais de quarenta annos que ella tem consagrados ao theatro, são epochas sobre epochas a constituirem-se e onde soube accumular a experiencia com o seu bom senso... e assim que excellente professora de dicção vamos ter!

E' possivel que crie artistas, e, se por um d'esses casos extraordinarios não apparecerem, então é porque a terra que lhe foi confiada era de muito má qualidade...

Hão-de chamar-lhe impertinente, muitos mesmo não chegarão a comprehendê-la, e o que eu temo, é que com seus processos que são aquelles que nos deram a grande actriz que estamos costumados a applaudir, não consiga resistir á onda de cretinismo, ao marasmo, á velha costumeira portugueza de não andar nem consentir que os mais andem.

Depois as coleras surdas, as pequeninas intrigas, os ditos cheios de bondade apparentemente, mas revestidos d'ironia, as conspiratas, as traições nos magnificos apertos de mão, constituirão um cortejo e ante o qual tem de ser vencida ou então arrostar com elle.

O que me anima é que a tempera de Lucinda não se amolda, é da raça dos portuguezes antigos d'antes quebrar que torcer, e como o seu plano é bom, como os seus projectos são sadios, e o seu intuito fazer alguma cousa pela arte, que tudo seja na melhor paz possivel, e que este pessimismo não tenha razão de ser.

Morte de duas actrizes

Uma d'ellas retirara ha muito tempo do theatro, e tudo havia a esperar da sua vocação. Chamava-se Maria Costa.

Mas no theatro actualmente ha a seguinte preoccupação: se se tem valor, uma causa qualquer vem e obriga-a a não seguir a carreira, ou então os fumos da vaidade perdem-n'a por completo, e d'ahi o triste estado d'abatimento em que a scena portugueza se afunda.

Maria Costa era uma creaturinha gentil, que se despediu da vida com pouco mais de 30 annos, e que no genero operetta se evidenciara pela viveza, tendo mesmo na sua curta carreira um papel em que se salientou bastante — o tuberculoso *Claudino* dos *Dois Garotos*.

Se tem seguido na sua carreira, o futuro que se lhe distendia aos pés era vasto... mas se a morte tinha de vir n'essa edade, melhor foi que não continuasse para o theatro não ter mais uma lacuna difficil de preencher.

MARIA COSTA

O outro acontecimento foi a morte de Julia Mendes.

Poucas artistas, em tão pouco tempo, grangearam uma popularidade tão grande.

Não bonita, mediocre, com uma voz onde por vezes se ouviam notas que arripiavam, essa bohemia de cabello negro, olhos pretos, bocca grande, dentes muito brancos, sabía agradar a quasi todos, impunha-se com a sua alegria, com as suas enormes gargalhadas, estridentes... como se não soubesse o que era a dôr!

Com o seu espirito sempre em ebulição, as emprezas não podiam contar muito com ella, porque com toda a facilidade saltaria por cima d'um contracto, não se lhe importando as consequencias.

A sua maneira de cantar chegava a ser original.

Assim, effectuou-se ha dois annos no então theatro D. Amelia, uma recita a favor do cofre da Associação dos Artistas

Dramaticos em que tomaram parte artistas de todos os theatros, e entre outros a Julia.

JULIA MENDES

Quando ella principiou uma cançoneta, acompanhando-a de guinchos, e que tão grande successo obtivera no Avenida, uma parte do publico que tem por habito só frequentar um certo numero de theatros, ficou assombrado ante aquella mulher que gritava, que dava pulos, e suppoz-se ante uma desequilibrada, d'ahi a frieza com que a applaudiu.

A pobre Julia, porém, fôra empolgada por uma tysica, a triste doença que tanto alimento ministra á terra.

Já o anno passado, n'um theatro da feira, a que o seu nome dava tão grande concorrencia, os de coração se confrangiam vendo-a quasi arrastando-se, cantando com cansaço, lendo-se-lhe nas feições que uma *maquillage* com difficuldade disfarçava, a garra atterradora da doença.

E então succederam-se os dias de desanimo, vieram depois as horas de esperança, as palavras mentirosas — santa mentira! dos amigos — para a illudirem: os dias de sol... a temperatura descera... o parecer mostrava-se menos abatido... e a infeliz chorava — ella que ria tão doudamente — com amargura, e se um sorriso lhe apparecia era tão doloroso que dava vontade de lhe dizer: «Não rias, Julia, porque nos dóe ainda mais que as tuas lagrimas!»

Ao ver na manhã da sua morte as unhas arroxeadas comprehendeu que a vida se lhe ia aos 26 annos; agarrou uma imagem do Senhor dos Passos, pediu-lhe com a sua alma de crente que a não levasse ainda, depois, a pouco e pouco foi perdendo a sensibilidade, o Senhor desprendeu-se-lhe dos dedos, quiz ainda contemplá-lo... já não via; pretendeu sorrir... não pôde... e pelo seu rosto macerado espalhou-se o que ha muito tempo desconhecia — o véo da serenidade trazido pela morte!

Vianna da Motta

O notabilissimo pianista, agora nomeado director do Conservatorio, é uma das nossas maiores individualidades artisticas.

Foi uma escolha acertadissima e de que ha muito a esperar para o resurgimento d'aquella casa.

Entretanto Vianna da Motta deliciou os ferventes amadores musicaes com uns concertos no theatro da Republica, sendo a concorrencia numerosissima.

Quando se tem o seu nome, quando se foi applaudido em todos os paizes da Europa, quando se conhece a fórma maravilhosa como elle move o teclado que parece um escravo submisso, quando se leu tudo quanto de melhor appareceu sobre as suas enormes qualidades artisticas e os elogios mais expressivos, Vianna da Motta desculpar-me-ha que deixe aqui apenas estas pallidas linhas.

Fóra d'horas

Nada em si teria de notavel para se registar n'esta chronica o mandar a auctoridade pôr em vigor um decreto que estava abandonado, o dos restaurantes fecharem ás duas horas, se logo nas primeiras noites não fosse multada uma pessoa altamente collocada.

Refiro-me ao sr. Ministro do Fomento.

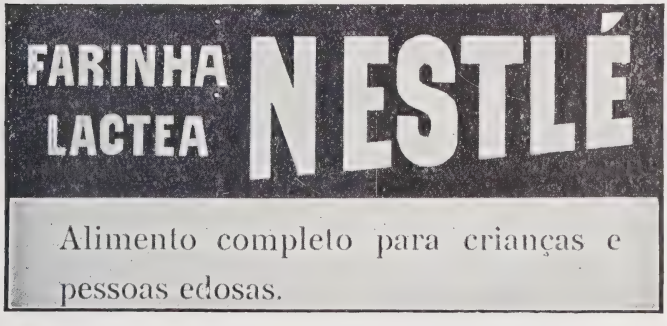
O sr. dr. Brito Camacho que desde os bancos das escholas tem sido sempre um sincero democrata, embora ministro não perdeu os seus habitos de continuar a dirigir a *Lucta*, e sahindo tarde do jornal costuma ir cear.

Quando eram cerca das duas e meia da madrugada, ao retirar com um seu amigo d'um café, um policia autoou-os por infringirem o regulamento.

Ora este rigor não é admissivel na nossa epocha, e tanto mais que é preciso ver que a vida de ha muitos annos atraz é totalmente diversa da actual.

Não vale a pena, quando ha tanta cousa util e necessaria a estudar, quando ha bastante que policiar para obstar a tanto crime, que se perca o tempo com estas superfluidades que a pratica não admitte, e que afinal se tornam alvo do riso.

PORTUGAL DA SILVA.



Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

«Miquette et sa mère»

Dois theatros — Almeida Garrett e Gymnasio — pozeram este mez em scena, com dois dias d'intervallo, a mesma peça: *Miquette et sa mère*, de Roberto de Flers e Gaston A. de Caillavet.

Não comprehendi bem — não me dei ao cuidado d'averiguar — o motivo que levou a esta escolha, porque essa peça é em extremo parisiense, e mesmo das menos brilhantes de tão festejados auctores, porque elles estão-se reproduzindo d'uma maneira assombrosa, mascarando os ditos, e pautando as personagens em identico molde.

Assim as traducções são dissemelhantes, porque n'uma encontro figuras a menos, e no desempenho se alguns artistas no theatro A interpretam melhor os papeis, outros affrouxam, e no theatro B encontro exactamente o contrario.

Já em 1866 se deu um facto semelhante.

Ernesto Biester traduziu para a Rua dos Condes o *Anjo da Meia-Noite*, e para D. Maria o encarregado do mesmo trabalho foi Antonio Mendes Leal.

O confronto foi o seguinte:

Emilia das Neves com Emilia Letroublon, Marianna Rochedo com Emilia Adelaide, Vidal com Tasso, Polla com Santos, João Rosa com Leoni, Rosa (pae) com Izidoro, Pinto de Campos com Queiroz.

Nenhum d'estes theatros ganhou dinheiro com a peça, o que é axiomatico quando dois exploram a mesma comedia.

Almeida Garrett

E' um original *A Bi*, a comedia em tres actos que os srs. Victoriano Braga e João Vasconcellos e Sá entregaram a epocha finda n'este theatro e que subiu á scena agora com um certo agrado.

Evidentemente quando se trata d'uma peça com o cunho portuguez tenho de me mostrar mais reservado, visto que uma critica acerba póde desgostar — embora entenda que esse meio é preferivel, porque o cirurgião não hesita em applicar o bisturi todas as vezes que vê ser necessaria essa intervenção — muita benevolencia não dá o agradecimento e prejudica o escriptor.

Na *Bi* ha uma certa observação, exaggerada por vezes, e, mesmo os menos mestres no assumpto o que reparam logo é que as scenas são desconnexas, que raras vezes se prendem n'um fio, e esse mesmo é o mais tenue possivel.

Com uma inexperiencia, que a estreia deve desculpar, vê-se que os auctores, por abandono ou por desconhecimento, não se serviram da technica theatral, e d'ahi por vezes um esmorecimento o que faz com que o espectador distrahido ou despreoc-

cupado, ao voltar novamente á peça, não lhe cause prejuizo para o seguimento o saber que não attendeu um ou dois dialogos.

O que achei foi uma grande honestidade na producção dos srs. Braga e Sá, e é muito possivel, qualidades não lhes faltam, que n'um futuro não muito distante, após assentarem os passos com mais segurança, o theatro ainda venha a agradecer-lhes o terem enveredado por essa carreira.

O lamentavel, porém, é que os interpretes não estudassem como deviam a *Bi*.

E assim registarei apenas Jesuina Mottili, que é o primeiro papel de responsabilidade que lhe vejo fazer, e que o executou com propriedade, estudou-o com amor, e o que lhe peço é que continue para ver se afinal se consegue destacar uma figura que tem valor.

Republica

Outro original e de Marcellino Mesquita.

Denomina-se *Margarida do Monte*, em redondilhas, talvez um defeito para o publico.

Este não foi justo, porque não recebeu de boa mente o trabalho do illustre dramaturgo.

E é para censurar, porque se a *Margarida* é mais para ler do que para ouvir, encerra bastantes bellezas que compensam as faltas que alli ou aqui se dêem.

O auctor da *Dôr Suprema*, do *Envelhecer*, dos *Castros*, dos *Peraltas e Secias*, não precisa mais nada para sua gloria, e assim se uma vez fracassa, que vasto campo lhe fica ainda adiante! e era o que ninguem que assistiu a essa primeira devia ter esquecido.

MARCELLINO MESQUITA

Não houve conluios, estou certo, não direi o mesmo de más vontades.

E' o sr. Marcellino Mesquita o nosso dramaturgo de mais folego, tem tido longos triumphos, embora uma epocha seja turva elle costumou-se, desde estudante, a falar claro, não hesita em dar ás cousas o seu verdadeiro nome, e tudo isso são factores que se aproveitam para umas certas represalias, conforme o temperamento de cada qual.

Felizmente elle está superior a essas miserias, e esse *Artagnan* olha d'uma maneira para taes mesquinharias, que muitos a podem denominar como desprezo, orgulho ou desdem.

Destacarei no desempenho Adelina Abranches, que foi uma perfeita cigana, dando realce ao seu papel, dizendo com toda a intenção, e não lhe escapando a menor *nuance*. Como se fica satisfeito vendo-se que uma artista conseguiu ser escrupulosa, não atraiçoando nunca o pensamento do auctor!

D. João V interpretou-o Brazão com o cuidado que lhe é peculiar, inda que, por vezes, me deu a idéa que amoldou a personagem no typo *Fernando I* da *Leonor Telles;* Chaby muito correcto, e magnifica a caracterisação d'Alves, que prova o ter sido estudada cuidadosamente.

*
* *

E mais outro original — para não falar nos *Quatro Cantinhos*, uma comedia graciosa, embora um tanto longa, — a *Bisbilhoteira*, d'Eduardo Schwalbach, que em tempo se representou no Gymnasio, sendo a protogonista desempenhada pela inolvidavel Beatriz Rente.

O espectador soffreu a impressão que se tratava d'uma *première*.

E na verdade a *Bisbilhoteira* é engraçadissima, vivendo de situações d'um comico inexcedivel em que o auctor empregou todo o seu bom humor, — quem sabe se na occasião em que passava algum transe doloroso! — apresentando tres actos deliciosos que se escutam com tanta attenção como prazer.

São todos typos bem observados, verdadeiros, que se apresentam no palco com muita alegria, sabendo-a transmittir.

De ha muito se não passam tão bem duas horas no theatro. Observarei que o

conjuncto é muito homogeneo — e como é raro assim o registo — devendo especialisar dois artistas: Adelina Abranches que delineou excellentemente o seu papel, não se

EDUARDO SCHWALBACH

esquecendo nem um só momento da personagem, e Chaby, no dono do hotel, que tem mais uma creação, e todos os applausos concedidos ainda foram poucos.

Trindade

Mariette Sully, quando ha annos esteve em Lisboa, representou as *Meninas Michu*, uma operetta de Vanloo e Duval, que Sousa Bastos traduziu agora com a sua enorme habilidade.

PALMYRA BASTOS

De pequena acção, mas interessante, esse trabalho é matisado com uma lindissima musica de Messager.

Palmyra Bastos na *Maria Rosa* foi alegre, desenvolta, graciosa, recebendo calorosos applausos do publico que tanto lhe quer, e Medina de Sousa, a *Rosa Maria*, emprestou-lhe toda a sua bonita voz, assim como Thereza Taveira foi muito correcta.

As *Meninas Michu* é uma peça que se deve ouvir, e tanto mais que a epocha em que se passa é curiosa, e foi cuidadosamente passada á scena pela brilhante enscenação d'Affonso Taveira.

Gymnasio

Não sei porque se accusam as emprezas theatraes de não acolherem os originaes portuguezes.

Já me referi n'esta chronica a quatro, e vou agora tratar d'outro: *Sherlock*, dos srs. Chagas Roquette e Alvaro Lima.

E' uma comedia com bons ditos, onde se nota a nossa graça, e o leitor comprehende muito bem que ella não se equipara sob nenhuma fórma com o espirito francez nem com o *humour* inglez — e onde d'um simples nada se architectam tres actos pelo imprevisto das scenas.

Escripta para a festa do actor Alegrim este compenetrou-se bem do seu papel, e para um original portuguez... mostrou bastante originalidade.

Avenida

Expressa a minha opinião acima ácerca da maneira como foi recebida a peça do sr. Marcellino Mesquita, penso de fórma completamente differente sobre o acolhimento dado á revista *Nem mais nem menos*, do sr. Guedes d'Oliveira.

Alli sim, houve *parti-pris*, e a maneira como um certo numero de pessoas se portaram, vaiando, assobiando, cantando, pateando, e afinal atirando para a scena cartuchos cheios de pimenta mostra a má vontade como se procedeu, e é de sentir que não se apurassem responsabilidades, castigando com severidade os mandatarios.

A revista não é boa, e é licito — reparem que não escrevo justo — ao espectador pronunciar-se no final do acto, mas como

alli se procedeu é motivo d'um legitimo protesto.

Muito para elogiar seria — e escrevo-o com uma ingenuidade digna de riso — que o espectador occupasse o seu logar imparcialmente, porque assim conheciam-se logo os desordeiros, e mantê-los no seu devido logar era a cousa mais facil do mundo...

Rua dos Condes

Seguindo ainda o rumo da revolução escreveu o sr. Ernesto do Carmo um drama em 4 actos e 5 quadros, denominando *Patria Livre*.

Tratou o auctor de varios episodios que se relacionam com esse facto, tirando illações cheias de patriotismo, e o publico conferiu-lhe applauso incondicional,

O desempenho é muito razoavel salientando-se Adelina Nobre, Alves da Silva e Justino Marques.

Coliseo dos Recreios

Quando este numero dos *Serões* estiver nas mãos dos nossos assignantes devem já ter terminado os espectaculos da companhia lyrica que o sr. Antonio Santos contractou para a sua casa d'espectaculos.

Os artistas agradaram, e não se podia organisar no actual momento um elenco mais acceitavel, tendo-se ouvido mesmo artistas muito superiores a alguns que se escutaram em S. Carlos.

E depois não esquecer nunca os preços verdadeiramente populares.

No momento em que estou escrevendo as duas operas de maior successo foram a *Tosca* e a *Gioconda*.

Animatographos

Continuam obtendo um enorme exito as fitas apresentadas no **Chiado Terrasse** onde sempre ha uma variedade, e não se dá nenhum grande successo estranjeiro que poucos dias depois se não veja reproduzido no lindo salão.

Tambem as fitas do **Salão da Trindade** merecem registo, porque a machina é das mais aperfeiçoadas, e á escolha dos *films* preside sempre um bom criterio muito para louvar na empreza.

PORTUGAL DA SILVA.

Numerosas celebridades clinicas e medicas de todos os paizes, recommendam muitissimo a

Somatose

de cujos effeitos estimulantes, tónicos e reconstituintes do systema nervoso formaram um juizo altamente favoravel.

Vende-se em pó ou liquida nas pharmacias e drogarias.

Curiosidades do tempo

Propondo uma União Sul-Americana

Tem-se escrito ultimamente sobre a união das republicas sul-americanas para a manutenção da civilização latina. O congresso que no ultimo verão se reuniu em Buenos-Aires, absorveu-se voluntariamente de discutir os problemas que affectam os interesses vitaes dos latinos na America. Não houve a minima allusão a questões como o futuro das Antilhas, a posição de Nicaragua, a intervenção da America do Norte nos negocios internos de certas republicas. Entretanto os Estados Unidos, de accordo com a sua politica, acabavam de deitar a mão a um caminho de ferro intercontinental que realizará a sua hegemonia na America do Sul e comprometterá seriamente os interesses commerciaes da Europa. Mas a desconfiança das republicas latinas não desarmou, e desde então tem-se accentuado o desejo de contrariar a America Anglo-saxonica.

As três republicas latinas mais importantes elegiam os seus novos presidentes, homens que pareceram inclinados a favorecêr a nova corrente da opinião. Começou a sêr popular, desde o Mexico ao Cabo Horn, a alliança A. B. C., ou da Argentina-Brazil-Chili. Uma tal alliança, que uniria perto de vinte e cinco milhões de homens, determinaria um novo ponto de vista de real interesse para a Europa. Seria a primeira tentativa de uma coordenação de esforços ante o perigo norte-americano. A America do Sul tentaria assim defendêr o seu carácter, os seus costumes, a sua personalidade, o seu futuro.

No Brazil existe um outro problema de nacionalidade e carácter nacional: o perigo allemão, para o qual Sylvio Romero tanto chamou a attenção dos seus compatriotas. Na *Revue pour les Français* Angel Marvaud crê esse perigo muito possivel. Oliveira Lima escreven tambem sobre o assumpto na *Deutsche Revue*. Cuida que o perigo allemão se não desenhou ainda definitivamente. Diz que nas cidades os allemães se misturam com os brazileiros, e com o tempo adoptam os costumes e a lingua indigena. Ha de facto personalidades eminentes na vida politica e intellectual do Brazil que, tendo nomes allemães, não compreendem

A JOVEM TURQUIA
PRESA COM EMBARAÇOS FINANCEIROS

(*Kalem*, de Constantinopla.)

uma palavra de allemão. Mas nas colonias allemans do Brazil o caso é differente. Ahi os colonos conservam a lingua e os costumes. A culpa principal seria das autoridades, que não estabeleceram um verdadeiro sistema de educação, nem tornaram obrigatorio o uso do português. Tivessem feito isso, e desde o principio as colonias allemans se teriam tornado fazendas brazileiras.

Allemanha e Hollanda

No magazine inglês *London* conta um articulista uma curiosa historia sobre os esforços do Chanceller Allemão para impressionar um diplomata hollandês com uma revista militar em Postdam. Quando regimentos sobre regimentos da melhor infantaria alleman passavam em so-

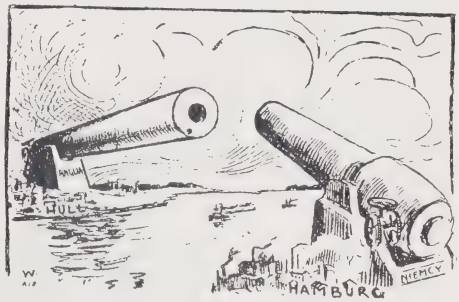
O official allemão: — Muito estimei ouvir que você vae fortificar a sua fronteira maritima... Gente perigosa, esses inglezes...

O Hollandês: — Mas sae muito caro...

O official allemão: — Pois sim, mas veja quanto poupa na fronteira de Leste, onde não ha ninguem senão nós!

berbo apparato o Chanceller, á espera de expressões de admiração do seu hospede, ficou muito surprehendido de lhe ouvir esta simples frase, constantemente repetida: «Não bastante altos, não bastante altos». Por fim passaram as guardas imperiaes. Eram os homens mais altos e fortes do exercito. Mas ainda se ouviu o hollandês observar: «Não bastante altos, não bastante altos».

O Chanceller mostrou então o seu despeito, e perguntou como seria possivel esperar ainda mais imponentes soldados do que esses ultimos. «Oh, certamente, respondeu o hollandês, são muito bellos, mas quando nós abrimos os diques na Hollanda podemos inundar o pais com dez pés de altura d'agua. Já vê pois que não são bastante altos...»



A QUESTÃO DOS ESPIÕES

(Mucha.)

Os dois milhões de Carnegie para a paz

Emquanto os officiaes inglêses e allemães espiam cuidadosamente os pontos fracos do visinho, e a propria Hollanda se propõe a gastar milhões em fortificações, na America o celebre millionário Carnegie deu dois milhões de libras esterlinas para o estabelecimento da paz uni-

A PAZ: — «Obrigada, Carnegie; talvez com esses milhões eu consiga mais amadôres...»

versal. A administração d'esta esplendida dádiva foi confiada a uma commissão presidida pelo sr. Elihu Root. Os vinte e quatro commis-

UMA PARADA NO MOSTEIRO: — O reformado regimento de S. Benedicto será conduzido contra o espirito do tempo pelo seu chefe militar.

sários incluem cinco ex-embaixadôres, um ex-secretario d'estado e dois presidentes de universidade. Teem liberdade completa para disporem como entenderem do rendimento de cem mil libras annuaes. Um dos empregos d'esse dinheiro propôs-se que fosse a constituição de uma commissão especial que se encarregasse de redigir um relatorio sobre os factos actuaes que possam trazer quaesquer contestações que levassem as nações a uma guerra. Além da sua dávida, Carnegie fóra já mais generoso do que ninguem pelos seus serviços pessoaes e financeiros á causa da paz. E' actualmente presidente da Sociedade da Paz da Nova-York, thesoureiro da União Interparlamentar, membro da Sociedade Internacional de Conciliação, da Sociedade Internacional da Lei, e da Sociedade Americana para a Regulação Judicial das Disputas Internacionaes. Dera já tresentas e cincoenta mil libras para o Palacio da Paz na Haya, cento e cincoenta mil para a *meeting place* do Bureau da União Pan-Americana, completo o anno passado em Washington, e o Palacio da Paz em Cartago (Costa Rica), onde as nações da America Central regulam os seus negocios.

A Riviera gallega

O que nós não temos sabido fazêr no Estoril estão-no fazendo os hespanhoes na Galliza. O avanço dos nossos visinhos vae-nos fazendo córtes successivos nas esperanças de virmos a conseguir algumas emprezas para que a naturêza nos favóreceu. A Galliza é uma bella região privilegiada, e os habitantes começam a vêr que um bom clima e uma terra pitoresca são um preciosissimo capital. Na esplendida bahia de Arosa, semeada de bellas ilhas verdejantes e enfeitada por brancas povoações cujas principaes são Villagarcia, Carril, Villa Juan, — planearam os gallegos levantar uma rival hespanhola da Riviera. O orçamento do plano completo é de 10 milhões de pesetas. Esse plano começou a executar-se com toda a galhardia na ilha de La Toja, situada no interior da bahia, e recebendo de um lado as brizas salgadas do Atlantico, do outro o ar vitalizante dos pinheiros que enchem o fundo da bahia. Já foram dispendidos 4 milhões de pesetas na construcção de um hotel de primeira ordem, de um casino, etc.; uma nova ponte, de cêrca de meia milha, liga ha Toja á terra firme; abriram-se espaçosas estradas, criou-se um campo de *golf*, o unico de Hespanha, e montou-se com escrúpulo o serviço para o tratamento pelas aguas quentes naturaes e banhos de lôdo. Será tudo executado segundo os mais recentes planos e aperfeiçoamentos, tendo-se feito contractos com casas allemans e inglèzas para o fornecimento de apparelhos, mobiliario, montagem de luz electrica, etc. O plano completo comprehende a construcção de seis grandes hoteis agrupados em torno do largo edificio do casino. Como se vê, as obras são executadas segundo um projecto inicial perfeito que vae sendo obedecido metodicamente.

A FRANÇA A' RUSSIA: — Que dôce é sêr-se amada desinteressadamente!

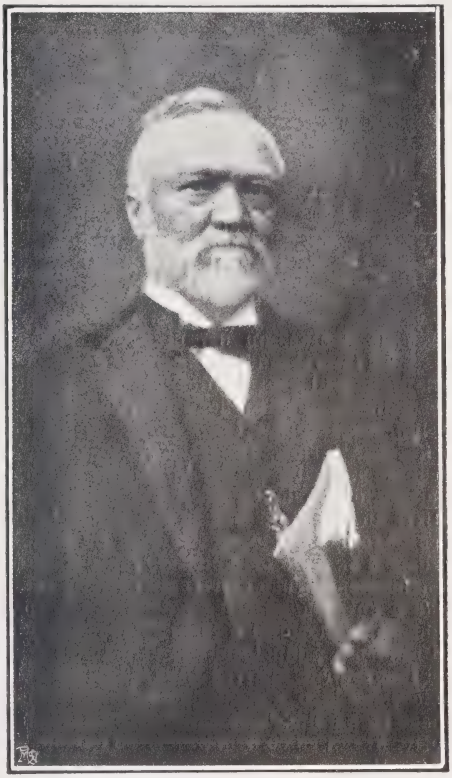
(Pasquino.)

A cruzada da paz

Lamenta-se em Inglaterra que esta grande nação tenha abandonado o papel directivo do movimento pacifista, papel em que a empenhara o fallecido primeiro-ministro Sir Campbell-Bannerman em 1905. Dissera este que o principio da arbitragem pacifica se tornára uma das mais altas obrigações dos homens d'estado, e que nenhum mais nobre papel podia a Inglaterra têr do que collocar-se á frente da Liga da Paz. Esse nobre ideal parece já não sêr capaz de inspirar o enthusiasmo e dirigir a acção dos ministros que foram seus collegas. Felizmente para a humanidade, o Novo-Mundo produziu homens capazes de tomar em suas mãos a tarefa que se impuséra o deplorado *leader* inglês.

ASQUITH

A direcção da Inglaterra no movimento culminou por occasião da primeira conferencia da Haya, e a sua abdicação manifestou-se claramente na segunda. Num periodo de dôze annos o estandarte pacifista passou para os Estados-Unidos. A contravolta deu-se quando o governo liberal em 1906 recusou consagrar uma libra á paz por cada milhar de libras destinadas á guerra, e nomear uma commissão destinada a estudar a melhor maneira de promovêr a amizade e bôa vontade entre a Inglaterra e as outras nações. Apesar da adhesão de Asquith a esta proposta, a commissão ficou como um sonho irrealizável. O que a Inglaterra abandonou encarregou-se a America de realizar. No anno passado foi approvado pelo Congresso e assignado pelo presidente Taft um *bill* nomeando uma commissão de cinco membros para estudar a forma de utilizar os meios internacionaes existentes com o fim de limitar os armamentos das potencias por combinação internacional, combinar as forças navaes do mundo como uma força internacional para a conservação da paz no universo, e discutir o melhor meio de diminuir as despezas militares e as probabilidades da guerra. Esta commissão dos cinco não foi ainda nomeada, segundo as palavras de Taft porque estando elle em negocições com os governos estrangeiros, espera as suas respostas para depois a nomear. Os esforços dos americanos teem porém sido muitos e variados, já em propostas de diversa especie, já na conclusão de tratados particulares de arbitragem. Os particulares mostram-se igualmente fervorosos.



CARNEGIE

E. Ginn fundou a Escola Internacional da Paz com uma pensão de cem mil libras annuaes, e Carnegie fez a doação de dois milhões de libras de que noutro ponto tratamos.

O segredo das origens da moda

Quem delinea as modas femininas para as grandes casas de Paris são frequentemente homens; e ao que parece mostram-se commummente mais habeis para criar uma idea geral decorativa para um dado tipo de mulher. Entretanto para essa idea se tornar um perfeito modelo é necessário que a mão feminina lhe faça as modificações de detalhe necessárias. Muitos dos delineadôres passam pelas escolas de arte, e discutem com artistas os seus planos. Muitas das melhores casas incitam os seus artistas da moda a frequentarem museus; uma ou duas teem bibliotecas de consulta onde os seus empregados podem achar velhos documentos sobre vestuario de valôr inapreciável. Varias modistas de primeira ordem vão estudar velhos bordados de igreja, velhas rendas e ve-

lhas tapeçarias. Outras copiam antigos manuscritos, vestes sacerdotaes, etc. A habilidade para as rendas torna-se ao que parece hereditária. Uma das melhores rendilheiras de França tem trabalhando para ella mulheres com oito gerações de rendilheiros atrás de si, e, em sua opinião, são precisas três gerações para conseguir uma bôa artista.

Vida na Sciencia e na Industria

Tratamento medico dos animaes

Os animaes dos jardins zoologicos estão sujeitos aos males fisicos de que soffre a humana especie. E' coisa certamente interessante um macaco com dôres de dentes, ou um urso com papeira; mas mais interessante ainda o tratamento cuidadoso de todas essas doenças por medicos especialistas, nos grandes jardins de Londres, Berlim, Nova-York, — com verdadeiros consultorios, sanatorios, hospitaes. Todo o animal recebido num d'esses jardins é attentamente examinado pelo doutor especialista. Se o bicho estiver indisposto é isolado por algum tempo, e se doente, tratado no hospital. De maneira alguma é exposto ou collocado junto dos seus semelhantes se não estiver de perfeita saude. Dada a entrada, se caírem doentes são mandados para o hospital, e desinfectadas as jaulas.

Grandes e minuciosos são os estudos feitos nos laboratorios d'esses grandes jardins zoologicos. Todo o animal que morre é necropsiado com o fim de se estabelecêr a causa da morte. Assim se colhem preciosos ensinamentos práticos.

Pelo que respeita a tratamentos, de uma maneira geral são os macacos e antropoides os que se mostram mais pacientes, posto que haja excepções. Assim o dr. Johnson criou um grande inimigo num grande antropoide que operou da cataracta.

Um pequeno gibbon do jardim de Londres soffreu tratamento electrico para a paralisia

COMO É TRATADO E PROTEGIDO
O BRAÇO PARTIDO DE UM MACACO

de um braço. Tendo-o examinado, o dr. do jardim resolveu mette-lo num trem e manda-lo a um especialista. Este recommendou a electricidade, e duas vezes por semana o gibbon ia com o seu guarda, de trem, a Harley Street fazêr o tratamento da «alta frequencia».

EXTRACÇÃO DE UM DENTE
A UM CHIMPANZÉ

Não dando choques estas correntes electricas, o animal não se alterou nem fez escarcéu. Ao principio atrapalhou-se com o vêr o seu pello todo em pé ao estabelecêr-se a corrente. Finalmente o braço melhorou, mas começou a fazer-lhe especie uma mancha branca no pello do sitio em que a corrente foi applicada.

A um outro macaco, que partira um braço, fez-se o curativo chloroformizando-o, mas foi preciso collocar-lhe depois um collar de madeira ao pescoço, para o impedir de estragar com os dentes o apparelho de gesso que lhe foi posto.

Os elefantes são muito pacientes. Parecem reconhecer o bem que se lhes faz. Quando prêsos, é necessario cortar-lhes periodicamente as unhas e pelles que lhes crescem na planta dos pés. A' sua chegada dos tropicos aos nossos climas soffrem muito do estomago, por causa do frio. A applicação de sinapismos, e uma beberragem de genebra e gengibre dá invariavelmente bom resultado. Colloca-se-lhes sobre o corpo um cobertôr, sobre este uma espessa camada de mostarda, tapada depois por outro cobertôr, fortemente ligado. Breve o calôr da mostarda chega ao estomago, trazendo o desejado allivio. A dose de bebida completa a cura. O mais interessante é que os elefantes que tomam a bebida ao primeiro ataque, se fingem doentes depois para conseguir mais bebida. Um elefante de um jardim americano só deixou assim de apparentar

doença quando limitaram o tratamento á mostarda.

E a proposito de tratamento de animaes, digamos que na Allemanha se fundou recentemente uma instituição onde varias mulheres aprendem a arte de tratar animaes doentes, especialmente os cães. Essas enfermeiras aprendem a applicar papas, a collocar em gesso os membros partidos, a lavar antisepticamente as feridas, a preparar banhos higienicos, a ministrar medicamentos, etc.

Além das enfermeiras, ha as que se dedicam a cuidar de cães, lavando-os, cosinhando-lhes a comida, e tratando-os tambem como enfermeiras em caso de doença.

O clima e a côr humana

A côr dos habitantes de uma dada região depende da intensidade dos raios solares nesse clima. A côr escura é uma protecção adaptativa contra o perigo que é para o homem um sol ardente. Se o pigmento se desenvolve segundo a necessidade, diz o professôr Lyde, se o preto protege dos raios solares mais que o moreno e mais que o amarello, nós devemos podêr delimitar as zonas climáticas da côr; e nenhum individuo ou raça pode esperar florescêr numa dada zona a não sêr protegido artificialmente ou naturalmente pelo grau de pigmento normalmente necessário nessa zona, como nenhuma planta pode sobrevivêr sem a sufficiente chlorofila para absorvêr os raios do particular comprimento de onda que decompoem o acido carbónico do ar.

As pelles mais escuras devem encontrar-se pois necessáriamente nas partes do globo mais quentes que não teem florestas; as mais claras, onde o relevo local dá mais accesso para o interiôr aos ventos humidos, sob ceus nevoentos em altas latitudes, — caso este da Europa. A côr intermedia, o amarello, é o resultado da estepe, da planicie herbosa nos climas temperados. O autôr acha que por 25° de latitude N. e S. são os limites da pelle preta. Dentro d'esses limites os brancos que se quizerem acclimatar devem fazer uso na roupa de baixo, junto á pelle, de tecidos pretos de origem animal, lan ou sêda, e, no fato, de côr branca de origem vegetal, algodão ou linho. Ao ar livre deveriam trazêr oculos e andar espessamente velados. Conclue por fim prevendo o desapparecimento dos brancos loiros. Só o branco trigueiro poderá acclimatar-se permanentemente nos tropicos, ou talvez mesmo só os amarellos. O pigmento, apesar de desnecessário nas altas latitudes, não é comtudo inconveniente ahi, emquanto nas baixas latitudes a sua ausencia é fatal ao branco : em certas precauções que é quasi impossivel adoptar sistematicamente. Por isso os negros poderão introduzir-se nos dominios dos louros com muito mais facilidade do que os loiros nos dominios do negro.

Ovos de conserva

O numero dos ovos conservados mais ou menos tempo attinge em Inglaterra um total de 900 mil por anno, de que um vigesimo sómente não é de importação. Geralmente o commercio armazena os ovos durante seis ou sete mezes. Os frigorificos não constituem o melhor sistema neste caso; obteem-se melhores resultados com o silicato de soda. Os inglêses dão aos ovos diversas qualificações conforme o grau de fresquidão. De seis semanas para cima são conservados pelos processos especiaes em uso. O ovo sem qualificativo é quasi sempre extrangeiro. Os mercadores bons conhecedores examinam-nos á luz electrica, podendo os mais praticos examinar assim 1:500 a 2:000 por hora. Nem todos os ovos se comem, e muitos são empregados na luvaria, na encadernação, na fotografia para as gelatinas.

Uma victoria do interesse economico sobre o sentimento artistico.

Quem não viu ainda as quedas do Niagara não tem muito tempo a perdêr. Quando se acabarem os trabalhos da sua utilização como força motriz para as officinas que d'ellas se alimentam, a queda principal ficará reduzida de 600 a 487 metros; outras baixarão de 300 a 150 metros.

O governo dos Estados-Unidos tenta reagir contra o vandalismo esthetico, mas o Estado de Ontario quer sobretudo ás fontes da sua prosperidade economica.

O tumulo de Marco-Aurelio?

O professôr inglês Frothingam cuida têr descoberto no sarcófago de pórfiro do museu de escultura do Vaticano, que geralmente se suppõe sêr o de Helena, mãe do imperador Constantino, — o tumulo de Marco-Aurelio. Os baixos relevos esculpidos mostram a carnificina de prisioneiros germanicos que assignalou o seu funeral. Certamente, diz o archeologo, repugna acreditar que um imperadôr tão humano como Marco-Aurelio permittisse a representação de uma scena tão bárbara no seu tumulo, mas por outro lado é facto que apparecem carnificinas semelhantes nos relevos da própria columna de Marco-Aurelio. Era antigo costume sacrificar prisioneiros nos anniversarios dos imperadôres, como holocausto aos deuses: assim foram trucidados, por exemplo, milhares de judeus nos anniversarios de Vespariano e Domiciano. Só o Christianismo tomou impossivel uma tal maneira de considerar a vida humana, um tal abuso do homem como os romanos mostravam nos seus combates de gladiadôres, etc. Depois, todos, mesmo os Marco-Aurelios, estamos presos necessariamente em grande parte aos erros e preconceitos do nosso tempo.

Vida na arte e nas letras

Marguerite Audoux

O acontecimento literario mais sensacional em França foi ultimamente a apparição da novella *Marie-Claire*, de que é autôra uma pobre costureira, Marguerite Audoux. Mais uma vez se dá o caso de alguem produzir uma obra fortemente impressionante construindo-a com os elementos tirados da sua propria vida, das suas proprias aventuras sentimentaes. Marguerite Audoux nasceu na Normandia, onde seu pae era um pobre rendeiro. Quando a mãe lhe morreu o pae caíu no vicio do alcool, e cedo desappareceu da terreola, deixando abandonada a pobre

MARGUERITE AUDOUX

Marguerite. Recolheram-na as religiosas de um convento, que lhe ensinaram tudo que ella sabia quando se resolveu a ir para Paris, com alguns poucos francos, nenhuns amigos, e uma completa ignorancia da vida. Em Paris viveu difficultosamente da costura, até obtêr um ganho de perto de seis tostões por dia. Os primeiros conhecimentos arranjou-os no café proximo de casa onde tomava uma refeição diária. Costumavam ser-lhe visinhos nesse café o artista Francês Jourdain e o escritôr Charles Louis Philippe. Interessaram-se pela costureira que lhes apparecia muito apaixonada pela literatura. Corrigiram-lhe os manuscritos e examinaram-lhe as provas quando em 1905 conseguiu publicar alguns breves contos no *Figaro*. Por seu conselho começou ella a escrevêr a historia da sua propria vida; não a terminára ainda quando morreu em 1909 Charles Louis Philippe, que a deixou recommendada a Octave Mirbeau. Este leu o manuscrito, prefaciou o livro e propôs a autôra para o premio da Academia das Mulheres, premio realmente concedido pelo semanario *La Vie heureuse*. Marguerite Audoux foi premiada, recebendo 5000 francos. Soou então a sua hora gloriosa. O exito foi extraordinario. A autôra limitou-se a dizer muito singelamente como viveu desde a morte da mãe até hoje; a narrativa é completamente desataviada, simplicissima de pensamento, de composição, de forma. O seu gosto literário alimentou-o Marguerite Audoux pela leitura dos grandes escritôres do ultimo seculo, sendo uma grande admiradôra de Carlos Dickens, do qual leu todas as obras traduzidas em francês. Os volumes da sua bibliotheca foram obtidos em segunda mão por poucos soldos, e são todos de serio e alto caráctér. Marguerite Audoux tem hoje quarenta e cinco annos, é singelissima, veste pobremente, sempre de côres escuras, e rodeia-se do estrictamente necessario.

Mais um exito feminino

Acompanhando o exito da autobiografia de Marguerite Audoux deu-se a revelação de uma escritôra dramatica de valôr, Mademoiselle Marie Lenéru, autôra da peça «Les Affranchis», que André Antoine fez ouvir no Odéon em uma serie de sete peças não publicadas ainda nem representadas por várias razões. O drama, segundo Gabriel Trarieux, tem todas as qualidades viris, e mesmo os correspondentes defeitos, como certa seccura e falta de emoção; deveria chamar-se «A feira de Cister», visto que a indèa poetica e dramatica é um episodio da vida de uma noviça afastada do convento por um accidente legislativo. Encontra-se ella com Filippe Alquiér, um filosofo; leem os dois e trabalham juntos, começando a amar-se, e Alquier, que é casado, pretende, pelo divorcio, vir a casar com a rapariga. A proposta repugna á noviça, que a rejeita por conselho da superiôra do seu convento. Em *Marie-Claire* é-nos apresentada uma alma triste ambicionando sair da sua solidão conventual; nos *Affranchis* vemos uma freira que volta casualmente ao «mundo», mas para sêr esmagada por elle. Trarieux elogia

as qualidades scenicas da peça, o brilho do diálogo e a precisão psicologica das scenas e dos carácteres, qualidades bem raras numa estreia e que explicam a ovação com que o drama foi recebido.

As mulheres e as academias francêsas

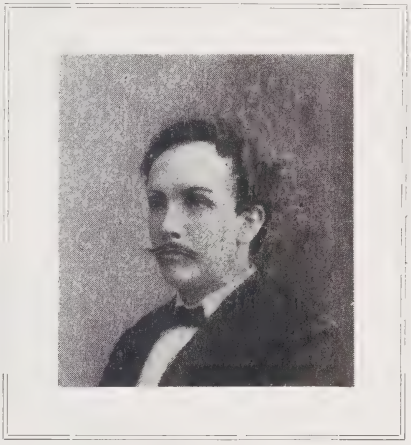
Na *Revue des Français* propôs-se a instituição de uma academia de mulheres francêsas. Constituir-se-ia uma sexta corporação do Instituto de França, para mulheres sòmente. Essa academia seria patrocinada pelos proprios membros do Instituto, que elegeriam as quarenta primeiras academicas. A isso se reduziria a sua intervenção, e as academicas elegeriam depois successôras aos logares que fossem vagando. Para tratar do assumpto formaram-se duas commissões de dez membros cada, uma composta de homens e outra de mulheres. Enviaram uma carta circular a todos os membros do Instituto, explicando que muita gente estava anciosa de vêr fundada uma assemblea representando a *élite* das mulheres francêsas nos dominios da arte, da literatura e da sciencia, não esquecendo a caridade e a abnegação, perguntando se approvavam que o Instituto em conjuncto, ou cada membro separadamente, eleges-em a primeira Academia, e se o destinatário da carta desejaria tomar parte nessa eleição. Nas respostas, vários declararam absterem-se; um recambiou a carta; outro respondeu em latim; outro declarou sèr o logar da mulher o *ménage;* outro que fóra da sua especialidade os homens não são competentes para dicidir dos meritos das mulheres, etc. Entre os que mostraram simpatizar com a idea contam-se Paulo Beauregard, H. Velschinger, Paulo Hervieu, Compayré, o principe Roland Bonaparte, Estevão Lamy, Emilio Faguet, Rostand, etc.

Surgiu ao mesmo tempo o problema se foi nos puros interesses da sciencia que o Instituto decidiu contra a admissão das mulheres, e que a Academia das Sciencias preferiu Branly a Madame Curie. Foi pela razão do bom-senso e da equidade, ou pelo interesse nacional, o qual reside em animar a produção de grandes obras, recompensando os seus autôres? Todos opiniaram que o titulo de Academico existe para consagrar os meritos superiôres, e que o merito não distingue sexos. Entretanto, uma Academia separada não contentará naturalmente as mulheres que, como Madame Curie, ambicionam essa alta distincção.

As novas tendencias na musica

A musica de hoje, segundo escreveu um critico inglês, é mais complicada, subtil e delicada do que o era no tempo de Bach e Beethoven, mas tambem de uma bellêza menos espontânea e muito mais difficil de compreedêr. A *Salomé* de Ricardo Strauss despreza todas as regras de forma e viola todas as tradicções das academias, mas deve notar-se que ella acompanha scenas e traduz acções que se realizaram mais de mil annos antes da adopção da nossa gamma occidental. Em França, Claude Debussy tem escrito sob planos inteiramente novos. Debussy e Vincent d'Indy tentaram fazer com que a melodia exprimisse a verdadeira emoção das palavras — quer dizer, unir por completo o poeta e o compositôr. Na Allemanha é representado um esforço semelhante por Hugo Wolf, Brahms e outros.

Ao que parece, a Inglaterra não temerá soffrer comparação com a Allemanha, que possue em Strauss o seu unico grande compositôr na actualidade, emquanto a França pode ufanar-se de uma escola de compositôres de toda a distincção e interesse. Na primeira d'aquellas nações ha a notar a importante e representativa obra de Edward Elgar; Joseph Holbrooke é talvez o unico compositôr inglês que possa rivalizar com a popularidade de Sir Edward.



RICARDO STRAUSS

Ricardo Strauss falou algures na «nova escola progressiva de compositôres inglêses», d'onde se infere que elle crê num futuro brilhante da musica inglêsa. O merito de Cyril Scott tem sido tambem geralmente apreciado, ainda dos que desapprovam os seus desvios para fóra dos caminhos batidos, e muitos dos seus *songs* obtiveram grande favôr. As suas peças de piano raro agradam à primeira audição. A extraordinária justaposição de várias tonalidades sôa estranhamente aos ouvidos, mas uma vez acostumados a ella, muitos se admiram de que outros compositôres não tivessem descoberto jà tão impressionantes effeitos de colorido.

Claude Debussy, de quem já falámos como criadôr de uma nova linguagem musical, considera Scott como um dos mais raros artistas da actual geração.

Não só em França como tambem em Hespanha, o elemento feminino discute n'este momento com enthusiasmo uma reforma á *toilette* da mulher. Até aqui, leitôras pacientes, as nossas saias teem passado por uma evolução mais ou menos ridicula, segundo o parecêr e o bom-senso de cada um; no entanto, quando nos veem falar das saias-calções ficamos estupefactas diante dos caprichos da deusa fantasista e delirante da moda.

Estamos em crêr que entre nós não haverá quem a siga neste novo devaneio; apesar de algumas opiniões favoraveis de grandes modistas, a moda certamente não vingará. Não queiramos apropriar-nos da *toilette* masculina; a mulher, mesmo no seu vestuario, deve ser essencialmente feminina; a saia, sendo curta quadra-lhe bem, e é sufficientemente pratica. A moda poderá suggerir-nos uma idéa, devemos tirar d'ella uma concepção geral, mas nunca escravizarmo-nos em absoluto. No seu vestuario revela a mulher não só o seu gôsto pessoal mais ou menos apurado, como tambem certo sentimento artistico mais ou menos definido.

Assim, tudo póde ter no vestuario influencia; as estações correspondem ao rigôr da sua *toilette*, a sua simplicidade revela-se nos enfeites do seu vestido, um dia de sol pede uma *toilette* clara, matizada de flôres, etc.

Março é o mez da esperança, porisso que se começa a sentir o bafo da primavera, os seus dias crescem á medida que uma luz mais brilhante nos vivifica fazendo-nos esquecer os dias de um triste inverno. Assim tambem as pelles, os vestidos pesados, vão cedendo logar aos tecidos leves, aos chapeus floridos. Com

a chegada da primavera, em que os raios do sol nos convidam a passeio, nenhuma *toilette* é tão apropriada como o vestido ligeiro de saia e casaco. Não nos podemos abster de o repetir, visto que está sendo de tal fórma generalizada essa fórma, que nenhuma mulher que se saiba vestir póde usar outra *toilette* na rua.

O casaco curto continua sendo o modelo mais recente; tende a encurtar tanto mais que, segundo as ultimas informações recebidas, o bolero volta como a mais moderna feição da moda. Comquanto o bolero seja um feitio bastante gracioso, sobretudo para meninas, devemos convir que nada ha de mais pratico do que um casaco.

O bolero já obriga a um cinto, mais um accessorio á *toilette*. Voltando aos casacos, são elles de uma simplicidade encantadôra, de uma sobriedade de enfeites tal que lhe poderemos chamar o verdadeiro genero inglês. As saias *corselets* continuam a usar-se com grande vantagem para as blusas. Começam a apparecer lindos tecidos de algodão, alguns de tão bom gôsto, de tal leveza e brilho que se recommendam como preferiveis ás sedas.

O *voile* será o tecido da moda para as *toilettes* da primavera. Alem d'outras vantagens sobre a seda, têm a seu favôr a facilidade com que pode ser lavado. A novidade está na variedade de côres, de uma doçura de tons que se prestam a um vestido do mais lindo effeito. Temos visto alguns cortes que são do mais accentuado bom gôsto. Mencionaremos um de *voile* azul *royale*, com barra preta sobre o qual uma leve cercadura de *forget-me-not*. Outro ainda em beije, salpicado de rosinhas e acabando por uma risca de setim preto. Para vestidos de recepção ha tecidos primorosos, sempre cobertos de gaze formando tunicas. Musselina sobre setim de qualquer côr produz uma doçura de effeito verdadeiramente apreciavel. As rendas são sem-

A fraqueza do corpo, debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE.**

pre apropriadas para estas *toilettes*, sendo a renda de Veneza a que está mais em realce na presente occasião. As rendas com contas metalicas e bordadas a ouro ou prata, tambem estão sendo favorecidas, e os entremeios do mesmo gôsto são em geral recobertos de musselina de seda. O cardinal, o verde musgo e o gris são as côres favoritas para a proxima primavera. O primeiro destes tons deverá ser guarnecido de prata afim de atenuar um pouco; quanto ao verde e ao gris poderão ser enfeitados no mesmo tom mais carregado. Os vestidos de linho vão ser o successo da estação mais quente.

Receitas uteis

Para conservar as flôres frescas, deite-se um pouco de alumen na agua.

Para tirar nodoas de café em fazendas claras: lavá-las com uma gemma d'ovo dissolvida em agua tépida, com umas gottas d'alcool.

Para limpar galão dourado ou prateado: esfregá-lo muito bem com miolo de pão quente.

O sal é muito util para a alimentação, sobretudo das crianças: facilita a digestão e purifica o sangue.

As fotografias sujas de moscas limpam-se com benzina e magnezia calcinada.

Para tirar o cheiro do peixe e o das cebolas d'uma frigideira, deite-se dentro uma pequena porção de vinagre e leve-se em seguida ao lume a aquècêr.

Nunca secar o calçado perto do lume quando húmido: rompêr-se-ia assim com facilidade. Pô-lo numa corrente de ar é a unica maneira de o secar sem lhe causar damno.

Para tirar nodoas de tinta já secca experimente-se esfregar com leite até que a nódoa desmereça, renovando a applicação até a nodoa desapparecer de todo. Depois esfregue-se com ammónia para tirar a gordura do leite.

Para lavar a cabeça é muito bom o borato de soda.

Para lavar flanella branca, empregar agua em que se tenha cozido feijão branco, passando depois por várias aguas até que fique completamente limpa.

Para tirar manchas de vinho, fruta e assucar em fazendas claras, humedecer a nodoa e juntar algumas gôtas d'ammoniaco.

Para limpar os tapêtes, esfregá-los com um panno embebido em ammónia dissolvida em agua. Este processo dá brilho ás côres, emquanto as fôlhas de chá, que geralmente se usam, as fazem desmerecêr.

Para lavar todas as cousas de cosinha, deite-se um pouco de soda na agua; *mas não se empregue o processo para objectos de aluminio.*

Para limpar feltro branco empregae um pouco de lixa fina, com a qual esfregareis até tirar toda a sujidade, renovando a lixa quando já inutil.

CASTELLO DE MOURA

Afamadas aguas mineromedicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — **Medalhas de Ouro,** Madrid 1907, Porto 1904 — **Medalha de Prata,** S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental,* 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard,* 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves,* 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas,* 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação,* edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras,* 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel,* 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado,* 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, té qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas somente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Da linda Igneş os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porêm tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Blenol - Lindacutis - Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

N.º 70

SERÕES

ABRIL 1911

MUSEU D'ARTE. — M.me VIGÉE-LEBRUN (1755-1842) Escola francêsa. A autóra e sua filha

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

Proprietaria e editora : Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

MADAME VIGÉE-LEBRUN E SUA FILHA
(Frontispicio) 242

A PAIZAGEM JAPONEZA
(14 illustrações e 1 vinheta) por WENCESLAU DE MORAES 243

MORS-VITA *(Soneto)* por ODILON NESTOR 253

UMA OBRA EXTRAORDINARIA DE ENGENHARIA
(3 illustrações e 1 vinheta) 254

AS COISAS QUE DIZEMOS *(Versos)* por JOÃO DO OUTEIRO 257

COMO SE FIZERAM OS PRIMEIROS REGIMENTOS DA INQUISIÇÃO
(3 illustrações e 2 vinhetas) por ANTONIO BAIÃO 258

HAMBURGO — HANNOVER — BERLIM
(6 illustrações e 1 vinheta) por DOM THOMAZ DE NORONHA 263

VICISSITUDES DE ALGUNS QUADROS
(12 illustrações e 2 vinhetas) 269

A NUVEM ROXA *(Soneto)* por D. MARIA DA CUNHA 277

AS INSCRIPÇÕES DAS CAPELLAS IMPERFEITAS
(4 illustrações e 2 vinhetas) 278

A NOVA CATACUMBA
(5 illustrações e 2 vinhetas) 283

SAUDADE *(Soneto)* por D. MARIA DA CUNHA 292

A ARBORISAÇÃO EM PORTUGAL
(5 illustrações) por R. F. MAYER 293

RESENHA PORTUGUEZA
(9 illustrações e 2 vinhetas) por PORTUGAL DA SILVA 296

THEATROS
(1 illustração e 2 vinhetas) por PORTUGAL DA SILVA 305

PELO MUNDO FORA
(11 illustrações e 2 vinhetas) 308

CHRONICA DA MODA
(4 illustrações e 2 vinhetas) 317

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o compradôr indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões

Historia
Sciencia
Romance
Arte
Actualidades
etc.

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres
e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

N.º 70

ABRIL 1911

MUSEU D'ARTE. — M.me VIGÉE-LEBRUN (1755-1842) Escola francêsa. — A autôra e sua filha

O FUJI (VISTO DE YOSHIWARA)

A paizagem japoneza

Diz-se tanta coisa, em livros de viagem e pela bocca dos *touristes,* da paizagem japoneza; chegam-vos d'ella, ahi na Europa, revelações tão extraordinarias e não raramente inverosimeis, nos desenhos das ventarolas, dos charões, das porcelanas; que poderá talvez offerecer algum interesse o estudo, embora a leves traços — ou antes por ser a breves traços, — dos aspectos naturaes d'este paiz, vistos, sentidos, por quem de perto os relanceia.

Os relevos do solo, constituem, evidentemente, como que a ossatura, como que o esqueleto da paizagem. Para o caso do Japão, incluido n'uma faixa extremo-oriental, que até agora se vem mostrando particularmente convulsa, particularmente sensivel ao mysterio geologico que fermenta nas entranhas da terra, a sua formação vulcanica explica por si só a curiosissima estructura d'este grupo de alguns milhares de ilhotas, em volta de quatro ilhas maiores; ilhas e ilhotas, que não são outra coisa mais do que os innumeros cumes rendilhados, como se fossem obra de caprichosa e delicadissima filigrana, de uma esguia cordilheira de montanhas submarinas, que veem collar-se ás costas asiaticas.

A estreiteza do solo não dá logar a vastas continuidades nos systemas do perfil. Collinas, penedias, valles, lagos, rios — ou antes gargantas precipitosas por onde as torrentes serpenteiam, — regatos, planicies, varzeas, graniticas costaes abruptas, loiros areaes, tudo aqui abunda, mas em formas

reduzidas, miniaturisadas; misturando-se os aspectos uns com os outros n'uma confusão quasi de chaos, imprimindo ao espectaculo uma caracteristica especial, de nervosidade e gentileza. Com effeito, os grandes quadros imponentes, majestaticamente esmagadores, ou como que impregnados de desolução e de angustia, são raros, pelo menos na parte do Japão mais conhecida; predominando os scenarios gracis, sorridentes, muitas vezes deliciosamente bellos, que só de quando em quando as medonhas calamidades fortuitas — tufões, inundações, terremotos, — veem passageiramente revestir de tragica feição.

NO ARCHIPELAGO DE MATSUSHIMA: SCENA DE MADRUGADA

São copiosas as chuvas. A humidade, excluidos apenas dois ou três mezes outomnaes, envolve o solo e a atmosphera. Calores intensos; após, frios demorados; notando-se que uma corrente maritima, de aguas quentes, o *kuroshió*, amenisa o rigor das invernias. Em semelhantes condições de clima, não admira que uma vegetação luxuriante e variada surja espontanea e prospera naturalmente, atapetando a terra de viçosos tons

WAKANOURA

de verde. Aqui, comtudo, a natureza, como diz o mais delicado escriptor occidental de coisas do Japão — Lafcadio Hearn, — não é a natureza tropical, esplendida, selvatica, omnipotentemente magnifica; é uma natureza domesticada, que ama o homem, que se faz bella e se veste de mimosas côres, como as *musumés,* para agradar-lhe; dir-se-hia que as arvores, intimamente conscientes das attenções que os olhos lhes dispensam, teem pequeninas almas humanas, sensitivas.

AMA-NO-ASHIDATE

As arvores! os pinheiros, os *matsu,* sobre todas!... No Japão, abundam de preferencia as coniferas, e principalmente os pinheiros. Não se pode mesmo conceber retalho de paizagem japoneza, sem pinheiros. Mas o nosso pinheiro do Occidente, esguio, banal, mal dá ideia do que seja o pinheiro japonez. Este contorce o tronco com mil requebros; alonga os braços espalmados, como que em intensionaes gestos caprichosos; accusa formas ondulantes, como uma *gheisha,* como uma dançarina, que dançasse ao som, não do *shamisen,* a guitarra indigena, mas dos murmurios das brisas e dos soluços das cascatas.

CASCATA DE KEGON, EM NIKKO

O bambu, ora gigante, ora pygmeu, é aqui tambem uma planta abundantissima, encantadora. Não ha tufos mais delicados, nem mais graciosos, do que os d'elle, nem sombras mais mysticamente commoventes do que as que offerece um bambual ao caminheiro. As folhinhas do bambu, lanceoladas, extremamente leves e sensiveis á mais ligeira viração, conservam-se sempre em movimento, palpitando como azas de insectos irrequietos.

Mil e mil variedades de arvores, de arbustos, de relvas e de musgos concorrem no scenario. Mas semelhante scenario raramente offerecerá á vista a simples espontaneidade da creação inculta; paiz extremamente povoado, a presença do homem, ou do seu trabalho, denuncia-se em cada aspecto, já nos agrupamentos das casinhas, já nos templos, já nas estradas e caminhos, já nas pontesinhas que cruzam as ribeiras, já nas multiplices obras de irrigação, já nos abundantissimos campos de cultura, attentamente cuidados como jardins, onde distinguimos os arrozaes, a cevada, a colza, a planta do

PINHEIRO DE KARASAKI

toda vestida de bambus, entremeada de nesgas de agua, de culturas, de aldeias e de templos. O olhar inexperiente do viajante occidental accusa-a por vezes de monotona. E' um erro. Existe, com effeito, uma certa uniformidade generica na variedade dos aspectos; a indole da paizagem — creio poder assim exprimir-me — é sempre a mesma; e isto se reflecte nas feições dos habitantes, no seu caracter, no seu trajo, nos seus costumes, nas suas cantigas, variando pouco de provincia para provincia. Todavia, para a subtilissima emotividade dos nipponicos, quantos effeitos casuaes, quantas modali-

chá, as amoreiras, as hortas, os pomares.

A paizagem japoneza é pois o que estamos já imaginando: — uma pittoresca aggregação de pequeninos accidentes, verdejante,

A CEREJEIRA DE GHION

dades fortuitas acodem a distinguir, não só os scenarios uns dos outros, mas as diversas apparencias de um mesmo scenario, segundo a hora em que se vê, segundo as condições atmosphericas, segundo a época do anno!...

Do Dai-Nippon, a paizagem por excellencia, ou antes as paizagens por excellencia, são aquellas onde apparece o cone sagrado do Fuji, a deliciosa montanha, que o povo saúda, ajoelhando e erguendo as mãos em prece; ora vista do largo, de bordo de um navio, parecendo então surgir das aguas; ora vista de terra, a distancia, envolta commummente em phantasticos nimbos, que apenas deixam o apice patente, negro e calvo, cuspido de neves eternaes; ora associada aos risonhos panoramas que a avisinham, vindo por vezes reflectir-se nas aguas tranquillas dos lagos, das ribeiras.

Depois do Fuji, apontam-se tres vistas, *sankei,* como as mais bellas do paiz; todas tres — curioso facto — banhadas pelo mar. A primeira d'estas vistas é o archipelago de Matsushima, na bahia que tem o mesmo nome e fica cerca de Sendai; archipelago lilliputiano, formado por um cardume de mais de oitocentas ilhas pequeninas, enramalhetadas de pinheiros. A segunda vista é Miyajima, uma ilhota do mar interior, prodiga em gentilissimos scenarios; um famoso templo, á beiramar, realça-lhe os encantos naturaes. Ama-no-Hashidate (a ponte do céo) é a terceira vista do *sankei;* encontra-se no mar do Japão, na provincia de Tango; uma estreita lingua de areia, de duas milhas de comprido, toda coberta de pinheiros, avança pelas aguas, unindo quasi uma margem a outra margem de uma formosissima bahia.

AS GLYCINIAS EM FLOR

Depois, convem fallar de Nikko. Dizem os japonezes: — «*Nikko wo minai uchi wa, kekkô to iu na.*» — Quer isto dizer: — Em quanto não vires Nikko, não empregues o termo «magnifico». — A região alpestre de Nikko é uma dupla gloria, da natureza e

da arte. Com as suas montanhas surprehendentes, vestidas de arvoredo vetusto e encantador; com as suas rusticas gargantas,

O NASCER DO SOL EM FUTAMI

por onde a agua se despenha e espuma em cachoeiras; com as suas cascatas rumorosas, todas frescura e irizações; concorrem os enlevos dos templos, da mais requintada concepção, votados á memoria de Ieyasu, o primeiro shogum dos Tokugawa, e de seu neto Iemitsu.

Mas desçâmos a motivos mais modestos, embora não menos dignos de reparo. Tentêmos sobretudo dar realce a uma circunstancia aqui já apontada: — a concorrencia de pequeninos nadas, ou de fortuitos incidentes, servindo a distinguir, na emotividade nipponica, uma scena de outra scena, ou os multíplices aspectos de uma scena.

Antes de tudo, digâmos que ha arvores celebres no Japão, como ha heroes, ou como ha deuses. Cabem sem duvida as honras de primeira citação ao pinheiro de Karasaki, talvez a mais velha arvore conhecida n'este mundo, pois conta cerca de mil e quinhentos annos de existencia; enraizando á beira do lago Biwa, na provincia de Omi, ergue no espaço o tronco monstruoso, medindo trinta e sete pés em circumferencia; e estende e alastra os enormes troncos carcomidos, amparados a bordões, como um mendigo de estrada, derreado pelos annos. Outro pinheiro celebre é o *Né-agari-matsu*, perto de Wakanoúra, com a rede das raizes em parte a descoberto. A cerejeira de Ghion, em Kyôto, florindo em começos de abril, é, em tal quadra, de um deslumbramento indescriptivel, sem igual. Estas tres arvores, como outras muitas, constituem pretextos, que tornam queridas as paizagens circumdantes, aonde o povo afflue em festivas romarias.

UM EFFEITO DE LUAR

As florescencias, naturalmente, imprimem particulares feitiços, embora ephemeros, aos

scenarios. Em fevereiro e março, são as flores de ameixeeira que tornam certos sitios aprazíveis. Em abril, são as flores de pecegueiro, de cerejeira, de colza; Yoshino, Arashiyama, por exemplo, são famosos pelas suas cerejeiras. Seguem-se as flores das glycineas, das azaleas, das iris. Em julho, são as alvas e as roseas flores do lotus, a emergirem dos charcos, das lagoas; a gente vae ouvir pela madrugada, o estranho — path! — o estalido das petalas do lotus, no momento em que as corollas desabrocham. Em novembro, não ha flores; mas são as folhas do arvoredo que então se coloram de tonalidades brilhantissimas; as folhas do *momiji*, em especial, attingem estupendas gradações, que vão do amarello de ouro ao carmezim, ao rubro esbrazeado; em Arashiyama, em Minô, em Takaó, em Shin-Takaó, na alcantilada Arima e em mil outros logares, a paizagem alcança tons de apothéose, com a qual o povo, em magotes, se deleita. E, no entretanto, o outomno é, como dizem os japonezes, *inki*, melancholico: — a grandeza do dia diminue a olhos vistos, definha-se a vegetação, desnudam-se as arvores, cahem as folhas e morrem os insectos; a paizagem estilla uma tristeza luctuosa, que infiltra desolações nas almas sensitivas.

O CEU E O MAR

Um dos grandes estimulos do scenario japonez é a neve, que lança alvos mantos de pureza sobre as costas das montanhas, e salpica de arremedos de florescencia os proprios pinheiros, os bambus e outras arvores que nunca floresceram. A neve é adorada e adoravel no Japão; ir vêr cahir a neve, pelos campos fóra, em mezes de janeiro e de fevereiro, é um dos passatempos d'esta gente. Conta-se que um antigo imperador, soffrendo, em pleno estio, da nostalgia das nevadas, mandou cobrir de setim branco uma collina inteira, que defrontava com as varandas do palacio.

Não esqueçâmos o mar. O mar, pelas suas innumeras modalidades imprevistas, pelo seu perpetuo arfar emocionante, pelos seus murmurios, pelos seus choros, pelos seus risos, pelos seus gritos; o mar, com o seu cortejo de barcos e de passaros, com a sua labuta piscatoria, é aqui, como em toda a parte, e mais talvez aqui do que em toda a parte, o potente feiticeiro das scenas imprevistas, que se gravam indeleveis na memoria.

Outros estimulos da paizagem residem nas estranhas apparencias atmosphericas d'esta terra. Frequentemente, são os tons vaporosos das neblinas, os largos horisontes côr de perola, donde emergem contornos indecisos, como de coisas sonhadas, mas não vistas; outras vezes, é o azul vivido, scintillante, do céo, de uma pureza incomparavel. Juntêmos as ruborisações crepusculares, os incendios das nuvens extravagantes, os encantos do nascer e do pôr do sol, e do luar. A enumeração das oito bellezas da provincia de Omi, *Omi-kakkei*, é instructiva n'este assumpto. São ellas: — vista do luar do outomno, em Ishiyama; a neve pela tarde, em Hirayama; o pôr do sol, visto de Seta; o templo de Miidera, á tarde, na occasião de tocarem os sinos; a partida dos barcos, largando de Yabasé; o céo brilhante e a brisa, em Awasu; a chuva durante a noite, em Karasaki; os patos bravos, recolhendo a Karata.

Mencionêmos os bichos. Em junho, a apparição dos pyrilampos, em certas visinhanças das ribeiras, vem dar grande prestigio

OUTRO EFFEITO DE LUAR

bem, darão fama a outros logares.

Resta lembrar a historia, a lenda. Não faltam sitios, onde palpita a tradição das coisas mortas, onde terriveis batalhas se feriram, onde bellas princezas se aprazeram, onde sabios e santos meditaram, onde poetas escreveram seus poemas. Muitos scenarios do Japão são verdadeiras paginas das suas velhas glorias, por isto apreciados, invocando nos espiritos os espectros d'aquelles que viveram ha mil, ha dois mil annos...

á scena, attrahindo a multidão dos visitantes. O coaxar das rãs, em mezes estivaes, torna queridos outros poisos. O zumbido, o canto, o grito de outros seres, a pesca tam-

Colligidos estes modestos elementos, poderemos tentar agora, talvez com alguma espe-

UMA PLANTAÇÃO DE CHA

rança de successo, uma synthetisação da paizagem japoneza, vista pelos olhos e sentida pela alma dos nipponicos, e do seu effeito moral e educativo na sentimentalidade da nação. A paizagem japoneza distingue-se das outras paizagens em geral pela miniatura graciosa dos detalhes, pelo viço, pela belleza, pelos caprichos chromaticos; e tambem por uma certa extravagancia, quando julgada pela esthetica do Occidente. O japonez *vê* a paizagem pelos olhos, como um sentimento de paz universal, de serenidade, de alegria, de agasalho, de innocencia, e uma como que glorificação perenne da natureza creadora. A paizagem japoneza não provoca á exaltação do pensamento; embala-o, pelo contrario, tornando-o improprio aos grandes transportes passionaes, incluindo a paixão dos sexos, entre outras. Sendo a paizagem um dos grandes factores potenciaes, que decidem das religiões dos povos, os japonezes deveriam ser o que ef-

CASCATA DO SHIRAITO CERCA DO FUJI

nós; mas, mercê dos seus agudos dotes sensitivos, quer tambem *cheiral-a,* quer tambem *ouvil-a,* quer tambem *sentil-a;* pedindo para isto a concorrencia das florescencias, dos insectos, das aves, dos batrachios, da legenda, de todas as manifestações da creação e da memoria.

Quando procurêmos descobrir, na ordem da psychologia esthetica das coisas, o que emana d'estes quadros, qual é a alma d'estas scenas, concluiremos que de tudo se exala fectivamente são, decididamente pantheistas, adivinhando deuses nas montanhas, nos rios, nas arvores, deuses protectores das culturas, dos lares, dos poços, das cosinhas, dos lavradores, dos soldados, dos negociantes, de todos e de tudo.

O povo, por indole affectiva, fez da contemplação da paizagem um mister. O caminhar, durante longas horas e por ingremes ladeiras, até defrontar com um agradavel panorama, entra nos deveres da existencia,

como para nós, occidentaes, o fazer periodicas visitas ás pessoas das nossas relações. Deixar passar um anno, sem ir vêr as flores de cerejeira e as folhas do *momiji,* é quasi um crime, pelo menos uma irreverencia indesculpavel. Deve admittir-se que, d'este habito de convivio com a natureza em galas, passou o japonez para o naturalismo em arte, em que é, como se sabe, primoroso e inigualavel. Mas a arte sublimou-lhe os dotes emotivos, levando-o por seu turno a melhor comprehender a natureza. D'isto se originou um vae-vem de emotividade esthetica, como que um movimento pendular do sentimento, entre a natureza e a arte; dando, como resultado ultimo, a fixação do caracter nacional, tal como hoje o conhecemos. A alegria perenne das massas, o carinhoso amor pelo solo patrio, o consequente patriotismo, o aprazimento nas coisas simples, a sobriedade, um fundo artistico commum a toda a gente, teem, como explicação primordial, a suggestão da paizagem japoneza.

Quanto a algumas qualidades particulares, reconheciveis na indole do nipponico, como uma certa irritabilidade eventual, a disposição á vingança, por vezes arrebatamentos sanguinarios, etc., deve ir buscar-selhes a origem, não na paizagem, mas mais longe. Apontem-se mysteriosas hereditariedades raciaes, e tambem a fatalidade dos destinos politicos da nação, que fizeram do japonez um povo invasor e de conquista, rival do mundo inteiro. Se o solo entra igualmente como factor de incitamento — e assim deve acontecer, — será então pelas suas bruscas variações climatericas, pelas suas frequentes catastrophes meteorologicas, sobretudo pela sua compleição seismographica, convulsa, traduzindo-se em abalos quasi que diarios e em terremotos repetidos.

Voltêmos ainda aos effeitos psychologicos da paizagem. Nos tempos actuaes, a introducção a jorros da civilisação occidental no seio do Imperio, com o seu cortejo de vicios, de descrenças, é, fóra de duvida, um terrivel factor desintegrante; a paizagem porém, immutavelmente serena, ergue-se, como uma tremenda força de integração, oppondo-se á degenerescencia da familia japoneza.

O progresso avança enormemente nas suas investidas; os fios telegraphicos atravessam, é verdade, os horisontes; o comboio fumegante cruza os scenarios sagrados do Nippon, com grande espanto dos deuses e dos brutos. Mas verdejam os mesmos pinheiros, florescem as mesmas cerejeiras, rumorejam as mesmas aguas, reluzem os mesmos pyrilampos; — é dizer que a alma japoneza persiste, com as suas qualidades de eleição.

Kobe.

WENCESLAU DE MORAES.

Mors-Vita

Do assombro e do terror com que eu te via outr'ora
como a noite sem fim, e o fim de tudo... ó Morte!
ficou-me a idéa vã de teu sinistro porte,
imagem familiar que eu já não temo agora.

Rompe da tua treva a cada instante a aurora,
e surge do teu nada a vida inda mais forte!
Transformas, não destróes; que o vivo tem a sorte
de não morrer jamais, morrendo a toda a hora...

E's a razão do ser, dentro do ser, latente!
No prazer e na dôr em tudo, o homem te sente,
o homem, circo eternal dos jogos teus furtivos.

Mas tu guardas, ó morte, em teu seio, um mysterio!...
— Sob as louzas talvez, talvez no cemiterio,
aos mortos, tu dirás o que occultaste aos vivos!

Pernambuco — 1910.

Odilon Nestor.

Uma obra extraordinaria de engenharia

LEVOU-SE finalmente a cabo uma obra de engenharia que representa uma verdadeira odisséa, um romance de Julio Verne pela extraordinária difficuldade dos obstáculos vencidos, pelo arrojo dos trabalhos, pelo imprevisto dos lances. Referimo-nos ao caminho de ferro que corta a Noruega na sua parte de mais difficil accesso, pondo em communicação directa Cristiânia, sobre o Baltico, e Bergen, no mar do Norte. Esse caminho de ferro tem um grande valôr commercial e tomará um papel importante no desenvolvimento do turismo na Escandinávia. A distancia entre os pontos extremos é de cêrca de tresentas milhas, mas no percurso havia a escalar o grande massiço escandinávio, velha região de altos platós onde os valles parecem talhados a machado na espessura do massiço.

UMA ESTAÇÃO CULMINANTE

O vencimento da cadeia estava erriçado das mais árduas difficuldades, muitas das quaes de caracter notabilissimo para a arte da construcção dos caminhos de ferro, e porisso a linha será sempre considerada como uma das obras mais extraordinarias d'esse ramo que se teem executado.

Deu-se o primeiro arranco á obra em 1875, quando o governo autorizou as despezas necessárias para o trabalho Mas não foi então mais do que um passo insignificante no projecto: umas sessenta e sete milhas, de Bergen a Vossevangen. Admittia-se que mais cêdo ou mais tarde a linha teria de sêr tambem encetada em sentido contrario, de Leste para Oeste, não obstante a presença do Dovrefjaelde Range. O governo determinou pois que emquanto andasse em cons-

trucção aquelle primeiro troço, se estudasse o caminho a seguir do outro lado, de forma que quando Vossevangen fosse attingido, tudo estivesse preparado para o internamento final através as montanhas.

Era esta a idéa official, mas que se não executou, pelo menos na interpretação geral do projecto. A via ferrea foi levada de Bergen a Vossevangen e aberta ao tráfico entre esses dois pontos no verão de 1883, e, em conformidade com as idéas da época, de via reduzida, apesar de se devêr considerar como uma arteria principal de tráfico.

Durante annos os trabalhos interromperam-se, não por falta de fundos, mas porque o governo receiava mettêr hombros a uma empreza que reconhecidamente exigiria um trabalho formidavel, e tambem porque se não podia ainda decidir definitivamente qual o caminho a seguir.

Quando ainda a linha avançava para Vossevangen, proseguia-se nos trabalhos de geodesia e exploração nas montanhas, investigações que continuamente revelavam novos obstáculos. Viu-se que numa das estações a neve caía durante 62 dias no anno, e que se não passava um mês sem se encontrar essa inimiga. Em muitos logares variava de $2^{m},70$ a $4^{m},5$ de profundidade, chegando por vêzes a attingir $7^{m},8$. A chuva appareceu sob um aspecto aterradôr, esbravejando por aquellas brancas solidões tempestades furiosíssimas; o vento, devido á posição exposta do planalto, era fortissimo.

Tão descoroçoadôres foram os resultados d'estas investigações, que durante dez annos o *terminus* ficou em Vossevangen. Em 1894, comtudo, o governo voltou ao problema, e autorizou a segunda parte da linha, de Vossevangen a Taugevandet. Ora em Vossevangen a linha estava a 98^{m} acima do nivel do mar, e para attingir Taugevandet haveria a subir até á altitude de 1:300 metros, isto numa distancia de 48 milhas. Tal altitude, por cerca de 60° Norte e num plató exposto a tempestades frequentes numa das menos povoadas regiões da Europa, representava uma tarefa pesadíssima para os trabalhadôres norueguêses. As suas circumstancias eram ainda mais lamentaveis pelo facto de a estação rigorosa durar oito a nove mêses, prevalecendo tambem muitas vezes as condições invernosas durante o estio, varrida de tempestades de neve a pequena colonia que manejava as picarêtas.

A necessidade de abrir um túnnel no cimo da cadeia era uma nova difficuldade do emprehendimento, e uma das mais árduas imagináveis: se considerarmos a latitude, a altitude e as condições climatericas, poderemos calcular como era extraordinariamente difficil a tentativa. Esse túnnel, — o túnnel Gravenhals — mede 5:170 metros através um cabeço granítico, e é não sómente o mais comprido da Europa setentrional, mas dos de mais difficil construcção, porisso que foi executado no meio de um oceano de neve que, arrebatada pelo vento, era impellida para as perfurações das portas, exigindo esforços titanicos para conservar as aberturas desembaraçadas.

BARREIRAS PROTECTORAS DA LINHA CONTRA AS NEVES

O contracto para esta obra foi feito com uma firma escandinavia por 727 contos de réis, e começou a executar-se em principios

do anno de 1896. Aproveitou-se o rio Gandal, que movia grandes turbinas, para alimentar pela electricidade as máchinas perfuradôras e outros apparelhos. As máchinas usadas foram poderosas hidraulicas Brandt, atacando a parede rochosa com a força de 80 atmosferas. Calculou-se que se avançariam assim 59 metros por mês, mas os calculos provaram errados, e no primeiro anno obtiveram-se só $^2/_3$ do progresso mensal previsto. Era necessario recorrêr a meios que ajudassem a apressar a obra, pois a rocha oppunha muito maior resistencia do que a que se esperára. Recorreu-se a apparelhos pneumaticos, e com esta ajuda a tarefa proseguiu mais rápida, de forma tal que deu em resultado o atraso transformar-se em adiantamento; quando finalmente foi abatida a ultima parede de rocha, em 4 de julho de 1902, estava-se em avanço de 2 mêses sobre o contracto, e acabado um labôr de 6 annos.

DESIMPEDINDO A VIA DOS GELOS

Depois de deixar este túnnel, a linha segue um alto e breve percurso, mergulhando em uma nova toca, 147 metros mais elevada ainda e de 1:560 metros de comprimento. Foi domorada a execução, e os engenheiros viram-se em grande embaraço pela difficuldade em obtêr trabalhadôres; estes esquivavam-se constantemente e o mais possivel a tão árduo trabalho, conhecendo a altitude, a desabrigada situação da obra, a inaccessibilidade da região.

Havia ainda um outro factôr alarmante para os operarios: as surprêzas que a naturêza apresentava. Emquanto se trabalhava no túnnel de Gravenhals uma avalancha varreu a encosta da montanha e esbarrou na casa das machinas que encontrou no seu trajecto. Ficou demolida metade da construcção, e dois mêses decorreram antes de podêr sêr restaurada em condições de se continuarem os trabalhos. No túnnel de Reinunga accumularam-se difficuldades de toda a ordem, e quando finalmente se attingiu Taugevandet houve nova paragem, não sabendo os engenheiros decidir qual caminho a seguir d'ahi para diante. Se bem que o mais difficil estivesse feito, entrou o anno de 1898 sem os trabalhos recomeçarem. Foram então votados creditos para a construcção da linha entre Taugevandet e Rôa, devendo esta secção sêr construida pelos dois extremos simultaneamente. Isto assegurava o acabamento do caminho de ferro através o paiz e a ligação com as linhas em redôr de Cristiânia; mas era preciso renovar a primeira secção, de Bergen a Vossevangen, que, como dissémos, fôra construida em via reduzida, ao passo que a restante era de via normal.

Depois de deixar Taugevandet a linha desce para Bromme com muito menos declive do que o existente do lado da cadeia que dá para Bergen. O trabalho foi aqui muito mais simples, podendo-se seguir o fundo dos valles, em vêz de empoleirar a linha sobre as montanhas, como fôra o caso até Taugevandet.

Assim a construcção foi levada a effeito com rapidêz de ambos os lados, de forma que em 9 de outubro de 1907 as duas linhas se encontraram finalmente, e a locotiva pôde atravessar as montanhas de Leste

a Oeste. Apesar da maior accessibilidade do terreno, foi ainda necessário fazêr vários túnneis e pontes, cuja execução porém se não pode comparar com as de Gravenhals ou Reinunga.

Os 41 túnneis da linha perfazem juntos uns 7:500 metros de comprimento, sendo as grandes pontes em número de 14.

Se a execução da linha foi uma obra extraordinaria, é ella única nos trabalhos de conservação que exige, sendo preciso constantemente desembaraçá-la da neve, mesmo em pleno estio. Para evitar o escorregamento da neve para a linha, construiram-se trincheiras entre Mjölfjeld e Gjeilo, numa extensão de 60 milhas.

As coisas que dizemos!...

Se houvera no teu peito
Algum amor por mim!
Bem sei que não mereço
A graça que appeteço;
Mas olhas-me, e suspeito
Que exista. Será assim?
Se houvera no teu peito
Algum amor por mim!

Se houvera! que ventura!
Existe? Existirá?!...
Teus labios, esses, calam;
Porém, teus olhos falam!
E a sua graça pura
Parece que diz: — Ha!
Se houvera! que ventura!
Existe? Existirá?!...

O teu olhar responde
E diz (não diz?) que sim!...
Enganar-me-á acaso
O fogo em que me abraza?...
Mas dolo não se esconde
N'um doce olhar assim!
O teu olhar responde
E diz (não diz?) que sim!...

As coisas que dizemos
Quando nos vemos, flor!...
Nem tu nem eu falamos
Mas tudo confessamos.
Se os peitos nossos temos
A transbordar amor!
As coisas que dizemos
Quando nos vemos, flor!...

Quero fallar-te um dia
Tambem de viva voz;
Dizer-te tudo, tudo!
Deixar o fallar mudo!
O que eu te não diria
A sós comtigo, a sós!
Quero fallar-te um dia
Tambem de viva voz!

Novembro 910.

JOÃO DO OUTEIRO.

Como se fizeram os primeiros regimentos da Inquisição

Nem sempre á palavra regimento correspondeu o sentido militar que hoje lhe damos. Nem sempre.

Houve uma epocha, recuada mais de um seculo, em que as principaes manifestações dos legisladores tinham o nome de *Ordenações* e de *Regimentos*. D'ahi veio o *Systema dos Regimentos Reaes*, collecção que é apenas um conjuncto de regulamentos, hoje do dominio do Direito Patrio.

Longa seria a sua enumeração, porventura fastidiosa e, sem duvida alguma, despida de interesse para o nosso intuito.

Como amostra sómente apontaremos: o das albergarias e hospitaes; da artilharia; das vallas; dos ourives do ouro; dos capellães reaes; da Casa dos Vinte e Quatro; dos almirantes; dos contos; dos officiaes das sizas; dos algibebes, e até os pastores da Serra da Estrella tinham regimento, pelo qual se iam regulando na sua vida nomada e primitiva!

Note-se porém que, apesar do cuidado do compilador d'estas peças legislativas, bastantes continuaram desconhecidas, jazendo no olvido dos respectivos archivos ou cartorios. Entre essas figuram os dois mais antigos regimentos do Santo Officio: um da primeira instancia da Inquisição, outro do Conselho Geral, ou segunda instancia do referido tribunal.

Tenho aqui, na minha mesa de trabalho da Torre do Tombo, nada mais nada menos que os seus respectivos originaes.

Conservam as encadernações primitivas, cuja côr preta desappareceu, como desappareceram os dictames que elles encerram. Conheço-lhes a genealogia, conheço-lhes o conteúdo, e até sei a longa peregrinação que fizeram durante seculos até chegarem a este

archivo, onde são devidamente apreciados. Ineditos, publiquei-os; desconhecidos, estudei-os.

A elles tenho portanto ligadas horas de intenso labor intellectual, lucubrações — bem ou mal feitas não me compete a mim dizê-lo — mas lucubrações em que o meu espirito se tem gasto e afadigado.

O frontespicio de um, feito á pena (fig. 1.ª), tem a ornamentação da epocha: animaes em baixo, flores em cima. Ao fundo das folhas ha evidentes vestigios dos dedos inquisitoriaes, volvendo-as nervosamente, talvez em cata de disposição salvadora de alguma judia, cuja lindeza faria esquecer a falta commettida, talvez procurando a malha enredadora d'algum inimigo perigoso.

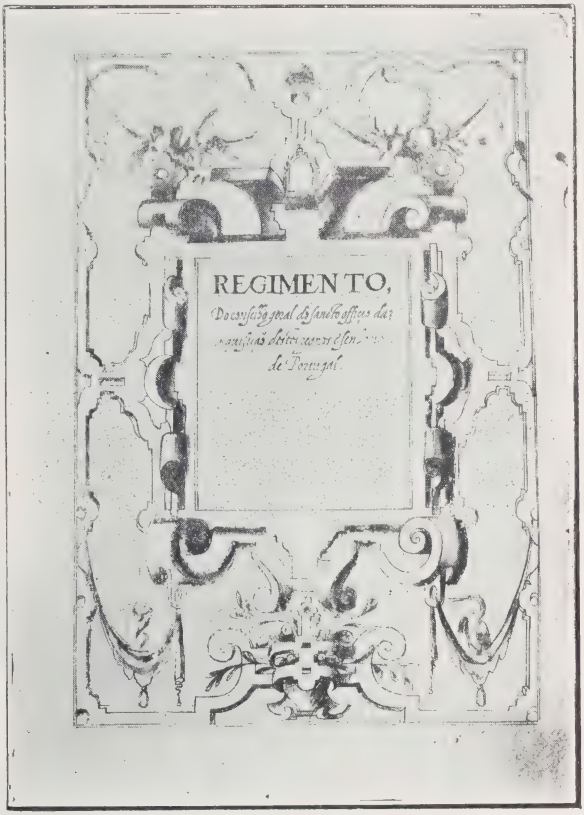


FIG. 1. — FRONTESPICIO DO REGIMENTO DO CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO

Ambos promulgados no tempo em que o cardeal D. Henrique foi Inquisidor Geral, um tem a data de 1 de março de 1570 e outro a de 3 de agosto de 1552. Este ultimo — o da primeira instancia inquisitorial — foi feito, como aliaz diziam sê-lo tudo quanto se praticava no execrado tribunal, para *serviço de Nosso Senhor!*

E não procedeu D. Henrique levianamente; não. O projecto, talvez da sua lavra, foi apresentado e discutido pelos *gros-bonnets* da Inquisição no seu inicio. Sobre elle foram successivamente ouvidos: o arcebispo de Braga, D. Balthazar Limpo; o bispo de Angra e governador da Casa do Civel, D. Rodrigo Gomes Pinheiro; o bispo do Algarve, D. João de Mello; e finalmente os dois inquisidores de Evora, Licenceado Pedro Alvares de Paredes e o dr. João Alvares da Silveira. Constituindo assim uma commissão de letrados, deitaram certamente abaixo todo o Direito Canonico desde o *Corpus Juris Canonici* até ás *Decretaes* de Bonifacio VIII e tiveram presentes as bullas instituidoras do terrivel tribunal.

O *Regimento do Conselho Geral do Santo Officio* tambem foi redigido com o parecer de letrados theologos e juristas, cujos nomes não conhecemos, mas que eram com certeza adversarios *da heretica pravidade e apostasia.*

Assente quaes as suas disposições cumpriu a um bom calligrapho escreve-las e ao Inquisidor Geral authentica-las, assignando-as (fig. 2). Restava porém o conhecimento d'ellas aos interessados.

Se fosse actualmente gemeriam os prélos da Imprensa Nacional e no dia seguinte o *Diario do Governo* levaria a todos o conhecimento da nova lei. Mas, quando appareceram esses regimentos, a typographia estava ainda em embryão, e o *Diario do Governo* repousava na massa dos impossiveis, sem sequer existir a sua legitima ascendente, a *Gazeta.*

Sendo uma ordem pequena poderiam os pregoeiros grita-la nas encrusilhadas, ou poderiam até os sacerdotes dize-la do alto dos pulpitos. Não era a primeira vez que isto faziam, pois as ordens da primitiva Inquisição assim foram publicadas.

Mas agora tratava-se de um codigo, cujas disposições para mais convinha ao Santo Officio ficassem secretas e por isso determinaram que deante de todos os officiaes do Santo Officio a sua leitura se fizesse periodicamente, de tres em tres mezes.

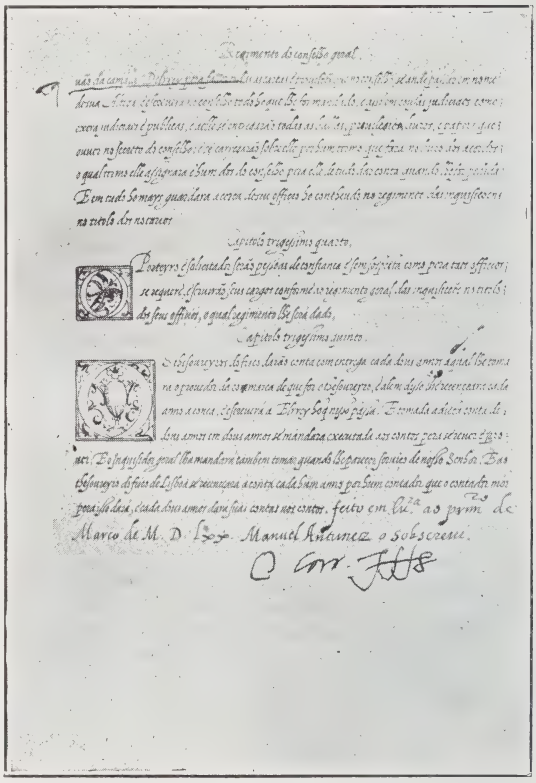


FIG. 2. — FOLHA ONDE ESTA' A ASSIGNATURA DO CARDEAL D. HENRIQUE

Era bem necessario terem sempre presente o cumprimento dos seus deveres.

Todavia, para os que hes soffriam as duras consequencias, — os mais interessados seguramente — não havia publicidade. A esses se podia com verdade applicar a phrase de não saberem em que lei viviam.

Até 1613 estiveram em pleno vigor as suas disposições e á sua ordem foram julgados, entre outros, Damião de Goes, Fernão de Oliveira e Fernão de Pina. Familias inteiras morderam o pó dos carceres, denunciando-se mutuamente numa inconsciencia afflictiva, num pavor communicativo.

Criadas denunciaram patrões por lhes não pagarem a soldada; filhos denunciaram os paes; e as esposas denunciaram os maridos por zangas d'occasião de que depois se arrependeram.

Houve como delatores: juizes; *mestres de ensinar moços* — os modernos professores de instrucção primaria —; mestres de grammatica, os modernos professores do lyceu —; e até lentes da universidade, corregedores e bispos. Os officiaes do mesmo officio então era vulgar accusarem-se. Ciumes, rivalidades? Sem duvida; alguns bem cruelmente as expiaram. Assim, frei Bartholomeu Ferreira, o conhecido censor dos *Lusiadas,* apontou proposições hereticas em certos sermões de Diogo de Paiva d'Andrade e o mystico auctor dos *Trabalhos de Jesus,* cujo logar tão assignalado é na nossa historia litteraria, não escapou á accusação de affirmações menos orthodoxas.

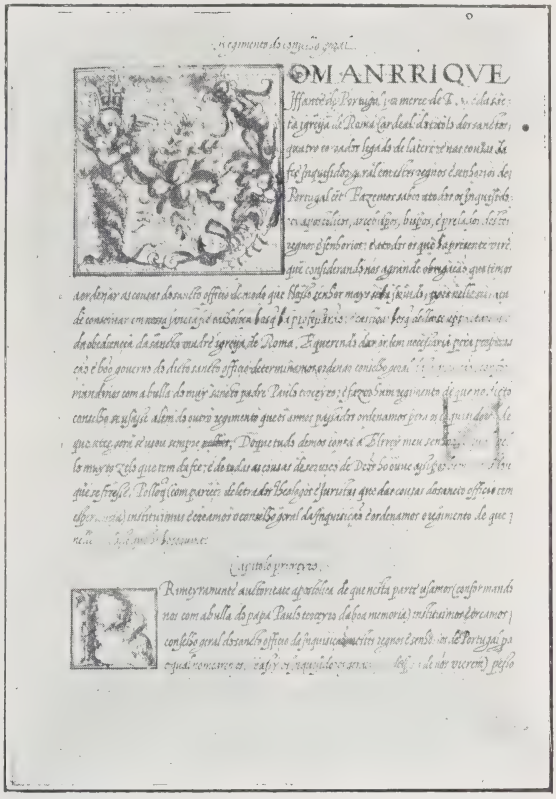


FIG. 3. — PRIMEIRA FOLHA DO REGIMENTO DO CONSELHO GERAL; E NOTAVEL O SEU D INICIAL

Subiram as escadas dos Estáos — pouco mais ou menos onde é actualmente o theatro Almeida Garrett — desde o primeiro jesuita Simão Rodrigues até ao filho do grande Affonso d'Albuquerque. E, se outros as não subiram, aconselharam a que lá fossem, como o nosso embaixador em Castella, Martim Correia da Silva, como o illustre auctor das *Saudades da Terra,* Gaspar Fructuoso.

Quantos casos de bigamia não foram denunciados, quer pela deficiencia do processo ecclesiastico anterior ao concilio Tridentino, quer pela emigração constante para o Oriente e Africa, á qual allude Garcia de Rezende nos seguintes versos da sua *Miscelanea:*

Vimos muito espalhar
Portuguêses no viver
Brasil, ilhas povoar
E ás Indias ir morar
Natureza lhe esquecer:

Vemos no reino meter
Tantos captivos crescer
E irem-se os naturaes
Que se assi fôr, serão mais
Elles que nós, a meu vêr.

Quantos padres, pouco respeitadores da castidade, não foram duramente castigados! D'esses taes de quem diz Rezende:

Vimos clerigos viverem
Com mulher e os filhos serem
Dos beneficios herdados.

Uma das denuncias mais curiosas, feita á sombra dos *Regimentos,* de que vimos fallando, foi a de um christão novo que não acreditava na virgindade de Nossa Senhora, por se não poder tirar a gemma de um ovo, sem o quebrar.

O que lhes aconteceu de então até agora?

Relegados ao esquecimento apoz a impressão do primeiro regimento do tempo do inquisidor geral, D. Pedro de Castilho, dormiram durante duzentos e oito annos no paço dos Estáos ao som dos gritos lancinantes das victimas dos tormentos, talvez num berço de pó e teias de aranha.

De 1821 a 1825 estiveram na então Real Bibliotheca Publica, hoje Bibliotheca Nacional.

A instancias do illustre visconde de Santarem vieram finalmente para o Archivo Nacional, onde se conservam para curiosidade dos vindouros.

Se fallassem muitas cousas diriam; mas, mesmo não fallando, sobejamente nos contam as atrocidades sem fim praticadas á sua sombra.

ANTONIO BAIÃO.

Hamburgo — Hannover — Berlim

Uma cidade livre

(Conclusão)

Depois de S. Pauli vem Altona, a antiga cidade, com o velho *Rathaus,* enfrentada pela estatua equestre d'um velho *burgmeister.*

A seguir um vasto jardim para onde abrem as portas do muzeu de Altona. Este muzeu é bastante vulgar. Pretende ser um repositorio d'arte classica, mas não passam de modestas contrafacções, de copias, o que enche os seus amplos salões. Defronte da porta principal ha um tanque com bellas figuras mythologicas em bronze. O grupo é arrojado e cheio de vigor. Neptuno reina sobre duas nereiades que se degladiam.

O resto da antiga cidade é como toda a Hamburgo, cheia de bellos edificios, estabelecimentos sumptuosos e vida intensa pelas ruas, praças e jardins.

Passada Altona, começa a estrada á beira do porto, sempre semeada, pela margem direita, de habitações que espreitam entre a folhagem.

N'um ou n'outro ponto, onde as vivendas de luxo se agglomeram, está aquelle braço de mar povoado tambem de botes de recreio em grande quantidade. As aguas regougam nos seus pequenos costados, dando com estas notas ainda maior transparencia á musica do vento ligeiro que atravessa o arvoredo.

O caminho é bem pittoresco, mas falta-lhe a luz de que nós aqui nem caso fazemos; esse azul triumphal que leva a crer nas chimeras do além. Nem a luz nem a côr, nem esse ar calido e confortante, que transporta o cheiro dos pinhaes e das accacias; mesmo no estio, aqui, percebe-se que estamos no paiz da neve.

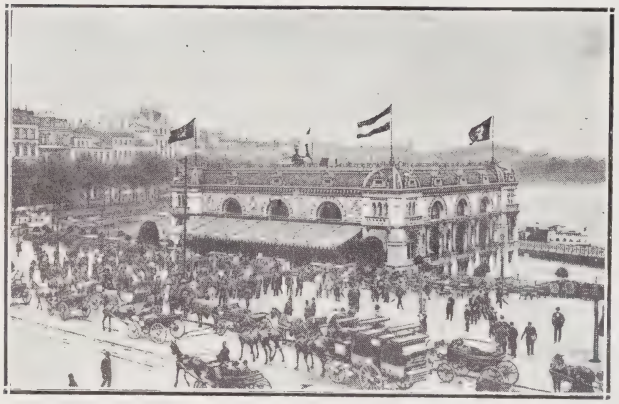
A' volta jantámos, como disse, no hotel do Park e regressámos de noite para a cidade.

Na cidade, á noite, quando se não vae a algum theatro, o ponto preferido pelos que não teem preconceitos anti-semiticos é o *Alster Pavillon,* um café tambem unico pela sua grandeza e situação.

O *Alster Pavillon* é um edificio elegante, quadrangular, em forma de arcaria, todo construido sobre o lago de onde tirou o seu nome.

Só a fachada principal está encostada á

margem, e é por este lado que se faz o accesso ao café. Tem uma orchestra, executando a musica em voga, desde as duas da



O ALSTER — PAVILLON

tarde até ás duas da madrugada. E' um logar agradavel para, á noite, de uma das mezas do andar superior, estarmos disfructando a cidade illuminada em roda do lago, os reclames em projecções electricas, o movimento dos barcos a vapor que cortam as aguas escuras, reflectindo n'ellas as suas luzes, tudo como um quadro através do grande vidro que nos intercepta a brisa do Alster. Dentro a cerveja, o café, os sorvêtes, desapparecem sob os labios de muitas mulheres por vezes bellas, mas sempre saudaveis e rosadas. Teem um ar feliz e nedio os homens que as acompanham.

Vêem-se por ali os jornaes de todo o mundo. Encontrei lá o *Seculo* e o *Diario Illustrado*.

Ao longo da fachada principal e pela margem fóra, para ambos os lados, estendem-se quatro filas de mezas com cadeiras, entre pequenas arvores, collocadas ahi durante o verão.

Ha muita gente que não vae ao *Alster Pavillon* por se dizer que elle é um paradeiro de judeus. Na verdade, o seu proprietario é israelita, e na sua freguezia abundam as caras morenas que, n'aquellas paragens, só vemos aos transfugas de Jerusalem, espalhados pelo mundo inteiro.

Os portuguezes de Hamburgo e a colonia brasileira teem ali o seu ponto de reunião.

Era a terceira vez que vinha ao *Alster Pavillon*, quando ás onze horas da noite resolvemos ir acabar o domingo para S. Pauli.

A noite estava bastante fria; pois mesmo assim todo o bairro parecia uma feira. As musicas dos cafés e dos theatros, o movimento dos trens, automoveis e electricos recrudescia áquella hora, como a mais propria para estroinices. Lá andei observando tudo. O *American bar*, em altos relevos e columnas doiradas, luxuoso nos seus damascos vermelhos, parecendo mais um templo do que um mercado de bebidas e de mulheres. Vinte

ESTAÇÃO PRINCIPAL

raparigas frescas e alegres, algumas gentis até, estavam postas em linha, a um balcão, onde os seus requestadores iam libar cerveja ou *champagne*, conforme a harmonia entre o enthusiasmo e a bolsa lh'o permittia. Pelo meio da sala, mezas cheias de frequentadores já conhecidos na casa. Ao fundo, sobre a esquerda, um estrado e n'elle uma orchestra zingara de Budapesth, dirigida por uma cigana encantadora, perturbante. Foi a primeira belleza notavel que a Allemanha trouxe aos meus olhos.

Não era morena; mas tinha um cabello ébano delicioso. Os olhos muito alegres em forma de amendoa, nariz semita, ligeiramente recurvado, e uma bocca onde com certeza não cabiam dois beijos a par.

O seu trajar caracteristico, com as côres locaes e as enfiadas de florins, oirando-lhe o peito e a orla da sáia, faziam-lhe realçar a brancura da pelle.

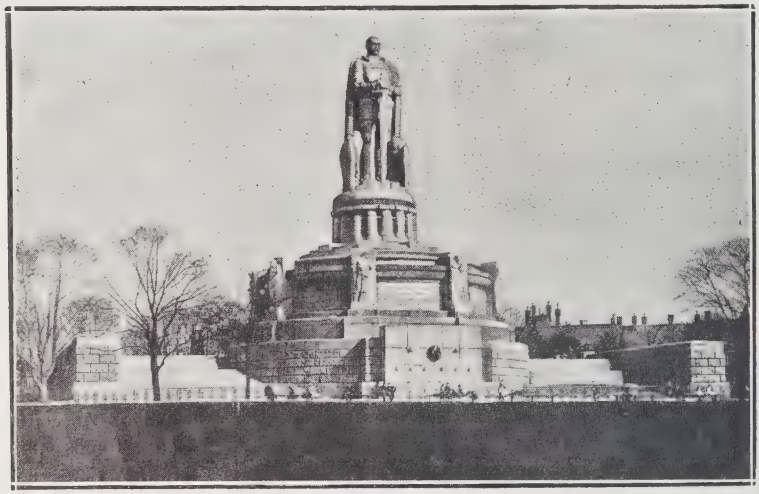
Lembro-me que um dos meus companheiros a quem chamavamos o *Herr Professor*, pelos seus oculos cathedraticos, se deixou estontear pela cigana, apesar dos oculos e de sessenta annos! A sua figura elevada dominava a orchestra, mas não ficava pela orchestra o seu dominio. O coração do meu companheiro sexagenario, tão de prompto e com tal intensidade se lhe rendeu, que logo houvemos por bem retirarmo-nos precipitadamente, para não se abrir ali o primeiro capitulo d'um romance de amor, com elle, que tinha quarenta annos de impeccavel vida de familia.

O ALSTER PERTO DE UHLENHORSTER FAHRHAUS

APEADEIRO DOS CISNES NAS MARGENS DO ALSTER

Do *American bar* fomos para outro e outros; ainda estivemos n'um theatro de variedades; mas, por toda a parte, em S. Pauli, áquella hora, depois da meia noite, ha uma atmosphera de vicio que fatiga, uns olhares forçadamente aliciantes que magôam, que torturam, E' que os *bars* e os cafés, grandes, luxuosos, estão desde as nove horas ornamentados com flores de carne, d'essas que precisam do amor para comer e para se vestir

Pobres raparigas, como o seu olhar febril espalha tristeza por entre o fumo do tabaco, do *punch* e dos *grogs* que turva a sala! Ha uma só mulher que sabe ser ligeira, facil, *leicht;* que nasceu para o ser, e que por isso nos não impressiona dolorosamente: é a franceza. Agora estas, cheias de bons principios, com as suas almitas claras e frescas como o gelo das terras que as exportam para os grandes centros, simples e sadias, fortes e confiantes, — estas! trazem-nos á idéa a impossibilidade da corrupção, por mais aturada e longa que seja a sua vida nas casas de S. Pauli, e nos epilogos hediondos das noites sempre perdidas.



A ESTATUA DE BISMARCK

S. Pauli é o Montmartre de Hamburgo; o que não obsta que até certa hora se vejam familias burguezas honestas, com as suas *Mädchen* de dezeseis annos e os seus rapazotes, ignorantes do vicio, por entre as tempestuosas mezas das tentadoras profissionaes.

Naturalmente, os chefes d'estas familias não teem o vicio por molestia contagiosa ou confiam, absolutamente, na incomprehensão da sua gente para as scenas d'aquelle espectaculo, representado perante as suas bochêchas castas.

Seja como fôr, sou levado a crêr que, se os bons costumes não fogem d'aquelles páramos aguardentados, é porque a experiencia ainda não lhes deu a segurança amarga de que tal contagio propaga a dissolução.

Outro logar de recreio no verão é o *Fährhaus*, para além do Alster.

Logo que o frio e as chuvas cessam, durante os mezes de junho, julho e uma parte de agosto, são constantes as carreiras de lanchas automoveis através dos lagos, a caminho de *Uhlenhorster Fährhaus.*

Atravessado o *Binnen-Alster,* percorrido o grande lago, começa logo a sentir-se a orchestra do café, grande e elegante, que ali attráe ao rez de agua centenas de pessoas, durante o dia, e muito maior concorrencia á noite.

Tambem lá fui. Como o leitor vê, pelo que tem lido e visto n'estas paginas ligeiras, Hamburgo, tal como hoje se nos apresenta, é uma cidade inteiramente nova. Só aqui e além, em alguma rua escusa, se encontra ainda um ou outro predio da velha Hamburgo, pequeno, com as janellas ligadas umas ás outras, os tectos muito baixos, sendo muito pequena a distancia d'uns andares para os outros, e começando a formar-se logo a meio o angulo porque terminam. Mas de anno para anno a cidade remoça. Ainda o anno passado vi dois predios d'estes, perto da *Hauptbahnhof,* que já este anno lá não estavam. E' estupenda a differença que se nota no lapso de cinco annos em qualquer cidade allemã. A gente volta e encontra-as augmentadas, mais enriquecidas tanto nas suas construcções como na viação, na jardinagem, e com maiores requintes, no conforto das casas e das lojas. E' o que não acontece a Paris, que visitei, volvidos dez annos sobre a minha ultima estada ali, e a qual encontrei exactamente na mesma.

Quando resolvi deixar aquelle milhão de burguezes com o seu nedio contentamento estampado no rosto, já não havia viella nem praça que não houvesse percorrido, logares frequentados a que não tivesse honrado com a minha visita. Sentia-me farto do *Klosterburg*, onde se almoça barato, mas onde cada *deutsches beefsteack* nos assusta pelas suas dimensões. Não parecem *beefs:* são montanhas de carne triturada, fragmentos importantes das rezes dinamarquezas que abastecem o mercado. Mais abaixo, ali, tambem defronte da *Hauptbahnhof*, está o *Berlinerhof* a acenar-me com o seu *gulasch* hungaro, modesto e saboroso, mas a minha machina começa a resentir-se d'estas ingestões proporcionaes a litros de cerveja que não bebo.

Vou pois deixar os cantinhos, em que descancei pacatamente do meu nunca parar, através da Hamburgo opulenta e farta. Será hoje a minha noite ultima do *Alster Pavillon*. Amanhã poderei condemnar, em Hannover, a transigencia de certa gente bem christã e arica que passa aliás noites n'aquella remota succursal do templo de Salomão. Francamente não levo saudade da sua orchestra. Todas as noites a *Walzertraum* de Strauss, a phantasia da opera *Bajazzo* e outras banalidades musicaes de egual jaez deixam perfeitamente arrombados os ouvidos ainda dos menos exigentes. Ainda irei ao *Tietz*, o Grandella de Hamburgo, para honrar o commercio da terra com qualquer acquisição. O commercio a retalho de Hamburgo é talvez o mais caro de toda a Allemanha; mas ainda assim que differença para os preços da nossa Lisboa, que escaldam! Ha armazens que vendem mais barato, *billiger*, do que o *Tietz*, mas ficam menos centraes. Aqui, como em Lisboa, as quatro horas da tarde são as da maxima conjuncção feminina em volta e no interior dos *Läden*, ou *Magazinnen*.

Visitei pois os *Läden* a essa hora; e confesso que se me gravou ainda mais profundamente aquella impressão do meu primeiro dia de Hamburgo. Estas burguezas ricas e bem alimentadas, carnudas e roliças, com rosas nas faces e ancas irreprimiveis, são destituidas de gosto para se arranjarem. Para isso não é necessario vê-las em suas carnações exuberantes; basta visitar os estabelecimentos reputados elegantes. Barato, relativamente barato, ao que por cá se pede por qualquer trapo com geito, mas tudo feio como os trovões. Pobres hamburguezas!

BINNEN — ALSTER — NEUER JUNGFERNSTIEG

Tive orgulho, desvanecimento quasi, quando ouvi um dia uma senhora allemã affirmar a uma companheira de viagem que as senhoras de Lisboa se vestem com muito gosto. Estivera já em Lisboa, esta senhora, e a sua opinião era de pezo, pois que momentos antes declarára, que preferia Paris a Berlim. Uma allemã preferir Paris é symptomatico. Com effeito, mais de uma vez tive ensejo de a admirar, e sempre me pareceu uma flôr exotica de elegancia no meio d'aquellas couves repolhudas da sua terra.

A *Steinstrasse* ás quatro horas é a nossa rua do Ouro a egual hora, com a differença de que não está adubada com o papalvismo

conquistador dos nossos tenorios, atiradiços mais por ocio do que por amor, mais por vaidade do que por exigencia de temperamento.

O mulherio é que abunda, mas vem ás confecções, não procura o homem; o que não quer dizer que, se topar as suas reclamações, as não acolha num sorriso bom, promessa de outras acquiescencias não menos galantes. Mas tudo isto é muito pouco para quem vem do extremo occidente em busca de alguma coisa mais do que de seu semelhante bem ou mal arreiado, de ligeiros costumes ou de costumes austeros.

Hamburgo, deixo-te ámanhã e, na minha cabeça atroada pela orchestra do *Alster*, pouco mais ficará do que algumas centenas de cysnes dos teus lagos a quem uma alma feminina legou riqueza que garante bello passadio aos actuaes e a seus descendentes; legado digno da inveja de outras aves com mais cantiga e menos claridade nas almas. Na verdade, além dos seus jardins, do *Hagenbecks Herpark* e dos Alster, o que me deu Hamburgo que me mereça uma reminiscencia duradoura? Ah! já me esquecia: deu-me rheumatismo a sua humidade, muita chuva e frio.

Theatros alguns vi; *Die Dollarprinzessin*, uma operetta com musica alegre e original, e fui ao circo, onde dois cavallos, imitando os homens, se asselvejavam, batendo-se a *box*.

Em todo o caso esta passagem por Hamburgo deu-me horas de suave deleite. Foi na leitura das confissões de uma princeza. A *Opernhaus* ainda não abrira; os concertos classicos tinham-se dado antes da minha chegada; mas uma rainha hysterica, degenerada o bastante para ser mais bella e talentosa, enchêra-me o cerebro com a estolidez do seu espirito encantador. E' uma princeza revoltada, amorosa, intellectual, que escreve primorosamente, tão ligeira e airosa como os francezes, mordaz e irreverente como um romano. E' o diabo não é mulher; e no seu livro tive occasião de vêr estereotypada toda a vida escandalosa, *snob* e convencional de mais de uma côrte allemã. E que authenticidade! mais, que descaro! As confissões de Jean Jacques Rousseau são uma historia ingenua ao lado d'aquellas paginas desabridas de mulher moderna, amoral, critica e capaz de tudo.

E' claro que na patria de Bismark um tal livro é prohibido, e prohibida a sua leitura; e a mais insignificante infracção legal é coisa grave na Allemanha. A propria memoria que os hamburguezes levantaram ao homem que cerziu o imperio, ao chanceller de ferro, córaria na fealdade enorme das suas dimensões de estatua budhica, se ouvisse ler uma das cartas do livro. A mim pareceu-me ver, ainda de peor catadura do que é seu costume, aquelle colosso de pedra, na hora em que por lá passei sobraçando a brochura perversa, cautelosamente embrulhada.

E' que não é sómente escandalosa, é cheia de perigos a sua leitura. Lido na mais actual philosophia, aquelle espirito destrambelhado toma das mais arrojadas affirmações dos genios demolidores só aquillo que lhe faz conta para as suas invectivas documentadas.

E é uma rainha! Uma rainha, leitor, quem assim escreveu de si e dos seus! Quando acabei de saborear o volume, lido segredosamente e mysteriosamente restituido, pensei o que ainda hoje penso: o que seria a Europa, se mais duas mulheres, com o valor litterario d'esta soberana e a sua categoria social, se dessem a revelar as miserias do viver realengo das suas familias e allianças?!

Amanhã estarei em Hannover e, a cada pagina viva e arrebatada, exterminadora do respeito que se deve aos principes e aos soberanos, opporei a alvura impeccavel dos cysnes do Alster. E cada uma d'essas aves de Apollo, que Platão admirou no seu canto derradeiro, como annuncio de resurreição junto da divindade, virá desfazer com a neve das suas pennas as tintas carregadas da vida dramatica, licenciosa e, por vezes, ridicula d'um punhado de grandes a quem uma egual, parente, mas de alto espirito, converteu em sêres mesquinhos por meio do seu talento e farta sinceridade.

Dom Thomaz de Noronha.

Vicissitudes de alguns quadros

Um dos quadros mais conhecidos — por copias de todas as especies, em todas as materias, para todos os usos, em bilhetes postaes, illustrações, oleografias e bentinhos — é certamente a *Immaculada Conceição* de Murillo, que hoje se admira no Louvre. Contemplada e admirada por tanta gente, essa pintura tem de estranho o têr salvo dois homens condemnados a fuzilamento. Passou-se o caso assim: perseguia Soult o exercito de John Moore, que retirava para a Corunha, nessa campanha da Galliza que precedeu a segunda invasão em Portugal. Um destacamento francês aprisionára dois frades hespanhoes, e Soult, em vêz de os mandar fuzilar immediatamente (genero usual de procedêr com a gente freirática, particularmente hostil aos invasôres) ordenou-lhes que lhe ensinassem o caminho do seu convento. Foi ahi que viu o quadro e propôs adquirí-lo, o que o padre priôr recusou, dizendo que já cem mil francos haviam por elle offereci-

A CONCEIÇÃO DE MURILLO
(Que salvou a vida a dois frades)

do. Soult então duplicou a somma, e o priôr, vendo um meio de salvar os dois irmãos religiosos com a transacção, acceitou a proposta com a clausula de incluir a vida dos dois freires no negocio. Logo o marechal as declarou avaliadas em duzentos mil francos, e assim ficou com o quadro sem gastar real. No leilão dos objectos de Soult em 1852 foi elle disputado por varias testas coroadas da Europa, e finalmente vendido ao governo francês por quinhentos e oitenta e seis mil francos.

O SANTO ANTONIO DE MURILLO
(Tendo ao lado a parte que lhe foi cortada)

Um outro quadro, tambem de Murillo, passou mais extraordinaria aventura. Referimo-nos ao *Santo Antonio* da catedral de Sevilha, a maior tela do artista. Corre a lenda de que se viram passaros tentando pousar na mesa da esquerda, e picar nas flôres que nella pousam.

Pois em 5 de novembro de 1874 descobriu-se que a figura de Santo Antonio tinha sido cortada e arrancada, apesar da vigilancia extraordinaria que alguns roubos precedentes haviam suscitado. A porção de tela arrancada formava um quadro em si mesma, e fôra evidentemente essa circumstancia que determinára o furto. Não se descobriu indicio algum do ladrão, mas o governo hespanhol promptamente avisou os seus representantes

A MAGDALENA LENDO, DO CORREGIO

do occorrido, enviando fotografias. Só no anno seguinte houve noticias do caso, quando um hespanhol propôs a um negociante de New-York vendêr-lhe um bello Murillo que possuia. O americano, em cujo espirito se haviam levantado suspeitas, lá foi effectivamente, e reconheceu a pintura como sendo a porção roubada do *Santo Antonio* de Sevilha. Secretamente avisou o consul hespanhol, que a comprou por duzentos e cincoenta dóllares, sendo preso

UM DOS CELEBRES CARTÕES DE RAFAEL
(Cortado em tiras e arranjado)

LADY BUTS
Por Holbein)

RETRATO DA CONDESSA DE DERBY
(Por Reynolds)

immediatamente o vendedor. Em Sevilha foi depois o quadro cuidadosamente recomposto, e finalmente reinstallado no sitio primitivo com grandes festejos religiosos e seculares.

PAINEL DO INFANTE, DE NUNO GONÇALVES
(Gravura extrahida da bella monographia de José de Figueiredo)

A *Magdalena lendo,* de Corregio, tambem soffreu semelhantes vicissitudes. Em 1747 esse quadro e dois outros desappareceram das paredes da galeria de Dresde, e por algum tempo não houve noticia d'elles. O *Julgamento de Paris,* de Van der Werff, um dos quadros desapparecidos, foi depois descoberto numa caixa, e logo após o Corregio debaixo do sôlho de um palheiro, sem a moldura, que fôra tirada por causa das pedras preciosas que a adornavam.

Semelhante esconderijo foi escolhido para uma *Santa Familia* roubada, de Rafael, achada por um camponês em Italia em 1876, e aproveitada por elle para remendar uma janella partida. Um entendido que acaso ali passou, intrigado pelo estranho fenómeno pediu para o examinar, identificando então a pintura com um quadro de Rafael havia annos roubado da collecção da familia Rovere, para quem o pintára e cujas armas se viam num canto inferiôr.

Além dos ladrões, o descuido atirou muitos quadros valorosos para aventuras extraordinarias, e não poucos foram estupidamente destruidos por gente violenta, boçal e maldosa, incapaz de os apreciar. O retrato de dama reproduzido em uma das nossas gravuras faz parte de uma collecção de desenhos de Holbein (1497-1543), collecção cons-

tituida por uma serie de retratos de varias damas e senhôres da côrte de Henrique VIII d'Inglaterra. Foi achado pela rainha Carolina, no reinado de Jorge II (1727-1760), arrecadado numa velha secretária do palacio de Kensington com um volume de desenhos de Leonardo da Vinci. Muitos annos depois da morte de Holbein estavam os desenhos em França, d'onde foram trazidos para Inglaterra por diligencias de Carlos I, que os deu a Lord Pembroke, das mãos do qual passaram ás do Conde de Arundel. Nada mais se sabe da sua historia desde então até á sua descoberta pela rainha Carolina. A serie, que pertence hoje á collecção do Palacio de Windsor, é muito valiosa, e inclue os retratos de Eduardo VI em criança, da rainha Joanna Seimour, de Thomas More, de Anna Boleyn e de muitas outras personagens celebres da Inglaterra do Renascimento.

PAINEL DO ARCEBISPO, DE NUNO GONÇALVES
(Gravura extrahida da monographia de José de Figueiredo)

As vicissitudes dos celebres cartões de Rafael foram muitas e variadas. Destinavam-se a modelos para a manufactura flamenga de uma serie de tapeçarias representando scenas do Novo Testamento e encommendados pelo Papa Leão X. Depois de servirem para este fim, puseram-nos de lado como já sem préstimo; alguns tinham sido cortados em tiras pelos tecelões para commodidade de trabalho, quando Rubens os viu. Pouco depois foi este a Inglaterra, onde contou o succedido ao rei Carlos I. O infeliz monarca, cujo apreço pelas bellas artes é bem conhecido, immediatamente os

mandou procurar, mas por má sorte já era tarde para os salvar a todos. Só sete estavam ainda em bom estado,

JOSÉ DE FIGUEIREDO

e os outros destruidos á excepção de raros fragmentos abandonados no chão da officina. Após a morte do rei os cartões teriam saído de Inglaterra se não fôra a intervenção de Cromwell que ordenou a sua compra por occasião da venda da collecção real, e hoje estão numa galeria especial no Museu de South Kensington.

As tapeçarias que foram feitas em prata e ouro segundo estes cartões, conservaram-se no Vaticano até que as tropas de Napoleão as levaram em 1798. Passados alguns annos descobriram-nos em posse de um Judeu em Paris, que queimára já duas das peças para lhes tirar o ouro e a prata que continham. Foram compradas pelo Papa, e estão hoje novamente no Vaticano.

De depredação violenta é um exemplo curioso a succedida com o retrato da Condessa de Derby, pintado por Reynolds. Esta tela foi destruida num accesso de raiva pelo marido da Condessa, depois do seu divorcio.

Em questões de incuria e desleixo pelas cousas de arte é porém o nosso país fertilissimo. Citemos tão sómente esse recente exemplo dos maravilhosos quadros de Nuno Gonçalves, que graças aos senhores Joaquim de Vasconcellos, José de Figueiredo, Conde dos Olivaes e Luciano Freire, podemos actualmente admirar na sua antiga, fresca e viva belleza. A notavel monographia de José de Figueiredo sobre o grande artista português, permitte-nos contar a historia dos seus paineis. Pintados no reinado de D. Affonso V, foram mandados arranjar pelo Arcebispo de Lisbôa, D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, que entre os annos de 1540 e 1564 mandou restaurar o respectivo altar. Esses primeiros restauros foram feitos por pessôa ainda educada na chamada escola primitiva, e nelles não tocou Luciano

LUCIANO FREIRE

Freire. Mais tarde, sem lhes fazerem a menor limpeza, deram-lhes um verniz grosso côr de alcatrão, e tão des-

PAINEL DOS FRADES, DE NUNO GONÇALVES

PAINEL DA RELIQUIA, DE NUNO GONÇALVES

(Gravuras extrahidas do livro «O Pintor Nuno Gonçalves», por José de Figueiredo)

cuidadosamente que por baixo do verniz se encontraram grandes pingos de cêra. Este verniz escureceu no fim de pouco tempo, devendo os quadros parecêr horriveis quando os entregaram a nôvo e desastrado restauradôr (ainda talvez no seculo XVII), que emendou e compôs segundo a sua fantasia. Felizmente a pintura primitiva, defendida por uma dupla camada de verniz, ficou intacta. Data de então a transformação das quatro meias portas em dois quadros, não voltando os paineis para o altar de S. Vicente. Do começo do seculo XIX data o ultimo restauro, «obra de um curioso, diz José de Figueiredo, que, nas pinturas de Nuno Gonçalves, talvez sem fito algum, entreteve os seus ocios. Os quadros deviam, então, estar completamente abandonados. E esse desoccupado caiadôr, de brocha na mão, trasfegou das tijellas de barro, de que previamente se rodeára, para a superficie dos paineis, as caldas que, para esse effeito, tinha preparado. Nem sequer teve a preoccupação de procurar nivelar os espaços d'onde a tinta se despegára. Pintou de um extremo a outro, brochando as partes cheias e as partes vazias, com o mesmo calôr e enthusiasmo.»

Depois d'isto a obra de Nuno Gonçalves foi completamente abandonada. Na primavera de 1882, Columbano e sua irman a Ex.ma Sr.a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro depararam as taboas numa visita que fizeram ao Paço do Patriarcha: serviam-se d'ellas os operarios que andavam a trabalhar no vasto casarão. Pouco tempo depois estavam numa casa escura do primeiro andar, d'onde monsenhôr Elviro dos Santos os fêz passar aos corredôres. Só em 1895 obtiveram a attenção da critica, escrevendo sobre ellas dois artigos no *Commercio do Porto* o sr. Joaquim de Vasconcellos (27 e 28 de julho). Dez annos mais tarde eram finalmente examinados por José de Figueiredo, a cuja iniciativa se deve o restauro por Luciano Freire, que no-los fez apparecêr com a vida, o frescôr, a intensidade expressiva com que hoje os admiramos.

A nuvem rôxa

A tarde cai serena, recolhida:
Na linha arroxeada do Ocidente,
Fita-se o meu olhar, como um doênte
Buscando o fio a uma ilusão perdida.

Que é o que me levais, nuvem dormente,
Ó lágrima de lágrimas tecida,
Ó nota de tristeza, desferida
Na cítara doirada do Poênte?

Tons vagos de ametista, que pintor
Vos vai espalhando nessa tela imensa,
Vos vai fundindo nessa nêgra côr?...

... E a nuvem se dilue e se condensa,
Imagem, porventura, duma dôr
Que se transforme noutra mais intensa.

Maria da Cunha.

Um problema

As inscripções das capellas imperfeitas

Em quatro dos sete cordões que contornam o portico de entrada das Capellas imperfeitas vêem-se insistentemente repetidas, entre emblemas de folhas de hera, certas inscripções enigmáticas em letras góthicas. Que significam essas inscripções?

Foi Frei Luis de Sousa quem primeiro tratou extensamente d'esses «oráculos sibilinos», quando se havia já perdido a tradição do seu significado. Deixou-se convencêr de que se deveriam considerar gregas as inscripções e lerem-se *tanyas erei*. Diriam assim: *buscai, inquiri novas regiões e climas!* Era o Todo-Poderoso incitando D. Manoel: — «porque *tanyas* é accusativo do nome grego *tanya* que é o mesmo que *região*, e *erey* é o imperativo do verbo *ereo*, cuja significação é *buscar, inquirir, investigar*».

EL-REI D. DUARTE

Extraordinaria ratice essa, de escrever grego com letras góticas!

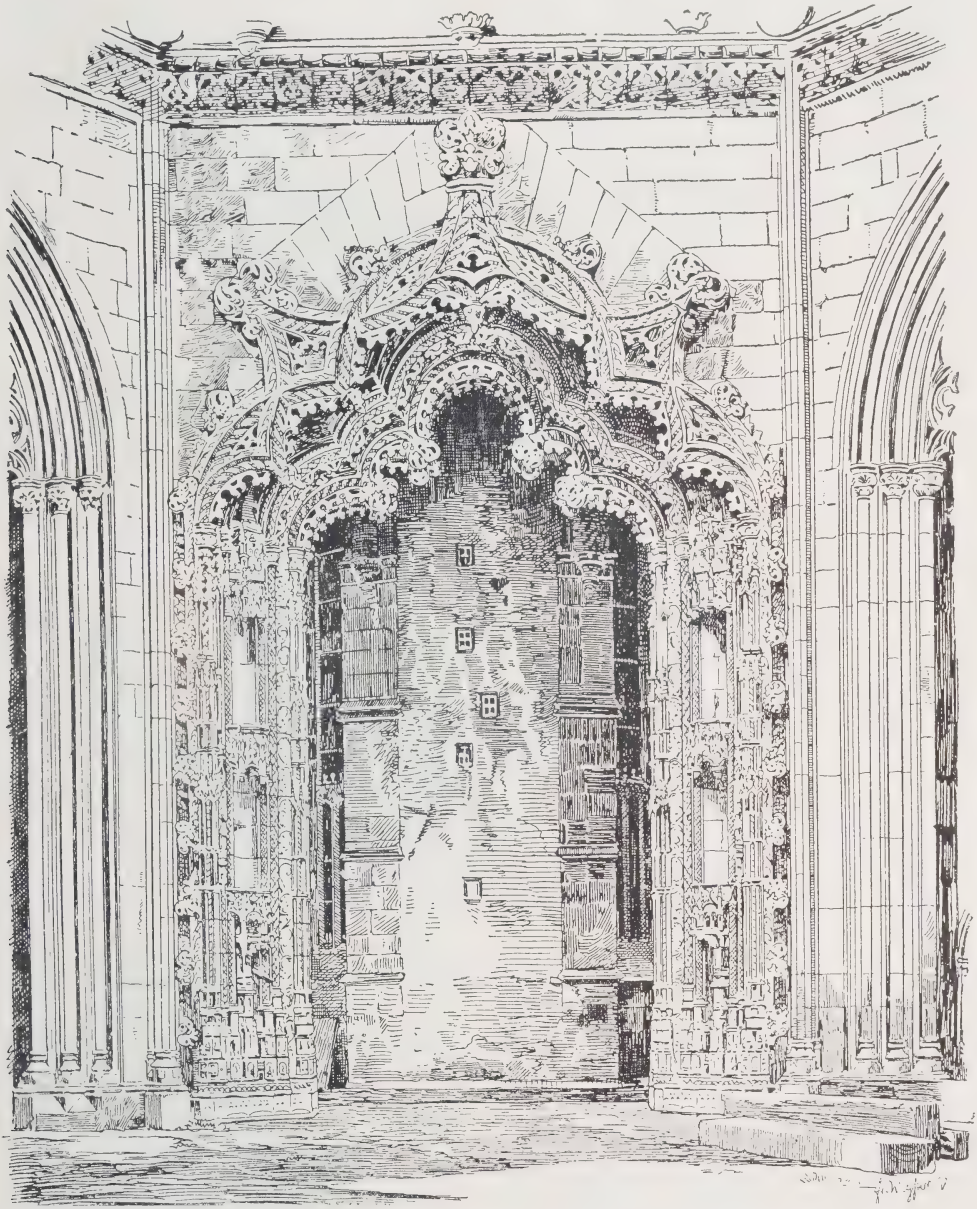
Acima, no topo da portada, ha uma outra inscripção, muito mal legivel, sendo D. Frei Francisco de S. Luis o unico escritôr que reparou nella, lendo *pantes taray* ou *pante taray;* julgou-a tambem grega, differente das dos cordões e respondendo a ellas, sem apresentar hipotese sobre a sua significação.

E assim a lenda das devisas gregas das capellas imperfeitas se transmittiu e conservou. Transmittiu-se e conservou-se até que a illustre e erudita investigadôra, a Ex.ma Senhôra Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a rebateu com muito bôas razões, filológicas, esteticas e geraes.

Effectivamente, «na lingua de Homero não existiu nem existe o tal substantivo *tanyas*

ou *tanias*, o imperativo *erey* ou *erei*, comquanto existam, naturalmente, reconheciveis tanto pelo som como pelo sentido, as duas

crevêr em gótico minusculo uma devisa grega, em obediencia ao desejo estrambotico de espantar o publico pelo exotismo da

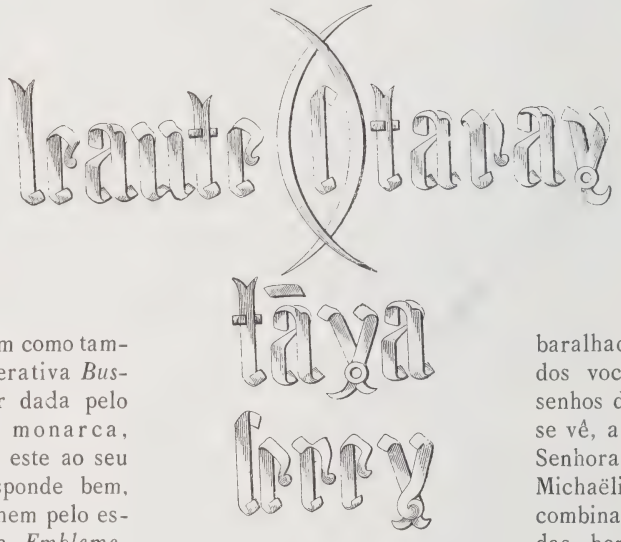


PORTICO DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

raizes que Frei Luis de Sousa e o seu informadôr tinham em mente»; depois, como diz a sábia editôra de Sá de Miranda, «es-

novidade, seria o cumulo da incoerência, tanto mais que para canteiros analfabetos tão gregos eram e são os caracteres góti-

cos como os hellenicos». Note-se ainda que a redacção de *letras* em grego não era praxe em parte alguma da Europa, nem mesmo em cousas intimas e pessoaes, como escudos, cimeiras, armas, brazões, timbres, sellos, sinetes, medalhas, — muito menos em objectos e logares publicos, patentes a toda a nação e destinados a nella actuarem. Um especialista francês apontava no meiado do seculo XVII entre três mil devisas de francêses illustres apenas três gregas; Paolo Giovio só conhecêra duas. Finalmente, é inverosimil que D. Manoel, ramo novo da dinastia, quisesse eternizar na Batalha, que elle não fundára e que rememora o triunfo sobre Castella, o seu amôr ás emprezas do Ultramar, assim como tambem a ordem imperativa *Buscae regiões*, quer dada pelo Omnipotente ao monarca, quer dirigida por este ao seu pôvo, não corresponde bem, nem pela forma nem pelo espirito, ás leis da *Emblemeria*, estabelecidas por italianos e francêses.



AS INSCRIPÇÕES DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

Eis ahi algumas das razões apresentadas por Dona Carolina Michaëlis contra a lenda das devisas gregas.

Destruida pois a velha opinião, hereditaria e dogmatica, ficava em vez d'ella um problema curiosissimo. Que significavam realmente os «hieroglifos egipcios» das Capellas imperfeitas?

Claro que o trabalho da illustre escritôra tem tambem a sua parte positiva, propondo uma hipótese em substituição da antiga. Os canteiros analfabetos da Batalha não teriam percebido bem as explicações que lhes foram dadas pelos mestres d'obras, não copiando a rigôr os modelos que lhe foram entregues, — visto não haver lingua europeia em que dê sentido qualquer das duas variantes com que o distico apparece: *tanyas erey* ou *tanya serey*. Esta ultima variante apparece em 106 circulos, e a primeira em 96, o que levou a erudita autôra a preferir a lição *serey*, que é palavra portuguêsa, emquanto *erey* não dá sentido, por um lado, e por outro *e rey* não combina com *tanyas*. Em resumo, a devisa seria *tãaz serei* = tanaz serei = tenaz serei; o que se vê entre *tã* e *az* seria a figura de uma tenaz, tomada por um *y* por Frei Luis de Sousa. Os artifices deveriam ter destacado as letras e a figura, mas mal instruidos e mal vigiados pelo mestre velho, porventura occupado em outras fábricas de D. Manoel, teriam confundido e baralhado os caracteres dos vocabulos e os desenhos das tenazes. Como se vê, a interpretação da Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos combina com o emblema das heras, simbolo da constancia, fidelidade, firmêza, ambição e *tenacidade*. *Je meurs où je m'attache!*

Ficavam portanto as coisas neste pé: a hipótese mais acceitavel seria a leitura, em bom português, *tenaz serei*, voto do rei D. Manoel, o qual de resto bem precisaria de se estimular com tal idéa, pois d'elle dissera um embaixadôr veneziano: «*Non è molto stabile nelle sue cose, e molte volte si muta di proposito.*»

Depois do apparecimento d'esta interpretação veio a lume uma Memoria do sr. general Brito Rebello sobre o assumpto. Por um documento nella inserto se prova têr sido devisa de D. Duarte um ramo de hera com o mote *tan que seray*. Os letreiros da Batalha seriam relativos pois, não á pessôa

do rei venturôso, mas á de seu avô, e os canteiros teriam errado, não pela má collocação de uma figura emblematica, mas pela confusão do grupo *que* com o grupo *ya*.

Quanto ás inscripções do alto *(pantes taray* segundo D. Frei Francisco de S. Luis, *leàute taray* segundo um apontamento obtido pelo sr. Brito Rebello na livraria da casa Cadaval), deveria constituir uma primeira parte, ainda inédita, da devisa do rei eloquente, corrompida de *leauté ferai* pela ignorancia dos canteiros.

Assim pois, segundo o sr. Brito Rebello, a devisa seria de D. Duarte, francêsa, e lêr-se-ia *leauté j'aurai tant que serai*, ou *conservar-me-ei leal emquanto existir*.

Surge após esta uma terceira opinião, a do sr. major Santos Ferreira, na sua interessantissima monographia sobre *A Tenção de D. Duarte*. Devisa, tenção, emprêza, são vocábulos que mais ou menos se equivalem, mas cujas differenças convêm estabelecer. A devisa, para ser completa, deve compôr-se de uma figura simbolica e de um mote: a primeira é o *corpo*, a segunda a *alma* da devisa. O corpo representa um termo de comparação com um sentimento humano, e a alma é a sentença que a explica. Na figura não deveria ser representado o homem «porque seria comparar o homem comsigo mesmo», o tomar o corpo humano como simbolo.

Havia devisas de familia e devisas pessoaes: estas ultimas chamavam-se *emprézas*.

JANELLA DA CASA DE VIZEU
ONDE, SEGUNDO A TRADIÇÃO, NASCEU EL-REI D. DUARTE

Se exprimirmos agora numa frase o pensamento que o conjunto da figura e do mote representam, teremos a *tenção*.

As palavras da tenção correspondentes ao simbolo não eram expressas, antes cuidadosamente se mantinham secretas, de maneira que será sempre arriscado o querêr chegar a uma leitura definitiva quando não exista documento que a revele. De um principe que tomasse por emprêza uma pêga com uma fita no bico, por exemplo, e nessa fita o mote *pour bien*, diriamos ser provavel tenção: *Je dis tout pour bien*.

Posto isto, «é certo, diz o sr. Santos Ferreira, e prova-o o documento publicado pelo sr. Brito Rebello, que a emprêza de D. Duarte consistia num ramo de hera acompanhado do mote *tan que serai*, palavras que na lingua provençal — idioma favorito dos arautos do tempo — significavam *emquanto eu existir*. A esta emprêza correspondia uma tenção, cujo primeiro membro devia traduzir a idéa de constancia, perseverança ou amisade contida no simbolo, e cujo segundo membro seria o proprio mote».

«A interpretação dada pelo sr. Brito Rebello ao primeiro membro da tenção pareceria portanto verdadeira ou mais proxima da verdade, se algumas das formas *leauté ferai* ou *leauté j'aurai* — fosse provável ou sequer admissivel: para que o fosse, seria necessario provar a existencia de *leauté* no provençal ou no francês antigo, idiomas em

que jamais se encontra tal vocábulo, e explicar verosimilmente a leitura *ferai* ou *j'aurai* onde apenas se encontra *taray*. O recurso ao analfabetismo ou á impericia dos canteiros, não pode constituir, por si só, argumento de valôr para demonstrar alterações tão sensiveis.»

Analisemos o caso da Batalha. «A ornamentação do pórtico das Capellas imperfeitas é exclusivamente composta de ramos de hera florida, cujos caules se enleiam e abraçam, centenares de vêzes, em forma de nó duplo, d'aquella feição particular a que os arautos de França chamavam *lacs d'amour*. E' exactamente nos dois espaços circulares comprehendidos em cada um d'estes *laços* que se vêem as duzentas e quatro legendas que parecem correspondêr ás três do alto do pórtico, tambem inclusas em *laços* semelhantes áquelles, mas notavelmente maiores.»

Ora, a forma do ornato suggere a idéa de fidelidade *conjugal*, expressa na insistente associação do duplo nó com a ramagem de hera: idéa reforçada pela circunstancia de têr sido destinado o recinto a jazigo do rei e da rainha. Assim concluiu o sr. Santos Ferreira que a emprêza das Capellas não tem uma significação geral, mas restricta, não affirmando em absoluto a idéa de fidelidade, mas sim uma promessa de amôr constante *até á morte*. E tanto assim, que as três inscripções do alto, *leaute taray*, ou antes *leaute s taray* (se attendermos ao esguio *s* que se encontra no segmento determinado pela intersecção das duas curvas) dizem claramente em bom provençal: *Leau te starai* = leal te serei!

A tal promessa responderiam, segundo esta interpretação, as legendas inferiôres, dizendo: *Tau jaserei* = tal jaserei = assim jazerei. O debuxador manoelino teria tão sómente tomado o *u* de *Tau* por um *n*, substituindo-o por isso pelo til: *tã*, alterando assim o segundo membro da tenção que o velho e já obliterado plano lhe offerecia.

Leal te serei, assim jazerei: lembrem-se agora das Capellas imperfeitas, d'essa promessa lá do alto, recatada e profunda como a alma do infeliz rei, promessa a que respondem as confirmações entrelaçadas em que sôa não sei quê d'eterno, — e digam-nos se não se evola d'esta discussão erudita um sentimento muito bello, e poetico, — e libertadôr da fantasia em sonhos indefinidos!

A nova catacumba

— Olhe, Burger, disse Kennedy, quero que confie em mim.

Os dois famosos pesquizadôres de antiguidades romanas estavam reunidos no confortavel aposento, dando para o Corso, que Kennedy habitava. Era uma noite fria, e porisso tinham ambos puxado as cadeiras para o pouco satisfatório fogão italiano, que espalhava um bafo levemente môrno.

Fóra, sob as nitidas estrellas d'inverno, jazia a moderna Roma, e via-se uma longa e dupla fiada de lampadas electricas, os cafés illuminados, e o ruido da densa multidão sobre os passeios, a que se misturava o rodar das carruagens. Mas dentro, no sumptuoso aposento do rico e joven archeólogo inglês, só a imagem da antiga Roma se alevantava. Desappareciam as paredes sob os frisos carcomidos, e dos cantos salientavam-se velhos bustos de senadôres e de soldados, escurecidos e gastos, cabeças bravias de faces rudes e crueis. Sobre a mesa central, entre um montão de inscripções e ornamentos, via-se a famosa reconstituição das Thermas de Caracalla por Kennedy, que tanto interesse e admiração despertára quando fôra exposta em Berlim.

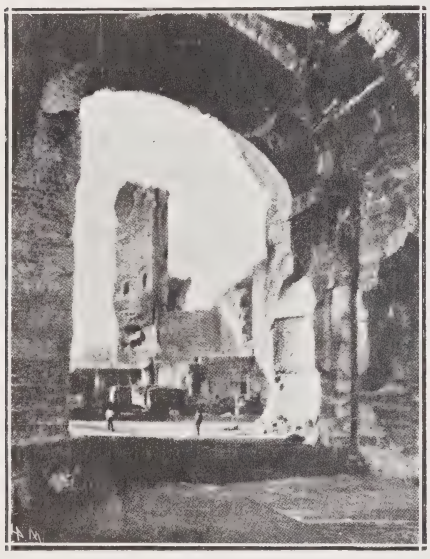
Pendiam anforas do tecto e um montão de curiosidades se espalhava sobre o vermelho tapete turco. E em tudo aquillo não havia peça que não fosse da mais rigorosa authenticidade e extremamente rara e valiosa; porque Kennedy, apesar de contar pouco mais de trinta annos, tinha já uma reputação europeia neste ramo particular de investigações. Por felicidade era possuidôr de uma bôa fortuna, o que, quando não é uma origem de distracção fatal aos estudiosos, dá aos persistentes uma vantagem enormissima na carreira do successo. Fôra por vezes arrastado dos seus estudos pelas distracções mundanas, mas o seu espirito incisivo era capaz de longos e concentrados esforços, que acabavam em repentinas reacções de preguiça sensual. Aquella bella fisionomia, de testa alta e branca, nariz aggressivo e bôca lasciva e froixa, retratava o compromisso de energia e de fraqueza que era o seu temperamento.

O companheiro, Julio Burger, era um tipo diverso. Provinha da curiosa união de um pae allemão e de uma mãe italiana, com as solidas qualidades do Norte estranhamente combinadas ás doces graças do Sul. Luziam-lhe na face requeimada uns olhos azues teutonicos, sobre que se levantava uma testa quadrada e compacta, franjada de loiros e apertados caracóes. Usava completamente barbeada a cara forte e firme, e o seu companheiro notara frequentes vezes quanto ella suggeria aquelles velhos bustos romanos que espreitavam das sombras dos cantos do seu quarto. Sob a massiça força alleman havia sempre a revelação da subtileza italiana, mas o sorriso era tão honesto, os olhos tão francos, que se percebia não têr peso no seu caracter essa revelação da sua origem.

Em idade e reputação estava ao nivel do seu companheiro inglês, mas tanto a vida como os estudos lhe haviam corrido bem mais difficeis. Dôze annos atrás chegára pobre estudante a Roma, e desde então vivêra de uma pequena pensão para pesqui-

zas que lhe havia sido concedida pela universidade de Bonn. Ardua, vagorosa, tenazmente, com extraordinaria perseverança e método, subira degrau a degrau a escada do renome, até agora que era membro da Academia Berlinense, e tudo levava a crêr que em breve seria nomeado cathedrático em alguma das primeiras universidades allemans.

A unidade de propositos e a especialização que o tinham subido á craveira do rico e brilhante inglês, tinham-no deixado infinitamente inferiôr a este em tudo que não fosse a sua commum occupação. Nunca en-



AS THERMAS DE CARACALLA

contrára um intervallo nos seus estudos que lhe permitisse cultivar os dotes sociaes; só quando falava no seu ramo exclusivo de saber se lhe illuminava a face com vida e alma, mantendo-se afóra isso silencioso e embaraçado, cônscio da sua limitação em outros campos, impaciente pela conversação banal que é o refugio costumado dos que não teem pensamentos a exprimir. Contudo, apesar desses contrastes, por alguns annos se prolongára entre os dois tão differentes rivaes uma convivência que parecia ir-se pouco a pouco tornando em verdadeira amizade. A base e a origem d'essa convivencia estavam no facto de que cada um era o unico pesquizadôr da sua idade com enthusiasmo e saber sufficientes para podêr com justiça apreciar o outro. Eguaes interesses, identicas occupações os haviam approximado, ambos seduzidos pela erudição do collega. E então gradualmente uma maior attracção sobreviera. A Kennedy interessava-o a singeleza e franquêza do rival, emquanto Burger se deixava fascinar pelo brilhantismo de maneiras, pela vivacidade, pela qual Kennedy fôra tão apreciado da sociedade romana. *Fôra;* fôra, — porque justamente agora estava um tanto em desfavôr, desde que certa aventura amorosa o mostrára sob um aspecto de cinismo que lhe cerceára simpatias. Mas no circulo de artistas e estudiosos que elle preferia frequentar não domina um codigo muito severo para taes casos, e afóra um ou outro gesto de reprovação, o sentimento geral é mais de curiosidade, e quem sabe se de inveja,

— Pois olhe, Burger, disse Kennedy fixando a face placida do companheiro, quero que confie em mim.

E falando apontava na direcção de um cesto de verga leve abarrotado de um montão de objectos variadissimos, — adobes, fragmentos de inscripções, mosaicos partidos, papyros rôtos, ornamentos metallicos enferrujados, coisas que aos não iniciados pareceriam têr vindo directamente de um ferro-velho, mas que um especialista reconheceria logo como preciosissimas no seu género. Estava ali um dos elos da evolução social que de tanto interesse são para os estudiosos. Fôra o allemão que os trouxera, e os olhos do inglês devoravam-nos aguçadamente.

— Não me quero metter no seu achado precioso, mas estimaria deveras ouvir alguma coisa a tal respeito, — continuou elle, emquanto Burger socegadamente accendia um cigarro. — E' certamente uma descoberta da maior importancia. Vão dar brado na Europa estas inscripções.

— Pois ainda por cada uma destas tenho eu lá um milhão! São tantas, que uma duzia de sabios poderia gastar com ellas a vida inteira, e assentar uma reputação tão sólida como o castello de Sant'Angelo!

Pensativo, Kennedy enrugava a testa, remexendo com os dedos o bigode loiro.

— Você trahiu-se, Burger, disse por fim.

As suas palavras só podem significar uma coisa: o meu amigo descobriu uma nova catacumba.

— Já calculava que chegaria a essa conclusão examinando estes objectos.

— Sim; certamente pareciam indicá-lo, mas as suas ultimas palavras tornam-no certo. Só uma catacumba poderia conter tantas riquezas como diz.

— Nem menos. Não ha misterio sobre esse ponto. Sim, senhôr: descobri uma nova catacumba.

— E onde?

— Oh! mas isso é o meu segredo, caro Kennedy. Só lhe digo que está de tal maneira situada que se torna impossivel seja a quem fôr descobril-a. A sua época é differente da de qualquer catacumba conhecida; era reservada para os cadaveres dos christãos mais importantes, de forma que os objectos são unicos na especie, diversos de todos os outros. Se não conhecesse o seu saber e a sua força, meu caro, não hasitaria em o pôr ao facto, sob condição de segredo absoluto, claro está. Mas assim, julgo necessario apresentar primeiro a minha memoria sobre o assumpto, antes de me entregar a tão formidavel competidôr.

ESTAVA ALI UM DOS ELOS DA EVOLUÇÃO SOCIAL...

Kennedy tinha pelo genero de trabalhos a que se de dedicára um apêgo e um enthusiasmo de maniaco, e um amôr que o fazia conservar-se fiel ao estudo no meio de todos os atractivos que o seduziam. Era certamente ambicioso, mas a ambição era secundaria ao pé da sua paixão desinteressada da vida e da cidade antiga, e sentia uma curiosidade enorme, anciosa, pela descoberta que o companheiro lhe acabava de annunciar.

— Olhe, Burger, disse elle insistentemente, asseguro-lhe que pode confiar plenamente em mim. Nada neste mundo me levaria a escrever uma linha que fôsse sobre o assumpto sem sua permissão expressa; asseguro-lh'o. Comprehendo em absoluto a sua reserva, que é naturalissima, mas na verdade não tem nada a recear de mim. Por outro lado, se continuar nessa attitude poderei eu encetar investigações aturadas e sistematicas, e com certeza conseguirei descobri-la. E' claro que então faria da descoberta o uso que me aprouvesse, desde que me não sentisse obrigado para comsigo.

Burger sorriu, pensativo, entre duas fumaças.

— Já tive occasião de notar, amigo Kennedy, que quando preciso de uma informação não é tão prompto em m'a fornecêr...

— Ora essa! Quando me perguntou qualquer cousa que lhe eu não dissesse? Lembre-se, por exemplo, quando lhe facultei elementos para a sua memoria sobre o templo das Vestaes...

— Ah, sim, mas isso não era assumpto de muita importancia... Se eu o interrogasse sobre qualquer cousa intima, supponhamos, que responderia você? Não desgostava de o sabêr. Bem comprehende que este caso da catacumba é para mim coisa muito intima, e era natural esperar tambem da sua parte qualquer prova de confiança.

— Não adivinho bem a que allude, mas se quer dizêr com isso que me responderá sobre a catacumba se eu respondêr a qual-

quer pergunta sua, assevero-lhe que o farei.

— Pois bem, então — disse Bruger recostando-se na poltrona e atirando o fumo azul do cigarro — então... conte-me o que ha sobre as suas relações com miss Mary Saunderson...

Kennedy contrahiu-se bruscamente e olhou carrancudo para o impassivel companheiro.

— Mas que significa isso? Que brincadeira é essa? Não lhe vejo que graça encontre...

— Não, não é graça; fazem-me realmente curiosidade os pormenores d'essa historia. Pouco conheço do mundo, da mulher, da vida de sociedade: já vê que um incidente d'esses tem para mim toda a fascinação do desconhecido. Conheço-o a si, conheci-a de vista a ella, — falei-lhe mesmo duas ou três vêzes. Interessar-me-ia sabêr da sua bôca o que se passou entre os dois...

— Mas não saberá, certamente.

— Muitissimo bem. Já vê que tenho razão. Foi apenas um capricho para vêr se me contava os seus segredos com a facilidade com que esperava que eu lhe contasse os meus: não o fez nem eu julguei que o fizesse. E adeus. Estão dando as dez no relogio de S. Joaquim; vou andando que são horas.

— Não vá já, espere um momento, Burger. Realmente é um capricho ridiculo da sua parte querer sabêr uma velha historia de amôres que está sepulta ha tantos mêzes. Como sabe, costumamos considerar uma vilania contar cousas d'essas.

— Sem duvida, retrucou o outro reunindo as suas antiguidades: sem duvida, quando se trata de uma mulher desconhecida; mas este caso foi sabido e discutido por todos em Roma: não faria damno algum a miss Mary falando do seu caso commigo. Mas respeito os seus escrúpulos e portanto — bôas noites!

— Espere um pouco, Burger; não largarei tão facilmente a historia da catacumba. Peça-me outra cousa qualquer, menos excêntrica d'esta vez.

— Não, não: recusou, acabou-se. Indubitavelmente tem razão, indubitavelmente eu a tenho tambem, e portanto, meu caro Kennedy, — bôas noites!

O inglês seguiu Burger com o olhar emquanto este atravessava o quarto, e quando o viu com a mão no fecho da porta correu para elle como quem se resolve ao ultimo recurso.

— Espere ahi, homem. Acho que está procedendo da maneira mais ridicula, mas se insiste a tal ponto na sua exigencia, estou a vêr que tenho de me sujeitar a ella. Detesto falar de uma mulher, mas visto que realmente tudo se soube e discutiu, nada terei de lhe dizêr que você não saiba já. Que quer pois que lhe eu conte?

Burger voltou para o fogão e sentou-se de novo na cadeira de braços.

— Posso fumar outro cigarro? perguntou. Obrigadissimo. Nunca fumo quando trabalho, mas gôso muito mais a palestra quando estou sob a influencia do tabaco. E agora sobre a menina da sua aventura: que foi feito d'ella?

— Está com a familia.

— Como? Em Inglaterra?

— Sim.

— Que sitio d'Inglaterra? Londres?

— Não, Twickenham.

— Perdôe a curiosidade, caso Kennedy; deve attribui-la á minha ignorancia do mundo. Decerto é cousa simplicissima persuadir uma menina a fugir comnosco, tê-la durante três semanas, e depois entregá-la á familia em... como lhe chamou?

— Twickenham.

— Perfeitamente, em Twickenham; mas está tudo tão fóra da minha experiencia que nem posso imaginar como você fez isso. Por exemplo, se tivesse gostado da rapariga o seu amôr não acabaria em três semanas; supponho portanto que a não amava. Mas se a não amava porquê esse escandalo em que se collocou mal e a perdeu a ella?

Kennedy olhou mal humorado para o fogão:

— Sim, é essa uma maneira logica de encarar o caso, certamente. O amôr é uma palavra que engloba varias especies de sentimento... Gostava d'ella... você disse tê-la visto, sabe que era gentil... mas olhando agora para o passado confesso que nunca poderia tê-la amado realmente.

— Então porque a arrastou?

— Ora, a aventura, a novidade...

— Pois gosta assim d'aventuras?

— E onde estaria a novidade, a variedade na vida sem ellas? Foi por amôr da

aventura que comecei a fazêr-lhe a côrte. Tenho caçado bellas peças, meu amigo: pois garanto-lhe que não ha caça comparavel á de uma mulher bonita. Havia a difficuldade a acirrar-me, porque como acompanhava Lady Emily Rood tornava-se quasi impossivel vê-la só. Acima de todos os outros obstaculos que me estimulavam soube da própria bôca d'ella logo a principio que estava noiva.

— Mein Gott! e de quem?

— Não pronunciou nomes.

— E' ignorado esse pormenor, segundo creio. E isso então tornava a aventura mais tentadôra, não é assim?

— Decerto; não lhe parece?

—Já lhe confessei que sou completamente leigo na materia.

— A maçan que nos cae da arvore do visinho é sempre mais dôce do que a que nos vem da nossa. Depois, percebi que ella gostava de mim.

— Pois quê, logo?

— Logo não; durante três mêses tive de fazêr trabalhos de sapa. Por fim consegui. Comprehendia que a separação judicial com minha mulher me não permittia regularizar a nossa situação; mas sempre veio, finalmente, e foi um bello tempo o que se seguiu...

— Mas...

Kennedy encolheu os hombros:

— Supponho que seja a sobrevivência do mais apto. Fôsse o outro melhor e não o teria ella deixado... — E ponhamos ponto no assumpto, não lhe parece?

— Mais uma coisa só: como se livrou d'ella em três semanas?

— Ora, tinhamos arrefecido. Recusou-se terminantemente a voltar, a apresentar-se diante da gente que tinha conhecido em Roma... Você sabe que Roma me é indispensavel a mim; estava morto por recomeçar os meus trabalhos. Ahi tem uma razão obvia para a nossa separação. Por outro lado o pae appareceu-nos no hotel em Lon-

RECUSOU-SE TERMINANTEMENTE A VOLTAR...

dres, scenas, tudo se tornou tão maçadôr que apesar de me têr custado a principio fiquei bem satisfeito de me vêr livre. Eis tudo. Espero agora que não repetirá uma palavra...

— Nem por sombras, meu caro. Esteja segurissimo. Mas interessou-me extraordinariamente a sua historia. Dá-me uma idéa da sua maneira de encarar as coisas, tão differente da minha que tão pouco conheço o mundo. E agora quer sabêr da catacumba, não é verdade? De nada valeria fazêr-lhe descrições, nem assim a encontraria. Prefere certamente que o leve lá.

— Isso seria esplêndido!

— Quando pois?

— O mais breve possivel...

— Bem, temos uma noite linda. Poderiamos estar lá dentro d'uma hora. Toda a cautela é pouca; necessitamos do máximo cuidado para que ninguem saiba. Se nos vissem por ali aos dois poderiam suspeitar de qualquer cousa.

— Decerto, decerto. E é longe?

— Uns kilómetros

— Pode-se ir a pé?

— Com a maior facilidade

— Então vamos. Um cocheiro poderia suspeitar se nos deixasse em logar solitário pela calada da noite.

— Certamente. Parece-me melhor encontrar-nos nas portas da Via Appia á meia-noite. Tenho de voltar ao meu quarto a buscar coisas necessarias, velas, fosforos...

Muito bem, Burger. Estou-lhe gratissimo por me confiar o seu segredo, e creia que não escreverei uma linha do assumpto antes da publicação do seu relatorio. Até já. Encontrar-nos-emos nas portas á meia-noite.

O ar, frio e vivo, estava todo vibrante dos relogios das torres quando Burger saiu envolto na sua capa italiana e com uma lanterna na mão. Kennedy saiu da sombra ao seu encontro.

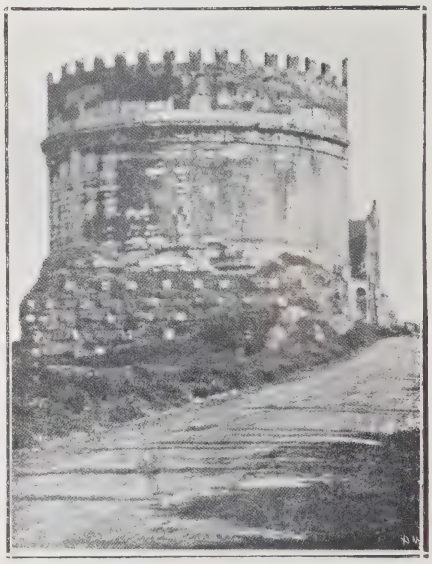
— E' tão fervoroso no trabalho como no amôr, disse rindo o Allemão.

— Sim, estou esperando aqui ha meia-hora.

— Cuido que não teria deixado indicios do sitio aonde vamos.

— Com certeza. Mil diabos! estou gelado até aos ossos. Vamos lá, Burger, aquêçamos com uma marcha lésta.

Os passos dos dois soavam sonoros e cadenciados no aspero calcetamento desse caminho que é tudo que hoje resta da mais célebre estrada do mundo. Só encontravam algum carro de campo, um ou outro camponês que recolhia. Foram seguindo ladeados pelos immensos tumulos que a noite engrandecia, até chegarem ás catacumbas de São Calixto e verem fronteiro, projectado sobre a lua que nascia, o bastião circular de Cecilia Metella. Então Burger parou, levando a mão ao peito.



O BASTIÃO CIRCULAR DE CECILIA-METELLA

— As suas passadas são mais compridas que as minhas, e está mais habituado a andar do que eu, disse sorrindo. Deve sêr por aqui o logar que procuramos. Deixe-me vêr. Exactamente, eis a esquina da *trattoria*. Como a vereda é muito estreita é melhor ir eu á frente e o amigo seguir-me.

Accendêra a lanterna, e puderam caminhar por um trilho apertado e desviado que serpenteava pelos pântanos da *Campagna*. O grande aqueducto da velha Roma parecia na paizagem luarenta uma lagarta monstruosa; o atalho levara-os para debaixo de um dos arcos, adiante do circulo de pedras

desmoronadas que marcam a velha arena. Por fim, Burger parou junto de uma estrebaria abandonada e tirou uma chave da algibeira.

— Então a catacumba é dentro d'uma casa? exclamou Kennedy.

— A entrada é. Está justamente nisso a garantia de que ninguem mais a descobrirá.

— E o proprietario, sabe?

— Nem suspeita. Encontrou umas *bugigangas* velhas que me deram quasi a certeza de que o casebre fôra construido na entrada de uma catacumba. Por isso arrendei-lh'a e fiz eu mesmo as escavações. Ora entre, e feche a porta.

Era uma construcção comprida, vasia, com uma das paredes guarnecida de mangedoiras de vaccas. Burger pousou a lanterna no chão e tapou-a com a sua capa, de maneira a deixar uma só face a descoberto.

— Poderia excitar a curiosidade uma luz aqui dentro nesta solidão, disse elle. Faça favor de me ajudar a tirar esta táboa.

O sobrado estava solto n'um canto, e foram levantando táboas e encostando-as á parede. Por baixo via-se uma abertura quadrada e negra, com uma gasta escada de pedra que conduzia ao interiôr subterrâneo.

— Tome cuidado, avisou Burger emquanto Kennedy a descia. E' uma toca de tal ordem que se se perdesse lá em baixo, ha cem probabilidades contra uma de que não voltaria mais. Espere até que eu traga a luz.

— Como se arranja então, se é assim tão complicada?

— Vi-me embaraçado várias vezes a principio, mas aprendi gradualmente a orientar-me. Ha um sistema, mas ás escuras ninguem conseguiria sair d'aqui. Mesmo agora vou sempre desenrolando um novêlo de fio á medida que me vou internando pela catacumba. Poderá vêr por si como é difficil: cada um d'esses corredôres divide-se e subdivide-se dez vezes antes que se adiantem uns oitenta metros!

Tinham descido uma meia duzia de metros, e achavam-se agora num compartimento quadrado excavado na terra. A lanterna projectava um clarão bruxoleante, mais tenue para cima que para baixo, sobre as paredes fendidas. Em todas as direcções se excavavam, negros, os corredôres que partiam d'esse centro commum.

— Siga-me de perto, recommendou Burger; não se detenha a olhar para o que encontra no caminho; o sitio aonde o levo contém tudo isso e muito mais. Poupa-se tempo indo lá directamente.

Ia a direito por um dos corredôres e o inglês seguia-o de perto. De vez em quando o corredôr bifurcava-se, mas Burger, que parecia seguir um roteiro secreto, não parava nem hesitava. Por todos os lados, ao longo da parêde, dispostos como os beliches de um vapor de emigrantes, jaziam os christãos da velha Roma. A luz amarellada perpassava sobre as faces enrugadas dos cadáveres resequidos, sobre a alvura dos crâneos, sobre os ossos dos braços que se encruzavam sobre thoraxes descarnados. E Kennedy ia olhando rapidamente para as inscripções, vasos funebres, pinturas, vestes, utensilios, tudo arrumado por mãos piedosas tantos seculos atrás. Esses apressados olhares lhe bastavam para o convencêr de que era esta a mais antiga e mais interessante das catacumbas, contendo uma tal collecção de reliquias romanas como nunca até ahi tinham vindo á observação de um estudiôso.

— E se se apagasse a luz? perguntou emquanto avançavam.

— Tenho uma véla de sobresalente e fosforos na algibeira. A proposito, Kennedy, traz fosforos?

— Não; dê-me você alguns.

— Não ha perigo de nos separarmos. Vamos andando.

— Aonde vamos nós têr? Parece-me havermos já andado uns bons quinhentos metros.

— Mais do que isso talvez. Eu não conheço limite aos tumulos. Aqui estamos agora num logar perigôso: vou recorrer ao novêlo de cordel.

Atou uma das pontas a uma pedra saliente e metteu o novêlo numa algibeira do casaco, desenrolando-o á medida que avançavam. Kennedy percebeu que não era desnecessária a precaução: os corredôres tornavam-se mais do que nunca complicados e tortuosos, numa verdadeira rede de passagens encruzadas. Finalmente chegaram a um grande recinto circular onde em frente se via um pedestal de tufo encimado por uma lagea de mármore.

— Per Jove! gritou Kennedy em êxtase

emquanto Burger levantava a lanterna sobre o mármore. E' um altar christão: provavelmente o primeiro que existiu. Aqui está a cruzinha da consagração entalhada num canto. Sem duvida este espaço circular servia de igreja.

— Exactamente. Se tivesse mais tempo mostrar-lhe-ia os cadáveres, guardados nestes nichos das paredes, pois são os dos primeiros bispos da Igreja, com as suas mitras, baculos e paramentos completos. Vá ali defronte e veja!

Kennedy atravessou e pôs-se a contemplar admirado a lívida cabeça, já bem á larga na mitra esfarpada e bolorenta.

— E' interessantissimo! disse, — e a sua voz reboava na concavidade da abóbada. E' unico isto, a julgar pelo que eu sei. Traga-me cá a lanterna, Burger, quero vê-los a todos.

A VIA APPIA

Mas o allemão tinha-se afastado e estava agora em pé no meio de um circulo de luz num extremo opposto da sala.

— Sabe quantos corredôres ha entre esta sala e a escada? Para cima de dois mil. Sem duvida eram um dos meios de protecção que os christãos adoptavam. A probabilidade de se sahir d'aqui, mesmo com luz, seria de um contra dois mil; mas ás escuras seria muito menor ainda.

— Decerto, como diz.

— E a escuridão é um horrôr. Experimentei um dia para calcular. Ora quer vêr o meu amigo?

Abaixou-se para a lanterna, e num instante pareceu a Kennedy como se uma mão invisivel lhe premisse fortemente os olhos. Nunca experimentára semelhante escuridão; parecia carregar sobre elle e esmaga-lo. Era como um obstáculo sólido diante do qual o seu corpo succumbia e se recusava a avançar. Estendeu as mãos como para a afastar de si.

— Está bem, basta, Burger; accenda a luz outra vez.

Mas o companheiro começou a rir, e na sala circular o som parecia vir de todos os lados a um tempo.

— Parece perturbado, amigo Kennedy!

— Vamos, homem, accenda essa luz, disse este impacientemente.

— E' extraordinario: seria incapaz de dizêr pelo som em que direcção o meu amigo está; e você, poderia dizêr onde eu estou?

— Não, parece-me que está para todos os lados em redór de mim.

— Se não fosse este fio que tenho na mão não faria idéa do caminho a seguir.

— Creio bem que não. Accenda a luz, homem, acabe com isto.

— Ouça, Kennedy; ha duas coisas que eu percebi que você muito aprecia. Uma é a aventura, a outra um obstáculo a vencêr. A aventura pode muito bem sêr achar o caminho nesta catacumba. O obstáculo, a escuridão e os dois mil meandros que dão a sua pequena difficuldade ao problema. Mas não precisa de se apressar, porque tem tempo de sobejo; e quando lá de vêz em vêz quisesse descansar, gostaria que pensasse um pouco em Miss Mary Saunderson, e se sempre afinal a tratou como devia.

— Com mil demonios! Que quer você dizêr? rugiu Kennedy, circuitando na escuridão que ia tenteando com as mãos ambas.

— Bôa noite, disse a voz escarninha já mais distante. Não me parece, realmente, mesmo depois da sua explicação, que você se portasse como devia com a rapariga. Houve só uma circumstancia que me pare-

ceu desconhecêr, e de que eu posso esclarecê-lo. Miss Saunderson era noiva de um pobre diabo de estudante que se chamava Julius Burger.

Onviu-se um sussurro algures, o vago som de um pé batendo uma pedra, e depois um silencio absoluto na velha igreja christan, — um silencio pesado e estagnante, que envolveu Kennedy e o submergiu como a agua a um naufrago.

Dois mêses depois corria a seguinte noticia pela imprensa europeia:

«Fez-se ha pouco uma das mais interessantes descobertas dos ultimos annos: referimo-nos á nova catacumba de Roma, situada um pouco a léste das conhecidas grutas de S. Calixto. O achado d'este importante cemiterio, excepcionalmente rico de interessantissimas reliquias dos mais remotos tempos christãos, deve-se á energia e sagacidade do Dr. Julius Burger, o joven especialista allemão que em pouco tempo se tornou uma autoridade em tudo que respeita á Roma antiga.

«Apesar de sêr elle o primeiro a publicar a descoberta parece que um pesquisadôr menos feliz se anticipára ao Dr. Burger. Havia alguns mêses que o conhecido archeólogo inglês Kennedy desapparecêra subitamente dos seus aposentos no *Corso*, conjecturando-se que o levára a abandonar Roma um recente escandalo em que o seu nome andára envolvido. Sabe-se agora que o victimou o seu amor fervoroso da archeologia, que lhe dera um logar proeminente entre os sabios da actualidade. Encontrou-se o seu corpo no interiôr da nova catacumba, tornando-se evidente pelo estado em que se acharam as suas botas e os seus pés que andára dias consecutivos pelos tortuosos corredôres que tornam tão perigosos para os exploradores estes jazigos subterrâneos. O morto tinha, pelo que se depreende, penetrado no labirinto com inexplicavel precipitação, sem levar comsigo vélas nem fosforos; a sua triste sorte foi o resultado fatal da sua temeridade. O que torna o acontecimento mais tragico ainda, é que o Dr. Burger era amigo intimo do morto.

«A sua alegria pela extraordinaria descoberta que acaba de fazêr tem sido grandemente destruida pela terrivel desgraça que victimou o seu amigo e camarada.»

(Versão do inglês de Conan Doyle.)

SAUDADE

Horas de solidão e de recolhimento,
Em vós meu coração busca o socêgo e a paz!
Aqui, nêste silencio, abre meu pensamento
Como a flor macerada e rôxa do lilás.

Vai desprendendo em tôrno o arôma sentimento,
(Pois tudo o que hoje penso ésse perfume traz!)
Abre como num sonho e num deslumbramento,
E, sendo assim de mágoa, outras mágoas desfaz.

Sonho! tormento e enlêvo! Asa d'oiro e ametista
Das nuvens a roçar a luminosa crista!
Canção da madrugada ouvindo-se ao luar!

...Vôo, música ou flor, dôr que as dôres acalma,
O seu nome é SAUDADE, *e espraia-se em minha alma*
Como num descampado a voz triste do mar.

Maria da Cunha.

A arborisação em Portugal

Dos tres milhões e oitocentos e vinte e dois mil hectares de terreno inculto que as ultimas estatisticas accusam em Portugal, mais de 50 % se acham em condições de poder ser povoados por especies florestaes. E' de todo o ponto urgente promover o desenvolvimento e a ampliação das mattas nacionaes, attenuando quanto possivel o «deficit» das madeiras, revestindo de arvorêdos as montanhas, regularisando os cursos d'agua, fixando as dunas, intensificando emfim a magnifica acção economica e social da arvore silvestre.

A natureza dos climas portuguêses permitte o aproveitamento de vastas areas de terreno inculto, onde as essencias silvicolas se desenvolveriam admiravelmente. O pinheiro bravo, o pinheiro manso, o castanheiro, o carvalho, o eucalypto, o ulmeiro, o freixo, o amieiro, o bordo, pódem constituir no nosso pais um magnifico dominio florestal, cujas vantagens seriam de primeira plana. E, no entanto, afóra os importantes montádos de sobro e de azinho do Alemtejo, de Santarem, de Castello Branco, de feição evidentemente pouco silvicola, apenas 922.787 hectares de terra se encontram revestidos de arvorêdo silvestre.

Comtudo a funcção economica e social dos massiços florestaes teria no nosso pais, como em tantos outros, um effeito intensamente proveitoso. Nas serranias agrestes, por vezes de belleza selvagem e dura, do Gerez, do Montejunto, da Estrella, leguas de terreno bravio e escalvado, onde a cada passo aflora a rudeza do granito, aguardam ha seculos a sua valorisação, a sua conversão em solo humoso e productivo. Em quasi toda a nossa costa é preciso atalhar a invasão assoladora das areias movediças, fi-

A serra do Gerez, á excepção d'uma limitadissima parte, acha-se completamente desarborisada, como bem indicam as duas photographias que acima publicamos. No emtanto, as condições naturaes favorecem rasgadamente a constituição d'um vasto dominio florestal na grande serra do norte.

xando as dunas do littoral com o raizame e a folhagem dos povoamentos de pinheiro maritimo. Demais, o regimen das aguas, desordenado e inconstante, sujeitando regiões fertilissimas aos estragos que provocam a frequencia e a impetuosidade das cheias, só se regularisará quando os trabalhos de hydraulica florestal se effectuarem activamente e em grande escala.

Além d'isso, o progresso da industria das construcções, o augmento da nossa producção vinicola, o aperfeiçoamento da arte da marcenaria, teem dado logar a um accrescimo notavel na importação dos productos florestaes, que excede hoje um valor de dois mil contos de réis. Temos, é facto, uma exportação avultada de cortiça a compensar o desequilibrio neste ramo commercial, mas seria incontestavelmente para desejar que o desenvolvimento da cultura florestal reduzisse, até certo ponto, como aliás é perfeitamente possivel, o valor representativo das madeiras importadas do estrangeiro.

A resinagem do pinheiro tem, na matta de Leiria, o caracter d'uma industria de regular importancia. Apesar de ser esta uma operação que em nada prejudica os pinheiros, muitos proprietários arrastados por um espirito de teimosa rotina, recusam-se com obstinação a resinar os seus pinhaes. E' sem duvida este facto um dos que contribue para que a importação da terebinthina se eleve a cerca de sete contos de réis.

A par d'estas razões, outras se enfileiram, de grande alcance agricola e social. Os grandes massiços silvicolas exercem uma influencia salutar sobre a temperatura e a pluviosidade, beneficiando extraordinariamente a agricultura de regiões inteiras. Na America do Sul, no Mexico, no Canadá, quando o machado do *squatter* devastou extensões enor-

mes cobertas de secular arvorêdo, depressa se fez sentir, nas modificações do clima, do regimen dos cursos d'agua, do relêvo do solo, o prejuizo enorme que adveio da exploração desordenada e soffrega das velhas e protectoras mattas. E, ao contrario, quantas vastidões desoladas da Australia se regeneraram, mudando completamente de aspecto á medida que a arborisação, scientificamente dirigida pelos silvicultores britannicos, ía estendendo sobre os desertos uma sombra propicia!

A invasão das areias movediças da costa só póde ser efficazmente suspensa pelos povoamentos de coniferas. N'uma grande extensão do nosso littoral torna-se necessario proceder continuadamente a sementeiras de pinheiros, como a que a photographia representa, nas proximidades da Marinha Grande.

E' por isso que o energico movimento em prol da defêsa e desenvolvimento dos macissos systematicamente ordenados, se vae avigorando cada vez mais nos paises adeantados de todo o mundo, sahindo da competencia exclusiva dos governos, e integrando-se no espirito das populações; por isso os canadianos e os americanos do Norte festejam o seu celebre *Arbor day* com enthusiasmo, quasi com a religiosidade dos antigos gaulezes e germanos; por esse motivo nas escolas primarias da Allemanha, da Belgica, da França se procura instantemente attrahir as creanças ao culto da arvore, á veneração do tempo antigo, em que o poeta latino dizia — *nobis placeant ante omnia sylvae*.

Em Portugal o estado tem cuidado ultimamente com alguma attenção d'este problema capital, a arborisação; o regimen florestal póde sob todos os pontos de vista ser considerado como uma excellente regulamentação, liberal e impulsionadora; os particulares arborisam por anno em média cinco mil hectares; é mistér que agora, como complemento ultimo, entrem em campo a propaganda, a cooperação, o ensinamento, a boa vontade,— emfim, todos os admiraveis instrumentos do solidarismo, interessando todos os portuguêses ligados, directamente ou não, á agricultura da sua patria, n'esta obra grandiosa, tão importante para o resurgimento nacional.

Os pinheiros, nas proximidades do mar, tomam por vezes formas estranhas, contorcendo-se como algumas figueiras algarvias, da maneira mais curiosa.

R. F. Mayer.

O congresso dos medicos

Realisou-se na sala nobre dos Paços do Concelho a sessão inaugural do congresso dos medicos municipaes.

Presidiu o sr. Anselmo Braamcamp Freire, e trataram-se dos assumptos que mais podiam interessar a classe, evidenciando-se bem que ha uma enorme miseria no proletariado intellectual.

A profissão medica é uma das mais nobres que se conhece, encontra-se n'essa classe o carinho, a dedicação, o desvelo e, comtudo, na actualidade, é uma das mais desprotegidas.

Concluindo um curso eriçado de difficuldades — e seria justissimo mesmo que nenhuma benevolencia se desse com os alumnos nos exames, e só passassem os que soubessem a valer — vem cá para fóra e principia então uma longa peregrinação dolorosa — a de querer caminhar e não conseguir.

Na provincia é um viver ignorado, não póde haver expansibilidade e morre-se desconhecido.

A grande ancia é ficar nas capitaes onde o talento, se alcança brilhar, tem vasto campo em que se empregar, outros esperam que o acaso — e afinal é uma cousa que não existe — intervenha, e ainda mais outros, decorrido um certo tempo, domina-os o desanimo, e acabam tristemente, com o seu tanto d'amargura.

Ha medicos a mais, devia ser o grito lançado pelo congresso, e d'ahi o recebimento d'uns magros proventos muito abaixo de quem tantas responsabilidades assume, que é um auxiliar poderoso, o conforto dos doentes, alliviando-os com as suas palavras, com os seus conselhos, com as suas receitas.

São uns explorados, porque a industria

CONGRESSO DOS MEDICOS

que exercem não lhes permitte receber os honorarios senão com todas as cautelas, assim, no final do anno, um terço dos seus vencimentos consideram-se perdidos, porque o cliente recorreu a mil meios para não cumprir.

Ha medicos que, por maiores diligencias que empreguem, não conseguem receber 600$000 annualmente.

E, comtudo, quantos continuam a ser um *João Semana,* o typo lendario da bondade, visitando doentes a quem acabam por pagar os remedios, deixando até algum dinheiro para acudir a umas necessidades de momento!

Oxalá que do congresso se aproveite de util tudo quanto alli se discutiu, e o que é mais: o ponham em pratica.

As festas da Natureza

As varias festas modernas, quasi na sua totalidade, não se ateem senão a solemnisar as glorias humanas ou os symbolos do mutualismo.

Trate-se, pois, da mais grandiosa de todas, — a Natureza, sob os seus admiraveis aspectos.

Só nos campos — e ainda n'aquelles onde reina uma certa ingenuidade — se celebram as vindimas, as searas, e no estranjeiro as macieiras, a oliveira, as rosas...

Não deviamos com unanimidade, com enthusiasmo, festejar a terra e os bens que ella nos dispensa, continuando as bellissimas tradições antigas que, no meio do nosso prosaico seculo xx, trariam um pouco da pittoresca poesia do passado?

Desdenhando exaltar os grandes espectaculos da Natureza, a alma torna-se mais secca, mais embotada.

Ao rei de Italia, rei agricultor e poeta, é a quem pertence a idéa de se fazer annualmente a *festa da arvore*. Cada creança, gravemente, planta um arbusto que dentro de trinta annos constituirá uma arvore e nada ha ao mesmo tempo tão symbolico, util e encantador, como este simples gesto infantil que se realisa com cantos e ante as auctoridades.

O Canadá, a Hungria, a Baviera teem tambem já estas festas, e em Portugal, devido á Liga Nacional de Instrucção, celebrou-se ultimamente, e as creanças, n'um domingo d'este mez, plantaram uma laranjeira na avenida da Liberdade, em frente da rua do Salitre.

E assim recordei-me que a velha Belgica acaba de realisar outra festa. Não é a da terra fecunda, mas a da neve, essa neve tão branca e tão bonita, o pó d'arroz da garrida terra, e por vezes tambem tão cruel!

Foi em Liège que pela primeira vez se effectuou a *festa da neve,* tomando parte os que a amam e os que com ella soffrem; os primeiros para dar, os segundos para receber.

Nada mais original que esse passatempo alegre de que a neve era a heroina!

Habeis esculptores realisaram com ella personagens colossaes e curiosas allegorias que foram passeadas em carros.

O povo admirou um leão a dormir, uma tartaruga, um jacaré, um urso, um busto do rei, uma Virgem, um bebedo n'um carrinho, um cavalleiro n'um camello.

Estas obras primas, d'imponentes proporções, desfilaram com pompa ante as auctoridades, indo á frente bandas regimentaes.

Todas as distracções que a neve consente, *toboggans,* deslisamentos, patinagem, etc., alli estavam reunidas.

FESTA DA ARVORE

A' noite a festa continuou, illuminada a balões venezianos e a fogos de Bengala, d'um phantastico effeito sobre a neve branca.

Fizeram-se discursos, brindes e distribuiu-se esta quadra:

Voici l'hiver, voici la neige,
Pensez à tant d'infortunés.
Et puisque le ciel vous protège,
Voici l'hiver, riches, donnez!

Foi uma festa impressionante, e n'este tempo frio, na provincia, onde tantas aldeias são cercadas pela neve, não se poderia tambem organisar alguma solemnidade n'esse genero?

Mas, infelizmente, por lá ha outras cousas em que pensar! E assim que importam as tradições, os bens ou os males da terra, as arvores, a neve, o sol?

Pois o proprio sol se festeja, junto ás ribas de Severaise, no cantão de Saint-Firmin, Alpes. Ha alli uma aldeia chamada Andrieux, tão funda, que os habitantes durante tres mezes estão privados do sol, visto que os seus raios não descem abaixo.

Só a 10 de fevereiro é que o astro lhes dá a luz e então, acompanhando um antiquissimo costume, realisa-se esta curiosa cerimonia.

Ao romper do dia, reunem-se todos, e, com uma musica á frente, vão despertar o decano da aldeia. Depois, atraz d'elle, em cortejo, chegam á ponte da ribeira, o sitio mais elevado do valle, de maneira a serem os primeiros a avistar o sol por tanto tempo desertor.

Uma original tradição quer que toda essa gente leve, na mão, um prato com uma *omelette* que colloca no parapeito da ponte, offerta symbolica ao sol benefico.

Apenas elle surge, dansando, seguem para os seus domicilios, sempre com as *omelettes*, um tanto frias, é claro, mas que comem alegremente.

Não se riam d'estas *omelettes*, d'estes jacarés de neve, d'estas arvores plantadas pela infancia, de todas essas fórmas singelas de admiração pela bella natureza.

Fazemos mal em a esquecer tantas vezes. E como quasi a desconhecemos não a amamos como deve ser...

Jesuina Marques

Era uma magnifica caracteristica que o Gymnasio possuia e que raras vezes sahiu d'aquelle theatro, sendo considerada quasi como um ornamento da casa.

O seu merito era enorme, e a sua educação artistica muito descurada, mas a verdade é que possuia uma grande intuição, e d'ahi os auctores nunca se queixaram da interpretação que ella dava ás respectivas personagens.

Ultimamente, porém, causava tristeza vê-la.

Após uma operação seguiu para o Brasil, mas o seu estado não permittiu que

JESUINA MARQUES

fosse muito apreciada, e ao regressar, aos poucos papeis que lhe confiaram, não podia já dar a vivacidade desejada.

Se representava alguma das antigas comedias em que fôra brilhante, acceitava-se ainda, comtudo, as suas feições escaveiradas, os olhos encovados, o falar um tanto arrastado, uma *maquillage* executada sem a menor arte como que apresentava no conjuncto o effeito d'um cadaver ambulante.

Jesuina faz falta no nosso theatro, e tanto mais que o seu genero está quasi abandonado, porque as novas não querem fazer papeis de velhas, e estas teem a pretensão de serem novas...

O Carnaval

Escusado será dizer-lhes o que elle foi: um pretexto para a selvageria, uma ausencia d'espirito, uma parada da miseria para pedir alguns cobres, e esses enfarinhados mettidos em trapos mais ou menos berrantes

UM GRUPO DE CREANÇAS

dão-me por vezes a impressão d'alienados.

Exceptuando um ou outro carro enfeitado com um certo gosto, o resto não vale a pena relatar.

O caso é que os bailes de mascaras que o mundo elegante organisava para regosijo da mocidade estão mortos. E se algum ainda se dá, só serve para que ás cabeças que alvejam venham recordações, que por serem d'epochas mais felizes e alegres, constituem pesares que cousa alguma consegue apagar.

Assim essas festas foram substituidas pelos bailes de creanças.

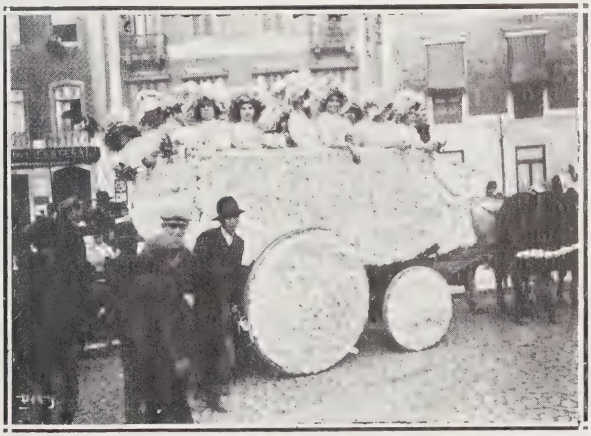
Um mez antes as mães não pensam mais do que na maneira como hão-de vestir os filhos.

E a tarefa não é simples, porque, embora para o seu carinho, qualquer traje que elles ponham sempre lhes pareça bem, como mães, acham tudo pobre.

De ha muito que os hygienistas pedem que não se mascarem as creanças, ou sobre tudo que não lhes ponham disfarces incommodos.

Portanto aconselharei que não lhes vistam nenhum que esteja apertado ou seja leve, porque as expõem a desarranjos intestinaes, esfriamentos e outros accidentes de maior gravidade.

Nada de pensar para as meninas em trajes á Directorio ou á Imperio, e reparem as mães que me lerem que os pequenitos podem ficar encantadores com a casaca bordada dos cavallei-



UM DOS CARROS MAIS BONITOS DO CARNAVAL

ros hespanhoes do final do seculo XVII ou com roupas á Francisco I, e ellas lindas d'aldeã russa ou de dama japoneza. A sua confecção é simplicissima.

Tambem podem escolher o de *Walkyria*, que, não o apparenta, mas é singelissimo.

O de *Frederico o Grande* para um rapaz de dez a doze annos, embora severo, é elegante e distincto.

Pela sua originalidade recommendo ainda o de caçador norueguez, pouco visto, que fica bem até aos *bébés*.

E eis como precisando referir-me ao Carnaval, e nada tendo a relatar-lhes, talvez prestasse algum serviço ás mães que evitarão assim que o debil organismo dos seus filhos seja affectado, e buscando diverti-los vão afinal ser a origem de doenças futuras.

BAILE INFANTIL NO THEATRO NACIONAL

O Bispo de Vizeu

A cidade de Vizeu prestou agora a sua homenagem a D. Antonio Alves Martins, caracter integro, alma d'ouro, falando chãmente, n'uma linguagem bastante expressiva, com o seu tom de rudeza, mas onde só se encerrava a verdade.

Toda a sua vida foi um exemplo de probidade, não teve invejas, e como ministro buscou acertar, apresentando um programma de reformas e d'economias que levantou logo uma grande grita visto que atacava interesses.

Enchendo-se de nojo pela politica, vendo que não o comprehendiam, desceu as escadas do Ministerio do Reino, batendo com firmeza os sapatos grosseiros, e lamento não poder deixar aqui as palavras bastante significativas que disse ao porteiro annunciando-lhe que a sua vida d'estadista terminara.

Uma vez um rapazito perseguia-o na rua do Arsenal pedindo uma esmola.

O Bispo não o attendia.

Mas foram tantas as instancias, que elle, com a sua aspereza habitual:

— Oh! maroto! vae-te d'aqui ou quebro-te esta bengala nas costas.

— Tenho fome, meu senhor!

— Ah! podias já ter dito isso!

E vendo-o esfarrapado retrocedeu, comprou-lhe na Ribeira Nova uma andaina de fato, deu-lhe dinheiro, accrescentando:

— Para a outra vez diz logo de seguida o que queres, porque cada um tem de tratar da vida e não póde perder tempo. Viva!

Foi um bom, d'aspecto grosseiro para occultar as excellencias d'um coração que sempre se condoeu com as dôres da humanidade.

A emigração

Vi ha dias aquelles que resolveram ir para as ilhas Sandwich abandonando para sempre a mãe-patria; vi-os ao pé e pensei no triste destino que arrasta esses seres para terras estranhas.

Elles, os homens, caminhavam machinalmente como as rezes em direcção ao matadouro, com os chapéos deitados para os olhos, querendo occultar os rostos, fugindo d'aqui, não como o filho prodigo que abandona o lar para correr d'orgia em orgia, a esgotar os ultimos recursos que para elle, em constante lucta, ganharam os paes. Não, deram-me a idéa que eram d'esses filhos que deixam em casa a mãe moribunda, para buscarem um pedaço de pão que lhe mitigue a fome e um remedio que lhe allivie o mal.

Ellas, as mulheres, envoltas em chales velhos, apertando ao peito os filhinhos, imprimindo-lhes ruidosos beijos, os filhos do amor materno misturado com o seu tanto d'egoismo, não querem que as supponham más mães, e algum dia se vão como ellas agora o fazem, ou deixando-os no poder d'alguma estranha, e assim atravessando os mares partem offerecendo os seus braços de trabalho aos traficantes de carne humana.

Vi-os partir nem alegres nem pesarosos. Em todos como que notei alguma cousa de grande que dignifica o homem e eleva a mulher; levavam a sede da vingança, mas uma vingança nobre,— a de trabalhar para juntar dinheiro.

São como os antigos guerreiros, que se afastavam dos seus para ganhar louros com que entreteciam corôas para a patria; são como os christãos que encerrados nas suas catacumbas, faziam as praticas da religião com que mais tarde se illuminaria todo o mundo desde a cupula de S. Pedro; são como os martyres que preferiam o tromento á apostasia.

E quando passaram o portaló, quando os cotovelos dos emigrantes se apoiaram á borda do paquete, ao contemplarem a liquida superficie, quando se ouviu o grito da sereia qual lamento de suicida que se despedia do ultimo baluarte portuguez, e quando o ranger das correntes que levantam a ancora lhes annunciou que o monstro que os havia de conduzir estava solto, eu desejaria que elles tivessem voltado os seus valorosos rostos para o caes e saudando os irmãos que os viam afastar-se, estes, tirassem os seus chapéos como o adeus de despedida que se concede aos heroes.

Fialho de Almeida

Era o nosso melhor prosador, quem descrevia com melhores tintas, e assim deixa paginas inolvidaveis, e se a sua obra litteraria não é vasta, ha-de ser muito lida, e de futuro melhor ainda apreciada quando a animadversão que se estabeleceu em volta d'este escriptor se tiver acalmado.

Ironico, desdenhoso, espirito de contradicção, crivando de satyras toda a gente, inclinando-se sempre para o lado da minoria, defendendo os que mais atacados eram, desprezando em absoluto a popularidade, Fialho como que sentia prazer em

FIALHO D'ALMEIDA

saber que tantos se malquistavam, estribando-se no seu talento que elle não desconhecia.

Evidentemente d'esta fórma não se grangeiam amizades.

Raras vezes, porém, foi combatido frente a frente, porque o temiam, e assim em cenaculos compostos de cretinos, abocanhava-se a sua obra, e aquelles que só a conheciam superficialmente eram os que mais a censuravam.

Contavam-lhe ás vezes as irreverencias praticadas, e Fialho, á porta da livraria Tavares Cardoso, alvejava os seus censores com epigrammas que os varava de lado a lado, e quasi sempre o mesmo individuo, uma especie de barca de passagem, ia repeti-los

no cenaculo, onde a colera chegava ao rubro e mais augmentava os odios.

Fialho impoz-se sem *coterie,* não precisou do reclamo, e o seu trabalho ainda não foi estudado detidamente, com a attenção que merece.

A sua enorme paixão era o theatro, e pretendeu fazer uma comedia em 3 actos, mas concebera scenas em que as personagens estabeleciam o *brouhaha,* isto é, falavam duas e tres ao mesmo tempo.

Perguntando a alguem que tal lhe parecia a idéa, respondeu que não a achava viavel, e o famoso litterato, depois de meditar por instantes, concordou, dizendo mesmo que só conseguira traçar uma scena.

Na Trindade subiu á scena uma traducção sua — *Jean Darlot* — mas a verdade é que a transplantação para a nossa lingua não era boa.

E' preciso um condão especial para esse genero, e quasi sempre os de maior talento naufragam, porque na nossa terra tambem ha o defeito de se suppor que um bom litterato póde ser um jornalista, ou o inverso, quando são cousas totalmente differentes.

O publico é que não imagina quanta imaginação se espalha pelos jornaes...

Afinal succedeu-lhe o que bastantes vezes se tem dado.

Esgotou ou não quiz mais recorrer ao seu arsenal d'epigrammas, a humanidade encheu-o de nojo, aborreceu-se das livrarias, dos cafés, das esquinas onde se encostava, não quiz ter affectos, não propendeu para as amizades porque era sceptico, não exercia a medecina porque não acreditava n'ella, não escreveu mais porque não era fecundo e detestava já o publico e assim não o desejava pôr em communicação com o seu pensamento talvez por um orgulho desmedido, e principiou a contemplar a terra com amor, como a abraça-la amorosamente, ella que poucos annos depois o receberia carinhosamente no seu seio.

Triste, desalentado, não conhecendo sympathias, achando o mundo arido, morreu sem saber o que eram paixões, viu tudo friamente, através o seu monoculo, não encontrou encantos na vida, não soube amar, não soube odiar, não soube fazer-se estimado.

E assim, se se lamenta o escriptor, ninguem chora o homem...

Augusto Fuschini

Foi um theorico que buscou ver a vida por um kaleidoscopio que lh'a mostrou de côres muito variadas, d'essas que riem aos olhos.

Evidentemente, um dia a realidade apparece, e a desillusão não póde ser maior.

Socialista, quando ministro, tentou executar o que essa eschola préga, mas ante

AUGUSTO FUSCHINI

os obstaculos, que embora pareçam insignificantes não se debellam com facilidade, desistiu do seu proposito.

Filiando-se no partido regenerador sahiu d'elle acompanhando Barjona de Freitas que ia fundar a Esquerda Dynastica, por fim estabeleceu a Liga Liberal sendo a alma d'essa aggremiação onde prestava o seu valor que era muito em paridade com a sua excellente vontade.

Sonhador, utopista foi-o, mas d'uma honestidade invejavel, animado sempre das melhores intenções, não causando prejuizo a ninguem; sacudido, sim, mas um bom, que traçara ante si uma linha de que nunca se desviou — a do dever exercido sem apparatos, apenas com a satisfação de o cumprir.

Irrequieto, não estimando os homens porque declarava que quanto mais os conhecia maior amor tinha ás pedras, soffreu bas-

tante porque era um affectivo; intelligentissimo, traçava as cousas, não como ellas deviam ser, mas como a sua phantasia sempre embalada pelo bem desejava, e d'essa fórma a cada desillusão o seu espirito propendia para uma enorme melancholia, até que a morte veiu, liberalmente, livra-lo d'esse fardo, dando-lhe o repouso final.

Sahiu d'esta vida descontente de todos, não o comprehenderam, e afinal foi um justo, e devem deplorá-lo os que sentem ainda pulsar o coração ante os grandes caracteres...

Agostinho Franco

E' para louvar quem teve a idéa de nomear director geral da estatistica e da fiscalisação das sociedades anonymas o sr. Agostinho Franco.

E se assim o digo, é porque, para aquelles que costumam olhar sempre para baixo e nunca para cima,— e n'esse caso acham-se desprovidos d'inveja, — consola o ver que o sr. José Relvas foi escolher uma pessoa que começou por praticante n'esse ministerio

AGOSTINHO FRANCO

attingindo por fim o logar mais hierarchico.

O sr. Agostinho Franco é um trabalhador intelligente, um conhecedor minucioso dos serviços estatisticos, não se limitando a servir apenas nas horas marcadas pelo regulamento, porque emquanto ha trabalho elle não sabe o que é descanso; muito arguto, d'uma enorme actividade, allia o ser em extremo delicado de fórma que a sua mão como dirigente não se faz sentir.

Anima-o uma magnifica vontade, nos empregados sabe destrinçar as aptidões confiando-lhes os serviços que mais se lhes coadunam, e não é facil nunca dizer-lhe que não, demonstrar um pequeno esboço de má vontade a quem busca ser sempre agradavel aos seus subordinados, e tanto mais que n'elle não reside um chefe, mas um amigo.

E como Agostinho Franco deve tudo a si, só a si, eu quiz que n'esta revista ficasse consignado que aos homens honestos sempre chega um momento em que se lhes reconhece as suas altissimas qualidades.

A Primavera

Devido á minha qualidade de jornalista, consegui entrar nos bastidores extraordinarios onde machinistas, silenciosos e ageis como sombras, preparam, longe dos olhares dos homens, mudanças magicas á vista para espectaculos sem cessar renovados. N'uma epocha em que a entrevista não poupa ninguem, porque não teria eu com a Primavera, que entrou este mez em Portugal, uma conversação? E' esta a palavra que os *reporters* attribuem, com a sua má fé vulgar e profissional, ás personagens importantes que, em nove sobre dez, se calam desde que as interrogam.

O espaço — sempre limitado para os phantasistas — falta-me para contar as minuciosidades d'esta aventura. Sou, pois, obrigado a principia-la no momento em que um tal Baptista (de quem toda a gente póde falar, mas que ninguem conhece) me responde, com uma voz tranquilla:

— A Primavera? Está no seu camarim. A porta em frente!

Entrei. Cruel desillusão! Julguei que me encontraria com uma adolescente, forte e formosa, e tinha ante mim, mirando-se n'um espelho, uma velha alcachinada por milhares de seculos, e que se estava caracterisando! Com uma enorme fadiga, punha carmin nas faces enrugadas. A um canto, vi a sua tunica branca e a grinalda de flôres com que se ia coroar. De principio recebeu-me com ar de poucos amigos.

Mas á maneira que o cosmetico remoçava o seu encarquilhado rosto e que a vontade d'agradar lhe levantava as costas arqueadas, animando-se:

— Teem feito, senhor, tantos artigos a meu respeito que não achará nada de novo para me dizer. Estão acolá, collados n'aquelle enorme livro!

Lancei-lhe um rapido olhar. Viam-se alli poemas, descripções, pensamentos. D'um poeta encontrei esta phrase:

«A primavera agradaria muito menos se não viesse depois do inverno.»

Ella desatou a rir. Ia contar-me as suas numerosas aventuras, quando a voz do contra-regra lhe indicou que era quasi meia-noite do dia 20.

Estava transformada.

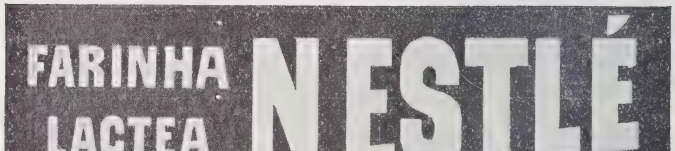
A que alli estava agora era uma bonita rapariga.

— Vou deixa-lo, disse-me, não quero faltar á deixa.

Tirei o relogio.

Trinta segundos depois estavamos a 21 de março.

PORTUGAL DA SILVA.



Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

Republica

Todos os annos, cerca do Carnaval, este theatro encommenda a algum escriptor uma revista n'um acto, e a verdade é que sempre dá resultado.

Um dos principaes elementos para o successo é que estando no Republica quasi todos os melhores elementos que temos em theatro, e figurando n'essas revistas, as peças tomam um realce que d'outra fórma não lhes adviria.

A d'este anno intitulou-se *N'um rufo*, original dos srs. Machado Correia e *João Phoca*, e não se póde negar que obteve grande exito, dando consecutivas enchentes, e provocando constante hilaridade.

Não citarei nenhum dos interpretes, porque sendo tantos, e tendo muitos d'elles desempenhado os seus papeis com enorme mestria, temeria esquecer algum o que me levaria a uma contrariedade ou a fazer retificações que sempre desadorei.

*

Envelhecer, um drama de Marcellino Mesquita, deu agora este theatro para festa do actor Brazão.

Essa peça representou-se ha dois annos no Principe Real com enorme successo, sendo o papel da protogonista confiado á actriz Maria Falcão, que tem bastante valor e que é pena ter partido para o Rio de Janeiro ultimamente, abandonando o palco.

Fiz em tempo a critica d'este magnifico trabalho, não concordando apenas com o final, e tem elle a vantagem, para aquelles que veem dia a dia os dramas a surgirem com uma coragem... que nos desanima, dar-nos um certo refrigerio á alma, como que nos consola das desillusões que tivemos e... quem sabe quanta crença ainda se vae crear até ao momento em que o egoismo se apodere de nós em absoluto.

Brazão e Ferreira da Silva desempenham os papeis da primitiva, e a mesma propriedade, a mesma linha distincta souberam manter. Emilia d'Oliveira ouviu applausos, dizendo com a devida intenção.

Trindade

A operetta actualmente em scena n'este theatro intitula-se *Sangue Viennense*, sendo a musica de Strauss, o celebre auctor das valsas que teem percorrido todo o mundo.

E' claro, e já aqui o disse, o entrecho d'estas peças allemãs e austriacas é simples, mas a disposição das figuras, *trouvailles* que um ensaiador habil como Taveira não despreza, a belleza da partitura fazem por vezes esquecer aquella falta. Aconselharei, porém, os emprezarios que não se vão fiando muito n'esses successos, porque

me parece que a corda se apresenta um tanto tensa.

O publico corôou de applausos o trabalho de Palmyra Bastos, essa grande actriz, inconfundivel, toda talento, a mais vibratil alma d'artista que o nosso theatro possue,

AFFONSO TAVEIRA

dotada d'uma memoria prodigiosa, e que é *l'enfant gatée* do publico.

E, embora modestos, mais uma razão para os citar, porei aqui os nomes de Salvador Braga e Gabriel Prata que mostraram comprehender excellentemente os seus papeis.

Gymnasio

Ha tempo, em Paris, visto que o theatro da emoção intensa se modificara, já que se não recorria ás tragedias que faziam arripiar as carnes e as do seculo findo desmoralisaram as anteriores, logo que os dramas de Sardou não produziam sensação, que a comedia se banalisara, que a peça de these sob o patronato de Brieux se submergira, inventou-se o genero *tranche de vie,* que assentou arraiaes no Grand-Guignol.

O fito era fixar no tablado os casos tragicos da vida, nus e breves, o mais summariamente possivel, n'um ou dois actos, aproveitando apenas o intenso das situações, muito embora estas ficassem sem solução. E assim se levou a vida para a rampa na sua naturalidade, mas a vida tragica, constituida por dôres, com o espanto, os desesperos, as lagrimas e as angustias. O fim do Grand-Guignol era provocar no espectador as grandes commoções, empallidecer as faces, crispar os labios, ranger os dentes, sacudir o corpo n'um movimento nervoso e terrivel.

E' claro que assim produzem-se doenças de coração e neurasthenias, e para as evitar um tanto, intercalaram-se esses actos violentos com comedias em extremo alegres.

Os espiritos *blasés* que adoram as sensações do *Looping and the looping,* que gostam dos combates de gallos, que assistem ás luctas de *box* ou deliram ante um japonez que sobe n'uma escada de facas em pontas... sentiram-se á vontade ante estas peças sensacionaes.

E os mais brilhantes escriptores como Annunzio, Mirbeau, Hervieu, Lorrain, Weber, Giacomo, fizeram-se collaboradores do Grand-Guignol.

E foi pensando em tudo isso que o Gymnasio lançou agora a semente, que é possivel venha a germinar, pondo em scena o *Doutor Morphina,* extrahido d'um conto de Edgard Poë, por André de Lorde, o auctor de *Bagnes d'enfants,* alcunhado — o *Principe do Terror.*

Evidentemente a companhia d'este theatro, não podia arcar com as difficuldades do desempenho, porque sendo uma peça de minucias e devendo ser representada com rapidez, toda a vez que se não attender áquellas e não se observar a ultima, o resultado é mais que negativo.

O publico desconhece ainda este genero, mas creio que, depois de maduramente reflectido, ha-de acceita-lo e mesmo assistir a esses espectaculos com certo alvoroço, porque elle precisa excitantes que lhe sacudam o sangue, para ficar bem oxygenado.

Apollo

Como estive a perpetrar o crime de fazer uma revista com o dr. H. de V., delegado na Boa-Hora — o melhor era pôr o nome — assiste-me o direito de poder dizer que ninguem mais do que eu detesta o genero, onde não ha mostra de talento, onde se

agglomeram ditos, onde o escriptor não mostra o seu *eu*, e trata só d'affagar as multidões.

Não se pensa na arte, mas apenas em que um original cuidado raras vezes attinge cincoenta representações... e uma revista dá duzentas.

O Apollo poz em scena a *Agulha em Palheiro*, e a concorrencia tem sido grande. São auctores os srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e Marçal Vaz.

A do anno findo, e dos mesmos senhores, *Sol e Sombra*, resentia-se de ter pontos de affinidade com o *A. B. C.*, á actual falta-lhe originalidade, reproduz-se, e mesmo um quadro do primeiro acto só causou um certo successo n'aquelles que não tinham visto no Gymnasio o *Valente Balbino*, dos srs. João Bastos e Bento Faria.

Sinto bem que o sr. Ernesto Rodrigues, que tem excellentes qualidades de comediographo, e o sr. Felix Bermudes, que é um poeta muito distincto — e se me refiro só a estes dois é porque lhes conheço a sua obra litteraria, e assim como nunca tenho *partipris* seja contra quem fôr, tambem não sei louvaminhar — não empreguem as suas faculdades n'um trabalho de folego, pensado, embora por dilettantismo.

E' verdade que cincoenta problematicas... mais de duzentas certas...

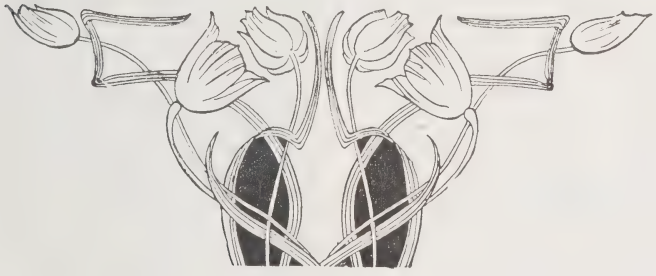
Animatographos

O **Chiado Terrasse** não affrouxa na maneira d'attrahir publico e assim as fitas que apresenta teem de tudo: comico, dramatico, instructivo; o **Salão da Trindade** vê as suas sessões sempre concorridissimas, porque a empreza possue o condão de attrahir o publico o que é simples: fazer um programma variadissimo.

PORTUGAL DA SILVA.

P. S.— *Um* Amigo certo *pergunta-me em carta porque não critico as traducções que se representam nos nossos theatros. A resposta não é difficil: sendo official do mesmo officio, adoptei o systema de não lhes fazer referencias, e assim — deram-me o mote tenho de o glosar — com bastante sentimento nada disse d'uma que é primorosissima, a do* Papillon *d'Eduardo de Noronha.*

P. DA S.



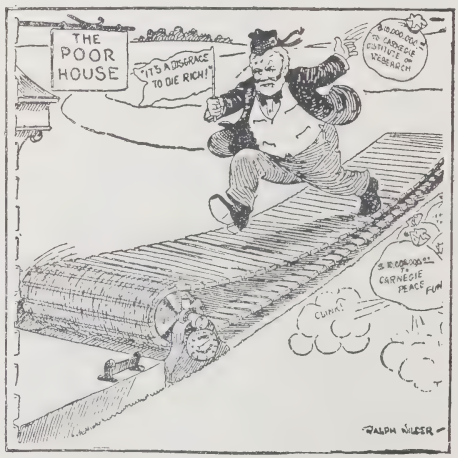
Estado de debilidade geral assim como na convalescença, tomar ✲ ✲ **Somatose** *Vende-se em forma liquida ou em pó, em todas as pharmacias e drogarias.*

Curiosidades do tempo

O problema da Paz

Mr. Pirie fez na Camara inglêsa uma interpelação sobre as intenções do governo inglês respeitantes á Commissão da paz proposta pelos Estados-Unidos, commissão que seria constituida nas bases da autorizada pelo Congresso dos Estados-Unidos (V. *Serões* de Março, pag. 233) com o fim de estimular os principios da arbitragem, mediação e concordia internacional. *Sir* E. Grey respondeu que em dezembro proximo passado o embaixadôr dos Estados-Unidos lhe communicára a resolução do Senado e da Camara dos Representantes, perguntando se o governo inglês tencionava dar a sua cooperação a esses propositos, e até que ponto. Em resposta ao embaixadôr americano dissera que o governo britannico tomára sempre o maior interesse no plano de um accordo internacional para tal fim, e portanto muito promptamente entraria numa troca de vistas plena e franca com o governo dos Estados-Unidos sobre o assumpto, e daria o seu appoio a qualquer plano bem estudado e pratico que fosse apresentado pelo governo dos Estados-Unidos. O governo inglês receberia com a maior satisfação e o mais simpático interesse quaesquer conclusões a que chegasse a commissão proposta.

Esta resposta de *Sir* Edward Grey não vae além do minimo de attenções que são da praxe quando se responde ás propostas de uma nação amiga, não fazendo a mais pequena allusão ás suas proprias idéas sobre o assumpto. Em vês de bôas vindas calorosas á proposta americana e promessas de activa collaboração, *Sir* Edward Grey mostrou a attitude reservada de quem foge a tomar um compromisso positivo. Ha quem pense em Inglaterra que o governo d'esse país não deveria sómente prometter uma consideração amigavel aos planos que a commissão americana apresentasse, mas sim partilhar a iniciativa do governo americano, reconhecendo o supremo interesse do problema, e determinando immediatamente a organização de uma commissão de paz análoga á



A CAMINHO DA «CASA DOS POBRES»
Carnegie parece querêr morrêr na miseria

(Chicago Record-Herald.)

de Washington, que com ella cooperaria para o grande fito do estabelecimento de paz universal.

Anda no campo da discussão a maneira como se deverão applicar as cem mil libras annuaes dadas por Carnegie para serem dedica-

das ao estabelecimento da paz. Entre os alvitres apresentados dizem respeito alguns a investigações scientificas sobre a influencia da guerra e da sua preparação. Assim se inquiriria dos effeitos actuaes da vida militar sobre o desenvolvimento intelectual e fisico

IRMANS, ABRAÇEMO-NOS!
Carnegie manda-nos alguns confetti de paz!

(Pasquino.)

da raça; procurar-se-iam dados seguros e minuciosos sobre as perdas infligidas periodicamente á civilisação pela guerra,—objecto de investigação já suggerido por um biologo eminente. Em connexão com o custo directo da guerra, poder-se-ia investigar ácerca do seu effeito sobre o commercio e a industria, de maneira a poderem fazer-se concepções justas sobre as perdas causadas pelas grandes guerras no ultimo século. O conhecimento da verdadeira relação das guerras com a alta finança seria importantissimo.

Mais importante que a determinação do custo da guerra seria a determinação das suas causas.

«Tirar-se-ia grande vantagem, diz Reinsch de um estudo de todas as causas ramificadas da guerra, apresentando, por assim dizer, a etiologia da guerra.» As causas dinasticas não são já as suas principaes promotôras, mas os perigos resultantes dos impulsos da democracia não foram ainda scientificamente estudados. Por esse meio poderiamos dirigir a attenção para a eliminação das verdadeiras causas da guerra, e d'ahi para a remoção das condições fundamentaes que ainda alimentam a hostilidade e a malevolencia.

Segundo o citado publicista, o meio mais efficaz será o de animar todas as relações que unem os homens e formam entre elles laços de mutuo entendimento. Grande bem se poderia esperar pondo em contacto os homens representativos dos differentes paizes da Europa, America e Asia, de maneira que ouvissem uns dos outros idéas coincidentes sobre as suas melhores intenções. Tudo que se fizesse para este mutuo conhecimento entre povos differentes seria da maior efficacia para os fins da instituição.

Ainda se deveria pensar no estabelecimento de cursos feitos por autoridades estrangeiras, de viagens com o fim de bem comprehender as civilizações visitadas, e de grandes reuniões internacionaes em que todos os paizes do mundo fossem representados. Outro meio seria o de enviar para os grandes centros, jornalistas cultos e perfeitamente educados que estudassem de maneira imparcial tudo que dissesse respeito aos negocios internacionaes. Esses homens não seriam propagandistas, mas observadôres calmos e estudiosos, em cujas informações se pudesse confiar completamente. Grandes serviços se poderiam d'elles esperar em épocas de malentendidos e crises internacionaes.

Já o universo começa a organisar-se internacionalmente. Não menos de umas cento e trinta uniões internacionaes existem hoje; mas apesar de se dedicarem ao magno trabalho de preparar a futura organisação do mundo, essas uniões internacionaes ainda não são sufficientemente conhecidas e notadas do publico em geral. Se trabalhasse de accordo com estas instituições já existentes, a commissão de Carnegie daria substancia aos seus esforços, aprofundando aquelles caminhos de actividade esboçados. Seria ahi que o fundo de Carnegie realizaria um grande serviço, apresentando ao mundo a verdadeira significação da organisação internacional já criada, e appoiando-a financeira e moralmente.

Para que as nações concordem em se submetter á jurisdicção de tribunaes internacionaes, é necessario estarem certas de que a lei que elles lhes hão de impôr estará de accor-

A VERDADEIRA POMBA DA PAZ
segundo um caricaturista

(Do *Collier's Weelly.*)

do com as mais altas concepções da equidade e da justiça da época actual. Portanto, conclue o publicista, será a feitura de um codigo internacional modelo, a verdadeira corôa de todos os trabalhos a emprehendêr n'este campo.

Emquanto os pacifistas se dedicam ao problema, sôa dos lados da Allemanha uma resposta brutal. Esperemos. Atrás do tempo, tempo vem.

A importancia do suffragio feminino

Segundo diz um articulista da *North American Review*, a causa profunda do enthusiasmo pelo suffragio feminino não é o reconhecimento de que elle seja abstractamente justo, mas a convicção de que elle seria importante e util. Essa importancia seria superiôr ao alcance da grande maioria dos individuos que se dedicam á politica e aos negocios. O voto feminino augmentaria a proporção dos eleitores educados, reforçaria a tendencia das legislaturas a dirigir os seus debates para os problemas mais importantes do desenvolvimento vital, e tornaria talvez mais obrigatoria a honra politica.

O voto feminino é uma consequencia necessaria do principio democratico. Segundo a hipótese democratica, o Estado está bem organizado, não quando se conforma a uma certa idéa do Estado, mas quando se conforma com os interesses dos individuos concretos que são seus cidadãos; e a melhor maneira de occorrêr ás suas necessidades é, não sentarmo-nos num trono ou num banco e pensar-

MRS. PANKHURST,
CHEFE DAS SUFFRAGISTAS INGLESAS

mos sobre o caso, mas sim consultá-los sobre essas mesmas necessidades, — e, portanto, em vêz de se perguntar a uma classe o que se *devera* fazer, perguntar a todos o que *teem interesse* que se faça.

Ora, é um problema vital para o futuro da raça o tornar as condições da industria compativeis com a saude moral e fisica das mulheres; e para quem conhece a natureza humana e o mecanismo do governo representa-

UMA NOTAVEL SUFFRAGISTA INGLESA

tivo, é evidente que o primeiro passo a dar para a solução do problema é concedêr ás proprias mulheres a defesa dos seus direitos. A exclusão das mulheres nos negocios da communidade, constitue, segundo o articulista, um grande erro dos nossos habitos sociaes, porque estamos immensamente necessitados de mães que tenham a sabedoria da experiencia. Afastar a mulher dos interesses publicos com a razão da sua missão de mãe é limitar essa missão ao amamentar da criança, tornando-a incapaz de educar e dirigir o seu filho com o seu sabêr e experiencia, e abandonando a possibilidade de a habilitar a essa mesma missão com que se argumenta.

No primeiro plano da cruzada pelo suffragio feminino figura Mistress Pankhurst, presidente da *National Women's social and political union*, que ha mêses foi a Paris fazêr conferencias sobre o assumpto. Deixando agora as razões, já conhecidas, poderemos citar alguns resultados já obtidos. A Nova-Zelandia admittiu em 1893 o voto das mulheres, em seguida a uma campanha encetada em 1863. A reforma pareceu então prematura, mas o direito foi pouco a pouco sendo aproveitado por um nu-

mero cada vêz maior de eleitôras. Em 1893 contaram-se 90 mil votantes por 109 mil inscritas; em 1906, 109 mil votantes por 142 mil inscritas; e em 1902, 138 mil votantes por 186 mil inscritas. Na Australia as mulheres são eleitôras e elegiveis para o Parlamento federal. A sua benefica acção revelou-se por uma serie de medidas generosas impregnadas do melhor espirito: leis contra o alcoolismo e o jogo, protecção do trabalho feminino, regulamentação da higiene nas officinas e ateliers, etc.

Na Europa são os paizes escandinavos os mais avançados neste ponto. Recentemente foram as Norueguêsas admittidas a votar para a eleição dos deputados. Mas foi na Finlandia que se produziram os resultados mais notaveis. A seguir ao levantamento geral de 1905, um manifesto imperial autorizou a elaboração de projectos de lei baseados sobre o suffragio universal aberto aos dois sexos. Os escrutinios de 1907 enviaram ao Landtag desasete mulheres. Havia vinte e cinco em 1908. E as eleitoras finlandesas conseguiram assignalar-se, apesar da sua inferioridade numerica. Entre as propostas devidas á sua iniciativa figuram a extensão dos direitos das mulheres casadas, direito de herdar para os filhos naturaes, desenvolvimento do ensino de *ménage* em todas as communas, penalidades severas para os maus tratamentos ás crianças, seguro maternal sob o patrocinato do Estado tendendo a concedêr ás mulheres gravidas, durante três mêses, uma pensão igual ao seu salario habitual, etc.

Entre nós, a promulgação da nova lei eleitoral levantou tambem o problema. Falta sabêr se se não absteria de ir á urna exactamente a parte mais valiosa das mulheres portuguèsas. A avaliar pelos homens... E depois, não é talvez do parlamentarismo que ha a esperar a redempção...

A joven Turquia

São em geral consideradas insignificantes comparadas com o que na Turquia ha a fazer, as reformas já levadas a cabo pelos jovens turcos; o juiso deve talvez sêr um pouco modificado se repararmos nas condições geraes da situação e nas difficuldades que em pouco tempo se teem removido. A reforma do exercito afigura-se a muitos sêr a unica que os jovens turcos teem levado realmente a peito, e que se applicassem a mesma energia a outros ramos teriam conseguido maravilhas. Antes de tratar de constituir um poder naval, encaminhando-se para o imperialismo, a joven Turquia deveria criar uma administração e organizar os negocios do interior,—assim o affirma quem estudou de perto o assumpto. A organização judicial está tambem muito imperfeita ainda, apesar dos esforços feitos para secularizar a justiça. Nada se fez tambem praticamente para melhorar a agricultura. Os caminhos de ferro, estradas, irrigações, etc., deveriam figurar no programma. A educação publica está tambem em condições lamentaveis. Em todos os ramos da actividade reformadôra dos jovens turcos se notam excellentes intenções, mas que muito frequentemente acabam por medidas vexatorias, filhas talvez da desviação do sentimento patriotico para um nacionalismo intolerante, ciumento e aggresivo. A diplomacia alleman parece ir logrando os reformadôres com bellas perspectivas; a amizade germanica já custou á Turquia a perda da Bosnia, e um dia poderá custar-lhe talvez Salónica. Os jovens turcos parece reconhecerem o perigo, e só se atiram para os braços da Allemanha por causa do exagerado receio das ambições russa e bulgara.

Vida na Sciencia e na Industria

Profecias de Edison

Tem certamente extraordinaria competencia para annunciar maravilhas quem já tantas maravilhas tem realizado. Uma d'ellas é a do fabrico do ouro: obter-se-á brevemente, profetiza Edison, o ouro a 25 dollares a tonelada. O livro de nickel será tambem de uma realização prática. O nickel pode absorvêr a tinta de impressão; uma folha de nickel de um vigesimo milesimo de polegada será mais barata, forte e flexivel do que uma folha ordinaria de papel de livro. Um livro de nickel de duas polegadas de lombada poderá contêr quarenta mil páginas, pesando sómente uma libra. Podêr-se-á fabricar uma libra-peso de folhas de nickel por um dollar e um quarto.

Sobre a questão dos aeroplanos, Edison faz notar o alto valôr do zangão como voadôr; o tamanho das suas azas é extremamente pequeno em relação ao tamanho e peso do corpo do animal. O segrêdo do seu bom vôo está no excellente uso que faz das azas, percutindo o ar até o tornar semelhante a metal; o ar, effectivamente, quando percutido com bastante rapidez, torna-se rigido como aço. Teremos de aprendêr com o zangão se quizermos viajar no ar, rapida, longa, seguramente. Deverá applicar-se o principio do zangão para elevar a machina voadôra, e o actual sistema propulsór para a direcção horisontal. Essas voadôras poderão em breve levar passageiros com a velocidade de cem milhas por hora e mais.

As machinas estão ainda na infancia. O panno, os botões, a linha, o papel e o papelão

alimentarão uma das extremidades da machina, e pela outra extremidade sairão os fatos, empacotados e em caixas. Os livros sairão da imprensa encadernados. A machina tomará as differentes partes e combina-las-á, isto é, alem de as fazêr, as reunirá num todo acabado, em vez de simplesmente as fabricar em separado para depois o homem as reunir. Não se hão de passar muitos annos antes que os mecanismos nos dêem o fato por tão modico preço que qualquer poderá adquirir quatro ou cinco por anno. O lavradôr será substituido por uma especie de engenheiro, ao mesmo tempo especialista na chimica do solo, na botanica e na economia.

A nova bateria accumuladôra de Edison, actualmente em experiencias, tornará tão formidavel o submarino que não valerá a pena construir couraçados. Pensa que o amontoar de armamentos trará a revolução universal ou a paz universal antes que possa havêr mais do que uma grande guerra. Na sua opinião, os governos procurarão evitar serem destruidos pelos seus proprios povos, tornando o tribunal da Haya o supremo tribunal do universo. «Creio, diz, que a Inglaterra estacará um dia ao commando de um homem, que será um trabalhadôr. D'aqui a cem annos não haverá pobrêsa no mundo, e nestes cincoenta annos mais proximos far-se-ão grandes experiencias de governo. Muitas das melhores obras humanas são feitas inconscientemente.»

Onde os elefantes morrem

Dizem as historias dos viajantes que os elefantes escolhem um logar onde possam acabar em paz quando sentem a approximação da morte. Contam caçadôres experientes que é rarissimo encontrar-se o corpo de um elefante morto de morte natural. Os abutres e as formigas podem causar o desapparecimento da carne, mas que succede aos esquelêtos e dentes? Muita gente acceita a teoria que o elefante busca um logar retirado para morrêr, mas poucos sabem que centenares de elefantes escolhem o mesmo logar. Um argumento a favôr da existencia d'estes logares é que os commerciantes podem adquirir subitamente grandes porções de marfim em occasiões em que geralmente se acreditava que já o não poderia haver no mercado. Uma tal quantidade de dentes só se poderia obtêr com uma carnificina espantosa, que muito naturalmente provoca duvidas e suspeitas. Foi Emin Pachá quem primeiro revelou a existencia d'esses campos de morte, affirmando que muitos caçadôres que diziam vivêr das suas proesas na caça dos elefantes deviam o seu exito a terem descoberto um logar de morte.

Quando um indigena ou um branco tem a fortuna de descobrir em Africa um d'esses logares de morte, o seu interesse leva-o muito naturalmente a guardar rigorosissimo segredo, de maneira que nunca elles se tornam objecto de conhecimento geral.

Vestigios de uma civilização antiquissima

A. Lafave, um engenheiro de minas e archeólogo distincto, desenterrou em Arizona (America) vestigios do que julga sêr a mais antiga cidade até hoje conhecida. Mais antiga do que as cidades biblicas de Babilonia e Ninive, mais talvêz do que os antigos centros de população da America do Sul, esta Arizona antiquissima foi porém foco de uma civilização tão adiantada como a dos Incas da America do Sul ou a dos Aztecas do Mexico. Na verdade, alguns artigos de ceramica e outros objectos descobertos por Lafave teem grande semelhança com muitos dos recentemente desenterrados por Hewitt Myring no Peru os quaes os scientistas consideraram os mais antigos especimes de manufactura que existem, datando de ha uns sete mil annos approximadamente. Segundo Lafave a cidade enterrada do Arizona é talvez mais velha ainda do que essa civilização do Peru. Está ella situada nas montanhas de Mazatagal do lado leste da bacia de Tonto, perto de Payson e não muito longe da nova cidade de Phoenix. O caminho é mau, e só a cavallo, por entre as montanhas, longe do caminho usualmente seguido, se consegue lá chegar. Segundo os informes de M. Lafave, as construcções são de grés, e denotam grande sciencia architectural. «A minha opinião sobre a sua antiguidade, diz elle, baseia-se no facto de têr encontrado as ruinas

MEDALHÃO ENCONTRADO NAS ANTIQUISSIMAS RUINAS DO ARIZONA.

POTE ENCONTRADO NAS ANTIQUISSIMAS RUINAS DO ARIZONA.

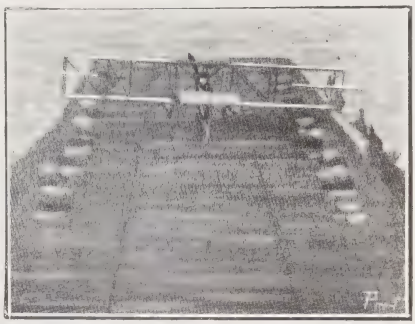
soterradas em três metros ou mais de terra, numa planicie aonde só o vento a poderia têr levado; para uma accumulação d'essa ordem são precisos seculos e seculos. Deve notar-se que a cidade fica num ponto dominante sobre o terreno circumvisinho. Entre as paredes que puz a descoberto dei com uma caixa tôsca contendo porções de algodão perfeitamente conservado. Hoje não se encontra algodão numa area de umas centenas de milhas em redôr, nem tão pouco foi cultivado ali segundo nenhuma tradicção. Concluo d'isso que o clima do Arizona era nessa época muito differente do de agora, pois hoje não se dá ali o algodão».

No sopé das montanhas da bacia do Tonto cavou M. Lafave uma chaminé de uns seis metros de profundidade, encontrando um antigo poço de pedra e cal, ao pé do qual estavam objectos de cerâmica com bellos desenhos. Num pote fechado e selado estava trigo em perfeita conservação. A terra que cobria o poço era uma accumulação de poeiras do deserto levadas para ali pelos ventos durante seculos. A cidade, situada num planalto elevado, tem as suas ruinas cobertas pela mesma poeira, posto que numa camada menos espessa. Os desenhos das paredes indicam que prevalecia o culto solar.

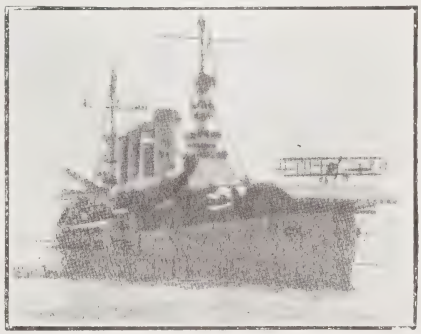
O aeroplano na marinha de guerra

O Almirantado dos Estados Unidos, após duas tentativas feitas sem resultado num paquete da Hamburg-America para lançar de bordo um aeroplano, mandou construir uma plataforma á pròa do crusadôr *Birmingham* para esse fim. Foi Eugene Ely que com o seu biplano fez a tentativa de voar do cruzadôr para um sitio designado em terra, a umas trinta milhas do ponto em que estava o navio. O aeroplano foi collocado na respectiva plataforma do *Birmingham*, o qual, escoltado por quatro *destroyers*, se afastou de trinta milhas da bahia de Chesapeake. O biplano largou da plataforma não obstante havêr chuva e vento: pouco depois tocava na agua, e todos julgaram que acabaria ali o vôo, mas rapidamente se levantou, continuando o seu caminho, e elevando-se a uma altura de quarenta e cinco metros. Seguiu assim o seu caminho até á terra, onde desceu sem novidade. Ely attribue a sua quéda na agua a têr errado o movimento na roda de *contrôle*. A helice ficou danificada com o mergulho e a agua saltou-lhe para a cara embaciando-lhe de tal maneira os óculos que se viu em difficuldade para se dirigir para terra.

O AEROPLANO LARGANDO DA PLATAFORMA DO «BIRMINGHAM»



O AEROPLANO CHEGANDO A BORDO DO «PENSYLVANIA»



O AEROPLANO LARGANDO DO «PENSYLVANIA»

Esta primeira experiencia foi feita ha uns quatro mèzes. Ultimamente M. Ely conseguiu a operação inversa, vindo de terra para bordo, e pousando perfeitamente numa plataforma identica do *Pensylvania*.

Nessa plataforma tinha sido adaptado um sistema de cabos presos a sacos de areia, afim de amortecêr o choque, o que deu bom resul-

tado. Ely fez um vôo de dôze milhas para o *Pensylvania*, durante trêze minutos, tendo subido a uma altura de seiscentos metros, e passando sobre as montanhas de S. Bruno. Pouco depois da partida o aeroplano foi visto pelos marinheiros collocados nos cestos de gavea, como um pontosinho negro sobre as montanhas. Tendo-se approximado da bahia o biplano desceu rapidamente, e passando sobre os outros navios ancorados, parou o seu motôr no momento exacto, vindo escorregar sobre a plataforma, na prôa do *Pensylvania*. Esta plataforma media 40 metros de comprimento por 4 de largura, e o biplano caiu ficando a uma distancia de 7 metros do extremo. Depois de se demorar uma hora a bordo, Ely partiu do navio no seu apparelho, chegando ao parque de aviação em treze minutos.

Vida na arte e nas letras

O «Angelus» de Millet

A collecção Chauchard gosou de todo o prestigio do misterio durante todo o tempo em que esteve fechada para o público. As poucas pessôas que a visitavam vinham sempre do palacio encantado com as mais fabulosas descripções. Mas apenas Chauchard morreu e a sua collecção veio á posse do Estado, começaram a apparecêr opiniões divergentes. Agora, que o publico pôde julgar por si mesmo, a antiga opinião geral sobre o *Angelus* foi grandemente modificada. Causa frequente admiração que esse quadro, que já apparece como insignificante, e que primitivamente fôra vendido por dois mil francos, attingisse a somma de oitocentos mil francos. Por causa da curiosidade que excita e pela sua celebridade, o quadro dá o nome á sala, mas não é a sua melhor pintura; é talvez mesmo a peor sob o ponto de vista technico, porque perdeu todo o seu frescôr primeiro, tendo-se mesmo affirmado que a tela primitiva fôra *restaurada*. Os outros Millets estão melhor conservados, e segundo um critico ganhariam muitissimo se estivessem separados dos Meissoniers. Em Millet a luz é a personagem suprema, e tudo concorre para a fazêr valêr; em Meissonier a luz é accessória.

O Christianismo de S. Paulo

Um pastôr protestante, o rev. doutor Anderson, attribue a S. Paulo uma doutrina que se não pode dizêr uma novidade nos dias de hoje, mas que constitue talvez um termo adiantado da evolução, acceitavel para grande numero de crenças religiosas e mais ou menos areligiosas. Segundo Anderson a historia dos Evangelhos é um mito ou parábola, como a do Eden; não importa se Jesus de Nazareth foi ou não concebido, dado á luz, tentado, julgado, crucificado. S. Paulo prégou, não Jesus de Nazareth, mas o Christo que está dentro de cada homem—o eterno filho de Deus. Em resultado dos trabalhos da mais alta critica, os Evangelhos estão em completo naufragio como memorias historicas. Mas isso é de nenhuma importancia, de nenhuma consequencia para a doutrina segundo S. Paulo, o qual nada se preoccupou com Jesus historico. «A sua conversão significa que elle se tornou consciente de que o Filho de Deus estava dentro d'elle. Por Filho de Deus o Apostolo não designava o historico Jesus de Nazareth, mas sim o Divino que dentro d'elle residia, de que até á época da conversão elle não tivera consciencia, mas que dêsde esse momento se tornou o facto dominante e o factôr da sua vida. D'ahi os seus escritos dizerem pouco sobre o Jesus historico, nada citarem da sua prégação, facto que parecerá curioso ao moderno christão que lhes dá capital importancia. A idéa de que o homem foi salvo por um Salvadôr historico que viveu numa dada época da historia humana—um Salvadôr exteriôr a elle mesmo—é o grande erro da Igreja christan; é a grande apostasia, a idólatra materialização da verdade. O homem é salvo quando o «Christo» nasce dentro d'elle. Forçar o simbolo «Christo» a significar d'aquella forma em sêr humano é nada menos do que a profanação da mensagem do Eterno contida nos Evangelhos. A palavra «Christo» é a mais rica da nossa linguagem. Ella representa o mais alto Eu em cada homem individual, em vêz de um homem especial que viveu no primeiro século: applicae esta concepção á interpretação dos Evangelhos e vêde o que resulta.» Segundo o dr. Anderson, e segundo S. Paulo como elle affirma, a palavra «Christo», sendo o simbolo da alma no seu aspecto espiritual, está em potencial em cada individuo da raça. «E' primeiro um germen, nasce, depois cresce em consciencia e effectividade. Está neste facto toda a religião, o conseguimento da Consciencia-Christo, a religião de Deus dentro de cada um.»

Se tivessemos de dar resumidamente opinião no assumpto, diriamos que a doutrina do dr. Anderson nos parece merecêr sêr olhada com simpatia por todos os crentes e todos os livre-pensadôres; porém a affirmação de que foi essa a doutrina de Paulo de Tarso é que pode talvez encontrar quem com bôas razões a conteste.

O sexo da Rainha Isabel de Inglaterra

O amigo Banana certamente tinha sobre o assumpto uma d'aquellas suas opiniões arreigadas e originaes. Falando-se de uma rainha concluia logo que se tratava de uma mulher. Apparece agora porém quem creia haver excepções a essa regra geral; quem, pelo menos, reunisse uma serie de indicios tendendo a suggerir que a Rainha Isabel de Inglaterra... era um homem. Trata-se de Mr. Bram Stoker, um conhecido autôr inglês. De resto, a rainha Isabel já dera logar a uma outra hipótese interessante, ligada essa á velha contenda sobre a existencia de Shakespeare: segundo o Dr. Owen o autôr do *Henrique VIII* foi Bacon — idéa que não é nova — mas a mãe de Bacon teria sido a *maiden queen*.

Mr. Stoker, o da primeira hipótese, foi levado a investigar o problema ouvindo contar uma antiga tradicção que tem sido geralmente acceite pelos habitantes de Bisley desde os tempos em que a supposta Isabel viveu entre elles. Bisley é uma pequena aldeola isolada entre as Cotswold Hills, na Inglaterra occidental, e onde Isabel viveu na sua meninice. A casa em que habitou conservava-se ainda, segundo se diz, no estado em que estava quando ella a deixou. Existe no jardim um pequeno sepulcro no qual se diz que foi depositado o cadaver da verdadeira princêza.

Segundo a tradicção, pelo anno de 1540, quando a princezinha contava sete annos, teve uma febre e morreu. O terrivel Henrique VIII estava para chegar da visita á filha. Ninguem ousava communicar-lhe a má nova, porque não poucas vezes caía o machado do carrasco no pescoço dos que o desgostavam. A aia da princêza, Mrs. Ashley, decidiu substituir por outra a criança morta. Só se pôde arranjar um rapazinho da mesma idade. O rei fez uma breve visita e foi-se embora satisfeito.

A' medida que o rapaz foi crescendo redobraram os cuidados para que continuasse o engano, porque a descoberta seria fatal a todos que nella entravam. Mr. Stoker ao que parece examinou attentamente todos os factos recordados na historia e nenhum desmente a tradicção, antes muitos a confirmam. Tres grupos de factos tendem a arreigar a teoria sobre o sexo da rainha: 1) A sua dedicação de toda a vida para com a aia, Mr. Ashley, e para com o seu Thesoureiro, Sir Thomas Parry. 2) A constante recusa de casar, apesar dos mais brilhantes partidos da Europa procurarem a sua mão. 3) Os seus bens conhecidos caracteristicos masculinos.

Muitos historiadores teem notado que parece ter havido qualquer segredo entre a Rainha Isabel, Mrs. Ashley e Sir Thomas Parry. Conservou-se-lhes sempre dedicada e continuou amontoando beneficios sobre elles até ao fim, não obstante as serias accusações que sobre elles pesaram.

Este procedimento, diz Miss Strickland, uma grande autoridade sobre o assumpto, traz naturalmente a suspeita de que algum segredo importantissimo fôra confiado a Sir Thomas — segredo que provavelmente não só envolveria a reputação da sua real senhora, mas talvez mesmo colocasse a sua vida em perigo. O mesmo se póde suppor de Mrs. Ashley.

A sistematica recusa de Isabel ás muitas propostas de casamento que lhe foram feitas torna-se muito estranha numa pessoa que tanto prazer tomava na sociedade de homens e mulheres, e não tinha nem vislumbres de ascetismo.

RETRATO DA RAINHA ISABEL D'INGLATERRA, MOSTRANDO A MASCULINIDADE DAS SUAS FEIÇÕES

Este facto sempre foi um enigma para os historiadores. Numa carta para o Lord Admiral Seymour, dizia Isabel: «Não tenho a menor tenção de me casar, e se alguma vez nisso pensasse — o que não me parece ser possivel», etc.

Frases semelhantes occorrem muitas vezes nas suas cartas. Porque haveria ella de se referir tantas vezes á impossibilidade de se casar?

Se uma ambição sem limites, uma determinação inabalavel e uma severidade sem misericordia para com os seus inimigos são caracteristicos masculinos, então era Isabel masculina ao ultimo ponto. Fez matar o seu valido Conde de Essex, e sua prima a rainha Mary Stuart. E' verdade que quando soube da execução d'esta mostrou grande comoção e ordenou a prisão de Sir William Davison que cumpriu as suas ordens, mas ha todas as razões

para acreditar que este procedimento foi devido a conveniencias politicas, como todos os seus outros actos. Quando nos lembramos que do lado da mãe a Rainha Isabel era apenas a neta de um commerciante de Londres, emquanto a Rainha Maria era alliada das maiores casas reinantes da Europa, comprehendemos o procedimento de Isabel. Mais d'uma vez esbofeteou um cortesão que lhe desagradasse. Intimidou os mais atrevidos e sabedores dos seus conselheiros, taes como Lord Burleigt, com a sua voz possante e maneiras terrificas. Quando a maior potencia da Europa, a Espanha, com muitos alliados, a ameaçou de aniquilamento, infundiu coragem nos seus soldados e marinheiros. Em nenhum caso lhe faltou a coragem e a presença de espirito, que tambem mostrou no seu leito de morte.

«A constituição do seu espirito é exempto de fraqueza feminina e dotado de um poder de applicação todo masculino», escreveu Roger Ascham, o grande erudito do tempo.

Poderia uma mulher ter mostrado qualidades semelhantes? Muita gente poderá responder que sim, mas os factos colligidos por Mr. Bram Stocker no seu livro dos *Impostôres celebres* tendem muito engenhosamente a sustentar a opinião de que «ella era homem».

O mito das Raças

Jean Finot, autôr do célebre livro sobre *O preconceito das Raças*, publica no ultimo numero de *La Revue* a primeira parte de um artigo intitulado *O Romance das Raças*, em que sustenta que a unidade das raças não é devida aos vinculos de sangue, mas á unidade de ideaes, cultura, etc.

A torre de Babel é nada comparada com as modernas nações. Nos vastos laboratorios em que as nações se criam as diferenças fisiologicas desapparecem com rapidêz surpreendente. As facilidades de intercambio e o pensamento universalizado tendem a unir cada vêz mais as aspirações da humanidade. Já hoje falamos de literatura europeia, dos interesses da civilização branca, da união do Velho e do Novo Mundo. A concepção de raças superiôres e inferiôres parece têr feito o seu tempo. O Japão acaba de entrar em pé de igualdade no concerto europeu, depois de têr feito tratados com duas nações da vanguarda da civilização, como a Inglaterra e a França. A China vae tornar-se uma nação parlamentar, e os chinêzes breve farão respeitar a sua religião e a côr da sua pelle. A evolução dos negros caminha a grandes passos, e ao recordarmos a sua origem etnica maravilhamo-nos dos progressos que realizaram nos ultimos sessenta annos.

Por seu lado as nações e os sentimentos patrioticos nada teem que vêr com origens etnicas. Definir a França de hoje como uma nação una pelo sangue seria um lôgro scientifico e politico. Ha ainda quem creia que os francêses são de raça gauleza, esquêcendo que mais os allemães que os francêses podem têr pretenções a essa origem. Mas não é possivel dizêr a que raça os francêses pertencem, porque os francêses de hoje são o producto do cruzamento de cêrca de sessenta raças que se estabeleceram em França. Nos ultimos tempos a diminuição de natalidade tornou o país mais proprio do que qualquer outro a recebêr fortes contingentes de immigrantes estrangeiros. Comtudo, o facto de sêr uma complexíssima mistura de raças não impede a nação têr o seu logar entre as grandes nações do mundo. A unidade do sangue nada tem a vêr com o valôr moral e intellectual do pôvo. Minto pelo contrário: a mistura de raças melhora a nação.

Nada mais illusório, segundo Finot, do que as distincções fisiologicas estabelecidas entre os homens. E' o cérebro que forma a nossa vida. Como succede com os individuos, a origem historica das nações nada importa. O que importa é a sua força moral e intellectual, as suas virtudes altruistas.

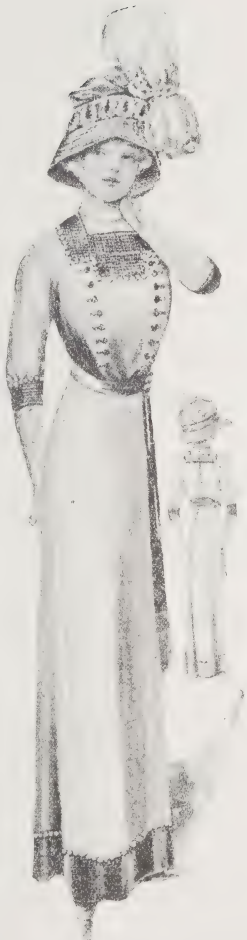
CHRONICA DA MODA

APEZAR do frio que ainda nos tolhe os membros, começa-se a sentir a romaria ás lojas em acquisição de toilettes para a primavera. A moda apresenta-se-nos sob uma tal variedade de idéas que difficil se torna dizer ás nossas leitoras qual a novidade da estação. O estilo Imperio chegou ao seu apogeu. A cinta curta, as classicas linhas gregas, os tecidos caindo em pregas graciosas e naturaes, persistem como a forma mais fovoravel para toilettes da tarde.

A combinação do branco e preto continua a produzir o mais bello effeito, e a ter a maior acceitação. De resto, uma novidade nos tecidos são os bordados de varias côres, mas de uma doçura de tons infinita, imitando os estilos Persas, Egypcios e Japonezes.

As musselinas, os *voiles*, os *foulards*, as cambraias salpicadas de flôres apparecem-nos de uma forma tentadora.

As faixas estão em grande evidencia, algumas com pontas caidas atraz, outras rematando



N.º 1

com graciosos laços que veem quasi a meio das costas. Os *entravés* findaram a sua época, as saias tendem a tornarem-se mais largas, sendo enfeitadas com barras algumas, outras com folhos, e ainda com entremeios.

As mangas chegaram aos dois extremos: usam-se muito curtas e muito compridas tambem. Os vestidos de noute continuam a ser *voilés*, e as rendas são sempre empregadas como a mais preferivel de todas as guarnições. As *écharpes* são o complemento indispensavel das grandes toilettes; são sem duvida do mais harmonioso effeito aquellas longas tiras soltas ao vento: dir-se-hia que dão á mulher uma forma alada.

Algumas teem mimosos trabalhos arrendados, outras applicações de renda de Chantilly. Escusado será dizer que as suas côres devem condizer sempre com a da toilette, e quer sobre um vestido rico, quer sobre um mais modesto, produzem sempre o mais vantajoso resultado, attenuando ao primeiro a sua riqueza, e dando

um realce de elegancia incontestavel ao segundo.

As longas bôas de plumas de avestruz que em tempos tanto se usaram, voltam com grande successo.

N.º 2

Os casacos *tailleurs,* que menos estão sujeitos ás variações da moda, continuam a ter a forma quasi direita sem pronunciar a cintura, e bastante mais curtos, a ponto de cederem o logar aos boleros que vão apparecendo nos ultimos figurinos, mas que certamente não terão a acceitação dos casacos.

O branco vae reinar com toda a sua belleza, como a côr da moda para as toilettes de verão. Vantajosa para todas as carnações, é côr que pouco cança, que sempre aos olhos nos parece bella. A *étamine* branca presta-se á mais graciosa confecção, e um vestido de sarja branca constitue a mais chic e encantadora toilette de passeio. O crú tambem será uma côr em evidencia, tendo tambem todas as vantagens pelo seu tom dôce e de facil harmonia com todas as outras côres. As bluzas, felizmente, resistem a todos os caprichos da moda, e como nunca, serão usadas este verão. A maior parte d'ellas são brancas, de desenhos lindissimos, de renda sobre *filet,* de Veneza, forradas de musselina para lhes dar toda a leveza.

Uma bonita novidade são as bluzas de *brion* com grandes *jabots* bordados em relevo sobre a propria bluza. Outras ainda de bordado inglez muito simples e praticas.

A nossa gravura n.º 1 representa uma graciosa e simples toilette que poderá ser feita de qualquer tecido tal como sarja, linho, *étamine* ou *voile,* fazendas estas que correspondem a uma toilette de primavera. A côr poderá ser ao agrado da pessoa, visto que, sendo enfeitada a preto, com esta côr todos os tons vão bem. O corpo forma uma pequenina guimpe levemente creme, pois que geralmente esse tom se liga melhor com a côr da pelle. O peitilho, preto como indica o figurino, deverá ser de um tecido bastante aberto, uma especie de malha aos quadrados, de forma a se não tornar pesado e deixando apparecer por entre ella a fazenda do vestido.

A fazenda do corpo, sendo cortada de forma japoneza, deverá ser completamente lisa para lhe dar todo o cunho de simplicidade e distincção que requer. Uns botõesinhos de seda preta formam duas ordens separadas á frente. Uma faixa estreita em volta da cintura remata por umas pontas cahidas ao lado, devendo essas pontas acabar por uma franja tambem preta. A saia completamente lisa exige um bello corte, pois que d'ella depende toda a linha. E' cortada em três pannos, um da frente e um de cada lado, e finda em baixo com uma barra de tecido preto de que é formado o encache. Nos punhos egualmente uma tira do mesmo tecido, devendo este sempre ser rematado por um sutache de phantasia, mas preto tambem.

N.º 3

Uma pratica e economica toilette composta de saia e casaco, corresponde á nossa gravura n.º 2. Alem de bonita tem uma vantagem: o ser completamente sobria de enfeites o que a torna, por conseguinte, muito economica. O tecido é ás riscas como indica o figurino. E' sabido que as fazendas de riscas favorecem immenso as pessoas, dando-lhes por uma questão de illusão d'optica, uma apparencia de mais altas e delgadas, qualidades estas que definem o prototipo da

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes, juntar **SOMATOSE.**

elegancia. O casaco desce um pouco abaixo das ancas quanto a comprimento, findando com uma grande barra com riscas a atravessar. O corte é quasi a direito, fechando na cintura com uns botões de madreperola. Uns largos virados com as riscas em diagonal, formam a gola. A saia completamente lisa, leva apenas uma grande barra com as riscas a atravessar, mas sendo essa barra só nos pannos dos lados como indica o figurino.

Finalmente, damos ás nossas leitoras um modelo da saia calção unicamente por simples curiosidade, pois apesar de ser ainda assim de uma forma mais toleravel, abstemo-nos de fazer a descripção, na certeza de que não terá imitadôras.

Maneira simples de fazer um «abat-jour»

Uma das cousas que mais graciosa torna uma sala, é sem duvida um bonito *abat-jour*, e é tão facil substituir um velho por um novo, que enviamos ás nossas leitôras um lindo modelo tão facil de ser executado, como constituindo ao mesmo tempo um agradavel entretenimento para ser feito ao serão. Está no gôsto da pessôa a preferencia da côr, no entanto recommendaremos como sendo talvez os mais bonitos os vermelhos, amarellos ou verde claro. O material necessario é o seguinte: 1 metro de gaze, *ninon* ou *chiffon* da côr desejada; 3 metros de fita de setim estreita da mesma côr; 3 metros de renda com 10 centimetros de largo; metro e meio de renda estreita de 2 centimetros de largura. Aproveita-se-lhe a armação antiga, cobrindo-a toda em volta com a gaze, devendo ficar muito esticada como indica a gravura no n.º 1, e sendo pospontada nas orlas. Em seguida cose-se a rendinha estreita na parte superior do *abat-jour*, levemente franzida como indica a gravura no n.º 2. Divida-se em duas partes a renda larga e cosa-se em volta uma parte sobre outra, como dois folhos, tendo o cuidado de com a renda de cima esconder o pé da renda de baixo. A gravura no n.º 4 representa um simples enfeite muito gracioso para remate do nosso trabalho. E' feito com a fita estreita, torcida, para dar o effeito dos laços, findando as pontas com umas borlasinhas feitas de algodão e recobertas de gaze.

Receitas culinarias

No inverno em que as fructas escasseiam, póde toda a boa dona de casa ter uma reserva de sobremezas se quizer pôr em pratica as receitas que inserimos, e das quaes se tira o mais... saboroso resultado.

Marmelada de laranja

Ingredientes necessarios: 1 kilo de laranjas, 4 kilos de assucar branco, o summo de

dois limões, e agua. Processo: tenham-se á mão duas tigelas, uma maior e outra mais pequena. Dividam-se em quartos as laranjas, e tirem-se-lhes as pevides e as fibras brancas, as quaes se deitarão na tigela pequena juntamente com duas chavenas de agua. Esses quartos deverão ser cortados ás tirinhas muito finas depois de se lhe ter expremido todo o summo para dentro da tigela grande, juntando-se-lhe vinte e duas chavenas de chá cheias de agua.

Deixa-se descançar durante vinte e quatro horas. Ferva-se o conteúdo da tigela grande durante meia hora, e deixe-se novamente descançar durante vinte e quatro horas. Ferva-se o conteúdo da tigela pequena durante cinco minutos e côe-se para dentro do tacho de fazer o dôce juntando-lhe o conteúdo da tigela grande e 4 kilos de assucar branco. Deixe-se ferver durante tres quartos de hora; junte-se-lhe o summo de limão quando a fervura esteja em meio. E' necessario todo o cuidado para que não ferva demasiadamente, pois isso prejudicaria o gôsto e a côr. Para se fazer a experiencia afim de vêr se está em bôa conta, deita-se um pouco n'um pires depois de ferver durante meia hora, devendo já começar a gelar.

Pudim de arroz

Tem esta receita a vantagem de não levar ovos, o que geralmente não succede com a maioria dos dôces, tornando-a por conseguinte muito economica. A perfeição consiste apenas em ser cozido vagarosamente sobre um lume brando, de fórma a que o arroz se dilate a ponto de formar á superficie uma especie de creme tão delicioso que se derrete na bôcca. E' preferivel ser feito de leite com nata, mas não podendo obtel-o junte-se-lhe 15 grammas de manteiga para dois copos (dos de agua) de leite. Tenha-se 30 grammas de arroz e 30 grammas de assucar, e deite-se o leite sobre as duas cousas tendo o cuidado de vêr que nenhum grão de arroz fique ao de cima. Em seguida salpique-se com um pouco de canela sobre a superficie, e deixe-se cozer n'um forno brando por espaço de duas horas.

Pudim de pão com manteiga

Unte-se de manteiga a fôrma, sendo preferivel de porcelana, e encha-se alternadamente de camadas de pão com manteiga, passas, assucar e noz moscada. Estando cheio, deite-se-lhe por cima dois copos (dos de agua) de leite com dois ovos batidos. Em seguida deixe-se descançar por espaço de meia hora pondo-se um prato por cima.

Cubra-se com um papel amanteigado e deixe-se cozer durante uma hora.

Receitas uteis

Quando a fôlha de um livro estiver rasgada, colae um pouco de cassa bem transparente, a qual vos não impedirá de poder lêr o que está escripto.

Deve guardar-se a agua em que se tenha cozido feijão verde, porque se aproveita com bom resultado para lavar todas as fazendas de lan, sobretudo as pretas.

Um banho de agua oxigenada embranquece o marfim, as sedas e as plumas.

CASTELLO DE MOURA

Afamadas aguas minero-medicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — **Medalhas de Ouro,** Madrid 1907, Porto 1904 — **Medalha de Prata,** S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escripterios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira **5$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas. nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, ié qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou calio molle:
Poe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a pessoa previdente e sauda
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, cascas, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente».*

Da linda Igneż os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Blenol — Lindacutis — Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

N.º 71
MAIO 1911

SERÕES

MUSEU D'ARTE. - HOLBEIN (1497-1543) Escola alleman. — Retrato de George Gisse

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - C. GLORIA, 6

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

Pedimos aos nossos assignantes e leitores que nos relevem o atrazo d'este numero e do anterior, devido á prolongada gréve da classe tipografica.

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Séde da redacção e administração:** Livraria Ferreira, Rua Aurea, 132 a 138 — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

RETRATO DE GEORGE GISSE
(Frontispicio) 322

TOLSTOI
(11 illustrações e 1 vinheta) por REIS MACHADO 323

LUIZ DE FREITAS BRANCO
(2 illustrações, 1 vinheta e musicas) JOSÉ JULIO RODRIGUES 340

O ESPELHO DE PRATA
(2 illustrações e 1 vinheta) por CONAN DOYLE 353

ARTE PORTUGUÊSA
(1 illustração) 359

MARINHA DE GUERRA PARA PORTUGAL
(10 illustrações e 2 vinhetas) por ALVARO RIBEIRO 360

O SIGNIFICADO DA OBRA DE WAGNER
(12 illustrações e 1 vinheta) por VEIGA SIMÕES 367

O ELOGIO DA PRIMAVERA
(2 illustrações) de RAFAEL ANGELO 377

RESENHA PORTUGUEZA
(9 illustrações e 1 vinheta) por PORTUGAL DA SILVA 380

THEATROS
(2 illustrações e 1 vinheta) por PORTUGAL DA SILVA 389

PELO MUNDO FORA
(8 illustrações e 1 vinheta) 392

CHRONICA DA MODA
(4 illustrações e 2 vinhetas) 397

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Historia ——
—— Sciencia
Romance ——
—— Arte
Actualidades —
—— etc. ——

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres
e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

N.º 71

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

MAIO 1911

MUSEU D'ARTE. — HOLBEIN (1497-1543) — Escola alleman. — Retrato de George Gisse

TOLSTOI

A vida de um «homem»

MORREU Tolstoi. Extinguiu-se uma voz que d'entre o egoismo geral e sem inflexões demagogicas defendeu superiormente uma sociedade melhor. Esta morte causou intensa impressão em todo o mundo em que ha sentimento, em que ha vontade e em que ha pensar; isto é, em todo o mundo em que se vive, em que se vive a vida agitada do espirito, sempre insatisfeito com o presente, sempre arquejante para um futuro creador e activo; em que as mais arrojadas utopias surgem para logo se tornarem em factos os mais positivos; em que o homem se lança á conquista do infinito tendo por unicos sustentaculos, a crença e a acção. N'esse mundo um fremito de dor agitou as almas; é que Tolstoi fazia parte d'elle, conhecera-o, criticara-o, vivera-o principalmente; representara na encarnação suprema do genio as suas maguas e as suas aspirações; afastara de muitos olhos o vapor espesso das chaminés e das locomotivas que encobria o azul vivido e infinito do ceu, apresentara ao egoismo imbecil e desdenhoso dos privilegiados — elle, um conde — a sua vida erguida em exemplo. A morte d'este homem não é, pois, um facto banal, não é a de um autor que morre e cujas obras ficam; não, porque a sua obra mais importante era a sua vida, uma obra constante de que a *Resurreição*, a *Anna Karenina* e *Guerra e Paz* foram paginas de genio, tendo por sublime epilogo a sua fuga para longe do conforto do lar. E essa vida — esse grande exemplo de luta entre o que é e o que deve ser, lançado á face da cobardia egoistica do mundo — a 20 de novembro de 1910, pouco depois das seis da manhã, extinguia-se...

Inclinemo-nos em face da magestade indefinivel d'essa morte; ella representa a perda d'um pedaço de nós proprios, no que nós temos de humano e — porque não? de divino; com ella desfaz-se um bocado de humanidade que estava em contacto com o Ideal.

Em Portugal, onde a agitação creadora da vida, só ha bem pouco, retomou, timidamente embora, a natural labutação apoz uma paragem tri-secular que a Historia explica, o desapparecimento de Tolstoi passou quasi que despercebido. Quem era Tolstoi? dizem, um doido perdido nas estéppes da Russia, o apostolo d'uma nova religião, um litterato de talento, um socialista fantazioso. E comtudo não é por Tolstoi ter sido apenas um litterato, um apostolo, um socialista, que o mundo inteiro sente a necessidade de o conhecer, não é por isso que o seu estudo se impõe como um dever a nós, portuguezes, é sim por Tolstoi ter sido, sobretudo, *um homem*. Atravessando Portugal uma forte crise de crescimento em que são necessarios os grandes caracteres, as grandes almas que ponham um interesse superior acima do proprio interesse e que encaminhem a vida que surge, a figura moral de Tolstoi

impõe-se-nos como um modelo a imitar, o seu estudo como um estimulo que nos diz que a existencia não tem valor senão quando é sacrificada a um ideal que nos ultrapasse, que lhe dê um sentido verdadeiramente humano.

Difficil é a tarefa de estudar Tolstoi, porque Tolstoi é um d'estes autores que mais do que nenhum outro é necessario sentir, não é a razão que pode explical-o e se mais ou menos é facil fazer despertar a razão em todos, o sentimento com difficuldade se desperta em muitos. Alem d'isso, Tolstoi é um grande homem, é d'estes espiritos superiores que como Confucius, Budha, Isaias, Socrates, Christo, Plotino, S. Augustinho, S. Francisco de Assis, Pascal, Newton, Beethoven, Pasteur... criam epocas, traduzindo atravez da fortaleza do seu *eu*, as formas indicisas do Ideal.

TOLSTOI EM 1886

Ora o espirito de um grande homem é de tal modo complexo, está tão levantado no ultimo degrau da hierarchia, a que o impeto inicial da vida — eternamente creador — desde o protoplasma ao homem o conduziu; que é sempre uma ousadia censuravel querer interpretal-o segundo um criterio vulgar. Homens como Tolstoi não se podem encerrar em formulas; é só procurando por um esforço superior de vontade e de sentir, por uma abstracção do presente, do meio e das convicções proprias, que se poderá chegar a uma conclusão aproximativa. A vida é movimento; para a estudar seria necessario detel-a, detendo-a deixava de ser vida; como portanto pretender encerrar numa formula, interceptando-a na sua marcha creadora, a expressão mais completa e mais pujante da existencia que é o genio! No seu evoluir as contradicções surgem a cada passo, os grandes homens não são como os vulgares, que trilham rotineiramente o caminho da vida, seguindo, na cadencia da mediocridade, as pegadas que já lá encontraram, elles não; criam uma estrada sua, tortuosa por vezes, volteando, retrocedendo, dando ao vulgo o aspecto de incoherencia sendo para elles a condição da victoria. Elles vivem n'um mundo que os seres vulgares desconhecem; emquanto estes se encerram na receptibilidade estreita que as suas sensações naturaes e hereditarias formaram, elles entregam-se á vida forte do espirito, nas entranhas infinitas da consciencia subliminal, fazem despertar poderosas forças occultas e, entrando talvez em contacto com o Ser, com a fonte viva de toda a creação, surgem grandes e originaes, enigmaticos para muitos.

Sendo a moral a vida propria que o homem imprime á acção, e a arte a vida propria que o homem imprime á expressão, Tolstoi, que soube dar á sua existencia um cunho de tal modo pessoal que a tornou uma obra d'ethica, muito mais verdadeira do que todos os trabalhos feitos na solidão d'um gabinete, que soube dar ás suas theorias, aos seus romances, á sua religião um cunho bem proprio do seu genio artistico, Tolstoi, visto de relance apparece-nos como um moralista e como um artista, mas o que sobresae, o que realmente o caracterisa é a sua preoccupação constante para a Perfeição moral. A ella, Tolstoi, sacrifica a arte, sacrifica tudo, para erguer peremptoriamente o lado humano. E' sob este aspecto que o estudaremos, distinguindo na sua vida — como aliás distinguimos na vida de quasi todo o grande homem — duas phases e um periodo de transição entre ellas: a phase mundana, possuidora de largos elementos preparadores da segunda, em que Tolstoi aprende a conhecer a vida, vivendo-a como espectador e como actor; é a phase vulgar por que todos passam e poucos ultrapassam, crystalisando n'ella abraçados egoisti-

camente ao meio da familia que crearam. Segue-se um periodo formador da segunda, a crise, em que Tolstoi sente-se abalado em todo o seu ser por uma reacção formidavel contra o seu passado, em que o seu espirito se torna por assim dizer um descomunal cadinho, em que elle funde toda a sua existencia para lhe dar a forma definitiva mais proxima do seu Ideal; assim Tolstoi entrou na segunda phase para a qual só os grandes espiritos transitam, em que elle abraçado á solução que a crise lhe fornecera sobre o problema da existencia, trabalha em pôr a vida universal e a sua propria vida em relação com ella.

A CONDESSA LEÃO TOLSTOI EM 1860

Diligenciando na modestia da nossa boa vontade synthetisar a existencia tão pouco synthetisavel de Tolstoi, julgamos cumprir o nosso dever d'homens tentando comprehender o exemplo que nos dá um super-homem.

A phase mundana

Leão Tolstoi era descendente d'uma familia nobre que, segundo velhas chronicas, teria a sua origem mais remota n'um cavalleiro allemão estabelecido em terras moscovitas, ahi pelos meados do seculo XIV. Nenhum dos seus mais proximos antepassados deixou antever a original figura do seu descendente; apenas a mãe, possuidora d'uma poderosa imaginação, poderia ter influido no espirito creador do futuro romancista. Nascido em 1828, no seio da exuberante vegetação de Yasnaia-Poliana — dominio da sua familia, perto de Tula — os seus primeiros sentimentos formaram-se em contacto com a natureza livre do campo, que elle tanto havia de enaltecer e amar. E era só realmente a natureza, a fonte beneficamente animadora d'uma actividade sã e forte, que então poderia offerecer a patria russa aos seus filhos; o meio social dominado por uma autocracia implacavel, rastejava, fechado á civilisação, entre os salões enfatuados e corruptos dos principes e dos barines e a resignação canina dos mujiks, vergados sob o latego impiedoso dos seus senhores. Desafiando *as leis immutaveis do determinismo inflexivel* da hereditariedade e do meio, Tolstoi ia surgir grande e renovador tendo por causa basilar da sua personalidade o proprio genio.

Tinha anno e meio quando a morte lhe arrebatou a mãe, formando comtudo d'ella, pelo que lhe diziam, uma vaga imagem que sempre adorou: «Sinto o contacto da sua mão doce e delicada que tanta vez me acariciava e que tanto eu gostava de beijar, escreve elle, quando a minha mãe sorria, tudo parecia rejubilar em volta d'ella... Se nos momentos difficeis da vida podesse tornar a ver esse sorriso, eu não saberia o que era tristeza.» (1) As impressões mais

(1) *Infancia.*

nitidas sobre a sua infancia remontam á edade de quatro e cinco annos; n'esta edade lembra-se que, quando foi transferido dos aposentos que occupava para junto dos irmãos mais velhos e d'um professor, resentiu «pela primeira vez, e, por consequencia, com mais intensidade que d'ahi em deante, o sentimento a que chamam o sentimento do dever, o sentimento do fardo que todo o homem é obrigado a conduzir... Senti que a vida não é um divertimento mas uma tarefa muito pesada (1)». Este primeiro abalo resentido em face do desconhecido, ia-se extinguir para dar logar a novos habitos que elle ia amar como amara os anteriores: «Infancia! feliz, feliz tempo que nunca mais voltará! Como não adorar, como não acariciar as lembranças d'essas edades? Arrebatam a minha alma, refrescam-na e são para mim a origem das mais doces alegrias... Depois de feita a minha oração, enrolo-me nos meus lençoes, a paz na alma, o coração leve. As imagens succedem-se na minha cabeça umas apoz outras... cheias de puro amor e de luminosas esperanças de felicidade. Penso em Carlos Ivanovitch (2) e sinto-me possuido d'uma tal amisade por elle que as lagrimas saltam-me dos olhos (1).» Aqui se esboça já aquelle sentimento forte, muito proprio de Tolstoi, que faz palpitar os grandes corações, arrebatal-os para longe da estreiteza do individuo, prolongal-os n'um amplexo de amor que parece abraçar o mundo todo e illuminal-o. Este sentimento reforça-se nos seus jogos com os irmãos: mettiam-se todos debaixo das cadeiras, depois de as terem rodeado de caixotes e coberto de chailes e assim ficavam longo tempo na escuridão, muito juntos, animados d'um grande amor uns pelos outros. Era o jogo dos «irmãos Formigas», cujo espirito havia de sempre acompanhar Tolstoi nas suas ideias e nas suas aspirações.

A CONDESSA EM 1888

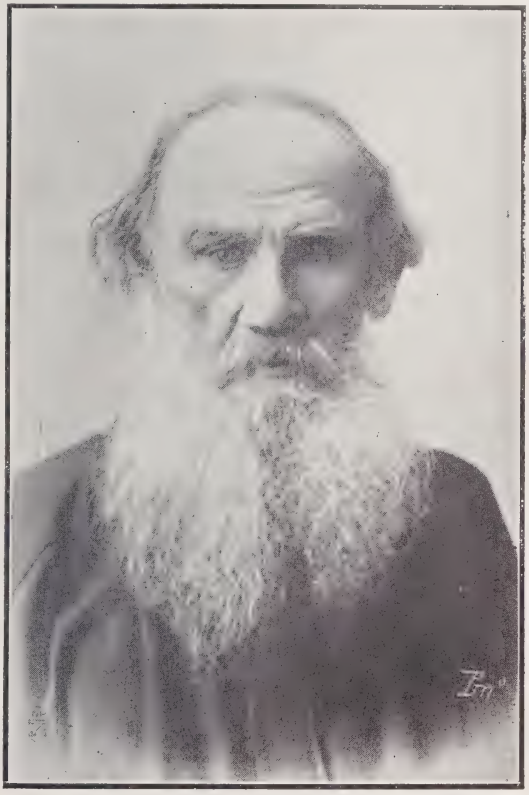
Tolstoi foi sempre profundamente timido, timidez augmentada pela grande fealdade que o caracterisava; comtudo era muito turbulento, produzindo, por vezes, a excentricidade da sua conducta o maior espanto no meio pacato da familia; assim, uma vez, sentiu a necessidade imperiosa de *voar*, até que um dia, tentando pôr em pratica o seu desejo, cahiu d'uma grande altura, ficando doente por álgum tempo. Tinha então oito annos. Outra vez rapou as sobrancelhas, pintando o cabello de verde; n'uma outra

(1) *Primeiras recordações.*
(2) Professor allemão.

(1) *Infancia.*

espancou barbaramente um cavallo que, velho e extenuado, não podia executar os exercicios que elle queria; depois, arrependido, beijou, com as lagrimas nos olhos, o pescoço suado do animal, pedindo perdão de lhe ter batido.

Aos quatorze annos começou a ler Voltaire; os problemas do destino humano, das causas primeiras e ultimas começaram a preoccupal-o; no seu interiorismo profundo de timido, no isolamento moral a que se entregava, as mais desencontradas ideias se chocavam, pondo em violento trabalho a sua debil intelligencia que desabrochava. «De toda essa grande fadiga intellectual não ganhava nada, escreve Tolstoi, excepto uma agilidade de espirito que enfraquecia em mim a força da vontade, e um habito de incessante analyse moral, que tirava toda a frescura ás minhas sensações e toda a nitidez aos meus juizos... Entretanto as descobertas philosophicas que eu fazia alimentavam até ao mais alto ponto o meu amor proprio. Afigurava-se-me muitas vezes ser um grande homem, descobrindo verdades novas para o bem de toda a humanidade, e olhava d'alto para os outros mortaes, com uma orgulhosa consciencia do meu valor. Mas, cousa extranha, quando me encontrava de frente com esses mesmos mortaes, não havia um que não me intimidasse, e quanto mais alto me collocava aos meus proprios olhos, menos me sentia capaz de affirmar junto dos outros o sentimento que eu tinha do meu proprio valor ou de não ficar logo todo envergonhado, a cada palavra que eu pronunciava e a cada movimento que eu fazia.» (1)



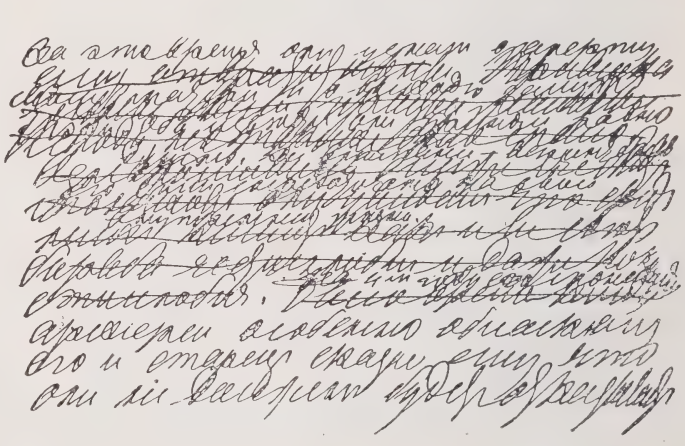
TOLSTOI

A Voltaire seguiu-se Rousseau, que elle torna o seu auctor querido e que, com Pascal, mais tarde, tanta influencia havia de exercer nas suas ideias. Em seguida repelle a Egreja; ella era demasiado mesquinha pela estreiteza dos seus dogmas e pela materialidade dos seu ritos, para as grandes aspirações que nasciam já na alma de Tolstoi e que convergiam para «qualquer cousa» de superior a que elle chamou perfeição moral.

Aos quinze annos entrara para a Universidade, escolhendo a faculdade das linguas orientaes apenas pela razão de toda a gente escolher a de direito; o seu desdem por certas pessoas era grande; principalmente pela «plebe» tinha um asco especial. As pessoas do seu agrado eram aquellas que conhecessem e pronunciassem bem o francez, que tivessem as unhas compridas, bem aparadas e limpas, que soubessem cumprimentar, dansar e conversar mas muito especialmente que manifestassem um grande indifferentismo por tudo e dessem provas d'um aborrecimento desdenhoso e de bom tom. Ora elle afastava-se muito d'estas regras,

(1) *Adolescencia.*

dando-se um trabalho immenso mas inutil para ter as unhas em relação com o que elle achava dever ser. Com estes requintes efeminados veiu a vida estroina, do deboche, do jogo, da embriaguez, do duello, para assim imitar as pessoas que elle considerava o cumulo da distincção. Mas uma luta intensa travava-se no fundo da sua alma; a sua natureza superior tentava constantemente repellir as avançadas fortes dos seus vicios e os do meio. «Cada vez que desejava manifestar o meu ardente desejo de ser bom moralmente, escreve elle, não encontrava senão desprezo e mofa.» (1) «Tinha tudo o que pode desejar o homem: a riqueza, o nome, a intelligencia, aspirações nobres. Quiz viver dignamente e espezinhei na lama tudo o que havia de bom em mim. Não sou um miseravel, não commetti nenhum crime... fiz peior, desperdicei o meu coração, a minha juventude, a minha intelligencia.» (2) Então elle viu bem claramente, atravez os seus eternos sonhos de Ideal, que a vida universitaria era perfeitamente nulla para a sua educação. Era um meio inferior que abafava a sua expontaneidade quer pelo ensino ministrado, quer pela acção nefasta dos seus companheiros. Era como que um polvo monstruoso que procurava tornar a anciada victima, que surgia cheia de vida e sedenta de luz no mar immenso da esperança, num corpo inerte, indifferente á obra da creação universal, apenas, podendo empregar os restos enfraquecidos do sangue com que lhe fôra dado ficar na manutenção da sua pobre existencia inutil. Tolstoi sentiu bem o perigo que corria aquillo de que n'esta vida o homem mais deve cuidar: o espirito; sentiu bem a inferioridade d'esse meio russo d'então que, afastado como estava da civilisação, não tendo a agital-o as grandes correntes sociaes, politicas, scientificas e philosophicas que vitalisam e purificam, era profundamente deleterio para a formação da *pessoa*. E — ao contrario do que muitos fazem em circumstancias identicas, adaptando-se, vergando o pescoço á canga avassaladora, apresentando o cerebro á atrophiadora acção official e desapparecendo abraçados ao diploma, no lodaçal immenso da mediocridade — Tolstoi reagiu. Não procurou modificar o meio. A phase da abnegação estava ainda longe, fugiu. Fugiu para Yasnaia-Poliana, para a natureza sempre vivificadora e sempre nova e ahi tentou educar-se a si proprio, no seio das brenhas selvaticas, das tilias floridas, dos robles gigantescos, dos campos vastos e cheios de sol, virgens da artificialidade architectonica das cidades. «Vou-me consagrar á vida rural para a qual sinto que nasci, — escreve elle á sua tia, a boa tia Tatiana, que tanta influencia exerceu no seu caracter pelo bello coração que possuia, — dirá que sou muito novo para isso. Talvez; o que não impede que tenha consciencia da inclinação que possuo para amar o bem e desejar fazel-o. Encontrei a minha propriedade na maior desordem... o mal está na miseria dos mujiks; esse mal não póde desapparecer senão por um longo e paciente trabalho. Não é pois um dever, um dever sagrado aquelle de me occupar da felicidade de setecentas almas?»



FRAGMENTO DE UM MANUSCRITO DE TOLSTOI

Entrega-se então energicamente á sua propria educação e á direcção dos seus domi-

(1) *Confissão.*
(2) *O principe Nekllioudov.*

nios ruraes. Traça um programma de conducta, propondo-se estudar as sciencias e as linguas, escreve preceitos que tentará seguir e entre os quaes se destacam os seguintes:

«Faze, custe o que custar, o que decidiste absolutamente fazer — Obriga sempre o teu espirito a actuar com toda a força de que é capaz.» (1)

Aqui se revela a consciencia forte que Tolstoi já tinha, de que é pela luta do homem, contra si mesmo, que as grandes transformações se realisam. Esta luta que agora preceituava, havia de mais tarde Tolstoi erigir em systema como base de toda a modificação social.

TOLSTOI NO SEU PARQUE DE IASNAIA-POLIANA

Comtudo a miseria dos mujiks, afastava muito Tolstoi dos seus trabalhos auto-didacticos; ella preoccupava-o intensamente, fazia-o visitar a miudo as *isbas* (2), e estremecer de dó em face do que via. Mas que melhor educação era aquella para um privilegiado do que tomar contacto com o soffrimento humano, esse soffrimento forte do povo, que tantos desconhecem e morrem desconhecendo, afastados d'elle pelo seu nascimento e fortuna! Esse soffrimento, Tolstoi aprendeu a conhecel-o e a sua alma, outr'ora tão desdenhosa, em face da «plebe» vivia agora com ella a sua vida triste.

Ás vezes, apoz um trabalho intenso, em que o espirito de Tolstoi vagueava por regiões onde a maioria dos homens nunca esteve, deitava-se extenuado á sombra d'uma arvore, o olhar contemplando extatico as nuvens transparentes que passavam pelo ceu immenso. Então, de subito, os seus olhos marejavam-se de lagrimas e numa d'aquellas effusões de sentimento que já em creança tinha, exclamava erguendo-se: «O amor e a abnegação, tal é a unica felicidade, que não depende do acaso. Actuar sobre o povo, tão simples, tão impressionavel, tão joven!... E depois, o amor d'uma mulher e a paz na vida de familia? que radiante futuro! Porque não teria eu pensado n'isso ha mais tempo!» Mas este palpitar fogoso do seu sentimento, não correspondia ainda a uma decisão forte, amadurecida como mais tarde teria logar; eram expansões da sua mocidade livre e arrojante de Ideal. E tanto era assim que a sua nova vida começava já a aborrecêl-o. Elle não encontrava a felicidade a que aspirava. Elle não comprehendia os mujiks e os mujiks não o comprehendiam a elle. Tinha vinte e tres annos, sentiu uma existencia mais larga, mais activa a chamal-o. Partiu para o Caucaso.

A natureza energica da montanhosa região russa desperta em Tolstoi novas emoções. Soa-lhe aos ouvidos uma voz mysteriosa: «E' agora que tu começas a viver!» dizia ella. A convivencia com os cossacos, aquelle meio selvagem seduziu-o. Julgou então amar uma rapariga «bella, forte, fresca e rosea» e «admirou-a como admirava a belleza das montanhas, o esplendor do ceu». As formas vigorosas e virginaes de Marianna, os seus lindos olhos negros, que o olhavam com uma curiosidade de creança assustada, o sorriso acariciador da sua boca, estiveram para ter uma acção decisiva na vida de Tolstoi. Elle uma vez mais sacrificou o seu prazer ao seu futuro e, corajosamente, abandonou os cossacos, regressando ao regimento em que entrara como official inferior. No seio d'esta nova vida, sob o vasto ceu do Caucaso, a anciedade de infinito que tanto o perturbara não se esvaira; o mesmo eterno rithmo acompanhava-o sempre: «Eu desejava qualquer cousa de muito grande, de muito bello, mas o quê?...» As relações que travara com um velho cossaco tiveram uma triste influencia sobre as suas ideias d'então: «Havemos de morrer todos, lhe dizia elle, a relva crescerá sobre o nosso coval e eis tudo.» E Tolstoi repetia meditabundo: «como esses veados, esses faisões que eu mato, viverei poucos dias... a relva crescerá sobre

(1) Birukov — *A vida e a Obra.*
(2) Casas dos camponios russos.

o meu coval e acabou-se tudo!» Mas a sua mocidade reagia contra essas conclusões acabrunhadoras: «Quero a felicidade, exclamava, seja eu um insecto ou um animal destinado a morrer, ou seja um corpo que albergue uma parcella da divindade: quero gozar, quero ser feliz! Mas como?» (1) E sempre a responder-lhe aos impulsos do seu egoismo de rapaz, sempre o mesmo estribilho lhe feria os ouvidos: «o amor e a dedicação».

Escreve por essa epoca o seu primeiro livro, a *Infancia,* que mais tarde havia de formar com a *Adolescencia* e a *Juventude* a encantadora trilogia, atravez da qual se pode descobrir a vida do seu auctor. Em 54 rebenta a guerra com a Turquia que motivaria a intervenção da França e da Inglaterra. Tolstoi entra brilhantemente em campanha, durante a qual passa o tempo, combatendo, escrevendo ou no deboche. Numa obra que escreveu durante essa guerra, verdadeira obra d'arte a que chamou *Sebastopol,* revela a admiração profunda que a guerra lhe fez crear pelas classes inferiores que tanto desdenhara. Contempla o povo, heroico, indifferente á morte, indifferente ao soffrimento. Sebastopol estava sendo bombardeado, «resoam vozes esfarrapadas e o ronco magestoso dos canhões»; o club da cidade está transformado em hospital de sangue, «ahi, está patente um espectaculo horrivel e triste, sublime e comico, mas arrebatador para a alma. Entra-se na sala da junta. Ao abrir a porta é-se surprehendido pelo aspecto e cheiro de quarenta ou cincoenta enfermos, amputados ou gravemente feridos, alguns estirados em tarimbas e a maioria no chão. E' preciso não obedecer ao mau sentimento que manda estacar no limiar, seguir para deante, e não ter acanhamento de ir *ver* os que soffrem... Ao passar por entre os leitos, depara-se uma cara menos severa e menos dolorosa e aborda-se o padecente...» Era um soldado a quem tinham amputado uma perna acima do joelho. «A questão *é não pensar,* dizia elle, porque se uma pessoa vae a pensar, então endoidece. Mau é um homem pôr-se para ahi a pensar.» E a mulher d'elle conta então, quanto o ferido padeceu, o seu heroismo, a sua despreoccupação, em face da enorme desgraça. «Começamos a comprehender os defensores de Sebastopol, achando-nos mesquinhos perante aquelle homem. Quer-se-lhe exprimir sympathia e admiração e não se encontram palavras ou acham-se banaes as que nos acodem, acabando por inclinarmo-nos sem articular uma palavra, perante aquella grandeza inconsciente, aquella firmeza d'animo e aquelle pudor do merito pessoal.»

A vida agitada mas nulla de estroina e de militar que Tolstoi levava, não podia deixar de ferir a sua consciencia, sempre em sobresalto. A' noite, apoz um dia passado em combater, em ouvir o grito forte da dor humana e o ribombo do canhão, elle amaldiçoava a guerra e maldizia-se a si; então lembrava-se dos tempos puros e despreoccupados da sua infancia e juntava as mãos numa reza; isto era o bastante para lhe causar uma commoção de infinita doçura.

Em 55, Tolstoi é mandado em missão a S. Petersburgo. Ahi o seu nome de litterato de talento já chegara; rico como elle era, com um titulo, nada havia que impedisse a sua acceitação no meio aristocratico da capital. E' recebido nos melhores salões, é adulado, é festejado, e tempo depois apaixona-se até por uma rapariga cujos paes possuiam propriedades juntas ás d'elle e pensa em casar. Novamente o polvo tenta attrahir a si a desejada victima que lhe fugira. Tolstoi permanece em S. Petersburgo dois annos. «Artista, poeta, escrevia, ensinava, nem eu mesmo sabia o quê. Pagavam-me para isso, tinha tudo: boa meza, hospedagem, mulheres, sociedade, tinha a gloria.» (1) Mas como outr'ora Tolstoi sentiu o perigo que corria, sentiu a nullidade, a falsidade d'aquella vida mundana, a inferioridade da noiva; começou a ter um grande desdem pelos seus camaradas nas lettras, por toda aquella gente que «em breve apagara todos os seus precedentes esforços para se tornar melhor». Teve vontade sufficientemente energica para reagir, cortou as suas relações com a noiva e fugiu.

Em 47 fugira da Universidade para Iasnaia-Poliana, agora fugia da Russia para o extrangeiro a procurar um paliativo ao

(1) Cossacos.

(1) *Confissão.*

veneno que ingerira na capital, novas forças para lutar contra si, para não se deixar submergir no meio que o abafava. Em 57 abandonava assim a patria e entranhava-se na civilisação forte d'alem Vistula. A capital da França encantou-o: «Passei um mez em Paris e tão agradavelmente, que todos os dias me dizia que fizera bem de ter vindo ao extrangeiro. Frequentei muito pouco a sociedade, o mundo litterario, o mundo dos cafés e dos bailes publicos, mas, apezar d'isso, encontrei aqui tantas cousas novas e interessantes para mim que todos os dias, ao deitar-me, dizia commigo mesmo: que pena que o dia tivesse passado tão depressa (1)». Comtudo a execução d'um criminoso impressionou-o desagradavelmente. «Levantei-me ás seis e fui ver a execução... O peito e o pescoço brancos, gordos e fortes... Beijou o evangelho... e depois a morte. Que absurdo!» A natureza selvaticamente linda da Suissa produziu n'elle a mais benefica impressão. «Uma flor fresca e odorifera parecia ter desabrochado na minha alma; ao cançaço, á indifferença de tudo que existia em mim anteriormente, succedia sem transição apparente, uma sede de amor, de esperança tranquilla, uma alegria inexplicavel de me sentir viver.» Mas ainda ahi a existencia ignobilmente egoista da alta sociedade o persegue. Assim, uma occasião, entrando em Lucerna, num hotel rico, um cantor ambulante põe-se a cantar ao som d'uma guitarra, debaixo das janellas do estabelecimento, uma romança sentimental. Uma sensação de indefinivel goso percorre os assistentes que quedam embriagados pela melodia mas, finda esta, quando o pobre musico extende o chapeu na supplica d'uma esmola, ninguem se manifesta. Tolstoi então num impeto de indignação levanta-se, chama o desgraçado e, em face do espanto geral, convida-o a beber com elle uma garrafa de vinho.

TOLSTOI DIRIGINDO-SE PARA O CONVENTO DE OPTIMA PUSTINE

Tolstoi percorre depois a Allemanha e cheio d'uma nova vida, sentindo forças novas de lutar, regressa á Russia. Em Iasnaia-Poliana vae retomar a existencia que havia sete annos abandonara, agora modificada pela intenção forte de actuar sobre o meio, transformal-o em relação com o seu Ideal. A phase moral já se deixava antever, mas ainda estava longe, havia de ser precedida d'uma ultima experiencia: o casamento; d'um ultimo abalo: a crise.

Apenas chegado a Iasnaia-Poliana, Tolstoi começa a tentativa de pôr em pratica as suas ideias. Toma a direcção dos trabalhos ruraes, trabalha pelo desenvolvimento d'uma escola que já em 47 tinha fundado mas cuja

(1) P. Birukov, op. cit.

actividade paralysara com a sua partida para o Caucaso. Quer modificar o meio: procura educar o povo. Mas reconhece que não estava preparado para realisar a obra que idealisara, sente-se incompetente como pedagogo e vê-se obrigado a voltar ao extrangeiro «afim de aprender como ha-de ensinar os outros — não sabendo nada elle proprio». (1) A doença d'um irmão que adorava serve-lhe de pretexto; abandona a Russia e, depois d'uma pequena demora na Allemanha, onde teve occasião de se indignar contra a maneira como os professores tratavam os alumnos, parte com o irmão para Hyeres cujo clima a sua doença requeria. Essa mudança de nada serviu a Nicolau, que, pouco depois, morria minado pela tisica.

Tolstoi ficou entregue á mais forte das dores; a existencia appareceu-lhe como esmagadora. «Nada é peior do que a morte, escreve, e se se pensa que ella é o inevitavel fim de tudo o que existe, deve-se tambem reconhecer que não ha nada peior do que a vida. Para quê tantos trabalhos!...». Comtudo aquelle impeto vital que possuem os homens fortes e que os obriga a sahir da estabilidade das grandes dores para a acção, breve arrancou Tolstoi ao seu pessimismo. A vida chamava-o com as mil variedades dos seus aspectos, conduzia-o para o Ideal, para esse Desconhecido creador que é superior aos homens. E, assim impellido, Tolstoi voltou a percorre. a França, a Inglaterra, a Italia, a Belgica, detem-se de novo na Allemanha e regressa á Russia com uma desagradavel impressão dos planos e dos methodos pedagogicos que nesses differentes paizes estudara. Todos elles abafavam a expontaneidade natural do alumno e, então, Tolstoi, pugnou pela liberdade absoluta no ensino. Foi sob esta orientação que se seguiram os trabalhos pedagogicos na escola da Iasnaia-Poliana. Os alumnos não tinham licções que estudar, estariam com attenção na aula, ou não, conforme lhes apetecesse; comsigo apenas trariam «a sua natureza impressionavel». O systema de Tolstoi assentava numa base falsa colhida em Rousseau, de que o homem é naturalmente bom; e, como justamente verificasse nas escolas que visitara uma disciplina exagerada, quiz-lhes oppor na d'elle uma liberdade exagerada julgando assim fazer desabrochar o santo e o heroe que cada homem teria em si promptos a apparecer como um diabo d'uma caixa. Por isso, não tirou os resultados que desejava. Depois, o trabalho extenuava-o e a frequencia da escola ia diminuindo porque os camponios precisavam dos filhos para os ajudarem. Doente, mais moral do que physicamente, Tolstoi partiu para o deserto dos Baschkirs para ahi «viver a vida animal». Voltou-lhe então, com mais intensidade do que nunca, a ideia de casar e foi assim que, á sua vinda do deserto, consorciava-se pouco depois com Sophia Berce que elle já conhecera em pequena e que havia de ser a melhor das esposas, a infatigavel auxiliar dos seus trabalhos litterarios, a desvelada administradora dos seus bens. Na paz da familia encontrou um balsamo á dor causada pela inefficacia que tinham tido os seus esforços em educar os filhos dos mujiks, em combater a miseria; encontrou um ponto de convergencia para o seu temperamento affectivo. Entregou-se então, todo elle, á mulher, depois aos filhos, julgando emfim ter conquistado a felicidade, ter alcançado o fim dos seus tormentos. Todavia o seu espirito não estava ocioso. Tolstoi entrega-se ao estudo. Schopenhauer, o rabugento philosopho allemão, desperta n'elle uma admiração profunda, contradictoria com a vida «calma e tranquilla» que levava.

Em 64, Tolstoi, publica a sua primeira obra prima: *Guerra e Paz*. *Guerra e Paz* é um bocado de vida que o genio de Tolstoi conseguiu encaixilhar nos limites estreitos d'um livro; essa vida pullula intensamente apenas a nossa attenção a desperta, passa tumultuosa num impeto de creação incessante e nós ouvimos gritos dolorosos e alegres, a voz forte da mitralha, o tropear dos cavallos das batalhas; sentimos corações palpitar transbordando amor, odio, esperança ou desanimo... Toda essa vida Tolstoi viveu-a, quer como observador, quer como agente activo; foi com ella moralmente inferior, foi com ella superiormente grande. Assim, encontramos bocados da sua propria alma espalhados pelos differentes personagens da *Guerra e Paz*, especialmente em

(1) *Confissão.*

Pedro Besoukhoff, alma timida e sincera, remoendo sempre os eternos problemas do destino humano, trepidando de angustia, por vezes, quando a sua alma, sedenta de Ideal, só descobria a materialidade baixa das cousas ou, elevando-se na volupia dulcissima da crença, quando no fundo do seu ser descobria a luz radiosa do Absoluto; finalmente, encontrando no casamento o descanço, a paz anciada.

A vida que Tolstoi levava, começou a inquietal-o, a sua felicidade estava prenhe de grandes abalos futuros. Em 69 torna a dedicar-se á escola de Iasnaia-Poliana, rêcorrendo a novos methodos de ensino. Em 74 escreve a *Anna Karenina* onde se esboça já a futura crise. N'esta sua segunda obra prima, escripta com a mesma brilhante penna com que traçara *Guerra e Paz*, Levine, o heroe que mais se aproxima d'elle não encontra já no casamento a felicidade que Besoukhoff encontrara, tenta mesmo occultar á mulher a agitação que lhe ia na alma. Então, de mais em mais, Tolstoi começou a sentir «que não estava completamente são de espirito e que isso não podia durar muito». A crise ia surgir.

TOLSTOI NO LEITO MORTUARIO

A crise

A obscuridade da vida, a sua estreiteza, o mysterio vasto que envolvia a origem e o fim de todas as cousas, a sua propria existencia, tão reluzida, comparada com a amplidão do Ideal — tudo isso — desencadeou em Tolstoi a forte crise moral que o havia de converter á religião do Amor e da Justiça. Tolstoi, a alma revolucionada por um choque violento de toda uma existencia empenhada em attingir o Absoluto, representava bem o Homem sentindo em si a scentelha estranha d'um foco enorme de luz incognita e indefinivel e sentindo-se, ao mesmo tempo, rodeado de trevas em que esbraveja, em que gesticula, tomando como realidades, sombras que se esvaem — sentindo-se humano e sentindo-se divino. E então, vendo assim patenteada a grandiosidade do espirito de Tolstoi, desabrochando nos tormentos da crise como synthese da Dor universal, sentimos a inferioridade d'aquelles que se dizem homens, passando o momento que lhes foi dado entre duas eternidades, em se explorarem mutuamente, em se apegarem a futilidades imbecis, cegos e boçaes, desapparecendo sem deixarem um vestigio honroso da sua qualidade de *homens*.

Assim, Tolstoi, arrancado ao torpor em que vivia, chamado á vida de sacrificio e de abnegação, põe-se á procura desesperadamente d'uma base em que assentar a sua razão de ser. No seu cerebro atormentado as interrogações succedem-se: «Que sou eu? Porque é que vivo? Qual é o designio da minha vida? Como devo eu viver? Onde está o bem? Onde está o mal?». A ideia do suicidio apossou-se d'elle. E, vacillante entre a vida e a morte, lutou desesperadamente. «Não podes comprehender o sentido da vida; não penses n'elle; vive!». Mas logo depois volvia: «Não posso fazer tal, porque demasiado o tenho feito já — O sentido da vida! onde está então o sentido da vida! Onde está a verdade? — A ver-

(1) *Confissão*.

dade é a morte — Não, a verdade não é a morte, é a vida — Mas em mim já acabou a energia vital! Perdi o sentido da vida! — Procura outro: encontrarás um novo!» Volveu o seu olhar para a familia, para a sua producção litteraria, mas «essas duas gottas de mel, que durante mais tempo do que as outras me desviavam os olhos da cruel verdade... já não tinham doçura para mim.» (1) Nas sciencias, nas philosophias, egualmente não encontrava resposta que o satisfizesse. «Se nos voltamos para as sciencias... encontramos uma pobreza de espirito espantosa, uma pretenção, não justificada, em resolver questões sobre as quaes não são competentes.» (2)

E como o velho Fausto, Tolstoi afasta de si a cançada e impotente sciencia dos livros, abandona a reflexão infecunda do espirito, entregue á sua propria actividade, e volta-se para a natureza. Volta-se para os homens virgens da labutação superficial da intelligencia, para a vida expontanea e creadora que irrompe por entre todas as leis, por entre todas as formulas, mysteriosa, indomavel, immensa. Pedro e Levine, os heroes predilectos de Tolstoi, já o tinham feito antes d'elle e, no cerebro intrabalhado do povo, tinham encontrado soluções novas. Agora era a vez do autor.

D'aquelle contacto com a natureza e das sementes que os genios prodigiosos de Rousseau e de Pascal tinham lançado no de Tolstoi, ia sahir a solução da crise. Tolstoi aproxima-se da classe inculta, já não apenas para a soccorrer mas para ser inspirado por ella. Percorre a pé distancias enormes, vestido pobremente como um mendigo, aborda os mujiks, os peregrinos, conversa com varios sectarios religiosos, visita os conventos longinquos. Estuda então a Biblia e os Evangelhos.

Nos conventos nada encontrara que o satisfizesse; a religião com que ahi depara não era a religião que ahi quereria ver. Mas as suas relações com os camponios crentes, com os membros de varias seitas abrem-lhe horizontes novos. Soutaiev, fundador d'uma seita religiosa, pregador d'um Evangelho fraternal e communista, exerce n'elle especial influencia. Tolstoi encontra em Soutaiev, nesses homens, um chistianismo puro, sem ritos e sem dogmas, um christianismo sentido que o encanta, uma fé que vem do coração e não dos movimentos complicados do raciocinio, não das seccas abstracções da intelligencia. A noite pascaleana de 23 de novembro surgira para Tolstoi. Tolstoi viu Deus. A sua Religião formava-se-lhe luminosa e sentida. «Para aquelle que comprehendeu a doutrina de Jesus, ella resume-se no seguinte: O Eu, a minha luz, deve convergir para a luz. A vida foi-me dada. Alem d'ella não ha nada, salvo a fonte de toda a vida: Deus. Toda a doutrina religiosa: a renuncia, o amor do proximo, não tem senão este sentido: de que eu posso fazer a vida em si propria infinita... Toda a relação com a vida d'outrem não é senão a minha ascenção, a minha communhão com ella, na paz e em Deus... Erguo a minha vida, e isto somente para erguer a vida dos outros. Eu estou n'elles e elles estão em mim...» (1)

Estas palavras d'uma profundidade sublime, traductoras da liberdade mais forte e mais pujante do espirito, poderiam ter sido pronunciadas por um Plotino ou por um S. Francisco de Assis. Revelam um mysticismo activo, não com o velho caracter medievo mas sim representante da effervescencia espiritualista da epoca presente toda impregnada de Ideal, embora bem assente na terra firme, na terra fecunda, na terra que a Sciencia conquista.

A crise de Tolstoi findava pois, estava aberto o caminho para uma outra vida, a phase moral ia surgir.

A phase moral

Emquanto Tolstoi entregue ao Deus amor, ao Deus vida, ao Deus acção ia formando o seu credo, traduzia em actos de enorme grandesa as suas novas ideias.

Começa então o periodo mais nobre e mais doloroso da sua vida. Elle tinha Deus sim, mas queria realisar Deus. Para entrar em contacto com o baixo povo, faz parte dos trabalhos de recenseamento, em Mos-

(1) *Confissão.*
(2) *Ib. id.*

(1) D. Merejkowsky — *Tolstoi e Dostoiewsky.*

cou, visita os mais immundos casebres, toma contacto com as mais cruciantes dores. Arremete então desesperadamente contra a miseria, distribue dinheiro, tenta organisar uma sociedade de soccorros, insta junto dos poderes publicos para que protejam os infelizes, roga aos amigos para que o auxiliem na sua cruzada.

Mas o egoismo dominante arma-lhe embaraços a cada passo; embora! elle—lucta sempre. Elle, que sentia um Deus bom, crevi a ninguem. As duas primeiras semanas chorei todos os dias porque Leão não só estava triste, mas completamente exausto. Não comia, não dormia, e mesmo, por vezes, chorava, julguei que endoideceria.»

N'aquella lucta desesperada, Tolstoi, em breve, viu a inanidade dos seus esforços, a fallencia da caridade em face da miseria e procurava intensamente, num trabalho forte de espirito, uma solução que não apparecia. Como conseguir que as desegualdades aca-

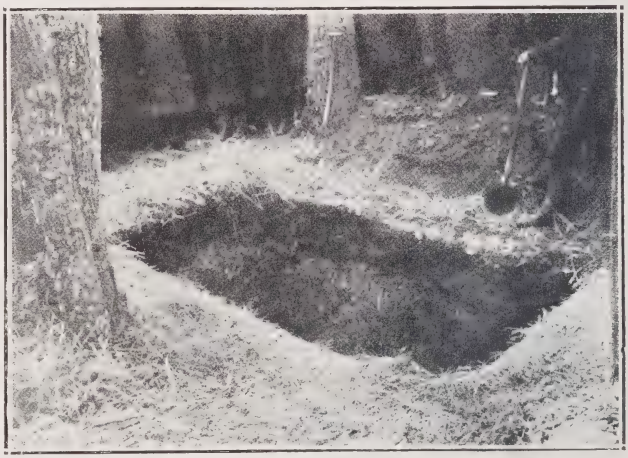
A SEPULTURA DO TOLSTOI NO BOSQUE DE AFONINA SOBRE A COLINA DE IASNAIA-POLIANA

um Deus pae a illuminar-lhe a alma, elle não podia admittir que, ao lado do viver faustoso dos ricos, do seu proprio viver e do da sua familia, ali, a dois passos, tivessem fome e frio, irmãos seus, homens como elle, e então soffreu com elles intensamente nos reconditos da sua alma a vida horrivel que levavam.

Numa carta que a mulher de Tolstoi, escreveu á irmã, esse estado d'alma do marido sobresae nitidamente: «Faz amanhã um mez que estamos aqui e ainda não es-

bassem, como conseguir a extincção do pauperismo, como realisar o reino de Deus! O horror da sua riquesa começou a obcecal-o. Por esse tempo escrevia a *Minha confissão* e os *Evangelhos*. Foi n'este estado de indecisão que Tolstoi, no anno de 83, conheceu um mujik chamado Bondarev; Bondarev pertencia a uma seita religiosa que não admittia nem ritos, nem icones; baseava toda a sua argumentação no estudo da Biblia. Bondarev julgava ter achado a solução de todos os problemas sociaes no versiculo que

dizia: «Amassa o teu pão com o suor do teu rosto» e escrevera um opusculo em que dizia: «a renovação do mundo não se póde realisar senão pelo trabalho manual e individual». Esta doutrina produziu em Tolstoi uma luz subita; Bondarev acabava de lhe apontar o caminho que elle tinha a seguir. Iria despojar-se de todos os privilegios que a sua qualidade de barine lhe proporcionava, igualar-se, tanto quanto possivel, aos mujiks cuja miseria o atormentava. Então abandonou desde logo Moscou,



A COVA DE TOLSTOI, ABERTA JUNTO DE UNS CARVALHOS

e apenas chegado a Iasnaia-Poliana afasta todo o luxo dos seus aposentos, alimenta-se com a maxima frugalidade, veste-se como os mujiks, como elles trabalha, lavrando, serrando madeira, concertando o calçado, espalhando em redor de si quanto dinheiro podia. Comtudo, Tolstoi ainda não se sentia satisfeito comsigo mesmo; sentia-se ainda demasiado favorecido em face da miseria dos mujiks e num impeto de abnegação, como que querendo destruir á força a imperfeição das cousas, levando aos ultimos limites a sua vontade forte de se approximar do Ideal, decide distribuir as suas terras pelos mujiks. Sacrificava o bem estar da familia, que importava! — não era um grande acto a praticar e portanto digno da propria mulher e dos proprios filhos collaborarem n'elle! Mas, a condessa oppoz-se tenazmente á decisão do marido e Tolstoi, vendo-se só, mais uma vez, quando procurava praticar um acto moralmente modificador, Tolstoi teve de ceder.

Porque não abandonou então o seio da familia, comprovando assim a sua plena sinceridade! — dizem. Foi fraqueza, talvez, mas fraqueza bem desculpavel attendendo ao seu coração amantissimo de pae e de esposo; e comtudo, esse acto energico havia de o praticar mais tarde, lançando-o como um sublime desafio ás exigencias implacaveis do mundo, esmagando, quem sabe! — apoz uma luta atroz, o seu amor pela mulher e pelos filhos.

Em face da obstinação da condessa, Tolstoi vencido, não se resignou, ficando mesmo com um certo ressentimento para com a mulher; tal se deprehende d'estas palavras de Bhers, seu cunhado: «Existe agora um tom de exigencia, de censura e até de descontentamento na maneira como Tolstoi vive com a mulher. Censura-lhe o ter-se opposto á distribuição dos seus bens e de educar os filhos á maneira antiga... Estabeleceu-se mesmo, entre elles, uma vida de mutuas contradições, misturadas de censuras reciprocas... Distribuir os seus bens por estranhos, deixar os filhos á graça de Deus, quando ninguem faz cousa egual, não só lhe parece impossivel: ella julga ser um dever da sua parte, como mãe, de se lhe oppor... Abrindo-se-me a esse respeito, ella acrescentava, as lagrimas nos olhos: «A vida vae-se-me tornando bem difficil! Até ha pouco era apenas uma auxiliar, agora tenho de fazer tudo. A fortuna e a educação dos filhos, todos esses cuidados agora pezam só sobre mim. E ainda me censuram por me occupar d'essas cousas em lugar de mendigar! Recusaria eu seguil-o se se tratasse apenas de mim, se nós não tivessemos filhos? E elle tudo esquece por causa da sua theoria.» (1)

(1) D. Merejkowsky. Id. id.

A vida de Tolstoi passa, então, a ser d'uma grande regularidade e d'um grande socego; procura «fechar os olhos a tudo e absorver-se completamente na execução do seu programma de vida... Não quer dinheiro, evita tocal-o, nunca traz nenhum comsigo».

Verificára a sua impotencia em intervir directamente na mudança da imperfeição das cousas; recorre ao livro, ao opusculo como processo indirecto de modificar o mundo em relação com a sua nova crença. Apenas, quando a fome e o colera assolaram a Russia, Tolstoi sahiu da sua quietidão para, com um zelo digno da sua vasta alma, dedicar-se ás victimas d'aquellas calamidades. Entretanto, o mundo litterario esperava a todo o momento, ver surgir nova obra prima do autor que tanto o impressionara com *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*. Tolstoi, repudiando a arte e feito theologo, respondia-lhe com *Minha Religião*, com a *Egreja e o Estado*, com o *Reino de Deus está em nós*, com *O que é a arte?* com a *Traducção dos Evangelhos*, com uma quantidade enorme de livros, opusculos, folhetos, pamphletos lançados atravez o mundo na propaganda intensa do seu Ideal.

A MULTIDÃO EM PRECES DURANTE A DESCIDA DO CAIXÃO DE TOLSTOI

Todo o systema de Tolstoi assenta n'esta trilogia, o Amor, o Trabalho e a Fraternidade, isto é: a realisação do reino de Deus pela união de todo genero humano. Os homens, para Tolstoi, são naturalmente bons, a civilisação é que os perverteu, desunindo-os, artificialisando-os. Por isso Tolstoi insurge-se contra a patria, contra os tribunaes, contra o Estado, contra a guerra, contra a sciencia, contra a arte, contra todo o meio social tal como elle é; e apresenta como maneira de o modificar a não resistencia, não pagando impostos, recusando o serviço militar, conciliando o trabalho mental com trabalho manual, moralisando a sciencia e a arte, mas muito principalmente — e esta é a parte verdadeiramente notavel e moderna do systema tolstoiano — a acção continuada do individuo sobre si mesmo, indo procurar ás energias proprias a condição para se transformar, para fugir ás paixões vis que o degradam, para realisar um vasto ideal de Perfeição. A luta do homem contra si mesmo, eis a grande verdade que sobresae d'entre as varias fantasias do seu systema, luta que Tolstoi foi o primeiro a realisar.

Mas o espirito do litterato não estava completamente morto no moralista; do meio da formidavel producção tendente a espalhar as suas ideias, Tolstoi fez surgir ainda algumas obras primas taes como a *Sonata de Kreutzer* e muito especialmente a *Resurreição*.

Na *Sonata de Kreutzer*, Tolstoi, ataca violentamente, e com uma verdade flagrante, o casamento moderno. «As raparigas são expostas como n'um armazem onde os homens teem licença de entrar para fazer a sua escolha», o casamento torna-se assim uma «caçada ao marido», sem espiritualidade, sem nada de superior e a familia passa a ser um meio triste, atrophiador, immoral; e então, n'um exagero que elle atenuará n'esse romance delicioso que é *Pamphile e Julius*, appela para a absoluta abstenção sexual.

A *Resurreição* é a obra litteraria e moral mais notavel que Tolstoi escreveu.

Nekhloudov, o heroe principal, é um personagem que se libertou da vida crapulosa e nulla que levava, ao ver uma rapariga que outr'ora deshonrara, arrastada agora pela miseria, vendendo o seu corpo para viver e accusada falsamente de ladra e assassina. Neklondov quer reparar o seu crime, quer casar com ella, mas Maslova não o consente; elle então decidido a iniciar «uma vida nova», acompanha-a ao degredo.

A *Resurreição* onde Tolstoi investia violentamente contra a Egreja russa, os continuos pamphletos atacando o dogma christão, despertaram a colera do Santo Synodo que, em 1901, o excomungava. Tolstoi responde a esse acto, altivamente: «Eu reneguei a Egreja que se diz orthodoxa... Convencime que o seu ensino é, theoricamente, uma mentira astuciosa e nociva; praticamente, um conjuncto de superstições grosseiras e de feitiçarias sob as quaes desapparece completamente o sentido da doutrina christã» mas «creio no Deus espirito, no Deus amor, no Deus unico principio de todas as cousas... creio na vida eterna, mas não no juizo final». (1)

Em 1908, com o applauso universal, os compatriotas de Tolstoi, os seus discipulos festejavam o seu octogesimo anniversario, mas Tolstoi não gostava d'essas provas d'apreço. «Essas commemorações são-me insupportaveis, dizia elle, não teem outro effeito senão excitar a inveja nos outros e a vaidade em mim. Para quê celebrar obras inuteis como são *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*? Quanto á segunda parte da minha obra, aquella que considero util, não é festejando-a que a honram, mas praticando na vida quotidiana os principios christãos demasiado esquecidos que eu não me canço de recordar ha vinte e cinco annos.» (2)

A' medida que o tempo ia, pouco a pouco, encurtando a vida de Tolstoi, elle ia-se cada vez mais aproximando d'esse Deus infinito que encontrara no fundo do seu coração. Numa doença que tivera, estando a dois passos da morte, lamenta não ter morrido; «tinha subido a alta montanha com tanta facilidade e abria já a porta que conduz *alem*». Esse *alem*, elle esperava-o com a satisfação das grandes almas que, satisfeitas comsigo mesmo, apoz uma luta porfiada em prol da Perfeição, sentem em si reflectir-se a luz forte do absoluto. «Depois de ter reflectido sobre o meu novo estado d'alma, escreveu Tolstoi ultimamente, verifiquei que elle assenta sob uma nova base, devendo substituir as antigas, porque ella é feita d'uma aspiração ao bem de toda a humanidade, englobando d'esta vez egualmente a minha felicidade individual. Já não é a aspiração constante para a perfeição moral. Não; é uma outra cousa. E' uma aspiração para a pureza divina... Sinto-me invadido cada vez mais por essa aspiração, que substitue todas as outras e torna a minha existencia tão variada e tão cheia como o era durante as precedentes phases. Não me explico talvez com sufficiente clareza, mas *sinto-o* muito nitidamente.» (1)

Surgiu então o anno de 1910; n'uma fria manhã de novembro, Tolstoi, sem se ter despedido de ninguem, fugia da sua velha casa de Yasnaia-Poliana, onde nascera, onde passara quasi toda a sua vida. Deixava apenas a seguinte carta: «Não me procureis. Tenho necessidade de me retirar do ruido e de tudo o que me perturba. Essas eternas visitas, esses eternos solicitadores da minha pessoa, esses representantes de cinematographos e de gramophones que me assaltam em Iasnaia-Poliana, envenenam-me a vida. E' urgente que eu me retire. Devo isso á minha alma e ao meu corpo de peccador, que viveu oitenta e dois annos n'este valle de miserias. Durante trinta annos supportei a mentira mundana, a do luxo e a do conforto. Estou cançado de tudo isto e quero acabar na pobreza a minha vida infeliz.»

Fugindo assim á tranquillidade do lar, Tolstoi respondia a todas as accusações que os seus discipulos, que o mundo lhe fazia, de viver contradictoriamente com as suas ideias. Realisava agora o que, havia vinte e seis annos, o amor pela familia evitara que fizesse, mas que, desde então todavia, sempre o preoccupara: o desprehendimento absoluto de todo o conforto, a vida simples do desherdado da sorte. Fugindo, ao mesmo tempo ia-se absorver com mais intensidade

(1) Resposta ao Synodo.

(2) Palavras de Tolstoi ditas a M. Kanenisky. — *Je sais tout* — Setembro, 1908.

(1) *A minha ultima jornada.*

no seio immenso de Deus, tal um mystico dos velhos tempos, entregar-se a si, á natureza livre, como degrau mais alto entre o visivel e o invisivel.

Aquella fuga tem qualquer cousa de sublime e de tragico, que nos enche da mais sentida admiração; assim lançada, num esforço supremo, esmagador da natureza humana, da sua fraquesa, do seu apego ás commodidades proprias, assim lançada á face das censuras do mundo, destruindo-as e transformando-as em espanto.

Foi um acto senil, dizem alguns, ah! é que, para esses, a figura de Tolstoi está demasiado alta para os seus olhos de myopes. A fuga de Tolstoi foi bem um facto natural na epopea da sua vida, bem em correspondencia com aquella alma tão immensa que, bem sentida, nos faz nascer o desejo intenso de tambem, como ella, nos espiritualisarmos.

Na fuga, Tolstoi, ia encontrar a morte. Exposto ao frio gelido do inverno russo na plataforma d'um comboio de terceira classe em que elle seguia viagem — talvez em direcção a alguma colonia de camponios religiosos — uma forte pneumonia acolheu-o. Dias depois, numa estação de caminho de ferro, sem conforto d'ordem alguma, Tolstoi expirava. «Ha sobre a terra milhões d'homens que soffrem, porque é que estão vocês todos a occuparem-se de mim», estas foram as suas ultimas palavras.

A' noticia da morte d'esse santo dos tempos modernos, a Russia trepidou numa dôr immensa — perdia um filho seu que tanto a enaltecera, que tanto, notabilisando o proprio nome, notabilisara o d'ella. Todos os espectaculos, todas as festas, todos os bailes foram suspensos. As universidades fecharam as suas portas. As redacções dos jornaes foram assaltadas por uma multidão anciosa de saber noticias. E essa magua enorme que agitou a Russia passou as fronteiras, cobriu de luto o mundo.

Agora, no bosque de Afonina, sobre a collina de Iasnaia-Poliana, segundo a propria determinação de Tolstoi, jaz o seu corpo. Sobre a sepultura, a colonia tolstoiana do Caucaso mandou collocar uma corôa de espinhos; no berço de madeira que a circunda, peregrinos de todos os paizes, japonezes, chinezes, gregos, francezes, polacos, teem gravado inscripções exprimindo a sua dôr. Todas as noites, um pobre mujik vae lançar alpista, ás mãos cheias, para que os passarinhos vindo comel-a acompanhem Tolstoi no seu somno derradeiro.

Ah! não, de modo algum. Se Tolstoi tivesse sido apenas um grande escriptor, estas homenagens mais grandiosas do que todos os discursos, todos os panegyricos, todas as sessões solemnes, não teriam tido logar. A humanidade chora porque Tolstoi foi sobretudo *um homem.*

* * *

Com vultos da envergadura de Tolstoi, aprendam os portuguezes, a reconhecerem a força potentissima de que dispõe o homem, quando tem um Ideal sentido e querido, aprendam a não seguir rotineiramente pelo caminho por onde os seus instinctos os conduzem; aprendam a não serem apenas artistas se teem tendencias artisticas, litteratos se teem tendencias litterarias, medicos se teem tendencias para a medicina, politicos se teem tendencias para a politica, aprendam sim a serem sobretudo *homens,* a adquerirem uma vida *humana* base de toda a vida, social, litteraria, artistica e scientifica. Como Tolstoi erguam acima do proprio interesse, o interesse collectivo e, n'esta crise formidanda que Portugal atravessa, criem, num esforço supremo de autoeducação, uma Patria moderna, desenvolvendo-se ao abrigo d'uma forte Democracia para um futuro de Razão, de Justiça e de Amor.

Lisboa — Desembro de 1910.

REIS MACHADO.

Luiz de Freitas Branco

Não vae ainda um anno que se finou na sua casa de Lisboa, em que vivia absolutamente só entre os seus livros e as suas dilectas evocações de Arte, o grande intellectual que foi João de Freitas Branco.

Esse homem que eu não tive a honra de conhecer em pessoa mas de quem o renome de alto espirito se transfundia para além da apertada roda de intellectuaes em que evoluava, consagrou, até aos ultimos passos da sua vida, todos os seus momentos á arte nos seus mais varios aspectos.

Ficou em notas, ainda ineditas, uma obra sobre o drama Shakespereano que ultimamente o preoccupava.

Simultaneamente erudito e critico, compositor, poeta, de feição intellectual um pouco cosmopolita, elle encerrava na sua interessante e rara psychologia os dois feitios antagonicos de creador e de analysta tão de avesso convivio n'uma mesma espiritualidade.

Não é aqui o logar e não é ainda a occasião de se evocarem de uma maneira perfeita e n'um estudo de fundamento e de detalhe os raros meritos d'esse homem.

O seu nome vem aqui hoje a um titulo apenas.

Entre as obras que o seu espirito mais carinhosamente amassou, uma sobreleva entre as demais e essa onde se estampa eloquente e vividamente a sua poderosa influencia é o joven compositor seu sobrinho que este artigo hoje consagra e exalta.

* * *

Luiz de Freitas Branco é legitimamente um filho espiritual do inolvidavel morto. Isto não quer dizer que os influxos restantes do ambiente em que a fina flor da sua alma nasceu e se alteiou, não auxiliassem o contagio poderoso d'aquella nobre intellectualidade.

O meio em que Luiz Branco se creou é d'aquelles pequenos circulos de sociedade, parentes do que Chateaubriand com uma infinita poesia evocou no primeiro volume das suas *Memoires d'outre tombe*.

N'esse meio em que ainda não se olvidaram as graciosidades das velhas e dôces maneiras e em que o perfume de bom tom tem o sabor *ancien régime* que será sem-

pre, quaesquer que forem as democracias que hajam de surgir, em materia de esthetica social, o index petroniano e o limite supremo do bom gosto, n'esse meio, Luiz de Freitas Branco encontrou o fecundante amparo e o admirativo e necessario estimulo para as suas tendencias desusadas.

E assim com o norte e o impulso do seu grande educador, sublinhado com a affectuosidade animadora de seus paes e seus irmãos, se formou o seu temperamento.

* * *

De resto a raça de Luiz de Freitas Branco tem uma tendencia invejavel e ingenita para a arte. Essa tendencia diluida nas gerações estuou no joven musico e alli deu a sua primeira flor.

Mysterios de potenciação hereditaria que nos é vedado desvendar.

Sendo este artigo mais um esboceto psychologico e descriptivo do compositor e da sua obra, passarei de leve sobre os dados biographicos que n'uma creatura de 20 annos não podem ter uma abundancia imponente de dados e de logares.

JOÃO DE FREITAS BRANCO

Luiz de Freitas Branco iniciou os seus estudos musicaes em Lisboa.

Discipulo successivamente de Borba (o nosso eminente contrapontista), de Desirée Paque e sobretudo e acima de tudo do seu fallecido tio, elle foi receber á Allemanha nas mãos do celebre Humperdinck o necessario baptismo e como que o indispensavel passaporte da sciencia musical.

Humperdinck que admirou as brilhantes faculdades do joven artista devolveu-o para Portugal com o rotulo de *parfait*, por não ter achado necessidade de ministrar-lhe, mais largas e detalhadas lições.

Tendo a Sociedade de Musica da Camara tão perseverante e proficientemente dirigida pelo artista Michel Angelo Lambertini a quem a nossa educação musical tanto deve, aberto um concurso para trechos musicaes de varios typos, Luiz de Freitas Branco concorreu a esse *certamen* com uma sonata para piano e violino que magistralmente arrancou ao jury um primeiro premio com distincção.

Essa sonata que está impressa e foi na festa admiravel do dia 16 na Sociedade de Geographia ouvida attentamente pelo publico, é uma obra larga, cheia de audacia. Os seus quatro andamentos teem verdadeiras *trouvailles* em materia de rythmos e de phraseamento, sem que lhe escasseie sobre a sciencia de factura o vôo irreprimivel da inspiração, bem accusado no admiravel motivo do inicio tão cheio de graça melancolica e partida.

Esta apparição brusca de um temperamento tão poderosamente definido se bem que sublinhada pela imprensa, não teve ainda assim o relevo que merecia um facto tão tristemente raro n'um meio esteril como o nosso, em que os talentinhos fervilham mas onde as puras raizes da inspiração estão tão fortemente aniquiladas.

Depois das acclamações de passagem a cousa esqueceu e apenas n'uma roda de intellectuaes e de criticos da arte o nome do juvenil artista começou de andar cingido de uma aura de consagração.

Para o grande publico Luiz de Freitas Branco era ainda um desconhecido e foi precisa a consagração extraordinaria da noite de 16 na Sociedade de Geographia a que toda a imprensa se referiu, para que esse nome voltasse de vez á superficie da gloria de onde convictamente o espero se não arredará jámais.

Essa noite foi uma revelação e a obra mu-

sical de Freitas Branco ou melhor uma parcella d'essa obra exerceu sobre o melhor e o mais escolhido dos publicos a mais innegavel das suggestões.

* * *

A obra de Luiz de Freitas Branco...

Foi uma vez, em minha casa no decurso de um ensaio wagneriano para umas planeadas conferencias que eu conheci Luiz de Freitas Branco.

O aspecto de medalhão, inedito, da sua physionomia, feriu-me de começo.

A sua exposição concentrada e difficil mas sempre profundamente motivada e sentida, a acuidade de comprehensão da sua intelligencia, a sua affeição profunda por Nietzsche de cujo Zaratousthra de principio me falou, a sua mordacidade adoçada ao fallar de certos musicos e de certas pessoas, interessaram-me. Era uma personalidade invulgar que se me revelava.

N'esse rapaz de vinte annos descobri uma integração de psychologia tortuosa e avançada na maneira de sentir do mais decadente dos poetas, um espirito de analyse desenvolvido, arrancando de prompto os symbolos das imagens mais esfumadas de Baudelaire e de Maeterlinck.

E depois, accordado o meu interesse por estes preludios de psychologia não me foi dificil em dialogos extensos e em interessantes discussões sobre themas de arte, determinar os ascendentes musicaes e litterarios do artista.

O seu fanatismo por Debussy, pelos russos, especialmente Moussorgsky, o musico da morte e da dôr, a sua respeitosa deferencia para com Bach (o velho avô que se venera mas que se não segue), e, em litteratura, a sua comprehensão estatica de Maeterlinck, de Verlaine e de Baudelaire... sobretudo de Baudelaire.

Estudada a sua personalidade nas linhas abstractas e fugidias da sua psychologia interessei-me vivamente pela sua obra.

* * *

Comecei a conhecêr essa obra pela Sonata de que já fallei e que se me impoz (digo apenas *se me impoz)* pela puresa de inspiração dos seus motivos, pela novidade do seu phraseado, pela hesitação apaixonada do seu rythmo, pela mestria irrecusavel do harmonista que n'ella eloquentemente explue.

Ouvi mais em execuções repetidas as suas *miragens* (duas composições para piano) em que ha como que uma evocação do genio de Schumann na sua ultima maneira e em que fluctua realmente como que a incerta angustia de visões afflictivas.

Ouvi mais o seu bello preludio de piano e violino.

E a minha admiração pelo musico que começava a mostrar-me todas as modalidades do seu espirito cresceu com as audições attentas da sua obra.

Alguma cousa faltava porém para a minha conquista inteira e essa alguma cousa que restava para a absoluta entrega da minha admiração ao moço compositôr, veio fornecêl-a o estudo de uma parte para mim inteiramente inédita da sua creação.

* * *

Os sonetos de Baudelaire...

Quem ha que não conheça as tortuosidades admiraveis das *Flôres do mal,* do grande poeta.

Esse esthéta impeccavel, esse inflexivel e requintado Brummel intellectual, esse homem que soube na noute memoravel em que Paris massacrou uma obra prima (o *Taunhauser),* mantêr em meio da plateia revoltada a mascara serêna e desdenhosa de um Hermés imperturbavel, entregou-se n'este livro aos espasmos do nervosismo, navegou entre a morte, a luxuria e o amôr, festejou a corrupção e o satanismo e clamou pelo vago e pela tréva, como que horrorisado pela banalidade ingloria da luz e da saude moral.

Por vezes, no temporal das suggestões torcidas, a sua musa estua e celebra então as delicias *apaisées* de um fim de dia, do agonisar de um sol, da saudade dos annos mortos e perdidos.

Outras, o seu clamôr pela morte libertadora assume todos os tons: da ironia ao anceio delirante, do anhélo extatico á volupia perigosa do não sêr.

Luiz de Freitas Branco mergulhou n'este admiravel livro e não sei o que n'elle seduziu mais o seu espirito: se a essencia de não visto e de pessimismo que algumas das suas partes ressumam, se o cingulo esculptural e altivo da forma em que esses clamôres palpitam.

Talvez as duas cousas.

E o seu espirito enamorado do espirito ardente e torvo do poeta foi com elle evoluando nos meandros caprichosos do vago e a sua psychologia cunhou-se com a d'elle, prolongou-se á d'elle...

Assim nascêram os seus soberbos commentarios musicaes a quatro dos Sonetos da obra Baudeleriana.

. . .

Esses quatro sonetos são: um o *Recueillement* e três, os que o poeta subordinou á epigraphe: *la Mort: la Mort des amants, la Mort des pauvres, la Mort des artistes.*

LUIZ DE FREITAS BRANCO

Luiz de Freitas Branco fez-me um dia ouvir ao piano o *Recueillement*. Pedi um *bis*. Reclamei ainda outra audição e foi d'esse instante que se me cunhou no espirito como incrustada por um estylete de verdade a convicção de que dentro da psychologia do auctôr se debatia a Psyché luminosa, palpitava o embryão de um mestre.

Senti-o e disse-lh'o e a minha admiração pelo artista não fez depois d'esse momento senão crescêr, e analyse e sentimento collaboraram n'essa admiração.

E' difficil encontrar uma obra em que poeta e musico se tenham mais irmãmente dado as mãos e em que mais se tenham parallelisado as suas psychologias do que nos quatro trechos cujas bellezas vem detalhar.

O Musico é o echo do Poeta e um echo prolongado, subtil e vibrante, em que o subjectivismo do segundo se amplia e se esclarece.

Seria difficil escolhêr na obra Baudelereana um fragmento em que maior porção de vago se contenha em que mais voluptuosamente se invoque o advento da sombra.

Todo o trecho diz a saudade da treva dôce e carinhosa forrando as cousas com o seu manto impenetravel, como um protesto á vida banal e agitada em que a luz crua e gritante insolentemente collabora.

Reproduzo aqui o soneto para relembrar ao leitôr as emoções que decerto experimentou com a sua primeira leitura:

Recueillement

Sois sage, ô ma Douleur, et tiens toi plus tranquille
Tu reclamais le Soir; il descend; le voici:
Une atmosphère obscure enveloppe la ville,
Aux uns portant la paix, aux autres le souci.

Pendant que des mortels la multitude vile,
Sous le fouet du Plaisir, ce bourreau sans merci,
Va cueillir des remords dans la fête servile,
Ma Douleur, donne moi la main; viens par ici.

Loin d'eux. Vois se pencher les défuntes Années
Sur le balcon du ciel, en robes surannées,
Surgir du fond des eaux le Regret souriant,

Le soleil moribond s'endormir sous une arche,
Et comme un long linceul trainant à l'orient
Entends, ma chère, entends la douce Nuit qui marche.

O commentario musical que Luiz de Freitas Branco escreveu debaixo das palavras d'este soneto vae reproduzido adeante e poderá algum leitôr pianista desfial-o ao piano attentamente.

Não fallando já do canto magnifico cheio de hesitações e de descanso em que tão bem se enquadram os versos esculpturaes do poeta basta-me frisar três detalhes para não dizer três motivos que formam com que todo o eixo da trama musical do trecho.

O primeiro que é o verdadeiro motivo do *apaisement*, a traducção musical da idéa de paz e de descanso, mas de descanso resignado e melancolico, cheio de evocações plangentes; é esse que abre o soneto e que sublinha toda a parte d'elle em que o poeta celebra e invoca o advento crescente da noute.

Sente-se a invasão tranquilla da penumbra crepuscular: *aux uns portant la paix... aux autres le souci.*

Esse motivo que volta a apparecêr perto do final do soneto esculpe-se facilmente no espirito do auditôr; a sua estructura é inconfundivel e o seu valôr como motivo musical vem tanto do seu laconismo incisivo como da sua paridade psychologica irrecusavel com o sentimento que procura exprimir.

O segundo motivo é o que commenta os versos: *pendant que des mortels la multitude vile, sous le fonet du plaisir, ce bourreau sans merci, va cueillir des remords dans la fête servile*

E' difficil dar musicalmente e de uma forma mais eloquentemente marcada a ideia de uma agitação banal e esteril. Este commentario musical evoca bem sonora com os seus pingentes de *clinquant* a festa estridente e charlatanesca: *on l'on va cueil lir des remords*

O terceiro, se motivo se lhe pode chamar é o prolongamento de accordes e de phrase que se segue ao ultimo e admiravel verso: *entends, ma chère, entends, la douce nuit qui marche.*

Luiz Branco depois da extincção da voz e do canto deixou no piano impresso o avanço progressivo da noute e da sombra e verdadeiramente *sentimos* no final completar-se a *invasão crepuscular* pela qual o poeta anceia.

De resto as phrases do canto evidenceiam estas intenções n'um contorno flexuôso e bemolisado que diz saudade, plangencia, vontade de não sêr, sêde de descanso.

Estou em dizêr que difficilmente poeta do cunho de Baudelaire encontrará jámais traductôr de psychologia tão parenta.

Depois do *Recueillement, La mort.*

E visto que dos três sonetos que obedecem a este thema, foi justamente consagrado na noute de 16 o segundo: *La mort des pauvres,* começêmos por esse:

La mort des pauvres

C'est la mort qui console, hélas! et qui fait vivre;
C'est le but de la vie et c'est le seul espoir
Qui, comme un elixir nous monte et nous enivre
Et nous donne le cœur de marcher jusqu'au soir;
A travers la tempête, et la neige, et le givre,
C'est la clarté vibrante à notre horison noir,
C'est l'auberge fameuse inscrite sur le livre,
Où l'on pourra manger, et dormir et s'asseoir.
C'est un Ange qui tient dans ses doigts magnétiques
Le sommeil et le don des rêves extatiques
Et qui refait le lit des gens pauvres et nus;
C'est la gloire des Dieux, c'est le grenier mystique,
C'est la bourse du pauvre et sa patrie antique,
C'est le portique ouvert sur les Cieux inconnus.

A quem quer que lêr este soneto é bem patente a extranha, a grandiosa ironia que n'elle resalta quasi até ao final.

O pobre, o miseravel que tropeça no gêlo das estradas, dá como unica razão de sêr á sua vida — *a Morte.*

Elle suspira por ella como por uma estalagem commoda e sublime ou *il pourra dormir, et manger, et s'asseoir.*

Elle cruza tropego, em rebanhos, os temporaes, olhos fixos na *claridade vibrante* que a annuncia.

E' a *auberge fameuse*... sublime e tragica ironia dos desventurados!

No entanto tudo isto se resolve n'um grito profundamente sentido e cheio de ro-

mantica e extatica significação; é quando o pobre encara a *Morte* como a grande libertadora, a sério, e lhe chama: *le portique ouvert sur les cieux inconnus.*

Luiz de Freitas Branco com uma concepção *raffinée* do pessimismo que não é de uma psychologia de vinte annos, contorna de perto toda essa ironia.

Sublinha com uma phrase cheia de ascendente e chrystallina limpidez o verso: *c'est la clarté vibrante...*

Rythma a procissão dos miseros através da inclemencia dos temporaes, *à travers la tempête, et la neige et le givre* e no final, por um transito sublime e cheio de purissima inspiração, canto e musica evolam-se para um vago ethéreo com as palavras: *c'est le portique ouvert sur les cieux inconnus.*

A ultima phrase musical d'este trecho é uma verdadeira obra prima e a um tempo um achado pleno de irrecusavel e intensa suggestão.

Com *La mort des amants* entramos no ambiente da arte voluptuosa e rescendente de requintes decadentes e subtis.

Entre flôres preciosas, mobilias extranhas, essencias raras, divans profundos, os amantes morrem.

La mort des amants

Nous aurons des lits pleins d'odeurs légères,
Des divans profonds comme des tombeaux
Et d'étranges fleurs sur des étagères
Ecloses pour nous sous des cieux plus beaux.
Usant à l'envie leurs chaleurs dernières
Nos deux cœurs seront deux vastes flambeaux
Qui réfléchiront leurs doubles lumières
Dans nos deux esprits, ces miroirs jumeaux.
Un soir fait de rose et de bleu mystique
Nous échangerons un éclair unique
Comme un long sanglot tout chargé d'adieux.
Et plus tard un Ange, entr'ouvrant les portes
Viendra ranimer, fidèle et joyeux,
Les miroirs ternis et les flammes mortes.

No commentario musical ha a notar a differença de rythmos que se estabelece no inicio da segunda quadra em que as palpitações febris do coração parecem têr passado para a marcha *haletante* da melodia. E' ainda outra *trouvaille* d'inspiração de Luiz Branco.

A notar tambem o movimento que se produz a seguir ás palavras: *un soir fait de rose et de bleu mystique,* sublinhando o verso *non echangerons un eclair unique.* Verdadeiramente o *relampago* surge no piano, formando uma com que malha resplendente e ampliada que dá a ideia perfeita do ultimo e colossal lampejo de vida de dois corações que se transfundem.

O resto, tanto no canto como no rythmo e nas harmonias, é morte, é nada, é a paz soberana e para Luiz Branco fascinadôra do aniquilamento.

Em *La mort des artistes* ha intenções mais complexas, a um tempo mais ironicamente dolorosas e mais desnorteantes.

La mort des artistes

Combien faut-il de fois secouer mes grelots
Et baiser ton front bas, morne caricature!
Pour piquer dans le but, de mystique nature,
Combien ô mon carquois, perdre de javelots!...
Nous userons notre âme en de subtils complots
Et nous démolirons mainte lourde armature
Avant de contempler la pauvre créature
Dont l'infernal désir nous remplit de sanglots.
Il en est qui jamais n'ont connu leur Idole,
Et ces sculpteurs damnés et marqués d'un affront
Qui vont se martelant la poitrine et le front,
N'ont qu'un espoir, étrange et sombre Capitole:
C'est que la Mort, planant comme un soleil nouveau
Fera s'épanouir les fleurs de leur cerveau.

e eu sublinho apenas o soberbo desenvolvimento com que Freitas Branco desenvolve o verso: *fera s'epanouir les fleurs de leur cerveau.*

*
* *

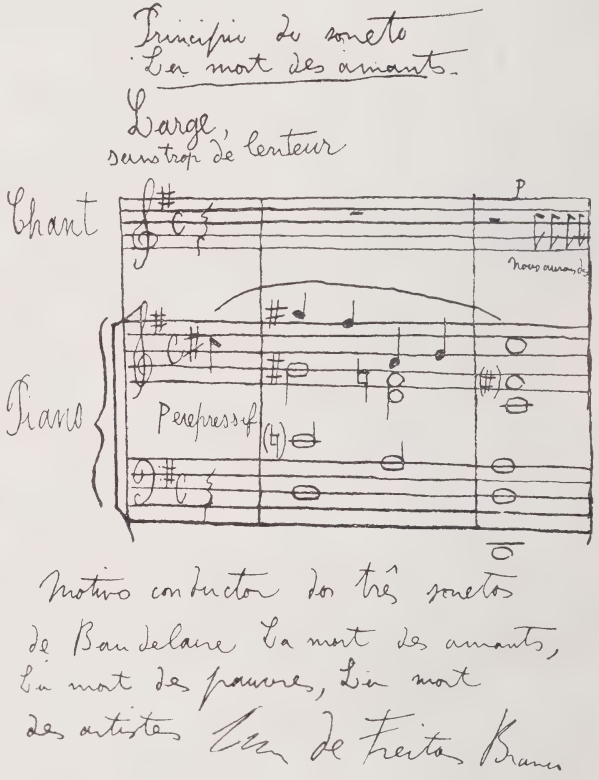
Defendendo uma these que me é cara: a de fallencia na obra de arte moderna da Personalidade focáda e da invasão crescente explicavel por mil e um symptômas de execução, da multidão de influencias da zona penumbrada, do *substractum* inconsciente do *Eu*, eu julgo vêr em Freitas Branco e na sua obra até hoje ouvida um exemplo perfeito d'essa affirmação.

A invasão na Poesia do sentido extra grammatical das palavras, foi acompanhada por uma invasão parallela na musica do modo de sêr extra melodico.

A phrase fechada, a melodia definida e precisa que avulta em Bach e nos mestres coévos e que é o verdadeiro *bom senso* da musica foi despresada e partida.

A mudança constante, anciosa, de rythmo, a hesitação na phrase, a adaptação aos grupos de imagens mais desconnexas, a manifestação teimosa de um como que anceio indefinido e sem resolução possivel, a tendencia toda litteraria, são indicações de uma sinuosação crescente de alma moderna, de uma falta de formula da mesma alma e de uma especie de afloramento do *substractum inconsciente, reminiscente,* da personalidade, dominando na inspiração acima do soalho logico que até ha tempos norteára e cunhára *quasi todas* as manifestações da esthetica.

Seja como fôr, é facto que a musica de Freitas Branco ainda como é natural, á busca de uma formula precisa e invariavel, oscilla n'um campo desnorteante em que todas as regras e todos os rythmos são possiveis, desde que a suggestão produzida seja a que o auctor desejou.



A poesia symbolista despresou tambem regras e *canones* e lançou mão de toda a suggestionabilidade *à latere* da palavra para mecher ideias profundas e imprevistas no espirito do leitôr, a musica de hoje carece de melodia e de rythmo para por meio de adaptações, de onomatopeias (Moussorgsk, etc. Vêr: Niania) infundir no auditôr as impressões de extasis ou de horrôr desejadas.

Má ou bôa, sendo embora uma manifestação de passagem da psychologia humana, é esta hoje a esthetica dominante e limito-me a dizêr ácerca de Freitas Branco *que elle está na corrente.*

Arte morbida alguem lhe chamou e morbida poderá sêr emquanto á formidavel dóse de pessimismo que a invade e a ancia de não sêr que por toda ella explue.

O que ninguem porém lhe poderá contestar é o valôr de um documento precioso de diagnostico do estado actual da alma da humanidade ou antes da parte da alma que pensa que cria e que vibra.

. . .

Para fechar este estudo e como corollario da grande homenagem de estimulo que se prestou ao jovem musico portuguez na noute de 16 occorrem-me estas palavras:

Através do seu glorioso caminho de compositor, prepare Freitas Branco o seu temperamento ainda em demasia vibratil, immaculado e tenro, para o encontro d'alguma d'essas individualidades calcinantes que teem por bom habito como protesto contra a incapacidade propria para a génese de uma obra, amesquinhar as aptidões alheias.

Em jardim como este, plantado á borda do mar azul, em que, por um creador surgem mil e três pseudo criticos, que elle se não confranja ao topar com alguma d'essas aridas e importunas criaturas. Não faltará

quem lhe roerá no valôr e quem lhe restrinjirá mordazmente os méritos; não faltará ainda quem lhe fornecerá desinteressadamente conselhos de fundo duplo.

Que a sua altiva e serêna mocidade perpasse acima d'esses zum-zuns que servirão apenas de contraprova indirecta ao seu mérito e que, perante a chacota ou o elogio perfido a sua tranquilidade não vacille, mas antes se courace com a reminiscencia de duas phrases que já agora servirão de fecho a este esboceto e de amparo ao seu desanimo: uma de Berlioz que citei ha dias como fecho de um artigo das *Novidades* sobre um seu detractôr:

Il serait vraiment déplorable que certaines œuvres fussent admirées par de certaines gens.

Outra não sei de quem, mas que estou em crêr que é da sabedoria das nações... francêzas:

Bien faire et laisser dire.

José Julio Rodrigues.

A obra de Luiz de Freitas Branco

Op. 1 Sonata para violino e piano (publicada).

Op. 2 Três esboços symphonicos para orchestra:

1.º Depois de uma leitura de Anthero do Quental.

2.º Depois de uma leitura de Julio Diniz.

3.º Depois de uma leitura de Guerra Junqueiro.

Op. 3 Recueillement, poesia de Baudelaire.

Op. 4 La mort (tres sonetos) poesias de Baudelaire.

Op. 5 Duas melodias para instrumentos de arco.

Op. 6 Quatro peças de piano (publicadas).

Op. 7 Preludio e Fuga para violino só.

Op. 8 Les paradis artificiels, esquisse symphonique d'après Baudelaire. Pour orchestre.

Op. 9 Ier Prélude pour orchestre.

Op. 10 IIeme Prélude pour orchestre.

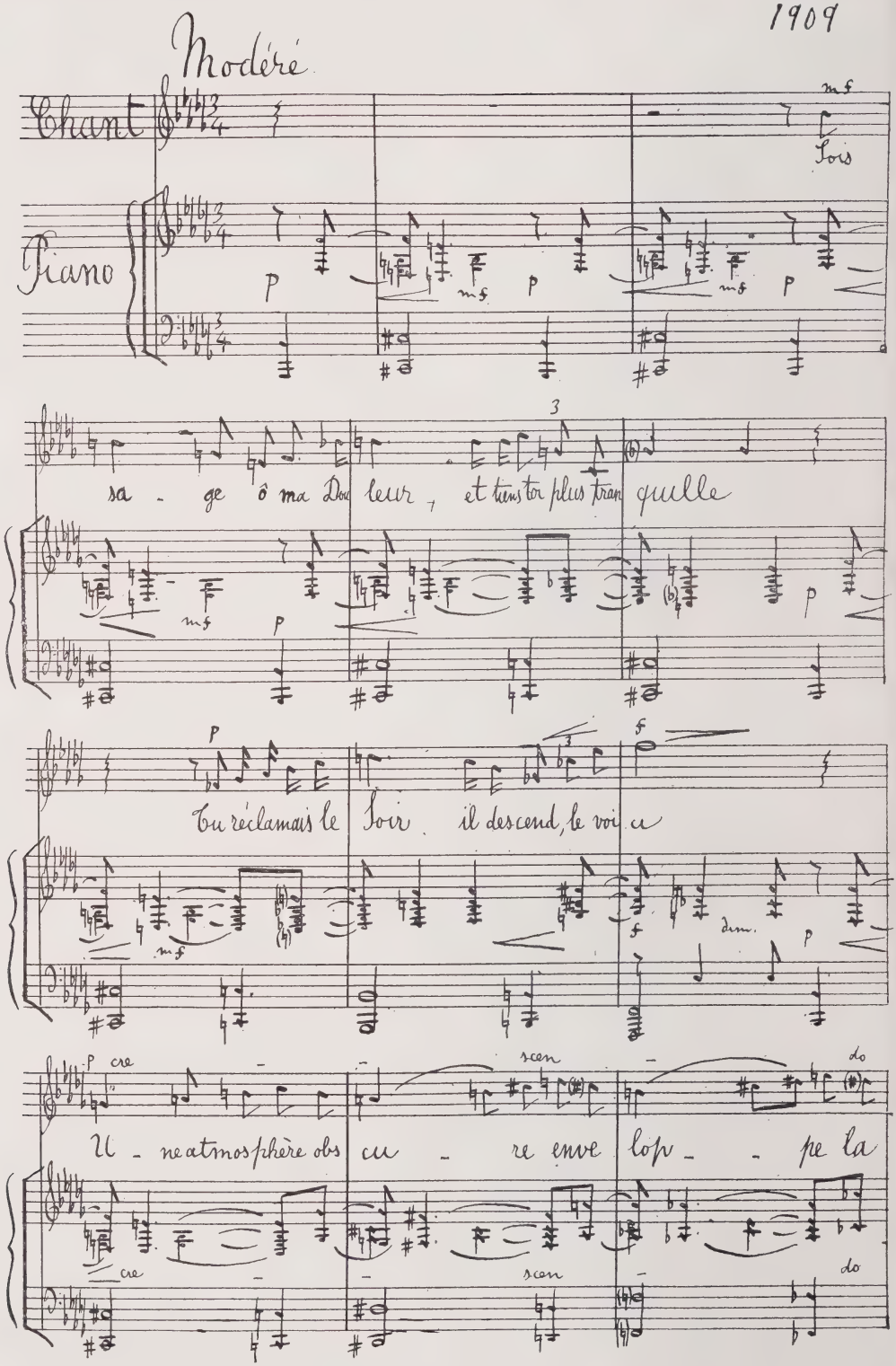
Op. 11 Preludio para violino e piano.

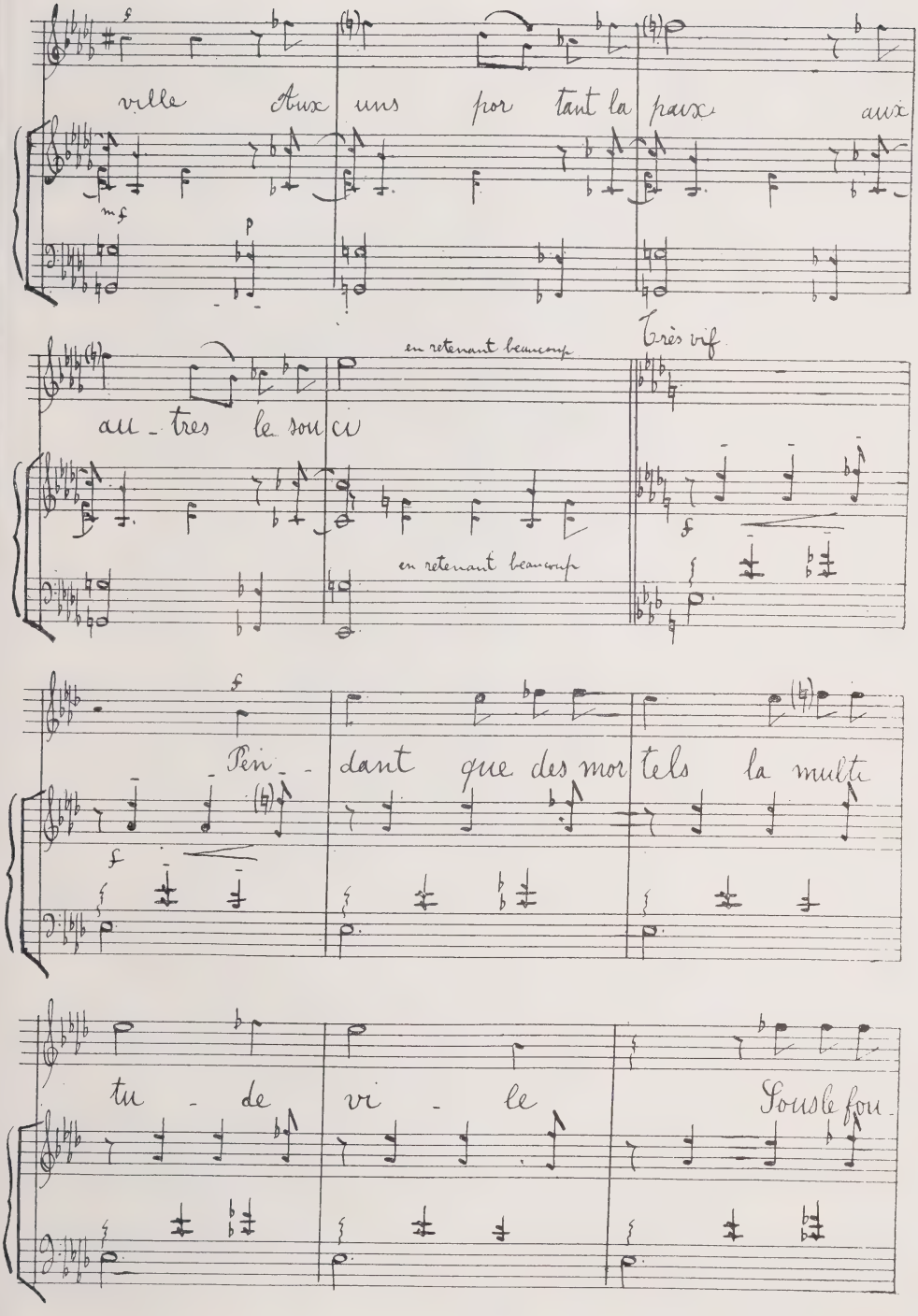
Op. 12 Mirages n.ºs 1 e 2 pour piano.

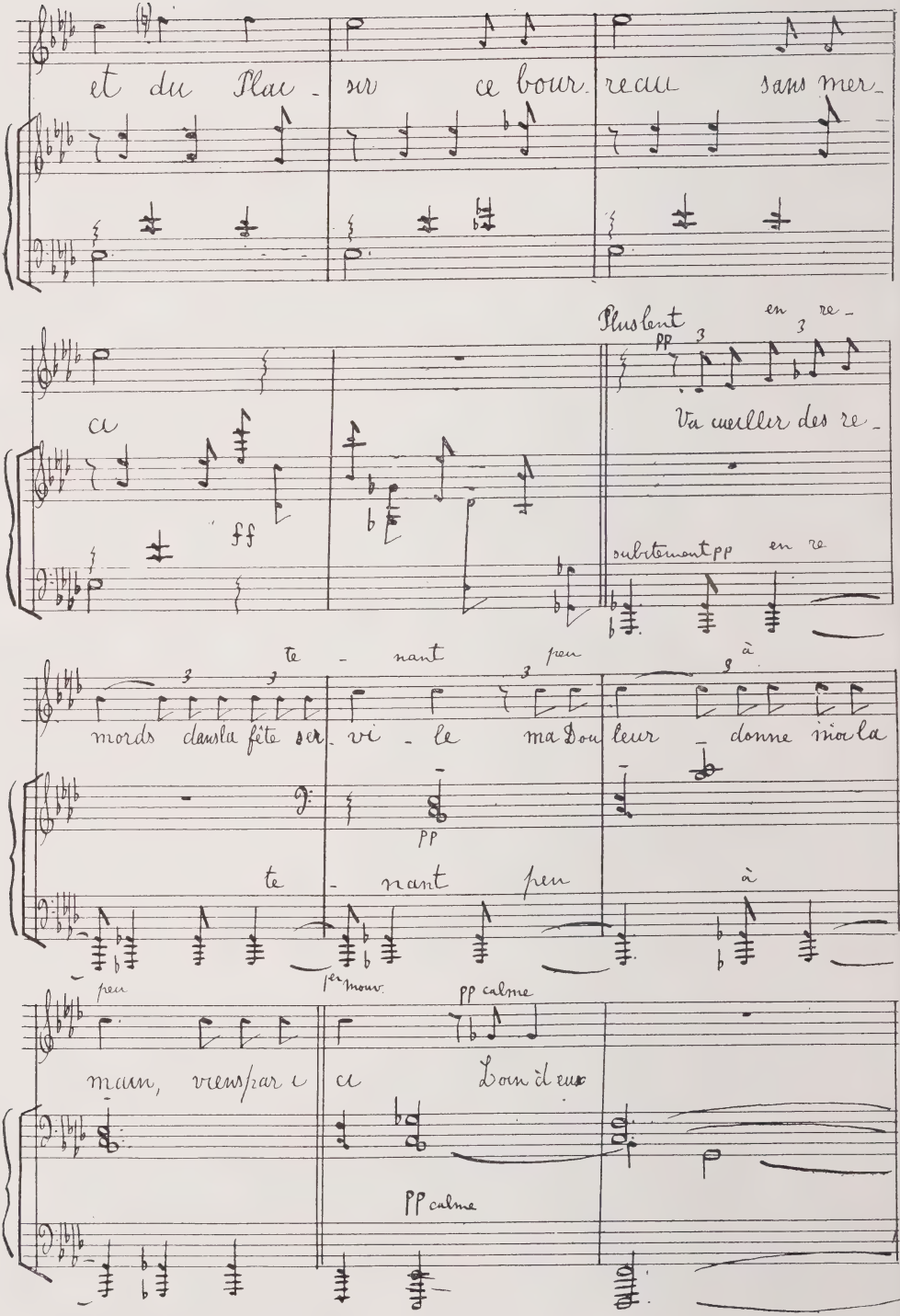
Recueillement

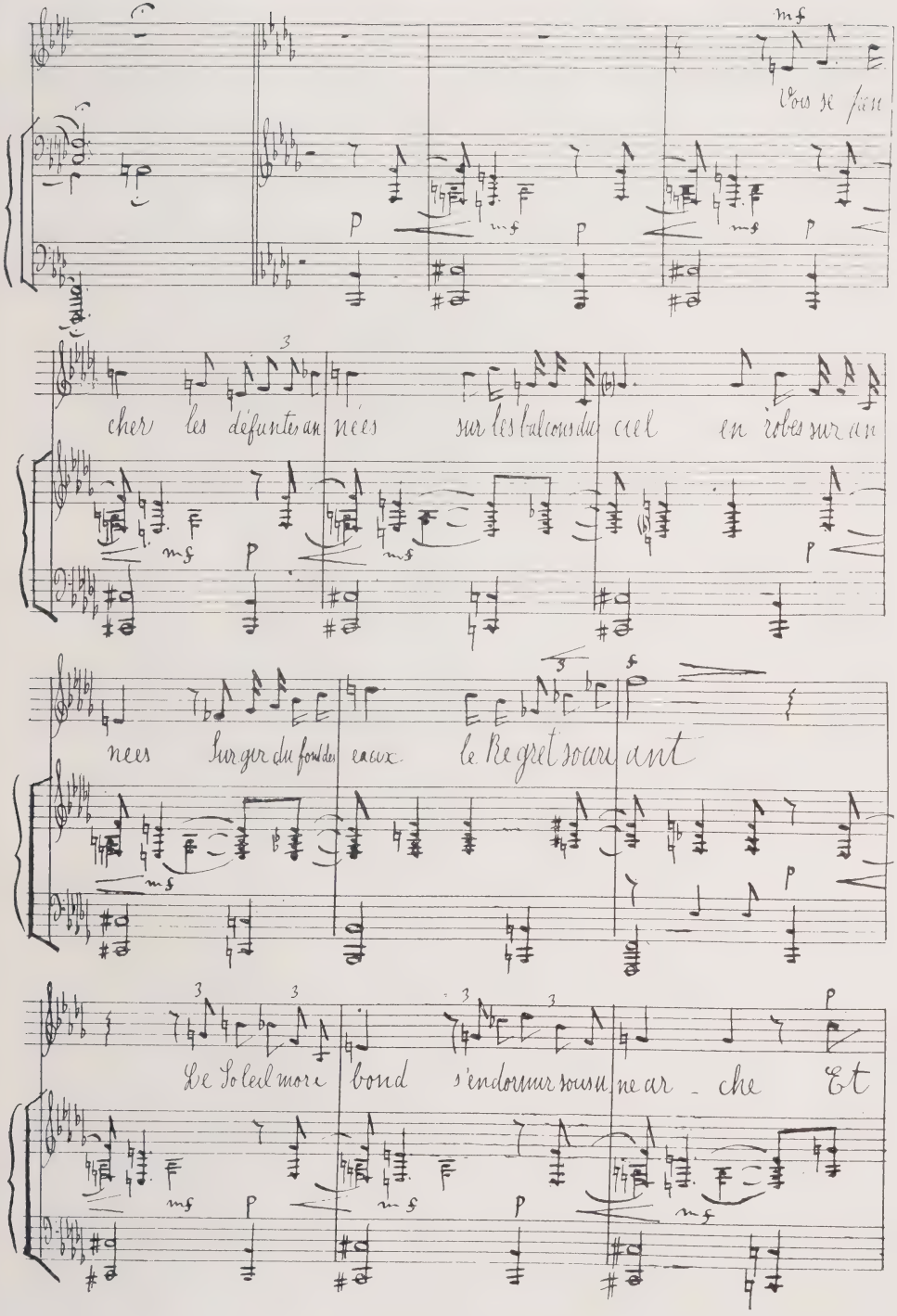
Musica de Luiz de Freitas Branco, poesia de Baudelaire

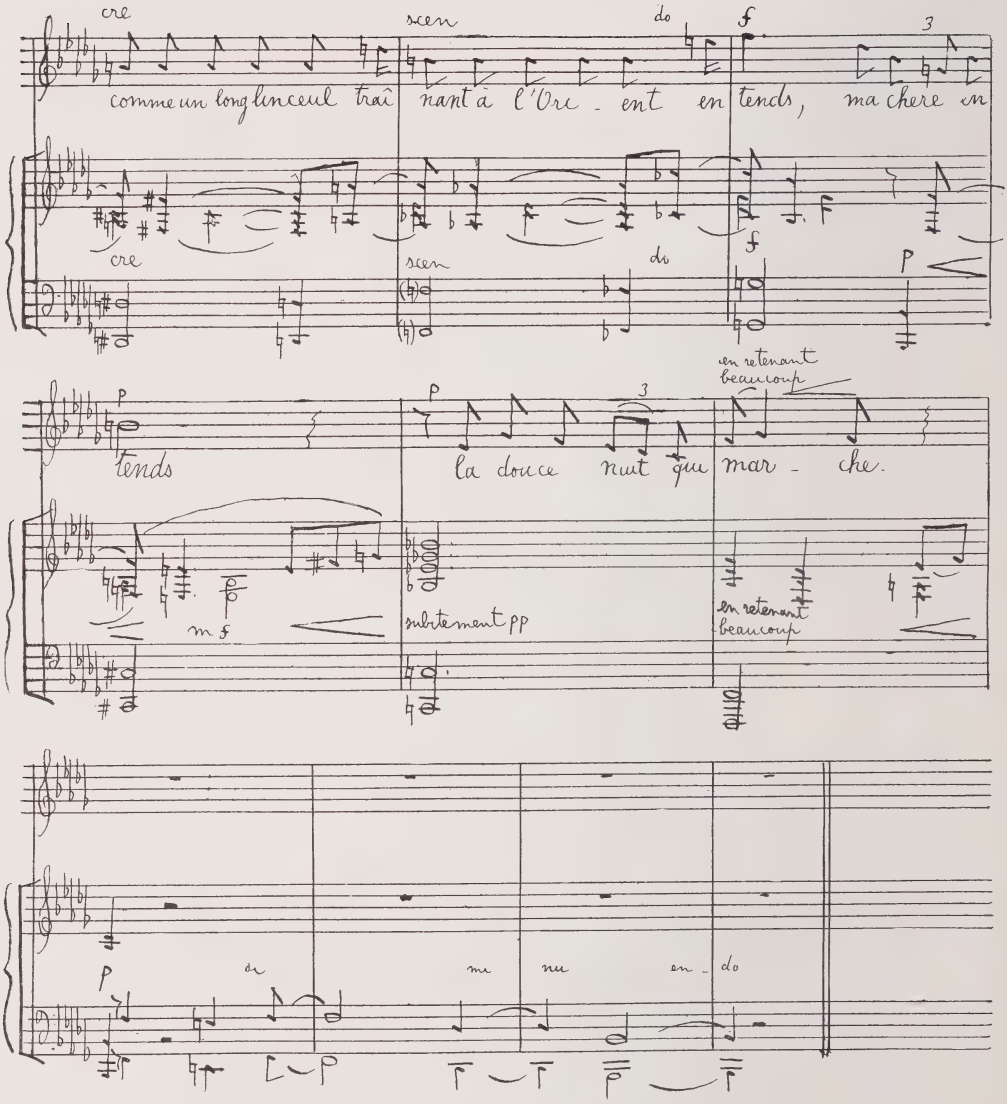
1909




ville Aux uns por tant la paix aux
mf
p
en retenant beaucoup
Très vif
au_tres le sou ci
en retenant beaucoup
f
Pen_dant que des mor tels la multi
f
tu_de vi_le
Sous le fou


et du Plai - sir ce bour reau sans mer -
Plus lent en re -
pp
Va veiller des re -
ff
subitement pp en re
te - nant peu à
mords dans la fête ser vi - le ma Dou leur - donne moi la
pp
te - nant peu à
peu
par mour
pp calme
main, viens par ce Dou leur
pp calme


Vous se fan
cher les défuntes années sur les balcons du ciel en robes sur an
nées sur gir du fond des eaux le Regret souri ant
Le Soleil mori bond s'endormir sous une ar - che Et


cre
scen
do
f
3
comme un long linceul trai nant à l'Ore - ent en tends, ma chere in
cre
scen
do
f
p
p
3
en retenant beaucoup
tends
la douce nuit qui mar - che.
mf
subitement pp
en retenant beaucoup
p
do
mi
mi
en - do

O espelho de prata

Janeiro, 3. — Estas contas de Costa & Vasconcellos, são afinal uma tarefa gigantesca; ha vinte enormes volumes a examinar e conferir. Ninguem me inveja decerto o meu logar de empregado de confiança. Mas como é o primeiro trabalho verdadeiramente importante que me é confiado, quero merecer a boa opinião dos meus chefes.

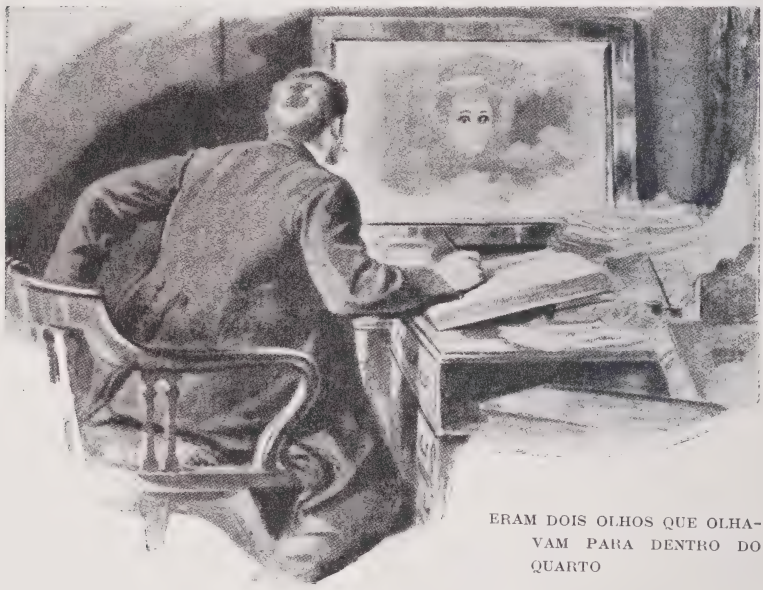
O dr. Veiga disse-me esta manhã que devo ter tudo prompto no dia 20 d'este mez. Santo Deus! Comtudo farei o possivel para isso, e se os meus nervos e o meu cerebro puderem com tal esforço, vencerei. Tenho o trabalho do escriptorio das 10 ás 5, e trabalharei nisto das 8 á 1 da noite. Mesmo na vida d'um guarda livros póde apparecer um drama. Quando me encontro a altas horas da noite, no meio do mais profundo silencio, rebuscando os livros para encontrar os falsos algarismos que hão-de enviar para a Penitenciaria um vereador respeitado até hoje, sinto que afinal a minha profissão não é tão prosaica como se julga.

Na segunda feira encontrei o primeiro indicio de fraude; nenhum caçador de feras sentiu mais vibrante estremecimento ao deparar com a pista da sua preza, e olhando para os vinte livros pensei nos mattagaes atravez dos quaes eu teria de seguir até encontrar a minha victima. Um trabalho penoso mas ao mesmo tempo excitante! Vi esse homem uma vez n'um jantar, gordo e corado, com a face lustrosa, brilhando por sobre o branco do guardanapo; elle olhava com indifferença para o homem pallido que estava lá no fim da meza; far-se-hia pallido tambem se soubesse a tarefa de que o incumbiriam no futuro.

Janeiro, 6. — Que tolice é os medicos receitarem descanço quando não é possivel havel-o! Burros! E' o mesmo que se gritassem a um homem perseguido por uma alcatea de lobos, que parasse e socegasse. O meu trabalho tem que estar acabado n'uma certa data; e se assim não fôr, terei perdido a melhor occasião de assegurar o meu futuro. Como poderia pois descançar? Depois pedirei umas ferias de 15 ou 20 dias.

Talvez tivesse feito tolice em ir ao medico, mas quando estou só, alta noite, com o meu trabalho, sinto-me nervoso e profundamente excitado. Não é uma dôr que tenho, mas um como que esvaimento na cabeça e de quando em quando uma nevoa sobre os olhos. Pensei então que me faria bem brometo, chroral ou qualquer coisa parecida. Mas parar com o trabalho, isso é absurdo! Isto é como uma corrida para um ponto muito distante: ao principio sentimos o coração pulsar e os pulmões arquejantes, mas se temos a coragem de continuar, em breve respiramos mais livremente. Pois bem! eu agarro-me ao meu trabalho e espero que a respiração se me liberte, mas ainda que isto não aconteça agarrar-me-hei do mesmo modo! Dois livros estão percorridos e já comecei o terceiro. O patife escondeu bem as suas pégadas, mas tenho dado com ellas apesar d'isso.

Janeiro, 9. — Não tencionava voltar ao medico, comtudo tive de o fazer, e a linda sentença que elle me deu foi que eu estava «abusando dos meus nervos, arriscando a minha saude, perigando mesmo a minha razão». Pois supportarei o abuso e correrei o risco; mas emquanto poder sentar-me n'uma cadeira e mover uma penna seguirei a pista d'aquelle patife. A proposito, parece-me melhor mencionar aqui o extraordinario acontecimento que me levou desta vez ao medico. Narrarei sinceramente os meus sintomas porque são interessantes em si mesmos — «um curioso estudo psyco-physiologico», disse o doutor — e mesmo porque tenho a certeza de que quando tudo isto tiver passado, essas sensações parecer-me-hão apagadas e chimericas como um estranho sonho que tivesse tido meio acordado e meio a dormir. Quero pois agora, emquanto estão frescas na memoria, tomar nota dellas ainda que não seja senão como variante aos interminaveis algarismos.



ERAM DOIS OLHOS QUE OLHAVAM PARA DENTRO DO QUARTO

Ha no meu gabinete um velho espelho emmoldurado em prata; foi-me dado por um amigo apreciador de antiguidades, e sei que foi comprado por elle num leilão qualquer sem que tivesse a menor ideia da sua proveniencia. E' muito grande, dois metros de largura por um de comprido, e está collocado por cima duma cantoneira á esquerda da minha secretaria. A moldura é lisa com tres polegadas de largura e muito antiga, mesmo antiga demais para ter qualquer nota que denote a sua edade. O vidro é de bordas enviesadas e d'uma extraordinaria limpidez, reflectindo as imagens com essa nitidez que me parece só se ver em espelhos muito antigos. Quando se olha para elle, ha uma impressão de perspectiva que nunca se encontra nos espelhos modernos.

Está collocado de tal maneira, que da minha meza de trabalho não vejo reflectir-se nelle tenão os reposteiros encarnados da janella; mas hontem á noite aconteceu-me uma coisa exquisita.

Estava trabalhando havia algumas horas mas com grande esforço, sentindo repetidas vezes a tal névoa de que me queixei; de quando em quando tinha de parar para descançar os olhos; ora, numa destas occasiões aconteceu-me olhar para o espelho e reparei que tinha uma apparencia estranha. Já não reflectia as cortinas encarnadas; o vidro parecia ennevoado e cheio de vapor, não na superficie, que brilhava como aço, mas lá muito ao fundo; olhando para esta opacidade parecia-me vel-a girar d'um lado para o outro até formar uma nuvem espessa redemoinhando em pesados festões. Era tão real, tão solida, e eu sentia-me tão calmo que me lembro ter-me voltado pensando que nas cortinas tivesse pegado fogo, mas tudo estava profundamente socegado no quarto, não se ouvia outro som que não fosse o tictac do relogio, nem havia outro movimento a não ser a rotação vagarosa d'aquella es-

tranha nuvem lá no fundo, mesmo no amago do velho espelho.

Emquanto olhava a névoa, fumo, nuvem ou qualquer coisa que lhe queiram chamar, pareceu condensar-se e solidificar-se em dois pontos muito proximos um do outro, e realisei com um estremecimento mais de interesse que de medo que eram dois olhos que olhavam para dentro do quarto; podia ver o esboço vago d'uma cabeça, que percebia ser de mulher pelos cabellos, embora isto fosse muito nebuloso. Só os olhos é que se destacavam, e que olhos! escuros, luminosos, cheios d'um sentimento ardente, se de colera ou de horror não posso determinar. Nunca vi olhos tão cheios de intensa e vibrante expressão. Não olhavam para mim mas fixavam o vacuo. Endireitei-me e fiz um esforço para chamar a mim o meu sangue frio, passei a mão pelos olhos e quando os tornei a abrir aquella figura turva desvanecera-se na opacidade geral, o espelho esclareceu-se e lá estavam de novo os resposteiros encarnados.

Um sceptico diria sem duvida que eu adormecera sobre os meus algarismos e que a minha visão fora apenas um sonho. Na realidade nunca estivera tão acordado na minha vida, tanto que, emquanto olhava para a visão, pude racioncinar claramente e dizer a mim mesmo que tudo aquillo era uma impressão subjectiva, uma chimera dos nervos nascida do cansaço e da imsomnia. Mas porque tomar esta forma em particular, e quem é essa mulher, e que horrivel sentimento lhe leio nos formosissimos olhos castanhos que se interpõem entre mim e o meu trabalho? Pela primeira vez não acabei a tarefa que me tinha imposto: talvez seja esse o motivo porque esta noite não tive visão nenhuma anormal. Amanhã hei de trabalhar mais, aconteça o que acontecer.

Janeiro, 11. — Estou bem, e o meu trabalho avança. Aperto a rede, laço a laço, em volta do criminoso, mas talvez elle seja o ultimo a rir-se se os nervos me desamparem. O espelho parece ser o barometro que marca a pressão do meu cerebro. Observo todas as noites que obscurece sempre antes de eu chegar ao termo da minha tarefa.

O dr. Figueiredo (que parece ser um pouco psychologista) interessou-se tanto pelo meu caso que appareceu por cá esta noite para dar uma vista d'olhos ao espelho. Eu já tinha reparado que havia qualquer coisa garatujado, em caracteres muito antigos e tremidos, sobre o metal. O doutor examinou-os com uma lente mas não os pôde decifrar. «Sanc. X. Pal.» foi tudo quanto se pôde apurar, o que nos não adiantou muito. Aconselhou-me a que puzesse o espelho n'um outro quarto, e disse-me que na sua opinião tudo quanto eu pudesse vêr n'elle era apenas um symptoma do meu estado nervoso. Na causa é que está o perigo, os vinte livros de contas é que deviam ser mandados para um outro quarto e não o espelho. Se eu o podesse fazer!

Vou adeantando, estou no oitavo volume.

Janeiro, 13. — Afinal talvez tivesse tido mais juizo mandando pôr o espelho no outro quarto. Hontem á noite tive uma outra visão extraordinaria, e comtudo acho o que me está acontecendo tão interessante, tão fascinante, que mesmo agora conserval-o-hei no seu logar.

Que demonio significará tudo isto?!

Devia ser, pouco mais ou menos, uma hora da noite, estava arranjando os meus livros para me estirar em cima da cama quando *a* vi — ali, deante de mim! O periodo de nevoeiro e de desenvolvimento devia-se ter dado sem que eu o observasse, e lá estava ella em todo o esplendor da sua belleza ardente e desolada, tão nitida como se estivesse realmente em carne e osso na minha presença. A figura era pequena, mas muito clara — tanto, que todas as feições, até mesmo todos os detalhes do seu fato me estão gravados na memoria.

Estava assentada á esquerda, muito á borda do espelho. Via-se indistinctamente um vulto agachado ao seu lado — que reconheci vagamente a figura d'um homem; atraz dos dois tudo são nuvens, nas quaes vejo vultos que se movem. Não é uma simples pintura que contemplo, mas um episodio verdadeiro: ella inclina-se e treme, o homem agacha-se junto d'ella, os vultos que se movem na sombra teem gestos bruscos. O meu interesse palpitante absorvia todo o medo que eu podesse ter. Era de enlouquecer! ver-se tanto e não se poder ver mais!

A mulher, pelo menos, posso descrever e minuciosamente. E' lindissima e muito nova, não se lhe daria mais de vinte e cinco annos, o cabello d'um lindo castanho com

sombras escuras e doirado nas pontas. Traz uma touquinha de renda em bico com borda de perolas, a testa é alta, talvez um pouco alta demais, o que seria um defeito se não desse ao rosto, essencialmente feminino, um leve toque de força e energia; as sobrancelhas são levemente curvas sobre palpebras pesadas, e os olhos, esses olhos maravilhosos — tão grandes, tão escuros, tão cheios da mais profunda expressão de raiva e de horror que luctam com o seu orgulho, esse orgulho e dominio sobre si propria com que tenta esconder o seu desespero. As faces estão palidas, os labios brancos d'angustia, o queixo e o pescoço são admiravelmente modelados. Está sentada e inclina-se para deante na cadeira, tensa e rigida, cataleptica de pavor; o vestido é de veludo preto, uma pedra preciosa brilha-lhe como uma chamma sobre o peito, e um crucifixo de oiro esconde-se na sombra d'uma prega. Esta é a mulher cuja imagem ainda vive no velho espelho de prata. Que medonho feito foi esse que gravou de tal modo a sua passagem ali que numa epoca futura elle se revelou a um homem de quem o cerebro cançado o dispusera para aceitar essa visão?

Um outro detalhe: Em baixo, á esquerda, sobre a saia preta havia qualquer coisa que julguei ser, ao principio, um indistincto laço de fitas brancas, mas depois, ou por reparar melhor ou porque a visão se definisse mais nitidamente, reconheci o que era. Era a mão de um homem, cerrada e convulsionada numa suprema angustia, agarrando phreneticamente as dobras do vestido; o resto dessa figura agachada era apenas um vago esboço, mas aquella mão convulsa destacava-se clara sobre o fundo escuro com uma sinistra sugestão de tragedia no seu desesperado agarrar. Esse homem estava apavorado — horrivelmente apavorado, isso via-se bem. O que o aterrorisava assim?! Porque se agarrava com tamanha ancia ao vestido da mulher?! Só essas figuras que se moviam ao fundo do quadro, e que se via trazerem perigo para elle e para ella, poderiam responder. O interesse de tudo aquillo fascinava-me; já não pensava no estado dos meus nervos, mas olhava e tornava a olhar como se estivesse no theatro. Apesar disso não pude ver mais, o nevoeiro aclarou, houve uns movimentos tumultuosos nos quaes todas as figuras tomaram parte, e depois o espelho retomou o seu aspecto tranquillo.

O doutor diz que tenho de pôr de parte o trabalho durante um dia; felizmente posso fazel-o porque tenho adeantado muito nestes ultimos dias. E' perfeitamente claro que as visões dependem inteiramente do estado dos meus nervos, porque esta noite sentei-me deante do espelho durante uma hora e nada vi. O meu dia de descanço afugentou-as. Haverá um dia em que eu comprehenda o que ellas querem dizer? Esta tarde, com boa luz, examinei o espelho e além da mysteriosa inscripção, «Sanc. X. Pal.», pude ver alguns signaes ou marcas heraldicas que se podiam destinguir muito ao de leve sobre a prata. Devem ser muito, muito antigas, porque estão quasi apagadas. Tanto quanto pude perceber eram tres pontas de lanças, duas em cima e uma em baixo; hei de mostral-as ao doutor quando vier amanhã.

Janeiro, 14. — Sinto-me perfeitamente bem outra vez, e tenciono continuar o meu trabalho, sem interrupção até ao fim. Mostrei os signaes do espelho ao doutor, que concordou que deviam pertencer a um brazão. Está profundamente interessado em tudo quanto lhe tenho contado e fez-me repetir minuciosamente os detalhes. Diverte-me ver como está luctando entre dois desejos oppostos — um que o seu doente perca todos os symptomas da doença, o outro, que o *medium* — porque elle assim me considera — aclare este mysterio do passado.

Aconselhou que continuasse a descançar, mas não se oppoz muito violentamente quando lhe declarei que isso era impossivel emquanto os dez ultimos livros não estivessem conferidos.

Janeiro, 17. — Ha trez noites que não vejo nada. O meu dia de descanço deu resultado, só me resta uma quarta parte do meu trabalho, mas tenho de fazer um esforço porque os advogados reclamam urgentemente o material com que teem de trabalhar; dar-lhes-hei mais do que o sufficiente. Quando realisarem que patife escorregadio e manhoso elle é, hão-de me felicitar pelo meu trabalho. Ha de tudo, contas e balanços falsificados, dividendos tirados do capital, perdas lançadas como lucros, augmento de despezas, desvio de dinheiros — nada lhe falta.

Janeiro, 18. — Tive outra vez todos os symptomas precursores da visão, dores de cabeça, tics nervosos, nevoas na vista, esvaimentos, — e a visão deu-se; e comtudo o meu grande desgosto não é que a visão se desse, mas sim que se desvanecesse antes de me revelar tudo. D'esta vez, ainda assim, vi mais. A figura do homem agachado estava agora tão clara como a da mulher a quem agarrava o vestido. Era baixo e trigueiro, usava barba ponteaguda. Vestia um gibão de damasco enfeitado de pelles; a côr que prevalecia no seu fato era o encarnado. Que pavor lhe contrae as feições! Encolhe-se e treme olhando com pavor para traz. Na mão que tem livre segura um pequeno punhal, mas está muito tremulo e aterrado para se poder servir d'elle. Agora começo a ver mais distinctamente as figuras que estão ao fundo; rostos ferozes, de barba escura, principiam a revelar-se na neblina. Ha entre ellas uma medonha creatura, um homem que parece um esqueleto de faces chupadas e olhos encovados que tambem traz um punhal. A' direita da mulher está um homem alto, muito novo e aloirado, de rosto carrancudo e colerico para quem a linda mulher olha supplicante. Este rapaz parece o arbitro dos destino dos dois, o homem agachado approxima-se mais da mulher escondendo-se nas dobras da sua saia. O rapaz alto curva-se e procura afastá-la d'elle. Isto foi o que eu vi hontem á noite. Não chegarei nunca a saber o que tudo isto quer dizer? Que não é uma simples imaginação, tenho a certeza inteira; algures, em tempos remotos esta scena passou-se e este espelho reflectiu-a. Mas quando? Onde?

ERA A MÃO DE UM HOMEM, CERRADA NUMA SUPREMA ANGUSTIA . . .

Janeiro, 20. — O meu trabalho está quasi a acabar e é bem tempo: sinto uma tal tensão no cerebro e uma sensação de cansaço intoleravel advertindo-me que qualquer coisa dentro da minha cabeça vae estalar. Já fui até onde podia chegar, com um supremo esforço posso acabar hoje a minha tarefa examinando o ultimo livro. Hei-de fazel-o. Quero-o.

Fevereiro, 7. — Consegui. Meu Deus, o que eu vi! Nem sei se terei forças para o escrever!

Quero explicar em primeiro logar, que estou a escrever isto na casa de saude do Dr. Figueiredo, para onde entrei ha quasi trez semanas. Na noite de 20 de janeiro o meu systema nervoso cedeu emfim, e de nada mais me lembro; só recuperei os sentidos no socego d'esta casa e agora posso descançar com a consciencia tranquilla; antes de me render acabei a minha tarefa, as contas estão nas mãos dos advogados. Attingi o alvo.

Agora quero descrever aquella ultima noite. Tinha jurado que havia de acabar o meu trabalho e tão absorto estava nelle, que embora sentisse a cabeça a estalar, só levantei os olhos depois de ter feito a ultima somma. Embora tivesse consciencia que coisas extraordinarias se estavam a passar no

espelho (sentia-o nas vibrações dos meus nervos e sabia que se olhasse para lá, estava perdido) só olhei depois de ter acabado. Então, atirando com a penna fóra, com a cabeça a latejar levantei os olhos e que espectaculo aquelle!...

O espelho na sua moldura de prata era como um palco brilhantemente illuminado, onde um drama se desenvolvia.

Já não havia neblina nenhuma: a oppressão dos meus nervos tinha feito esta espantosa nitidez. Cada feição, cada movimento estava tão vivamente desenhado como na vida real. Pensar que um guarda-livros cançado, o ser mais prosaico do mundo, tendo ali os livros de contas dum fallido fraudulento, fosse escolhido entre todos os homens para presencear tal scena!

Eram a mesma scena e as mesmas figuras, mas o drama tinha adiantado um pouco. O rapaz alto segurava nos braços a mulher, ella esforçava-se por lhe fugir e olhava-o com odio; os outros tinham arrastado o homem para longe d'ella e alguns rodeavam-no. Eram homens de grandes barbas e olhar selvagem; apunhalavam-no e pelo movimento dos seus braços pareciam todos feril-o ao mesmo tempo; o sangue não corria — esguichava, — o seu fato encarnado estava todo salpicado, o desgraçado atirava-se de um lado a outro vendo-se n'uma bola purpura sobre carmesim. Elles feriam sempre — e o sangue jorrava sempre — era horrivel, horrivel!... Arrastaram-no, luctando ainda, para a porta. A mulher olhava para traz com a bôca entreaberta. Eu nada ouvi mas adivinhava-lhe os gritos! E, ou fosse por esta visão que me torturava os nervos, ou porque, acabado o meu trabalho, o excessivo cansaço d'estas semanas passadas caissem sobre mim com um peso esmagador, o quarto pareceu girar, o sobrado afundar-se-me debaixo dos pés, e de nada mais me lembro.

De madrugada a dona da casa achou-me estendido, sem sentidos, deante do espelho de prata e nada mais soube até ha trez dias que acordei na paz profunda d'esta casa de saude.

Fevereiro, 9. — Só hoje contei ao Doutor o fim da minha visão, por elle não ter consentido que eu lhe falasse nisto antes. Escutou-me absorto e interessado. «Não identifica isso com nenhuma scena, muito conhecida, na historia d'Inglaterra?» perguntou-me desconfiado. Garanti-lhe que me era absolutamente estranha a historia d'Inglaterra. «Não tem a menor idéa d'onde veiu aquelle espelho e a quem pertenceu em tempos?» «Eu não, e o senhor sabe alguma coisa?» perguntei-lhe por vêr que elle falava com intenção.

«E' inacreditavel, continuou, e comtudo de que outra maneira se poderia explicar? As scenas que ao principio me descreveu, suggeriram-me uma desconfiança e agora já passou todos os limites da coincidencia. Esta noite tirar-lhe hei uns apontamentos.»

Mesmo dia, mais tarde. — O Doutor acaba de me deixar e vou tomar nota das suas palavras, o mais exactamente que puder. Começou por pôr em cima da cama uns livros muito velhos, dizendo me: «Depois pode consultar estes livros á sua vontade. Tenho aqui uns apontamentos que lhe vou mostrar. Não ha duvida que o que viu foi o assassinato de Rizzio pelos fidalgos escocezes na presença de Mary Stuart, que tanto o amou. Essa scena occorreu em março de 1566. A descripção que faz da rainha é exacta; a testa alta e as palpebras pesadas junto a uma grande belleza, não se podem applicar a uma outra mulher. O rapaz alto era seu marido Darnley. «Rizzio, diz o chronista, trazia vestido um gibão largo de damasco, calções de velludo avermelhado; com uma das mãos agarrava no vestido da rainha e na outra um punhal. O tal homem de olhos encovados era Ruthven, que havia pouco se levantara d'uma grande doença. Todos os detalhes são admiraveis.»

«Mas porque fui eu o escolhido, perguntei attonito, porque fui eu entre todos os homens escolhido para vêr tal coisa?»

«Porque o seu estado mental o tornava apto para receber a impressão, porque aconteceu ser dono do espelho onde essa medonha scena estava gravada.»

«O espelho! Parece-lhe então que este espelho fosse de Mary Stuart e que estivesse no mesmo aposento onde se commetteu o assassinato?»

«Estou convencido que este espelho era d'ella. Tinha sido rainha de França, por isso toda a sua propriedade pessoal devia estar marcada com as armas reaes francezas. O

que julgou serem pontas de lança eram na realidade os lyrios de França.»

«E a inscripção?»

«Sanc. X. Pal.? Pode traduzi-la em Sanctæ Crucis Palatium. Alguem marcou sobre o espelho a sua procedencia. Vinha do palacio de Santa Cruz.»

(Versão de Amalia Barbosa.)

«Holyrood! (1) exclamei.»

«Exactamente. O seu espelho vem de Holyrood. Agora acceite o conselho do seu medico: escapou d'esta, não se metta noutra.»

(1) Holyrood, nome d'um palacio na Escocia que significa Santa Cruz.

CONAN DOYLE.

Arte portuguêsa

UM PEQUENO DESASTRE

(Silva Porto.)

Este submersivel, identico ao que se está construindo para Portugal, foi sosinho de Spezia a Stockolmo (4:000 milhas), seguindo a derrota indicada no mappa junto.

Marinha de guerra para Portugal

TODOS os paizes buscam uma solução harmonica para a questão de todos os momentos que é a paz armada.

Tem-se passado annos successivos declarando-nos os parlamentos dos diversos paizes que a unica solução que encontram, é o augmento das dotações para construcções novas. A Italia vae pretextando os augmentos para construcções novas, declarando inimigos provaveis a França e a Austria. Esta ultima, defende as suas propostas de augmentos nos orçamentos militares indicando como inimigo provavel a Italia e argumentando com as necessidades da triplice.

A Inglaterra ataca de frente o problema naval, legitimando-o com os augmentos successivos do armamento allemão, e as necessidades de manter o *two power standart*. Por seu lado a Allemanha não occulta que o seu objectivo consiste em attingir o numero e qualidades dos navios inglezes.

A França, estacionaria durante muito tempo, em virtude da divisão de opiniões no seu meio naval acerca da qualidade dos navios, isto é, da nefasta escola conhecida por *jeune école*, que preconisava a *poussière maritime*, reconstitue a sua esquadra desenvolvendo extraordinariamente as construcções das grandes unidades.

Os Estados Unidos da America do Norte seguem sempre na vanguarda, construindo os maiores navios.

A Russia vae reparando as baixas que teve na guerra, entrando claramente nas grandes construcções.

Todos os outros paizes de menor importancia vão attendendo á sua defeza naval em harmonia com os seus recursos.

A Hespanha está construindo 3 couraçados de 15.700 toneladas armados cada um com 8 peças de $30^{cm},5$.

E' esta nação que mais nos interessa, e cujo desenvolvimento militar nós devemos acompanhar. As nossas necessidades impõem despezas com os armamentos navaes que não convem que fiquem esquecidas pela opinião publica, hoje chamada a discutir os seus interesses.

As condições de vida do nosso paiz são todas ellas determinantes da orientação que devemos dar á nossa defeza.

Temos uma linha de costa sensivelmente egual á nossa fronteira terrestre, mas o nosso commercio maritimo é bastante mais importante que o da fronteira de terra. A nossa situação geral para com o Brasil garante um commercio maritimo de muito valor, que sommado ao commercio com o nosso vasto imperio colonial, já desenvolvido mas em circumstancias de poder tomar muito maior desenvolvimento, permitte assegurar a existencia de uma corrente commercial, cujo valor é difficil de calcular desde já.

O nosso desenvolvimento colonial depende sobretudo do movimento emigratorio, que deviamos fazer convergir para as nossas colonias, como unico meio de substituir por uma raça de qualidades, a raça negra, indolente e má para o trabalho, e de converter as enormes extensões incultas em prasos agricolas, arrancando ás regiões mineiras os metaes de que carecem os nossos mercados.

O SUBMERSIVEL «HVALEN» NAVEGANDO SUBMERSO A TODA A FORÇA
(Notar a perfeita horisontalidade do barco)

Da forma como está hoje abandonada a nossa emigração, esta não constitue um elemento de alto valor para o desenvolvimento commercial. A emigração para o Brasil já de ha muito devia estar sujeita a regras muito especiaes, que tornassem a emigração para aquella região um exodo seleccionado, de forma a elevar intellectualmente a qualidade da colonia.

Só por esta fórma poderiamos concorrer com as colonias extrangeiras na nação nossa irmã, conservando o ascendente que até ha pouco iamos mantendo.

Deviamos enviar para essas Terras de Santa Cruz, homens com educação commercial e industrial, com cursos de architectos, de engenheiros, de medicos, etc., de forma que acompanhassemos o desenvolvimento intellectual não só das colonias extrangeiras como até do proprio Brazil.

Para o engrandecimento da nossa colonia no Brasil não precisamos enviar os indigentes, que só vão difficultar as prosperidades dos que para lá foram anteriormente.

Aos indigentes da metropole deviamos garantir o trabalho nas nossas colonias até ao ponto em que o exodo deveria ser seleccionado pela mesma ordem de ideias que já expuzemos

Estas razões, simplesmente esboçadas, referem-se á parte commercial, mas as de ordem militar não são menos importantes.

Todo o paiz civilisado, tem por dever proteger as suas colonias de emigração.

Concentrar essas colonias de emigração em poucas regiões é um objectivo da maior importancia para as questões commerciaes e militares.

Ainda n'este ponto, como em todos os outros, tudo está por fazer.

As nossas colonias de emigração existem

em todos os pontos do globo, em numero avultado, e a protecção a este *ensemble* seria materialmente impossivel, ainda que qualquer d'ellas constitua nucleo de valor.

Regrada porém que seja a emigração para o Brasil, e encaminhada que seja a emigração em grande escala para as colonias, veremos em pouco tempo progredir enormemente o commercio maritimo para essas regiões.

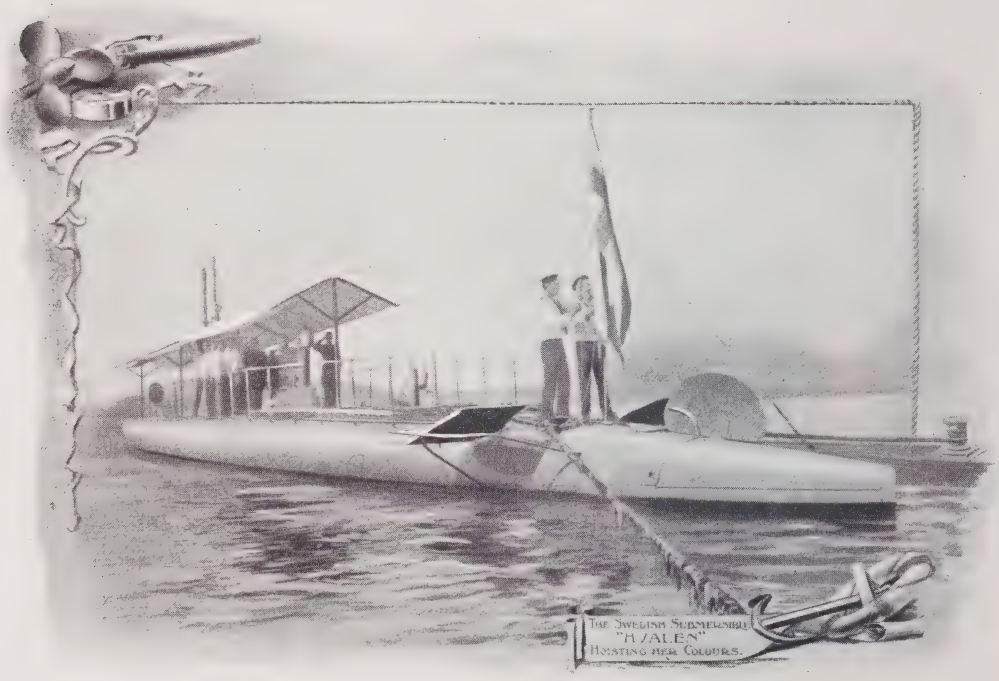
Desde 1907 que ataco este assumpto e só tenho encontrado um valioso apoio na douta opinião do meu camarada e amigo dr. Nascimento, cujas qualidades de colonisador e de pertinaz defensor do meio, é obvio relatar.

Mas lançando mão de conhecimentos sobre outros paizes, eu affirmo que a Allemanha e a Italia devem em grande parte o seu desenvolvimento recente á judiciosa pratica que adoptaram relativamente a assumptos de emigração.

De todos estes elementos colhidos aqui rapidamente, podemos affirmar que o nosso commercio é essencialmente maritimo.

Se juntarmos a este valiosissimo argumento, a necessidade de portos maritimos que permittam assegurar esse commercio, e sobretudo a natureza da nossa costa, ilhas e colonias, concluimos que a nossa defeza maritima se impõe como necessidade impreterivel.

Já varios governos da monarchia o tinham declarado em côrtes, e agora o governo da Republica entendeu estudar francamente um problema de tão grande importancia, nomeando para isso uma commissão de quarenta officiaes de marinha.



SUBMERSIVEL SUECO «HVALEN», IDENTICO AO QUE SE ESTA' CONSTRUINDO EM LIVORNO PARA PORTUGAL

Coube á minha humilde pessoa a honra de secretariar essa commissão e ser o relator de varios projectos de organica, que definem a nova organisação geral a adoptar.

A classe de unidades a escolher foi um problema complexo, porquanto as opiniões (e o mesmo succede nos grandes centros navaes extrangeiros) divergem quanto ás caracteristicas dos navios, o que me é defendido relatar.

Relativamente á escolha do material, assentou esta commissão no maximo urgente e

d'elle partiu até um minimo, que as circumstancias aconselham a não passar, realisando assim o ponto de partida para um programma naval harmonico com as necessidades de momento e com as finanças do paiz.

A necessidade inadiavel da acquisição do material impõe-se, porque de facto nada temos que mereça o nome de material naval, e o que temos só aproveitará como material para treno das futuras guarnições.

O objectivo primordial hoje em dia em combates navaes, consiste em atirar sobre o inimigo o maior numero de projecteis, carregados com uma carga maxima de um alto explosivo, ou seja um explosivo de grande poder destruidor.

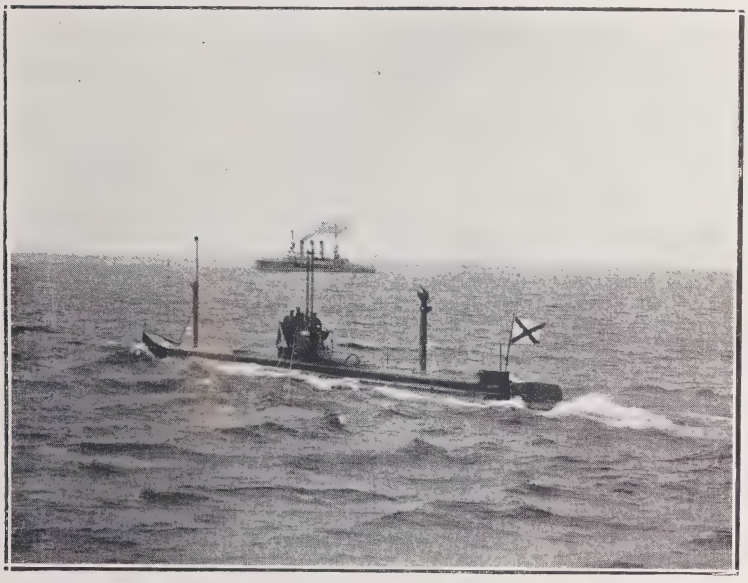
Para realisar este objectivo, consideram-se varias circumstancias que são as determinantes das diversas caracteristicas.

Para realisar o maior numero de tiros empregam-se grande numero de peças; e para que ellas atirem projecteis de grande capacidade com alto explosivo escolhem-se as que a industria fornece de maior calibre, isto é, de maior diametro interno.

E por isso vemos irem-se substituindo successivamente os navios com 4, 8, 10, 12 peças de grande calibre, e substituir successivamente os calibres de 28^{cm} por $30^{cm},5$, por $34^{cm}.5$ e já por 36^{cm} á medida que os processos industriaes permittem construir tão complexos engenhos.

D'aqui vemos que um navio por exemplo com quatro peças de $30^{cm},5$ não pode levar vantagem a um com 8 peças com os mesmos $30^{cm},5$ e que um navio com 8 peças de 36^{cm}, deve levar vantagem a um com as mesmas 8 peças mas de $30^{cm},5$.

Mas a complexidade do problema não está só no que acabamos de apontar.



UM SUBMARINO RUSSO (CLASSE KARP) EM MANOBRAS NO MAR NEGRO
(Ao fundo, o couraçado «Pantelimon»)

Se por um lado cresce o numero de boccas de fogo, por outro lado o navio deve defender-se cada vez mais contra os projecteis do inimigo.

E assim vemos que se antigamente a protecção couraçada se limitava a uma faxa na linha d'agua com pouca altura acima d'esta, e ás torres com as grandes peças, hoje, como o numero de projecteis é muito maior, e tem augmentado o seu effeito destruidor, precisamos defender a artilharia e as partes vitaes do navio, com muito maior superficie de couraça e esta com bem maior resistencia.

Ora todos estes augmentos são racionaes mas implicam com outro augmento.

O maior numero de boccas de fogo de grande calibre, as suas torres, os seus projecteis, e a enorme superficie blindada absorvem um peso enorme, que só encontra compensação no augmento progressivo do deslocamento.

E por isso vemos que ao crescimento apontado de numero de peças, de calibres, e couraça, correspondem os augmentos de

deslocamento de 15.000 toneladas para 16.000, 17.000, 18.000 e até 30.000 toneladas.

A este acrescimo de deslocamento, corresponde, é claro, um acrescimo de custo.

D'aqui provém o assombro de muita gente, quando vê a avultada somma que custa um couraçado.

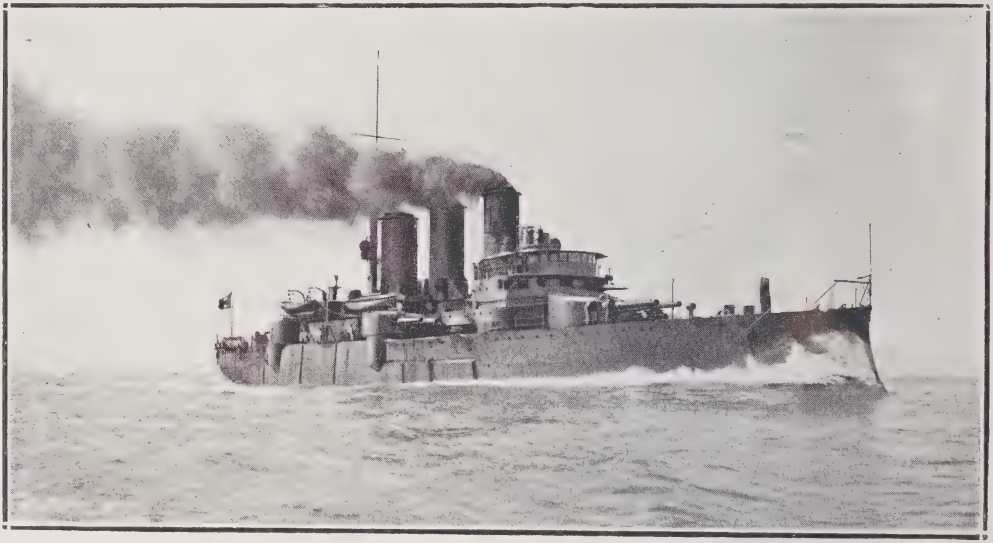
Mas não nos deixemos levar pelo extase dos numeros e procuremos raciocinar.

E' verdade que uma esquadra reduzida a um minimo de três navios couraçados custava alguns milhares de contos de réis, mas não olhemos só para a despeza imme-

pre motivados por questões de interesses, applicam as nações o direito a que chamaremos juridico empregando as chancellarias para troca de razões e explicações. Mas como garantem as combinações reciprocas? Pelo direito da força que é unico que prevalece desde que existe a humanidade.

Os grandes armamentos são a garantia das grandes ambições das potencias.

Estas ambições são sempre de guerra sem treguas, porquanto se iniciam pela guerra commercial, que é de vida ou de morte, e terminam pela guerra de esquadras contra esquadras, de exercitos contra exercitos.



UM DOS ULTIMOS COURAÇADOS ITALIANOS: O «PISA»

diata, procuremos tambem o que colheriamos com esse emprego de capital.

A todas as questões da humanidade preside uma especie qualquer de direito.

Umas liquidam-se applicando o direito na accepção juridica da palavra, outras o direito da força.

O emprego do primeiro é sempre seguido do segundo.

Assim quando um tribunal condemna um reu, é a applicação do direito juridico, mas a execução da pena é um direito de força da sociedade.

Assim succede entre as nações. Aos milhares de litigios internacionaes, que são sem-

Pretender, já, na época presente, modificar este estado geral, semi-selvagem, talvez, da humanidade, é tentar um impossivel.

E' luctando que o homem nasce e se cria, é luctando que vive e que morre.

Mas como proteger da cubiça das outras nações, os enormes capitaes empregados nos nossos territorios em propriedades, melhoramentos, estradas, caminhos de ferro, propriedade agricola, etc., em uma palavra, como defender os nossos interesses e a nossa terra?

Então todo este capital deve estar á mercê de um golpe de mão?

Não será um juro enorme do capital empregado na defeza, a garantia dos bens na-

cionaes, dos elementos de riqueza individuaes e collectivos, e o tratarmos com segurança do nosso commercio e industria?

SILHUETAS DOS MAIS RECENTES COURAÇADOS
I — Inglês, tipo *Neptune*

São esses, sem duvida, os fructos beneficos de um secrificio financeiro, para o nosso paiz.

A's forças de defeza compete a guarda do territorio, e segurança dos seus interesses.

Se o commercio e a industria para se desenvolverem, precisam guerrear o commercio

SILHUETAS DOS MAIS RECENTES COURAÇADOS
II — Allemão, tipo *Nassau*

e a industria estrangeira, é natural que essa lucta se vá prolongando e crescendo até um dado limite.

Esse limite é sem duvida attingido quando um suplante o outro, isto é, quando uma nação perca a sua influencia commercial em determinada região.

SILHUETAS DOS MAIS RECENTES COURAÇADOS
III — Americano, tipo *North Dakota*

Da importancia d'essa região, commercialmente, depende a tensão de relações e d'ahi a guerra.

Em geral a guerra tem logar, e a historia é fertil em exemplos, quando o motivo da discordancia é muito menos importante que a perda da hegemonia commercial sobre um mercado qualquer.

O bom senso indica, portanto, que, para bôa politica de uma nação, deve esta assegurar a sua defeza por todos os meios ao seu alcance.

Mas dir-se-ha que nós, os portuguezes, não poderemos sequer esboçar essa defeza,

SILHUETAS DOS MAIS RECENTES COURAÇADOS
IV — Brazileiros, *Minas Geraes* e *S. Paulo*

pela ausencia completa de recursos, e que, quando podessemos desde já adquirir o material, nos escasseavam os recursos para o mantermos.

Já mais de uma vez os officiaes de marinha teem demonstrado o contrario.

A actual commissão de marinha propõe

UM SCOUT BRAZILEIRO: O «BAHIA»

a acquisição de 68:000 toneladas divididas por diversas unidades, e não pede para o seu custeio mais do que está estipulado no orçamento actual.

Por outro lado, é nosso dever tambem esclarecer o publico sobre um ponto que desvirtua a verdade.

Suppõe muita gente que um paiz pequeno se poderia defender com *destroyers* e submersiveis.

E' um erro grave.

Limitar o nosso armamento naval a este material, é limitar a acção militar do paiz á simples defensiva.

Ora em assumptos militares só pode sêr efficiente a defensiva mas de caracter offensivo, isto é, só pode dar resultados um nucleo de navios que pelo seu numero limitado, conduz o paiz a uma politica moderada, mas esse nucleo de navios deve ter elementos para poder desenvolver uma attitude offensiva, sendo necessario.

A simples defensiva, conduz o paiz e as forças que o defendem, a uma attitude de pessimismo precursôra da mais completa derrota.

E' portanto imprescindivel que Portugal cuide da sua defesa, e que realise com ella um sacrificio que em pouco tempo terá a maior remuneração.

Os assumptos diplomaticos facilitar-se-hão, consolidará uma alliança que lhe dará enorme valor, e a sua politica de desenvolvimento encontrará um caminho perfeitamente aplanado.

«E' o medo que guarda a vinha», diz o nosso povo, e esta maxima tem completo cabimento na politica internacional.

Terminamos estas linhas lembrando uma phrase, que já lembrámos em uma conferencia que fizemos em 1907 na Liga Naval, e que a nosso vêr, é sempre bom lembrar emquanto se não realisar a consolidação da nossa defesa.

Diz o grande general allemão Van der Goltz:

«Nenhumas demoras se pagam mais caras, do que as que houver na realisação de uma marinha de guerra.»

ALVARO RIBEIRO,
2.º tenente

O significado da obra de Wagner

DURANTE muito tempo a obra de Richard Wagner viveu unicamente nos dominios da musica; foi Liszt, o grande amigo de Wagner, que se encarregou de a apregoar na Allemanha, offerecendo a garantia do seu nome, e apenas os criticos musicaes procuravam estuda-la, esmiuçando processos que eram afinal um detalhe da sua construção artistica. Affirmado o seu nome, reconhecido mesmo o seu logar na evolução da musica, a sua technica entrou a ter a conhecida influencia sobre os compositores do nosso tempo.

Wagner era para todos um musico que buscára novos achados de harmonia, processos novos, o filão riquissimo de meios inéditos de expressão. Mas o caracter fundamental da sua obra permanecia desconhecido, ou pelo menos inteiramente ineficaz: era apenas o *Wagner musico* que exercia influencia sobre a arte contemporanea.

Os seus trabalhos de esthetica, onde o conceito do *drama musical* aparecêra definido, tinham-se publicado ahi por 1850. De então para cá, demandando o caminho encontrado por Wagner, novos estudos tinham aparecido. Eugène Veron foi discutido; os livros de Guyau tivéram uma larga repercussão; e entretanto as linhas claras e firmes da esthetica wagneriana continuáram desconhecidas dos proprios criticos, que se apoiavam ainda em conceitos metaphysicos, ou em criterios experimentaes incompletos. O Wagner que o publico conhecia era apenas o Wagner compositor, talvez um pouco pela subita mudança que a sua technica imprimia aos moldes canonizados e aos canones da *opera italiana*. As suas obras eram chamadas por toda a gente *as operas de Wagner*, ignorando-se que a fórma artistica que o artista mais combatêra fora precisamente a do modelo postiço, informe e vasio que ainda vivia entre as aplausos calorosos tributados a Rossini pelas côrtes aristocratas e nas carreiras faceis dos modernos compositores da Italia.

E comtudo Wagner encontrou-se acidentalmente musico, servindo-se da musica como simples meio de expressão, como simples com-

plemento de estados sentimentaes que a poesia em si seria inapta a acordar e a transmittir.

O movimento symbolista tomou um particular interesse pela obra de Wagner, estudou-a em detalhes, e vendo-a embora sob o aspecto *decadista* que nella então distinguiam, contribuiu em muito para a sua intelligencia. Peladan, intitulando-se discipulo do «heroi de Beyreuth», ao publicar em francês o entrecho do theatro de Wagner, collocava acima de tudo a necessidade duma propaganda geral, que explicasse Wagner escriptor, Wagner litterato, Wagner homem-de-theatro. Esse aspecto decadista da esthetica wagneriana procedia apenas do parallelismo entre um dos *elementos de acção* que Wagner fazia intervir na obra de arte, elemento que era afinal só por si a base da esthetica symbolista. Sob a denominação de *elemento humano*, Wagner designava o typo commum dos sentimentos geraes que caracterizam a alma humana — que dão á alma humana o seu angulo fundamental. Considerado o *elemento humano* em relação a qualquer aspecto dominante da evolução, localizado em determinado momento historico, necessario se tórna conjugar dois processos, unindo-os no mesmo laço: a *acção exterior* dando os aspectos externos do logar, do tempo, do meio, das figuras e da sua vida, e a *acção interior*, fixando o aspecto dominante e intimo. Ora a acção interior, como num livro perfeito sobre *Soares dos Reis e Teixeira Lopes* notou Antonio Arroyo, era o ponto de contacto entre a esthetica de Wagner e os conceitos symbolistas, sabido que os seus adeptos, dando á vida externa logar secundario, procuravam no fundo a essencia da vida. Conjugando os dois elementos, Wagner lançava as suas construções em linhas simples e grandes; fazendo intervir a *acção externa*, ligando-a indissuluvelmente á *acção interna*, produzia o aspecto de real, que cada uma das suas obras — obras de scena — lhe exigia.

WAGNER

O drama musical wagneriano representa por isso mesmo uma forma artistica integral, que certamente não poderia ser obtida á custa da simples musica, mais apta á

transmissão das grandes commoções intimas, ao que Wagner denominava — *acção interior*.

E' que Richard Wagner foi acima de tudo um poeta. Para dar expressão *completa* á sua obra, serviu-se da forma litteraria mais vasta — o *drama;* e para o encher dum conjuncto total de expressões que delle fizesse a obra de arte integral, inconscientemente achou que só a musica poderia completar a forma poetica.

trução musical em obra de arte definitiva. Wagner escrevia reaes e verdadeiras tragedias, onde a musica iria occupar um logar de conjuncto na expressão emocional e apaixonada.

Desta forma o drama ficaria incompleto sem a parte musical, que nelle se integra e donde se não póde separar. Realisa-se a conjugação de duas formas expressivas, só por si incapazes de darem a complexidade do drama humano tal como Wagner o

«O NAVIO PHANTASMA» — ACTO II, SCENA I

O proprio Amiel ouvindo em Genève o *Tanhaüser* por maio de 57, observa na memoria que disso deixou no *Journal intime:* «Wagner é um poderoso espirito que tem o sentimento da alta poesia. A sua obra é mesmo mais poetica que musical.»

A musica foi assim para Wagner um simples meio de expressão, e nunca uma forma artistica que dê base á sua obra.

A *fórma* da ópera, de que usou, representa apenas o meio mais apto, pelas qualidades scenicas, a poder desenvolver o *drama musical.* Porque, escrevendo os seus poemas, Wagner não pretendia obter o *libretto* sobre que futuramente se apoiasse uma conscon-cebia. Inutil é pois para o estudo critico da obra de Wagner procurar separar aptidões poeticas e aptidões musicaes: o *drama musical* é um todo organico, — e todas as inovações com que o Wagner-musico enriqueceu as formas de expressão musical sam méros detalhes de technica em que o analysta da sua obra se não póde deter.

Quando Wagner tratou em drama *Frederico Barbaroxa,* nunca durante o seu trabalho viu a necessidade de fazer intervir a musica. Desta fórma o problema da fusão da poesia e da musica assumiu para Wagner um aspecto definitivo na seguinte interrogação: «Qual é o thema que tem ne-

cessidade dum modo de expressão tam sublime?»

A resposta achou-a Wagner — em todos

«O NAVIO PHANTASMA» — ACTO II

os assumptos que giram em torno dum *elemento humano*. A intervenção do *elemento humano*, dando o caracter de generalidade ás grandes obras de arte, já por Wagner tinha sido inconscientemente feita no *Tanhaüser* e no *Lohengrin* e irá encontrar o supremo abraço no *Annel do Niebelung*.

O drama integral, no seu duplo aspecto concentrico, da tragedia *interiorizando-se* e da symphonia *exteriorizando-se* numa acção scenica, analizado d'esta forma, revela-nos o angulo fundamental do caracter artistico de Wagner. Wagner era antes de tudo um poeta dramatico; vendo o que o arcaboiço da opera poderia dar em contribuição para a obra de arte integral, reconheceu que a musica, seu elemento dominante, tendia a esterilizar-se se por ventura não fosse fecundada por elementos novos, factos novos. Foi á *poesia*, eternamente nova, que Wagner pediu o *elemento masculino* que iria fecundar a *musica, elemento femenino*, tornando-se sempre nova e fresca pela vida que a inextinguivel riqueza poetica lhe emprestava na sua fusão.

Nietzsche, escrevendo a *Origem da Tragedia* sobre a influencia da obra de Wagner, atribue á musica papel opôsto na arte grega, afirmando que só a sua força herculea transformaria o mytho na tragedia; e invectiva Euripedes — o sacrilego — por perder a intelligencia do mytho ao escrever as suas obras, e com ella o genio da musica. Para Nietzsche, a musica dava ao mytho «uma força nova e um sentido mais profundo»; mas Wagner entendêra admiravelmente o que Nietzsche não soube ver — que a musica era assim um meio de expressão que iria dar ao fundo sempre novo do mytho essa «força nova» e esse «sentido mais profundo».

Quando Wagner, por alturas de 1850, abandonava Weimar em direção a Paris, pensou em escrever dramas puramente lit-

«O NAVIO PHANTASMA» — ACTO III, SCENA II

terarios. Numa epocha em que o artista fazia as suas publicações criticas, definindo a sua esthetica, este facto é uma affirmação do seu aspecto poetico-fundamental.

De resto, o *drama musical* como Wagner o realisou, de ha muito era presentido por escriptores e musicos que dum e doutro lado sentiam as suas formas acanhadas para darem expressão completa a assumptos determinados. Shakspeare, o creador do drama moderno, presente já a necessidade da musica para animar a poesia e exprimir os fundos sentimentos. Goëthe sentiu-a nitidamente, e nitidamente a exprimiu. Beethoven, pelo seu lado, realisando em derradeira creação genial a Nona Symphonia, pedia á poesia o complemento desses aspectos que a musica isolada lhe não poderia dar; e nada é mais torturante que reconhecer as vezes que Beethoven ensaiou e retomou este final até dar os coros á sua symphonia. Já em 1808 Beethoven tentára

«TANHAUSER» — ACTO I, SCENA II

HANS MAKART: O COMBATE DOS GIGANTES — «O ANNEL DO VIELELUNG»

uma obra para piano, orchestra e coros. *(Fantasia para piano com orchestra e córos)*, em união, sobre um thema seu, já

HANS MAKART: COMBATE ENTRE SIEGFRIED E HUNDING — «O ANNEL DO VIELELUNG»

realisado (o *lied* escripto em 1795: *Soupirs d'un amant dédaigné);* mas quando a Nona Symphonia precisou de fallar tam fundo e tam claro como a propria palavra, a voz veiu em soccorro da musica, e o coro nasceu da symphonia. Quando Beethoven começava a escrevê-la, Rochlitz propoz-lhe por conta da casa «Breitkopf und Haertel» escrever sobre o *Fausto* peças symphonicas dramatizadas. Beethoven recebeu o projecto tomado de enthusiasmo. E acrescentou: «Aqui está uma grande obra a realisar.»

Ainda em Dresden, no Gymnasio, Wagner tinha composto uma tragedia sobre a mais reconhecida influencia de Shakspeare. Ia termina-la quando a familia resolveu partir para Leipzig. Foi ahi nos concertos do *Gewandhaus* que ouviu pela primeira vez as partituras symphonicas de Beethoven. E foi tal a impressão que a musica communicou ao seu espirito de adolescente que nada mais quiz fazer na tragedia antes de para ella escrever musica. «Não duvidei um instante de que poderia escrever esta musica, que eu tinha reconhecido indispensavel *(Ich traute mir ohne alles Bedenken zu, diese so noethige Musik selbst schreiben zu koennen,* Wagner, I, 9. ed. Fritzsch, Leipzig.).

Por isso mesmo, a sua obra é a consequencia natural da de Beethoven; nada tem com a *opera* que apenas vivia por um processo material e technico.

E' certo que durante algum tempo, durante alguns dos annos de crise, Wagner tentára no Theatro Real de Dresden reformar a opera, dando-lhe uma tendencia definida no sentido do seu ideal artistico. Mas elle proprio vem dizer a breve trecho o

HANS MAKART: SIEGFRIED E SIEGLUNDA — «O ANNEL DO VIELELUNG»

fracasso dos seus esforços; e cheio de desgosto, pela actividade perdida, Wagner confessa nada ter a concertar nessa banal e

«frivola instituição». Saindo de Dresden, onde o retinha o seu logar de *Kapellmeister*, proscripto, aquando da Revolução de 49, — Wagner exclamava, liberto dum peso enorme:

— «Dresden ia sendo o tumulo da minha arte.»

Devia ter sido o artista enorme dessa Nova Symphonia, que Wagner chamava — um Evangelho Humano, quem lhe diria o caminho reservado á musica como arte formada e integrada num conjuncto. Fructo do romantismo, o symphonista Beethoven não poderia elevar-se á contemplação de um ideal largamente humano, abrangendo na mesma visão a serie infinita de aspectos que Wagner synthetizou em typo no *elemento humano*. Outro romantico tambem, Hoffmann presentia na musica um mundo novo, para elle desconhecido.

Só no abandono decisivo do prisma da diversidade para a unidade perfeita essa imagem encheria a retina dum artista.

Schiller, quando pedia a musica para completar as suas creações poeticas, adivinhou a fórma nova. Presentiu-a Goëthe, entrevendo uma acção commum da poesia, da musica e da arte theatral. E como é facil de ver na evolução da opera, tendencialmente apoiada na tragedia grega até Gluck, adivinháram-na esses artistas que julgáram possivel juntar o theatro antigo com a musica moderna.

DO ACTO I DO «TRISTÃO E ISOLDA»

De resto o proprio Wagner comprehendeu o seu logar, como producto da evolução das formas estheticas, affirmando que a essa creação alguma coisa haverá sempre a juntar de novo.

E não se diga que pelo simples facto de Wagner ter sido durante quinze annos um musico de profissão, a sua obra fosse orientada sobre um aspecto *fundamentalmente* musical. Esses quinze annos constituem na sua vida a crise intellectual que se abriu ao fim para uma consciencia clarissima da função da arte; são quinze annos de crise mental, acompanhados sempre por uma crise financeira que obrigava o artista ao successo do *Rienzi* e a reger orchestra em Riga, em Dresden, em outras partes onde acidentalmente se encontrava. Quando mais tarde, no seu theatro de Bayreuth, Wagner vivia em desafogo e em plena posse de recursos, tudo elle poderia fazer nos seus dramas, tudo — di-lo elle — menos ser chefe d'orchestra.

E' que na obra de Wagner não ha a preferencia por qualquer meio de expressão.

Considerando apenas dignos de serem tratados pelo Drama Musical conflitos largos, cuja mola real fosse o *elemento humano*, Wagner devia querer para a interpretação d'esse drama geral uma expressão completa. Pela primeira vez, depois da Tragedia grega, o homem póde ser olhado no seu conjuncto, e para essa visão conseguiu achar-se *fór-*

ma no drama wagneriano. Para Wagner, o homem considerado na sua totalidade, não poderia encontrar expressão total na *poesia,* que tomando para ponto de partida o mundo visivel e intelligivel se eleva ás culminancias ideaes atravez da imaginação; a poesia é um elemento, o que nos leva a ver o *homem exterior.* A *musica,* pelo seu caracter emotivo, dirige-se ao *homem interior.* Esse mundo vago e profundo, que é a musica, elevando as nossas faculdades a uma altura tal que as coisas do mundo nos ficam veladas, enchendo a expressão dos sentimentos duma eterna grandeza, deve ser o berço em que a poesia é gerada, quando

DO ACTO II, DO «TRISTÃO E ISOLDA»

ambas sejam chamadas ao mesmo assumpto. Se a poesia corresponde á imaginação, a musica corresponde ao ouvido; restava ao drama o correspondente á vista. E pela *mimica* — a dansa da tragedia grega — Wagner completava o quadro dos meios de expressão conjunctos que poderiam realizar o drama integral. Só a fusão das formas de expressão, cada uma dirigida a seu orgão, poderiam mostrar o homem considerado na sua totalidade (1).

Assim seria a musica a linguagem das emoções e dos sentimentos, cujo thema a poesia tornaria concreto e real; e a linguagem *fallada* iria precisar os caracteres a que linguagem emocional não poderia dar um recorte vivido e inteiro.

Uma obra que se socorre de todos os meios de expressão, deve ter por fundamento um thema digno dessa potencia expressiva Wagner lembra algures que quando a musica aparece realizando um thema, certo é que elle anda longe do mundo das convenções e fórmulas, para viver numa camada ideal onde as pequenas coisas transitorias nunca entraram. O fundo caracteristico das suas obras só poderia vir da largueza dum *elemento humano,* — que Antonio Arroyo chama melhor — *o elemento integral.*

O que é o *elemento humano*?

Todo o assumpto em que vive o angulo fundamental da alma humana, e a sua intima expressão, conflictos geraes libertos das convenções do mundo, da propria historia, e pairando alto na região donde se abrange em vista egual o caracter da especie, na sua trama e na sua vida intima.

Num livro sobre Wagner, Lionel Dauriac, a proposito do *Navio Phantasma,* tem uma definição do *elemento humano* que me parece em extremo clara: «Em que difere o *Navio* do *Rienzi?* A intenção do poeta

(1) O autôr limita-se naturalmente a expôr estes traços da esthetica wagneriana, sem de qualquer fórma fazer suas as afirmações de Wagner. A crítica ao conceito do drama musical, acabado de expôr, levaria longe no limite dum simples artigo. Ella encontra-se feita em tantos livros que inutil seria reeditá-la. Os trabalhos de Lichtemberger *(Richard Wagner, poète et penseur, Wagner (Les maitres de la musique), L'Allemagne moderne),* de Ernst e Noufflard, Schurée, e Robert *(Philosophie et drame),* e sobretudo de Houston Steward Chamberlain *(Richard Wagner* e *Le drame wagnerien)* fazem-na perfeitamente. No citado livro *Soares dos Reis e Teixeira Lopes,* Antonio Arroyo faz uma notavel exposição dos principios da esthetica wagneriana. O conceito do Drama Musical foi varias vezes expôsto por Wagner nos seus livros *Opera et Drame, L'Art et la Revolution, Lettre sur la musique* (in *Quatre poèmes d'operas), L'Ouvre d'Art,* e sobretudo nas cartas a August Roeckel.

era deixar a historia pela lenda. Realisou-a. A acção não tem logar definido; ou melhor, o logar da acção não influe nem sobre a sua natureza nem sobre a sua continuidade. A acção não se passa em tempo algum: mudem os costumes e o drama ficará no fundo o mesmo. Qual é portanto o seu conteúdo? Um acontecimento de ordem humana, nada mais. O que se passa sobre a scena é o signal exterior duma acção bem mais profunda.»

A obra de Wagner assume assim um caracter representativo que a torna expressiva de ideias geraes. Numa carta a Uhlig, Wagner escreveu: «Wotan é a somma de intelligencia do tempo presente.» Quando o seu processo technico, atraz detalhado, o não fizesse ver á saciedade, a construção do *Annel de Niebelung*, symbolo do momento actual em que a crise religiosa abriu bancarrota aos deuses e a nova mythologia scientifica, não aparecendo nitidamente definida, dá logar á solução pessimista de Goethe, Wagner e Schopenhauer — viria dize-lo sobre o aspecto esthetico. Mas o grande mestre de Bayreuth, realizando as suas obras de arte com a mais clara consciencia, foi precisamente buscar esse *elemento humano*, vital e fundo, ao verdadeiro humus renovador da arte, onde as expressões artisticas renascem continuamente e continuamente acham seiva inexaurivel: ao sub-sólo popular.

Os themas populares de Lohengrin, Tristão e Parcifal (o Percival dos romances), foram durante o cavalleiroso seculo XII assumptos das historias da Tavola Redonda. Pertencia por este tempo a hegemonia á França: e o cyclo gallo-bretão creou essas

DO «PARSIFAL»

maravilhas populares a que os troveiros deram expressão, e que só encontram *pendant* no espiritualismo suavissimo da arte gothica, elevando-nos para o Amor e para Deus na mesma fé ardente que alevanta as almas e se confunde na expressão esthetica do momento.

O elemento gallo-bretão deu na propagação dos poemas do amor e aventuras: o Santo Graal, Percival, a Tavola Redonda percorrêram todas as litteraturas meridionaes, enchendo-as de vida, na riqueza poetica das suas creações.

Pelo seu lado, os mythos politheicos das raças germanicas perderam pouco a pouco o sentido religioso, para ficarem persistindo como themas poeticos: assim se formou o cyclo germanico dos Niebelungen e o cyclo franko das festas Carolingias.

Num momento em que havia a comprehensão de que só os themas *humanos* eram dignos duma obra de arte que tendiam á expressão integral da humanidade, Wagner foi ás velhas fontes da tradição, dessa tradição dos Niebelungen que em tantas variantes se havia fixado na sua lingua, ora por troveiros allemães, ora austriacos. E na sua mythologia, nos seus personagens, no seu largo fundo, encheu a lenda dum sentido consciente, tomou-a como symbolo representativo, abraçou-a e vivificou-a de formas riquissimas através das quaes o sentimento humano palpitasse.

DO «PARSIFAL»

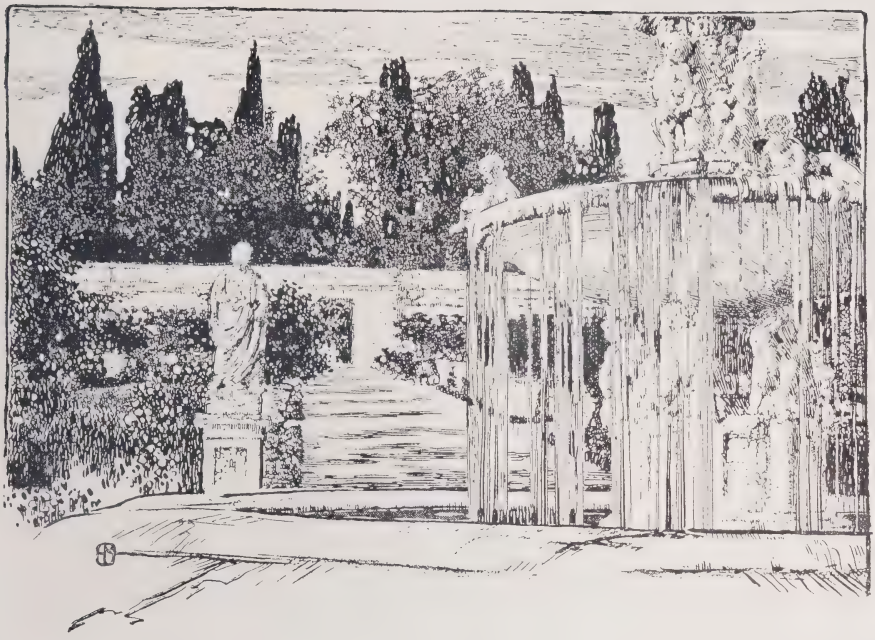
VEIGA SIMÕES.

CONVALESCENTES e todos que necessitem **fortificar o organismo** e **especialmente** o **systema nervoso,** curam-se tomando

Somatose

em pó e liquida (de gosto dôce e secco).

Vende-se nas pharmacias e drogarias.



O elogio da Primavera

Hoje, a manhã despertou noiva, toda florída e branca. Veio o sol cobrí-la com um manto oiro-azul, a paisagem fez-se um verde regaço para ela sonhar o seu amor ancioso.

E abriram alas os choupos, os salgueiros, em rosarios e colunatas, campos fóra, p'ra que ela passasse esplendida, sorrindo...

O rio manso é como um espelho do ceo em cujo seio puro de indefinivel transparencia, emoldurado em flôres e folhagem, a manhã se mira embebecidamente.

Depois, aquela rola, ao longe, embalando o silencio dôce, os rouxinoes entre as laranjeiras toucadas de flôres, nimbadas de virginal perfume, o encanto daquela vozinha de agua corrente, a harmonia do Sol e da Sombra, esta frescura moça e florída, os lilazes, as glicinias, as rosas de neve e as rosas de sangue, — tudo nos diz a primavéra, meu Amor...

Madrugámos com a Primavéra.

Deviamos ter vindo espera-la...

A Primavéra veio, meu Amor, e o seu olhar azul e oiro sorria, e trazia o regaço a transbordar de flôres...

Quando largava os meus olhos encantados pela paisagem fóra, respirando a alma luminosa e alada das arvores moças que amorosamente já nos falam de colheitas, — tive um presentimento, voltei-me, sorrindo, sem a adivinhar. Eras tu que estavas sobre o meu peito, abraçadinha a mim.

E dissêste que os meus lábios sabiam a pétalas de rosa. — Não, meu Amor, eram os teus, decerto...

Viémos ver as rosas, beijamo-las e acarinhámo-las, e os lirios teus irmãos em brancura...

E porque ficámos nós assim, silenciosos e extasiádos, olhos nos olhos, sorrindo, numa contemplação, na ebriedade duma Beleza mais alta adivinhada misteriosamente?

A Primavéra trouxe os lilazes e os lirios, os rouxinoes e as rolas.

A Terra é uma noiva sorrindo enleadas, timidas promessas, castas sob o etereo veo de maravilha, em que perfumes e luz e ceo ondeiam, tecído nas almas profundas e misteriosas das flôres e do Sol.

Não o vês, Amor, na vibração indefinivel da paisagem ao longe, — não vês, Amor, — o veo de luz que envolve a terra num beijo aereo animizado em aroma, todo vibrátil de comoção e inefavel desejo?...

A Primavéra cobriu os choupos e os salgueiros de mocidade, ergueu náves religiosas sobre os regatos, sobre os caminhos que para ti me trazem, elevou catedraes de sombra carinhosas para com as almas, sob o diluvio de oiro novo e profano que fulge nas folhas, e, ás vezes, filtrado pela ramaría, atravessando a macieza da sombra, fecunda luminosamente, em vaporosas, espumeas rendas, — essa pálida Teresa de Jesus toda tomada de divino Amor e saudades do Sol que se chama a Penumbra.

A Primavéra trouxe o encantamento das coisas e da Vida, a alegria placida e rumorosa das fundas seivas ascendendo do coração da Terra, — e as almas, trémulas e videntes, adivinham que sobre as vidas, sobre a harmonia da Primavéra renascida, perpassa um largo sopro do Alem-Mundo, animica seiva que uma Primavéra cósmica e remota ezala...

E as almas respirando-a empalidecem, e os olhos de Amor fitam-se demoradamente, numa divina ebriedade, respirando infinito e Beleza, com saudades de Deus.

Veio a Primavéra e a minha Alma sentiu-te diferente. Coberta de rosas, — ó minha doce pequenina Primavéra, — os teus labios e os teus olhos dizem do nosso Amor uma Beleza maior.

Se te abraço de encontro ao meu peito masculo e virgem, ritmado ao sabor desta alegria de viver que tudo inunda, sinto-te diferente entre os meus braços possessivos e maternos. Se te beijo, — toda a Primavéra, todos os aromas da terra florída e noiva, toda a embriaguês das florescencias, todos os perfumes, — toda a Primavéra a bêbo num largo sôrvo em teus labios túmidos e vermelhos, ardendo...

Não, meu Amor, sam os teus labios, sam os teus labios que sabem a pétalas de rosa.

As seivas ascendem pelos troncos moços, põem as infinitas mãos num trémulo contentamento, numa vêrde prece interminavel, entre a espessa ramaría... Depois, artistas de genio, na eclosão divina da sua Arte admiravel, descerram seus labios em flôr, riem á luz, murmuram palavras de profecía e névoa, que em névoa sobem até Deus, e nós aspiramos. — tecem com a luz o veo de noiva sob o qual a Terra sonha, ruborisada de alegria casta, as alegrias maternaes do Outono, quando as colheitas penderem do seu corpo abençoado, de largos flancos fecundos, de doces olhos humidos e macíos...

Sente-se Deus aquí. Um Deus amoravel, de verdadeira divindade, simples e risonho, idealista e pagão.

Seus olhos divinos poisam encantados nas formas harmoniosas prenhes de Vida e sonho, — e procuram os olhos amorosos das raparigas para neles deixar a pureza da sua vista dôce, emaciada em ternura e deslumbrada de assombros.

Já o viram, entre os vergeis em que os ninhos se ocultam receiosamente, e entre as flôres, esconder o seu apolineo rosto de mocidade e poesía, nos calices frescos e envaidecidos...

As flôres tremíam de comoção, houve desmaios, e certas rosas-chá, de torturada brancura, empalideceram, gelaram-se mais ainda...

E de certos olhos eu sei, beijados olhos do meu Amor, que um dia tiveram a assombrosa ventura de o ver em meus olhos ra-

sos de lagrimas, num silencio de Amor que não era deste Mundo.

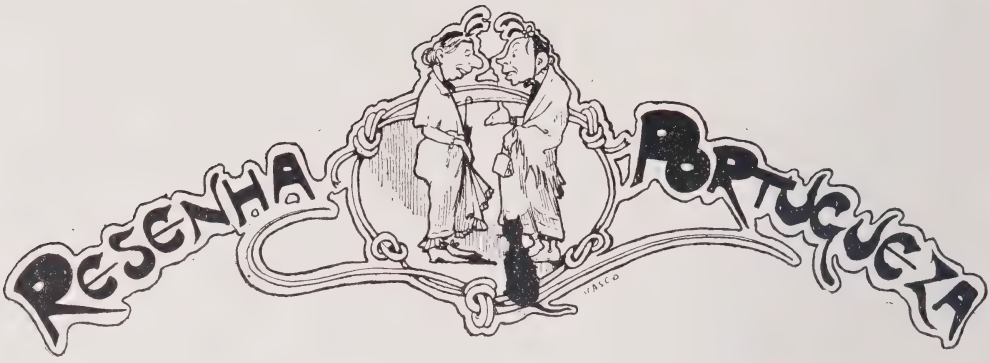
A Primavéra veio divinisar a Terra. Sinto-a no meu corpo. florindo a minha alegria resoluta e serena, enternecida e clara. Sinto-a no ritmo ancioso e harmonioso do meu sangue moço e ébrio de desejo.

Sinto-a florindo em meus labios delirantes beijos loucos, interminaveis e sôfregos...

E os teus olhos e os teus labios, — que linda ficas nos meus braços desmaiada! — todo o teu corpo me desvaira, e me fala da Primavéra, — ó meu dôce e harmonioso canto de Beleza e Amor erguído á Vida, para Beleza da Vida e orgulho de Deus!...

Coimbra.

RAFAEL ANGELO.



O feminismo

A mulher anda n'uma lucta constante para obter os mesmos direitos que o homem, e assim vemo-la usurpar logares que só a elle competiam.

Ultimamente requereu a sua inserção no recenseamento eleitoral, sem se lembrar que uma mulher politica é peor que tres sogras, e busca, embora as assuadas que lhe teem feito, apresentar-se por ahi com a celebre saia-calção.

Em vez de principiar aqui bordando exclamações sobre o assumpto, prefiro contar-lhes a historia do rapaz que, querendo casar, foi ter com um rendeiro que era pae de quatro filhas.

— Patrão, venho pedir-lhe em casamento uma das suas filhas.

— Qual d'ellas? Vou manda-las chamar, dir-te-hei o que sabem fazer, e tu escolherás.

E ellas, com os seus melhores atavios, pozeram-se em fila, sorrindo para o futuro noivo, porque não tinham nenhuma vontade de continuar pertencendo á irmandade do palmito.

— Esta é Irene, principiou o rendeiro engrossando a voz, com grande orgulho paternal. A sabichona da casa, e quando fez os seus exames, o sr. administrador foi o primeiro a felicita-la.

O mancebo abanou a cabeça.

— Tanta sciencia não me serve de nada!

— Aqui tens Philomena, toca piano, canta, dizem que a sua voz é magnifica, e desenha que é um encanto...

— E' bom, mas gósto mais do trinado das aves que das notas do piano, e um desenho immovel dá-me o aspecto da morte, emquanto, ante os meus olhos, tenho sempre a natureza viva...

— E' então a Joanna que queres? Faz renda como ninguem...

E Joanna avançou, modesta, commovida, muito vermelha, emquanto entre os seus dedos habeis as linhas se reuniam em desenhos caprichosos.

Elle olhou-a demoradamente: o rosto era bonito, os olhos lindamente azues, e o cabello louro encaracolado dava-lhe o aspecto d'uma Virgem, como as que se vêem pintadas nos missaes.

Suspirou, e volveu:

— Joanna é encantadora, e as suas rendas são finas e flexiveis como uma teia d'aranha, mas nada d'isso é util para a vida.

O rendeiro alçou os hombros, como que desanimado, e, com um certo embaraço, ordenou á mais nova das quatro, que avançasse, — uma creatura baixa e robusta, d'olhos pretos, tez queimada pelo sol.

— A Catharina? Não é má rapariga, mas não teve a educação de suas irmãs, porque alguem precisava ficar aqui para tratar da casa. E' boa cozinheira, guisa a carne magnificamente, molho preparado por ella é uma delicia, e ninguem possue o seu segredo d'apresentar um caldo succulento que regala o paladar e o olfacto.

O rapaz lambeu os beiços, depois, fixando attentamente Catharina que baixava os olhos:

— Bem sei, patrão, que não se deve viver para comer, mas é preciso comer para viver, e a cozinha é necessaria. E assim, mais vale ter alimento são e bem preparado, que ouvir musicas no piano, ver desenhos ou como se faz renda, e, se m'o permitte, será

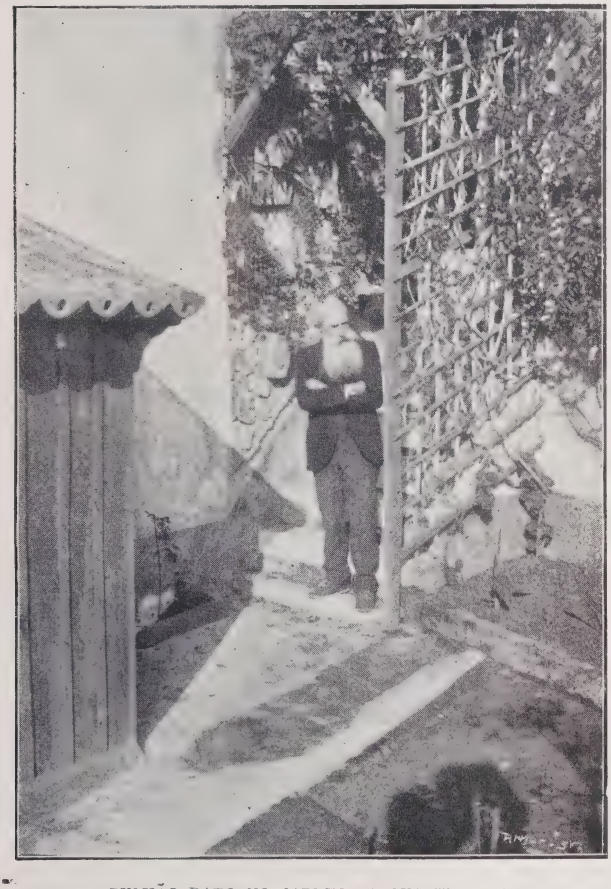
minha mulher a Catharina, porque é uma excellente dona de casa!

Deixo as reflexões ás feministas, lembrando-lhes que *Chrysale*, nas *Femmes savantes*, já raciocinava assim, porque pedia a sua mulher que não deixasse queimar o assado, e temperasse a panella caseira como era devido.

Bulhão Pato

82 annos gloriosos, o declinar d'uma vida honrada, tudo levava a crer que não viria n'esse final perseguil-o a desdita.

Mas a mão da economia — que a mór parte das vezes se traduz por *bout de chandelles* — entendeu que lhe devia cortar uma fraca retribuição que recebia pela Academia das Sciencias.



BULHÃO PATO NO JARDIM DA SUA VIVENDA

D'ahi veiu uma onda de protesto, e é crivel que se reconsidere, sendo para lamentar que antes de traçar essa verba não se reflectisse demoradamente.

Bulhão Pato foi o poeta das mulheres, porque não teve o naturalismo exaltado de Gœthe, nem a ironia do desespero de Byron, havendo nos seus versos muito de Musset, de Lamartine e de Garrett.

Os poemetos *Rosa do Monte* e os *Noivos* são tudo quanto, no genero, de mais perfeito conheço.

Sob os cyprestes é um verdadeiro monumento escripto por penna d'ouro, a *Paquita* pertence á eschola italiana, e sequencia dos poemas-romanos, desde os *Orlandos*, de Bojardo e do divino Ariosto até o Ricciardetto de Fortiguerra, como disse Herculano, embora Rebello da Silva não concordasse com esta opinião.

Na satyra nunca vi ninguem que o excedesse, e empunhando o florete do mais puro aço esgrimiu sempre *sans peur et sans reproche*, com a sua figura imponente, com o seu rosto á mosqueteiro, com a sua cortezia irreprehensivel.

Vejam estes versos que elle denominou *Vaidade:*

Verás como essa vaidade
Te vem um dia a perder!
Tu pensas por que és formosa,
Que ninguem mais póde ver
N'este mundo outra mulher?

Pois quem vae ao prado admira
Somente a rosa?
No azul da immensa saphira
Quem vê, entre tanta estrella,
Só Venus porque é mais bella?

Na terra quereis ser unica,
Inda mais, no céo tambem!
Na terra não sei; mas digo-te,
O' caprichosa beldade,
Que no céo com tal vaidade
Ainda não entrou ninguem.

Encantador, não acham?

E não esquecer que esse grande poeta é tambem um enorme coração!

Fernando Maia

A pobreza que se vae notando nos nossos palcos devido a artistas, accentuou-se agora com o fallecimento de Fernando Maia.

Não era um actor brilhante, e, por varias vezes o indiquei nas minhas criticas theatraes, mas sabía supprir as deficiencias que o caracterisavam apresentando-se bem, dizendo com correcção, e não compromettendo nunca a personagem. Na gerencia do ex-theatro de D. Maria, não deixou alli vinculado nenhum acto de grande alcance, mas a verdade é que — a não ser a de Carlos Posser, — todas as outras foram ainda mais desgraçadas.

Maia lêra muito, viajava quasi todo o ve-

FERNANDO MAIA

rão no estranjeiro e, assimilando com cuidado, ouvia-se sem enfado, e como na sua conversação não tinha pretensões a erudito, era agradavel escuta-lo, embora buscasse sempre impôr a sua opinião.

Ultimamente varrera-se-lhe a razão.

E era um dó vê-lo por ahi, requestando as coristas, provocando agora, planeando de seguida um beneficio, sempre irrequieto, promovendo escandalos nos theatros, entrando furibundo por um hotel, querendo quebrar tudo.

De vez em quando appareciam noticias nos jornaes dizendo que elle estava quasi restabelecido — santas mentiras que lhe davam como que uns allivios ao mal que o invadia e que não perdoa.

Morreu, e mais uma vez se demonstrou a ingratidão de muitos, a indifferença de tantos.

Dos seus collegas, poucos compareceram no funeral!

E é por isso que as associações de classe não progridem, porque essa desunião, essa falta de fraternidade produz o desalento, e as melhores vontades desanimam.

E o remedio era tão facil...

O Necroterio

Vejo com tristeza que apenas se dá um acontecimento que obriga um cadaver a ser depositado no Necroterio, acode logo uma multidão curiosa a desfilar ante elle, como se viu n'esse assassinio da rua de Santo Amaro.

Pois no dia em que se prohibir tal exhibição a maioria applaudirá a pessoa que o fizer.

E assim, para entrar no logar onde se depositam os productos do crime e do desespero, será preciso justificar que se tem na realidade por fim auxiliar a identidade d'um corpo, e aos que não forem mais que por ociosidade ou impellidos por um sentimento morbido não se lhes facultará a entrada. E, talvez os que me lêem não saibam: essa gente é numerosissima. Para alguns, o Necroterio constitue um espectaculo quotidiano. Nem um só dos cadaveres expostos escapa ao seu impulso doentio. Ha mesmo quem, ao passar ante o Necroterio, não deixe d'entrar como se fosse os Grandes Armazens do Chiado.

E' uma scena horrivel, mas excita-lhes os nervos, dá o calafrio... e corre-se para alli, impellido não sei porque voluptuosidade funesta.

Infelizmente o gosto pelos prazeres macabros tem-se espalhado bastante n'estes ultimos annos entre o povo... Fala-se muito na morte. Representa-se nos theatros, apresenta-se nos animatographos. Outr'ora inspirava um respeito mesclado com o receio; hoje desperta apenas instinctos detestaveis.

E' preciso evitar ao publico a curiosidade que elle toma de concorrer a esses espectaculos perigosos em que a morte do paciente

constitue o unico attractivo; é necessario arranca-lo ás curiosidades funebres. Os espectaculos cujos elementos principaes são o medo e o extraordinario, nunca poderão ser denominados moralisadores.

Ha no fundo de todos nós um fermento de brutalidade original que brota espontaneamente. Em vez de o excitar, tratemos de o suffocar, e a maneira é não permittir que se veja tudo o que póde deixar no espirito o mal estar da angustia e do horror.

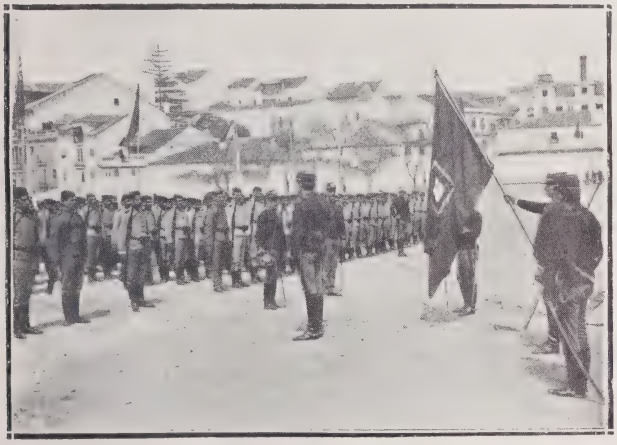
E, depois, creiam, ante as centenas e centenas de pessoas que desfilam na sala da exposição, não ha uma que se dê ao incommodo de reconhecer esse corpo.

Mesmo a attitude dos visitantes está muito longe de ser edificante, convertendo-se um logar d'aquelles como que n'um sitio onde cada qual vae recreiar-se por instantes. Esse publico especial solta palavras obscenas, e gente que me abstenho de classificar leva comsigo os filhos!

Nunca vi nada tão pungente!

Uma festa sympathica

Em infantaria 5 effectuou-se o juramento de bandeiras, constituindo uma festa sympathica, tendo concorrido bastante gente, dando um aspecto agradavel e risonho a uma cerimonia tão solemne.



JURAMENTO DE BANDEIRAS DOS RECRUTAS

Formado o regimento na sua maxima força, foram chamados os recrutas que tinham de ractificar o juramento.

De seguida procedeu-se á leitura dos deveres militares.

O coronel Luiz Guedes discursou lembrando a todos a grandeza da cerimonia que se ia realisar, e que a missão do exercito é de todas a mais nobre, porque d'ella dependem a independencia e a integridade da patria.

O capellão Chamiço teve estas palavras:

— Sabei cumprir o juramento que tão solemnemente acabaes de fazer e aprendei sempre a defender a nossa gloriosa bandeira.

Tambem em varias terras do reino se celebrou a mesma cerimonia, sempre com egual enthusiasmo e no meio de festas brilhantissimas.

Uma homenagem

Um grupo civil de voluntarios resolveu inaugurar uma lapide commemorativa na azinhaga das Freiras, onde se suicidou o official de marinha Candido dos Reis, suppondo que a revolução, de que fôra o organisador, se mallograra.

Distribuiu-se um bodo a 360 pobres, e a caridade é sempre sympathica, porque embora, como n'este caso, os seus effeitos sejam pouco duradouros, a intenção é excellente.

No logar onde foi encontrado o cadaver descerrou-se a lapide em que se lêem estas palavras:

«Na historica madrugada de 4 de outubro de 1910, foi encontrado morto n'este local, o saudoso almirante Carlos Candido dos Reis, a alma organisadora da gloriosa Revolução que implantou a Republica Portuguesa. A Camara Municipal de Lisboa tomou posse d'esta lapide em 9 de abril de 1911. Homenagem do Grupo Civil A Republica, n.º 4 (Voluntarios d'Arroyos).»

O sr. ministro da Marinha, que foi o primeiro a falar, disse que se Candido dos

Reis vivesse, teria a energia necessaria para disciplinar todas as ambições e vontades, e mesmo factos recentes mostravam ser necessario que se compenetrassem que o dever de todo o portuguez era evitar actos de perturbação da ordem, porque elles teem consequencias muito mais latas e muito mais graves do que parece á primeira vista.

A' noite o mesmo grupo inaugurou uma eschola, e assim pode-se dizer que, tendo a sua sympathica iniciativa aberto com chave d'ouro, fechou com chave de diamantes...

COLLOCAÇÃO DE UMA LAPIDE NO SITIO ONDE FOI ENCONTRADO O CADAVER DO ALMIRANTE REIS

Um passeio de remos

N'este ultimo periodo o genero desportivo tem-se desenvolvido bastante, e deve-se ao Gymnasio Club, que por muito tempo funccionou n'um casarão da Carreirinha do Soccorro.

Rapazes de muita coragem a que bem se podia equiparar a extraordinaria força de vontade — e lembro-me do pobre Arthur Pessoa, official d'artilharia que ha pouco se suicidou devido a um invencivel ataque de neurasthenia, do João Xafredo, uma alma d'ouro, de Duarte Holbeche, d'Eduardo Segurado, — trataram d'incutir no gosto publico o interesse pela gymnastica.

D'ahi irradiou para os collegios, e n'estes ultimos quinze annos todos os generos desporto tomaram um desenvolvimento enorme.

Viu-se que a robustez do corpo precisava as maximas attenções possiveis, e principiou-se a cultivar a esgrima, a equitação, o remo, a natação, o *lawn-tennis*, o *cricket*, o *foot-ball*, o cyclismo, havendo hoje magnificos elementos em todos esses generos.

UM PASSEIO A REMOS

O Club Naval de Lisboa, com relação a desportos nauticos, tem sido incansavel.

N'um dos domingos d'este mez estabeleceu um passeio de remos a Algés, tomando parte as guigas *Celeste*, *Chaimite* e *Gabriella* e o *pair-var Alice*.

Foi uma festa brilhantissima, e

os seus promotores, entre os quaes se contam os srs. José Lopes, Albano dos Santos e Arthur Motta, não tencionam affrouxar na realisação d'outros certamens, de tão grande alcance este se evidenciou.

E, aproveitando o ensejo d'estar tratando de nautica, referir-me-hei ao sr. Vasco de Almeida que é considerado como um bom *yatchsman* e um timoneiro d'alto valor.

Genio bastante inventivo, construiu agora

O BARCO DE VASCO DE ALMEIDA

um barco que é o primeiro d'este typo que existe no nosso paiz.

Foi feito expressamente para grandes velocidades e, quem só olhar para o seu aspecto, supporá que se lhe defronta uma jangada; possue convez corrido, um portilhão e armação apropriada.

As experiencias feitas deram excellente resultado.

A exploração do crime

Eis os titulos que mais abundaram este mez no noticiario dos jornaes:

O crime d'hontem! O assassinio d'esta noite! A mulher degolada!

Nos jornaes modernos, nos grandes rotativos, não ha columnas mais interessantes que aquellas que se dedicam á narração naturalista dos crimes sensacionaes. O pormenor, eis o segredo do exito; um *reporter* que desce á minucia fica logo classificado de primeira grandeza.

E ha panno para mangas. Para dizer que uma mulher n'esta ou n'aquella hora, n'este ou n'aquelle sitio, appareceu degolada, ignorando-se mesmo se se trata de um assassinio ou d'um suicidio, fala-se do philosopho Balmès, como vive a familia, se a morta devia ou não ao padeiro e ao leiteiro, e d'outras cousas do mesmo jaez que nada teem que ver com o crime, mas a questão é encher quartos e quartos de papel, e como o povo gosta, condimenta-se-lhe a comida a seu sabor.

E assim os assumptos d'esta ordem não se olham pelo lado moral, mas pelo material, pelo que produzem, pela curiosidade que despertam.

Esses enormes, inopportunos e a mór parte das vezes indiscretos relatos de crimes não favorecem a causa da justiça, e lesionam a fundo os interesses da sociedade. Os encarregados de seguirem a pista dos malfeitores vêem muitas vezes perdido o seu trabalho por causa das indiscrições jornalisticas; e o criminoso, lendo os periodicos, põe-se a par do movimento da policia, e está habilitado a esquivar-se á acção dos tribunaes.

D'ahi deriva um prejuizo grave para a sociedade, logo que o crime fica impune, mas mesmo prescindindo d'essa consideração, não é verdade que familiarisando-se cada qual com estas leituras acaba por não sentir o horror que devia inspirar, chegando mesmo a ser-se suggestionado?

E ha tambem da parte dos tribunaes uma

falta d'energia na condemnação dos assassinos, porque se busca dar-lhes a aureola de creaturas sympathicas, quando matam por amor, e d'essa maneira os crimes despertam a curiosidade e não a indignação, e se aquella fica satisfeita, poucos pensam que a justiça é que é a maltratada.

Arte sem alma

Na exposição Silva Porto ha muitos quadros, demasiados mesmo, e quasi todos elles padecem de mal identico: abuso de côr, vertigens de luz... Os modernistas, e mesmo os não modernistas, dão-me a impressão estranha que o mundo, as paizagens, o mar, o céo, os seres e as cousas não são como os profanos as vêem.

Os outros não me fazem sentir, não me levam a pensar, não me transmittem uma sensação dolorosa, não me dão uma impressão alegre.

Não fui lá para ver as telas, mas para investigar o que pensam e como pensam os nossos artistas.

Importa, mais do que parece, ao paiz que a sua Arte, possua uma mentalidade, commungue na fé d'um pensamento.

Não vi alli reflectir-se a alma da nação.

Arranquem esses quadros d'aquellas paredes, espalhem-os pelos museus, tornem-os a agrupar e nada dizem; nem sequer reflectem uma angustia, um desejo, uma alegria do instante em que foram pintados.

E' muito pôr n'uma tela a Natureza; merece mesmo applauso arrancar-lhe esses

CASTANHEIRO

(Horacio Silva.)

Assim, é uma penosa caminhada ir por aquellas salas, com o pensamento e os olhos adormecidos, e considera-se um refugio, como uma fonte d'agua crystalina, o depararem-se os quadros que aponto em photo-gravura.

portentosos segredos de luz e de côr com que nos encanta e captiva; mas ha entre ella e a alma humana uma alliança mysteriosa, uma communicação estreita e firme, e os campos, o mar, o céo falam com tanta

doçura e clareza uma linguagem, que ás vezes vale mais o que as cousas dizem que as palavras vãs que sahem da boca do homem.

E essas paizagens que vi na exposição, esses riscos asperos, essas ruas estreitas,

UMA RUA DE POISOS
(Adriano Costa.)

aquellas côres verdes, esses mares mais ou menos encapellados, são mudos, nada dizem, não impressionam.

A linha e a côr obesessionou esses artistas lançando-os no caminho onde a aberração e o delirio os esperam.

Essas paizagens nada teem que indique a nacionalidade, o temperamento, a alma de raça d'estes pintores.

Um polaco, um turco, um scandinavo pinta-las-ia da mesma fórma se tivesse ante os olhos esse amor do azul e do vermelho que denota a nossa juventude, essa cubiça da luz peneirada, da luz-problema, da luz-jeroglyphica ...

Não ha sinceridade na nossa arte contemporanea! Se a houvesse, se os artistas se entregassem apenas a expressar a sensação pessoal, não se notaria a absoluta ausencia da mentalidade portugueza, do pensamento portuguez, da vida portugueza.

Assim, não é para assombrar que passasse ante aquelles quadros recebendo a impressão que via apenas reproducções. Não são trabalhos da mocidade, de denodados luctadores que continuam uma tradição gloriosa, revelando a alma moderna, e confessando as tribulações do nosso viver incerto, do nosso viver triste.

Todas as telas me pareceram copias d'outras, d'hontem, d'ante-hontem, sabe Deus de quando.

O que é que falta aos nossos artistas? Tudo; a belleza é humana, profundamente humana; não se póde conceber isolada, alheia áquelle que a sente e á sociedade que a produz.

Os artistas estudam demasiadamente a côr, e nada mais, e quando se deixam influir em demasia pelos intellectuaes, tra-

OLHALVOS (MANHAN)
(João Baptista Junior.)

duzem apenas, e por signal, que muito mal...

Não se póde continuar assim; necessitamos uma arte portugueza, uma visão da Natureza e da vida. E quem conseguir crea-la ficará sendo um grande artista.

PORTUGAL DA SILVA.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

Republica

Yvette Guilbert, que o publico applaudiu delirantemente n'este theatro, admittindo que praticasse erros na sua vida, tem comtudo uma acção resgatadora de peccados, e que é um encantador simile á fabula a *Cigarra e a Formiga*. Pediu ha dois ou tres annos a todas as grandes artistas parisienses que souberam, como a formiga, juntar para os dias de penuria, que se lembrassem das *cigarras* de theatro. Incitou-as a que vestissem as estreiantes que teem d'apresentar *toilettes* no palco, quando, a mais modesta, absorve alguns mezes d'ordenado. Yvette lembrou-se do tempo em que era uma pobre *cigarra*, não tendo a *formiga* para lhe emprestar...

Note-se que esta cantora que é millionaria, vive no seu palacio do *boulevard* Berthier, no meio d'um luxo original e onde cada *bibelot* marca uma epocha da sua carreira. Yvette começou pelo theatro, abandonando-o para se entregar á canção. Contractada nas Varietés — ha 18 annos — por 36$000, logo no primeiro mez teve de pagar 800$000 de vestidos. E assim prometteu a si propria, se conseguisse triumphar na carreira que seguia, estender a mão áquellas que principiassem, como lembrança do tanto que soffrera.

Não é preciso insistir muito sobre a importancia que hoje em dia os emprezarios e os auctores ligam ás *toilettes* para a scena. Ninguem ignora que ellas fazem parte da decoração como os outros accessorios, e devem estar em harmonia com o quadro em que se apresentam.

Hoje que o luxo da enscenação está destinado, muitissimas vezes, a salvar a pobreza d'uma peça mediocre, os vestidos d'uma actriz, apesar da diminuição que lhe fazem as costureiras, valem uma fortuna, devido ás pelles, ás rendas, aos bordados que os enfeitam. Não são só os que a artista dramatica tem que ostentar em cada peça, mas tambem as saias de seda, as meias, os sapatos, as luvas, as cabelleiras, a caracterisação, emfim todo o arsenal da belleza provisoria, que torna bonitas as menos attrahentes e permitte á actriz envelhecida resuscitar, á luz da rampa, o esplendor da mocidade que já passou...

E a necessidade força as artistas a procurarem um pouco por toda a parte as quantias fabulosas que esses trapos afinal submergem avidamente... Como é que o conseguem? Não me é licito esmiuçar sobre que vergonhas repousa ainda a profissão da comediante, quando ella devia estar, e de ha muito, liberta de semelhante dependencia. Para ter o dinheiro preciso, só um recurso lhe resta: a galanteria... mas que galanteria! Para *conseguir*, — e, apesar de tudo, quasi sempre não se consegue! — a actriz tem d'abandonar todo o sentimento e toda a dignidade feminina.

Conhecem estas palavras d'um emprezario:

— Não é com a virtude, minha filha, que em theatro se pagam os vestidos. Aqui não ha logar para as mulheres honestas!

Quando Yvette me contou essas tristezas, a bondade da sua alma reflectia-se n'aquella physionomia mobil, e vi que uma profunda angustia lhe constrangia o coração. Soffrendo com essas miserias pediu ás senhoras da sociedade, ás quaes as artistas deram tantas horas agradaveis, que presenteassem as *ci-*

YVETTE GUILBERT

garras com o superfluo dos seus guarda-vestidos elegantes, sem receio de prejudicar os pobres visto que trapos tão luxuosos não podem ser uteis a esses desgraçados. Em vez de os passarem ás creadas ou cederem-nos a contrabandistas que os tornam a vender por alto preço, não era melhor offerece-los graciosamente áquellas que as teem feito chorar, rir ou estremecerem alternadamente? Poucas mulheres, porém, sobre tudo entre as artistas de fama, mostraram comprehender a importancia da *Vestiaria d'Yvette*... Fosse indifferença, ou a inquietação de ver levantar-se no horizonte uma estrella que podia cada vez tornar-se mais brilhante que as outras, desviaram a cabeça para não adivinharem a prece nos olhos commovidos da artista. Quanto ás damas a quem implorou, seduzidas pelo lado brilhante e ficticio do theatro, torna-se-lhes difficil perceber que sob aquelles trajes vistosos esteja a miseria, a verdadeira miseria...

E assim ella recordou os nomes da condessa de Nion, da Sarah, da Réjane, Claretie, Carré, Gailhard, Antoine, Porel, Samuel, Franck, Deval... e poucos mais, que foram agrupar-se a seu lado. Os armarios e todos os trabalhos de marceneria onde estão os vestidos que lhe enviam, foram á sua custa.

— Mais alguns esforços, concluiu a notavel *chanteuse* dando o ultimo retoque ao rosto, porque pouco depois devia entrar em scena, e espero vencer em absoluto. Dêem-me algum dinheiro, algumas rendas, fitas, musselinas, esses mil nadas, e teremos assim a felicidade de tantas raparigas que d'outra maneira se irão perder, com a mesma resignação com que n'um dia de desespero se atiram ao Sena.

E na sua physionomia perpassou o que quer que fosse de doloroso, e do seu sorriso fugiu por completo o seu tanto de malicia.

Eu creio que a Yvette é a unica cantora que conseguiu vencer na carreira e foi em auxilio das suas companheiras com tanta franqueza e com tão boa vontade, n'um bello impulso de solidariedade feminina.

Falei da mulher, e não tenho espaço para falar da artista, que é a melhor no sentido da palavra. Os typos que ella nos apresentou, enthusiasmaram o nosso publico.

O comico, e, sobre tudo o comico que expressa vivamente o lugubre e o sinistro, é uma das maiores difficuldades da arte, que poucos alcançam. Yvette, n'esse genero, é unica, e como dicção e expressão attinge o prodigioso.

E saudando a artista eu não posso esquecer a mulher!

*

Tendo lido a peça o *Refugio*, achei-a banal, apenas com um acto bem traçado, o

1.º, illogica, não me interessando nenhuma das personagens.

A minha impressão tão desagradavel em nada diminuiu vendo representar o trabalho de Niccodemi.

Os caracteres estão mal traçados, a nossa attenção quando busca fixar-se em *Gerardo*, tem de passar para *Dora*, depois para a mulher d'aquelle, e no ultimo acto, apparece-nos a *Condessa de Volnières*, para desviar a attenção, obrigando o espirito a constantes sobresaltos.

O desempenho é muito harmonico, e devo citar Ferreira da Silva, Alexandre d'Azevedo, Pinto Costa e Luz Velloso, que deram mais relevo ao *Refugio* do que em verdade merecia.

Para a festa d'Augusto Rosa escolheu elle dois originaes portuguezes, o *Espertalhão*, de Schwalbach, deitado nos modelos da velha farça, mas que não teve o agrado da platéa, e as *Rosas bravas*, d'um grande poeta, Affonso Lopes Vieira.

AFFONSO LOPES VIEIRA

E' um poemeto onde a alma d'um artista de raça se apresenta, constituida por sonhos, embalada pela fé, toda em alvoradas de luz, com rendilhados d'uma concepção adoravel, attingindo a perfectibilidade.

Comprehenderam os espectadores tudo quanto havia de delicioso, d'humano, de são, a idéa das *Rosas bravas?*

Com magoa o escrevo: não, o que é desanimador, confesso, mas é que o gosto envenenou-se de tal maneira que não é facil encarreirar pela boa estrada quem de ha muito só conhece azinhagas...

Trindade

E' o *Tropheu de guerra*, uma operetta italiana heroe-comica de Simoni, passando-se a acção em 1525.

Simples o entrecho, muito tenue mesmo, mas a musica, *signé* por Burgmain, é lindissima, tendo trechos magnificos executados com todo o cuidado por Palmyra Bastos — a primeira artista d'operetta —, Medina de Sousa — a possuidora d'uma linda voz —, e Leitão, que, querendo, póde vir a ser um dos melhores elementos no genero a que se dedica.

Gymnasio

Hennequin, o famoso auctor dos *Vinte dias á sombra*, escreveu anteriormente a comedia a *Mulher do commissario*, feita com o espirito que caracterisa o francez, e cuja phantasia lhe dá margem a apresentar scenas d'um comico irresistivel, creando situações onde, fatalmente, tem de predominar a gargalhada, o desespero dos auctores, porque sendo uma cousa que parece tão facil na verdade tão difficil é de conseguir.

Tambem no mesmo theatro subiu á scena as *Surpresas do divorcio*, representada ha annos em D. Maria, comedia que possue as mesmas qualidades da anterior.

Figuram n'esta Lucinda Simões, Christiano de Sousa, Judith de Mello e Cesar de Lima, que, escusado é dize-lo, deram á comedia de Bisson e de Mars o melhor do seu talento.

Coliseo dos Recreios

Funcciona n'esta vastissima casa d'espectaculos uma companhia lyrica que promette, segundo as operas que até agora teem sido executadas, noites magnificas.

Preços diminutos, cantores bons, e o poder-se estar á vontade, são tudo incentivos que levam a não affrouxar alli a concorrencia.

PORTUGAL DA SILVA.

Curiosidades do tempo

O movimento pacifista

O discurso do Chanceller allemão sobre as propostas anglo-americanas foi um choque bem penoso para os pacifistas. A summula desse discurso é que a arbitragem serve para as pequenas difficuldades, e a guerra para as rivalidades fundamentaes das nações. Pode facilmente calcular-se o effeito d'essa resposta na opinião inglêsa. Uns acceitaram-na como um desafio, mas os mais enthusiastas propugnadores do nobre ideal não desanimaram, dizendo que nenhum politico se pode oppôr efficazmente á humanidade. O proprio chanceller é arrastado pelo movimento, annunciando um accordo com a Inglaterra para a communicação dos programmas navaes. Este facto, diz-se, vale mais do que muitos discursos. «Presenceamos, escreve um Professôr, o desenvolvimento pratico da organização cosmopolita. A nossa civilização transcende os limites nacionaes, e estamos todos ligados a muitas vantagens que fazem parte da civilização geral do Universo. Criam-se, pela effectiva organização dos interesses internacionaes, numerosos laços entre as nações que tornarão a guerra cada vez mais difficil. Cada vez se tornará mais doloroso e repugnante o romper esses laços.»

Se o discurso do Chanceller contrariou os idealistas da paz, um facto de alta importancia os veio animar. Referimo-nos aos intendimentos anglo-americanos a que deu logar o discurso do presidente Taft no banquete da *Sociedade Americana para a solução judicial das disputas internacionaes*. «Se pudéssemos combinar com alguma nação, disse o presidente, o aguardar a sentença de Tribunaes de arbitragem internacional em qualquer caso que não possa ser estabelecido por negociação, quaesquer que sejam os interesses que involva, honra, territorio ou dinheiro, teriamos adiantado um longo passo para demonstrar que é

PRESIDENTE TAFT

possivel, pelo menos para duas nações, o estabelecer entre ellas o mesmo sistema de processo legal que existe entre dois individuos sob o mesmo governo.»

Diz-se que quando o presidente Taft pro-

nunciou este discurso o embaixadôr francês declarou que a Republica estava prompta a entrar numa negociação dessa especie, mas que o presidente respondêra estar já em communicação com o embaixadôr inglês sobre o assumpto, preferindo concluir primeiro um accôrdo Anglo-americano.

O projecto entrou numa nova fase de interesse pela intervenção do ministro Sir Edward Grey, que falou na Camara dos Communs na ausencia do primeiro ministro, quando se discutia o programma naval. Referindo-se á arbitragem e á expansão do espirito pacifista, disse o ministro que se em tal assumpto insistia era pelo facto de duas vêzes já o Pre-

O PRINCIPE AVIADOR:—As difficuldades em que se vêem as guardas desde que o principe Henrique da Prussia se metteu a aviador.

sidente dos Estados-Unidos têr dado alguns passos nesse sentido, passos mais valiosos e importantes do que nenhum homem em tal situação politica dera ainda. Então citou duas passagens significativas dos discursos de Taft, e commentando-as, com grande elogio, affirmou que se um accôrdo se realizasse entre duas das maiores nações para em circumstancia alguma se guerrearem, um tal exemplo dado ao universo seria fecundo das mais beneficas consequencias. E' certo que essas nações não estariam livres do ataque de uma terceira que no accôrdo não tivesse entrado, mas poderiam combinar tambem entre si o juntarem-se contra a potencia que com qualquer d'ellas tivesse recusado a arbitragem. E quanto mais se fosse reconhecendo que a guerra entre duas grandes nações é prejudicial a todas as outras, tanto mais ellas se uniriam para impôr a paz ao mundo. Falava assim porque julgava que uma proposta d'essa especie, feita por um homem na situação do Presidente Taft, não podia ficar sem resposta; por outro lado, a importancia e a gravidade do assumpto requeriam não sómente a assignatura dos dois governos, mas a deliberada sancção do Parlamento. Os espiritos estão-se apaixonando pelo problema, e se olharmos para trás na historia veremos que chegam tempos em que a opinião publica se eleva a alturas que a geração anteriôr julgára impossiveis. Assim succedeu aquando a abolição da escravatura. Elle, Grey, não julgava a idéa impossivel, posto que admitisse que num caso de tão grande mudança os progressos haviam de sêr lentos, e parecendo que a opinião do mundo havia de insistir neste ponto se fosse bastante afortunada para encontrar dirigentes que tivessem a coragem — semelhante á de Taft — de seguir em tal direcção. Algum exercito e marinha continuaria a existir sem duvida, mas ficariam, não em rivalidade entre si, porém como a policia do universo. «Certos Membros dirão que não será em nossos dias. Eu creio bem que não (Uma voz: E porque não?) mas penso que chegaremos a vêr alguns progressos nesse sentindo.»

«A minha attitude — continuou Sir Eward Grey — é de estimulo, e ainda que as nossas esperanças se não realizem nos nossos tempos não é razão para que não impulsionemos na direcção em que vemos possiveis condições de exito. O que é impossivel a uma geração é possivel a outra. As grandes nações teem estado escravizadas aos seus exercitos e marinhas, e não me parece impossivel que dentro de alguns annos ellas venham a descobrir como os individuos descobriram, que a lei é um melhor remedio que a força, e que todo o tempo em que estiveram escravizadas a essas enormes despezas, a porta da prisão se achava fechada por dentro. Se achaes isto tudo visionário e não do dominio da politica pratica, responderei que ao menos não devemos deixar o Presidente dos Estados-Unidos sem resposta.»

Pouco depois d'este importantissimo discurso o assumpto era novamente ventilado: por mr. Balfour, novamente por sir Edward Grey e pelo Primeiro ministro no meeting do tricentenario da Biblia. «A Biblia, disse este, pertence não só aos subditos do rei, mas a todos os povos que falam inglês. A presença aqui do embaixadôr americano recorda-nos que para além do Atlantico parentes nossos, posto que sob diversa soberania, reivindicam um quinhão no que é para nós e para elles um dom commum. Foi John Robinson que na véspera da sua partida declarou, numa memoravel sentença, que o Senhôr tinha mais verdades ainda a manifestar pela sua santa palavra. Ora, uma das verdades que lentamente realizámos, mas que agora se acha firmemente arraigada

na fé de todos os christãos de ambos os lados do Atlantico, é que a guerra entre povos falando inglês seria não sómente um crime contra a civilização, mas uma imperdoavel quebra d'aquelles mandamentos consagrados no Novo Testamento, de que as duas nações se nutriram.»

O embaixador americano foi recebido com grande enthusiasmo e cordealidade quando se levantou para falar. Nenhuma commemoração, disse elle, tivera ainda o valôr d'essa: porque era a promulgação do que foi a base do desenvolvimento anglo-saxonico nos três séculos passados, moldou a sua moral, levantou a sua

O PREMIO DE CARNEGIE PARA OS HEROES: — Agora, tu vaes cair; eu apanho-te, e dividimos o premio.

(Ulck.)

legislação e a sua jurisprudencia, inspirou a sua literatura. A Biblia é o laço de união de todos os povos falando inglês; e d'esse laço d'união proveio a recente proposta do presidente dos Estados-Unidos e a animadôra resposta do rei Jorge por intermedio de sir Edward Grey, que promettem tornar a guerra d'hoje em deante impossivel entre os povos que falam o inglês, e entre as outras nações civilizadas, uma vez que tal exemplo tenha sido dado.

A seguir o embaixadôr leu uma mensagem de Taft, que foi solemnemente applaudida.

Importantes revistas inglêsas, como a *Contemporary Review*, a *Positivist Review*, a *Review of Reviews* e a *English Review* consagram ao assumpto notáveis e incitadôres artigos. A acção é levada ao grande publico pelos *meetings* de cidade: Dewsbury fez o primeiro, Manchester o segundo, e é de crêr que outras cidades as imitem. Sem duvida pois o movimento pacifista chegou agora a um ponto critico da maior importancia, e se nas nações pequenas, como a nossa, estamos condemnados a não podêr influir na solução do problema, compete a todos seguir com o maior interesse um acontecimento de tanto valôr para o ideal humanitario.

Antoine Monis

Succedendo a Briand, tão conhecido e discutido em todo o mundo, Antoine Monis era até agora bastante ignorado, mesmo pelas pessôas mais familiares com a vida politica francêsa. Andam hoje intimamente ligadas a carreira judicial e a politica; Monis exemplifica a regra, com tantissimos outros. Começou elle por exercêr a sua profissão em Cognac, vindo mais tarde a sêr um dos primeiros advogados em Bordeus. Mostrou-se arraigado republicano quando se temia ainda uma restauração bonapartista, revelando-se um oradôr facil e prompto durante os dois annos em que foi deputado. Não voltou ao Palacio Bourbon, mas em 1891 entrava para o Luxemburgo como Senadôr da Gironda. Em 1899 foi chamado ao ministerio da Justiça no gabinete Waldeck-Rousseau, posto em que permaneceu três annos. Esse ministerio não deu muito que falar, para bem ou para mal. Monis

ANTOINE MONIS

de quem se espera uma politica mais radical do que a de Briand, é um homem grosso, robusto, apresentando-se com maneiras despreoccupadas, simples e democraticas.

Vida na Sciencia e na Industria

Uma revolução na telefonia

Até agora tem-se falado de um telefone para outro por meio de um fio continuo ligando o transmissôr com o receptôr. Por uma determinada linha passa de cada vêz uma só communicação. Essa limitação acaba porem de sêr removida por uma descoberta do major americano George Squier, ajudante do Chefe do Serviço dos signaes do Exercito dos Estados Unidos. Ha uns mêses que o ministerio da guerra faz trabalhar um fio entre duas estações officiaes separadas por uma distancia de sete milhas, fio que transmitte varias communicações ao mesmo tempo e em ambos os sentidos. Isto não obsta a que o mesmo fio possa transmittir na mesma occasião quaesquer telegrammas durante todo o tempo que serve os telefones. O major Squier, extremamente modesto, fala assim sobre a sua descoberta: «Eu nada inventei aqui na repartição: simplesmente adaptei instrumentos que qualquer pode comprar nas lojas da especialidade. A coisa é tão simples que admira muito que ninguem a tivesse já feito; mas, quando investiguei no Patent Office, vi que não houvera ainda quem d'ella se tivesse lembrado.»

O MAJOR SQUIER

Encontrámos exposta d'esta forma uma vaga idéa do sistema:

Uma communicação *sem fio* ordinaria determina no supposto «ether» ondas análogas ás que se produzem na agua quando deixamos cair nella uma pedra. Estas ondas de ether transmittem-se em todos os sentidos e são apanhadas pelos fios suspensos sobre uma estação receptôra e d'ahi conduzidas abaixo ao instrumento receptôr. O novo sistema do major Squier é, para falar paradoxalmente, uma especie de telefonia sem fio com um fio. Este serve para dirigir as ondas segundo uma linha em vez de se propagarem em todos os sentidos. De uma maneira figurada, o movimento não se transmitte através o fio mas numa «pellicula de ether» que o envolva; o fio condensa-o numa direcção em vêz de o contêr como um cano contem a agua. O resultado, em resumo, é que muitas communicações se podem fazêr ao longo do mesmo fio ao mesmo tempo, no mesmo sentido ou em sentidos oppostos, sendo o dispositivo a união de um apparelho sem-fios ordinario e de um fio de transmissão, com ligação para a terra.

Com esta descoberta podem fazêr-se grande numero de novas ligações a grandes distancias sem necessidade de collocar novos fios. Cada linha telegrafica pode servir para um sistema de telefones pela simples applicação de instrumentos de telefonia sem fios.

Já se prevê assim a possibilidade de conversar em breve da Europa para a America e para a Asia, lançando communicações faladas através o mundo!

O major Squier, tendo gasto 3:000 libras do Estado e consagrado o tempo do seu serviço official, com os ordenados correspondentes, na descoberta, acha que lhe não competem direitos pessoaes na invenção, abrindo o seu uso pleno a todo o publico.

Cerveja não alcoolica

Obteve-se uma nova cerveja não alcoolica aquecendo-a a 50° e fazendo-a atravessar por uma corrente de acido carbónico. O gaz extrae o alcool na forma de pequenas bôlhas. Pretende-se que a cerveja conserva exactamente o mesmo sabôr, apesar de o alcool sêr reduzido de mais de 4 por cento a de 0,2 por cento. A substancia extrahida serve para motores de automovel, etc.

Cura da tosse convulsa pelo automovel

O medico madrileno Dr. Manoel Rodriguez Portillo preceitua para a tosse convulsa um remedio bem agradavel: nada menos do que um passeio de automóvel, em bello dia, no logar da frente ao pé do *chauffeur*. Os beneficos effeitos da mudança de ar nos ultimos graus da tosse convulsa eram já bem conhecidos; mas o Dr. Portillo affirma que melhores resultados ainda se podem obtêr com passeios de automóvel. Impõe entretanto algumas condições, taes como um bom dia para a excursão, um caminho bem nivelado, velocidade não superior a onze kilómetros, e o paciente no banco da frente ao pé do *chauffeur*.

Vida na arte

Uma pintora flamenga

Com a sua figura-original e expressiva, Mademoiselle Clémence Van den Broeck, uma apreciadôra fervorosa da nossa paisagem e dos nossos monumentos, não estará longe de parecêr a muitos uma personificação caracteristica do feminismo, no que elle tem de essencial e de melhor. De uma familia de artistas, filha do escultôr Pedro Van den Broeck, Mademoiselle Van den Broeck foi discipula de Adolfo Villens, e edu-

MLLE. CLÉMENCE VAN DEN BROECK

cou-se no estudo dos pintôres flamengos e hollandêses. Os seus quadros revelam a preferencia dos interiores curiosos, cheios de mobiliario antigo, de cerâmica vistosa, de mimos de antiquario, entre os quaes se desenha um vulto pittorêsco do seculo XVI ou XVII. As plácidas e magestosas capellas com seus vitraes e suas sombras, as salas de palacio com ricas tapeçarias, faianças, trofeus, os nobres recantos com mobiliario lavrado e cerámicas preciosas, indicam a preferencia geral mas não exclusiva dos seus themas, colhidos por toda parte pelo variado cosmopolitismo dos seus gôstos e dos seus hábitos. Assim, vemo-la primeiro na Belgica acompanhando seu pae, e após a morte d'este, em Paris, onde se consagrou persistentemente á sua vocação, expondo no *Salon* da capital francêsa e em varios certamens de Bruxellas, Antuerpia, Lião, Londres, Filadelfia, onde attraiu a attenção geral e ga-

COSINHA FLAMENGA DO SECULO XVI

nhou lisongeiros premios. Em Londres obteve duas medalhas e em Paris as Palmas da Academia. Em 1885 encontramo-la na Algeria, depois no Canadá, explorando os *interiores* caracteristicos da região, e mais tarde em Portugal, onde a prende a simpatia pela nossa gente, a amenidade proverbial do clima, o apreço pelos encantos da Batalha, de Alcobaça, dos Jeronymos, cuja capella lhe proporcionou uma tela interessantissima que foi adquirida pelo sr. Page Briam. Citaremos entre os seus quadros a curiosa *Cosinha flamenga do seculo* XVI, que reproduzimos em gravura, *O jardineiro*, o *Oratorio em Westerloo*, o *Apreciador de ceramica*, e a *Westminstər Abbey*, que tambem reproduzimos.

EM WESTMINSTER ABBEY

O grande moralista La Bruyère dizia que tão ridiculo se tornava o exagerar a moda, como o emancipar-se a gente completamente d'ella.

Eis aqui uma verdade, e um bom conselho para ser aproveitado por algumas mulheres que, sem reflectirem, se escravisam ao que os grandes costureiros desejosos de fazer sensação inventam, ao passo que outras se tornam tão indifferentes á moda que se não preoccupam com o que lhes possa ficar bem ou mal. Toda a mulher sem ser frivola nem perdularia, deve, e póde, sem grandes recursos, tornar agradavel a sua apparencia. Não é pela riqueza do seu vestido que ella prova o saber vestir bem; é necessario apurar o gôsto, ter uma certa intuição na harmonia das côres, apreciar a simplicidade, e com um pouco de paciencia póde ella propria executar os seus vestidos e confeccionar os seus chapeus. Assim, todas aquellas que não foram fadadas pelo destino com os meios necessarios para custosas *toilettes*, poderão hombrear com as outras, na certeza de que não serão por isso menos apreciadas.

As montras patenteiam um tão variado sortimento de tecidos vaporosos que por um preço realmente convidativo se podem adquirir as mais deliciosas *toilettes* de primavera. Desde a simples cassa, aos crepons, pongés, foulards e ao moderno tecido chamado shantung, se hesita na preferencia, pelo bom gôsto que todos elles denotam. Algumas musselinas são tudo quanto ha de mais primaveril, de mais leve, umas em liso, outras de fantasia, com lindos coloridos, e umas ainda em riscas que produzem o mais lindo effeito. Finalmente a moda traz-nos uma tal variedade de idêas quer em tecidos quer em fórmas que impossivel se torna dizer ás nossas leitoras qual a ultima novidade. Os vestidos de linho terão a primasia este verão; além de muitas outras vantagens recommendam-se por quanto são de frescos, praticos e commodos para dias quentes. Como novidade ha uma profusão de côres extraordinaria, sendo muito applicado esse tecido para vestidos de genero alfaiate. O piquet que ha annos esteve tanto em voga, volta a usar-se para vestidos do mesmo genero. As saias continuam com tendencia a tornarem-se mais largas, tanto quanto necessario para acabar o ridiculo do *entravé*, sem comtudo deixarem de serem justas, e estreitas, para não tirar a linha esbelta e delgada que é ainda a *silhouette* ideal na mulher. O feitio de uma saia é parte secundaria, os enfeites e a forma complicada não são o que n'ella formam mais destaque; tudo depende de um bom corte o qual se revela pela forma direita e gracil em que ella deve ficar depois de vestida. Os casacos são todos curtos, e vêem-se alguns boleros, os quaes não terão certamente a preferencia aos primeiros, que

são de maior commodidade e mesmo elegancia. Um bolero só póde convir a uma pessoa bastante delgada e esbelta.

Os casacos são todos bastante abertos, quasi até á cintura, e apenas fechados por meio de um botão, e o maximo dois. O preto que é sempre uma côr com a qual todas as outras vão bem, é a preferida para os effeitos dos *revers* e dos punhos nos casacos. Nesse caso os botões deverão tambem ser pretos. As saias bastante curtas estão no maior rigôr.

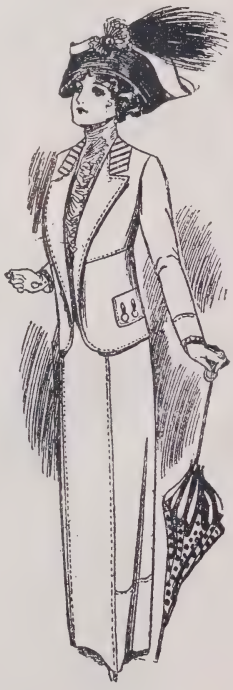
N.º 1

Para vestidos de maior *toilette*, a nota dominante nos tecidos é a leveza e o maleavel, predicados estes indispensaveis para darem o mais bello effeito em toda a linha graciosa do estilo Imperio, que presiste sempre como forma nos vestidos de noute. As flôres miudinhas são o enfeite adequado a essas *toilettes*. Alguns figurinos trazem em volta da cintura uns grossos cordões de seda que rematam ao lado com umas *torçades* tendo as pontas cahidas. Para meninas novas os vestidos são sempre sem gola.

As bluzas voltaram com todo o seu antigo prestigio. As bluzas de linho com bordado inglez e as de cassa são para mais simplicidade, para trajo matinal; de tarde póde-se esmerar a *toilette* com uma bluza mais delicada, de tulle, de renda e de musselina. A renda valenciana ou de Irlanda, e um simples tulle com entremeios de Torchon prestam-se como linda guarnição. Todas estas bluzas são forradas de cassa, a qual lhes dá a doçura de côr que se obtem quando forradas de gaze, mas com a vantagem de muito menos dispendiosa e de muito mais duração.

Uma das preoccupações femininas que a par do vestido segue a evolução da moda parece ser o calçado. Effectivamente é um ponto que faz parte integrante numa *toilette*, que sem ella nunca poderá estar completa. As parisienses estão ostentando um luxo fantastico nesse artigo, e os sapateiros procuram fazer sensação exhibindo as invenções mais caprichosas.

Para cada vestido um par de sapatos parece-nos cousa demasiada, e já não é para admirar que em outras eras, rainhas e imperatrizes fossem de uma perdularidade extraordinaria nesse ponto. De Maria Antonietta por exemplo resa a historia que estreiava um par de sapatos por semana, no que a excedia a Imperatriz Eugenia cujo calçado era usado apenas uma vez. Mas tratemos de não nos atordoarmos com taes excessos, procurando de uma forma moderada calçar com esmero. A garridice é sempre mal cabida em tudo. Um sapato de grandes fivelas, uma meia aberta, poderão ser usados numa sala ou por quem não anda a pé. Com um vestido *tailleur*, na rua, o calçado deve ser condicente na simplicidade: ou um sapato abotinado, ou uma bota bem feita se poderá admittir. O sapato de camurça é de mais recente novidade; como fôrma temos visto um feitio muito elegante para ser usado com um vestido de mais *toilette*. E' um sapato preto ou de côr, decotado, com umas fivelinhas quasi microscopicas douradas ou nikeladas, e fechando no peito do pé por umas presilhas unidas por meio de uns laços de fita de dois



N.º 2

Senhoras anemicas, creanças pallidas e sem appetite, recuperam a saude e augmentam o peso do corpo, tomando **SOMATOSE.**

dedos de largura. Outros têm pouco mais ou menos o mesmo feitio, apenas sendo o laço substituido por tres presilhas bastante delgadas, sobre o peito do pé, fechando aos lados com uns botões

Os chapeus apresentam uma forma muito original na presente estação. Temos visto alguns de uma extraordinaria graciosidade e lindamente adaptados. A forma Napoleão por exemplo é muito apropriada para meninas bastante novas.

São levemente guarnecidos; uns têm apenas uns *couteax*, outros uma laçada de fita glacé, e alguns com um pequeno e mimoso ramo de rosas.

Os chapeus grandes tambem têm a aba levantada na frente, sendo enfeitados com as plumas ou as flôres sobre a copa. Tambem ha uma outra forma do tres bicos, uma especie de chapeu postilhão.

A nossa gravura n.º 1 representa um vestido muito elegante estylo Imperio e de uma simplicidade encantadôra. Poder-se-ha executar de qualquer destes tecidos: cambraia, voile, ou etamine, porque de qualquer d'elles se obterá um brilhante effeito. O peitilho e os canhões são feitos de tulle ou cambraia ás preguinhas.

Os entremeios que formam a guarnição do corpo e da saia deverão ser de renda Chantilly ou então de uma bordadura nos tons da fazenda do vestido. Esses entremeios são todos avivados de seda preta para condizer com a larga barra de seda preta com que finda a saia. Completa esta elegante *toilette* um elegantissimo chapeu forma Napoleão, de crina verde escura, tendo a aba por dentro forrada de tulle preto. Por toda a

copa um grande molho de rosas de varios tons.

A gravura n.º 2 é o mais recente modelo em vestidos *tailleurs*. Obedece a uma inteira simplicidade e n'ella mesmo se revela toda a sua elegancia.

Dará optimo effeito se confeccionado em qualquer tecido como linho, Shantung, alpaca, sarja, piqué, etc. O casaco forma a cintura curta, cahindo quasi em linha direita nas costas. A' frente, uns grandes virados, e tendo a gola de seda ás riscas pretas e brancas.

A saia é cortada em quatro pannos, sendo um na frente, outro de traz e dois dos lados, tendo estes uma barra em baixo como indica o figurino, mas que poderá ser dispensada querendo-se. O chapeu, que condiz com a simplicidade desta *toilette* e que se presta para um genero ligeiro, é um dos modelos de mais novidade na presente estação. E' de palha tagal beige, tendo uma grande barra preta da mesma palha. Um cabochon de fantasia prende uma linda aigrette preta, a qual dá toda a elegancia ao chapeu.

A seguir inserimos duas gravuras com dois lindissimos modelos de chapeus. Qual-

quer d'elles poderá ser executado com a maxima facilidade depois de obtida a materia prima que são os cascos. A primeira d'estas formas é de palha verde escuro, tendo á frente um largo entremeio de tulle fantasia sobre o qual cahem graciosamente 3 molhos de ginjas. Um grande laço de seda preta ou tulle sae de traz, vindo as laçadas a acompanhar dos lados O segundo modelo, forma Napoleão, é de uma grande originalidade e muito gracioso, mas talvez se não preste a todos os rostos, pois requer que este seja de muita frescura e mocidade. Apenas é guarnecido por dois ramos de rosinhas de toucar, um de cada lado, misturados de folhagem miudinha.

Receitas uteis

Para tirar nodoas de tintura de iodo em roupa branca, empregae um pouco de acido fenico, o qual deitareis sobre a parte enodoada. O resultado será rapido e excellente.

Para impedir a carie nos dentes, deitar uns pingos de myrrha na agua com que se lavam.

As molduras douradas e que com o tempo se tornam um pouco embaciadas, voltarão a ter o brilho e a côr primitiva, esfregando-as com um quarto de cebola crua.

NOTA. — Toda a correspondencia relativa aos **SERÕES,** deve ser envida á **LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA.**

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Iayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, ti qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas. nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Blenol — Lindacutis — Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda igneę os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antanho dóres logo se curaram.

N.º 72

SERÕES

JUNHO 1911

Museu d'arte. — REMBRANDT (1606-1669). — Retrato de Isabel Bas

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - C. GLORIA, 5

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Séde da redacção e administração:** Livraria Ferreira, Rua Aurea, 132 a 138 — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

Pag.

RETRATO DE ISABEL BAS
(Frontispicio) 402

O CULTO DA ARVORE
(8 illustrações e 1 vinheta) por Victor Ribeiro 403

SENHORA DO CREPUSCULO *(Versos)*
(1 illustração) por Augusto Casimiro 410

ALVARO DO CARVALHAL
(1 illustração e 1 vinheta) por Fidelino de Figueiredo 414

ARTE PORTUGUÊSA *(Illustrações)*
Manhan em Clamart — Carlos Reis 415
Decoração da sala das festas do palacio do Bussaco — Carlos Reis, pags. 419 e 423
A caminho da fonte — Carlos Reis 435
A pobresinha — Carlos Reis 443

PARIS POR DEBAIXO
(8 illustrações e 1 vinheta) por Aquilino Ribeiro 425

O MOVIMENTO RELIGIOSO CONTEMPORANEO
(4 illustrações e 1 vinheta) 443

LEVIATÃO E A SUA GRUTA
(4 illustrações e 2 vinhetas) 447

CAMILO
(1 illustração e 1 vinheta) por Alfredo Guimarães 452

MUSICOS EXCENTRICOS
(5 illustrações, 1 vinheta e musicas) 455

RESENHA PORTUGUEZA
(6 illustrações e 1 vinheta) por Portugal da Silva 461

THEATROS
(1 illustração) por Portugal da Silva 468

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA
(2 illustrações e 2 vinhetas) 470

PELO MUNDO FORA
(3 illustrações e 2 vinhetas) 474

CHRONICA DA MODA
(4 illustrações e 1 vinheta) 477

Serões

Historia — Sciencia
Romance — Arte
Actualidades — etc.

Magazine Mensal Illustrado

PROPRIEDADE DA
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres
e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o compradôr indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

N.º 72

JUNHO 1911

MUSEU D'ARTE. — REMBRANDT (1606-1669). — Retrato de Isabel Bas

O culto da arvore

A utilidade e necessidade da floresta, principalmente nas regiões serranas, é hoje, felizmente, indiscutida. Esta necessidade constitue um dos mais importantes desideratums da agronomia portugueza. O problema florestal impõe-se como questão palpitante, para por elle se conseguirem multiplas vantagens, taes como o aproveitamento das hórridas zonas incultas das serras, a regularização do regimen das chuvas, a consolidação dos terrenos das encostas, a fertilização do solo pelos detrictos vegetaes, a creação de riquezas valiosas em madeiras de construcção civil e naval e de marcenaria, a frescura da atmosphera modificadora do clima, por vezes torrido do nosso paiz, e, finalmente, o aformoseamento da paizagem coroando as linhas de cumiadas e os recortes caprichosos das cordilheiras com a viçosa verdura dos arvoredos, em que a vista se repousa dôcemente á simples lembrança das frescas sombras que elles promettem e das murmurantes fontes que sob ellas brotam.

Não desconheciam os nossos antepassados as beneficas vantagens, que o homem, desde a sua vida prehistorica, aufere da arvore bôa e protectora. Por isso, logo depois de conquistado o solo e de obtida sua povoação pelo elemento mosarabe e extrangeiro, ao mesmo tempo que nos reconcavos da costa maritima, em modestos e rudimentares estaleiros, se fabricavam das nossas madeiras as primeiras caravellas, o rei lavrador, não tendo podido evitar que o assoriamento das dunas de areia lhe destruisse as povoações do littoral, ordenou com providente desvelo, a plantação dos areaes da costa em vastos e preciosos pinhaes, de que nos resta ainda a viva tradição no extenso pinhal de Leiria, vulgarmente conhecido pela significativa designação do — *pinhal real.*

Infelizmente, a febre das viagens, descobrimentos e conquistas, desviou as attenções dos governantes destes problemas vitaes da sylvicultura, e portanto só com a reconstituição nacional, sob a dynastia brigantina, reviveu o estudo dos serviços florestaes. Os alvarás de 29 de maio de 1643 e 17 de março de 1691 ordenam as plantações de arvores nos baldios, nos paúes de Salvaterra de Magos, lembrando expressamente os utilitarios fins de assim segurar as terras, evitando o entupirem-se as vallas, de conservar o ar sadio, e de enxugar os terrenos, para poderem semear se.

Era já a revivescencia do culto ancestral da arvore, que o marquez de Pombal havia de patrocinar, incitando pelas suas ordens, (que relembravam as regias leis de 22 de janeiro de 1678, de 23 de setembro de 1713 e 11 de março de 1716), a cultura das amoreiras, e estabelecendo assim a mais

PINHEIROS

bella alliança entre a sylvicultura e a industria artistica das sêdas.

O exemplo fertil e próvido dos paizes do norte, em que a arvore é adorada, como na Suissa, onde o córte de um vegetal arboreo é crime que as leis punem com penalidades identicas ás que impendem sobre os homicidas, ou como na França e na Belgica, onde extensos tractos de terreno mostram as verdejantes cômas das florestas das Ardennes, das Cevennes e dos Vosges, veio a ter porfim echo no nosso paiz, onde mais do que noutros o problema florestal se impõe, pela necessidade do aproveitamento dos baldios e dos tractos incultos.

Num paiz em que 44 % do territorio se acha no estado bravio de charneca ou de areias de costa, onde as terras, até mesmo na area actual e fantastica da capital do reino, se apresentam escalvadas e nuas, reverberando o calor com que aquecem durante o dia as suas massas rochosas os quentes raios do sol do estio, mil clamores se levantam a pedir que esses 73:000 hectares de terreno, improductivo e esteril, sejam cobertos pela benefica e fresca vegetação dos arvoredos de sombra, ou dos productivos e encantadores pomares.

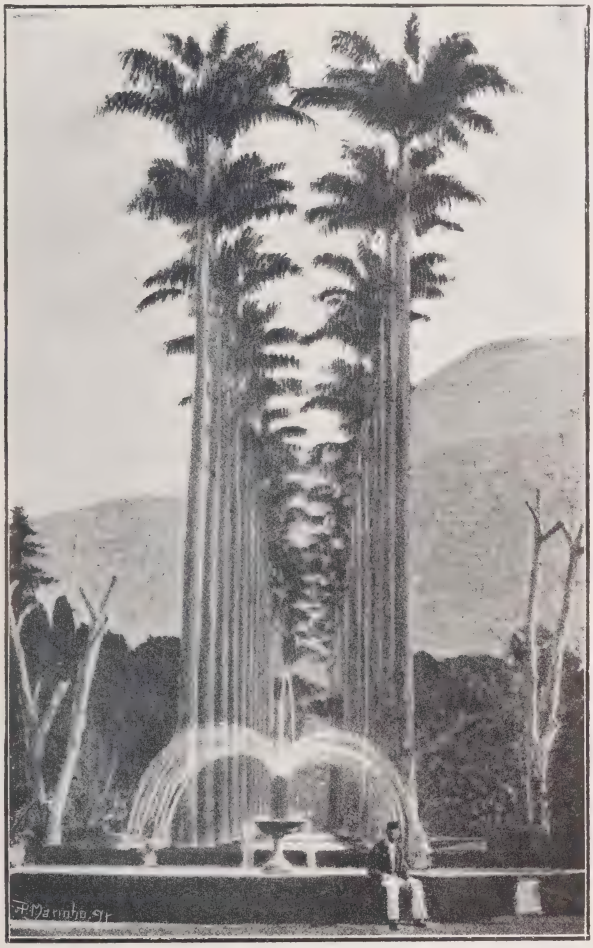
Muito se tem feito e muito ha a fazer com a organização dos *serviços florestaes* e desenvolvimento das mattas no paiz. Esta obra abençoada da arborisação das serras, a que ficou ligado o nome de Emygdio Navarro, que nos legou tão uteis medidas para o fomento da industria, da agricultura nacional, do commercio e do ensino publico, tem tomado incremento desde então, não só pelo estabelecimento de viveiros e plantações arboreas, de projectos e estudos, de reclamações instantes de dedicados agronomos e sylvicultores, como tambem pela fiscalização e vigilancia, tendentes a impedir os córtes e destruição dos pinhaes e das nossas tão escassas riquezas arboreas.

A organização deficiente da policia rural, e a montagem dos postos florestaes, como o do Gerez, com os seus regentes; os esforços constantes da Associação Central de Agricultura Portugueza e de outras aggremiações scientificas da especialidade provocaram o renascimento do problema. De norte

NO COMEÇO DO INVERNO

a sul, desde o Gerez á serra de Monchique, se reclama a arborização das serranias.

No Gerez, onde a natural vegetação produz as gigantescas carvalheiras, tão afamadas no norte do paiz, a matta do Estado occupa uns 10:000 hectares, que desde 1888 se cobriram das mais interessantes especies florestaes, como o platano, o vidoeiro, o azereiro, o teixo, o zimbro, o sobreiro e a azinheira, etc., ha os vastos viveiros com mais de 100:000 pés, e o posto meteorologico a estudar as condições climatericas da região.



AVENIDA DAS PALMEIRAS NO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO

Pelas quebradas e vertentes da serra do Gerez, desde a chã de Leonte até ás margens do rio Homem, erguem-se ainda florestas de carvalhos centenarios, exemplo raro no paiz, que bem lembra o aspecto viridente das zonas florestaes dos Pyreneus.

O *Annuario dos serviços florestaes*, que o Ministerio das Obras Publicas manda imprimir, e que attinge até ao annno de 1903-1904, diz-nos que naquelle anno se semearam 372 hectares de terrenos no Gerez, em Manteigas e noutros pontos, de pinhaes e carvalhaes, plantando-se, além disto, 57:000 pés de arvores no Gerez.

A camara municipal de Alemquer reclamava ainda ha pouco que parte da serra de Montejunto fôsse submettida ao regimen florestal; a serra foi de facto visitada pela missão scientifica official, que se pronunciou favoravelmente aos desejos dos Alemquerenses, cuja petição deveria ser instantemente secundada pelas camaras da vasta e rica região do Cartaxo, Azambuja, Torres Vedras, Cadaval e Lourinhã, cujos cerros escalvados e extensos tractos incultos attestam a incuria e desleixo de governantes e governados.

Para Monchique, cujas faculdades arboreas estão attestadas pela toponimia, desde o tempo de D. João II, que indo aproveitar das aguas, segundo é tradição historica, repousou momentos sob a grande carvalheira — no logar que hoje se denomina a *Carvalheira d'Elrei*, e para as serras da Picota, da Foya e de Caldeirão, é facil de ajuizar que importantes vantagens adviriam da sua arborização, pelo oasis luxuriante de verdura que o viajante, desde Ptolomeu e Plinio, admiram na estrada que conduz á pittoresca povoação das Caldas de Monchique.

A arvore merece, sem a menor duvida, o culto que o homem moderno lhe votou, revivescencia singular das ceremonias religiosas dos antigos druidas em que os sacerdotes celticos iam, sob as abobadas sombrias das florestas, colher, nos dias solemnes do seu rito, com a symbolica foice de ouro, o agarico sagrado, na casca dos majestosos carvalhos.

Os gigantes vegetaes tiveram nomeada que a historia e a litteratura nos perpetuaram. Dos cedros do Libano e do Sinai, fonte da riqueza commercial e naval dos phenicios emprehendedores, dos baobabs gigantes, dos iombondeiros africanos, dos soberbos palmares e impenetraveis juncaes da India, até aos nossos formosos carvalhos do Gerez e da Beira, aos cedros da matta do Bussaco, ás alfarrobeiras do Algarve, é enorme a tradição dos vetustos e encantadores collossos arboreos.

UMA AVENIDA DO BUSSACO

O culto da arvore, de que entre nós, ha pouco, a *A Liga Nacional de Instrucção* promoveu a fecunda renovação, é antigo na historia patria e na vida universal. Arvores existem e religiosamente se conservam, como veneraveis reliquias que perpetuam a successiva gerações a memoria daquelles homens illustres que as plantaram, ou que á sua sombra amiga se abrigaram alguma vez dos calores estivaes, ou por fim sob cujos annosos troncos vieram determinar sua ultima jazida.

O cypreste funerario, o teixo e o olmo que sombreiam as campas de nossos paes, inspiram o respeito e a veneração que muitas arvores celebres, por varios motivos, egualmente conquistaram.

Assim, em parallelo com o famoso salgueiro, que em Santa Helena cobriu os restos de Napoleão, possuimos tambem em Portugal algumas arvores historicas, de que citarei aqui as poucas que no momento me occorrem.

No Jardim Botanico de Coimbra admira-se a vetusta magnolia que alli plantou Felix de Avellar Brotero, o eminente botanico portuguez e primeiro director daquelle horto Citarei tambem o cedro giganteo e secular da Castanheira da Serra, que alli plantou o cego Castilho, o *mais poeta dos portuguezes,* o *dulcissimo Castilho,* como lhe chamou Camillo Castello Branco. No pateo

do Saldanha, ao Giestal, antigo palacio que em 1807 serviu de quartel general a Junot, havia na quinta dois soberbos cyprestes plantados um por Junot e o outro pelo marechal Beresford. A campa do venerando marquez de Sá da Bandeira, em Santarem, era abrigada pela sombra de uma nogueira amiga, que por sua determinação ou dos seus descendentes, alli foi plantada. A arvore symbolica desappareceu.

CINTRA — ATRIO DO CONVENTO DOS CAPUCHOS

No Sardoal (Abrantes), foi ha dias derribado, numa quinta de Alcanena, um pinheiro manso que contava 300 e tantos annos. Media 14 metros até á *forca*, dividindo-se nessa altura em dois ramos de 5 a 6 metros de comprido. O tronco tinha 5 metros de circunferencia. Foi comprado para construcções navaes.

*

A *festa da arvore*, modernamente iniciada, veiu revigorar o culto dos vegetaes arboreos, culto que, tanto sob o ponto de vista sentimental como pelo utilitario, tem na humanidade as mais veneraveis tradições. Já referimos algumas das que ennobrecem a tal respeito o povo portuguez. A dôr profunda e o accesso de ira com que o Infante D. Henrique recebeu a noticia triste do incendio que, por indisculpavel incuria, logo depois da descoberta, acabava de devorar uma boa parte dos frondosos bosques da ilha da Madeira, arvorêdo no qual o sabio Infante fundava as melhores de suas esperanças para o desenvolvimento dos estaleiros navaes, representam o lado utilitario, que desde aquelles remotos tempos preoccupava o espirito reflectido dos governantes.

O culto da arvore reviveu em nossos dias, e com elle veem as medidas de protecção aos vegetaes arboreos, que nos cumpre, por todos os principios estimar e admirar.

Em 20 de dezembro de 1907 realisou-se pela primeira vez, em Lisboa, *a festa da arvore*, ceremonia cultual de respeito, em que as creanças das escolas de Lisboa plantaram na rua Alexandre Herculano, com a assistencia dos directores de instrucção publica, da camara municipal, do iniciador da festa sr. Borges Grainha, e de numerosas pessoas, 38 arvores que ficarão historicas

CINTRA — ESTRADA DA PENHA LONGA

na cidade, como recordação do facto e da geração escolar que as plantou.

Ainda bem que a *Liga de Instrucção* se fez paladina desta idéa patriotica, missão que em França avocou a si, entre outras collectividades, o *Touring-Club,* ao passo que na visinha Hespanha um simples particular, o tenor Vignas, tem conseguido, com pertinaz propaganda civilizadora, estimular este culto, promovendo a plantação de milhares de arvores e a celebração da encantadora festa. Em Portugal, a *Direcção geral da instrucção primaria* mandou generalizar a todo o paiz aquella sympathica festa escolar, lembrando quanto este culto é patriotico e alevantado.

NO EGYPTO — A ESTRADA DE DACHUR

O *Touring Club de França,* na sua dedicada propaganda, publicou e fez distribuir profusamente por todas as cidades e campos da França, um livro intitulado — *Manual da arvore,* profusamente illustrado, onde a par das noções elementares de sylvicultura, se mostram claramente os perigos da devastação das florestas e da conservação da nudez arida das montanhas e dos baldios.

A *festa da arvore* tem-se repetido, já promovida pela *Academia de Estudos Livres,* já pela *Liga Nacional de Instrucção,* já por outras individualidades, até áquella que ha poucos dias vimos e em que a municipalidade de Lisboa plantou, na principal Avenida da cidade, uma laranjeira, que oxalá viva, floresça e fructifique, largos annos, perpetuando a memoria d'aquella ridente festa, a que o Governo Provisorio da Republica se associou pelas palavras eloquentes do Dr. Bernardino Machado.

Já antes, o vereador sr. Miranda do Valle se occupára da arborização das ruas de Lisboa, e o illustre presidente do municipio sr. Braamcamp Freire levantou, com a sua auctoridade, um brado em favor do culto da arvore, propondo, como a camara logo approvou, que — «*de futuro, se não destrua arvore alguma da cidade, nem se transplantem exemplares vegetaes arboreos, sem expressa auctorização da vereação municipal*».

Foi tomada esta louvavel e providente deliberação na sessão de 19 de janeiro de 1911.

Na *festa da arvore,* que tão brilhantemente se realisou em 29 de maio de 1910, na pittoresca povoação da Amadora, recitou-se uma formosa poesia do sr. Delfim Guimarães, cantando as plantas arboreas que embellezam a paizagem. Será com os versos graciosos que fecham essa poesia, que terminaremos tambem, *com chave de ouro,* esta desataviada noticia.

Dizem os versos:

As aves vão poisar nas hastes dos seus ramos,
Seus ninhos construir na sua alfombra amiga;
E quantas vezes nós tambem buscar não vamos
A sua protecção, exaustos de fadiga!
. . . . . .

A arvore traduz quanto ha de majestade,
Todas as perfeições resume por encanto:
Beleza, Força, Amor, Dedicação, Bondade.
A altivez d'um heroe e a almasinha d'um santo!

Bemdita sejas tu, ó arvore, entre quantas
Joias de admiração a natureza encerra!
Fonte de sumo bem, imperatriz das plantas,
Bemdita sejas tu, obra prima da terra!

O *culto da flôr* é o remate gracioso e poetico do *culto da arvore*. De ha muitos annos o Porto se tornou a séde deste culto, que numerosos amadores exerciam. Lisboa teve-os tambem; todos se lembram ainda com saudade das bellas rosas de Paulo Plantier, que adornavam as montras da sua loja. Hoje substitue-o o sr. Amor de Mello, apaixonado amador de flôres, e a cidade, com o patrocinio da sua vereação republicana erigiu em culto publico. mais de uma vez affirmado no brilhantismo publico da *festa da flôr* este culto privativo das almas simples e boas.

Abril de 1911.

VICTOR RIBEIRO.

VISTA D'UMA FLORESTA ITALIANA

Senhora do Crepusculo

Ternuras de crepusculo veladas,
Piedoso tombar da noite quando,
No silencio e na sombra, extasiadas,
Ficam as coisas, com amor, sonhando;

Manso florir de estrelas docemente,
— Olhar de justo que se extingue vendo
A luz de Deus além do aparente,
Em profunda Beleza florescendo;

Estremecer de palpebras suáves
Sobre a graça dum rosto virginal
Folhas tombando, musicaes e graves,
Nuvens subindo em vôo triumfal;

Doçura de mãos postas, ar de prece,
Bater de azas, murmurios, gestos lentos
Tam amor e tam alma que parece
Serem os nossos proprios sentimentos;

Vago fundir das coisas no regaço
Inefavel da sombra, de mansinho;
— Beijo do ceu á terra, etereo abraço
De dois corpos astraes, devagarinho;

Silencio iniciador, visão de encanto,
Que as lagrimas revelam se o sentir
Sóbe em palavras divinaes de pranto,
E as almas se contemplam a sorrir;

Brando fluir do espirito profundo
E indizivel á flôr das coisas calmas;
Entrevisão ideal dum outro mundo,
Silencioso alvorescer das almas;

Intermino murmurio, voz distante,
Misteriosa voz apenumbrada...

— Vem um rebanho pela estrada adeante,
— Sonha um velho chorão perto da estrada;

Neste concerto irreal que anda tentando
Nossa alma á aventura do misterio,
Das alturas do ceu, num vôo etereo,
As palpebras da noite vam tombando...

Entre a visão dos longes incendiados,
Em oiro vivo o Poente arde e deslumbra,
Com seus mil olhos fulvos, desvairados,
A brilhar numa face de penumbra...

E tu falas baixinho, como fala
Este silencio a murmurar doçura...
— Toda a piedade que o crepusculo ezala
— Já a sentira em tua formozura...

Olha os choupos, Amor — olha a clareza
Desta agua a fulgir como um tesoiro...
E ao fundo, ao longe, a rútila beleza
Da agua beijando o ceu num beijo de oiro!...

Olha a alamêda extatica e sombria,
O olhar da agua lenta caminhando,
E ao fundo, ao longe, a vivida agonia
Do claro ceu em chamas delirando...

Igneo portal do ceu, ao longe, ao fundo,
Silenciosa e tragica viagem,
Jornada de misterio e amor á imagem
Das almas á procúra do outro mundo...

Igneo portal abrindo no misterio,
Limiar duma vida mais profunda,
Em que o silencio escuta o beijo etéreo
Da luz do ceu á agua moribunda!...

Olha a alaméda extática, silente!...
Vão-se os olhos p'ra além, na tentação,
No encanto da agua, e fica a gente
A estremecer de assombro e comoção!...

Deixa os teus olhos vaguear no encanto,
No extranho encanto mudo que nos cérca,
P'ra que o misterio nos possúa tanto
Que este sentir de forma vã se pérca...

Perde os teus olhos, meu Amor, na extranha
Visão que em nossa alma se alevanta,
Largo romper de sol, onda tamanha
Que do Mar do Misterio, além, se adeanta!

Quero sentir, Amor, sobre o meu hombro,
A tua face branca de luar,
Extasiada e trémula de assombro,
Num divino delirio a soluçar!...

Coimbra — 1911.

Augusto Casimiro.

Alvaro do Carvalhal

(Um escriptor esquecido)

A historia das litteraturas, frequentemente, o esquecimento, quer por uma transformação do gosto, quer por circumstancias accidentaes, apaga nomes que tinham direito a lograr mais algum favor. E' um phenomeno que em todas se verifica e que, fazendo avultar as grandes figuras, estabelece a desproporção e reduz esses nomes secundarios á méra repetição de qualidades, que as grandes figuras mais vigorosamente concretisam e representam. E' o caso de Corneille e Racine que offuscam todos os tragicos desde Hardy, só interessantes para o estudo das origens e da differenciação do theatro nos seus varios tons, grave, comico e mixto. Mas outras vezes esse esquecimento provem do divorcio entre a litteratura e o povo, estando neste caso principalmente as litteraturas de imitação, das pequenas nações, de Portugal por exemplo. O critico, que se abalança ao estudo minucioso e probo da litteratura nacional, a cada passo encontra rehabilitações a fazer, tardias reivindicações a invocar. Na parte theorica já tive occasião de o fazer no volume II da «Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionaes». Alvaro do Carvalhal é um bem typico exemplo e será o objecto do artigo presente, tendente a mostrar como elle foi, em potencia, um apreciavel escriptor.

E' fóra de duvida que o critico, que accordar esses nomes ignorados e esquecidos, e os incluir na historia litteraria, tem de os considerar por uma fórma bem diversa daquella por que considera os outros, que tiveram um publico, foram comprehendidos, foram amados. Os ignorados, os que bem cedo esqueceram, e sobre todos, os que, como Alvaro do Carvalhal, só posthumamente fôram lidos, e fracamente, não exercêram acção sobre o gosto, não orientaram successores; a sua influencia dynamica, é, pois, nulla, mas nem por isso menos significativa a sua individualidade, como fóco condensador de acções heterogeneas. Quantas vezes a causa desse esquecimento reside na combinação, por uma maneira insolita, de influencias bem communs, mas que, em conjuncto, produziram uma resultante dispar do publico. E' o caso de Alvaro do Carvalhal, que passo a expôr, com a brevidade e a reserva, a que sou obrigado por falta de dados fidedignos.

Dois auctores, principalmente, se referiram a este escriptor; Simões Dias que prefaciou a edição posthuma dos *Contos* e a quem devemos os unicos apontamentos biographicos conhecidos, e o sr. Pereira de Sampaio, que no capitulo IX da sua obra, *A Geração Nova*, faz delle principal objecto das suas attenções. Mas um e outro dão pequeno subsidio, menos o segundo que o primeiro, de forma que será a obra a fonte principal das nossas informações. E', porêm, este um processo perigoso; a critica psychologica, fre-

CARLOS REIS — Manhan em clamart

quentemente, chega a reconstituir um typo moral do auctor inteiramente opposto ao real, quando se baseou só sobre a obra; deste processo, na presente conjunctura forçoso, determinam-se duas consequencias: as reservas nos assertos relativos ao auctor e a predominancia do estudo da obra, em si, sobre o do auctor.

Seguindo o testemunho de Simões Dias, Alvaro do Carvalhal nasceu na provincia de Tras-os-Montes, na aldeia de Argeriz, no anno de 1844, e falleceu em Coimbra em 1868, com vinte e quatro annos, portanto, ao tempo em que cursava a faculdade de direito. Essa breve vida passou-a na preoccupação duma doença minaz, que teve o seu desfecho no aneurisma que o victimou. O retrato, que acompanha a edição posthuma, mostra-nos uma physionomia apoquentada, a testa em rugas, as sobrancelhas descahidas, o olhar inexpressivo, o bigode abandonado, todos esses traços que deixa a meditação pessimista. Não se póde, todavia, explicar a anormalidade mental, de que evidentemente Alvaro do Carvalhal soffria, só pelo padecimento physico. Faltam-nos dados; teremos por isso de nos limitarmos a constatar essa anormalidade no caracter particular que imprimiu á sua obra e que nunca se repetiu na nossa litteratura. Tivémos nevroses, entre ellas a de Anthero de Quental e a de Camillo Castello Branco, mas tanto em Anthero como em Camillo, consistia, alêm duma deficiencia organica, principalmente na passividade com que soffriam as acções externas, nunca chegando á absoluta posse consciente de si proprios, passando a vida em suggestões e contradicções. Não soffriam duma total incapacidade de ver a realidade objectiva, na sua flagrancia; nem um nem outro era destituido do poder de pensar com logica e coherencia; a sua vontade é que enfermava, de forma que essa anormalidade psychica reflecte-se principalmente na sua conducta moral. Em Camillo surprehende-nos a justeza da sua observação, a descripção nos seus romances, e o discernimento com que conduz as suas investigações chronologicas, nos seus trabalhos de erudição; em Anthero, se não encontramos esse poder descriptivo é porque, sendo uma imaginação, na sua forma superior, abstracta, não era um observador pictorico das coisas concretas, desdenhava até a pintura; tinha, porêm, a mais completa normalidade, o mais elevado senso logico a nortear-lhe o pensamento, como testemunhou irrefragavelmente nas *Tendencias geraes da philosophia*. Não succede assim em Alvaro do Carvalhal, em quem a realidade era uma concepção subjectiva. Sobre disposições moraes ingenitas, o recolhimento alheado da vida quotidiana, da observação, veio accentuar essa incapacidade de ver bem e impessoalmente, essa anormalidade dos sentidos dominados pelas tendencias espirituaes, porque elle não vê completamente o que se lhe apresenta aos sentidos, mas corrige a visão com a representação que acompanha as suas tendencias. Como acima disse, a obra é o campo das nossas observações; nella vamos entrar. Faltam-nos elementos de estudo, porêm a falta desses elementos — cumpre esclarecer — sentimo-la não para a localisação do caracter de Carvalhal num elenco de anormaes pathologicos; esses elementos, a existirem, só nos importavam, para nos subsidiarem no estudo do caracter litterario do auctor. Faço este esclarecimento para accentuar o meu ponto de vista, exclusivamente critico. Como a obra é quasi totalmente desconhecida, resumo a acção dos *Contos*, volume posthumo, de 1876, que é quanto nos resta do auctor estudado.

No primeiro, *A Febre do jogo*, Marianno, personagem nuclear, perde ao jogo uma quantia importante, perda que importava a fallencia do pae. Em meio do seu grande abatimento, o banqueiro seu amigo, Lucio, proporciona-lhe um meio de salvação: tinha em seu poder uma quantia avultada, confiada á sua guarda, sem mais exigencia juridica, pelo lavrador P. Vassal, que vivia a duas leguas, para alêm da montanha, sobranceira á cidade. O dono pedira-lhe, havia pouco, a devolução do dinheiro, mas fallava-se-lhe, e se elle annuisse em esperar, Marianno estaria salvo. Restava-lhe trabalhar para pagar o emprestimo. Na noite immediata, Lucio devia atravessar a montanha, regressando com o dinheiro. Marianno passou todo o dia numa dolorosa espectativa. Surge-lhe no cerebro uma idéa criminosa, trepa á montanha, de noite, e quando vê passar um cavalleiro, desfecha a

clavina, precipita-se sobre elle e rouba-lhe o sacco; corre para casa, fecha-se no quarto e, quando tremulo de commoção, o abriu, encontrou-o cheio de miseraveis moedas de cobre, algumas de prata, em vez do ouro luzente de Vassal, que esperava. Tinha assassinado o pae; Lucio appareceu em breve com a fortuna redemptora. Segue-se uma violenta commoção cerebral — cuja forma de composição adiante será analysada — durante a qual elle — sonho ou realidade? — arrebata o dinheiro, corre ao jogo, e vê ganhar-lh'o o banqueiro, um homem mysterioso... o cadaver do pae, ostentando na cabeça a ferida da bala, que na montanha o filho, pouco antes, lhe atirára.

A' saida, acompanha o pae, que vae deitar-se no caixão, na eça armada numa igreja... Vem-lhe um delirar tetrico, accordando depois... em Napoles, convalescente dum ataque de loucura.

Tal é a acção, e não é facil resumi-la porque a composição é tão espontaneamente cahotica, que não se sabe onde termina a realidade narrativa e onde principia a loucura visionaria.

Chegados ao fim, tres surpresas nos colhem; a primeira, que a parte mais terrorosa do conto é uma visão, a segunda, na melhor das conjecturas, que essa visão, que suppunhamos o delirar duma noite, é o bosquejo do estado de loucura, cheio duma mesma preoccupação e sem nitida contagem de tempo, a terceira que todo o conto é a narrativa pessoal dum jogador. Voltamos então a traz, e tomamos tudo, que se segue ao contracto com Lucio, por phantasia do alienado, mas um dialogo final nos esclarece que realmente Marianno matára o pae. E foi essa certeza que novamente lançou Marianno, curado, ao jogo.

O conto seguinte, *J. Moreno,* é, quer pelas analogias entre a sua acção e os escassos dados biographicos conhecidos do auctor, quer pelo testemunho de Simões Dias, o caso pessoal de Alvaro do Carvalhal.

ALVARO DO CARVALHAL

De Coimbra sae de viagem para Hespanha o mancebo J. Moreno, avido de se resarcir de fadigas, soltando a alma em aventuras. Ainda então — no tempo de Carvalhal — os portuguêses viajavam pouco e raramente alêm da Hespanha. Atravessa a peninsula, deixando um rasto de recordações sentimentaes, e dispunha-se a entrar pela Galliza, quando preso dos encantos de Petra, em Lugo, se demorou tão esquecidamente, que a eleição, que em Portugal, lhe preparavam foi compromettida pela sua ausencia. Chamado pelo pae, ainda, graças á cedencia da candidatura deste, conseguiu entrar em S. Bento. Desde então a sua vida foi uma sequencia de triumphos na politica, no mundanismo e nos amores faceis. Em breve esqueceu Petra. Assim viveu embalado de glorias — que Alvaro do Carvalhal não diz quaes sejam, tão grandes que não as attingimos — até ao dia em que, instado, um medico lhe communica que soffre dum aneurisma. Cae num desalento desesperado, que a morte do pae vem ainda augmentar. E' então que lhe relembra Petra, como um balsamo. Parte para Lugo, casam... e morre nos braços della, na noite de nupcias.

Tambem neste conto não faltam elementos da morbida phantasia do auctor, que todavia elle quer fazer entrar no ambito do verosimil, pela coincidencia entre um sonho e alguns factos reaes. Vejamos. Quando se retira para o seu solar, J. Moreno passa os dias e as noites numa grande agitação. Uma noite, dormindo, sonha que o pae — já morto — vem, tiritando, gasalhar-se ao lume do fogão, enroscando-se mirrado aos pés delle; accordado reconhece que é o corpo adormecido do cosinheiro, que ficando de véla ao amo, cedêra por fim ao somno. Ou-

tra noite, sonhára que ia escrevendo com a ponta duma lamina metallica sulcos sobre as cinzas do fogão, sulcos que depois se coloriam duma phosphorencia pallida. Afiguraram-se-lhe caracteres cabalisticos, uma tentação do demonio. «O espirito promettia ao enfermo um cauterio redemptor, á custa de ominosa convenção.» Invoca uma mão supremamente poderosa que o salve. Apparece-lhe Satanaz, faz-se o pacto; J. Moreno toca um pergaminho, immediatamente ahi apparece o seu nome a fogo, depois Satanaz, com a unha molhada em sangue da ferida, que com ella abre na testa de J. Moreno, lança no pergaminho as clausulas do contracto. Accordando, J. Moreno corre ao espelho; tinha a testa ferida... mas o ferimento fizéra-o num dos ornatos a relevo da cadeira, em que adormecêra.

Segue-se o conto *Honra antiga*. Um velho alferes, das guerras civis, vingou, segundo a sua noção de honra, a affronta a elle feita por sua filha, Petronilha. Vendo que ella resistia a todos os casamentos propostos, impõe-lhe um villão para noivo, mas Petronilha, perdendo a esperança de demover o pae, opta pela confissão ao indigitado marido do obstaculo que os separa; tem um filho de um conde das visinhanças, a quem ama. Retirando-se, o villão repete tudo ao veterano. A' noite, quando Petronilha, em sobresaltos, esperava no quarto o conde, apparece-lhe o pae. Depois de altercarem, ouvem os passos do conde; o alferes arrasta a filha para o interior e mata-a com a durindana das luctas civis, volta ao quarto e, após ligeira hesitação entre o dever e a commoção, ás escuras, brande a espada e despedaça o craneo do conde. Reuniu os cadaveres na cama, em que tinham noivado, e foi offerecer-se á justiça. Desde então a mulher do alferes, «quando é mais lauto o jantar e maior o numero dos convivas, conta, entre o sobremesa e o café, com orgulho de leôa, como na sua familia se castiga uma affronta». E conclue, digressivamente, sobre a relatividade da noção da honra, procurando por ella justificar o alferes.

O conto *A Vestal* é brutal de sensualidade, que ahi attinge o supremo grau de imprevisão. L. Gundar, viajado e um pouco sceptico, de visita a uma tia, surprehende na prima infantil, que annos antes deixára, uma encantadora mulher, curiosa das suas viagens, simples, que contrastava singularmente com as que até então conhecêra na roda viva da sociedade. E ama-a. Passeiam, dão-se as mãos, beijam-se livremente; mas o seu amor parece entristecer, encolerisar por vezes um rafeiro antigo, Niger. Na cidade, contando o seu subito reviramento de crente no amor, a um amigo, Fausto, homem de vida mysteriosa, ouve as mais aterradoras prophecias, porque para Fausto a simpleza ingenua de Florentina não é mais do que calculo. E conta um episodio da mocidade, em que foi protagonista a mãe della, que não será por isso falta de argucia no guiar a estrategia da filha. Fausto promette ir á sua bôda, mas morre no dia seguinte de tysica. Gundar e Florentina casam, mas á hora dos brindes chega um conviva inesperado, Don Pablo. A Gundar semelha-se que é Fausto, o espectro de Fausto. Só então reparou na estranha parecença de Fausto e de Don Pablo. O casamento realisou-se assim, sob aprehensões aterradoras. L. Gundar, desdenhoso da ardencia de sangue da mulher, estabelece aposentos separados. Dahi tambem um começo de affastamento moral, em pouco, por consequencia de mal entendidos e de suspeitas, tornado quasi incompatibilidade. Don Pablo visita a casa com frequencia e é recebido carinhosamente por Florentina. A suspeita mina o coração de L. Gundar. Simula uma viagem, mas a pouca distancia retrocede, e, occulto, observa que o amante de Florentina era... Niger, o cão ciumento que os seguia, rugindo, quando em solteiros elles se passeavam pela alameda, de mãos dadas. Mata o cão, cospe sobre a mulher com desprezo e desfecha contra si o revolver.

O *Punhal de Rosaura* mais ainda exacerba o horror tragico, que no ultimo conto, *Cannibaes*, attinge a extravagancia duma concepção morbida. Everardo roubára á familia a mocidade querida e bella de Rosaura, de quem fez sua amante, desdenhando-a, após os primeiros enthusiasmos. A sua vida solta de orgia a tal ponto alheára de si o coração de Rosaura, que, pouco a pouco, o remorso, o arrependimento, as saudades da America distante, donde era natural, fôram acudindo. E um dia, em seguida a uma dis-

CARLOS REIS — Decoração da sala das festas do palacio do Bussaco

cussão vehemente, ella procura um refugio no suicidio; mata-se com um punhal. Um só homem testemunhou o seu fim, como testemunhára a sua vida de soffrimento, o escravo Antonio. Na Europa, viajava um irmão de Rosaura, Lorenzo del Giocondo, a quem Antonio communica a morte de Rosaura e entrega o punhal. Desde então Lorenzo só para um fim existe, vingar a familia desolada, vingar a irmã perdida. Persegue Everardo, e uma noite, num baile em Veneza, aonde elle fôra na variedade multipla dum viver ao acaso, encontra-o; mascarado, deixa-se cortejar, soccorrendo-se da feminilidade gracil do seu rosto, disfarçado ainda pela mascara, arrasta-o a um palacio em ruinas — todo o scenario é tristonho e sinistro! — onde o faz embriagar, e quando Everardo, curioso, ancioso, lhe supplica retire a mascara, mostra-lhe um rosto cadaverico, algido, onde Everardo descobre as feições de Rosaura morta. Exanime cae, e, quando torna a si, vê-se sobre a campa raza da sua amante. Desordena-se-lhe o pensamento, confundem-se-lhe as recordações, o cynismo requinta, a voluptuosidade do vicio torna-se-lhe o estado constante. Finalmente, uma noite, numa taberna, um mancebo entra e desafia-o: um empurrão apaga o veladór, e um duello sunguinolento, um atroz duello de morte se trava na escuridão. Dahi a pouco abre-se uma porta, sahe o mancebo Lorenzo, e pela luz que entra, os convivas vêm estendido no chão a Everardo, com um punhal atravessado na garganta, o mesmo com que Rosaura trespassára o seio.

No ultimo, nos *Cannibaes*, feriu a nota mais alta da inverosimilhança, da extravagancia e do artificial arranjo litterario, tão frequente em quem escreve idealisando emoções de segunda mão, colhidas indirectamente dos livros. Através das salas de baile e dos banquetes, duas personagens se passeia triumphalmente, ambas em meio da maior surprêsa, admiração e curioso interesse. São Margarida, cuja belleza e cujo desdem por quantos lhe tributavam graças lhe tinham dado certo renome, e o visconde de Avelaneda, cuja fortuna, cuja melancholia e uma gravidade serena e tristonha o aureolavam com o prestigio fatal do mysterio. Casaram-se, mas toda a festa decorreu sob um veu de tristeza, de receio, que provinha da reserva melancholica do visconde, que nem nesse dia mudára, e de certas palavras sybillinas, que Margarida lhe ouvia e que a deixavam num vago receio opressivo. Uma terceira personagem, D. João, ardendo em ciume desesperado de pretendente desdenhado, no dia da bôda, mais accentua essa oppressão de temor, com um brinde ironico. Por ultimo, os receios de Margarida precisam-se, concretisam-se. Na noite do casamento, Avelaneda não corre a abraçá-la; encostado a uma poltrona, diz algumas palavras geladas, e em seguida, ante Margarida aterrada, *desarma-se* nas varias, complicadas partes que o compunham; é que o visconde era um aborto estupendo, um tronco e cabeça sómente; os braços, as pernas, os dentes, o movimento tudo era um artificio mechanico. Margarida foge espavorida para os jardins, onde cahe exanime, e o visconde, querendo chegar a um frasco de fulminante acido prussico, rola da poltrona, sem o conseguir, indo tombar sobre as chammas do fogão, que logo o envolvem e vão carbonisando. Na manhã seguinte, o pae de Margarida, vendo como tardavam e que a porta do quarto só estava encostada, entrou; logo um cheiro de carne queimada lhe despertou o appetite voraz, e vendo a carne ardendo ao fogão, explicou a ausencia dos noivos e a carne a arder pelo pendor para a excentricidade, que sempre conhecera no visconde. Chama os filhos, e, devidamente apetrechados, começam trinchando e comendo na parte superior da carne, a menos tostada, não sem estranhar o seu gosto insulso. Entretanto um tiro os chamava ao jardim; era D. João, que do alto duma magnolia, assistira, por uma janella aberta, á estranha scena, e que assim punha termo á sua vida de desvarios, no momento em que pela primeira vez um capricho seu se mallográra. Da sua bocca moribunda, o pae e os irmãos ouviram a narração horripilante, e soubéram que, como cannibaes, tinham comido da carne do visconde. A' sua consternação, porêm, surge um consolo efficaz; eram os herdeiros legitimos do riquissimo visconde. Tal é a moralidade da historia, conclue Carvalhal.

Seria insensatez, ao fazer algumas observações criticas sobre o escriptor incipiente,

morto quando apenas produzira os ensaios referidos, applicar-lhe qualquer criterio absoluto, que esquecesse essa circumstancia e a de que a inverosimilhança e a estravagancia são fins procurados, intencionalmente, pelo escriptor.

Quanto se póde extrahir da leitura morosa dos *Contos*, Alvaro do Carvalhal, posto que contemporaneo da geração que em 1865 mostrava uma disposição moral de rebeldia contra o crédo litterario reinante, era um romantico retardario, mas já da decadencia, quando os caracteres proprios do romantismo deixaram de apparecer implicitamente, mas foram, de intenção propositl, repetidos, numa crescente artificialisação. Ha nestes contos um evidente predominio da forma sobre o fundo, uma forma que é mais fim de que instrumento de arte, ha tambem um divagar da phantasia, á solta, longe da verosimilhança, mais ainda da realidade, mas nessa forma procurada e nessa soltura da imaginação percebem-se a insinceridade do auctor que, friamente consciente dos processos litterarios da sua epoca, se apossa delles e os utilisa, procurando assim o effeito almejado e supposto seguro. E' que nas escolas de arte, succede o mesmo que na vida individual; a repetição facilita o acto, automatisa-o; sómente, emquanto no viver quotidiano esse automatismo é uma commodidade, uma economia de tempo, um progresso de destreza, é, em arte, a decadencia e a uniformisação crescente das obras, a perda do essencial caracter pessoal, é o resvalar para a frieza insulsa.

Tal é a explicação psychologica do gongorismo que, documentada, apresentei numa monographia critica (1); tal a explicação da decadencia de todas as escolas; os caracteres essesciaes vão avultando successivamente, emquanto os menos evidentes se vão obliterando, esses predominantes codificam-se em regras, que ás vezes chegam a ser ministrados em receita, como nas antigas Poeticas, ou estão objectivados na mente do artista, chame-se-lhes *maneira, estylo* ou *processo*. Dahi á morte é um passo.

Tambem o romantismo teve essa phase de artificialisação, e entre nós com relevo especial, visto que, morrendo sem dar sequencia a um credo litterario novo, morrendo, mas não transformando-se, como em França, essa decadencia perdurou, por mais tempo, como noutro logar se mostrará. Este asserto, de suppôr uma continuidade evolutiva de escola a escola, nada tem de aventuroso, visto que a observação constata que, por exemplo, a passagem do classicismo ao romantismo, do romantismo ao realismo, quasi se póde explicar por uma desproporção no equilibrio dos varios elementos constitutivos do primeiro. Assim, o lyrismo que no classicismo mal se affoitava por entre a litteratura impessoal triumphante, vae avultando a ponto de sobrepujar esta e tornar-se feição primacial no romantismo. Depois, a verosimilhança, a possibilidade, que tinham sido sempre um bordão da litteratura, tornam-se preoccupação exclusiva, e surge o realismo. O que é necessario é explicar causalmente esse evoluir, e é isso que nos dá a consideração dos factos historicos, circumstancias sociaes, os auctores e os accidentes, maximamente repetidos em historia. E' justamente Carvalhal um esquecido exemplo desse estadio da decadencia do nosso romantismo. Leitor de Shakespeare, Goethe, Musset, Victor Hugo, Espronceda, Alvares de Azevedo, Filinto Elysio Hoffmann e Poe, elle imitava não a natureza, embora vista através dum crédo litterario, mas estes auctores, combinando esses elementos tão dispares por uma forma pessoal.

O seu modo de ser moral deu-lhes aspecto novo, fazendo que dentre os tardios imitadores romanticos, elle se destaque com certo cunho pessoal. Vejamos. Noutro lugar, affirmei convictamente o que segue, traduzindo em formula, o que atraz expús: «E eu creio mesmo... que a evolução das litteraturas modernas póde ser resumida nesta formula, um successivo alargamento do bello. Na verdade, para um classico só era bello o que era normal, o que era do seu tempo, e até em França, de Paris. Duas creanças, que figuram no theatro classico francês, Joas e Louison, levantaram grande celeuma. Para um romantico é bello tudo que excita a imaginação, portanto toda a natureza externa, pictorica, e todas as manifestações da vida, que dêem uma sensa-

(1) V. *A Critica Litteraria em Portugal*, volume II da «Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionaes», pag. 40 e seguintes.

ção de belleza; compraziam-se em aureolar as creanças e os animaes. Para um naturalista, até o anormal, até o pathologico.» (1) Ora o cunho pessoal, a novidade, que eu encontro nos *Contos*, de Carvalhal, é este alargamento do ambito dos motivos litterarios, do bello. Na *Vestal* e nos *Cannibaes*, pôs na téla litteraria assumptos, que um verdadeiro romantico português repugnaria. Não se diga que foi isso influencia do realismo francês, melhor diriamos de Zola, visto que Flaubert nos não dá o menor exemplo dessa preferencia por themas crús, uma donzella que ama um cão, alguns homens que comem um parente. Zola começou a publicação dos *Rougon Macquart* em 1871, quando Carvalhal era já morto. Portanto, ainda que a crueza e a excentricidade de Carvalhal façam lembrar *La Terre* e *Thérèse Raquin*, temos de explicá-las pela sua propria feição litteraria, como em França, noutras proporções, se faz para Théophile Gautier. Tambem não é uma previsão, visto que, nesse caso, ficaria em contradicção com todos os outros caracteres, por vezes accentuadamente romanticos, dos seus contos, como por exemplo a falta de localisação das acções e de indicações biographicas das personagens. Raramente se sabe donde vêm, quem são, raramente ainda se conhece o seu nome completo. Nenhuma psychologia, sómente um caracter geral, uma maldade cynica, domjoanesca, um enfartamento de desvario, de orgia, de amores faceis, que conduz ao amoralismo. Tambem os seus quadros, imprecisos como são, abstractos recortes, que a ninguem, realmente, se pódem referir, a nenhuma observação directa, a nenhuma emoção vivida, não têm fundo; não ha multidão, essa multidão que turbilhona na vida, no ultimo plano dum qualquer quadro pessoal, essas necessarias personagens secundarias e secundarissimas, que vêm pormenorisar, trazer verdade. As mulheres são sempre, áparte ligeiras variantes, como a que retrata, a pag. 226: «Rosaura tinha na physionomia sympathica a perfeita manifestação da sua alma ardente. Era uma natureza extraordinaria pelo complexo de elementos variados e oppostos, que a constituiam. Nobre orgulho; imaginação febril, facil em exacerbar-se na creação de impossiveis, de phantasmas e de terrores; desvairada impaciencia no aspirar para o desconhecido, proprio das organisações vehementemente nervosas e sensitivas; quanto ha de mais dôce e pudico na virgem, temperado indescriptivelmente com um tanto da libidinosa soltura da peccadora: taes as qualidades, que davam relevo a esta creança original. Nada mais selvagem no ciume! Em cada ondulação do peito encapellavam-se tempestades; mas tempestades, que um singelo carinho meu tinha o condão de esconjurar.»

Eis como retrata Petra, do conto *J. Moreno*: «Esbelta, bem torneada, fresca como uma açucena, leve e travessa como uma phantasia airosa, Petra irradiava luz, animação e jubilos em torno de si.

«Ninguem melhor do que ella, nem com mais subtileza de donaire, rojava a seda abundante d'um vestido, ou se envolvia no estofo transparente do seu pequeno chale.

«Ninguem com mais primor levava os dedos pelas teclas d'um piano, ou entoava com mais vibrante e maguada voz alguma canção do seu querido Trueba. Se, porêm, num sentimento agudo de tristeza, fallava de olhos baixos, rubra a face, em borborinho manso e lamentavel, como arrulho de amorosas pombas, da estreiteza de scena a que as egoistas sociedades se apraziam em condemnar a mulher, eu não sei como não fremiam os astros em unisona acclamação. Cada syllaba era uma nota perdida da infinita harmonia, que, ferindo a um tempo no ouvido e no coração, lançava J. Moreno em torporoso desmaio.

«Uma camelia purpurina e fresca, como seus labios, precisamente moldados pelo quilate da tentação, constituia o adereço predilecto da negrejante coma de Petra.» E por toda a parte descripções identicas, sempre a «magnificencia de contornos acabados, frescura, colorido, rijezas de carnadura e decididas aptidões para attingir a maternidade». Como se estava longe dos termos idyllicos de Garrett e Herculano, da mulher sonho, a Joanninha do Valle de Santarem e as personagens femininas do Monasticon «intermediarias entre o ceu e a terra», das bran-

(1) V. *Herculano — critico, poeta e romancista*, terceira conferencia da serie official, Lisboa, 1910, pag. 5. *Boletim* da Sociedade de Geographia, abril.

CARLOS REIS — Decoração da sala das festas do palacio do Bussaco

cas e timidas castellãs dos dramaturgos historicos.

Outro caracter accentuadamente romantico é o idealisar a Hespanha, como paiz do amôr, paiz da forma e da côr, que satifazia a preferencia do exotismo dos primeiros romanticos. Mas emquanto naquelles essa preferencia era uma consequencia dum estado moral de inadaptação, de descontentamento, era um exotismo sincéro, em Carvalhal é já uma herança tradicional, cuja origem psychica, cujo significado se perdeu. Por toda a parte se revela a mão do auctor, mexendo as personagens, explicando-as ou divagações e commentarios inopportunos vêm truncar o fio, tirando á composição aquella unidade, aquella impessoalidade que é um dos alvos a attingir.

«A mina tem sido explorada por numerosos alchimistas de sensações fortes. A mim, com pena o digo, cae-me a penna da mão. Mas já que vim coxeando até aqui, coxearei um pouco mais. Permitte, leitor.. » *(Punhal de Rosaura,* pag. 260.)

«D'onde concluo, aqui entre parenthesis, que o systema nervoso das senhoras é mais melindroso do que o do leitor, que, certamente, não vê motivos de susto. Possa a descoberta ser de proveito á sciencia.» *(Cannibaes,* pag. 284-5.)

«Através das janellas abertas viu a lua no céo, *infallivel em taes casos,* e viu tambem a folhagem compacta do laranjal, recendente ao sopro ligeiro da embalsamada viração.» (Id., pag. 292.)

O amor, que as suas personagens sentem, é sempre um amor instincto, um amor que irresistivelmente impelle á posse; só para elle vivem, e, quando o capricho se desfaz contra um obstaculo insuperavel, partem o craneo com uma bala, como D. João nos *Cannibaes.* O proprio Carvalhal seria um sensual, segundo se infere desta preferencia, e o prefaciador do livro, Simões Dias, que o conheceu, o affirma. Por toda a parte nas descripções, põe um cuidado particular nos perfumes e nas côres; os convidados rebrilham de joias, as mulheres decotadas, as mêsas com as melhores iguarias e os melhores vinhos, muitos crystaes e muitas flores; na boda de Avelaneda e Margarida, nos *Cannibaes,* os convivas bebem por copos de ouro.

Como Carvalhal não idealisava os dados reaes da observação, é claro, é logico concluir que as suas descripções nunca têm independencia pictorica, e são sempre uma repetição de elementos fixos, da costumada scenographia do romantismo: por isso a natureza raro figura nos seus contos, e sempre como retoque ao fim desejado, um reforço de côr para produzir o effeito procurado.

Quanto á composição, conseguiu — exceptuando o primeiro conto, *Febre do jogo,* — sempre marcar as gradações principaes da acção, evitando prolixidades e até pondo, envoltos no dialogo, certos esclarecimentos sobre ella. Mas o dialogo é artificioso, muito litterario, por vezes um torneio de argucias, sem nenhuma significação psychologica e, quasi sempre, desacompanhado daquelles pormenores de gestos, de expressão physionomica, de attitudes, que o definam, o precisem. E no estylo desse dialogo, a cada passo, se encontram reminiscencias filintistas, no acurado purismo syntatico e no aspecto antigo, sem que a expressão ganhe: «lam estes de vagar, com muita quietação, em companhia d'uma apavonada moçoila que, num cestinho á cabeça, levava acipipe *de que fazer* no monte appetitosa merenda.» *(Honra Antiga,* pag. 143.)

Após esta summaria enumeração dos caracteres, que julguei primaciaes na pequena e esquecida obra de Carvalhal, uma pergunta nos acóde: que se tornaria esse escriptor, se não houvesse desapparecido tão cêdo? Ou condescenderia, com contrangimento, soffrendo disso a sua obra, como succedeu com Camillo, de 1871 em deante, ou morreria litterariamente, com a mesma prematuridade com que morreu realmente, é o que parèce poder-se inferir da sua obra. Romantico retardatario em 1868, mais retardatario seria após essa data, por que a sua anormalidade psychologica, se marcou duma maneira pessoal a decadencia romantica, não lhe dava garantias de exito noutro crédo litterario.

Lisboa, março de 1911.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

Paris por debaixo

(Impressões dum bom homem)

Eu fui, áquella hora, surprehender as naiades de Jean Goujon na calma selvagem do square, veladas, no langôr dum beijo vencido quando quiz transpôr as portas do infinito. Ellas tinham a graça fluida da neve, da nuvem e do vapor subindo por cordas ao céo descendo por cordas á terra. E na velha *Fonte dos Innocentes* disseram-me:

— Nós somos o abandono, o bom humor dos deuses, a chimera menos chimerica da terra! Ao pé de nós és bem miseravel, oh Hilario Barelas, com ideias, cólica e a necessidade de apodrecer um dia!

Fugi á desinvoltura ironica das ninfas atraz da minha malta. Proseguia-se á caça artistica do *apâche*, da *pierreuse*, dos noitibós das baiucas.

A dois passos dali grandes letras chamejavam: *Caveau des Innocents*. Conhecía aquela taboleta de longa data, desde a primeira caravela carregada de capa e espada, que aportou a Lisboa, atravez de Ennery, Capendu, Montepin, Ponson, todos os sarrabulhos a punhal e polvora. As novelas punham-no no alto da pagina e — meninas e donzeis — metiamos por ali abaixo á desfilada, atraz da apostrophe justiceira: *morre infame!* E ficavamos todos a sonhar com Rodolpho, Flôr de Maria, o bom Rocambole antes e depois do chocolate.

O estabelecimento começava por um bar em zinco, limpo e honrado como todos os bares de Paris, cheio de copos e duma mulheraça loira. Descia-se na lura dum rato para um corredor afflictissimo, cinco metros debaixo da terra, e á direita desaguava-se no *caveau*, negro, de pedra bruta, quatro vãos de pilastras comprimidos sob seis andares. As paredes estavam riscadas de caracteres, de milhares de mãos em centenares d'annos, hieroglificos, barbaros, raivosamente *ceci tuant cela*.

Fervia lá dentro a algazarra. No primeiro compartimento havia apenas garrafas vazias de cerveja e dois *sergents de ville* sabrados e empistolados. No segundo sem ninguem, abancamos nós, e nos outros a moina arraiava, meliantes de Steinlen e Toulouse de Lautrec, um piano excomungado e o cançonetista um pedaço d'homem como nunca vi na minha vida. Tinha estatura de granadeiro e voz de tambor, côxo, e a sua testa não era menos imponente que a dos toiros do palacio d'Artaxerxes.

As rascôas e as arnelas mesmo do subterraneo tinham medo d'elle. Quando batia a bengala ferrada fazia-se silencio, as teclas irrespeitosas do piano respeitavam-no.

Era uma especie de rei dos *truands,* commandando uma malta d'olho vivo n'um scenario medieval.

Nas mesas de pinho hordas de navalhas tinham passado destruindo, semeando caprichosos arabescos como vermes na madeira doce. Em volta havia algumas innocencias legiveis, juras honradas de patifes:

— *Mort aux vaches! Gaston crevera la gueule à sa bourgeoise. Vive la sacrée boubance! Cré nom d'un chien abas la rousse. Pierrot. Marinette — Ferfampier des halles.*

Notei que geralmente não havia erros orthographicos nas inscripções ociosas dos muros. A moina hoje em dia sabe ler e escrever como as pessoas que tiveram tempo e dinheiro de frequentar a escola. Isto vem confirmar a thése obscurantista de Rousseau e do cardeal de Molinos. E' preciso apagar a luz electrica e partir os apparelhos de Marconi para se chegar ao acôrdo social. Na treva não se distinguem os abraços, nem a horta da visinha, nem as estradas d'amargura que conduzem para o ideal. A treva é a paz, e do que nós precisamos é de quietude mais que de sciencia.

Atravez da nuvem de fumo, numa bôssa da parede lobriguei um ephebo, de dezoito para vinte annos, formoso e moreno de tez. Ao pé, um senhor de chapéo alto, burguezmente paternal, afagava a barba loira. As mulheres catrapiscavam o mocinho e o nababo pareceu-me que tinha por isso o ar contente.

«LA BANDE A BÉBÉ» — A BISCA DA MOINA

(Leal da Camara.)

Em volta a cafila bivacava, homens de todas as edades e de todas as condições, taciturnos uns, barulhentos outros. Havia lá um velhote que pagodeava ruidosamente debaixo do chapéo espaçoso duma *montmartroise.* Uma theoria de rufiões jogava a manilha.

Entre aquella gente encontramos os archetipos do mundo birbantão que atulha as vitrinas dos *marchands de tableaux* desde a Rue Chateaudun ao Boulevard du Montparnasse. Eu tenho a curiosidade das coisas novas como os antiquarios a paixão das coisas velhas. E' por isso que interessadamente tenho espionado os passos dessa arte vigorosa e incisiva de Steinlen, Toulouse de Lautrec, Leal da Camara, Metivet, Forain, Gris, que anda pelas betesgas e *guinguettes* á caça da linha-mater das samaritanas, o poiso variado das *grues,* o rictus revelador do farçola e do valdevinos. Não creio evidentemente nas miserias e nas infamias que o lapis didactico desses artistas nos vem revelar. Deante de mim ahi estam os modelos, nem deitam lume pelos olhos, nem se arrancam metade do lábio quando se beijam. Diverte-me essa arte mas julgo-a perigosa. E' a revolta que começa pela ima-

gem, o chamariz dessa gente afogadiça que grita pelas barricadas e vai para as barricadas. Não obstante eu gosto d'elles, dos *gueux* de Steinlen, dos rufiões de Leal da Camara, das estapafurdias de Toulouse. Fazem-me amar melhor a arte da linha pura, o lotus elegante das mulheres de la Gandara, Jean Flamand e seus retratos a 100:000 frs., hyperquintessencia do chic e do tom, Baldini e as roupagens que o seu pincel cuida, etiqueta e alfineta como um armazem da Rue de la Paix.

Dando aos olhos este contraste do rôto e do *fashionnable* atinjo o requinte da sensação. Foi Pepe que me ensinou, o mestre que encontrou o valor das sombras nas alegrias claras da vida. Detraz do cançonetista havia toda esta fauna dos artistas, rufiões de casquete, mancebas pintalgadas, *mectons*, parodias da taful e sempre chorada *Casque d'Or*. O nariz petulante das *rouquines* atemorisava a santidade humana.

Depois da *Cogne dur* o aristophanes bateu o chão com a bengala. Fez-se silencio, o cigarro adormeceu entre os dedos das mulheres. Em voz ribombante elle alçou a sua canção triste. Era uma catapulta ás marradas a uma fortaleza.

Mas a voz adoçou-se, chorou:

—La nuit, vous les pauvres catins,
Que faites-vous dans la brume
Lorsque les borgeois rupins
Dorment dans leur lit de plume?
Les catins ont repliqué:
—D'l'amour nous sommes les pauvresses
Et nous vendons du chiqué
Notre chair et nos caresses.

O Marialva não gemia melhor á porta da Severa, nas ruelas estreitas, onde os reposteiros brancos dos alcouces coavam sangrias da luz, e gatos assassinavam gatos. Em seguida o estribilho resoou nas estreitas abobadas, soltado por cem goelas tremulas.

«LA NOCE DES PETITES GENS» — PANDEGA FADISTA
(Steinlen.)

Cada vez mais vehemente uma barca que se afundisse de virgens loucas não abalaria mais meus nervos ordeiros:

Pendant qu'les femm's des rich's ont de jolis amants
Et des âm's pour ell's seul's auxquell's d'autres s'attachent,
Nous somm's les môm's des mecs, nous les pauvr's coeurs errants,
N'ayant d'espoir qu'en toi: Notre-Dam' des Apaches!

A noite de Santa Valpurga não poderia ser mais impressiva que a sugestão morbida da cançoneta. Cobrindo o chapéo fiz saltar um luiz anojado na mesa bichosa da

tavolagem. Ratzau, porem, caiu sobre o meu dinheiro apopleticamente:

— Oh! homem, pois você puxa assim por *poignon* numa espelunca d'esta? Valha-o Deus! Está tudo pago, veja a taboleta: *pede-se o favor de pagar no momento da entrega.*

Acolhi-me á sombra protectora dos policias e fiz correr a cerveja na quadra vazia. Elles deram-me pancadinhas no ventre e falaram-me ao ouvido:

«Aquillo não era mau, papo bem regado e o estranjeirinho nunca deixava de lhes untar as unhas. De tempos a tempos lá se esfriava um meco, mas maus bocados trincam-se em toda a parte, mesmo a guardar o portão de Madame Steihnel.»

«LA VALSE CHALOUPÉE» — A DANSA DOS APACHES
(Giris.)

Depois veio uma revoada de moças cujos olhos nadando nas orbitas negras do *baton* eram amacacadas miniaturas de Saturno, o astro esbandulhado. Paguei *bocks, sandwichs, grenadines* e fui rei, americano, *côcô, gigolot.* Espatifei luiz e meio mas, louvores a Deus, os braços dos meus abegões sam tesos e as minhas juntas de bois põem o ramo no Trancoso. Alma ao largo, *caveaux,* apaches, berros de meu mano atraz do arado, cocotes sarapintadas, *omnia bona quaecumque sunt!!*

* * *

Saint-Eustache passou-nos á esquerda, embrulhados na sombra os zimborios, a pasmaceira dos evangelhistas, o transeptum esmagando a casaria como o cotovelo dum monstro adormecido. A flexa aguda desaparecia num céo em braza, a cabeleira de noite de Paris escorrendo lama e oiro dos reveberos.

Logo adeante as *galderias* surgiram dispersas, intanguidas, tilintando o tacão de celuloide sobre o asphalto Já tarde e noite agreste as portas dos *bistros* tresnoitados desenrolavam-se plangentemente.

Metemos pela Rue de la Grande Truanderie, primitiva e aziaga, do tempo estreito dos prebostes. Ao cabo de metros o anjo Gabriel piruetou sobre as nossas cabeças, branco em campo vermelho como um pagem de Valois na saia duma açafata. Ao vento a taboleta rangia desesperadamente.

— *L'ange Gabriel* — disse Ratzau; por aqui passou e por aqui passa toda a pandilhagem de Paris. Muito pitoresco noutros tempos, não havia noite que ahi não fosse espostejado um gajo. Hoje não presta, os facinoras perderam a dignidade profissional. Nem vale a pena subir.

Seguindo, seguindo sob o molinheiro cortante desembocamos nas Halles. O grande povo da aurora despertava. Para ali vinha dos quatro pontos, até da Algeria, com os seus comboios de viveres, as carroças celticas atestadas, cheio de nitridos, de cantares de galos, de tamancos, de vozes asperas da montanha. Sob a enorme carapaça de zinco, cortada de ruas, de columnas, de pavilhões,

descarregava o alimento dum dia para tres milhões e meio de estomagos. Em olta havia um rugido crescente d'açude; a confusão ordenava-se, a teta da terra esborrachava-se para ali infinita e multicôr, vermelha das cerejas, loira dos pecegos, musical do cantar dos galos, a pingar sangue dos bois esquartejados.

Os *homens fortes* vinham cambaleantes de somno dar palmadas no ventre das pilécas; e retiravam com uma carroça aos hombros como os atlantes; direitos, o chapelão sobre a nuca parecia o resplendor largo dum martyr medieval.

O monstruoso ventre de ferro ardia de luz electrica. As vagonetas, os vehiculos, as braçadas, as aboboras, os homens, marchavam, ganiam, rebolavam-se mas concertadamente como se uma grande batuta invisivel presidisse do alto, regesse sobre todos aquelles movimentos uma ampliada e feerica *marcha dos Trolls*.

«LE MARQUERAU DES HALLES» — O RUFIÃO DAS HALLES
(Ricardo Flores.)

Alacremente eu entoei a ladainha da ordem da desordem, a simplicidade de Deus sobre o chaos. Aquelle hangar era maior que a minha aldeia, ia banquetear naquelle dia milhões de bocas em que estava comprehendido o boulevard, Fallières, a minha Helia e eu. Eu, a minha Helia e o presidente comeriamos dali á tripa fôrra, do melhor e do mais caro. E não obstante não tinhamos arroteado a veiga, rezado sobre os batataes em flôr, seguido de olho alerta o pintor na vinha. O menu da nossa mesa seria discrecionario, frases lindas de peixe e carne, e não sabemos quantos mezes levam as cabras a parir, o repôlho a crescer, e a geada preocupa-nos tanto como a guerra nas republiquetas americanas. Fartarmo-nos-hiamos á barba longa até o arroto, a mãosinha da dama arredando o pudim numa frase implorativa, uma reluctancia lirica de ventre empanzinado.

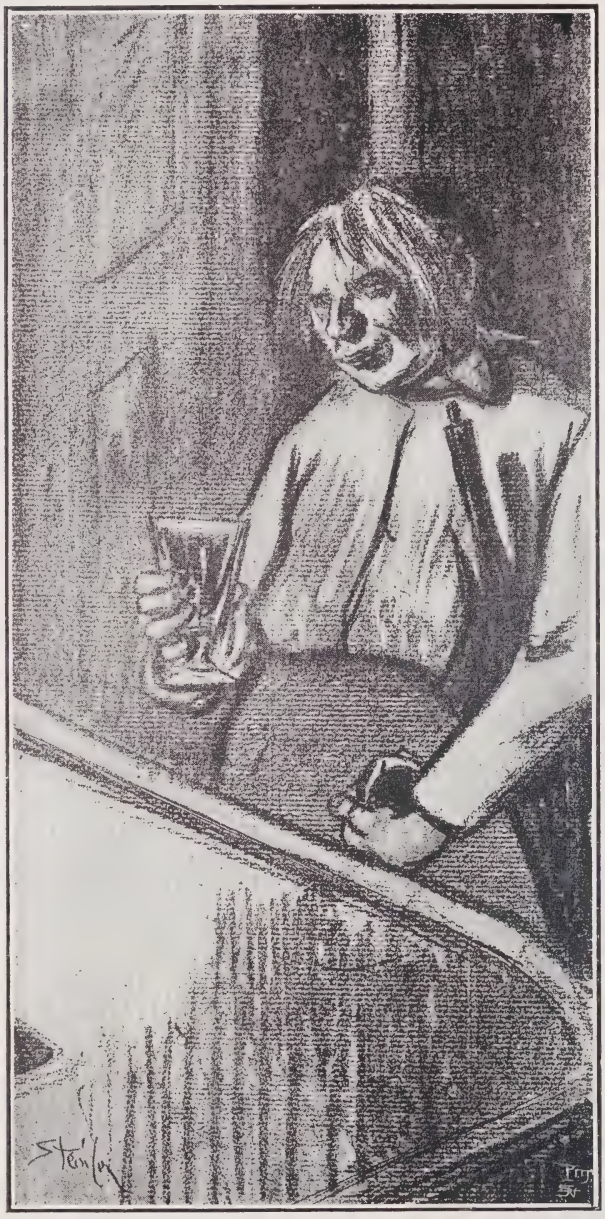
Perfeição, tu és isto, este machinismo apurado de vinte seculos que leva as peras a quem as não colheu, concerto tacito das coisas, preestablecida harmonia de Leibnitz!!

Não é preciso cavar, estrumar, ordenhar as cabras para se ter indigestões; em absoluto não é preciso moer-se a gente com coisa alguma; basta ser-se bonito como Helia, possuir um morgadio como o meu que vem dos tempos dos Reis Gôrdos com um companheiro d'armas de Geraldo-sem-Pavor Bondade dos seres! Eu refletia assim entre as cebolas, sobre uma montanha loira de tomates. E, como Junqueiro, eu quiz elevar uma oração bem pura e pantheista aos feijões, ao hilo dos legumes. Feijão santo, santo, santo tres vezes, que me alimentas, me alegras, me fortaleces e nem te semeei, nem te reguei, nem te mondei, nem te descasquei. Devorar-te-hei!

Mas sob o sôpro tremendo das halles á minha inspiração misturava-se o suór do camponez, o detrito esternutatorio e piolhento das galinhas.

Os comboios descarregavam sempre. Vinham com o seu camponez budico e o cão sclerte das verdes alturas de Pantin, das

incommensuraveis distancias da margem esquêrda. As pequeninas vendedeiras misturavam-se, cantantes, mofinas, os mil *Cranquebille*, que pelo dia fóra, rolando uma carriola pela cidade clamariam ás portas:



«LA MOMINETTE»
(Steinlen.)

— *Deux sous la botte de navets, de carottes, deux sous!!*

Passavam arcas de Noé com animaes domesticos, rangentes, frementes, a banda de clarinetes dos bacoros, a alvoroçante gaita de foles dos patos, a brancura silenciosa dos coelhos caseiros. Uma gaiola veio rolando riscada de mil côres, abalada de mil clarins de galos. Alguns dos cocoricós eram uma ecloga: elles cantavam a mão larga duma camponeza, a volupia recente dum amor de franga.

Elles lá iam para o grande ventre, inundado da luz, repartidos dali para o ventre pequenino e escuro do homem. Em tôrno os dentes rangiam, mulheres caiam debaixo das vagonetas, rapazões lestos atiçavam velhôrros pesados.

Andava no ar o vomito das coisas mortas, dos detritos, o humor acre das hortaliças espremidas, a banha fétida daquellas bestas d'homens. O perfume do meu lenço dissipava-se como um bôlo numa alcatêa de famintos.

Os cães, os gatos, as cocotes, Helia, as gorgonas, dormiam de noite; a gente das Halles dormiria de dia. Santa é esta filosofia da lucta que infinita e sabia reside na alma inconsciente dos humildes!

* * *

Chegamos a uma porta negra e ampla como duma estrebaria d'aldeia. Um cacho d'uvas, relunzente d'oiro, bagos taludos de Caleb, estava cravado na torça.

— Chama-se entam aqui...?

— *Au raisin d'or.*

Rolamos por ali dentro numa penumbra ôca e sem fim. Vinha do fundo um ar venenoso, ignobil, lambendo-nos a cara como a lingua apodrecida dum cada-

ver. Presentia-se desde o limiar a decomposição, os vermes, o carbonio dos bronchios escangalhados. Contra o muro havia uma mêsa, um candieiro de petroleo e um toutiço de bigode á Kaiser.

Ratzau apresentou o rancho ao proprietario do *Raisin*, o amigo Emile Colomb, um veterano do *ring*, fundador da *Société des Rigolos*, tam utilmente celebre no bairro. E sobre o aperto de mão, abancamos patheticos e silenciosos.

Por traz de nós e debaixo dos pés sentia-se o arfar opresso dum mundo adormecido. Ao cabo da casa a treva tinha vida, resfolegava alto, mexia-se. Defronte havia uns metros bizarros de muro, inçados de estampas e daguerreotipos. Era toda uma galeria de arena, luctadores celebres, peitaços tesos, episodios de boxe e savate e figuras catitas de dinastias reinantes. Dentre ellas destacava a figura do proprietario, a lapis, torso nú, mamaçudo e olhar afrontoso de bezerro. Um tubo de fogão escapulia-se por cima, rente ao tecto, medroso e comprido como uma tenia.

Colomb ergueu a luz para o retrato e pôs á mostra um necroterio. Em mesas que não tinham mais comprimento que um covado rumas de cabeças repoisavam. Não tinham edade nem sexo, era um baralho immundo de guedelhas, de bocas desdentadas, olhos cheios de sangue e ramela, ventres latrinarios de lazaros. O halito delles parecia o ranger conjugado de mil gonzos velhos e era pôdre, maldito.

Para cada mesa havia dois bancos onde se espremiam dez ou doze carcassas d'homens. Só as cabeças emergiam juntas, aliadas na mesma respiração, podendo beijar-se ou morder-se, era só abrir os dentes.

Vinte, quarenta vezes se repetia a mesma visão, aquelles montes d'aboboras combalidas, nadando num mar de sombra. Aquillo eram as ribaudes gastas, velhos paralyticos, a siflis, a chlorose, a chaga commungando irmãmente com os vermes. Visto de relance dir-se-hia a obra benefica duma guilhotina incansavel, ou o desenterramento dum cemiterio. Ali não havia cama, havia menos que o espaço mortuario de cada ser. Penetravam-se uns aos outros, não podendo ocupar o palmo de cabeça sobre os braços em novelo ou sobre uma ponta de jornal burguez. Quando um cotovelo se dilatava a cafila erguia-se num só clamor. Colomb vinha com os seus murros de atleta atirar de escantilhão pela pórta fóra o malandro.

COLOMB
(Ar. Rocha.)

Num sorriso de domador o patrão explicou:

— Aqui é a pensão dos *grands-ducs*. Estes pagam 15 centimos pela dormida.

Fazendo incidir a luz sobre os rostos pôs bem em foco aquelles farrapos de carne podre, uma especie inteira nogenta e tinhosa

que é a contracorrente da minha Helia. Nesta ocasião um velho dorido da laminação da luz resmungou uma blasfemia porca. E logo um sôco de Colomb lhe caiu sobre o aparelho, formidavel, correcional:

— Meu safado, alguem se mete contigo...!

A casa era terreira, uma só peça cheia de recantos sem tabique algum. Puzemo-nos a vagabundar entre aquella materia putrida.

TETE DE GONSESSE
(Manuel Jardim.)

— Vejam, vejam á vontade, mas não me pisem esses demonios que começam para ahi a ladrar.

Nós andamos a nosso gosto e involuntariamente pisamos mais dum esqueleto de miseravel. Mas a nossa visita foi sumaria, o ar era irrespiravel, saturado de miasmas e de piolhos. Numa semana não pode comer, nem beber, nem sair do banho. Aquilo é a infecção do Paris de pulmões frescos e seria uma boa medida arrasar o casarão e queimar aquella crapula lá dentro como se faz em Barcelona e Moscou com os rebeldes.

Colomb continuava amavel. A sua casa era cantina e albergue. A's 11 horas da noite punha as trancas na porta da R. des Lombards, mobilisava as bancas e eis a estalagem. A's 6 horas da manhã as portas abriram-se para as duas vielas e ao grito de *leva-arriba* e a sopapo a casa era evacuada e ahi estava a cantina. Havia uma cosinha anexa e elle foi-nos mostrar os panelões que vomitavam miraculosamente sopa a 10 réis.

Emquanto ali estivemos chegaram muitos clientes. Uns desaparafusavam do fundo da algibeira uma moeda de 10 centimos e sumiam-se pela terra abaixo. Outros faziam tinir a fixa d'aluminio da casa, (20 centimos) aninhavam-se entre os *grand-ducs* e rapavam pela manhã um covilhete de rancho.

Colomb desarrolhou champagne e sobre a sede de todos aquelles miseraveis a minha goela desmaiou de volupia. Reflexo de infinitos reflexos não era eu, não era a minha garganta que libava; eram aquellas 200 gargantas do palheiro, sequiosas, cortadas da lima do ar e das molestias. Zola frisou esta psychologia preversa do requinte. E' no *Travail;* subverte uma deusa por um bandalho e põe a correr a cascata das delicias. E' bem justo nada ser inutil na creação, nem a miseria nem a vibora. Não se sabe ainda para que póde servir a vibora mas eu aprendi no *Raisin* para que serve a miseria!

Bebemos á prosperidade do *roi de la petite flambe* e Colomb contou que havia poucos dias recebera a visita de Pierre Loti e de Sisovar, rei do Cambodge.

— E Pierre Loti que disse?

Que poderia ter dito o poeta dos bambus, dos crisantemos, dos sentimentos palidos? Este parisiense que restaurando o minuete e o *Hotel de Rambouillet* em saraus afamados distribue em redor as boquilhas para o opio? O asiatico que pôs á sua porta as languidas campainhas roubadas nos pagodes e não deixa extinguir os incensos nas caçoletas?

— Oh que disse: bizarro! bizarro!

— E Sisovar?

— Esse não abriu o bico; deixou 30 francos.

Sisovar procedeu como um verdadeiro monarcha e Loti como um asizado bramane.

Isto não é um problema social; não é um teatro pathologico. E' bizarro, é motivo para uma ode ao rei, mais nada!

— O anno passado tive tambem a visita de Sextone... Sextone, o primeiro detective ingles.

— Ah! e que disse elle?

— Que em Londres havia dez vezes mais malandragem. Por toda a parte...

Calamo-nos penetrados de piedosos sentimentos. Houve um grande silencio ôco e Colomb pegou na lampada electrica encaixada em vinhatico para nos mostrar os *rois*. Estes eram os que pagavam 10 centimos e desappareciam por um buraco debaixo da terra. Descemos uma escada ingreme de pedra, meio metro de largura. Pelos degraus havia homens enrodilhados sendo-nos preciso todo um equilibrio dificil para os não trilharmos. Mas que trilhassemos elles grunhiriam e apertar-se-hiam mais contra a parede.

«LA PIERREUSE» — A GALDERIA
(Giris.)

Em baixo topamos realmente o quadro feerico duma seteira aberta sobre o inferno. Uma fila de casamatas, talhadas em rocha, sucedia-se a perder de vista sob a luz aziaga dum candieiro. A luz electrica vasculhou por toda a parte; o chão estava atulhado de cadaveres, estendidos sobre um jornal ou balouçando-se numa corda.

— Mas estam vivos?

— Entam...!

— E porque estam nus?

— Por causa do calor.

As paredes suavam agua e lá fóra caia frio de rachar. Mas ali a atmosphera abrasava, cheia de rescaldo e de peste.

Fugimos deante da espada fulgida da luz electrica remexendo aquelle tremedal e as nauseabundas manchas dos corpos nus. Em cima elevou-se um ditirambo a Colomb *turris eburnea* a acolher os gentilhomens, *domus aurea* a acastelar os pobres, e partimos.

Lá fóra a cidade resurgia freneticamente da noite. As Halles ardiam em ruido. Uma brigada d'agentes ciclistas passava, veloz, surda, envolta nas meias tintas como um bando de tigres á caça na floresta.

Saint-Eustache talhava-se num fundo de opala. Sobre as cornijas as gorgonas, as chimeras esperavam o sol; os noitibós, os *mectons*, as *catins* desappareciam na cobardia da noite. Os comboios nitriam, o metrô rolava, passavam arrulhando bandos madrugadores.

Paris! Paris!!

(Paris, inverno de 1910.)

AQUILINO RIBEIRO.

O movimento religioso contemporaneo

ESTAMOS assistindo, hoje em dia, em todo o mundo civilizado, a um fenómeno interessantissimo, que se póde definir por dois caractéres essenciaes:

1.º — penetração da cultura scientifica e do espirito moderno nos differentes dominios religiosos, mesmo aquêles que, por um tradicionalismo estreito e uma organização autoritaria, teem até aqui manifestado uma mais teimosa obstrucção a todas as conquistas modernas;

2.º — uma nova intensidade, um *reveil*, e ao mesmo tempo uma purificação, da consciencia religiosa universal.

Sciencia e Religião

Sabe-se do debate antigo. Alguns diriam mesmo: do irreductivel conflito.

Sciencia e Religião, tendo coexistido até hôje no seio das sociedades em que há sombra de pensamento e de emoção, parecem comtudo ter vivido através dos seculos numa luta permanente. Luta occulta por vêzes, sem manifestações externas, mas tão tenaz, que raramente tem permittido ás duas grandes actividades espirituaes do homem cumprir a sua missão em vista do seu destino: que é, como o de todo o sêr vivo, realizar plenamente e livremente a sua natureza.

O facto de em todos os tempos terem existido homens que, como Pasteur e Claude Bernard, aliavam a mais meticulosa consciencia de experimentadores e o mais lúcido espirito scientifico á fé cathólica mais viva, não nos edifica absolutamente nada, ao contrario do que querem fazer vêr alguns apologistas cathólicos.

Podia muito bem acontecer, como parece ter acontecido, que o que em Pasteur era crente fôsse aquella porção da sua alma que vivia primitivamente, na crença ancestral, sem exames profundos nem meditações exhaustivas. Segundo toda a probabilidade, em nenhum momento da vida, o Pasteur sabio e o Pasteur religioso, *arriscando* a sua fé com a coragem dos máximos heroes, se interrogaram e mediram mutuamente. Viviam em bella harmonia, porque se não encaravam. Não havia conflicto, porque não havia encontro. Sciencia e fé eram coisas que nelle vibravam em planos distintos da sua alma, planos que nem ao menos se intersectavam em qualquer aresta commum. Numa palavra, Pasteur era crente por razões que estavam *fóra* da sua sciencia, e até da sua consciencia.

Mas ao lado d'esses homens que pensavam e oravam sem anceios, decorria uma tragedia secular. Ao lado dos que viviam a sua fé primitivamente, e podiam aliar a uma psychologia muito complexa em questões scientificas uma psycologia muito elementar em relação aos problemas religiosos, havia outros homens, mais desfavorecidos pela sorte, talvez, que meditavam as relações da Sciencia com a Religião, e mais ou menos se inclinavam a estabelecer a sua oposição irreductivel, ou a sua possivel coexistencia.

O conflicto vem d'aqui. E' um fenómeno psychologico e social de primeira importan-

CARLOS REIS — A CAMINHO DA FONTE

cia. A historia das relações da Sciencia com a Religião não é a de um mero problema filosofico que se tenha debatido nas escolas para deleite espiritual ou para exercicio de dialecticos engenhosos: é um dramma vivo, uma tragedia angustiosa, feita de aventuras, de desesperos, de crimes, e de martyrios.

Foi da Religião que partiu a primeira declaração formal do conflicto. Todos nós sabemos, por alto pelo menos, a historia da inquisição e as dificuldades que a Sciencia incipiente encontrou da parte da theologia christã. Todos nós conhecemos as perseguições odiosas, as limitações aviltantes que soffreram nos primeiros tempos a anatomia e a fisiologia humanas, a astronomia heliocentrica, a filosofia cosmológica e a medicina experimental. E' longo o martyrológio: Giordano, Servet, André Vesale, Galileu...

CARDEAL NEWMAN, O PAE DO MODERNISMO

O conflicto resultava de uma questão de doutrina, e de uma questão de método.

Sob o ponto de vista da doutrina, a Sciencia moderna chegava a certos resultados que estavam em flagrante desacordo com as supostas *verdades reveladas* por Deus nos textos sagrados — no Velho e no Novo Testamento. Galileu descobrira que a Terra era animada de movimento, e a Biblia affirmava que era o Sol que girava em volta da Terra. Os anatomistas, procedendo á disecção, não encontravam o «osso da alma», que, se não era uma verdade revelada, era um ponto de fé tradicional. As ultimas theorias scientificas estabeleciam a vetustez incontestavel da terra, e o Genesis ensinava que ella fora creada há seis mil annos. A revelação dos livros sagrados era pois, para os sabios, uma mentira. Ora a revelação é um dogma fundamental do christianismo, portanto a Sciencia que chegava a conclusões d'esta ordem era uma Sciencia impia, uma Sciencia que merecia os queimadeiros e as torturas da Inquisição.

Sob o ponto de vista do méthodo, a Sciencia exercia a sua actividade num *espirito* completamente differente do que era aplicado nas religiões positivas: um espirito de experimentação, de livre exame, de livre critica, um espirito *independente* de todos os dogmatismos e apriorismos sectarios. *Onde a religião parecia reconhecer a soberania da tradição revelada, a Sciencia estabelecia o dominio da experiencia e da investigação livre.*

Entende-se pois muito bem como o primeiro movimento da theologia foi um movimento de ataque. Se ella ligava um valôr supremo á *lêtra* da sua religião e á sua organisação autoritaria, estava na sua logica o excomungar. E excomungou.

A Sciencia, nestas condições, mal caminhava. Encontrára, ao nascer, em vez de um acolho paternal, uma atmosféra de sangue e de fumo. E não só por esta pressão *exterior* exercida sobre as inteligencias, mas tambem pelas necessidades interiores, vivas em cada alma, da concordancia entre os

principios scientificos e os dogmas religiosos, viam-se os sabios e os pensadores entregarem-se a um trabalho de confrontação meticulosa e de diplomacia infinita, não lhes fôsse caír ás mãos ou saír d'ellas uma verdade ou a expressão d'uma verdade que a sua religião não admittisse.

Mas através de todos os obstaculos, a Sciencia foi desenvolvendo-se, e com ella o livre exame e o espirito critico.

E então, em pleno seculo XIX assistimos a uma inversão dos papeis. Já não é a Sciencia que procura harmonisar-se com a Religião e põe verdades com a condição de não contraditarem os postulados religiosos. Agora dá-se o contrario. A Sciencia toma o papel *universalista* que a Religião tinha até ahi desempenhado; penetra em todos os cantos em que a Religião tinha dominado como soberana; biologia filosofica, sociologia, psychologia, exegese, historia das religiões, filosofia theologica, em tudo penetra; o seu triunfo é definitivo; e d'ora avante não mais reconhecerá, fóra d'ella, valôr supremo com que tenha de contar: os unicos valôres objectivos supremos são os factos, o unico valôr subjectivo supremo é a razão scientifica exercendo-se livremente sobre esses factos.

A Religião, assim posta neste meio social, que faz então? Busca adaptar-se ás conclusões da Sciencia, explicando os textos sagrados em aparente desacordo com ella por um artificio complicado de exegese theologica por um *concordismo* engenhoso e cheio de sutilezas.

O *Pentateuco* assevera que Deus creou o mundo em *seis dias*? Pois bem; onde está «dias» leiam «periodos geologicos». E' o que se diz, na linguagem figurada da Biblia.

Josué fez parar o Sol nas alturas?

Só uma inteligencia muito limitada não comprehenderá que se trata d'um eclipse.

Eis o novo processo de exegese biblica, da parte dos catholicos tradicionalistas. Ora uma egreja que recorre a processos d'esta natureza é uma egreja irremediavelmente condemnada na sua parte dogmatica.

Isto da parte da Religião. Da parte da Sciencia, assiste-se a uma condemnação formal de todas as Religiões. Draper, Le Dantec, Berthelot e outros, concluem que o conflicto é eterno, e que só poderá sêr resolvido pela morte definitiva da Religião. A atitude era logica. A uma inquisição succedeu outra, como a um concordismo succedeu outro concordismo. Era a *revanche* dos tempos do queimadeiro e da excomunhão. A Sciencia, por sua vez, excomungava tambem.

Uma nova maneira de conceber o problema. — As tendencias modernistas das religiões

Mas para as almas sinceras dos crentes que meditavam profundamente a sua crença, o problema foi esclarecendo-se, e começou a sêr posto em termos differentes.

D'uma parte o espirito scientifico, que mostrou o que valia no dominio da tecnica, penetrou nas almas religiosas, tornando inadmissiveis certas «verdades» reveladas e certos dogmas, pelo menos na sua significação intelectual e doutrinaria — d'onde a negação dos dogmas, da parte de uns, e da parte d'outros, a doutrina de que elles devem apenas sêr considerados como regras práticas, como normas da acção.

D'outra parte reconheceu-se por uma experiencia muito longa cujo valôr o espirito scientifico era o primeiro a reconhecer, que a Sciencia, com as suas fórmulas *representativas* e de modo algum *normativas*, com o seu papel de reduzir e simplificar o real de maneira a não nos dar d'elle senão uma expressão simbólica adequada aos usos da prática, mas inadequada á verdadeira intimidade do sêr, a Sciencia — ia eu dizendo — não podia satisfazer as necessidades mais irredutiveis do nosso espirito: a necessidade d'um ideal ao mesmo tempo immanente e transcendente, e o valôr incomparavel da acção humana.

Efectivamente, a Sciencia o que é que nos dava? uma representação aproximada ou simbólica do real, uma historia reduzida do mundo, mas nada mais. No dominio dos *factos*, a sua soberania é incontestavel; nos dominios do *valôr* e do *dever* a sciencia só póde calar.

E' impossivel extrahir d'ella uma moral inteligivel. Nós podemos *obedecer* á Sciencia e *servirmo-nos* d'ella, fazendo o mal ou praticando o bem. Ella dá-nos o *instrumento*: não nos fornece a *obrigação*. Dá-me o meio de eu me tornar um puro, como Tolstoi, ou um canibal, como Napoleão; de salvar os

variolosos, como Jenner, ou de matar Britannico, como Locusta, ou de escapar ao veneno, como Agrippina. De me tornar *sabiamente* um santo ou de me tornar *sabiamente* um monstro. A Sciencia diz-nos o que se *deve* fazer para este ou aquêle fim, mas não nos diz qual o fim que *deve* sêr. Ella «está para *áquem* do bem e do mal».

Paralelamente a esta critica da sciencia, desenvolveu-se uma nova filosofia religiosa. E assim como se chegou a reconhecer o que havia no fundo de cada Sciencia, só porque era sciencia, chegou-se a determinar o que havia no fundo de cada religião, só porque era religião.

Reconheceu-se que toda a religião nasce d'uma necessidade imprescindivel de *ideal* e da admissão de uma ordem sobrenatural, onde os ideaes são inteligiveis, acima da ordem natural dos factos com que a Sciencia conta e que a Sciencia regista.

Habituou-se assim a comparar não esta *fórma* determinada de sciencia com est'outra *fórma* determinada de religião, mas o espirito, a essencia da razão scientifica e da fé religiosa.

Nesta necessidade impreterivel de se «despirem» dos accidentes, para pôrem as suas verdades subjacentes em confronto com o espirito scientifico, nesta necessidade hodierna de se harmonisarem com a Sciencia, todas as religiões se viam obrigadas a harmanisar-se entre si. Era o que as distinguia o que as incompatibilisava com a Sciencia: o que nellas era differente era o que nellas era lêtra, dogma, representação intelectual em conflicto mais ou menos directo com a razão scientifica, e não espirito, essencia, alma, vida.

A Sciencia teve pois aqui um benefico papel. Negativo, é certo, porque não foi por ella e por amor d'ella que a harmonia se estabeleceu. Cada religião positiva *por amôr de si mesma,* viu-se obrigada a relegar para papel secundario o que a distinguia da religião vizinha: *por amôr de si mesma se negou a si mesma como verdade religiosa exclusiva.* Foi um sacrificio minimo na espectativa de um sacrificio máximo. E era d'uma egreja onde por tanto tempo tinha reinado o exclusivismo mais *fechado* que devia partir esta confissão singular: não há *muitas* religiões, há uma *unica* religião.

Modernismo e unitarismo

Comprehende-se pois muito bem como qualquer elaboração religiosa que se fizesse neste espirito, tinha por caracter um largo solidarismo. Abandonando as questões de fórmula, os caractéres accidentaes a que anteriormente se ligava importancia — e que as diversificava — para apenas aprehender a essencia religiosa que lhes constituia o fundo, assentou-se que as differentes religiões positivas não eram mais do que *aspectos,* do que vistas fragmentarias ou traducções em uma lingua especial, determinada pelo logar e pelo tempo, d'uma mesma verdade intima, que lhes era subjacente.

Não fazia o mesmo a Sciencia?

O mesmo *dado* real não podia sêr encarado ao mesmo tempo sob o ponto de vista psychologico e sob o ponto de vista social? E tanto uma como outra, psychologia e sociologia, não eram vistas fragmentarias, aspectos unilateraes do real?

Como admitir pois que se continue a debitar o sofisma inconsciente de que as religiões são todas falsas, só porque são differentes? De que não há Deus, porque cada um concebe Deus á sua maneira?

Deixa de haver mundo, só porque cada um de nós o vê com olhos differentes? A Sciencia deixará de exhaurir uma certa realidade, só porque há muitas sciencias?

Mas mais: Condemnar a Religião só porque as *fórmas religiosas* de hoje estão em desacordo com os *principios scientificos* actuaes, seria o mesmo que querer condemnar a sciencia de hoje, só porque será differente a sciencia de ámanhã.

De modo que, d'uma maneira geral, concebe-se como legitima, ante a Razão, a existencia d'uma fórma religiosa que, aceitando a solidariedade de todas as religiões, exprima um aspecto da verdade eterna, com um particularismo de cultos e de ritos, mas sem apêgo ás tradições insustentaveis e ao autoritarismo clerical.

Porque sempre a melhor tradição é a de evoluir, de viver, de mudar — de se integrar no Tempo.

Mas citemos alguns factos, com toda a simplificação possivel, porque tencionamos publicar nos *Serões* varios artigos respeitantes a cada um dos grandes movimentos re-

ligiosos contemporaneos, isto já se vê, se tivermos provas irrecusaveis de que interesserão os leitores, porque se a primeira condição de probidade intelectual é sêr sincero e a segunda sêr claro, a terceira é certamente o sêr util.

Na India — Os Brahma Samai e os Arya Samai

Em 1828 Ram Mohum préga na India a concordia universal. Ao lado d'este, outros reformadores agi'am o hinduismo, ao mesmo tempo que se dizem inspirados da mais pura tradição védica. Porque é interessante notar que todos estes movimentos religiosos, ao mesmo tempo que se dizem progressivos, declaram a sua fidelidade mais absoluta ao espirito, pelo menos, da «tradição positiva.»

Ram Mohum, Tagara, Sen, Chander, pretendem pois purificar o hinduismo da sua baixa idolatria e das suas grosseiras superstições. Para elles, Brahma, Budha, Mahomet, Moisés, Christo, Confucio — a Biblia e o Corão, os Evangelhos e os Vedas — não são mais do que consecutivas, concentricas realizações do Divino. Deus é *um* não só para o crente de uma mesma religião, mas para todos os crentes de todas as religiões. Tudo mais é uma questão de pontos de vista. E' urgente proclamar pois a solidariedade de todos os homens no mesmo amôr infinito de Deus.

D'esta doutrinação derivaram os Brahma Samai e os Arya Samai, duas seitas extremamente progressivas. E' por elles que o espirito europeu entra na India. E até hoje já obtiveram tres reformas importantes: interdição do *sattis* ou immolação das mulheres na morte dos maridos, prohibição dos casamentos prematuros e autorização legal do matrimonio das viuvas.

O livro santo dos Brahma Samai é o *Slukha Sangrun*.

OLLÉ-LAPRUNE, O PRECURSOR DO MODERNISMO FRANCES

A Devalaya

O germen contido nestas «purificações» religiosas devia produzir algum grande resultado. E o que é certo é que não se fez esperar muito.

Realizavam-se mesmo determinadas condições politicas para que assim acontecesse. Sabe-se que os Hindús desejam ardentemente a independencia da sua patria. Mas os seus impulsos teem sido desordenados: separados por questões religiosas, divididos por dogmas e ritualismos, a união tem sido dificil; não há uma acção una, disciplinada, coherente.

Ultimamente, porém, os hindús comprehenderam que era ridiculo que estivessem lutando por questões de «superficie» quando estavam de acordo «no fundo», e que seria extremamente insensato continuarem a preferir ao urgente movimento da independencia discussões de fórmulas mortas e de simbolos mortos. Era estar a fazer o jôgo dos inglêses.

Obedecendo a esta ideia «moderna» fundou-se em Calcutá uma associação progressista, a *Devalaya* (1898), apoiada pela seita dos Brahma Samai, com duas revistas: a *Devalaya* e a *Modern Review*. E num congresso religioso (1895) poderam reunir-se 1:500 delegados das diversas seitas indicas — judeus, crentes de Zoroastro, mahometanos, brahmanes, budhistas, monistas e dualistas hindús, christãos, Arya Samai.

«As grandes communidades religiosas — declarou o presidente do congresso, o princepe Rames war Lingh — teem todas por objecto venerar Deus como pae e desenvolver entre os homens os sentimentos de fraternidade.»

E o judeu Issac exclamou:

«Atrás de todas as fórmulas e ceremonias acha-se uma unica grande entidade eterna, uma unica grande verdade, um unico grande amôr! Unamo-nos; destruamos todas as barreiras que durante seculos de ignorancia nos

separaram uns dos outros; reconciliemo-nos sobre o terreno da solidariedade dos povos e da liberdade do pensamento.»

Na Persia: o babismo e o behaismo

Por outro lado, ahi por 1843, começa a prégar na Persia um homem extraordinario. O seu rosto era maravilhosamente encantador, os seus costumes extremamente simples; quando falava, as palavras que proferia pareciam introduzir-se no coração de cada um. Era Mirza-Ali-Mohammed, o «Bab» ou a «Porta».

A que vinha o Bab?

Libertar a religião persa das tradições insustentaveis, a orthodoxia nacional de todas as inanidades, e prégar o soberano amôr. Havia na sua crença com que offender os *mullahs*.

Nos seus livros santos o *Kitali-i-akdai* e o *Biyan* (A Exposição) proclama elle a existencia de Deus, não d'um Deus pessoal, dado objectivamente e d'uma vez para todas, mas d'uma essencia espiritual, que incessantemente se renova por si mesma. Deus é essencialmente creador, porque elle é vida, e derrama a vida — e a unica maneira de a derramar é crear.

Por seu lado, a creatura, se não é Deus, porque não possue a plenitude dos atributos divinos, não é completamente separada de Deus, d'onde deriva, porque «nada existe fóra d'elle», e o proprio Deus exclama: «Em verdade, ó minha creatura, *tu és eu!*»

O que são as religiões?

As religiões não são todos «feitos», verdades absolutamente eternas; todas ellas são «aproximações» da entidade divina. Deus só se conhece no juizo final, quando a creatura deixando de o sêr, se integrar na natureza do creador. Então comprehenderá Deus, porque será Deus, visto que a unica maneira de o conhecer é sê-lo absolutamente.

D'aqui a evolução religiosa.

Os prophetas derivam de Deus, como todas as creaturas, e só se distinguem d'ellas por guardarem uma relação mais intima para com Deus.

Comtudo nenhum propheta vem trazer ao mundo a verdade inteira. Todos elles são *parciaes*. Por isso Moysés, Christo, Mahomet não devem sêr lidos. Porque foram inuteis? Não, porque o já são hôje. E afligir-lhes-há a alma um tal abandono? De nenhum modo. Deus é que se afligiria se visse a sua vontade paralysada. Deus quer o progresso indefinido, não ama a rotina, ama o misterio das creações e das «aproximações» novas. Da religião morta não se deve guardar nada, nem mesmo a memoria dos doadores.

E elle, Bab, o que era?

Um precursor apenas. A sua obra será necessariamente incompleta.

N'este espirito, o babismo aconselha a fraternidade de todos os homens, a proscripção do tabaco, a tolerancia religiosa, a supressão do véu, a abolição da polygamia, a regulamentação do divorcio, a emancipação e o respeito da mulher, de quem elle diz: «Ornae o vosso ornamento. Glorificae a vossa gloria!»

Ao Bab sucedeu Beha-Ulah, «o Explendor de Deus» que foi desterrado pelo governo persa para S. João d'Acre (Syria) e morreu em 1892. D'então para cá, os «babis» teem sido dirigidos por Mohammed Ali.

Esta religião nova é extremamente interessante. E' todo um movimento mystico que se originou e desenvolveu quasi diante dos nossos olhos. Por elle podemos assistir a uma *experiencia* religiosa actual, e determinar nesses grandes *revivals* colectivos, a porção que cabe á personalidade do revelador e a parte a fazer aos outros elementos politicos, ethnicos e sociaes. Para o sociólogo, para o filósofo, para o psychologista, o seu valôr é inestimavel.

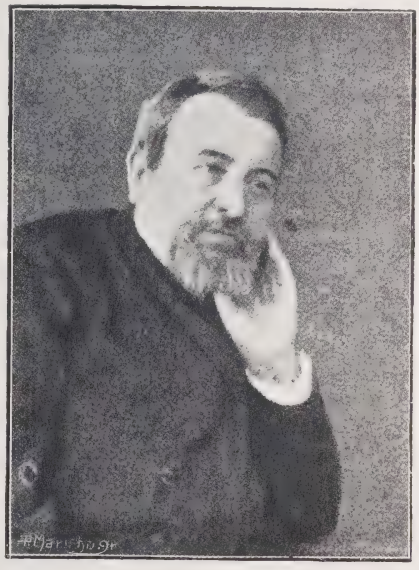
Além d'isso, esta religião nova apresenta o caracter particular de acusar uma certa identidade com a eclosão e o triunpho do christianismo. Como elle, ella vem dar o sentido da verdadeira «revelação», contida em germen na Biblia, para Christo, no Alcorão, para o Bab. Como elle, conquistará principes, sacerdotes, nobres, quem sabe se imperadores... Será perseguido, e as perseguições animá-lo-hão, dando-lhe um novo incremento. Bab, como Christo, discutirá com os doutores; como elle, a sua palavra é um balsamo que deleita; terá a sua Maria Magdalena: Gurret-Ul-Ayn, «a Consolação dos olhos», e os seus apostolos e missionarios: Mulla-Hussein e Hadjy Mohammed. Será chamado o «Mehdy» pelo vulgo, como Christo foi chamado o «Messias». Desper-

tará a guerra religiosa, conquistará um milhão de adeptos, a fé na sua doutrina irá até ás Americas, e depois de muito amado e de muito combatido, andará de mudjetehed para mudjetehed, como Christo de Herodes para Pilatos, terá o seu Judas Iscariote, e morrerá fuzilado, ao ouvir a ultima exclamação d'um discipulo, morto tambem por amôr da sua fé: «Mestre, mestre, não estás contente commigo?»

E para em tudo ser comparado ao movimento judaico-romano, o babismo ha-de renovar o mundo iraniano, como o christianismo renovou o mundo occidental.

Religiões occidentaes. — Judaismo e protestantismo liberaes. — Modernismo catholico

A Europa não se furtou á grande evolução religiosa. O judaismo, com Levy, e o protestantismo, com Harnack, Wagner e Sabatier tornam-se liberaes. Não falo já no *unitarismo* dos Lindsay e dos Priestley, que teve em Boston o seu centro mais activo, e de que foram apóstolos Channing e Emerson, nos Estados Unidos, e na Inglaterra James Martineau.



AUGUSTO SABATIER, CHEFE DO PROTESTANTISMO LIBERAL FRANCES

Mas o movimento mais interessante e de consequencias mais largas e mais profundas fez-se a dentro d'uma egreja, cujas condições historicas e cuja organisação rigidamente orthodoxa davam menos garantias de progresso. Falo na renovação catholica. E' certo que Leão XIII preconisára a acção social do catholicismo na celebre encyclica *Rerum novarum*. Mas isto só no respeitante á acção; em relação á parte propriamente intellectual, elle defende os direitos do thomismo contra qualquer usurpação do pensamento moderno e, na encyclica *Providentissimus Deus* (1893), combate d'uma vez para sempre a critica moderna dos textos sagrados.

Depois d'elle, Pio X, que é muito menos diplomata e muito mais estreito do que o seu antecessor, só fez acrescer as tendencias reaccionarias da Egreja catholica e tornar mais sensivelmente viva a opposição entre o mundo moderno e a orthodoxia romanista.

E' pois maravilha, depois dos raros exemplos dados por Lamennais, Newman, Montalembert, Dupanlonp, Gratry, o padre Hyacinthe e Duchesne, apparecer uma escóla cathólica penetrada de *democracia* (Romulo Murri e o *Sillon* com Marc Sangnier) e de *socialismo* colectivista (conde de Mun) e uma escóla cathólica penetrada do espirito scientifico e filosofico moderno *(modernistas)* dando origem a uma *exegese* biblica que não tem precedentes, em consciencia e em arrojo (Loisy), e a uma *filosofia* immanentista, fideista e pragmatista fundada numa critica das sciencias (Le Roy) ou na analyse do sentimento religioso (Blondel, Laberthonière, sem falar no precursor, Ollé-Laprune).

Num artigo proximo exporemos o que vem a sêr o modernismo catholico, as suas origens, os seus caractéres, os seus intuitos, e a sua luta com Roma, tão tenaz como desigual. Por hoje, bastar-nos-ha dizer que o actual papa já condemnou o modernismo em varios documentos pontificios, como o decreto *Lamentabili sane exitu* (1907), a encyclica *Pascendi dominici gregis* (id.) e o motu-proprio *Sacrorum antistutuum* (1910).

Os parlamentos das religiões

O congresso de Calcutá, de que atrás falámos, a proposito do movimento religioso

na India e da *Devalaya*, não é um caso isolado. Até hoje já se teem convocado sete *parlamentos das religiões*, de Chicago em 1893, de Calcutá em 1895, de Londres em 1901, de Amsterdam em 1903, de Genebra em 1905, de Boston em 1907 e de Berlim em 1910. Quasi todos os dois annos crentes de quasi todas as religiões do mundo dizem uns aos outros que adoram substancialmente o mesmo Deus de amôr e creação. O primeiro d'estes parlamentos, que se realisou em Chicago, em 1893, começou pelo «Padre nosso, oração universal da humanidade», recitado por Gibbons, arcebispo de Baltimore, e acompanhado de milhares de vozes, vozes de christãos, de mahometanos, de judeus, de protestantes, de budhistas, de shismaticos gregos, de unitarios, fazendo um côro emocionante de aspiração idealista, de fé e de communhão espiritual.

Na America o movimento foi tomado tão a serio que se formou uma doutrina de unitarismo, que tem a seguinte fórmula religiosa: «We believe in the fatherhood of God, the brotherhood of man, the leadership of Jesus, salvation by character, the progress of mankind, onward and upward for ever.»

Crentes e livres-pensadores

Mas não foi só das egrejas que partiu este desejo de aproximação e fraternidade. Um largo sôpro de liberdade e religiosismo passou sobre os proprios livres-pensadores.

Em 1908, Forel e Knapp fundaram na Suissa a *Sociedade internacional para a acção moral e social*, que definiu a sua orientação nestas palavras de Forel: «Emquanto que, a despeito dos seus dogmas insustentaveis, funestos para o espirito e que constituem um obstaculo aos progressos da sciencia e mesmo d'uma ethica mais elevada, as religiões souberam consolar e edificar as almas, sobretudo nas horas sombrias da existencia, a cultura puramente moral e o livre-pensamento teem, sem dúvida, aberto vias livres ao espirito, mas não deram ao coração nenhum alimento. E no entanto, o homem tem, num alto gráu, necessidade de tal alimento.»

Na America do Norte tambem os livres pensadores se uniram numa sociedade identica, *Ethical culturists and reverent free-thinkers*. E na França, em Paris mesmo, fundou-se ha bem pouco tempo uma *União de livres pensadores e de livres crentes*, em que homens de inclinações tão diversas, como o filósofo Parodi, o sabio Monod, o dramaturgo Loyson, o medico e jornalista Broda, o literato e historiador Séailles, o pastor Wagner, colaboram alegremente e activamente na mesma missão humana.

Conclusões

Ora se a religião, apesar das aparentes diversidades, é efectivamente una, como é que ella produziu na realidade fórmas tão diversas?

Da unidade e da solidariedade de todas as religiões concluia-se logicamente a doutrina da evolução religiosa. E' o que pensam os modernistas catholicos, os protestantes liberaes, os babistas, os Brahma-Samay, os hindús da *Devalaya*.

Como todo o sêr vivo, a religião evolue. A ella, como a tudo o que existe, é aplicavel a fórmula de Cazelles: *Mudar ou morrer*.

Conforme as circumstancias do logar e do meio, e até do temperamento individual, ella toma este ou aquêle accento original, esta ou aquela nota particular, sem deixar de sêr ella própria no intimo de si mesma.

Estão-se pois passando no mundo religioso dois progressos paralélos: um no seio de cada religião, que evolue nas suas fórmulas particulares, *modernizando-se;* outro nas suas relações mutuas, pela distilação progressiva d'uma essencia fundamental, *universalizando-se*. Modernismo e unitarismo são os caracteres essenciaes da evolução religiosa de hoje.

Em vez da encrustação, o movimento e o progresso. Em vez da religião-enkylose a religião-vida. Em vez do fanatismo intolerante, a solidariedade activa Em vez de certas seitas divergentes dentro das quaes era essencial a identidade absoluta de vistas, uma religião viva em que se permita independencia, personalidade, esforço livre, enthusiasmo, liberdade, invenção, heresia...

Mas a solidariedade é mais larga ainda. Não é só entre os que se *confessam* que ha unidade de crença: todos nós sômos religiosos, mesmo que o não queiramos, porque todos nós vivemos.

CARLOS REIS — A POBRESINHA

E' certo que para alguns de nós a consciencia do homem se encontra sózinha no universo, não havendo nelle, em qualquer parte, ou esparsa pela natureza como um perfume ambiente que penetre e derrame as almas, ou fundida lá ao alto num mundo transcendente, uma unica voz, vaga ou firme, alegre ou melancólica, que responda ás affirmações da nossa consciencia, ao infinito pasmo, ás torturas que nos anceiam, ás interrogações que formulamos, ao infinito de fé que pômos na vida.

A consciencia é um epifenómeno esporádico ou accidental, nascido no decurso da evolução, no roçar do pensamento pelas coisas...

Tudo o que o homem considera acima de si mesmo, tudo o que na realidade determina e hierarchiza as suas acções, não é mais do que uma illusão resultante de uma herança de habitos sociaes ou d'uma excrescencia de actos fisico-chimicos.

Não ha verdades religiosas. Ha atomos.

Não ha ideaes. Ha preconceitos.

Deus existe? Apenas sei que existem assimilações e desassimilações. A vida elementar é um mixto de fenómenos osmoticos e de reacções chimicas. $A + Q = nA + R$. A vida humana não é mais do que uma synergia d'esses actos fisico-chimicos. O sêr vivo é uma machina que faz a sua propria substancia.

E no emtanto a vida é crença, a vida é fé, é affirmação, é liberdade, é o absoluto.

Não se poderia viver sem uma crença A vida é um acto de fé. No fundo da mais insignificante das nossas acções ha alguma coisa que crê.

E mesmo quando atacamos as affirmações metafisicas da consciencia religiosa, tudo dentro em nós fica surdo á voz do pensamento discursivo. O que é nós próprios, o que vive e se transforma, o que se exaspera e exalta, o que deseja e que lucta, escarnece das construcções lógicas dos nossos systêmas irreligiosos. O irreligiosismo fica assim uma filosofia agradavel para se discutir, defender nas academias, mas que se lança para traz das costas, logo que se entra na vida. Na prática, não nos alimentamos da razão discursiva; é preciso viver, e ter fé na vida.

Mas, por vezes, esse immanentismo religioso que cada um de nós conserva no mais intimo da sua alma, aparece-nos na facha da consciencia, iluminado pela luz projectada por ella, como esses corpúsculos em suspensão no ar, que pareciam inexistentes, e logo se revelam, desde que a fenda d'uma janella lhes envia um raio de sol.

Um sêr irreligioso não poderia sentir os transportes sublimes, e viver essas horas «perfeitas» em que se sente uma doçura indizivel.

Ha na vida de todo o homem certos momentos irreproduziveis de exaltação e de milagre, de communicação por assim dizer mystica, de colaboração activa e alegre com as coisas, de plenitude vital e de transfiguração.

Sentimos *religiosa* toda a acção que se destina a um fim que nos *ultrapassa,* e que nos obriga a ultrapassar-nos a nós mesmos. E' como se, no mar plano e socegado da vida quotidiana, uma onda se erguesse e aspirasse ao Infinito.

Tudo o mais são fórmulas, cultos, ritos, ceremonias que não valem mais do que as palavras, expressões, fisionomias, coisas fugazes que teem por obrigação estricta exprimir e passar.

Mas é exactamente a essas coisas secundarias que os sectarios religiosos e os sectarias atheus ligam uma importancia absoluta. Livres pensadores, não é o livre-pensamento que elles amam: mas a doutrina atheista. Crentes, não é a religião que elles reconhecem: mas a doutrina sectaria. Não são duas atitudes diferentes do espirito: são duas tyranias antagonicas, numa atitude commum de servidão intelectual. Ora no fundo para quem olhe a vida numa atitude soberana, religião e livre-pensamento não pódem divergir por que são uma e a mesma coisa.

Assim, d'uma parte, os catholicos facciosos querem garantir o «non-plus-ultra» da sua religião, e não admitem que se não aceite em bloco o que a Egreja impõe aos fieis. E nisto são coherentes. Serviçaes d'uma religião, o seu dever é estar de acordo; o seu papel é obedecer.

D'outra parte, os livre-pensadores olham este movimento *de fóra,* sem tentar o mais pequeno esforço para o considerarem *de*

dentro. Por isso só vêem os ritos, as ceremonias, os cultos, isto é, tudo o que é expressão, linguagem, gesto e palavra, superficie e exterioridade. Isolando tudo isso do do que está dentro das *fórmas*, não admira que vejam na Religião apenas uns ridiculos tregeitos ancestraes.

Seria como alguem que, ao passar ao lado d'uma orchestra, tapasse os ouvidos para não escutar a melodia musical. As notas subiam e conjugavam-se, numa harmonia infinita. Era um marulhar de notas, era um oceano de musica. Mas aos olhos do espectador não se desenhavam senão faces injectadas e frontes húmidas, e os gestos da obra adoravel pareceriam caretas de fantoches.

Assim a religião. Só póde penetrar as suas bellezas aquêle que, destapando os ouvidos, entre os movimentos das Missas e da Liturgia, se põe a escutar, no intimo de si mesmo, numa atenção amoravel, os deslumbramentos da música interior.

RAUL PROENÇA.

Chronologia

1828. Ram Mohum prega na India a concordia universal.
1830. Funda-se o jornal cath. progress. *L'Avenir* (Lamennais, Lacordaire, Montalembert).
1834. Lamennais publica as *Paroles d'un croyant*.
Encyclica de Gregorio XVI condemnando as *Paroles d'un croyant*. Condemnação do *liberalismo*.
1843. O Bab começa a prégar na Persia.
1866. Beha-Ulah sucede ao Bab.
1892. Abbas-Effendi sucede a Beha-Ulah.
1893. Primeiro parlamento das religiões, em Chicago.
1895. Segundo parlamento das religiões, em Calcutá.
1898. Funda-se em Calcutá a associação «Devalaya».
1902. Aparece a obra de Loisy, *L'Évangile et l'Église*.
1903. Loisy publica *Autour d'un petit livre*. Laberthonière publica os *Essais de phil. religieuse*.
dezembro. Condemnação das obras de Loisy e Houtin.
1904, julho, 3. Condemnação do *americanismo*.
1905. Fogazzaro publica o rom. modernista *Il Santo* (pôsto no index).
1906. E' pôsto no index o livro de Laberthonière: *Essais de philsophie religieuse*.
1907. Le Roy abre um inquerito na *Quinzaine:* «Que'est-ce qu'un dogme?»
julho, 3. Pio X publica o decreto *Lamentabili sane exitu*, condemnando 65 proposições modernistas.
setembro, 8. Pio X condemna o *modernismo* na encyclica *Pascendi*.
Sahe o programma dos modernistas italianos.
1908. Resposta de Loisy ao *Lamentabili* e á *Pascendi:* «Simples réflexions».
Forel e Knapp fundam na Suissa a *Sociedade internacional para a acção moral e social*,
Funda-se em Paris a *União dos livres pensadores e dos livres crentes*.
1909. Tyrrell responde á *Pascendi* com *Suis-je catholique?*
1910. Setimo congresso das religiões, em Berlim, em que entraram Harnack, Loyson, o padre Hyacinthe, etc.
Pio X publica o motu-proprio *Sacrorum antistutuum*, obrigando os padres ao juramento anti-modernista.

Bibliografia (1)

GENERALIDADES:

1904. J. Payot — *Les idées de mr. Bourru*.
1908, março. R. Broda — *La crise universelle religieuse* (in «Doc. du Progrès»). (S. G.)
abril. E. Boutroux — *L'avenir de l'esprit religeux* (in «Doc. du Progrès»). (S. G.)
1911, abril. P. H. Loyson. — *Un congrès moderniste*. (in «Doc. du Progrès»). (S. G.)

(1) Nas minhas notas bibliográficas mencionarei sempre se as obras citadas existem na Bibliotheca Nacional ou na Sociedade de Geografia pelas iniciaes B. N. e S. G., para utilidade do leitor que quizer aprofundar estes estudos.

MODERNISNO CATHOLICO:

1907. Marcel Rifaux — *Les conditions du retour au catholicisme.*
1908. Loisy — *Simples réflexions.*
— *L'Évangile et l'Église,* 4ème ed.
Guignebert — *Modernisme et tradition catholique en France.*
1909. J. Bourdeau — *Pragmatisme et modernisme.*

BABISMO:

1865. Gobineau — *Les religions et la philosophie dans l'Asie centrale* (B. N.)
1869. Pillon — *L'année philosophique.* (B. N.)
1875. Encyclopœdia britannica. Art. *Bábi or báby.* (B. N.)
1896. 5 set. *Une visite au chef du babisme* — *Revue Bleue,* (B. N.) 1896.

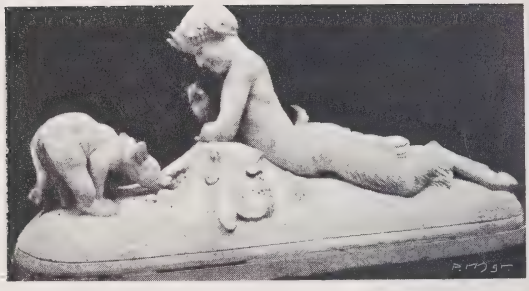
AMERICANISMO:

1903. A. Houtin. — *L'américanisme.*

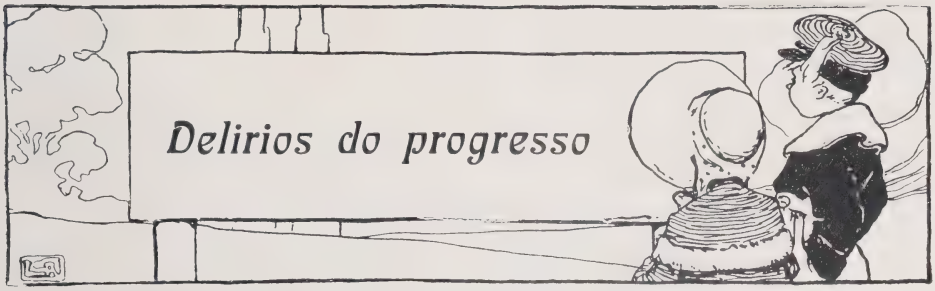
JUDAISMO LIBERAL:

Lévy — *Une religion rationelle et laïque. La religion du XXe siècle.*

R. P.



FREMIET — PAN E O URSO



Leviatão e a sua gruta

rivalidade das companhias de navegação transatlantica põem em seriissimos embaraços não só os engenheiros dos portos ingleses e americanos, como tambem as companhias exploradôras d'esses portos, as respectivas commissões, e as varias emprezas commerciaes mais ou menos ligadas á grande navegação entre a Europa e a America do Norte. Chega a sêr comica a sua situação, o verdadeiro terrôr com que supplicam constantemente um «basta! basta!» angustioso, vendo-se obrigados a novas obras formidaveis para não perderem a freguezia, dado que os colossos vão buscar a outros portos a profundidade de agua que o seu enorme calado exige, e a vastidão de docas que possa contêr o seu dorso monstruôso.

E' uma lucta offegante, tremenda e formidavel. As companhias e os constructôres navaes dão, anno a anno, passos de gigante; mas o pobre engenheiro hidrografo não os pode seguir com promptidão. O prelio começou a travar-se ha uns dôze annos, e o engenheiro hidraulico nunca mais desde então conseguiu tomar fôlego. Primeiro o paquete de 170 a 200 metros de comprimento, 15 a 20 mil toneladas e 20 milhas, pareceu satisfazêr cabalmente. Tinha todos os riquisitos para a travessia transatlantica e todos pareciam satisfeitos. Mas a marinha mercante alleman, avançando com grandes passadas, deu um salto arrojado, lançando através o azul das aguas atlanticas o *Kaiser Wilhelm der Grosse*, que arrancou á Companhia Cunard a supremacia da velocidade, dando 23 nós com as suas machinas de 3:100 cavallos de potencia.

Nessa época a velocidade era a consideração dominante entre as varias companhias de navegação entre Nova-York e a Europa. Tão obcecante foi essa idéa, que a todos dominou completamente, precipitando uma situação análoga á que se dava entre as várias companhias de caminho de ferro em Inglaterra.

Mas subitamente a excitação produzida pela preoccupação da velocidade acalmou. Ficava a Allemanha na posse indisputada dos louros que havia ganho. As esperanças do publico inglês soffreram um desapontamento com a apparição do *Oceanic*, só de 21 de nós, deixando ás companhias germanicas o cuidado de disputarem entre si a supremacia da rapidêz, que cêdo passou do Lloyd Norte-Allemão á Hamburg-America, quando o *Deutchland* appareceu em scena, deitando 23 e meio.

As companhias inglêsas foram atacadas pela sua indifferença. Assim se deixavam batêr completamente! Porém as casas principaes haviam-se reunido em concilio magno, — e, discutindo a fundo o problema, concluiram que a velocidade era uma custosa illusão que a todos cegava. A reflexão convenceu-as de que melhor seria dedicarem-se a construir grandes navios de forte tonelagem andando moderadamente. Assim

foi que lançaram um grande paquete de 18 milhas, numa época em que já não havia transatlantico de nome que désse menos de 19 e meia. E a critica tempestuou sobre o trangalhadanças ronceirão.

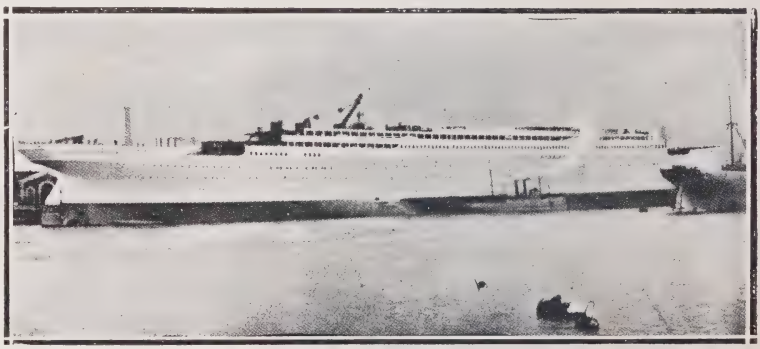
O «LUSITANIA», IGUAL AO «MAURETANIA» — OS MAIORES NAVIOS QUE ACTUALMENTE NAVEGAM

Ora, o tipo deu exito logo no momento em que appareceu, — e de tal forma que a companhia que o lançou — a White Star — abandonou definitivamente a lucta pela velocidade, pela qual, de resto, nunca se apaixonára muito, dando os factos subsequentemente plenissima razão á sensatêz do seu procedêr. Pensára com muita justêza que a maioria do publico viajante se apaixonaria pouco por uma corrida furiosa através o Atlântico, pouco se lhe dando de gastar uns sete em vêz de nove dias, se fosse rodeado do luxo mais attrahente e das mais requintadas commodidades. Estas vantagens se encontrariam á maravilha realizadas em navios de andamento regular, e por isso taes navios açambarcaram em breve a maior parte do movimento.

O resultado foi que as outras companhias, vendo-se com grandes despêsas de carvão e poucos lucros, se foram retirando da rivalidade da pressa, para seguir para a nova idéa. E' certo que se construiram ainda vapôres expressos de 22 e 23 nós, mas raros e só para accedêr aos pedidos da minoria restricta a quem o bicho carpinteiro da pressa leva a não olhar a despêsas.

Nos dois primeiros navios da nova orientação (*Celtic* e *Adric*) adoptára-se um comprimento pouco superior ao máximo que já havia, mas no deslocamento dava-se um grande salto, de 32.500 a 37.700 toneladas. A esses seguiram-se outros de caracter similar, com um comprimento minimo de 215 metros.

Porém o engenheiro hidrógrafo é que começava agora a maldizêr a sua vida. Todos viam que os portos que esses navios haveriam de demandar precisavam de reformar as suas condições e facilidades. Até aos 200 metros, porém, as coisas foram consideradas com serenidade, pensando-se que para além desse limite a evolução seria lenta bastante para permittir acompanha-la com



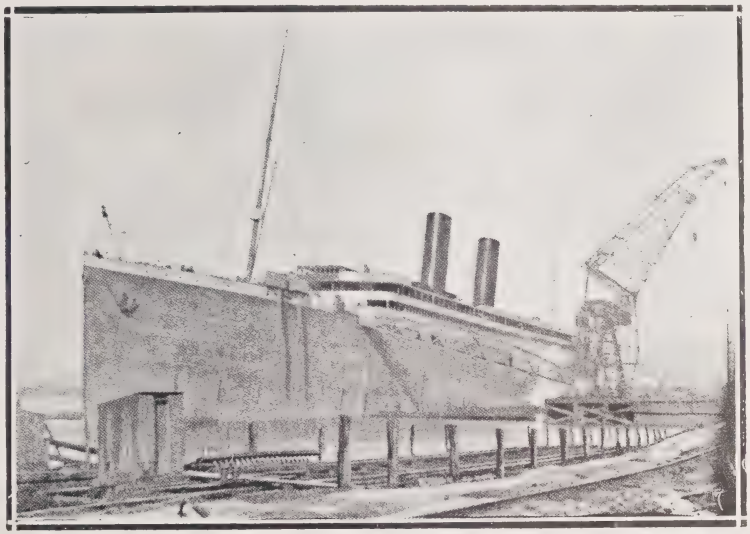
O «OLYMPIC», QUE SERA', QUANDO PROMPTO, O MAIOR NAVIO

relativa facilidade. Mas o lançamento do *Oceanic*, e a seguir o do *Celtic*, abriu-lhes os olhos. Co'a breca! Era um salto de 15 metros em comprimento, e de alguns milhares de toneladas. Ia-se realmente muito depressa. Poderiam os gigantes approximar-se das muralhas? Seriam os canaes bastante fundos? E que trabalho, quanto dinheiro, quanto tempo levaria tudo isso? O receio tornou-se desespero quando se percebeu que taes avanços eram o começo de uma nova era na construcção dos transatlanticos. Era uma positiva loucura, de desesperar os mais serenos.

Foi no meio de taes circumstancias que lord Pirrie annunciou que a sua ambição immediata eram as 50 mil toneadas e os 300 metros de comprimento.

A's auctoridades não se lhes concedia tempo para discutir e argumentar. O publico dos dois lados do Atlantico espicaçava os responsaveis pela prosperidade dos seus portos. Os engenheiros por seu lado affiançavam que a realização das 50.000 mil toneladas demoraria ainda não menos de meio século. A classe *Celtic* satisfaria por muitos annos. Illudiam-se a si mesmos com falsas confianças. Mal passára porém o choque produzido pela declaração de lord Pirrie, quando se produziu um verdadeiro terramoto nos seus espiritos: a Cunard Line projectava dois monstros, dois pavorosos, dois terrificos monstros de 237 metros de comprido, 88 de bôca, 45 mil toneladas de deslocamento!

Foi uma azáfama. Já, era necessario mexêrem-se já. Atiraram-se offegosamente á obra, esfalfando-se por ganhar o tempo que a sua letargia deixára perdêr. Os navios constroem-se bem mais depressa do que se alargam as docas e os canaes se dragam. Erriçava-se agora um fundo antagonismo: desde a apparição do *Celtic* guerreavam-se internacionalmente os armadôres e constructôres de um lado, do outro lado as autoridades dos portos. Esfalfavam-se estas na van tentativa de refrear o movimento ascencional das tonelagens, os engenheiros procuravam fazêr vêr que as docas e caes acostaveis para taes leviatões obrigavam a despezas fabulosas. Respondia-se lhes que não custavam menos os navios, e que se o seu serviço pagava os gastos das companhias que os lançavam, certamente seria tambem remuneradôr para os portos que os recebessem.

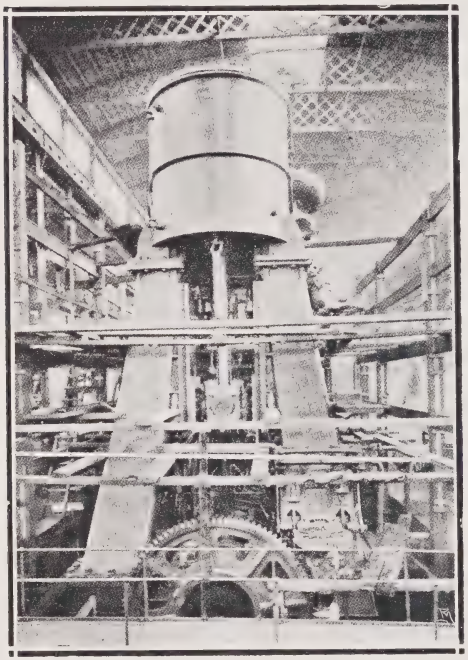


ULTIMA FOTOGRAFIA DO «OLYMPIC»

Uma commissão de commerciantes de Nova-York lembrou-se de forçar os armadôres recusando accomodações para os novos barcos. A resposta era fácil: iriam a outro porto. Veriam quem perdia com a innovação. Em Inglaterra a lucta era identica, e ha pouco tempo chegou ella a um ponto critico. Quando foram lançados o *Olympic* e o *Titanic* (45.000 ton., 268 metros) não havia porto que elles pudessem demandar, e onde pudessem entrar em doca sem difficuldade de maior.

Em Southampton o movimento do porto

está dividido entre três entidades, difficeis de conciliar. Quando os dois novos paquetes da White Star foram lançados, a Companhia proprietaria das docas consagrou aos melhoramentos nellas necessarios a quantia de três mil e quinhentos contos. Além dos navios de 45.000 da White Star, farão escala por Southampton o futuro *Europa,* allemão, de 50.000, e outros vindoiros rivaes allemães dos gigantes inglêses. Por esse lado pois está tudo preparado, mas tratando-se de aprofundar o canal navegavel, a capitania do porto pretendeu que as Companhias interes-



A MACHINA DE ESTIBORDO DO «OLYMPIC»

sadas no assumpto a ajudassem nas despezas, pretenção a que ellas teem feito ouvidos de mercadôr.

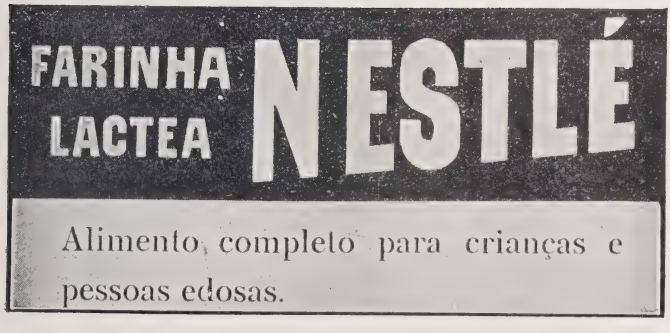
Em Nova-York as coisas correram mais difficeis e demoradas. As docas são ahi perpendiculares ás margens, e as autoridades, vendo que o rio já não é muito largo para a navegação, propuseram alonga-las para dentro, para o lado da terra, — proposta de que riram os homens de negocio, porque na secção commercial da grande cidade americana o terreno tem um valôr fabuloso. O certo é que o *Olympic* foi lançado, e ainda não havia, apesar dos grandes melhoramentos realizados, uma doca sufficiente para o navio. A cidade correu o perigo de perdêr o seu privilegio de terminus das grandes linhas de navegação. Boston, uma seria rival, prontificou-se a fazêr os melhoramentos necessários no seu porto, e a Companhia dos Caminhos de ferro da Pensylvania annunciou um projecto de grandiosas obras em Montank, extremo oriental de Long Island, onde os paquetes poderiam vir a encontrar todas as facilidades, com as vantagens de podêr traçar d'ahi derrota directamente para a Europa, e de evitar demoras em Sandy Hook para a entrada em Nova-York. O clamôr foi então formidavel, e as autoridades maritimas viram-se obrigadas a apresentar docas do tamanho necessario em Brooklin. Essas tinham, porém, varios inconvenientes, e as propostas de Boston e da Companhia obrigaram Nova-York a um supremo esforço, recorrendo ao governo federal em Washington. O resultado foi o War Office permittir que se alongassem as antigas docas para o lado do rio, obra que se fez com a promptidão peculiar nos norte-americanos. Os trabalhos não ficaram comtudo por ahi, e foi necessario empreendêr a abertura de um canal artificial que, segundo os calculos, exigiria a remoção de 42 milhões de metros cubicos de areia e lodo, com uma despeza de 3.600 contos, — obra que provou sêr muito difficil, após encetada em 1901, com a obrigação de o empreiteiro removêr 4 milhões de metros cubicos por anno. Foi necessario o governo vir em auxilio do arrematante com duas grandes dragas, e continuando-se com energia, conseguiu-se que o *Lusitania,* na sua primeira viagem, encontrasse já metade do canal com a largura de 600 metros com que deverá ficar. Hoje já sete oitavos do comprimento do canal apresentam essa largura, estando ainda um oitavo com a largura de 300 metros.

Em Londres, em Liverpool, tambem os novos grandes paquetes estão exigindo grandes obras, análogas ás que esboçámos de Nova-York e Southampton.

E o futuro? Parece provavel que por bastantes annos se não irá muito além das grandes tonelagens actuaes. Segundo Booth, presidente da Cunard, o futuro da grande na-

vegação transatlantica está nas 40 a 50 mil toneladas. Mas essa media geral não significa um limite: já uma companhia alleman se propôs lançar um paquete de 60.000, e lord Pirrie declarou que as 100.000 toneladas não são uma impossibilidade. Nos ultimos dez annos subiu-se das 20 ás 60.000 toneladas, e se continuasse a mesma proporção o vigésimo anno do vigésimo seculo veria o paquete das 100.000, gradualmente attingido.

Dir-se-á que tal navio está fóra de toda a possibilidade porque não ha porto que o receba. Não é razão sufficiente. O constructôr naval, se lhe achar vantagens, dirá simplesmente ao engenheiro hidrógrafo que se arrange como pudér. O porto que conseguir accomodações apoderar-se-á da corrente commercial, e a concorrencia terá como resultado o obrigar os engenheiros a acompanhar a marcha. Se o trafico attingir taes proporções que torne commercialmente prático o paquete de 100.000 toneladas, tambem os trabalhos nos portos se tornarão remuneradôres.



Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

TERIA um livro ráro de anedoctas, acerca de Camilo, o escriptor que se dispozesse a uma viagem de mezes pelos arredores de S. Miguel de Seide (em Famalicão), correndo sobre tudo as freguezias de Vermoim, Joanne, Requião, Landim e Santa Marinha da Portela, a investigar, entre cavadores e morgados, do que foi a vida intima d'esse grande impulsivo e genial improvisadôr, Camillo Castello Branco — dando as *falhas* moraes do homem de critica implacavel que escrevera, á mistura, tanta pagina de amorosidade, de imprecação e de juizo moral.

D'elle se contam, por lá (á maneira do que, após a sua morte, se conta de tanto artista e homem publico), monstruosidades sem numero; factos que são, positivamente, a contestação de tudo quanto sobre a sua generosidade se haja escripto. E factos tão duros, e todos tão singulares, que (d'alguns que ouvi), me pareceu que um novo Camilo se encerrava n'aqueles episodios, — um Camilo que ninguem trazia a publico e, portanto, uma estranha face da sua biographia que ha-de dispersar-se no *livro* inédito e grande da memoria dos *seus visinhos*.

Tudo quanto se tem escripto sobre a extraordinaria figura do romancista dos *Brilhantes do Brazileiro*, pretendendo ser o seu *retrato*, o considero d'um interesse exclusivamente litterario. Camilo, em Lisboa, nada dá — porque saiu d'aqui com uns annos ainda inuteis para o trabalho da escripta; na Samardam nada dá, porque passou ao numero dos mortos o seu amigo Padre Antonio d'Azevedo — unico homem que podia ter feito as *memorias* da sua meninice; e o Camilo estudante no Porto e em Coimbra (em periodos extremamente curtos), d'esse pouco valerá a pena pesquisar e guardar.

•

Da vida do grande romancista depois do caso da fuga com Anna Placido e da prisão na cadeia do Porto — isto é: quando já homem — é que deviamos recolher, sobre tudo, as *memorias*, os factos extranhos.

Desejo, agora, tratar de varios factos da vida sacudida d'esse homem singular, na cidade de Guimarães; mas antes deixem que lhes conte (a proposito d'essa inteligente mulher que se precipitára no agitado mar da vida do auctor das *Memorias do carcere*), dois interessantes episodios, que eu garanto serem absolutamente verdadeiros:

Camilo estava em Coimbra com Anna Placido em 1870, para procurar medicos, e hospedava-se no *Hotel Mondego*. Entrou ali, certo dia, a visital-o, um estudante de direito, rapaz beirão de longa cabeleira «á Barjona» e atitudes de esperteza, que veio a ser mais tarde o escriptor Candido de Figueiredo. Camilo recebeu-o na sala de visitas do hotel, fallou-lhe do seu livro de versos *Quadros Cambiantes* (sobre que havia escripto), da demais litteratura da epocha e perguntou-lhe, por fim:

— Quer, talvez... visitar a sr.ª D. Anna Placido, que se encontra n'esta casa?...

— Com todo o prazer!

E os dois, mestre e discipulo, seguiram por um longo corredor escuro, até á porta do quarto. Camilo bateu.

— Quem é?... disse uma voz forte e serena.

— Eu e uma nossa visita. Candido de Figueiredo.

— Podem entrar.

Abriu-se a porta, Camilo deu passagem ao poeta janota dos *Quadros,* e os dois viram-se n'um momento encerrados no quarto. O que era a «joven senhora» que se fizera raptar e vivia já então, em 1870, na companhia do homem que amorosamente a apartára dos bailes elegantes da cidade do Porto? Era aquela mulher que, ali em frente, se reclinava no leito — estatuada e alva! — cobrindo-se com um roupão de cassa, claro, e fumando, um grande prospero e optimo charuto.

— Ninguem, certamente ninguem podia fumar mais á sua vontade. No gosto com que expelia o fumo do charuto, e o adeantava entre dois dedos, lia-se «commodidade», «habito», «predilecção» e, mesmo, «vicio».

E elucidou, ainda, o sr. dr. Candido de Figueiredo:

— Note, você, que o roupão que a cobria era levissimo; tão leve que, atravez das largas flores que se desenhavam, quasi se via toda a roupa branca, e o proprio córte da camisa, no seio. Era uma mulher robusta, bem formada, e com todas as indicações de que dez annos antes devia ter sido uma optima mulher!

CAMILO, SEGUNDO RAFAEL BORDALO
(Album das Glorias.)

•

O outro episodio contou-m'o uma linda e piedosa senhora da Portela de Requião; e, como o primeiro, está absolutamente authenticado, e é inédito.

D. Anna Placido tinha adoecido. O seu estado não era grave, mas umas terriveis dôres nevralgicas apertavam-lhe dolorosamente a cabeça.

Camilo andava, n'uma d'essas manhãs, a divertir-se no terreiro da casa de S. Miguel de Seide, com os pequenos *Jorge* e *Nuno,* guiando-lhes, a pé, uma parelha de authenticos e fogosos cavalos. De repente o Jorge grita:

— O' pae, mete pela escada!

E Camilo (sem sequer reparar nas visitas que ali tinha para sua mulher), atirou um pontapé a uma ilharga de um dos cavalos, fel-os galgar um degrau, apertarem-se e cahirem, precipitadamente, n'um barulho insurdecedôr que agitou toda a casa. Ao recordar-lhe, uma creada, que «a senhora» estava doente, Camilo sorriu e atirou para fora o chicote . . . todo impassivel.

A senhora que me contou este episodio rematou com esta signficativa phrase:

— Tinha *pintas* na cara como as cobras!...

•

Tambem dos passeios semanaes do romancista ao *berço da monarchia* se contam scenas muito interessantes.

Camilo, aos sabados de manhã cedo (porque era dia de feira), fazia-se certo em Guimarães. Rompia a cavalo pela rua dos *Pombaes* — quasi sempre com seu filho *Jorge* —; e, subindo as ruas de *Gatos, S. Domingos* e *Toural* (lado sul), ia instalar-se na antiga *Hospedaria da Gaita,* que ficava ao principio da rua de *Mata diabos.*

De dia, o romancista passeava na feira, conversava em certas lojas, parava no bo-

tequim do *Bago-Mestre* e estudava, talvez, esses *typos* cheios de observação da sua novela *A viuva do enforcado*. O *Eusebio Macario* devia ter tido ali, tambem, um grande estudo. E outro tanto a scena da *Engeitada*, da creança exposta na *róda* de Guimarães, que elle por certo colheu d'algum caso da travessa que faz face com o edificio da Camara d'aquella cidade, chamada ainda hoje *Travessa dos Engeitados*.

Camilo aparecia em Guimarães quasi que nas circumstancias de vestuario em que Raphael Bordalo o fixara para o seu magnifico *Album das Glorias:* longo casaco de camelão; uma *tira* de seda preta enlaçada na frente do colarinho; um alto chapeu de pasta, em *chaminé*, oculos, a face mosqueada das bexigas, calções ajustados de anta preta, botas «á Frederica» e um *cassetête* arroxeado ao pulso. Na partida envolvia-se, pela cára, n'uma capa *dom-juanesca*. Mas durante o dia mantinha, inalteravelmente, essa *toilete* mestiça: de morgado e bolieiro.

No botequim da terra, á noite, Camilo jogava immenso; e perdia quasi sempre. Para elle — como, creio, para quasi todos os jogadores — existiam cartas de azar, de perda certa. O «monte» era o seu fraco.

Ca fóra, na sala do botequim, ao largo da Oliveira, o *Jorge Botelho*, já então com evidentes manifestações de loucura, fazia o *espectaculo* dos frequentadores. Era certo que, em aparecendo um policia, o pequeno se metia debaixo de uma das mezas, tremendo e mostrando os olhos arrazados de choro, aflictivamente abertos. Alguns freguezes d'aquella ralé burgueza — que então, mais do que hoje, deviam ser de uma brutalidade a toda a prova — entretinham-se, pelas costas do Camilo, com a amargura e tortura nervosa da pobre creança. Uma das suas maiores agonias era ouvir bater, violentamente, as bolas de um bilhar. *Jorge Botelho*, sempre que sentia essa vibração dura e forte, levava aflictivamente as mãos aos ouvidos, estalavam-lhe as lagrimas nos olhos grandes, e, rompendo n'um choro angustioso, corria á procura do pae, para junto da meza do «monte».

Estas notas reaes são, quanto a mim, de uma significação curiosa, porque creio justificarem, relativamente, todos os documentos medicos que até hoje se possuem ácerca da ascendencia e descendencia desse escriptor sobre todos os pontos de vista iminente.

Era assim que elle passava os sabados em Guimarães. Como ahi digo, Camilo (infeliz no jogo), arruinava-se. Os seus debitos e desmandos de lingua, na batota de Guimarães, eram extraordinarios. E regressando tarde ao hotel — quando regressava!... — levantava-se poucas horas depois, montava a cavalo com o filho, traçava a capa e rompia, lá ao fim das mesmas ruas, pela estrada plana de Creixomil — a qual liga Guimarães com Famalicão.

*

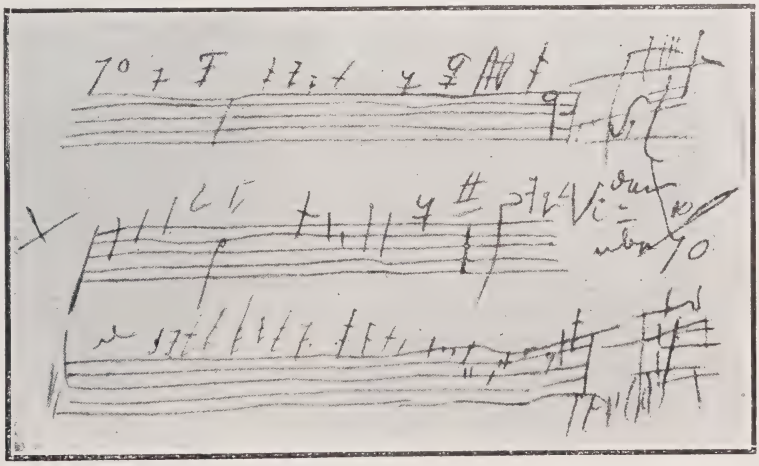
Dou-lhes estas poucas palavras sobre a vida do homem inquieto e infeliz. E não querem ellas significar, no seu todo desagradavel a minha menos admiração pelo grande escriptor — o qual eu, aliaz, considero o maior de todos os prosadores portuguezes.

ALFREDO GUIMARÃES.

Musicos excentricos

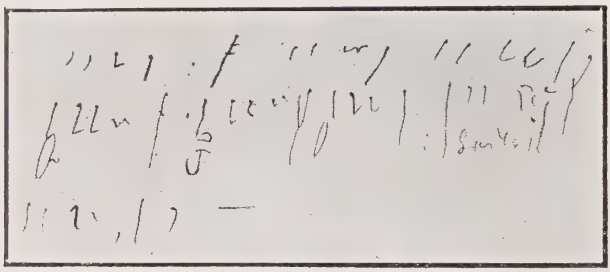
A propósito de musicos excentricos, devemos começar por falar de um dos maiores que foi, sem dúvida, o mais excêntrico; o mais excêntrico dos musicos e talvez o mais excentrico dos homens: Beethoven. Quem conhece as maravilhosas tramas suas sonatas e sinfonias difficilmente imaginará a extranha criatura que houve por detrás d'esse veu. Começava por escrevêr a própria musica de maneira differente da commum, com uma esquisita notação, não raro sem linhas, e tão illegivel que elle proprio algumas vêzes a não entendia. Escrevia os seus apontamentos em pequenos cadernos de algibeira feitos de pedacinhos de papel cosidos, ou nas costas das cartas, ou em velhos sobrescritos: assim notava as inspirações da sua fantasia sempre que lhe occorriam, o que succedia em toda a especie de conjuncturas, passeando, jantando, conversando com um amigo. No meio das ruas apinhadas via-se um homem de cabellos em desalinho estacar de súbito, e com risco de colisão com a turba apressada, escrevêr febrilmente durante dois ou três minutos num bocadinho de papel. No restaurante o criado que o vinha servir encontrava-o com os pratos e talheres para o lado, ronronando surdamente e pontilhando o seu papelucho.

Uma outra das suas excentricidades era sair a passeio quando chovia torrencialmente. O passo em que andava e o tempo que escolhia para as suas divagações tornaram-no uma figura conhecida nas ruas de Vienna,



MUSICA ESCRITA POR BEETHOVEN

e especialmente nos arrebaldes seus preferidos. Quem o via passar voltava-se admirado, emquanto as crianças lhe gritavam:



MUSICA ESCRITA POR BEETHOVEN

«lá vae o Beethoven que gosta de se encharcar!» Facilmente se descontentava e aborrecia; a minima cousa o fazia abandonar a casa em que se hospedava, e acontecia estar pagando três quartos ao mesmo tempo, porque se despedia no fim de alguns dias de um que pagára por todo o mês.

Depois de estar tocando piano por horas a fio — sua diversão favorita das tardes — tinha ás vezes as mãos quentes. Gostava de as refrescar collocando-as sobre a bacia e esvaziando sobre ellas o jarro de agua. O mal era que em algumas occasiões se esquecia de que a bacia era indispensavel nesta operação, e agarrando no jarro o despejava sobre as mãos a passeiar pelo quarto. Esta distracção, que era vulgar, devia ter sido causa de muitas das suas saidas precipitadas das casas onde se hospedava.

Mozart não se póde chamar um homem excentrico no sentido em que Beethoven o era. Foi pelo contrário até certo ponto um homem do mundo. Deu-se porém com elle um dos casos mais excêntricos que a historia relata. Referimo-nos a um documento escrito, feito na presença de um notário a pedido de sua futura sogra, pelo qual Mozart se obrigava a casar com uma das filhas d'essa senhôra dentro do periodo de 3 annos, se ella o acceitasse, mas conservando a dita senhora o direito de o recusar se preferisse um outro. No caso de Mozart não podêr conseguir o seu intento por falta de meios ou por sêr recusado pela dita senhôra, obrigava-se a dar-lhe uma pensão regularmente paga, trimestral ou semestralmente, onde quer que ella vivêsse, e de que maneira vivêsse.

Wagner, esse, era cheio de excentricidades. Uma das mais extraordinarias foi a de mandar preparar a sepultura no jardim da sua casa, sufficientemente ditanciada e em sitio escuso, de forma que pudesse lá ir quando lhe apetecesse, ou então esquecê-la completamente.

Mas não era o peor. Quando tinha amigos a jantar costumava interromper subitamente a conversa com declamações sobre a morte e a eternidade. «Meus amigos, no meio de vida estamos na morte. Todos devemos encarar a morte, que a todos nos espera — mesmo a um grande homem como eu. Tambem eu hei de morrêr. Gostava de lhes mostrar a minha sepultura.»

UMA EXCENTRICIDADE DE BEETHOVEN

E levantando-se da mesa dirigia o resignado grupo dos seus convidados para o canto do jardim onde estava a sepultura, e

ali, na humidade e na sombra, regalava os companheiros com novas dissertações sobre eternidade, sobre a sua propria decomposição, sobre o futuro, — depois do que os reconduzia a continuar o jantar, com o resto de appetite que acaso lhes tivesse ficado.

Na excentricidade talvez Haydn se siga logo a Beethoven na historia dos musicos. Um contraste perfeito nos quartos d'estes dois homens: o de Beethoven, uma incrivel confusão,—e no meio d'elle, passeando, o compositôr, o próprio genio da desordem; e o de Haydn um modelo de meticulosidade e arranjo. Para podêr compôr a seu geito era para Haydu necessario levantar-se com a toutinegra, convencido de que emquanto os passaros cantavam é que as idéas musicaes lhe acundiam mais numerosas ao espirito. Primeiro certificava-se de que todos os objectos do gabinete, todos os *bibelots* estavam no seu logar e em perfeita ordem; depois sentava-se a escrevêr. Mas o mais extraordinario é que logo de manhan, para se pôr ao trabalho, invariavelmente vestia fatos de cerimonia, cabelleira, espadim e punhos de renda. Em nenhum outro trajo, segundo dizia poderia escrevêr. Deveria, além d'isso, têr no dêdo um annel especial que muito estimava, — d'outra forma, tal era a sua nervosa naturêza, nenhuma idéa musical lhe vinha ao cérebro.

Mayerbeer cortejava a inspiração d'outra forma. A frescura da manhan, o canto dos passaros, nada eram para o seu saturnino espirito. Mas o rugir do trovão, o relampago, o batêr da chuva, nunca deixavam de o inspirar com uma torrente de pensamentos musicaes. Para podêr gosar este singular acompanhamento e fonte de inspiração, mandou construir um quarto no telhado de sua casa, onde podia expôr-se á vontade á furia dos elementos, sem mais que uma parêde de vidro para o abrigar. Era muito cioso dos contactos d'esta especie com a naturêza, e aproveitava-os metodicamente, como verdadeiros estimulantes musicaes. Farejava uma tempestade imminente com a segurança infallivel com os corvos e as andorinhas as predizem nos campos.

Conta-se que uma occasião em que dava em sua casa um jantar, ouvindo-se um trovão distante quando encetava a sopa, Mayerbeer se levantou com grande admiração dos convivas e saíu para se aproveitar do seu estimulante musical, deixando os seus hospedes abandonados o si mesmos para o resto da noite.

Donizetti que foi o musico mais popular da Europa aquando da grande voga da *Lucia* procurava a inspiração por meios tão excentricos como este, mas infinitamente mais prejudiciaes. Costumava fechar-se num quarto com papel, penna e tinta, e ainda três ou quatro cafeteiras cheias de café. Começava a bebêl-o ao principiar a escrevêr, e continuava até esvasiar as cafeteiras; depois mandava vir mais, e quando esta se acabava, nova ração. A quantidade de café que bebeu foi fabulosa; achava-o indispensavel para a sua inspiração. Com este habito esse homem que fôra bollo adquiriu a

WAGNER PERANTE O SEU TUMULO

côr de um indio, labios negros, o desarranjo completo do sistema nervoso, e o prematuro declinio das suas faculdades.

Em Rossini encontramos uma excentricidade de typo differente. Foi o mais preguiçoso dos homens, e a preguiça era a causa principal das suas excentricidades. Estava raramente fóra da cama antes do meio dia; e ao accordar de manhan, se o dia, feio, lhe não agradava, ou se não tinha nada especial a fazêr, era capacissimo de se voltar para o outro lado, gritando para a criada; «chama-me amanhan á mesma hora.» E

DONIZETTI E O SEU CAFE'

dormia as 24 horas seguintes.

Escreveu grande parte da sua musica na cama, talvez mesmo maior parte. Costumava ter um rôlo de papel de musica e um lapis á cabeceira, de maneira que de manhanzinha sem se incommodar e commodamente aninhado, trabalhava na composição de uma opera.

Succedeu que um dia, depois de escrevêr um bello duetto d'esta forma, e tendo-o quasi acabado, a folha rolou para fóra da cama, indo parar no chão a distancia, além do alcance do compositor. Que fazêr? levantar-se e apanha-la seria desanrranjar a disposição da roupa, e estragar o seu conforto para o resto da manhan. Resolveu, pois, para se não incommodar, escrevêr novamente o dueto, e como já esquecêra o que estava escrito, escreveu uma melodia inteiramente nova. D'esta maneira a opera «O turco em Italia» tem dois duetos para a mesma scena, e os cantôres poderão escolher segundo as suas preferencias.

As excentricidades de Liszt provinham do seu genio extraordinariamente vaidoso e caprichoso. Só tocava piano se se sentia em muito boa disposição. Se insistiam contra sua vontade era inconvenientissimo muitas vezes.

Uma vêz em Roma foi convidado para um grande jantar por uma senhora americana que se orgulhava do seu gosto musical e enthusiasmo. Acabado o jantar, depois de varios amadores terem exibido as suas habilidades, Liszt foi muito dedicadamente supplicado para tocar um pouco; não estando de maré, recusou-se. Os presentes insistiram. O compositor continuou obstinado, — e, d'ahi, rude. Por fim Liszt atirou-se ao piano, e espadanando uma brilhante cascata de notas, logo se precipitou para fóra da sala, a exclamar. «Ahi tem, minha senhora: está pago, o meu jantar».

Em outra occasião foi convidado para uma soirée em Paris.

Tinham tocado todos os *virtuosos* presentes, menos Liszt — cuja presença constituia o grande acontecimento da noite. Pelo seu aspecto carrancudo e nervoso era visivel que se não achava em disposição. «Não insiste», segredou um amigo commum á dona da casa: — «olhe que é perigoso». Surda ao bom conselho, continuou na insistencia. Liszt por fim encaminhou para o pianno, voltou as costas para o téclado e nesta posição executou um canto popular, tocando com as mãos atrás das costas.

Algumas vezes era espantoso o seu pro-

cedimento para com os discipulos, tal que o não aturariam da parte d'outra qualquer pessoa. Uma vez estava um rapaz tocando na presença d'uma classe uma rapsódia do compositor. A' medida que a peça ia continuando Liszt passeiava no quarto a resmungar. Por fim sentou-se no banco ao lado do joven pianista, e com uma mão acompanhou oitava acima o que elle tocava. Depois com duas mãos, assenhoreando-se cada vez mais do banco e do piano, até que tendo já empurrado o rapaz para o outro extremo acabou por num brusco movimento atirar o desgraçado do banco abaixo, e no meio do riso geral continuar a peça como deveria ser tocada!

As excentricidades de Schurmann não teem conto. Eram reforçadas pelo seu temperamento original e por um lamentavel gosto por bebidas a que se entregou bastante nos ultimos annos da sua vida.

Quando foi editor da *Neue Zeitschrift fur Musik* apaixonou-se desesperadamente por uma talentosa dama muito conhecida pela passada geração de frequentadores de concertos, que veio a sêr Madame Schumann. Para exprimir a sua adoração não achava nada melhor do que imprimir todas as semanas uma carta amorosa *in extenso* que figurava entre varias noticias e artigos sobre musica.

N'esta carta o compositor dava largas aos seus sentimentos, chamava-lhe os nomes mais ternos, convencido de que os seus extraordinarios desabafos passavam completamente despercebidos pelos seus leitores.

Para augmentar a força dos dedos fez uma serie das mais comicas experiencias. Uma d'ellas era atar um comprido cordel a uma tranca do tecto, na extremidade do qual passava uma argola onde enfiava o terceiro dedo. Não se sabe bem com que fim. Comtudo a persistente applicação d'este machinismo acabou por aleijar-lhe o dedo de modo que o impossibilitou de tocar em concertos.

Tinha as mais comicas theorias sobre os tons e o compasso.

Nunca queria escrever em certos tons porque lhe lembravam determinadas coisas e escolhia outros em relação com a epocha do anno ou hora do dia. O tom de *lá*, com tres sustenidos, assegurava que sempre lhe trazia a impressão de verdes campos e cordeirinhos brincando, emquanto o de *mi* com quatro sustenidos não lhe era menos suggestivo de verdes folhagens e ribeiros cantantes. Coisa alguma o podia induzir, excepto em raras occasiões, a escrever no tom de *fá* menor (quatro bemoes) porque, dizia, sempre lhe trazia á idéa a imagem da morte, do julgamento e a figura do cavalleiro do Apocalypse no cavallo branco. O trabalhar uma composição n'este tom representava para elle tal exforço nervoso que só em rarissimas occasiões a isso se prestou. Nos ultimos annos da sua vida era constantemente perseguido pela obsessão da nota *lá* que lhe cantava nos ouvidos, resoava-lhe no cerebro, acompanhava-o á comida e nunca o deixava nem de dia nem de noite. Tornara-se tão insupportavel a obsessão que o levou a uma tentativa de suicidio.

A PREGUIÇA DE ROSSINI

Não poucas excentricidades se poderão

encontrar nas *Memorias* de Berlioz. E' curiosa a descrição das noites na Opera, quando novo, acompanhado dos seus neófitos cujo zelo animava com grandes prédicas. Comprava, para os levar, bilhetes que dizia terem-lhe sido offerecidos; explicava-lhes as bellezas da opera que iam ouvir, instruia-os sobre as qualidades e defeitos dos executantes que iam entrando para os seus logares na orchestra, tudo com grande espanto dos visinhos da platea. Quando o panno subia, estava ali um critico vigilante e escandalôso. Se a orchestra fazia modificações na partitura lançava barulhentamente o seu protesto: «Quem é ahi que se permitte corrigir Gluck?» Um dia, desesperado da indifferença do publico visinho, cae nos braços de um espectadôr igualmente entusiasta. «Sois musico, senhôr?» Oh, desapontamento: era um engenheiro!

Poderiamos ainda citar outras excentricidades de musicos celebres, mas quedamonos por aqui. Cláro que não pretendemos demonstrar que os musicos são os mais excentricos dos homens, mas aquelles a que nos referimos foram, certamente, os mais excentricos dos musicos.

UMA MANEIRA EXCENTRICA DE TOCAR PIANO

Elias Garcia

Amigos queridos e dedicados, vinte annos após a sua morte, quizeram recordar as altas qualidades pessoaes, o grande civismo, o muito amor pela instrucção, d'um verdadeiro homem de bem, que foi um justo, um enorme coração, e a quem nos ultimos mezes de vida, alguns bastante lapidaram.

O JAZIGO NO ALTO DE S. JOÃO

Conta-se que Fontes dissera uma vez que se Elias Garcia não existisse era preciso inventa-lo, e d'ahi tiraram-se illações que sempre me pareceram falsas, por que se o chefe do partido regenerador era mais brilhante, mais parlamentar, mais *pannache*, a verdade é que o famoso republicano, com os seus processos mansos, alcançava o que queria, sendo mais um evolucionista do que um revolucionario.

No pelouro da instrucção, que estava a cargo da Camara Municipal, o que aquelle homem trabalhou não se descreve.

E comtudo, ha hoje um grupo, e se não muito numeroso pelo menos uma grande parte dos que o constituem tem um alto valor, que se mostra contrario a tanta instrucção que se busca ministrar.

Recordo-me que n'uma peça *Les Ouvriers*, Manuel escreveu:

Tout homme qui sait lire est un homme sauvé...

E o poeta, que era ao mesmo tempo um funccionario do ensino, julgava, com a maxima sinceridade, que a instrucção dada a todos seria a salvaguarda certa contra o impulso das paixões más e os excessos da criminalidade.

Era a tarantula que picava as pessoas ha quarenta annos: acreditavam na acção moralisadora do saber. Infelizmente hoje é preciso rebater essa theoria. O ensino obrigatorio em nenhuma parte do mundo obstou a que a criminalidade fosse n'um decrescendo d'anno para anno... Mais: a estatistica demonstra-nos tristemente que ella é duas vezes maior nas pessoas que sabem ler e escrever que nos analphabetos.

Pretendo com estas affirmativas dizer que a instrucção é um mal, e devemos retrogradar e fechar as escholas?... Os que tal pensassem erravam!... Pelo contrario,

deve-se impôr a todos, e d'uma fórma mais persuasiva do que tem sido feita até agora, o respeito pela lei sobre a instrucção primaria obrigatoria. E' grande em Portugal o numero d'illetrados. Unicamente o que não convém, é perpetuar a candida illusão de Manuel e imaginar que basta ensinar a ler e a escrever ás creanças para fazer d'ellas homens de bem.

O que sabe ler está mais exposto que o ignorante a ser arrastado pelas paixões. Ha outra cousa mais a fazer que ensinar-lhes a ler nos livros... é ensinar-lhes a ler na sua consciencia... o que se tem desprezado bastante.

A instrucção é obrigatoria, a educação tambem o devia ser.

O ensino moral tem d'estar á frente de tudo. Mas a eschola deixa esse cuidado á familia, e muitas vezes a familia conta que a eschola é que se encarrega d'essa missão.

De maneira que, nem d'um lado, nem d'outro, a creança encontra os exemplos e as lições precisas.

E assim nos tribunaes acham-se algarismos bem eloquentes que demonstram os resultados d'esta negligencia, e pelos quaes se vê que a maior parte dos criminosos teem menos de 21 annos.

E', pois, quasi ao sahir da eschola, que elles praticaram os crimes porque foram condemnados. Alguns mesmo ainda não tinham quinze annos... Acreditam que teriam resvalado tão depressa no crime se, quando os ensinaram a ler e a escrever, lhes tivessem tambem ensinado a pensar, a reflectir e a obedecer á voz da sua consciencia?

Que os principios de moral e de dever, o respeito das obrigações sociaes, se incutam nas creanças ao mesmo tempo que a grammatica e a escripta, e então talvez se possa dizer affirmativamente que *o homem que sabe ler é um homem salvo.*

Foi o que a Elias Garcia com toda a finura do seu espirito passou despercebido, foi o que os continuadores da sua majestosa obra não comprehenderam, e d'ahi uma semi-fallencia a que se póde pôr cobro, e tanto mais que sería justissimo, e o diadema mais brilhante para enaltecer a memoria d'esse tão grande amigo da instrucção popular.

As eleições

Para ser feliz, basta saber a pessoa contentar-se com pouco. A receita não é difficil, mas é raro quem a sabe pôr em pratica. Comtudo existem, e embora tenham decorrido as eleições, quando estas linhas lhes passarem pelos olhos, contar-lhes-hei a historia do homem que parece ter encontrado o segredo da verdadeira ventura, e que servirá de lenitivo nas futuras que se realisarem. Infelizmente não é um compatriota nosso. E' um allemão, mas nada impede o imita-lo, porque o seu systema é dos mais simples.

Este afortunado mortal é o primeiro burgomestre da cidade d'Herford, e apresentou-se nas ultimas eleições legislativas, que se effectuaram no seu paiz. Toda a gente concluira que elle desejava ser deputado. Pois bem, não! Sendo derrotado, dirigiu os seus agradecimentos tanto áquelles que votaram por elle como aos que votaram contra.

Mostra-se até mesmo mais caloroso com os ultimos.

«Como politico,» diz, «expresso o meu reconhecimento a todos os que valentemente luctaram a meu lado; mas como homem, devo uma gratidão maior áquelles que não desprezaram nenhum meio para combater a minha eleição e contribuiram assim para o meu bem-estar pessoal e a minha felicidade.»

E' difficil, conveem? ter melhor caracter. E tambem é raro, ser-se tão favorecido como os eleitores d'esta circumscripção. Do mesmo lance tornaram duas pessoas satisfeitas: o que foi eleito e o que não o é. Porque não será sempre assim após cada batalha eleitoral?...

Taborda

Dedicados quanto leaes amigos, e comprazo-me em lhes inscrever aqui os nomes: Leopoldo de Carvalho, o actor Valle, Eloy de Jesus e Carlos Posser — conseguiram que n'uma recita que se realisou em D. Maria, em que tomaram parte alumnos do Conservatorio, se inaugurasse no atrio o busto d'um grande actor — Taborda, o exemplo da disciplina, um artista d'enorme merito, d'aquelles, hoje mais do que raro, onde o ta-

lento suppria quaesquer deficiencias que se dessem.

A decadencia do theatro portuguez é evidente

Cada vez apparecem mais actores — elles é que assim se denominam — e cada vez a arte é mais arrastada pelas ruas da amargura.

Não surge nada digno de registo; muito collarinho bem engommado, calça excellentemente vincada, sorrisos de creaturas superiores, desdem enorme pelos collegas que teem annos de serviço applicado, e um desconhecimento absoluto pelos seus deveres o que obriga as emprezas a formularem tabellas que seriam outr'ora a vergonha d'aquelles para quem são sobrescriptadas, e que na actualidade se leem com sorrisos de mofa, ou com gargalhadas ironicas

Porque já não ha discipulos, são todos mestres, arvorando-se em censores, e é por isso que as peças são tão mal representadas!

E recordando-o que de saudades me acodem ante a memoria de Taborda!

Quem é que sabía contrascenar como elle! Que respeito para com o publico! que austeridade com a sua arte!

Tudo n'elle era grande, muito intuitivo, e a scena portugueza quando Taborda morreu, revestiu-se de crepes, e tão pesados, que ainda não conseguiu converte-los, ao menos, em luto alliviado, tal é o desanimo que invade todos os que apreciam theatro, e veem o que está por esses palcos... pavões que se suppõem armados de pennas brilhantissimas, e se se lhes diz o contrario, respondem convictos que se não tivessem inimigos era signal evidente da sua nullidade....

O primeiro de maio

Uma parte da Europa — em Paris foi prohibida — festejou esta data, onde ha muita politica e o seu tanto de reivindicação... Para mim é um anniversario commovente. Na secular historia das nossas almas, marca um dos mais formosos episodios.

Fez 637 annos que Dante encontrou, pela primeira vez, a Beatriz, em Florença.

Era a festa da primavera, e nos corações desabrochava a alegria da fresca luz que o calor nunca entorpece. E Dante foi levado á casa de Folco Portinari, que era o pae de Beatriz. Dante tinha então nove annos, e viu essa creança que era mais nova do que elle. Vestía uma tunica encarnada com os enfeites que convinham áquella edade...

Dante poucas vezes lhe falou, porque ella casou e a morte foi prematura. Mas toda a mysteriosa importancia d'esta aventura reside n'esse dia 1 de maio de 1274, em que aquellas almas privilegiadas se encontraram, quando desabrochava a suave primavera florentina.

A lembrança de Beatriz conservou-se fiel no coração d'aquelle a quem a vida tanto atormentou, lançando-o á mercê dos acasos. Beatriz ausente e Beatriz morta converteram-se n'uma imagem viva e admiravel, ou, se o entendem melhor, Dante chamou Beatriz á sua alma, impressionada para sempre com a lembrança de Beatriz. Assim todos os seus pensamentos, no decurso d'essa existencia, se fixaram n'essa creatura ideal e real, e quando se entregou ao estudo austero, á leitura dos classicos, á theologia, Beatriz tornou-se a sua alma sabia e a sua alma theologica...

Não houve nunca amor mais duravel e nunca o houve mais feliz. A morte livrara-o da devastação do tempo. A vida, com certeza, te-lo-hia gasto; os destinos, n'este mundo, divergem.

Mas Dante apossou-se d'essa lembrança docil e conformou-a ao seu sonho incessante... Em todo o amor deve haver uma morte, pelo menos, o sacrificio d'um ser pelo outro, mais imperioso, mais avido. E' por isso que as lendas, onde as velhas allegorias se occultam, apresentam o amor e a morte unidos...

Em memoria de Dante que amou Beatriz Portinari e que a viu pela primeira vez, ha 637 annos, vestida de vermelho, celebrei em pensamento esse dia de primavera, o anniversario mais tocante de todos e o mais formoso...

Trindade Coelho

Mogadouro desobrigou-se a 14 do corrente d'uma enorme divida de gratidão:

Mandou collocar na casa onde nasceu o integerrimo magistrado uma lapide commemorativa, significando assim o alto apreço que consagra a um dos seus filhos mais dilectos.

A commemoração foi modesta, mas relembrar uma memoria honrada era o unico intuito, porque Trindade Coelho despedindo-se d'esta vida enojado com os homens, com os politicos, com as cousas, nunca deixou, mesmo nos seus momentos de desanimo — e tantos foram elles — de ter a seu lado, pautando-lhe a vida, a honradez, a generosidade de coração, o seu muito amor pelos desgraçados.

Era um grande caracter, alma d'ouro, brusco na apparencia para occultar a bondade que dentro d'elle residia, um justo que honrou a sua profissão de tal maneira que não é favor nenhum dizer que a magistratura que se digna não tem mais que seguir o são exemplo que legou Trindade Coelho.

Todas as homenagens que lhe prestarem — e muitas não teem sido — merece-as aquelle que era um patriota sincero, enamorado do bello, e que sonhara a humanidade tão perfeita que ao encontral-a corroida até aos ossos, pediu a um revolver o socego eterno, para afastar alfim os seus olhos da podridão que via subindo, subindo, e sem que a repreza a detivesse...

Pobre Trindade Coelho!

Que em paz descance o auctor dos *Meus amores!*

A BORDO DO «S. GABRIEL»

O «S. Gabriel»

Depois d'uma viagem de circumnavegação que durou dezesete mezes, e que começou ás tres da tarde de 11 de dezembro de 1909, fundeou no Tejo a 20 d'abril o cruzador *S. Gabriel,* commandado por um dos mais briosos officiaes da armada portugueza, o capitão de fragata Antonio Jervis d'Athouguia Ferreira Pinto Basto.

Destemido, corajoso, valente como as armas, querido pela marinhagem, estimado pelos seus subordinados, muito intelligente, foi com sentimento que se soube a resolução que elle tomara: a de pedir a sua demissão.

O governo, porém, entendendo que homens d'aquelle valor, que teem por timbre a nobreza d'alma, seja qual fôr o partido em que militem, todos á uma o acolherão com alvoroço, não lh'a acceitou, e como o sr. Pinto Basto insistisse, concedeu-lhe uma licença d'um anno, porque muitas vezes o tempo é bom conselheiro.

Como as razões que impendem no brioso homem do mar são d'aquellas que demonstram nitidamente a transparencia do seu caracter, deve-se felicitar quem, n'uma epocha de tibiezas, tem a energia de dizer:

— Eu sou o que sou!

Sousa Larcher

Outra homenagem!

E digo outra, porque em verdade tem-se abusado ultimamente d'este genero de manifestações, que são lindissimas quando merecidas, e a que é preciso presida um bom senso extraordinario na escolha, afim de não se mercadejarem, e terem o alcance que se pretende attingir.

A consagrada a José de Sousa Larcher pertence ao grupo das que se applaudem sem restricções.

Eram 80 annos que o antigo republicano fazia, 80 annos dedicados ao seu paiz, e para celebrar o dia em que os completava, uma commissão convidou o povo da capital a ir festejar quem nunca perdera a fé nos seus ideaes, sinceramente se agarrara á sua bandeira, nunca se recusando ao trabalho, não pretendendo logares, e assim póde, quando chegar a sua hora, ter a certeza que cumpriu excellentemente a sua missão n'este mundo.

A festa que lhe fizeram, embora modesta, merece elogio, porque sahiu dos corações e a ella associou-se o chefe do governo provisorio o sr. dr. Theophilo Braga.

E vendo as creancinhas a cercarem aquelle velhinho — a primavera e o inverno — aos olhos de muitos assomaram as lagrimas, e todos pediram que ellas seguissem o exemplo d'aquelle a quem applaudiam, o prototypo da honestidade e do bom senso.

A exposição d'avicultura

Interessantissima a que se inaugurou na Associação Central d'Agricultura Portugueza.

Alguns dos exemplares eram notaveis pela

GALLO HARPSINGTON

sua corpulencia e pela maneira como tinham sido tratados.

Deparavam-se alli muitos gallinaceos, pombos-rola, um trio da Cochinchina, mariolas pretos, suissos dourados e prateados, innumeras variedades, denotando o cuidado que está presidindo ao apuramento da raça.

Tambem na secção d'aves canoras se viam bastantes curiosidades.

E a exposição d'apparelhos d'incubação dos srs. Herold Mascarenhas era muito curiosa, funccionando tres machinas chocadeiras, vendo-se sahir os pintos de dentro dos ovos.

A gravura que acompanha estas linhas é a d'um gallo da raça Harpsington, pertencente ao sr. Anão, e que teve a medalha d'ouro.

A delicadeza

Foram dadas ordens terminantes á policia — mais uma vez — para prender os individuos que se intromettem com as senhoras que andam sosinhas pelas ruas, o que denota uma falta de gosto e uma má creação muito accentuada.

Pois era já tempo de fazer renascer entre nós um pouco d'essa velha galanteria que nossos paes consideravam uma lei, mas nós somos um povo pessimamente educado.

Não se sauda a senhora que se encontra n'uma escada, fuma-se em caminho de ferro diante das damas, sem mesmo, a mór parte das vezes, lhes perguntarem se o fumo as incommoda; nos electricos não se lhes cede o logar, devendo-se ainda dar por muito felizes, se não teem mais a soffrer que essa incivilidade.

Sim, porque no Rocio, tenho visto muitas vezes os homens precipitarem-se para os carros, servindo-se dos cotovellos, empurrando as mulheres que esperavam ha mais tempo do que elles, e responder com as peores invectivas ás observações das pessoas que estão incommodando.

E' triste e vergonhoso dize-lo: mas, em geral, quem assim procede é gente nova... E' ella que se conserva sentada emquanto o sexo feminino vae de pé nas plataformas; são os rapazes que no theatro, incommodam uma fila inteira para tomarem o seu logar, sem se darem ao trabalho de levar a mão ao chapéo... Mas o que é que hoje se ensina nas escholas?

Estes detestaveis costumes levaram a que se perdesse a bella reputação de galanteria de que nossos paes tanto se ufanavam. O

estranjeiro que vem aqui é que nos julga com severidade, ficando mesmo assombrado.

A FESTA DAS FLORES

Ensine-se, pois, aos rapazes que a pratica da delicadeza, em vez d'humilhar, honra; e bom será que nas escholas, onde se fala tantas vezes á mocidade dos direitos do homem, se lhe falasse tambem um pouco dos seus deveres e, particularmente, d'este. Não sería tempo perdido.

Dois congressos

Lisboa escovou-se ultimamente para receber uns hospedes estranjeiros: os que foram assistir ao congresso algodoeiro em Madrid e os do congresso do turismo.

Não ha duvida que estas convocações são sempre uteis para os paizes onde se reunem os homens mais eminentes d'uma industria ou que mais tentam engrandece-los com melhoramentos. A idéa é boa, e se na pratica os resultados nem sempre são dos mais aproveitaveis, deve-se á somma d'innumeros factores que mallogram as melhores vontades.

Os algodoeiros foram recebidos pelos srs. dr. Theophilo Braga, Bernardino Machado e Correia Barreto, presidente do governo e ministros dos estranjeiros e da guerra.

O presidente do congresso, o sr. Macara, falou em inglez mostrando como estava encantado com a patria de Camões, e que Portugal era o digno continuador das suas heroicas tradições, e ficava agora certo que a terra das conquistas abraçava do intimo as da paz e do trabalho, e desejava progredir.

UM CARRO ALLEGORICO

Respondeu-lhe em francez o sr. Theophilo Braga declarando que esta nação acompanhava com o seu voto incondicional todos os movimentos de progresso.

Os nossos hospedes estiveram no Estoril encantados com aquelle delicioso panorama, sendo tambem recebidos na Camara Municipal, e foram a Cintra, esse delicioso e eterno paraizo e que maravilhou os nossos hospedes.

O congresso do turismo — e que ainda segue á hora em que escrevo estas linhas — tem tido no seu programma numeros brilhantissimos.

E' seu presidente o sr. dr. Bernardino Machado, tendo como presidentes honorarios os srs. Antonio José d'Almeida, José Relvas, Brito Camacho, Magalhães Lima, Anselmo Braamcamp Freire e Fernando de Sousa, compondo-se a commissão executiva dos srs. Cupertino Ribeiro, Vasconcellos Correia, Ventura Terra, Manuel Roldan, Raul Fabri, Fernando Emygdio da Silva, José Lino Junior, Luiz Fernandes, Ferreira Madail, Rodrigo Peixoto, Conrad Wissmains, Alfredo da Cunha e Eusebio Leão.

Os trabalhos do congresso constaram do seguinte programma:

Meios de communicação e transporte — Hoteis — Syndicatos d'iniciativa e de propaganda — Excursionismo e villigiatura — Publicidade — Questões d'ordem geral.

A sessão inaugural realisou-se na Sociedade de Geographia.

A festa das flôres concentrou-se na rua do Ouro, e a verdade é que o mau gosto presidiu em muito ás ornamentações.

Carradas sobre carradas de plantas, mas sem arte, mais de metade dos predios não correspondendo ao convite da commissão para ornamentarem as janellas, e tudo pedia que se obedecesse a um plano geral e se chamasse um entendido.

No palacio de Belem houve recepção aos congressistas assim como nos paços do concelho, sarau do Gymnasio-Club no Coliseo dos Recreios, concurso hippico, excursões aos arredores de Lisboa, visita aos monumentos e museus, passeio no Tejo, etc.

O DESFILAR DO GRUPO DOS CAMPINOS

Mas um numero que despertou o maior interesse foi o da parada agricola em Villa Franca de Xira.

Abria o cortejo um grupo de 53 campinos a cavallo, de jaquetas com alamares, calção e meia de malha e barrete verde com lista encarnada, empunhando varas enormes, carros com um arado antiquissimo, o carro d'honra com figuras allusivas ás nações dos congressistas, uma machina ceifeira, outra semeadora, cinco debulhadoras, duas enfardadeiras auto-motoras, grupos d'eguas, cavallos reproductores e poldros, bois de trabalho e varios burros.

Uma festa linda e caracteristica!

PORTUGAL DA SILVA.

Almeida Garrett

O sr. Coelho de Carvalho é um notavel escriptor, erudito, de muito talento, um magnifico conversador, e a tantas qualidades é justo que se busque a maneira d'addicionar algum senão.

Encontrei-o, embora seja perdoavel, e é o querer ser auctor dramatico.

E assim como aos filhos deformes são aquelles que os paes a mór parte das vezes teem mais estima, tambem é crivel que o primoroso traductor da *Aventureira,* consagre um profundo amor ás suas producções theatraes.

A terceira tentativa apresentou-a no mez findo com a *Infelicidade legal*, peça em quatro actos, que não alcançou seis representações, devido tambem á deserção do publico que foge d'este theatro, como se receiasse ser empestado.

E quem assistiu ao drama do sr. Coelho de Carvalho illudiu-se por completo ante o decorrer do 1.º acto que se póde considerar impeccavel, onde tudo está excellentemente marcado. a exposição é clara, e mesmo os que teem visto e lido muito theatro, suppõem que ante elles se desenrolará algo de grande alcance, d'empolgante, constituindo a verdadeira arte scenica.

Não é assim, infelizmente, apesar do que alguns escreveram no dia seguinte á primeira representação, embora a assignatura por baixo da noticia — porque actualmente não se fazem analyses, mas apenas locaes — d'esse logo a idéa clara do valor do critico.

No 2.º acto encontramos uma scena entre Augusta Cordeiro e Pato Moniz muito bem feita, inda que não é nova, mas d'ahi por diante, se se exceptuar a dialogação brilhante e sem esforço, o desastre é completo, não ha coherencia, as scenas atropellam-se, a conclusão é illogica, e sobre tudo o peor, é que o espectador desinteressa-se por completo.

Mesmo o comico, que é uma carapuça, representado n'aquelle socio d'uma academia scientifica, passa sem nos levar a sorrir, quasi despercebidamente, e nunca poderá ser a caricatura d'um *Caro,* descripta por um Pailleron.

Falar com uma certa clareza bem sei que não agrada, mas até hoje tenho-me dirigido sempre d'esta maneira, e consola-me o applauso de meia duzia que conhecem a minha sinceridade.

E entre o que é facil de conquistar, que conduz a tudo, que dá um certo bem estar, preferi sempre a paz de consciencia, e ver muitas vezes olhares irados sobre mim, porque fui sincero, a receber apertos de mão que só seriam em detrimento da minha honestidade de jornalista.

Se me falarem do desempenho, dir-lhes-hei que entendo dever notificar apenas Augusta Cordeiro e Pato Moniz.

Os mais não prejudicaram, signal evidente

que tambem nada produziram, a favor do original que representavam, e o que houve, evidentemente, foi uma má distribuição nos papeis, o que significa que na casa de Garrett a fallencia d'artistas é extraordinaria...

*

No mesmo theatro effectuou-se a festa dos alumnos do Conservatorio, e o Gil Vicente, o Camões, o D. Francisco Manuel de Mello, o Antonio José, o *Judeu*, lá andaram aos tombos.

Foi uma recita classica, reclamou-se bastante nos jornaes, mas afinal reprimiu-se muito bocejo, e nenhum dos que lá foi tornará a assistir a espectaculos d'essa ordem.

Convocar litteratos d'alto valor como Lopes de Mendonça, Coelho de Carvalho, Abel Botelho e Lopes Vieira para proferirem meia duzia de palavras antes da exhibição do trabalho de cada um d'esses comediographos dos seculos XVI, XVII, e XVIII de nada serve, desde que não tenha o publico uma educação litteraria bem orientada, o que actualmente não acontece.

Nas cousas da vida precisa-se sobre tudo ser pratico, para não imitar o astrologo que ia seguindo por um campo estudando as estrellas e cahiu n'um poço, ou aquelle sabio que podia dizer em todos os idiomas a palavra cadeira, mas não sabía servir-se d'ella.

Republica

E' já costume no mez de maio ser explorado por uma companhia hespanhola, genero de que o nosso publico tanto gosta, e assim, pela contextura das zarzuelas, e pela lindissima musica de que todas ellas são esmaltadas, deve-se perdoar mesmo as deficiencias do desempenho.

E' difficil organisar uma *troupe* d'este genero, porque o melhor vae para a Argentina onde ganha rios de dinheiro, e esse *melhor* encontra-se hoje n'uma tal ou qual decadencia.

E mesmo que os artistas estejam longe de ser de primeira plana, não se póde apresentar outra cousa, porque custa carissima a organisação d'uma companhia, não dando afinal quasi nenhum lucro ao emprezario.

Eu adoro o genero, e recordo-me de tres zarzuelas — ao acaso, é claro, — que se podem considerar obras primas: *Puritanos, Agua, azucarrillos y aguardiente* e *Verbena de la Paloma*, mas vejo que o genero vae affrouxando, porque ultimamente principiaram a explorar operettas como o *Conde de Luxemburgo*, e quando a Hespanha tem o seu genero tão caracteristico, é uma pena altera-lo, e tanto mais que aquelles typos em nada se coadunam com o que elles estão costumados a interpretar.

Rua dos Condes

Um homem tão trabalhador quanto infeliz, José Rodrigues Chaves, tentou apresentar alli uma companhia d'operetta de pretos e pretas.

E' claro que a concorrencia nos dois primeiros dias foi razoavel, mas o espectaculo fatalmente tinha de decahir, porque se a nós já nos custa aturar tanto branco e tanta branca que representa por esses theatros, com certeza a curiosidade não havia de ser muita vindo de creaturas que não teem a graça necessaria para a interpretação, e apresentavam trechos desprovidos d'interesse.

Animatographos

O **Chiado Terrasse** e o **Salão da Trindade** continuam apresentando *films* interessantes, obedecendo á actualidade, e que despertam sempre a attenção.

E, como variam immenso, é vulgarissimo ver hoje no *Terrasse* os que amanhã encontramos no da *Trindade*.

PORTUGAL DA SILVA.

Somatose

Recommendada nas doenças do
ESTOMAGO E DOS INTESTINOS
Vende-se nas pharmacias e drogarias

Noticia bibliographica

Cada qualidade de um escritôr tem seus admiradôres especiaes, e não é pelas mesmas razões que vários espiritos se deleitam na leitura do mesmo livro. Todos aquelles que entre nós se interessam pela análise psicológica e pelas idéas hão de ter saudado com grande satisfação o nôvo romance de ***Silva Gayo***, que toma um logar raro e de destaque em toda a nossa

MANUEL DA SILVA GAYO

litteratura. E' um género alto, difficil e não explorado que elle vem representar, — e se accrescentarmos a isto que a acção dos **Torturados** é extraordinariamente attractiva e dominadôra, que as suas personagens são ao mesmo tempo vivas, superiôres e típicas, teremos indicado um conjucto de qualidades internas próprias a formar uma obra de profunda significação e de um valôr excepcional.

Três personagens occupam o primeiro plano da acção dos *Torturados*. Maria do Resgate é uma mulher de espirito nobre e original, temperamento rico a que circumstancias favoraveis permittiram desenvolvêr — através leituras, viagens, museus, — uma alma larga mas toda feminina, admiravelmente combinada de paixão e delicadêza, sedenta de uma *perfeição* que ella primeiro concebeu como realizavel na fusão das qualidades de dois homens: Carlos da Motta e Miguel Gouvêa. Aquelle é-nos apresentado como um filósofo agudo e ponderado, este como um poeta impressionavel e eloquente; mas, além d'isso, o primeiro como um espirito que vê e reduz tudo em psicologia, o segundo como um espirito objectivo tendendo a integrar-se num todo. A concepção d'estes dois tipos é perfeitamente justa e caracteristica, simbolica a sua opposição, e representativa de duas correntes actuaes do pensamento; podemos mesmo imaginar a lucta d'essas duas tendencias a dentro do mesmo cérebro. E é assim que, descrevendo o romance psicológico as relações entre os elementos da vida interiôr das personagens, como o romance de costumes descreve as

relações sociaes entre estas, um e outro podem representar uma época, — por isso que estas tanto são caracterizadas pelas fórmas e tipos sociaes, como pelas idéas e tendencias de pensamento que nellas dominam.

D'esta fórma, as figuras dos *Torturados* dão-nos uma análise psicológica como vulgarmente se realiza no romance do género mas ainda mais uma distincção de tipos, — não de tipos sociaes como o conselheiro Accacio ou o brazileiro do Minho, mas de tipos representativos de certas maneiras geraes de pensar e de sentir. A intensidade e a vida com que o drama interiôr nos é descrito evitam os inconvenientes que d'esse facto era de temer que resultassem. E' que, sem duvida, o autôr nos dá a transposição artistica de um caso profundamente sentido.

Se considerarmos a acção do romance, somos levados a dar principal importancia áquellas propriedades fundamentaes que primeiro apontámos no caracter de Miguel. A emotividade, a fantasia e o *bovarysmo* são as caracteristicas preponderantes que na acção do romance importam, e não as tendencias objectivas do espirito de Miguel; essas tendencias são para ahi secundárias, mais em *potencia* do que em *acto*, — o que de resto se compreende, pois acaso a insistencia nesse ponto seria descabida num romance. Não é um pensadôr, mas um reflexo, um fantasista sentimental jogando com idéas feitas. D'ahi as falhas do seu espirito.

O leitôr não espera que lhe façamos nesta noticia a análise dos *Torturados*. Basta que lhe digamos que Maria do Resgate — outra intellectualização superficial e desenraizada da vida — tendo-se casado com Miguel e debatido com este numa vida de torturas, vem afinal a encontrar o sentido da existencia na vida plenamente *humana* e da acção. Na acção estaria pois o remedio das *torturas*. E que torturas essas? As que resultam da intellectualização indirecta da vida, do seu commentário mediato; as que resultam da eterna contradicção de quem tenta anciosamente conciliar antagonismos de idéas e sentimentos, reduzir á unidade a multiplicidade de direcções para que o espirito é arrastado.

Não garantimos que nessa apologia da acção esteja uma grande panacêa: porque não é definida e commentada essa idéa vaga da *Acção*, e porque vemos o livro acabar numa attitude de ironia. Seja como fôr, não é o remedio mas a descripção do mal que faz o grande valôr e o grande interesse dos *Torturados*, sólido e formoso romance que vos hade attraír profundamente, e commovêr, e fazêr pensar, — qualidade esta das melhores e mais seductôras que póde têr um livro.

Terminada a leitura do **Sol Criadôr,** de ***Alberto Monsaraz,*** fica-se tentado a discutir a recommendação que o autôr nos faz logo á entrada do seu livro:

Estes versos, alguem, quem quer que os leia,
Diga-os baixinho, leia-os para si...

Sol Criadôr não é realmente titulo que evoque sentimentos recatados, confissões intimas, ensimesmações profundas, soliloquios dolorosos, — e ao titulo corresponde o texto, quasi todo elle pictural, descriptivo, pouco sentimental e muito artistico, cantando uma Naturêza fecunda onde perpassam ninfas e aegipans flautistas. D'esses quadros rarissimas vêzes se evola um perfume sentimental, como nesse bello *Amôr supremo*, uma das poesias melhores do livro, se não a melhor, cheia de fôlego e de movimento nos seus candenceiados alexandrinos. Mas em tudo mais, como diz o poeta,

Nestes poemas que fiz, seja qual fôr,
Tem cada metro o gosto de uma fruta,
Cada rima o perfume de uma flôr.

Esses cantos são, portanto, poêmas da Naturêza, tomada a palavra na accepção dos artistas e dos poetas. Poeticamente falando, «Naturêza» quer dizêr a pacificação ou a vitalização que traz ás almas a contemplação da paizagem, a placidêz dos campos, a fluidêz dos horisontes, o frescôr excitante das manhans húmidas, a calma melancolía do entardecêr saudoso. O arvorêdo parece, ás horas fôscas, uma assembléa de filósofos e de profetas d'onde cae, sobre as almas dos contemplativos, um evangelho de consoladôra sabedoria. Os espiritos menos subjectivos ou menos filosóficos, se ali não encontram uma prégação moral, encontram a magnificencia do espectáculo, a riquêza

artistica das linhas, das côres e dos sons, o ar vitalizante, a energia criadôra:

Encantou-me a paizagem, encantou-me
O vigôr das raizes seculares;
Tenho sede das noras, tenho fome
Da carne succulenta dos pomares.

Quando porém trocamos a Naturêza, de quadro e ambiente em objecto de pensamento, é que as opiniões poderão divergir, porque nem todos terão aquella bôa disposição de vêr

Apezar de um genio tão diverso
Que anima as vidas todas do Universo,
No Universo que paz e que harmonia!

Pan pode sêr assim tão immodesto e pretencioso como Jehovah, o qual, segundo affirmam as Escrituras, se desvaneceu babôso da sua obra, tendo chamado terra á terra e mar ao mar:

Gerei-vos a sonhar numa alegria extranha,
A uma na planicie, a outra na montanha,
E agora, que prazêr!
Admira-vos ao sol minha alma enternecida,
Felizes na existencia, acarinhando a vida,
Gostando de vivêr...

Minha alma em vos criar toda a sua alma pôs.
Bemdito seja eu! Bemditas sejaes vós!

Seja como fôr, quem tem sem dúvida razão para se desvanecêr da sua obra — mais talvez do que Jehovah e do que Pan — é o sr. Alberto Monsaraz. Através do seu livro é que a Naturêza nos parece magnifica de belleza e de bondade, — pela excellencia do verso, pelo fôlego da estrofe, pela riqueza e variedade dos ritmos, pela limpidez da inspiração. Quando a esperança se nos apaga, é o poeta que a reaccende; é essa uma das suas glorias, e das mais bellas. Aquece-se a gente ao calôr d'aquelle enthusiasmo, e por isso lhe agradecemos e o bemdizemos, pensativos:

Morresse o sol, talvez elle apagasse
Das nossas almas e da nossa face
As saudades nostalgicas do sol!

Uma das personagens mais dignas do nosso maior e mais grato interesse foi, sem duvida, o illustre autôr das *Recherches sur la priorité de la découverte*. Na sua monografia sobre **O Visconde de Santarem como guarda-mór da Torre do Tombo,** a que fez recentemente um additamento, publica o sr. ***Antonio Baião*** a parte mais interessante da sua correspondencia official,

ANTONIO BAIÃO

precedida de uma exposição lúcida e rigorosa, como era de esperar de tão conscienciôso e sabedôr erudito. Em 1819 — tinha o Visconde então 28 annos — começaram as suas relações, como leitôr, com o archivo. Propunha-se em tão verdes annos fazêr uma compilação de todos os actos diplomaticos desde o inicio da monarchia.

Cinco annos depois tomava posse do cargo de Guarda-Mór, dedicando-se especialmente á idéa da reforma dos documentos que o tempo deteriorára, e da formação de indices de muitos outros dos quaes não existiam nem os extractos. «Quer-se porventura, diz muito bem o sr. Baião, plano mais ponderado e mais scientificamente concebido?» Além d'isso advogava, patrocinava e acompanhava a entrada para a Torre do Tombo de muitos documentos que lá se deviam recebêr, como bullas, livros da Chancellaria Real, e sobretudo os importantissimos cartórios do Santo Officio, — encontrando, porêm, bastantes difficuldades no seu caminho. As

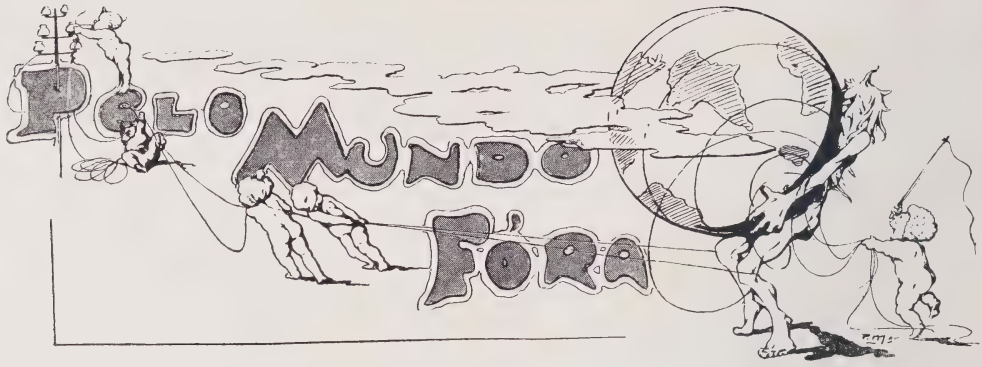
luctas politicas, em 1834, fizeram com que fosse substituido pelo cardeal Saraiva, retomando o logar em 1842.

Na sua gerencia «ficou sobejamente demonstrado, diz o sr. Baião ao terminar a sua interessante monografia, o valôr inestimavel que o Visconde de Santarem dava ao Archivo da Torre do Tombo, o interesse com que via augmentar as suas collecções. E se em 1842 Santarem lhe chamava *um dos mais preciosos e ricos depositos de monumentos historicos*, que lhe chamaremos agora, quando, mais de sessenta annos volvidos, a Torre do Tombo está enriquecida com milhares de documentos e processos provenientes dos conventos que successivamente se foram extinguindo?»

Henrique de Vilhena, que ha cêrca de um anno publicou um bello, rigoroso e meditado livro sobre a *Expressão da cólera na litteratura,* dá-nos o primeiro fasciculo de um trabalho sobre **Os musculos subcutaneos do crânio no tipo português humilde,** obra que sae do campo mais restricto da anatomia desde que o autôr pretenda iniciar com ella um estudo minucioso da musculatura mimica, implicando directamente com a arte emocional e a psicologia humana. «L'auteur qui aura lhe bonheur de faire une étude complète de l'anatomie comparée des organes de l'expression de la physionomie, escreveu o anthropologista Chudzinski, élèvera un grand monument, dont l'importance n'échappe à personne.» Assim pensou igualmente Henrique Vilhena, dirigindo nesse sentido as suas duas obras, levadas a cabo com profunda consciencia e alto espirito, na impressão de realizar aquella «harmonia amplíssima, suavissima», de que fala no seu prefacio.

Em outro campo, cumpre-nos noticiar com o maior applauso a iniciativa da fundação de uma *Sociedade Nacional de Historia,* destinada a congregar todos os esforços dispersos dos varios profissionaes de sciencias historicas que, sem o favôr do publico e sem a discussão, se dedicam a trabalhos que não exercem porisso a acção social que deveriam exercêr. A Sociedade tem por fim activar os estudos historicos, mórmente os nacionaes e os das relações de Portugal com o estrangeiro; reformar o ensino educativo da historia e o seu ensino superiôr; contribuir para melhorar o nosso acanhado meio scientifico, trazendo á discussão os modernos problemas das sciencias historicas, e, finalmente contribuir para as relações estreitas do nosso meio scientifico com as sociedades, academias e altas individualidades scientificas estrangeiras. Para conseguir tão importantes e levantados objectivos usará a Sociedade de varios meios, entre os quaes a publicação de uma revista de especialidades, a conferencia e a leitura publica, a collaboração com as instituições nacionaes congeneres, a realização dum proximo congresso de historia, peninsular e brazileiro. Assignam o respectivo prospecto os srs. Christovam Ayres, David Lopes, José Leite de Vasconcellos e Fidelino de Figueiredo.

A commissão nomeada pelo governo para procedêr á reforma ortográfica, composta da sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e dos srs. Adolpho Coelho, Joaquim Nunes, Gonçalves Vianna, Leite de Vasconcellos, Borges Grainha, Candido de Figueiredo, Gonçalves Guimarães, Julio Moreira e Garcia de Vasconcellos, fez já conhecêr algumas das suas resoluções. Essas resoluções mostram que a illustre commissão, cuja auctoridade tão incontestavelmente se impõe, se orienta no sentido da simplificação ortográfica sem caír porém em exagerados radicalismo E' um criterio evolucionista e pratico, ao mesmo tempo que racional, cuja alta sabedoria nos compete venerar e applaudir.



Curiosidades do tempo

O preço e a circulação da Biblia

Os inglêses teem inundado o Universo de Biblias, distribuidas por aquelles viajantes por excellencia aos naturaes de todos os paizes.

Completa-se este anno o tri-centenario da versão inglêsa «autorizada», feita com enorme trabalho por quarenta e sete traductôres durante mais de dois annos. Eruditos como Lancelot Andrewes, de quem se disse que poderia têr sido o «interprete geral da torre de Babel», Edward Lively «um dos melhores linguistas do mundo», Miles Smith, Andrews Downs, contribuiram para essa versão, que apesar de nunca têr sido explicita e verdadeiramente autorizada, tem sido conhecida com esse nome.

Esse trabalho foi sendo adoptado vagarosamente. John Bull, então como agora, não se resolvia com rapidez pelas innovações. Um sabio emminente chegou mesmo a dizêr que antes queria sêr esquertejado por cavallos selvagens do que dar o seu assentimento a que tal traducção fosse imposta ás igrejas pobres. Apesar de todas as criticas e opposições a versão autorizada fez o seu caminho, pela razão de ser a melhor.

O seu alto preço não ajudava a propagação. Se bem que já não fosse necessario pagar cincoenta libras por uma Biblia como ao tempo da sua primeira impressão em Roma (1471), nem desaseis como pela traducção inglêsa de 1571, as biblias eram muito caras em Inglaterra no principio do seculo XVII. Vendiam-se por dez libras, e o preço promettia mantêr-se, porque os impressôres do rei tinham obtido monopolio. Quem transgredisse o *copyright* era preso e só solto quando entregasse os livros, que os monopolizadôres vendiam depois por sua conta.

Varias tentativas se fizeram para vendêr edições baratas em Inglaterra, mas todas se

SANSÃO E DALILA

(Revista Nacional, China.)

frustraram ante o podêr dos impressôres do rei. O curiôso é que esse direito se manteve legalmente até hoje, sòmente partilhado com a imprensa de Oxford e Cambridge. Não ficaram indicios da circulação no seculo XVII, provavelmente por não sêr digna de nota. A venda es-

tava ainda confinada ás classes mais ricas. Ainda havia de passar por muitas edições antes de chegar ao preço mínimo de hoje. A *British and Foreign Bible Society* foi fundada ex-

A guerra: Porque estás ahi, irmã Peste?
A Peste: Tanto falam de guerra que me pareceu occasião de voltar, como nos velhos bons tempos.

(*Pasquino*, Turim.)

pressamente para tornar a Biblia barata. Hoje podem-se obtêr Biblias inglêsas a seis pence, vendendo-se mesmo pelas ruas edições a vintem. O preço é determinado, não pelo custo da edição, mas pelo que estiver ao alcance dos mais pobres do país. Vendem-se Novos Testamentos por quatro vintens na India, emquanto os Evangelhos separados se encontram por cinco réis; no Japão vendem-se por 15 réis, na China encontram-se a quarenta. O Arabe pode tê-la em Oran por algumas laranjas, o Indio por um punhado de arroz. Vende-se por vellas no Peru, em outros pontos por queijo, leite, etc.

Escusado será dizêr, que a perda da Sociedade com estas Biblias baratas é enorme. A perda com os nove milhões de exemplares da edição mais barata vendidos em vinte e cinco annos foi de vinte e cinco mil libras.

Além das despezas de impressão, encadernação, etc., ha a dos fretes para os paizes distantes aonde a Sociedade a faz chegar. Ainda não ha muito mandaram de Changai para uma missão em Liang-Tchêu, na provincia de Can-Su, desasete caixotes que não só atravessaram as mil e quinhentas milhas do rio como ainda mais quinhentas em mulas através as montanhas. Preferem em geral fazêr as edições no proprio paiz de venda, e os trabalhos de traducção nas várias linguas indigenas são necessariamente vagarosos e dispendiosos. Vinte annos gastou um missionário em Tahiti para aprendêr a lingua, e outros vinte para a traducção. Só a revisão da Biblia Malagásy custou três mil libras, e a do Velho Testamento Hindi três mil e quinhentas.

O Evangelho foi traduzido em quinhentas e trinta linguas diversas, e o anno passado quinze milhões de exemplares das Escrituras circularam nos differentes países. Ha depositos nas cidades principaes, e d'ellas uma perfeita organização de homens e mulheres leva-as ás mais remotas partes do globo. O trabalho consagrado á diffusão da Biblia é enorme, e muitas vêzes as Escripturas precedem nas regiões affastadas toda outra influencia da nossa civilização. O primeiro viajante que entrou em Merv nos modernos dias viu com espanto que a Biblia o tinha avançado, e tambem em Klondyke, antes da descoberta do primeiro ouro, o Novo Testamento chegára ao valle de Yukon.

Celebrando o tricentenario da Biblia a Inglaterra celebrou o que ha de mais nobre na grandeza da Inglaterra, alguma cousa que está na propria raiz da cultura, da força, do impe-

POSIÇÃO DO TIO SAM NO PANAMA'

rio desse grande povo, e que o acompanhou e animou na sua expansão sobre o universo. São os proprios inglêses pelos menos que o dizem, ou antes são elles que o reconhecem.

Vida na Sciencia e na Industria

A agua do mar, origem da vida

Foi o professôr René Quinton, de Paris, que realizou a serie de experiencias importantes, tendendo a demonstrar a teoria de contêr a agua salgada das maiores profundidades do Oceano os elementos vitaes das cellulas organicas, os verdadeiros elementos sem os quaes a vida no planeta seria impossivel. O professôr Quinton espera provar que a agua salgada con ém substancias capazes de combatêr os ataques da doença e da velhice no corpo humano, substancias cujo emprego nos permitiria prolongar extraordinariamente a vida.

Se acceitarmos a doutrina de Quinton devemos considerar o corpo humano como um verdadeiro aquario. O sangue é um liquido oceanico em que os globulos vermelhos nadam. Todas as partes do corpo são perpetuamente banhadas em agua do mar, restos do meio em que os nossos remotos e originarios antepassados viveram. Qualquer organismo animal, de que especie fôr, é composto num terço do seu peso total de agua do mar em que as cellulas banham. Essa agua é o liquido vital das cellulas organicas, liquido sem o qual a vida seria impossivel.

Numa das suas primeiras experiencias o professôr Quinton tomou um cão e sangrou-o até o animal jazêr como morto na mesa de operações. Depois injectou-lhe nas veias uma quantidade de agua do mar igual á do sangue perdido: pois o cão sentou-se, abanou a cauda, e breve começou a passeiar tão vivo como d'antes! Só quatro annos mais tarde morreu, de uma morte perfeitamente vulgar e natural. As experiencias foram repetidas com outros animaes, obtendo-se sempre os mesmos resultados, e notando-se que os pacientes não só se restabeleciam mas pareciam ganhar em vigôr com a substituição do sangue por agua do mar.

Seguidamente foram as experiencias tentadas em individuos humanos, que se não deixaram evidentemente sangrar até á morte, mas em que a substituição do sangue pela agua foi effectuada nas proporções em que esses individuos a permittiram. Não se torna necessario ir além do grau já realizado, e parece provado que se poderão obter resultados plenamente satisfa'orios com a agua do mar sempre que haja, por qualquer accidente, grandes perdas de sangue.

A principal applicação comtudo não é a da substituição do sangue pela agua marinha, mas sim o tratamento de varias doenças. Como se sabe a agua deve sêr tomada num ponto bastante distante da terra, e em fundo bastante para assegurar a sua purêza.

Os sêres vivos appareceram na terra numa época em que a temperatura era superiôr á actual, e tendem a mantêr essa temperatura em face do resfriamento successivo do globo. Proseguindo nas mesmas ideas já por elle expostas, a si mesmo perguntou o Prof. Quinton se a vida animal não tenderia a mantêr outras primitivas condições além das da temperatura, e por uma serie de provas mostrou a origem maritima dos sêres vivos, e a tendencia a mantêrem as condições maritimas originaes na vida dos seus organismos cellulares, assim como manteem a original temperatura.

Não se attribuem geralmente aos saes que ella contem as virtudes vitalizantes da agua do mar. Um argumento a favôr d'esta idea é fornecido pelo professôr Puettner, de Berlim, que descobriu contêr a agua do mar em dissolução materias nutritivas. Suppunha-se que todos os animaes marinhos se alimentavam d'outros animaes ou de plantas. Ora as experiencias do sabio allemão mostram que a agua do mar contem em dissolução materias alimentares de que alguns sêres marinhos, principalmente as esponjas, parecem vivêr exclusivamente. A agua do mar contem em dissolução vinte e quatro mil vezes mais carbono do que contem em forma de organismos. Puettner provou que uma especie de esponja, se fosse obrigada a viver de alimento organizado obteria em uma hora só uns dois mil e trezentos avos da quantidade de carbono que consome n'aquelle intervallo de tempo. São comparativamente pequenas as quantidades de alimento organizado achadas nas cavidades digestivas dos mais inferiôres animaes maritimos. A agua do mar é pois, para um grande numero de invertebrados, um fluido nutritivo, como o são os fluidos do corpo para as cellulas dos tecidos animaes, e para as plantas o meio ambiente.

Depois de tantas fantasias que durante uma epoca de transição, indicaram ora uma tendencia ora outra, apresenta-se-nos finalmente a moda sob uma fórma que nada tem de exaggerado, e que se faz notar pela sobriedade distincta das suas linhas.

A *silhouette* feminina tornou-se esbelta e graciosa com o ligeiro alargamento das saias, e a moda decretou, como se a sua palavra fôsse lei, que n'esta modificação, ella se conservasse por algum tempo.

Os casacos são curtos, e substituidos raras vezes pelos boleros que brigam com a nossa sympathia, mas que se repartirão todavia com os primeiros, em agradar a certas pessôas. Nos vestidos, comquanto se manifeste na verdade uma grande preferencia pelas cinturas curtas, alguns já voltam á cintura normal.

As mangas semi-curtas, quasi sempre sem costura nos hombros, gosam de um privilegio invariavel; o pequeno decote redondo, é algumas vezes substituido por uma pequena *guimpe* de tulle, de uma leveza e transparencia tal, que dá a impressão do decote. Quem não tenha um pescoço de uma belleza impeccavel poderá usar esta fórma tão fina, quanto discreta.

A par de lindas guarnições de *broderie* e de renda cobrindo os hombros, nota-se novamente uma grande predilecção pelos *fichus* genero Marie Antoinette, que sendo de tulle, musselina ou linon, dão sobretudo nas *toilettes* de tecidos vaporosos ou de sedas ligeiras, um effeito encantador.

Quanto á novidade nos tecidos, como fallámos já no nosso numero precedente, está na transparencia e leveza, predicados estes, que só por si, dão todo o realce a uma *toilette*. A grande moda da estação, são no entanto os *foulards* cujas côres e desenhos apresentam uma grande variedade.

O azul reina em todas as suas *nuances*, desde o azul marinho tão apreciado, até aos mais delicados tons pastel esverdinhado, escorregando para lilaz, côres estas sempre combinadas com o preto e o branco. Muito modernos são tambem os *crêpons* lavaveis com pintas.

tecidas, ou mesmo bordadas, de muito bom gosto, sobretudo em branco ou em crú claro. Geralmente são guarnecidos de renda d'Irlanda. De recente data são tambem as guarnições de etamine branco ou de linho crú, ornados de bordados multicolores. A renda de *filet* apezar de considerada já um pouco em segundo plano, como guarnição, produz um fundo delicioso para esses bordados coloridos, e são de uma extrêma originalidade. Na tendencia habitual de antecipar a estação, e apezar do calôr ainda se não fazer sentir incommodamente, apparece-nos como que precocemente um variadissimo sortimento de cassas de uma mimosidade inegualavel, tão leves e frescas, que por ellas se não trocariam tantos outros tecidos de maior riqueza. A longa tunica de linon procedente do estylo Imperio, é n'alguns casos muito favoravel sobre qualquer tecido de riscas, ou sobre seda de phantasia.

Algumas d'essas tunicas formam como que um avental na frente. Os largos cintos de setim preto cortam bem qualquer vestido, e de algumas sedas de riscas, sobretudo em preto e branco se fazem guarnições para punhos, golas, etc. e se adaptam simples mas bonitas confecções. A forma kimono nos corpos está mais do que nunca em voga, e as mangas curtas que correspondem a esse estylo, têm a maior parte das vezes uma outra manga vindo de dentro, sendo esta de gaze ou de renda. Os vestidos são sempre curtos, e só para os de cerimonia se usam as pequenas caudas. Os modernos tecidos *tussor* e *shantung* são o mais proprios possivel para os *tailleurs* assim como os linhos que estão muito em voga.

Um complemento gracioso, além de indispensavel, para uma *toilette* de verão, é sem duvida uma bonita sombrinha. Algumas são um verdadeiro mimo de bom gosto, em linho branco, com bordado inglez, reunindo á belleza o serem tambem muito praticas, o que não succede com as de seda, que a não serem muito boas, são de pouca duração. Nos cabos, uns grandes laços de velludo preto tem novidade. Para mais *toilette*, as de renda sobre seda. são tambem de bom gosto.

Os chapeus, como fallámos no numero anterior, teem quasi todos uma fórma original, e alguns são de tal fórma floridos que lembram açafates de rosas. As toques pequeninas são grande moda; algumas muito simples e bonitas são apenas enfeitadas com um grande laço de velludo sobre a copa. Tambem se usam os chapeus bastante grandes, mas as toques além de ficarem muito bem ao parecer, são sobretudo muito praticas, e têm tambem duas vantagens, o não se tornarem tão incommodas á propria pessôa, e o da caridade... com o proximo.

Uma das nossas gravuras representa um chapeu de fórma Napoleão, feito de palha tagal beije, todo guarnecido de variadas flôres e muita folhagem. Na extremidade do chapeu um lar-

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, augmentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE**.

go viez de velludo preto. A seguir damos um lindo modelo de saia e bolero muito elegante para uma *toilette* de menina. Póde ser executado de qualquer tecido como *shantung* ou *tussor* por exemplo.

A saia completamente lisa apenas tem umas pregas viradas dos lados, que fingem fechar por meio de pequeninos botões de velludo preto. O bolero fecha á frente com dois grandes botões tambem de velludo preto e a gola guarnecida do mesmo velludo fórma um pequeno cabeção atraz. Completa esta *toilette* um pequeno chapeu tão simples quanto bonito e elegante. A fórma de palha de duas côres, verde e *bordeaux*, tem uma larga aba revirada toda em volta, e é apenas enfeitada com dois *couteaux* de fantasia mas nos mesmos tons da palha, presos por um pequeno *cabochon*.

Damos tambem em gravura um elegante *tailleur*, que pela sua simplicidade e elegancia se presta para *toilette* de jornada de uma noiva gentil. De qualquer dos tecidos em que temos fallado poderá ser executado, na certeza de que o effeito será o mais harmonioso possivel. Apenas um leve galão serve de guarnição, e pequeninos botões oxidados, dão toda a graciosidade. O casaco completamente fechado, requer um corte impeccavel porque d'ahi depende toda a sua elegancia. Uma pequena guarnição de renda em volta do pescoço formando gola, remata á frente com um laço de seda preta. O chapeu d'esta *toilette* tambem merece especial referencia porque sendo despretencioso, reune o ser muito leve todo guarnecido de flôres do campo e laçadas de fita.

Finalmente, mais um modelo damos ás nossas leitoras. E' um vestido de *fôulard taupe* com pintas brancas. Na saia tres bainhas e um largo entremeio de tulle fino. No corpo o mesmo entremeio e em volta da *guimpe* um viez de velludo côr de cereja muito escuro. D'esse mesmo velludo são os pequeninos botões á frente, e o cinto com duas pontas cahindo atraz. O chapeu é lindo pela sua simplicidade. De palha tagal beige, tem a aba por dentro toda forrada de velludo preto, e sobre a aba do lado esquerdo dois ramos de flôres côr de cereja tambem, e a respectiva folhagem.

A origem e a influencia das pedras preciosas

E' antiga a superstição de que as pedras exercem uma certa influencia nas pessoas, a ponto de se atribuir n'algumas um mau presagio, quando outras ao contrario são usadas como talisman de felicidade.

O rubi, por exemplo, era considerado na Edade Media como uma pedra de grande virtude, chamada a Pedra de Sangue, pela razão de que, a quando a crucificação de Jesus, as gotas de sangue que verteu sobre a terra, lembravam rubis. D'ahi se romantisou a sua existencia, e se lhe attribuiu uma grande magia e poder divino, em casos miraculosos, e até nos grandes combates era usada pelos guerreiros. Como valôr material nenhuma pedra eguala ao diamante. Ha varias theorias sobre a sua composição, e segundo um antigo perito — Plinio — affirmou que os diamantes derivam do ouro, o mais precioso dos metaes. Na mais moderna theoria é que são derivados do carbone pela acção do calôr.

Attribue-se ao diamante uma grande efficacia segundo uma velha sciencia, quando este seja dado e não comprado, sendo considerado de grande virtude como antidoto de venenos, e até como firmeza no amôr conjugal; por esta mesma razão, era muito usado em anneis de *fiançailles,* e muitas vezes chamada a pedra de reconciliação, mas n'esse caso deveria ser usado na mão esquerda. O mais afamado diamante que existe é o *Koh-i-noor* ou «Montanha de luz» e a sua existencia é attribuida a desde meio seculo antes da era de Christo. Desde que está em poder dos Inglezes tem diminuido em tamanho, perdendo muito no peso, mas ganhando em belleza e brilho. Foi offerecido á Rainha Victoria em 1850 pelo Lord Dalhousie. Ha uma superstição na India, de que até que essa pedra seja restituida ao seu primitivo dono, naturalmente algum *rajah* indiano, a desgraça acompanhará os passos dos seus possuidôres.

A safira é conhecida e apreciada desde menos remota antiguidade, mas crê-se que tenha sido uma das primeiras pedras conhecidas, tendo sido achada nos leitos dos rios e nas torrentes, e ainda hoje, alguns especimens são encontrados entre ruinas de abandonadas cidades da Persia e Arabia. Como superior qualidade a saphira deve ser inteiramente azul, e quanto mais se assimilhar ao azul aveludado do amôr perfeito, maior será o seu valôr. São muitas e variadas as qualidades medicinaes attribuidas á saphira taes como cura de febres, dôres de cabeça, etc.

A turqueza tem sido sempre uma das pedras favoritas tanto pela sua belleza como pelas virtudes que se lhe attribuem; não só é considerada como penhor de uma verdadeira affeição, e portadôra de amigos, como preventivos contra perigos que possam ameaçar o seu possuidôr. Na Russia e no Oriente existe ainda a superstição de que a turqueza dá felicidade e fortuna quando offertada por mão amorosa.

O coral tem varias qualidades e diversas côres mas, o mais apreciado por Plinio, era o coral vermelho, uma producção de corpos gelatinosos chamados polipos, a maior parte encontrada nos tropicos. Os poetas gregos attribuiam um poder maravilhoso ao coral. Desde os remotos tempos dos Romanos, até a actualidade, o coral tem sido sempre universalmente considerado bom para creanças, os antigos acreditavam que os collares de coral em volta dos pescoços dos recemnascidos protegiam-nos de enfermidades taes como anginas, tosse convulsa, e era da praxe, nos anniversarios, que os padrinhos offerecessem sempre um presente de coral aos afilhados.

A esmeralda é uma das pedras de maior valôr quando seja de bom tamanho e sem o mais pequeno defeito. E' curioso que sendo esta pedra tida em grande apreço na India, não é ali produzida, apezar da origem da palavra vir de lá, pois que deriva do sanskrito em que a palavra esmeralda quer dizer verde. Os Orientaes têm uma grande veneração por esta pedra, crendo que ella lhes incute coragem e bôa memoria.

A perola tem sido desde seculos a fascinação do genero humano em todas as eras e em todas as regiões. O mysterio da sua origem tornou-a consagrada pelos Egypcios e pelos Romanos; a poetica fantasia de que as perolas eram as lagrimas de espiritos celestes fallou-lhes á imaginação, e tinham a crença do seu grande poder como protectôr da innocencia e da virtude. Ainda hoje é costume entre os povos do Oriente presentear as noivas com uma perola, como emblema de pureza. Sendo a maioria das pedras encontradas em minas, só a perola deriva do mar, e as mais valiosas são as do Golfo Persico.

Pensamentos

A sinceridade verdadeira, profunda e grande é o primeiro caracterisco de todo o homem por alguma fórma heroico.

Carlyle.

Procurae ter um coração que se não endureça, um genio que não enfade, e um tacto que nunca fira.

Charles Dickens.

O homem sensato adapta-se ao mundo; o insensato persiste em adaptar o mundo a si proprio; não obstante todo o progresso se realisa pelo homem insensato.

G. B. Shaw.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME XII

(2.ª SÉRIE)

APOS A RETIRADA DOS PARCEIROS — (Illustração) 60

ALVARO DO CARVALHAL — Por Fidelino de Figueiredo 414

ARANHA (A) 133

ARBORISAÇÃO EM PORTUGAL (A) — Por R. F. Mayer .. 293

A ARTE PORTUGUESA 359

CAMILO — Por Alfredo Guimarães.. 452

CAMINHO DA FONTE (A) — Illustrações de Carlos Reis . 435

CARANGUEJOS DE DAN-NO-URA — Por Wenceslau de Moraes 101

CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA (O) — Por Carneiro de Moura..... 57

CHRONICA AGRICOLA..... 127

CHRONICA DA MODA 76, 158, 238, 317, 397 e..... 477

COISAS QUE DIZEMOS (AS) — Versos por João Outeiro 257

COMO SE EDUCAM OS AMERICANOS — Por Alfredo de Mesquita..... ... 36

COMO SE FIZERAM OS PRIMEIROS REGIMENTOS DA INQUISIÇÃO — Por Antonio Baião..... 258

CULTO DA ARVORE (O) — Por Victor Ribeiro..... 403

CULTURA DAS ARVORES ANANS NO JAPÃO (A)..... 43

DECORAÇÃO DA SALA DAS FESTAS DO PALACIO DO BUSSACO — Illustrações de Carlos Reis, 419 e..... 423

DEFEITO (O) — Por Thomaz d'Eça Leal 132

EDUARDO DE NORONHA — (Frontespicio) 2

EM BUSCA DO IDEAL — Versos por Oduvaldo Vianna..... 63

ELOGIO DA PRIMAVERA (O) — De Raphael Angelo..... 377

ESPELHO DE PRATA (O) — Por Conan Doyle..... 353

ESTRELLA DOS MAGOS E A SCIENCIA (A)..... 28

EVOLUÇÃO DA VALSA (A) — Por Adriano Merêa 83

FÉ ANTIGA — Por Hyppolito Raposo. 113

FELIZES OS QUE MORREM — Versos por Sousa Viterbo ... 215

GARRETT — Por Fidelino de Figueiredo 3

HAMBURGO-HANNOVER-BERLIM — Por D. Thomaz de Noronha, 205 e 263

HISTORIAS ROMANTICAS DA IMPERATRIZ EUGENIA.. 131

INSCRIPÇÕES DAS CAPELLAS IMPERFEITAS 278

LEVIATÃO E A SUA GRUTA 447

LUIZ DE FREITAS BRANCO — Por José Julio Rodrigues . 340

INDICE

LUISINHA — Por Clara Dasi 178

MADAME VIGÉE-LEBRUN E SUA FILHA (Frontespicio) 242

MADRUGADA DE SONHO — Por Ayres de Carvalho 193

MANHA EM CLAMART — Illustrações de Carlos Reis.. 415

MARINHA DE GUERRA PARA PORTUGAL — Por Alvaro Ribeiro 360

MISS ROBINSON — (Frontespicio) 82

MYSTICISMO CHRISTÃO — Soneto por Eduardo Metzner 192

MORS-VITA — Soneto por Odilon Nestor 253

MOVIMENTO RELIGIOSO CONTEMPORANEO (O) 443

MUSICOS EXCENTRICOS..... 455

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA, 69, 216 e..... 470

NORA E A SOGRA (A) — Por Wenceslau de Moraes..... 18

NOVA CATACUMBA (A)..... 283

NOVOS SOCIOS BRAZILEIROS DA NOSSA ACADEMIA — Por José Antonio de Freitas..... 120

NUVEM ROXA (A) — Soneto por D. Maria da Cunha 277

PADEREWSKY — Uma lição de um grande mestre 186

PAIZAGEM JAPONEZA (A) — Por Wenceslau de Moraes.... 243

PARIS POR DEBAIXO — Por Aquilino Ribeiro..... ... 425

PASTOR DA SERRA DA ESTRELLA (O) — Pelo Padre Alvares d'Almeida..... 106

PELO MUNDO FÓRA 69, 147, 230, 308, 392 e..... 474

PENSAMENTOS DE TOLSTOI — Illustrações 31

POBREZINHA (A) — Illustrações de Carlos Reis 443

REALISMO NA MUSICA (O) — Illustrações 13

RETRATO DE HOMEM — Frontespicio..... 162

RETRATO DE GEORGE GISSE — Frontespicio 322

RETRATO DE ISABEL BAS — Frontespicio..... 402

RESENHA PORTUGUEZA, 66, 137, 220, 296, 380 e 461

SAUDADE — Soneto por D. Maria da Cunha..... 292

SENHORA DO CREPUSCULO — Versos por Augusto Casimiro 410

SIENA, A SANGRENTA — Por Justino Montalvão 163

SIGNIFICADO DA OBRA DE WAGNER (O) — Por Veiga Simões 367

SIMPLICIDADE DOS REIS DE ITALIA (A) — Por Alen-Kar. 97

SOBRE A QUESTÃO ORTOGRAFICA... 218

SOUSA VITERBO E A SUA OBRA POSTHUMA — Por Victor Ribeiro 210

THEATROS — Por Portugal da Silva, 66, 143, 226, 305, 389 e 498

TRANSFORMAÇÃO DAS FLORES E DOS FRUCTOS EM METAL..... 50

TOLSTOI — Por Reis Machado 323

UMA EXPERIENCIA MARITAL 199

UMA INTERESSANTE DESCOBERTA 54

UMA OBRA EXTRAORDINARIA DE ENGENHARIA 254

VICISSITUDES DE ALGUNS QUADROS..... 269

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Toda a pessoa previdente e sabi
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** e sempre o tem á mão.

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, té qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** e ficam logo em nada.

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

Blenol - Lindacutis - Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis
Usageres, frieiras, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

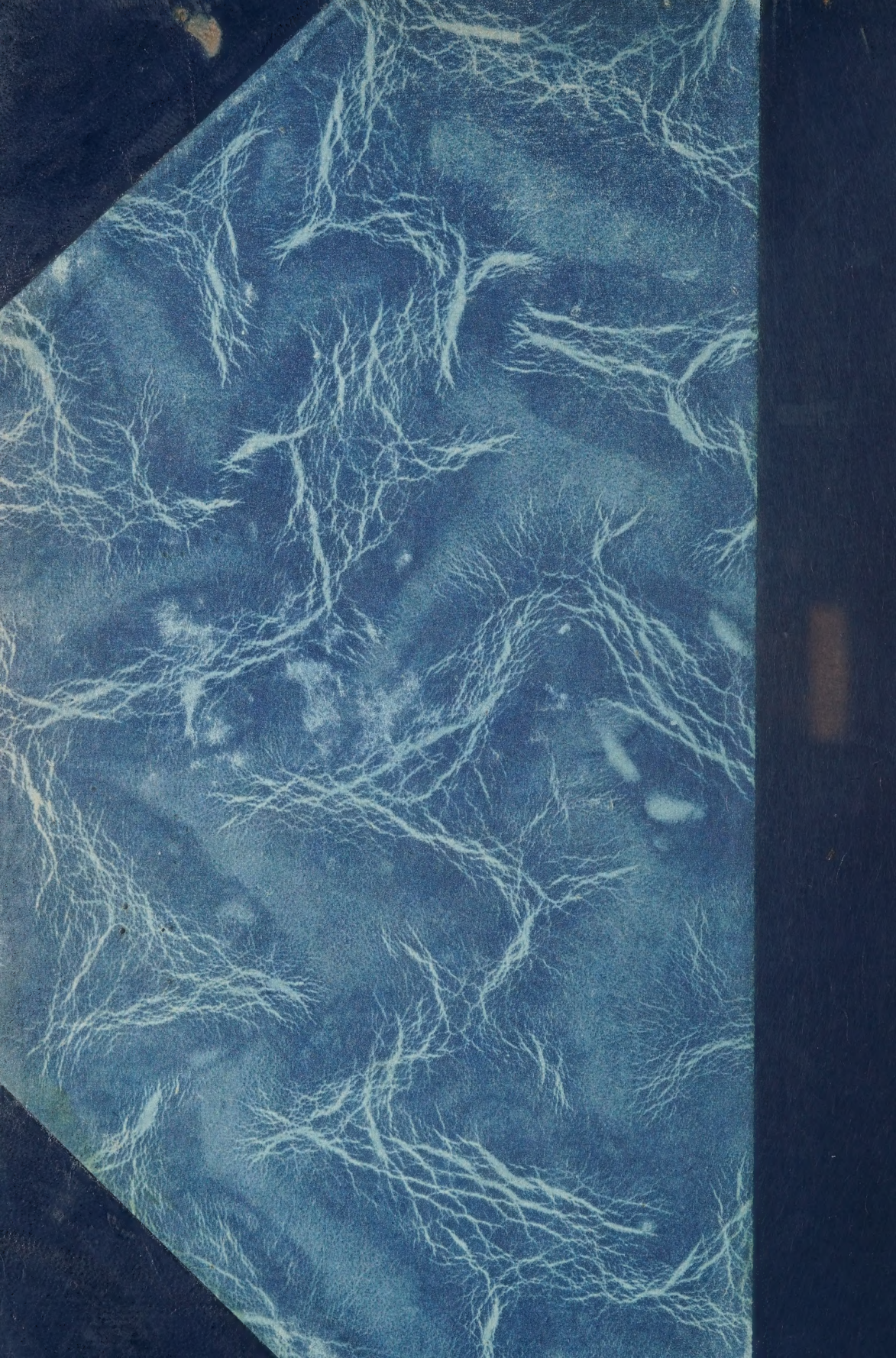
Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Da linda Igner os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** e os seus tormentos
De antigas dôres logo se curaram.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de lanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** interna e externamente»

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00617 7329